

**TESE DOUTORAL
DOUTORADO EM HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES
FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS
UNIVERSIDADE AUTONOMA DE BARCELONA**

Os casos: uma poética pantaneira

AUTOR: RICARDO PIERETTI CÂMARA

CO-DIRETORA: Dra. JERUSA PIRES FERREIRA

CO-DIRETOR: Dr. ANTONI ROSSELL

BARCELONA, ABRIL DE 2007

Esta história é obra dos vários contadores de *causos*,
que, desde a infância, me inventaram em um universo
narrado.

Da minha mãe, que não conseguiu desistir de
acreditar

Da Mariquinha e da Katerina, que me cederam seus
passos

Do Renato e do Rogério, que se doaram a mim

E, principalmente, do meu pai, que não pôde esperar
para ouvi-la contada, mas sempre viu sua realização.

Índice

INTRODUÇÃO

Os <i>causos</i> : uma poética pantaneira.....	01
Breve relação do conteúdo de cada capítulo.....	06

CAPÍTULO I

Chegando até o contador de <i>causos</i>	09
Para encontrarmos os <i>causos</i> :.....	13
1. Seu Marcondes.....	14
2. Seu Perigoso.....	15
3. Seu Oscar.....	16
4. Carlão.....	17
5. Seu Edson.....	18
6. Seu Benjamim.....	19
7. Seu Chumbo.....	19
8. Seu Silvério.....	20
9. Seu Olimpião.....	20
10. Seu Leandro.....	21

CAPÍTULO II

Um breve histórico dos contadores de <i>causos</i> que estão neste trabalho.....	23
1. Seu Marcondes.....	24
2. Seu Perigoso.....	26
3. Seu Oscar.....	28
4. Carlão.....	30
5. Seu Edson.....	32
6. Seu Benjamim.....	34

7. Seu Chumbo.....	36
8. Seu Silvério.....	38
9. Seu Olimpião.....	40
10. Seu Leandro.....	42

CAPÍTULO III

No Pantanal sul-mato-grossense. Os indígenas. Os narradores pantaneiros.....	45
3.1- Os Canoeiros.....	50
3.2- Os índios cavaleiros.....	52
3.3- Corrida pelo ouro e a formação dos grandes latifúndios.....	54
3.4- Lá no pantanal da Nhecolândia.....	56
3.5- O Pantaneiro.....	58
3.6- Os narradores do Pantanal.....	62
3.6.1- Os vencedores do medo.....	66
3.6.2- Os contadores heróis ou os heróis contadores.....	67

CAPÍTULO IV

Em busca de sua definição: os <i>causos</i>	71
4.1- A forma do <i>causo</i> pantaneiro.....	75
4.2- <i>Causo</i> é coisa de homem.....	78
4.3- Os <i>Causos</i> e as mulheres.....	80

CAPÍTULO V

Para encontrar uma tipologia.....	85
5.1- Os <i>Causos</i> de Bichos.....	90
5.1.1- As Histórias de Onça.....	90
5.1.2- As Histórias de Cobra.....	95
5.1.3- As Histórias de Outros Animais.....	99

5.1.4- As Histórias de Pescaria.....	102
5.2- <i>Causos</i> Enigmáticos.....	104
5.2.1- Os Seres Imaginários.....	105
- O Mãozão.....	109
- O Lobisomem.....	114
- O Pai-da-mata.....	118
- A Assombração.....	123
- O Saci.....	126
- O Pé-de-garrafa.....	129
- O Homem-veado.....	132
- O Cachorro-bezerro.....	133
- O Minhocão.....	135
- O Bicho-sem-cabeça.....	135
- O Bicho-da-mata.....	136
- O Come-língua.....	137
5.2.2- Os Lugares Imaginários.....	139
5.2.3- Os Enterros de Tesouros.....	143
A Guerra do Paraguai.....	145
5.2.4- As Pessoas Perdidas.....	153
5.2.5- As Ações Mágicas.....	157
5.2.6 As Luzes Misteriosas.....	162
5.3 <i>Causos</i> de Perigo.....	166
5.3.1- Os Riscos Pessoais.....	167
5.3.2- As Intempéries da Natureza.....	171
5.4- <i>Causos</i> de Exageros.....	172

CAPÍTULO VI

Os Contadores de <i>Causo</i> do Pantanal.....	178
6.1- A relação do narrador com a temática dos <i>causos</i>	180
6.2- As Categorias de Contadores.....	181
- Os Contadores Livres.....	181
- Os Contadores Moderados.....	182
- Os Contadores Reprodutores.....	184
6.3- Os gestos.....	185
6.4- Os narradores em pessoa.....	189
6.4.1- O Seu Marcondes.....	190
6.4.2- O Seu Perigoso.....	196
6.4.3- O Seu Oscar.....	204
6.4.4- O Carlão.....	210
6.4.5- O Seu Edson.....	216
6.4.6- O Seu Benjamim.....	221
6.4.7- O Seu Chumbo.....	224
6.4.8- Seu Silvério.....	228
6.4.9- O Seu Olimpião.....	233
6.4.10- O Seu Leandro.....	236

CAPÍTULO VII

Os <i>Causos Pantaneiros</i> contados a partir de suas temáticas.....	243
A. Histórias de Onça.....	244
B. Histórias de Cobra.....	269
C. Histórias de Outros Animais.....	281
D. Histórias de Pescaria.....	290
E. O Seres Imaginários.....	293
F. Os Lugares Imaginários.....	323
G. Os Enterros de Tesouros.....	327
H. As Pessoas Perdidas.....	335
I. As Ações Mágicas.....	343
J. As Luzes Misteriosas.....	354
L. Os Riscos Pessoais.....	356
M. As Intempéries da Natureza.....	362
N. Os Exageros.....	363
Algumas palavras necessárias para nos aproximarmos de uma conclusão.....	383
GLOSSÁRIO.....	388
BIBLIOGRAFIA.....	393

INTRODUÇÃO

Lá na Bacia do Alto Paraguai, há uma imensidão de terra inundável a que o povo deu o nome de Pantanal. Por isso, as pessoas que vivem naquela região são chamadas de pantaneiros. Os pantaneiros trabalham no campo com o gado bovino, às vezes saem para caçar ou pescar e, nas horas vagas, contam histórias. Nas histórias que eles contam, puseram o nome de “causos”.

Manoel de Barros (1916), poeta que se criou no Pantanal e faz belos poemas falando de questões pantaneiras, apesar de sua obra não ser reduzida a nenhum regionalismo, também fala do ser pantaneiro. Diz o nosso Manoel:

“Na Grande Enciclopédia Delta Larousse, vou buscar uma definição de pantaneiro. ‘Diz-se de, ou aquele que trabalha pouco, passando o tempo a conversar’.

‘Passando o tempo a conversar’ pode ser que se ajuste a um lado da verdade; não sendo inteira verdade. ‘Trabalha pouco’, vírgula!

Natureza do trabalho determina muito. Pois sendo a lida nossa de a cavalo, é sempre um destampo de boca. Sempre um desafiar. Um porfiar inerente. Como faz o bacurau.

No conduzir de um gado, que é tarefa monótona, de horas inteiras, às vezes de dias inteiros, é no uso de canto e recontos, que o pantaneiro encontra o seu ser. Na troca de prosa ou de montada, ele sonha por cima das cercas. É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação.

Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contado lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites.

Certo é que o pantaneiro vence o seu estar isolado, e o seu pequeno mundo de conhecimentos, e o seu parco vocabulário, recorrendo às imagens e brincadeiras.

Assim o peão de culatra é bago-de-porco, porque vem por detrás. Pessoa grisalha é cabeça de paina. Cavalo corredor é estufador de blusa. Etc. Etc.

Sente-se, pois, então, que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. O homem no longe, alongado, quase, e suas referências vegetais, animais. Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado. O velho quase animismo.

Mas na hora do pega-para-capar, pantaneiro puxa na força, por igual. No lampino do sol ou no zero do frio.

Erroso é pois incutir que pantaneiro pouco trabalha. Ocorre que enxertar a vaca a gente não pode ainda. Esse lugar é difícil de se exercer pelo touro. Embora alguns o tentem.

*Vaca não aceita outro que não seja touro mesmo. O jeito é ficar reparando a cobertura e contando mais um bezerro daquele ato.
Só por isso se diz que o boi cria o pantaneiro.”* (Barros, 1999)

As palavras que definiram o pantaneiro, com as quais Barros deparou-se na Delta Larousse, encontram respaldo também no dicionário do velho Houaiss, que, entre outras definições, fala de um “indivíduo ocioso dado a vulgaridades e gracejos” (Houaiss, 2001:2.119).

O conceito desses estudiosos das palavras deve ter explicação no fato de ser o trabalho do pantaneiro, ao contrário do dos operários que, por sina, enfrentam a lida em lugares onde o “progresso” já se instalou, proporcionador de tempo para conversar e conviver. O tempo que sobra para o pantaneiro descansar, que costumeiramente chamamos de ócio, é o momento de tomar o tereré¹ e contar os *causos*.

A imaginação que passeia por essas rodas de conversa conduz a um repertório de histórias, inventadas, escutadas ou vividas, as quais, quase sempre, são ligadas ao ambiente natural em que esse povo vive: o Pantanal.

O Pantanal, nas palavras dos “estudados”, é a maior planície de inundação contínua do planeta. É um mundão de 138.183 Km² que não respeita cerca nem fronteiras e abrange o extremo oeste brasileiro, parte da Bolívia e do Paraguai. Por ser uma área de proporções tão elevadas foi dividida, por quem ali chegou, em várias regiões.

No Paraguai e na Bolívia, por exemplo, os espanhóis o chamaram de Chaco. No Brasil, uns dividiram em dez, outros em doze pantanais, de acordo com a necessidade de quem o fez. Essas regiões estão distribuídas no mapa de dois estados da federação, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, sendo mais extenso no segundo.

Olhando meio por cima para a história dessa particular região brasileira, juntamos uma grande diversidade de fatores que contribuíram na formação do que conhecemos hoje como “cultura pantaneira”. No que chamamos de início da ocupação dessas terras, apuramos a chegada dos indígenas, que há pelo menos onze mil anos² residem entre suas baías e alagados e aos quais, se nos valesse a justiça de “quem viu primeiro é o dono”, denominaríamos “Proprietários do Pantanal”.

¹ Bebida de origem indígena, típica da região, constituída de erva-mate, que é embebida de água fria, a qual é sorvida por uma bomba. O tereré é tomado em grupo e obedece a alguns rituais.

² Dados retirados do livro de Gilson Rodolfo Martins (2002:19).

Mas as coisas não são assim e, na briga dos mais fortes com os mais fracos, apareceram os ibéricos e impuseram seu poder. Mas, apesar da dizimação ocorrida no contato com os invasores europeus, uma pequena parcela da população indígena continua a viver e a contribuir para a manutenção dos hábitos locais. Das etnias que fizeram vida nessa região, sobraram apenas os Guató e os Kadiwéu para contar a história.

Os europeus chegaram num passado já bem mais recente. A partir do séc. XVI apareceram os espanhóis, que buscavam encurtar o caminho entre o sul das Américas espanholas com o Peru, o lendário Eldorado. Em seguida, surgiram os portugueses bandeirantes, que partiram de São Paulo para capturar índios, explorar minas e delimitar as fronteiras brasileiras.

Foi no Pantanal que a força colonizadora encontrou maior resistência. Gilson Martins (2002:12), que é professor e arqueólogo, comenta que “o Pantanal sul-mato-grossense foi o cenário da maior e mais obstinada oposição nativa à presença colonizadora ibérica na história do Brasil.”

As duas potências, na busca de riqueza e poder, entraram em choque e, até a assinatura dos tratados de Madrid (1750) e Santo Ildefonso (1777), a maior parte do Sul de Mato Grosso era zona litigiosa entre Portugal e Espanha.

Com a chegada do século XVIII, começou um outro tipo de ocupação na região pantaneira. A nova população provinha do Sul do Brasil e estava interessada em criar gado de corte em grandes áreas, sistema que ainda hoje é a principal atividade econômica da região. O Pantanal, a partir daí, pertencia aos fazendeiros, e estes, de maneiras justas e injustas, fizeram escrituras das imensidões de terras que foram cercadas.

Juntando um pouco das características trazidas por cada povo, nasceu, no Pantanal, uma narrativa própria, cujo universo mítico foi construído com pedaços comuns às várias culturas relacionadas. Nesse universo, entraram mitos, lendas e fábulas, que agrupados aos elementos naturais e às dificuldades tão numerosas como as aves da região, proporcionaram um repertório específico do pantaneiro, a que, como já dissemos, puseram o nome de *causos*.

Esse amontoado de histórias desvenda importantes condições do ser pantaneiro. Foi a estudiosa Albana Xavier Nogueira que afirmou ser possível tentar compreender o Pantanal apenas ao se entrar em contato com os relatos ali produzidos: “*Desvendar a face*

humana dos pantanais requer, também, o adentramento na atmosfera mágica dos “causos”, dos mitos, das lendas e das superstições que habitam as mentes dos autênticos pantaneiros;...” (Nogueira, 2002:139).

Nas conversas pantaneiras, entramos em contato com as histórias do cotidiano dessas pessoas que desafiam o isolamento das grandes distâncias e criam um universo mítico, onde o real e o imaginário entrelaçam-se e formam uma coesa rede de relatos característicos do espaço em que vivem.

Os *causos* expressam a condição do pantaneiro em seu modo de viver e agir. Contando as façanhas do dia-a-dia e os fenômenos que permeiam a imaginação, os homens e mulheres do Pantanal recorrem a um “grande texto narrativo”, trazem-no para a sua realidade e constroem um ambiente onde se fazem incluídos.

Nessas terras, que em um passado recente pareciam ainda mais distantes, a comunicação era artigo de luxo. A necessidade de informação e entretenimento criava um espaço vazio que estava sempre à espera de ser povoado pela imaginação alheia. Nessas condições, a figura do *Contador de Causos* era valorizada a ponto de quase profissão, como acontecia com os jograis, na Idade Média.

As fazendas esperavam pelo tempo da seca, nas noites de abril a setembro, com o hiato do frio de junho e julho, para receber os famosos contadores. Esses artistas, que não sobreviviam apenas de sua arte, com habilidade faziam a transmissão de relatos cheios de alegorias e ganhavam reconhecimento por toda a redondeza onde atuavam.

O contar histórias consistia em um ritual, em que o contador era o centro do qual emanavam informações para serem absorvidas pelos ouvintes, criando um mundo de novas impressões.

A vizinhança comparecia em peso na fazenda escolhida, a ouvir o que tinha para contar aquele personagem singular, que, por dom ou talento, enchia de mundos a imaginação dos trabalhadores isolados.

No tempo de hoje, raro é o lugar aonde não tenham chegado as vozes do rádio e da televisão. Nas horas de folga, é diante desses modernos companheiros que as pessoas se informam e entretêm-se. Mas o contador, apesar de haver perdido seu posto de animador das noites estreladas, continua levando suas histórias, nos pequenos intervalos durante a lida do dia-a-dia, nas rodas de tereré e na sesta depois do almoço.

Frederico Fernandes elege o contador de *causos* como o grande definidor da narrativa oral praticada na região pantaneira:

“O conceito de literatura popular pantaneira desloca-se da ‘busca da origem’ e recai sobre o contador. São as histórias contadas por pantaneiros, isto é, por pessoas que assimilaram os costumes e a cultura da região, que consideramos literatura popular pantaneira. Então, os mitos não precisam ser fundados no Pantanal, para assumirem traços de lá, nem as lendas e os contos. Se não ignoramos as narrativas que se passam para além do Pantanal é porque acreditamos que aí se concentra uma riqueza de temas. O contador que fala em Corumbá traz consigo estórias dos rincões pantaneiros e dos lugares que visitou, morou ou ouviu falar.” (Fernandes, 2002:105-106).

Esse conceito de literatura pantaneira vai ser discutido mais adiante. Por ora, o que nos interessa é a noção, que Fernandes confirma, de uma narrativa que tem, como características fundamentais, as experiências vividas e imaginadas por seus contadores.

Queremos reconhecer os narradores como agentes de transformação, que recolhem, no “grande texto oral”, histórias, que, depois de filtradas por sua linguagem, conhecimento e concepção de mundo, são denominadas “*causos pantaneiros*”.

O “*causo pantaneiro*” não abrange apenas as terras do Pantanal. O deslocamento de homens e mulheres, que saem em busca de condições ideais de sobrevivência, e os trabalhadores externos, que vão à região prestar algum tipo de serviço, fazem com que as narrativas viajem por pequenas e grandes cidades e encontrem os mais diversos tipos de ouvintes, os quais, invariavelmente, surpreendem-se com o universo mítico da planície inundável.

O interesse em estudar as criações narrativas do povo pantaneiro surgiu em nós de forma muito natural. Filhos da terra sul-mato-grossense, toda nossa infância foi povoada com os *causos* de Dona Bené, pessoa que nunca teve preguiça de contar histórias e fazer “comida gostosa pra gente comer”.

Depois de alguns anos de escola, durante os quais entramos em contato com narrativas das mais diversas linguagens, começamos a voltar para as primeiras impressões de nossa memória e nos deparamos com os *causos*. Nasceu, desta maneira, a necessidade de resgatar o valor daquele momento ritual de transmissão de histórias.

Aclarou-nos a hipótese de que existe no Pantanal brasileiro uma narrativa com feições locais e características próprias que a fazem singular. Lembramos, ainda, que os temas, lendas e histórias que fazem parte do grupo a que chamamos de *causos* são assuntos universais, que encontramos nas narrações orais de várias partes do mundo.

Voltamos para a infância, e corremos em busca das histórias pantaneiras. Tudo muito simples, tudo em nossas mãos, tudo ouvido de maneira diferente. Já não eram mais momentos de distração, com narrativas esfumaçadas, quando a atenção só se fixava nos períodos de maior interesse. Agora era objeto de estudo. Eram peças concretas, para serem “analisadas”. Aparecia diante de nós uma antologia de *causos pantaneiros*.

Na antologia de *causos* recolhida para esta pesquisa, entramos em contato com temáticas clássicas, como o heroísmo dos homens que enfrentam feras, ou as lendas dos seres sobrenaturais. Também aparecem histórias de pessoas que foram engolidas por grandes animais e “enterros” de tesouros, além das luzes misteriosas no céu.

Chamaremos as narrativas coletadas para este trabalho de “*causos pantaneiros*” e verificaremos quais são os aspectos distintivos que fazem parte de sua poética, através dos quais poderemos identificá-la. Para uma pesquisa desse tipo, é necessário um contato direto com os intérpretes. Com essa idéia na cabeça, a forma natural de nos aproximarmos e compreendermos tanto as características das narrações, como seu funcionamento literário e argumentativo, era chegarmos até os contadores de *causos*. Assim fizemos.

Breve relação do conteúdo de cada capítulo

A busca e os encontros com os contadores de *causos* são o assunto de nosso primeiro capítulo, no qual apresentaremos os protagonistas desta história. Em seguida, ainda no primeiro capítulo, tratamos de informar a relação dos *causos* de cada narrador que nos emprestou sua experiência.

O capítulo dois traz mais informações sobre os narradores, com uma ficha informando o nome completo, a cidade onde vive, a profissão a que se dedica ou tenha se dedicado, o ano e o lugar de nascimento, a situação civil atual, o grau de escolaridade e a

religião de cada um, assim como o período em que trabalharam no Pantanal e as datas de nossas visitas, além de fotografias que registram as imagens do momento da narração.

O terceiro capítulo trata do espaço geográfico do Pantanal e os acontecimentos que marcaram sua ocupação. Falamos dos indígenas, que foram os primeiros habitantes, a corrida pelas minas de ouro e a formação das grandes fazendas. Centramos-nos, ainda, no homem pantaneiro, chegando enfim, aos narradores da região. No final dessa parte, expomos um importante aspecto desses contadores, que é a sua relação com os elementos heróicos e com a superação do medo, que pode ser o fio condutor que une as narrativas pantaneiras.

Elaboramos nossa definição de *causo* no capítulo quarto. No capítulo cinco, definimos uma tipologia para as narrativas e as dividimos em várias categorias, de acordo com o assunto do qual tratam. Também, fazemos uma análise com as principais características do repertório pantaneiro.

A descrição dos contadores de *causo* está no sexto capítulo, em que propomos uma relação entre os narradores e as histórias relatadas. Criamos três categorias de contadores e observamos a importância dos gestos e a formação da teatralidade nas narrações.

No último capítulo, apresentamos uma antologia de *causos pantaneiros* em sua íntegra, separando-os através de sua temática. Dessa maneira, tentamos aclarar, para o leitor, as semelhanças e diferenças nas abordagens dos assuntos, de acordo com cada contador.

O interesse de entrar no universo oral dos pantaneiros parte da necessidade de registrar e definir uma cultura narrativa da movente região do Pantanal sul-matogrossense. Não temos conhecimento de nenhum estudo feito nos moldes que propusemos neste trabalho. Nossa intenção é jogar luz em um momento que ainda apresenta uma tradição oral, a que Walter Ong chama de “oralidade primária”, ao se referir às sociedades da pré-escrita, e no qual já se encontram novidades, adquiridas com as linguagens da tecnologia da comunicação, denominadas pelo mesmo Ong (1982) de “oralidade secundária”.

Para tentar ir direto ao ponto e compreendermos os mecanismos desta matéria chamada *causo*, fizemos um estudo, que os mais esclarecidos chamam etnográfico, do

material humano e espacial que com ela se relaciona, e colocamos, no centro dessa discussão, o contador de *causos*.

Recebendo esse universo, não temos a pretensão de concluir nada, apenas queremos nos contaminar com as impressões e satisfações do modo de ser e contar do povo pantaneiro. Mostrar uma visão particular da vida, que é inundada pela imaginação e pelo contentamento de pessoas que seguem mantendo uma relação de intimidade com a Natureza e podem nos ensinar a endireitar nosso olhar para novas interpretações da existência e da beleza humanas.

CAPÍTULO I

Chegando até o contador de *causos*

Pantaneiro aprendeu com a natureza
Ele sabe que o ermo tem cantos
E que o silêncio tem cílios
Ele já foi arborizado pelos pássaros.

(Manoel de Barros, 1999)

Na procura do *causo pantaneiro*, seguimos a batida, o rastro, de seus contadores. As ferramentas que tínhamos para abrir esse “trieiro” eram apenas perguntas vagas para um mundaréu de pessoas que mantinha algum tipo de conhecimento com o povo das fazendas. Era só saber de alguém que tivesse contato com o Pantanal, desde proprietários de incontáveis hectares até um simples peão, que já vinha na ponta da língua:

— *Você conhece algum contador de **causo** lá do Pantanal?*

— *Contador de **causo**, tem um senhor bom nisso, lá. Conhece tudo aqui.*

Seguindo a idéia de “progresso”, a primeira reação das pessoas para quem fizemos essa pergunta era a de apresentar o que mais lhe parecia um exemplo de cultura e educação. Nessas condições, os “contadores” que encontramos, no início desta busca, eram homens de letras, verdadeiros historiadores, que conheciam a fundo a formação de toda a região e, alguns, tinham até livros publicados. Seu Abílio de Barros tem publicado um ensaio sobre o povo pantaneiro. O difícil era dizer que não era esse nosso interesse prioritário. Mas dissemos.

— *Lá na fazenda tem algum contador de **causo**?*

— *Tem um amigo meu que tem um tio que é muito bom contador.*

Outra classe de “contadores” a que fomos apresentados foi a dos poetas populares. Muita gente acredita que, quando aparece alguém disposto a ouvir histórias, principalmente ao saber que essas histórias serão utilizadas em um trabalho de escola,

deve estar falando de versos e rimas. O Seu Bijo foi um desses poetas, que fomos escutar na cidade de Bonito. Com um especial talento para as rimas, ele respeita a métrica em horas de conversa. Homem digno de ser estudado, esse Seu Bijo. Experiência maravilhosa ter conhecido esse personagem, mas, com a idéia de contador de *causo pantaneiro*, não se harmonizava.

— *Por essas regiões tem alguém que conta **causo**?*

— *Tem um mentiroso aqui em Maracaju. Não sei se vai servir para um trabalho acadêmico. O nome dele é Seu Perigoso.*

Serviu. Como serviu. O Seu Perigoso foi a descoberta do tesouro. O ânimo para continuar o trabalho. As pistas pareciam estar certas, havia realmente uma narrativa identificada com a vida pantaneira e centrada na figura do contador. Havia um repertório próprio do pantaneiro, mas tínhamos que confirmar isso com mais narradores, e agora havia uma palavra mágica para encontrá-los: a mentira.

— *Tem algum contador de **causo**, algum mentiroso aí na sua região?*

— *Ah, tem! Aqui em Rio Negro, na fazenda Carolina tem o Carlão que conta cada história que só vendo. Vai ser mentiroso assim lá longe!*

Com essa novidade, encontramos os contadores de *causo*, principalmente nas cidades inseridas ou próximas ao Pantanal, como Corumbá, Miranda, Rio Verde de Mato Grosso, Aquidauana, Bonito e Rio Negro, além da capital do estado, Campo Grande, cidade onde vive grande parte dos proprietários de terra na região pantaneira. Muitos outros apareceram depois de já fechada a antologia. Mas a curiosidade permitiu-nos perceber que os temas das histórias eram os mesmos que havíamos coletado.

Muitos dos contadores identificados por seus parceiros de lida encontravam-se, por um motivo ou outro, longe do campo e, temporariamente, na cidade ou fazendas próximas ao Pantanal. Dessa forma, outra característica entrou em nossa pesquisa, que ganhou uma nova feição, e passamos a considerar o estado de trânsito dos narradores.

Chegamos, assim, a dez contadores, em seis localidades distintas. Em Maracaju, que das cidades que visitamos é a mais afastada do Pantanal, estivemos com o Seu Perigoso. Em Corumbá, que é conhecida como a capital pantaneira, falamos com o Seu Chumbo. Em Rio Verde de Mato Grosso, conversamos com o Seu Leandro e o Seu Benjamim. Em Miranda, nos encontramos com o Seu Oscar e o Seu Silvério. Em Rio Negro, ouvimos as histórias do Carlão e o Seu Olimpão e em Campo Grande, que é a capital do estado, onde muitos fazendeiros da região têm seu domicílio, entrevistamos o Seu Marcondes e o Seu Edson.

— *Os causos que eu conto são tudo verdade, não tem mentira, não.*

Conversamos com os narradores em seu próprio ambiente, a maior parte das vezes em suas casas. Fugiram a essa regra apenas o Seu Edson e o Seu Silvério. Com o Seu Edson, tivemos um encontro em seu trabalho, em uma oficina da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa. Já o Seu Silvério, por uma vez o visitamos em sua lida, na fazenda de Miranda, onde almoçamos com os peões e, depois, escutamos tranqüilamente suas histórias, no galpão reservado para a sesta.

Os contadores tinham entre 40 e 86 anos e apresentavam seus relatos em um círculo de ouvintes, às vezes acompanhados de tereré e de pessoas próximas, como esposas, amigos, irmã e filhos. Além dos *causos* dos narradores escolhidos para a pesquisa, também entraram histórias de contadores auxiliares, que, por estarem presentes na roda da conversa e conhecerem muitos dos relatos, faziam comentários, tiravam dúvidas, colaboravam na lembrança do contador principal e às vezes narravam seus próprios *causos*. Participaram, por exemplo, a dona Cida, esposa do Seu Perigoso, a dona Marli, esposa do Seu Marcondes, o Henrique e o Douglas, dois peões amigos do Carlão.

Observando as principais semelhanças entre os *causos*, percebemos que as histórias eram variações de um número limitado de temas. A partir da narração do Seu Perigoso, as conversas passaram a ter uma parte direcionada a favor de alguns temas percebidos na primeira audição. Essa indução, entretanto, não restringia as possibilidades de novos assuntos, mas servia para verificarmos que as histórias cabiam em uma classificação

bastante limitada e, a partir daí, irmos à busca da projeção de uma tipologia no modelo temático, que é o assunto do capítulo V.

Apesar da personalidade narrativa de cada contador, a restrita variação temática dos *causos* os une em um conjunto de intérpretes com repertórios, mecanismos semelhantes e elementos comuns na transmissão de suas histórias.

As conversas percorriam um caminho pré-definido, mas não tomavam forma de entrevista. A condução se dava de maneira aparentemente espontânea, e não limitava o narrador a se embrenhar apenas nos temas propostos. A imaginação do contador sempre foi a dona dos *causos* coletados.

Seguindo os passos de Seu Perigoso, recolhemos 161 relatos, que dividimos em quatro grandes grupos, e identificamos os assuntos recorrentes no repertório dos *causos* pantaneiros. Acompanhando o fio narrativo proposto pelos narradores, enumeramos a seguinte variação temática: 1) Causos de Bichos, que aparecem 61 vezes; 2) Causos Enigmáticos, 68 vezes; 3) Causos de Perigo, nove vezes e 4) Causos de Exageros, 23 vezes.

Baseando-nos nas conversas com os contadores, dividimos os *causos* da seguinte maneira:

1. Causos de Bichos:

1.A- Histórias de Onça (que também admitem uma categorização, como: caçadas, ataques e curiosidades)

1.B- Histórias de Cobra

1.C- Histórias de Outros Animais

1.D- Histórias de Pescarias

Pela grande quantidade de animais que vivem no Pantanal, fica fácil compreender a importância desse tema entre os *causos*. As narrativas de bichos são muito contadas pelos pantaneiros e são registradas desde os tempos em que só os índios habitavam essas terras.

Continuando nossa classificação, vêm os *Causos Enigmáticos*, que apresentam as seguintes categorias:

2. *Causos Enigmáticos:*

- 2.E- Seres Imaginários
- 2.F- Lugares Imaginários
- 2.G- Enterros de Tesouro
- 2.H- Pessoas Perdidas
- 2.I- Ações Mágicas
- 2.J- Luzes Misteriosas

Estas são as histórias sobre o desconhecido, e isso, no Pantanal, tem “demais da conta”. Depois desta classe, encontramos os *Causos de Perigo*, que categorizamos assim:

3. *Causos de Perigo:*

- 3.L- Risco Pessoal
- 3.M- Intempéries da Natureza

E, finalmente, chegamos aos *causos de exageros*, que estão relacionados com a “mentira”, conforme fala o povo maldoso que escuta essas histórias. Estes são os de número quatro e não contêm subdivisões; levam a letra N:

4.N- *Causos de Exageros*

Para encontrarmos os *causos*:

Além de dividir as histórias por temas, para ficar mais fácil localizar os *causos*, enumeramos os repertórios dos contadores. Utilizamos um critério de quantidade de relatos apresentados por cada um dos narradores para definirmos sua seqüência. Quem mais contou histórias vem primeiro, e assim por diante. Dessa maneira, cada contador é representado por um número:

1. Seu Marcondes

O Seu Marcondes, que apresenta a maior quantidade de relatos, 36 *causos*, aparece com o número um:

- 1.1.A- *O caso da onça que apanhou de um toco*³
- 1.2.A- *O caso da onça que foi montada*
- 1.3.A- *O caso do ataque da onça, que foi morta com uma faca*
- 1.4.A- *O caso da onça parda que estava bebendo água*
- 1.1.B- *O caso da criança que saiu viva da barriga da sucuri*
- 1.2.B- *O caso da sucuri que teve a garganta arrancada*
- 1.3.B- *O caso da jararaca escondida na bruaca*
- 1.4.B- *O caso da cobra que envenenou a corda*
- 1.5.B- *O caso da sucuri que tinha um quilômetro de comprimento*
- 1.1.C- *O caso do porco-monteiro que cortou a ponta do cavalo*
- 1.2.C- *O caso da ema salva-vida*
- 1.3.C- *O caso do sapo esperto*
- 1.4.C- *O caso do sapo que levantou um caminhão*
- 1.1.E- *O caso do Pelé Assombração*
- 1.2.E- *O caso do homem que acompanhou uma assombração ao cemitério*
- 1.3.E- *O caso da assombração que atirava pedra nas pessoas*
- 1.4.E- *O caso do tiro do Pai-da-mata*
- 1.5.E- *O caso do Pai-da-mata que surrou um cachorro*
- 1.6.E- *O caso do Lobisomem que atacou a própria esposa*
- 1.7.E- *O caso do Saci bêbado*
- 1.8.E- *O caso do homem que viu o Pé-de-garrafa*
- 1.9.E- *O caso do caçador que atirou no veado e matou o próprio irmão*
- 1.1.G- *O caso do enterro de tesouro que foi indicado por uma pessoa de fumaça*
- 1.2.G- *O caso do tesouro que se transformou em carvão*
- 1.3.G- *O caso do pote de enterro que saiu em uma raiz de mandioca*

³ Os títulos que propomos são de nossa autoria, porque, como mencionamos mais adiante, os contadores de *causos* não intitulam suas obras.

- 1.4.G- *O caso do rapaz que ficou com medo de ir tirar um enterro e ficar louco*
- 1.5.G- *O caso do corajoso que ganhou um enterro de tesouro*
- 1.1.H- *O caso do peão que se perdeu da comitiva*
- 1.2.H- *O caso da comitiva que se perdeu pelo caminho*
- 1.1.I- *O caso do benzedor que curou um dente*
- 1.2.I- *O caso do benzedor que salvou uma mula mordida de cobra*
- 1.1.J- *O caso do cavalo que não teve medo de enfrentar uma luz misteriosa*
- 1.1.L- *O caso do cachorro Campeão*
- 1.2.L- *O caso da mula que quase matou seu dono afogado*
- 1.1.N- *O caso do disco e da roseira*
- 1.2.N- *O caso do galho de goiabeira que foi montado como um burro*

2. Seu Perigoso

Depois do Seu Marcondes, quem contou mais histórias foi o Seu Perigoso. Ele nos apresentou 32 *causos* e marcou preferência nos de exagero, que aparecem 20 vezes em seu repertório. Dessa forma, o Seu Perigoso está representado pelo número dois:

- 2.1.A- *O caso da onça que foi amarrada*
- 2.2.A- *O caso da onça que teve a cabeça decepada por um chute*
- 2.3.A- *O caso da armadilha que matava até 20 onças de uma só vez*
- 2.4.A- *O caso das três onças montadas*
- 2.5.A- *O caso da caçador que dava ordens para a onça*
- 2.1.B- *O caso da sucuri que engoliu um cavalo vivo*
- 2.2.B- *O caso da sucuri que engoliu uma boiada inteira*
- 2.1.C- *O caso da caçada de tatu preto*
- 2.1.D- *O caso do peixe que roçou uma ilha inteira*
- 2.1.E- *O caso da fuga do Pai-da-mata*
- 2.2.E- *O caso do Bicho-sem-cabeça*
- 2.1.I- *O caso do benzedor que curou Seu Perigoso de uma estranha doença*
- 2.1.N- *O caso da lua-de-mel no supersônico*
- 2.2.N- *O caso do poço que entortou com um vendaval*

- 2.3.N- *O caso do poço que atravessou a Terra*
- 2.4.N- *O caso do casamento na Itália*
- 2.5.N- *O caso do choque-elétrico no fio de alta-tensão*
- 2.6.N- *O caso da bicicleta supersônica*
- 2.7.N- *O caso do tiro que matou 250 iraquianos*
- 2.8.N- *O caso do pai de Seu Perigoso, que lutou na guerra*
- 2.9.N- *O caso da sanfona que tocava sozinha*
- 2.10.N- *O caso da abóbora gigante*
- 2.11.N- *O caso da banana gigante*
- 2.12.N- *O caso do touro que desmaiou ao ver seu montador*
- 2.13.N- *O caso da bicicleta de 180 marchas, dos dentes e do relógio de ouro*
- 2.14.N- *O caso da festa de aniversário de uma senhora de 350 anos*
- 2.15.N- *O caso do convite para uma viagem de submarino*
- 2.16.N- *O caso da boiada que sumiu num buraco de mandioca*
- 2.17.N- *O caso da chuva de lambaris*
- 2.18.N- *O caso do chapéu pára-quedas*
- 2.19.N- *O caso da bicicleta de 180 marchas 2*
- 2.20.N- *O caso do contato com o presidente*

3. Seu Oscar

Em seguida vem o Seu Oscar, que nos contou 27 histórias. Seu forte são os *causos* de seres imaginários, apesar de dizer que não acredita em nenhum tipo de assombração. Um terço de seus relatos é dedicado a essa temática sobrenatural. O Seu Oscar ficou com o número três:

- 3.1.A- *O caso da cheirada da onça*
- 3.2.A- *O caso da onça que foi perseguida*
- 3.3.A- *O caso do negro Belo Onça*
- 3.4.A- *O caso da briga da onça pintada com a onça parda*
- 3.5.A- *O caso da onça que atacou um touro*
- 3.6.A- *O caso da onça que matou uma vaca*

- 3.1.B- *O caso da sucuri que morreu abraçada com a galinha*
- 3.2.B- *O caso da sucuri que pegou um boizinho*
- 3.1.C- *O caso do cachaço que cortou seu caçador*
- 3.2.C- *O caso do dia em que o caçador montou no porco-monteiro*
- 3.3.C- *O caso do porco-monteiro saltador*
- 3.1.E- *O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão*
- 3.2.E- *O caso dos namorados que foram atacados pelo Lobisomem*
- 3.3.E- *O caso do rapaz que virava Lobisomem*
- 3.4.E- *O caso do rapaz que não teve coragem de atirar no Lobisomem*
- 3.5.E- *O caso do Lobisomem que foi capturado no quartel*
- 3.6.E- *O caso do homem que viu um Saci*
- 3.7.E- *O caso dos peões que ouviram os gritos do Pai-da-mata*
- 3.8.E- *O caso do peão que duvidava do Pai-da-mata*
- 3.9.E- *O caso da menina que foi levada pelo Minhocão*
- 3.1.G- *O caso do homem que foi desenterrar um tesouro e encontrou uma caveira e da sorte de Salomão*
- 3.2.G- *O caso da corrente que levava a um baú de ouro dentro de um riacho*
- 3.1.H- *O caso do menino perdido que era cuidado por uma anta*
- 3.1.I- *O caso do benzedor que livrou uma grávida do veneno de cobra*
- 3.2.I- *O caso do benzedor que ordenava e as cobras iam embora*
- 3.1.J- *O caso do homem que viu dois homenzinhos saírem de uma bola de fogo*
- 3.1.L- *O caso de quando Seu Oscar saiu ileso do rio de piranhas*

4. Carlão

O Carlão, lá da fazenda Carolina, vem logo atrás do Seu Oscar. Ele nos relatou 19 *causos*, dando preferência aos de onça, que aparecem sete vezes em suas histórias. O Carlão ficou com o número quatro:

- 4.1.A- *O caso da onça vestida com um mosquiteiro*
- 4.2.A- *O caso da onça que apanhou do toco*
- 4.3.A- *O caso da onça que foi laçada por engano*

- 4.4.A- *O caso da onça que levou um chute na boca*
- 4.5.A- *O caso da onça caronista*
- 4.6.A- *O caso do caçador que ficou com a cabeça presa na buraco da onça*
- 4.7.A- *O caso do caçador medroso*
- 4.1.B- *O caso da sucuri que foi morta por atacar um cachorro*
- 4.2.B- *O caso da cobra que serviu de laço*
- 4.1.C- *O caso do papagaio tocador de boiada*
- 4.1.D- *O caso dos peixes que saiam fora do rio*
- 4.2.D- *O caso da piraíba que engoliu um homem*
- 4.1.E- *O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão*
- 4.2.E- *O caso do rapaz que foi levado porque duvidava do Mãozão*
- 4.1.F- *O caso da fazenda mal-assombrada*
- 4.2.F- *O caso das árvores mal-assombradas e duas pombas*
- 4.3.F- *O caso do galpão onde ninguém conseguia dormir na rede*
- 4.1.H- *O caso do homem que se perdeu e passou uma noite e um dia em cima de um burro*
- 4.1.N- *O caso dos peixes-elétricos que acendiam as luzes da casa*

5. Seu Edson

Na seqüência vem o Seu Edson, que nos contou 12 histórias. A temática mais recorrente em seu repertório é a dos seres imaginários, que aparecem quatro vezes. O Seu Edson está representado pelo número cinco:

- 5.1.A- *O caso do ataque da onça que foi morta com uma faca*
- 5.1.B- *O caso da cobra que serviu de remédio*
- 5.2.B- *O caso da sucuri que foi morta enrolada no bezerro*
- 5.3.B- *O caso da sucuri que foi morta com uma faca, para largar uma cadelinha*
- 5.1.E- *O caso do homem que correu do Pai-da-mata*
- 5.2.E- *O caso do Lobisomem que atacou seu próprio filho*
- 5.3.E- *O caso da cerca do Bicho-do-mato*
- 5.4.E- *O caso do Come-língua que atacou uma vaca*

5.1.F- *O causo da fazenda mal-assombrada*

5.1.I- *O causo do benzedor que apagou o fogo de uma fazenda e encontrou um ninho de cobras*

5.1.L- *O causo do estouro da boiada*

5.2.L- *O causo de Seu Edson que ao cair do cavalo foi salvo pela bota*

6. Seu Benjamim

Seguindo os outros narradores no número de relatos, vem o Seu Benjamim, que nos apresentou 11 histórias. Sua prioridade foram os *causos* de onça, que têm lugar em três ocasiões de seu repertório. O Seu Benjamim é o contador de número seis:

6.1.A- *O causo da onça que precisou de dez caçadores para matá-la*

6.2.A- *O causo da onça que escapou da sexta-feira para morrer no domingo*

6.3.A- *O causo da onça que foi morta a paulada*

6.1.B- *O causo da sucuri que deixou um rastro de dois palmos de largura*

6.2.B- *O causo da sucuri que foi morta por atacar um cachorro*

6.1.C- *O causo do porco-monteiro que cortou o garrão do cavalo*

6.1.E- *O causo do menino que foi raptado pelo Mãozão*

6.1.G- *O causo do enterro de Nhonhô Velasques*

6.1.I- *O causo do benzedor que salvou a própria filha do veneno da boca-de-sapo*

6.1.M- *O causo do temporal a caminho da fazenda*

6.2.M- *O causo do vendaval de dar medo*

7. Seu Chumbo

Continuando, vem o Seu Chumbo, contador lá de Corumbá. Ele nos contou oito histórias, e o tema que prevaleceu entre elas foi o de seres imaginários. Quatro *causos* de Seu Chumbo falam sobre os entes fantásticos. Nós o identificamos com o número sete:

7.1.A- *O causo da onça que tirou a própria vida com uma faca*

7.1.B- *O causo da sucuri que engoliu uma criança*

7.1.E- *O causo do menino que foi raptado pelo Mãozão*

- 7.2.E- *O caso do sétimo filho que virava Lobisomem*
- 7.3.E- *O caso do Saci que ajudava a encontrar os animais em troca de fumo*
- 7.4.E- *O caso do homem que correu do Cachorro-bezerro*
- 7.1.G- *O caso do homem que achou um enterro e ficou rico*
- 7.1.L- *O caso do tombo que deixou Seu Chumbo dois dias desacordado*

8. Seu Silvério

Logo após, vem o Seu Silvério, o único contador que é de religião protestante. Mencionamos essa característica, porque os evangélicos evitam qualquer assunto que não tenha “explicação” bíblica, negando, dessa forma, as próprias crenças populares regionais. Ainda assim, o Seu Silvério falou sobre o ser misterioso que tem muita fama em toda esta região, que é o Mãozão (8.1.E) e esteve próximo da sobrenaturalidade nas histórias de enterro (8.1.G) e da luz misteriosa (8.1.J). Citou, também, com muita familiaridade, a metamorfose de homem em onça quando fica velho (8.1.E). O Seu Silvério nos contou sete relatos, e está representado pelo número oito:

- 8.1.A- *O caso da onça que deixou um homem em carne viva*
- 8.2.A- *O caso do caçador medroso*
- 8.1.E- *O caso do homem que viu o Mãozão*
- 8.1.F- *O caso do córrego que era assombrado por um jumento*
- 8.2.F- *O caso do cavalo que se assombrou com um galho*
- 8.1.G- *O caso do homem que achou um enterro onde ele cozinhava*
- 8.1.J- *O caso da luz que apareceu e desapareceu misteriosamente*

9. Seu Olimpão

Depois do Seu Silvério, o contador que contribuiu com mais histórias foi o Seu Olimpão. Ele é compadre de outro narrador, o Carlão, e os dois vivem na mesma fazenda, em Rio Negro. Seus *causos* são oito, e a metade deles é sobre seres imaginários. O Seu Olimpão está representado pelo número nove:

- 9.1.A- *O caso da onça que apanhou de um toco*

- 9.1.B- *O caso da sucuri que com um risco de faca, soltou um menino*
9.1.E- *O caso do rapaz que esperava pelo Mãozão*
9.2.E- *O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão*
9.3.E- *O caso do homem que foi surrado por uma Assombração invisível*
9.4.E- *O caso das pegadas do Pé-de-garrafa*
9.1.J- *O caso do Boi-tatá*

10. Seu Leandro

Finalmente, o nosso último contador é o Seu Leandro. Durante o período de coleta de *causos* para este estudo, selecionamos duas histórias de Seu Leandro, principalmente pela importância de seus temas, que estão completamente dentro dos assuntos pantaneiros, e pela maneira com que esse narrador os contava. Em visitas mais recentes, contudo, escutamos dele várias outras narrativas que fazem parte do objeto a que chamamos *causos pantaneiros*, o que fortaleceu a inclusão do Seu Leandro em nosso trabalho. Aqui, ele está representado pelo número dez:

- 10.1.I- *O caso do benzedor que curou uma doença misteriosa de nove anos*
10.1.L- *O caso do tombo em que o cavalo saiu morto*

O emaranhado de situações, no entanto, faz com que alguns temas se confundam entre si, e um mesmo *causo* poderia pertencer a duas classes ou categorias distintas. Por exemplo, as histórias de onça, que estão classificadas nos *causos de bichos* e podem ter uma leitura mítica, como a narrativa contada pelo Seu Silvério, dos índios que se transformam em onça depois de velhos, e, assim, caberiam entre os *causos enigmáticos*. Ou a história do Seu Perigoso, que relata ter passado por uma grave doença e ter sido curado por um benzedor. O relato está incluído entre os *causos enigmáticos*, mas poderia pertencer aos *causos de perigo*.

Os contadores não se preocupam em criar títulos para nomear e distinguir seus *causos*. A maneira de apresentar suas histórias é, geralmente, através de uma menção ao assunto que será relatado. O Seu Marcondes, mesmo, fala antes de começar a narração: “Então, vou contar uma veis que aloitei com uma onça”⁴. A partir dessa primeira

⁴ Seu Marcondes, 10-XI-2004.

narrativa, inicia-se uma teia de histórias seqüenciais, à qual o ouvinte deve ficar atento para não misturar um relato com outro.

Esse hábito de não pôr nome nas histórias vem de longe. Como na Idade Média, o fato de não nomear as obras com um título pode ser interpretado como um traço de arcaísmo, tanto dos narradores, como do repertório.

Para não transformarmos a seqüência das narrativas em um único tema, com muitas variações, optamos por selecioná-las de acordo com o foco central da história contada. Ou seja, apesar de haver elementos inerentes a outros relatos, o eixo principal é que tem maior peso para a classificação e categorização temática.

Além dessa organização, mais genérica, fizemos uma outra subdivisão, um pouco mais específica, que nos serve para situarmos melhor a narrativa em determinado tema. Utilizamos as letras do alfabeto em maiúsculas para facilitar a localização do assunto.

Assim, para localizarmos determinado *causo*, entre os que estão transcritos integralmente no capítulo seis, saberemos que o primeiro número refere-se ao contador, o segundo à ordem de aparição, e a letra, à categoria temática. Ao citarmos o *causo* 2.2.B, saberemos que se trata da segunda história de cobra relatada por Seu Perigoso.

Todas essas invencionices dos pantaneiros são ventos novos que arejam a nossa concepção de narrativa e nos aproximam do campo fértil do imaginário, onde a verdade e a inverdade andam de braços dados e derrubam as barreiras dos vários mundos a que chamamos de reais. Nessa séria brincadeira, podemos conhecer a maravilha das novidades vistas pelos olhares do povo do Pantanal. A prazerosa sensação que tivemos, ao entrar em contato com esse universo, é a de que essas pessoas nos emprestam seus olhos para podermos ver sua bela realidade.

CAPITULO II

Um breve histórico dos contadores de *causos* que estão neste trabalho

Por trás da figura do contador de *causos*, que, tal qual um personagem, nos apresenta e nos envolve em suas histórias, encontramos o ser humano, que possui uma rica experiência de vida, grande parte dela dedicada aos trabalhos na região pantaneira. Essa condição influi, diretamente, em suas relações familiares, principalmente devido à distância que separa a família do trabalho.

O trabalho mais comum entre os contadores é o de peão de fazenda, que também é chamado de vaqueiro. A vida do peão é, sobretudo, com os animais. Ele está presente em todas as fases da vida do gado. Ajuda a nascer, quando há necessidade, adentra-o, quando é muito arisco, viaja com ele por vários dias no traslado entre fazendas. Essa intimidade, porém, não cria nenhum tipo de laço afetivo entre o homem e o bicho, pois o peão está ciente de que é o predador do gado e terá que mata-lo, descarná-lo e, com seus restos, fazer artefatos: do couro sai o arreio, do chifre, a cuia para o tereré. Albana Nogueira nos faz uma bela definição do vaqueiro, e nos diz que:

“... seja paraguaio ou seu descendente; seja mestiço, índio, poconeano; analfabeto ou semi-alfabetizado, é competente na sua profissão; hábil condutor de boiadas; apto a desenvolver as atividades de rodeio, de doma, de carneada, de apartação; ágil no laço; valente na bagualeação e sobretudo, caprichoso artesão, quando prepara o couro e fabrica suas traíais de arreio. (...) Além das viagens, que têm de enfrentar, conduzindo boiadas de um local para o outro, são nômades pela própria natureza do ofício, sobretudo, pelas condições socioeconômicas, advindas da pecuária.” (Nogueira, 2002:38)

Dos nossos contadores, apenas o Seu Perigoso nunca foi peão. Sua profissão é a de furador de poço. Segundo ele, “o melhor do Pantanal”. O Carlão trabalhou muitos anos como peão, mas agora já é Administrador de fazenda.

Para apresentar melhor os contadores, fizemos um apanhado de informações, com algumas de suas características pessoais e algumas fotografias, para, desta forma, criarmos um quadro e entendermos um pouco de suas histórias de vida.

1. Seu Marcondes:



Nome: Marcondes de Assis

Cidade: Campo Grande

Profissão: Peão de fazenda

Ano de nascimento: 1938

Lugar de nascimento: Fazenda em Bonito-MS

Situação Civil: Casado com Dona Marli de Assis e pai de um casal de filhos: Marcelo e Magali, que já lhe proporcionaram três netos.

Escolaridade: Alfabetizado

Religião: Católica, apesar de a mulher ser protestante.

Tempo de trabalho no Pantanal: 45 anos

Datas de nossas visitas: 18 do 11 de 2004, 05 do 05 de 2005, 13 do 10 de 2006 e 14 do 10 de 2006

Observação: Parou de trabalhar no ano de 2003 para fazer um tratamento médico. Vive com a esposa em Bonito, mas durante este trabalho, estava se recuperando de uma cirurgia em Campo Grande.



2. Seu Perigoso:



Nome: Valmir Norberto dos Santos

Cidade: Maracaju

Profissão: Furador de poço

Ano de nascimento: 1942

Lugar de nascimento: Fazenda Água Fria, Maracaju.

Situação Civil: Viúvo, pai de nove filhos e netos a perder de conta.

Escolaridade: Alfabetizado

Religião: Católica

Tempo de trabalho no Pantanal: Sempre realizou, e ainda realiza, trabalhos esporádicos na região pantaneira

Datas de nossas visitas: 12 do 09 de 2003, 06 do 11 de 2004 e 25 do 06 de 2005

Observação: A companheira do Seu Perigoso, a dona Cida, morreu enquanto fazíamos este trabalho. O Seu Perigoso ficou muito abalado com a perda da mulher e durante alguns meses silenciou seus *causos*. O Seu Perigoso morava com a família em um bairro pobre de Maracaju. É pai de nove filhos, cinco mulheres e quatro homens.



3. Seu Oscar:



Nome: Oscar Teixeira

Cidade: Miranda

Profissão: Peão de fazenda

Ano de nascimento: 1925

Lugar de nascimento: Miranda

Situação Civil: Solteiro e sem filhos. Já teve uma relação duradoura com uma mulher, mas não chegou a regularizar o casamento.

Escolaridade: Alfabetizado

Religião: Católica

Tempo de trabalho no Pantanal: 58 anos

Datas de nossas visitas: 23 do 10 de 2004, 24 do 09 de 2005 e 23 do 03 de 2006

Observação: Foi obrigado a sair da fazenda e voltar para a cidade quando já tinha 68 anos e teve um derrame cerebral que o deixou paralisado de um lado do corpo. Quando visitamos o Seu Oscar, ele vivia em Miranda na companhia da irmã Rita.



4. Carlão



Nome: Carlos Nantes

Cidade: Rio Negro

Profissão: Administrador de fazenda

Ano de nascimento: 1962

Lugar de nascimento: Campo Grande

Situação Civil: Casado pela segunda vez, é pai de três filhos. Dois do segundo casamento.

Escolaridade: Alfabetizado

Religião: Católica

Tempo de trabalho no Pantanal: Nove anos

Datas de nossas visitas: 10 do 02 de 2004 e 15 do 11 de 2005

Observação: Nossa visita a Carlão deu-se na fazenda Carolina, onde morava com a mulher Lidiane e os dois filhos. Ele era o administrador. As terras ficam no município de Rio Negro, lugar conhecido como porta do Pantanal. Voltou do pantanal Guaporé por melhores condições de trabalho e de estudo para as crianças.



5. Seu Edson:



Nome: Edson Marciano Dutra

Cidade: Campo Grande

Profissão: Peão de fazenda

Ano de nascimento: 1944

Lugar de nascimento: Rochedinho

Situação Civil: Casado, pai de cinco filhos

Escolaridade: Ensino médio

Religião: Católica

Tempo de trabalho no Pantanal: 20 anos

Datas de nossas visitas: 17 do 11 de 2004 e 14 do 09 de 2006

Observação: Voltou para a cidade para garantir melhor oportunidade de estudos para os filhos. Estivemos com Seu Edson em seu trabalho na fazenda laboratório da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa, em uma oficina de equipamentos agrícola. Vivia com a família em uma casa ao lado da fazenda.



6. Seu Benjamim:



Nome: Benjamim da Silva

Cidade: Rio Verde de Mato Grosso

Profissão: Peão de fazenda

Ano de nascimento: 1919

Lugar de nascimento: Fazenda Santa Rita, Corumbá

Situação Civil: Viúvo, pai de dez filhos

Escolaridade: Alfabetizado

Religião: Católica

Tempo de trabalho no Pantanal: Até 1994, quando se aposentou.

Datas de nossas visitas: 08 do 11 de 2004 e 09 do 09 de 2006

Observação: Quando estivemos com Seu Benjamin, fazia onze anos que havia deixado de ser peão e vivia, aposentado, na cidade de Rio Verde de Mato Grosso.



7. Seu Chumbo:



Nome: Acelino Ferreira Lima

Cidade: Corumbá

Profissão: Peão de fazenda

Ano de nascimento: 1936

Lugar de nascimento: Fazenda Paraíso, Pantanal da Nhecolândia

Situação Civil: Solteiro

Escolaridade: Alfabetizado

Religião: Católica

Tempo de trabalho no Pantanal: Até sua aposentadoria em 2003

Datas de nossas visitas: 10 do 11 de 2004

Observação: Voltou para a cidade depois que se aposentou, em 2003. Trabalhou toda a vida como peão de fazenda. Nunca se casou, nem teve filhos. Quando conversamos com ele, vivia em uma pensão em Corumbá, onde começou a escrever poemas, apesar dos poucos anos de estudo, e pretendia lançar um livro.



8. Seu Silvério:



Nome: Silvério Pires

Cidade: Miranda

Profissão: Peão de fazenda

Ano de nascimento: 1930

Lugar de nascimento: Miranda

Situação Civil: Solteiro e sem filhos

Escolaridade: Alfabetizado

Religião: Evangélica

Tempo de trabalho no Pantanal: Durante toda sua vida

Datas de nossas visitas: 23 do 10 de 2004, 24 do 09 de 2005 e 23 do 03 de 2006

Observação: Atualmente, mora na cidade, mas continua prestando serviços em fazendas da região.



9. Seu Olímpio:



Nome: Olímpio da Silva

Cidade: Rio Negro

Profissão: Peão de fazenda

Ano de nascimento: 1946

Lugar de nascimento: Pantanal da Nhecolândia

Situação Civil: Casado, pai de quatro filhos

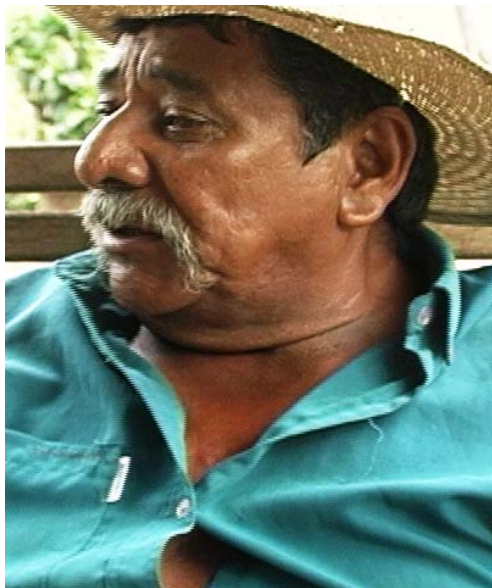
Escolaridade: Alfabetizado

Religião: Católica

Tempo de trabalho no Pantanal: Durante toda sua vida

Datas de nossas visitas: 15 do 11 de 2005

Observação: Quando o visitamos, morava na fazenda Carolina, no município de Rio Negro, onde ainda trabalhava com gado.



10. Seu Leandro:



Nome: Leandro da Conceição

Cidade: Rio Verde de Mato Grosso

Profissão: Peão de fazenda

Ano de nascimento: 1930

Lugar de nascimento: Corumbá

Situação Civil: Viúvo, pai de quatro filhos

Escolaridade: Alfabetizado

Religião: Católica

Tempo de trabalho no Pantanal: 20 anos

Datas de nossas visitas: 08 do 11 de 2004 e 09 do 09 de 2006

Observação: Descendente dos famosos índios Guató, os canoeiros do Pantanal, mudou-se para a cidade de Rio Verde de Mato Grosso para proporcionar melhores condições de estudo para os filhos. É aposentado e quando estivemos com ele, vivia em uma casa na cidade.



As imagens e os dados dos nossos contadores de *causos* são reflexos da simplicidade adotada durante toda a vida por esses homens. A maneira de falar e as expressões corporais mostram a relação de intimidade com as histórias narradas e criam personagens distintos dos seres humanos comuns da luta diária.

De todos os narradores que ouvimos, temos que chamar a atenção para o Seu Perigoso. Nas várias visitas que fizemos a ele, nunca, em momento nenhum, ele abandonou a máscara de grande matador de onças do Pantanal. Desde a acolhida no meio da rua, até a despedida, já dentro do carro, a conversa era absolutamente distante de qualquer realidade “racional”. O Seu Perigoso é um perfeito espetáculo narrativo.

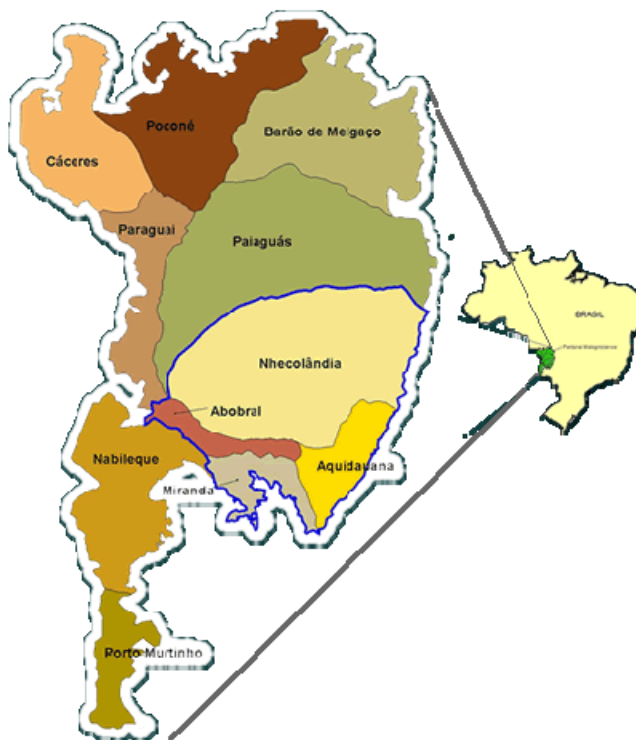
CAPITULO III

No Pantanal sul-mato-grossense. Os indígenas. Os narradores pantaneiros.

Na medida em que eu sou *idêntico* à Natureza, compreendo-a tão bem quanto a minha própria vida.

(Schelling, cf. Merleau-Ponty 2000:63)

O lugar do Pantanal é no centro da América do Sul. Ele fica no extremo oeste do Brasil, e pega um pedaço da Bolívia e do Paraguai. Para dizer certinho, fica no 14- 22' Sul e 53- 66' Oeste, na bacia hidrográfica do Alto Paraguai. A localização geográfica, conforme os entendidos, apresenta um elo de ligação entre o Cerrado, no Brasil Central, o Chaco, na Bolívia, e a região Amazônica, ao Norte. A maior extensão pantaneira está no estado brasileiro de Mato Grosso do Sul.



As micro-regiões do Pantanal brasileiro⁵

⁵ FONTE: Recursos Forrageiros nativos do Pantanal mato-grossense, por Antonio Costa Allem e José Francisco Montenegro Valls. Brasília, 1987. (EMBRAPA-CENARGEN. Documentos, 8)

Nas palavras dos cientistas que estudam o Pantanal, como os do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), essa região aparece como área de transição, e ostenta um mosaico de ecossistemas terrestres, com afinidades, sobretudo, com os Cerrados e, em parte, com a floresta Amazônica, além de ecossistemas aquáticos e semi-aquáticos, interdependentes em maior ou menor grau. Além disso, os planaltos e as terras altas da bacia superior são formados por áreas escarpadas e testemunhos de planaltos erodidos, conhecidos localmente como serras. São cobertos por vegetações predominantemente abertas, tais como campos limpos, campos sujos, cerrados e cerradões, determinadas, principalmente, por fatores de solo (edáficos) e climáticos e, também, por florestas úmidas, prolongamentos do ecossistema amazônico (www.ibama.gov.br).

De resto, é importante dizer a importância das chuvas no Pantanal. O ano é dividido em dois períodos, a estação das águas e a estação da seca. A primeira é o tempo das enchentes dos rios e bacias, quando tudo fica inundado e, até onde a vista alcança, só se vê a água tentando cobrir todo o espaço pantaneiro. Na segunda, a da seca, é a vez das vazantes, é quando o Pantanal começa a enxugar, as águas vão sumindo e uma nova vegetação vai aparecendo.

O tempo das cheias é de novembro a março, no norte, e é determinado pelo regime de verão. Já no sul, as inundações vão de maio a agosto e a influência reguladora é o próprio Pantanal.

No tempo das invasões européias, quando a primeira expedição dos espanhóis chegou à região pantaneira, era época de cheia. Ao verem aquela imensidão de água, os estrangeiros tiveram a impressão de estar diante de um oceano. Estavam tão certos disso, que puseram o nome no lugar de Mar de Xaraés. Essa idéia de mar inundou a imaginação dos antigos pantaneiros, e outros elementos contribuíram para firmá-la. Proença (2002:15), por exemplo, fala da existência de grande quantidade de caramujos, conchas das mais variadas formas e tamanhos, do próprio terreno arenoso e das salinas ovaladas. Esses elementos são sinais do mar pantaneiro.

Outra coisa que tem “de monte” no Pantanal é bicho. Este espaço é o habitat de uma grande e diversificada fauna. A WWF (1999) estima existir, no Pantanal, 650 espécies de

aves, 80 de mamíferos, 260 de peixes e 50 de répteis. Números maiores referem-se às qualidades de plantas que formam a flora da região.

Para ficar mais fácil de encontrar-se, nessas terras alagadas que não tem fim, o Pantanal foi dividido em vários pantanais. Só na parte que fica dentro do território brasileiro, são onze regiões, usando a classificação apresentada pela Embrapa. Cada uma dessas regiões leva um nome. A denominação para os pantanais geralmente é uma referência aos rios que os banham ou ao município onde estão situados. Apenas um dos pantanais foge dessa regra, o da Nhecolândia, e seu nome é uma homenagem ao seu desbravador, o Nheco.

Dessa maneira, começando do norte e descendo para o sul, encontramos o Pantanal de Poconé, o Pantanal de Cáceres, o de Barão de Melgaço, o do Paraguai, o do Paiaguás, o da Nhecolândia, o do Abobral, o do Miranda, o Pantanal do Aquidauana, o do Nabileque e o do Porto Murtinho.

Os pantanais tiveram pelo menos três importantes fases de povoamento, todo ele rarefeitos, mantendo um pequeno número de pessoas para imensidões territoriais. Com certeza, isso se deu pelas dificuldades de morar, nas precárias condições de sobrevivência, em um local distante dos recursos da cidade e que passa boa parte do ano quase que todo imerso.

Os primeiros que chegaram, como já dissemos, foram os indígenas. Os estudos arqueológicos apontam sinais de ocupação nessas terras há pelo menos onze mil anos. Das etnias que viveram na planície alagada, restam apenas os Guató, que são conhecidos como índios canoieiros, e os Kadiwéu, chamados de índios cavaleiros. Além dos índios que permanecem no Pantanal, existem algumas tribos em suas proximidades que mantêm contato com a região. É o caso dos Kamba, que vieram da Bolívia, os Terena, que contam com aldeias nos municípios de Miranda e Aquidauana, além de algumas mais afastadas do Pantanal, e os Kinikinawa, que, por serem em número reduzido de pessoas, compartilham territórios com outras etnias.

Essa imensidão territorial e alagada transforma-se em um rico campo de simbologias, na medida em que o homem tenta desvendar seus mistérios e integrar-se ao seu meio. Gervásio Leite dedicou-se ao estudo dessa característica regional e nos propõe sua visão sobre o lugar do Pantanal no imaginário popular:

“O Pantanal, de maneira geral, como espaço e território, tem se prestado muito fortemente ao longo do tempo a uma vasta série de construções simbólicas que até certo ponto ultrapassam a sua geografia e se misturam e envolvem nos fluxos de água. Desde a idéia de lagoa, mar interior, até, mais recentemente, a de santuário ecológico, imagem que desencadeia, e se conecta com, os antigos espaços sagrados.” (Leite, 1975:57)

Esta imagem de *Santuário Ecológico* vem se firmando muito fortemente nas últimas décadas, com a expansão dos grupos defensores da Ecologia. É muito comum, nos meios de comunicação, encontrarmos tal definição para o nosso velho Pantanal. Mário César Silva Leite, nos seus estudos sobre as águas e os mitos da região, cita Livia Barbosa (1991:234) e comenta a utilização desse termo:

“Não é usado de forma aleatória pelos grupos ambientalistas nem pela sociedade como um todo. É indicativo da atribuição de um status sagrado por oposição a um profano. No seu interior guarda-se, ou melhor, resguarda-se aquilo que se quer manter intocado ou fora de alcance das mãos profanas. E mais, o termo sugere a existência de relações e regras de evitação, respeito e reverência entre os elementos desses dois domínios. As intervenções concretas são vistas como violações de fronteiras, verdadeiras profanações entre dois mundos descontínuos, no que toca a natureza básica de cada um.” (Silva Leite 2003:120)

O aspecto sagrado do Pantanal é uma importante característica simbólica da imagem construída sobre esse universo. Se estamos querendo entrar em contato com os *causos* pantaneiros, não podemos deixar de lado as características simbólicas que marcam esse espaço; afinal, elas são fundamentais para a compreensão das narrativas desenvolvidas na região.

Esse território mantém o aspecto de sacralidade, que vem de muito longe no imaginário popular. Eram muito comuns, por exemplo, os antigos bosques míticos, residência de vários deuses, sobretudo no período clássico da história ocidental.

Encontramos muitos exemplos desses bosques nas histórias que sobreviveram nos registros de antigamente. Para lembrarmos de um importante modelo desses territórios especiais, evocamos a citação feita por Sir James Frazer sobre o Bosque de Nemi, lugar sagrado, dedicado à deusa Diana:

“En la Antigüedad este paisaje selvático fue el escenario de una tragedia extraña y repetida. En la orilla norteña del lago, inmediatamente debajo del precipicio sobre el que colga el moderno villorrio de Nemi, estaba situado el bosquecillo sagrado y el santuario de Diana Nemoresis o Diana del Bosque.”
(Frazer, 1944:23)

Assim como no bosque de Nemi, podemos associar os tons sagrados que ainda perduram sobre os espaços cobertos de vegetação fechada, que os guardam das luzes civilizatórias, e atribuir a eles a mesma feição mágica do desconhecido. Assim sendo, encontramos, no Pantanal de hoje, a continuação da linha sagrada da natureza, em seu estado íntegro.

Outros exemplos desse princípio nos vêm das novelas arturianas medievais, que se referem ao bosque como espaço mágico ou de transição, ou, ainda, de outros repertórios, tanto da literatura tradicional, como da clássica. Mas não é hora de entrarmos nesses detalhes; afinal de contas, esses pormenores não fazem parte de nosso tema literário e ainda temos muito que falar sobre os *causos* pantaneiros.

Para encerrar o assunto do território sagrado, devemos lembrar que esta também é uma visão compartilhada com a cultura de várias etnias indígenas, tanto as que estão no Brasil, como em outras regiões. Esse fato serve para acreditarmos na universalidade desse tipo de histórias ou lendas.

E por falar em índio, vamos conhecer um pouco das etnias que conseguiram continuar vivendo no Pantanal. Dos povos que ocuparam essa imensa planície alagável durante mais tempo e que ainda continuam com remanescentes na região, sobraram apenas os Guató e os Kadiwéu. Uns são das águas, os outros da terra. Uns utilizam a canoa, os outros, o cavalo. Conheçamos um pouco de cada povo.

3.1- Os canoeiros

A língua dos índios Guató é murmurada: é como se ao dentro de suas palavras corresse um rio entre pedras.

(Manoel de Barros, 2000:17)

Vamos começar falando dos habitantes das águas. Os Guató, conhecidos como índios canoeiros, contam aproximadamente 500 pessoas que habitam a ilha Ínsua, na divisa entre Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bolívia, e alguns migrantes que vivem na periferia de Corumbá. As primeiras notícias sobre esses índios vieram do conquistador espanhol Alvar Nunes Cabeza de Vaca, que esteve na região pantaneira em 1543, período em que o Pantanal ainda pertencia à coroa espanhola.

Os Guató são índios pacíficos e grandes conhecedores dos rios pantaneiros, e tiveram grande serventia para as tropas do Império brasileiro e seus aliados na guerra contra o Paraguai (1864- 1870). Sem a simpatia dos índios canoeiros, dificilmente os soldados brasileiros conseguiriam transitar pelo Pantanal e atacar os paraguaios.

Os índios Guató conversam em uma língua própria e isolada, utilizada apenas por eles. Alguns estudiosos os colocam no tronco lingüístico Macro-Jê, mas há várias contestações sobre esse enquadramento.

Antes de se fixarem na ilha Ínsua, hoje uma reserva Guató, esses índios não possuíam aldeias fixas, e suas casas eram unifamiliares. Na maior parte do tempo, eles permaneciam em suas canoas, o que lhes deu, como características físicas, pernas curtas e arqueadas. Essa exposição às águas e à claridade que elas retêm pode servir de explicação para os recorrentes problemas de visão que atingem os Guató.

Os primeiros europeus que retrataram os índios Guató chamaram a atenção para os traços finos de seus rostos, e Hércules Florence (1805-1879) traduziu, em uma “beleza doce”, a fisionomia dos canoeiros. Observaram também que esses índios, com suas canoas, constituíam verdadeiras aldeias fluviais. Florence desenhou os Guató na expedição de 1825, chefiada pelo explorador e naturalista Barão de Langsdorf (1774-1852).

Os Guató usam a palmeira de Acuri para quase tudo. Com ela, constroem suas cabanas, fabricam suas esteiras de dormir, abanicos e outras peças de artesanato. Mas sua especialidade, mesmo, é a construção de canoas, cavadas em um pau só.

Para comer, eles preferem os peixes ensopados, preparados pelos homens. A mistura de peixe com banana foi inventada por eles, e hoje é prato típico do Pantanal. Antigamente, enquanto os homens cozinhavam, as mulheres teciam e fabricavam peças de tecidos de algodão coloridas. Hoje em dia, já não fazem mais isso.

Esses índios só não foram exterminados pelos europeus devido à sua cordialidade. O mesmo não aconteceu com a outra famosa etnia canoeira da região, os míticos e bélicos índios Payaguá.

Um contato dos Guató com os brancos foi relatado por Corinta Maciel Chamma. Foi em ocasião da chegada, em 1895, de um dos desbravadores do pantanal da Nhecolândia, Gabriel Patrício de Barros (1850-1927), que, em meio ao rio Paraguai, se deparou com os Guató:

“São índios pacíficos os guató. Habitam o rio Paraguai e as lagoas adjacentes, desde a boca superior do Paraguai-Mirim, até um pouco abaixo de Descalvados. Encontram-se no Rio São Lourenço até a foz de Cuiabá, e na estação das águas, vagueiam em canoas pelos campos inundados. Têm por costume cercar as embarcações pedindo doces e quinquilharias. (...) Os guató são hábeis canoeiros e conhecem palmo a palmo os meandros do rio.”(Chamma 1976:38)

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) explica que a adequação de atividades econômicas ao Pantanal surgiu do processo de conquista e aniquilamento dos índios Guató e Guaicuru pelos sertanistas. Sobrepondo-se aos indígenas, foi possível implantar a pecuária na planície inundável, que se tornaria a única economia estável e permanente até os nossos dias. Dentro de um enfoque macroeconômico, conforme informa o Ibama, o Pantanal representou, no passado, um grande papel no abastecimento de carne para outros estados do país. No entanto, essa economia se encontra em decadência.

Os índios Guató foram considerados extintos, em estudo feito pelo antropólogo Darcy Ribeiro, na década de 1950, mas, em 1976, uma freira da Missão Salesiana, a irmã Ada

Gambarotto, descobriu, através das características do artesanato, uma família Guató, na periferia de Corumbá.

Através dessa família, chegou-se a várias outras, que, com a ajuda de setores importantes da sociedade, se organizaram e começaram a lutar por uma pequena parte de seu antigo território tradicional, o centro do universo Guató, a ilha Ínsua. O lugar, que servia a um destacamento militar brasileiro, foi considerado terra Guató em 1996.

3.2- Os índios cavaleiros

O cavalo é nosso enfeito
Nosso instrumento de trabalho
Nosso amigo e nossa arte
Com ele vou namorar
Com ele vou passear
E sonho com ele por cima das cercas

(Manoel de Barros, 1999)

Se os Guató são mansos, os Kadiwéu, os outros indígenas pantaneiros que conseguiram sobreviver à cobiça do europeu, “são bravos que só”. Diferente dos Guató, esses índios têm uma grande tradição bélica e resistiram aos ataques de outras tribos e dos próprios ibéricos. Seu espírito guerreiro fez, desse povo, o mais temido da região pantaneira.

Os Kadiwéu são os últimos remanescentes da família Mbayá- Guaikuru, a mesma dos Payaguá. A etnia tem origem chaquenha e começou a atravessar o rio Paraguai a partir da segunda metade do século XVII.

Por volta de 1650, os Kadiwéu tiveram contato com os cavalos trazidos pelos colonos paraguaios. Em pouco tempo, os animais, que se reproduziam com muita facilidade no ambiente pantaneiro, estavam domesticados e já serviam de montaria para esses índios. A importância do cavalo para os Guaikuru Kadiwéu rendeu-lhes o nome de índios cavaleiros.

Depois das montarias, os Kadiwéu tornaram-se ainda mais poderosos e passaram a capturar índios de outras etnias, como os Guaná e os Terena, para lhes servirem de escravos. Esses índios deram muito trabalho, também, para os invasores europeus que

queriam colonizar a região. O professor Gilson Martins fala da resistência dos cavaleiros à ocupação branca:

“Nos séculos XII e XVIII, os povoados e estabelecimentos agrícolas coloniais da região pantaneira e do norte do Paraguai viviam permanentemente ameaçados pelas cargas da cavalaria Guaikuru, o que, na prática, retardou por mais de três séculos a definitiva ocupação europeia dessa área. Os ‘índios cavaleiros’ formaram assim uma das maiores barreiras indígenas à colonização na história da América do Sul.” (Martins, 2002:57-58)

A eficiência bélica dos Guaikuru deu-lhes respaldo para serem tratados como nação e negociarem com o império brasileiro um tratado de paz no século XVIII. O único de que se tem notícia no Brasil.

Na guerra da tríplice aliança contra o Paraguai, os Guaikuru tomaram o partido dos brasileiros e foram para as frentes de batalha. Seu desempenho na guerra garantiu-lhes, como recompensa, mais de quinhentos mil hectares de terra no pantanal do Nabileque. Apesar de, até os dias de hoje, a legalização plena da área ainda estar inconclusa, os cerca de mil e quinhentos índios Kadiwéu vivem nessa reserva indígena e ali são eles que mandam.

O linguajar dos Kadiwéu parece “um riacho saltando sobre seixos”. Quem fez essa comparação foi o professor Lévi-Strauss, que esteve na reserva em 1935 e manteve um curto contato com os cavaleiros, o qual relatou em seu *Tristes Trópicos*. O professor diz, ainda, que a fonética Guaikuru proporciona ao ouvido uma sensação agradável: a fala acelerada e as palavras compridas, todas de vogais claras, que se alternam com as dentais e guturais, e a abundância de fonemas molhados ou líquidos. (Lévi-Strauss, 1996:161)

Além da arte da guerra, os Kadiwéu são muito conhecidos também por suas cerâmicas, que são inteiramente desenhadas com formas geométricas que nunca se repetem. Os traçados servem, ainda, para a decoração da cestaria e das peles de animais. Os antigos Guaikuru levavam todo o corpo desenhado com pinturas ou tatuagens.

A mulher Kadiwéu não está relegada a um segundo plano na sociedade Guaikuru. Nos tempos das capturas de escravos e guerras, as mulheres, sobretudo as “nobres”, desempenhavam as mesmas funções que os homens e sobrava para os capturados, por exemplo, a criação das crianças Kadiwéu. É notório um fato que ocorreu no tempo do

Brasil colônia, quando uma soberana Guaikuru recebeu um convite para se encontrar com a esposa do vice-rei e recusou-se a tamanho descaso, visto que só poderia expor-se para um encontro se fosse com Sua Majestade, a rainha.

A forte consciência de sua importância ainda é uma característica que persiste entre os Kadiwéu. Para visitar sua reserva, por exemplo, é necessário pagar altas somas de dinheiro para poder entrar em suas terras. Vivem no território Kadiwéu aproximadamente 1.500 índios.

3.3- Corrida pelo ouro e a formação dos grandes latifúndios

Quando o bandeirante chegou à procura de braços para as lavouras do litoral, e depois atraído pelo faiscar das pepitas de ouro, encontrou o pantanal habitado por muitas tribos indígenas, cada qual com sua cultura e traços lingüísticos próprios. Então foi-se incorporando aos elementos dessas culturas, utilizando os mais variados costumes como forma de se adaptar, assimilar e tornar possível sua sobrevivência na vasta região.

(Augusto César Proença, 1977:158)

O cheiro de riqueza chega longe. Os paulistas, com suas bandeiras, percorreram o Pantanal no século XVIII, para capturar os indígenas para mão-de-obra escrava e demarcar a fronteira oeste do país. As monções, como ficaram conhecidas essas viagens feitas através dos rios, levaram os bandeirantes a tomar conhecimento das minas de ouro na região norte da região pantaneira. A notícia do ouro, em um instante, espalhou-se, e começou, então, uma intensa migração para esses lados do Brasil.

Com a decadência do garimpo e a consolidação das fronteiras, ainda no século XVIII, houve uma inevitável mudança de interesses, e o foco se voltou às imensas áreas territoriais pantaneiras. É a segunda etapa da ocupação do Pantanal. Nesse período, inicia-se, nas palavras de Albana Xavier Nogueira, um dos maiores impérios de fazendas no país, e ocorre, definitivamente, a formação do processo de povoamento da região.

“Vários fatores concorreram para isso, dois, entretanto, foram básicos: a decadência das minas de ouro de Cuiabá e a política de ocupação do solo,

empreendida pelo então Governador da Capitania de Mato Grosso, Luis de Albuquerque de Melo Ferreira e Cáceres, empossado a 13 de dezembro de 1772 e conservado no poder 17 anos. Tal política tinha por meta o povoamento, em primeira mão, das chamadas faixas de fronteira. Para sua implantação, foi efetivado o programa de concessão de sesmarias aos requerentes que se comprometessem a cultivá-las e a defendê-las do ataque dos índios e da ameaça estrangeira.”(Nogueira, 2002:43)

A partir desse período, a maior planície alagável do planeta tornou-se “quintal” de alguns poucos fazendeiros, que desenvolveram a cria extensiva de gado de corte, principal atividade econômica até os dias de hoje. Os pioneiros eram os descendentes de índio e bandeirante mameluco paulista, além dos portugueses abarrotados de títulos e comendas, proprietários de engenhos de açúcar do norte de Mato Grosso e de terras que avançavam pelos pantanais.⁶

O povoamento das terras tornou-se mais difícil quando começaram os conflitos na fronteira, que culminariam na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Muitos fazendeiros abandonaram suas propriedades e os benefícios que nelas haviam. Álvaro Banducci (1998:29) diz que, além de mais tardia, a ocupação da região sul do Pantanal sofreu os desequilíbrios decorrentes da guerra, que retardou seu desenvolvimento.

Com o término dos combates e a vitória dos países aliados, iniciou-se, então, uma terceira fase da ocupação, que foi acelerada com a instalação da ferrovia Corumbá-Itapura, em 1914, e a valorização do preço do gado em pé, por ocasião da Primeira Grande Guerra Mundial.

O interesse pela região pantaneira foi aumentando, e ela atraiu capitalistas de várias regiões do país, principalmente do Sul. O comércio de terras e as partilhas por herança ajudaram a diminuir a concentração dos grandes latifúndios.

Antes de terminar esse pequeno histórico da região pantaneira, é importante destacar uma localidade que teve especial importância para este trabalho, porque a maioria das histórias que ouvimos foi trazida de lá. Estamos nos referindo ao Pantanal da Nhecolândia.

⁶ Ver Augusto Cesar Proença, 2002, p. 63

3.4- Lá no pantanal da Nhecolândia

A Nhecolândia é uma região chocante em termos de beleza natural. Toda ela é harmoniosa. É exótica e fantástica, por isso deve ser preservada.

(Augusto César Proença, 1997:94)

O nome de Nhecolândia não veio de nenhum rio que corta a região ou de alguma cidade próxima a essas terras. A denominação é uma homenagem ao desbravador desse pantanal, o seu Joaquim Eugênio Gomes da Silva, de apelido Nheco (1856-1908), que assumiu, em 1881, o controle das terras que haviam sido de seu pai, o Barão de Vila Maria (1825-1876), abandonadas durante a Guerra do Paraguai.⁷

A reconstrução da fazenda Firme, sede da imensa extensão dessas terras, deu-se com a ajuda de toda a família, que depois dividiu entre si a maior parte da região e transformou o local em propriedades de pessoas com estreitos laços familiares.

A área da Nhecolândia está localizada, em sua maioria, no município de Corumbá, e uma pequena parte em Rio Verde de Mato Grosso. O território conta com 23.574 Km².⁸ O Nheco desenvolveu a pecuária de corte em toda a região, que fica entre os rios Taquari, ao norte, e Negro, ao sul. A Nhecolândia tornou-se um grande pólo produtivo e atraiu uma população formada por indígenas, negros e mestiços de toda a redondeza.

Nas palavras de José de Barros Neto (2001:33), a Nhecolândia era um sertão bravio, com fauna riquíssima, dispersa entre miríades de lagoas e vazantes, cerrados e baixadas. Pastagem abundante e farta. O gado bovino teria, ali, encontrado o seu verdadeiro habitat.

Com algum tempo, a Nhecolândia prosperou bastante; os pecuaristas trabalhavam em suas próprias células e os descendentes dos pioneiros já não queriam dedicar seus esforços à manutenção e expansão das propriedades. Começaram então, a buscar condições de estudos nos grandes centros, e por lá se estabeleceram como médicos, advogados, engenheiros, etc. Gilberto Alves (2004:27) diz que até mesmo os filhos dos agregados de confiança, que desfrutavam o mesmo status dos familiares, foram atraídos pela cidade.

⁷ Ver Proença, 1992.

⁸ Dados fornecidos pela Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes (1974) cf. Proença 2002, p. 89.

Desse modo, foi necessário criar uma nova frente de trabalhadores para suprir o desfalque de mão-de-obra. É nesse contexto, segundo José de Barros Neto, que aparece o diarista:

“Os diaristas são então contratados quase sempre apenas durante os trabalhos de gado, sendo logo após dispensados sumariamente, como também os mesmos sem nenhum compromisso assumido, podem deixar o emprego no dia em que desejarem. Embora na maioria das vezes haja um certo compromisso moral quanto a um contrato de trabalho.” (cf. Alves, 2004:47)

A chegada dessa nova classe de empregados mudou a relação entre os proprietários e seus subordinados, que antes eram parentes ou agregados de confiança, e passou, então, a existir uma relação de patrão e empregado. Mudou também a dinâmica da convivência: o que antes era um relacionamento de laços estreitos entre poucas pessoas, de interesses comuns e de longa data, agora passava a um convívio curto e imediato.

Nesse contexto, muitos trabalhadores foram atraídos à região, que se tornou o principal pólo para serviços rurais no Pantanal, e lá passaram a pertencer ao ambiente pantaneiro e a manter contato com a cultura local. Nesses termos, dos dez contadores com os quais conversamos para este trabalho, nove narram passagens ocorridas na Nhecolândia. Apenas o Carlão foge a essa regra e conta as histórias que se passaram em outra região, o Pantanal do Poconé.

3.5- O pantaneiro

Os caminhos mudam com o tempo
Só o tempo muda um coração
Segue seu destino boiadeiro
Que a boiada foi no caminhão
A fogueira à noite
Redes no galpão
O paieiro, a moda
O mate, a prosa, saga, sina, causo e onça
Tem mais não
Oh! Peão

(Almir Sater, *Peão*)

Viver no Pantanal não é para qualquer um. Tem que ser corajoso para enfrentar as dificuldades dessa terra de água. O Pantanal, além de um espaço geográfico, é um estado de movência. É possível perceber, nesse lugar em formação, as mudanças do ecossistema, dia após dia. Depois de cada enchente, de cada vazante, o homem pantaneiro vê sua paisagem modificada, transformada. E o próprio homem, nesse ambiente, torna-se uma novidade para a Natureza. Aclaram-nos, dessa maneira, as palavras que Merleau-Ponty escreveu sobre o ponto de vista de Schelling (1775-1854):

“Schelling apresenta o aparecimento do homem como uma espécie de recriação do mundo, como o advento de uma abertura. A Natureza, por essa abertura, quando chega a criar o homem, vê-se ultrapassada em algo novo. Mas o inverso é igualmente verdadeiro. Não só a Natureza deve tornar-se visão, mas é preciso que o homem se torne Natureza: ‘Os filósofos, em suas visões, tornaram-se Natureza.’”(Merleau-Ponty, 2000:77)

Em regiões como o Pantanal, onde o ambiente e a Natureza aparecem em proporções gigantescas, o homem não tem o direito de sentir-se o “centro do universo”, e a impressão que temos é a de que ele é tragado pelo espaço em que vive, e é esse meio natural que determina suas ações.

A grandeza desse espaço implica na própria percepção da consciência humana diante da realidade. Foi Maria Cristina Campos, que é uma estudiosa nascida e criada nas imensidões pantaneiras, que nos chamou a atenção para a variação de sentidos diante desse universo tão particular. Em sua apresentação de *A Lenda do Pé-de-Garrafa*, no XXIII Simpósio Nacional de História, em julho de 2005, em Londrina, Maria Cristina

relatou sua própria experiência com o mito, atribuindo à percepção “alterada” da consciência, diante do ambiente pantaneiro, a possibilidade de tal manifestação.

O comando da Natureza é, dessa forma, explicado pelo homem através dos mitos e lendas das matas. Assim como diz Dollfus (1931-2005), citado por Mário César Leite:

“O espaço geográfico é um espaço percebido e sentido pelos homens em função tanto de seus sistemas de pensamento como de suas necessidades. À percepção do espaço real, campo, aldeia ou cidade, vêm somar-se ou combinar-se elementos irracionais, míticos ou religiosos. (...) Quase todas as populações constituídas de pescadores, de caçadores e de coletores adquirem uma visão precisa – embora especializada no conhecimento dos meios que permitem sua sobrevivência – do espaço por eles freqüentado; esta percepção do espaço, a um tempo exata e concreta, pode somar-se ou superpor-se a uma visão mítica ou cosmológica da natureza.” (Silva Leite, 2003: 52-53)

Desse assunto, no entanto, trataremos mais adiante. Por ora, queremos conhecer apenas quem é este ser que deixa o ambiente reger sua história e a quem chamamos pantaneiro.

Para Albana Xavier Nogueira (2002:25), Pantanal e pantaneiro são duas entidades que se fundem numa realidade antropogeográfica única. Consideramos pantaneiro aos que se autodenominam como tal e que, de algum modo, tenham sua história ligada a essa região.

Na definição de Mário César Leite (1998:51), de maneira geral, utiliza-se o termo *pantaneiro*, mas ele se refere muito mais, e fundamentalmente, a uma caracterização devida ao espaço geográfico e não às condições sociais e econômicas dessa população como um todo.

Essa categoria, diz Álvaro Banducci, abrange os indivíduos que compartilham os hábitos e valores da cultura local e que se submetem às suas regras de convívio social:

“As razões pelas quais assim me refiro aos trabalhadores da fazenda de gado (...) – sem considerar a complexidade que a existência dos demais grupos sociais da região coloca à definição da categoria ‘pantaneiro’ – são de duas ordens. A primeira é que os vaqueiros, além de serem os primeiros homens brancos a se fixarem na região, tornaram-se a categoria social predominante no Pantanal. Em segundo lugar, e o mais importante, é que eles mesmos se definem como pantaneiros. E o fazem não apenas numa alusão espacial, mas com base em uma história comum, em regras e redes de sociabilidade por eles tecidas através dos

anos, pela convivência com um ambiente diferenciado e pelas formas de expressão do imaginário, características de seu meio social e físico.” (Banducci, 1998:15)

Essa definição do Álvaro Banducci é a que explica melhor o pantaneiro sob o ponto de vista escolhido para este trabalho. As pessoas que contatamos são pantaneiros em trânsito, isto é, que por algum motivo já não estão mais no Pantanal, mas que foram marcados pela cultura da região.

A população pantaneira é bem sortida, e conta com diversos segmentos sociais. Há os índios nativos, há os pescadores ribeirinhos, os isqueiros, pessoas que coletam iscas para os pescadores que vêm de longe, pequenos agricultores, etc. Mas, nos atentaremos apenas para os pantaneiros das zonas pastoris.

Os habitantes da região pastoril pantaneira são alguns poucos proprietários de terras, pois, como vimos acima, na região, predominam os grandes latifúndios e seus donos vivem na cidade; administradores de fazendas, muitas vezes com a família, cabendo à esposa os trabalhos domésticos; peões de campo, capatazes, peões de praia,⁹ tratoristas, roceiros, cozinheiras, limpadeiras, empreiteiros, que são contratados para fazer cerca, poços ou alguma outra construção.

Nas palavras de Álvaro Banducci (1998:43), o grupo de trabalhadores que mais se destaca numa unidade pastoril, tanto por seu número quanto pela importância do trabalho que desenvolve, é aquele ligado diretamente com as atividades do gado, formado pelos peões de campo, chamados na região de “campeiros”.

O autêntico vaqueiro, nos diz Albana Xavier Nogueira (2002:38), é competente na sua profissão; hábil condutor de boiadas; apto a desenvolver as atividades de rodeio, de doma, de carneada, de apartação; ágil no laço; valente na bagualação e caprichoso artesão do couro.

Para dormir à noite e *sestar* de dia, os peões têm seu lugarzinho. Os alojamentos típicos dos campeiros são os galpões, que Albana assim descreve:

“Um tipo de abrigo rústico, característico das fazendas, e o galpão dos peões itinerantes. Nele, os vaqueiros guardam suas traíias, armam suas redes, e, quando largam cedo a lida do campo, jogam umas partidas de truço, escutam rádio, tocam

⁹ Praia é o espaço que circunda a sede (chamada casa-grande), e os serviços desses peões são os referentes a esse espaço, como a horta, o pomar, a criação de porcos, galinhas, etc.

violão, contam piadas. Em outros tempos era um anexo da casa do patrão.”
(Nogueira, 2002:48)

A feição do pantaneiro segue o biótipo do caboclo, mestiço de índio, branco e negro. Mas predomina, nesses homens, os traços trazidos pelos paraguaios e bolivianos. Augusto César Proença diz o seguinte a esse respeito:

“O vaqueiro se originou do índio: do guató, do guaná, dos xamacocos e guaicurús, os primitivos donos da terra; também do negro escravo que veio para as minas de ouro e, depois, para as plantações de cana. Acompanhou o desbravador por caminhos vários e, já no Sul, recebeu a influência do sangue paraguaio, absorvendo-lhe os costumes, os traços fisionômicos, formando um tipo diferente do vaqueiro do Norte: o típico poconeano.”(Proença, 1977:63)

Dos povos paraguaios e bolivianos, o pantaneiro recebeu também a maneira de pronunciar as palavras com um acento castelhano em seu português estilizado, trazido pelos caipiras paulistas. Essa característica do modo de falar na região fronteira do Pantanal é observada por Ana Maria de Oliveira, que destaca:

“Vale ressaltar, que na relação homem/ambiente, homem/cultura podemos observar, também, a relação entre diferentes idiomas. Por sua vez, o colonizador, ao assimilar um considerável número de vocábulos de origem indígena e africana e, posteriormente, de povos hispano-americanos, contribuiu para a estruturação do léxico regional, por meio de seu modo peculiar de expressão.” (Oliveira 2001:112)

Essa predominância do peão de campo reflete-se também entre os contadores de *causos*. Todos os narradores que nos foram indicados, e aqueles com quem conversamos, foram ou são campeiros, com a exceção de Seu Perigoso. Seu modo de vida, com trabalhos em lugares isolados, viajando em comitiva para transportar o gado de um lugar para outro, distante da família e em grupo de colegas, propicia o ambiente para a narração. No descanso depois das refeições, nas rodas de tereré, e no pé da fogueira, antes de dormir, o entretenimento dos peões é contar e ouvir *causos*.

O progresso, entretanto, vem modificando os hábitos sociais dos campeiros. As comitivas, por exemplo, que eram feitas em grandes distâncias, com viagens interestaduais que levavam meses para serem concluídas, foram substituídas pelos

caminhões e, hoje, as viagens reduzem-se a pequenos trechos, de uma fazenda para outra. Também a chegada dos meios de comunicação de massa ao Pantanal desviou um pouco da atenção dedicada às histórias contadas para as assistidas no rádio e na televisão.

O fenômeno causado pelo progresso interfere na liberdade de criação dos narradores, os quais, muitas vezes, sentem-se encabulados ao tratar de assuntos que possam parecer anacrônicos e pertencentes a um estado de ignorância. Ninguém quer ficar com fama de atrasado. Situação semelhante, encontrou o mestre Antônio Cândido entre os caipiras do interior paulista, há algumas décadas:

“Um grupo que se sentia equilibrado e provido do necessário à vida, quando se equiparava aos demais grupos de mesmo teor, sente-se bruscamente desajustado, mal aquinhado, quando se equipara ao morador das cidades, cujos bens de consumo e equipamento material penetram hoje no recesso da sua vida, pela facilidade das comunicações, a multiplicidade dos contactos, a penetração dos novos estilos do viver.” (Cândido, 2001:171)

Essas novidades já fazem parte da realidade pantaneira e sentimos a transformação que se reflete no repertório dos *causos* pantaneiros. O Seu Perigoso é um dos que vivem enfiando televisão, rádio-amador, aparelho de som, dentro de seus poços. Os antigos modos dos peões ainda aparecem, mas, como no verso de Almir Sater, cantor e compositor que abriu este subcapítulo, mostram a face da nostalgia dos costumes que já fazem parte do passado.

3.6- Os narradores do Pantanal

No uso de cantos e recontos
O pantaneiro encontra o seu ser.
Aqui ele alcança a altura das manhãs
E os cinzentos do entardecer.

(Manoel de Barros, 1999)

Como percebemos até aqui, o ambiente pantaneiro, com suas grandes distâncias, os seus trabalhos que exigem coragem e, principalmente, os seus mistérios, que o conhecimento dos moradores não alcança, tornam-se, a nosso ver, um terreno fértil para a narração de histórias.

Quando sobra tempo para o descanso, os peões juntam-se para tomar o tereré, ou esquentar fogo no inverno. Nesses momentos, é que se inicia o ritual para a transmissão de histórias do cotidiano, como as caçadas ou pescarias, que sempre apresentam situações de perigo, com animais ferozes ou de tamanho descomunal. Surgem, também, os assuntos de seres sobrenaturais, que são do meio da mata ou de outro mundo. Aparecem os *causos* dos tesouros escondidos durante a guerra do Paraguai, em que algumas pessoas são escolhidas para retirá-los de seus esconderijos; de luzes que aparecem do nada e de pessoas que têm o poder de espantar cobras ou curar doenças com rezas. Enfim, os temas da realidade pantaneira, que despertam interesse e curiosidade nos peões, são invocados para a roda da conversa e materializados na voz de um contador.

Nem todos os peões dispõem do talento para contar e atrair a atenção dos colegas com suas narrativas. O próprio estilo de vida, com predomínio do resguardo, do medo de falar enganos e ser julgado pelos demais, fazem com que poucos pantaneiros se permitam narrar suas histórias. Para se desnudar em palavras, o pantaneiro é medroso. O bom contador é imediatamente reconhecido por seus companheiros.

Esses narradores ganham fama e tornam-se ilustres entre os amigos. Eles são os responsáveis pelo entretenimento e bem-estar nas horas de ócio. Houve tempo, em que alguns contadores ganhavam tamanha notoriedade que faziam incursões por várias fazendas, contando suas histórias e animando as noites pantaneiras.

O repertório narrativo da região foi sendo construído com elementos trazidos pelos vários povos que transitaram pela localidade no decorrer dos anos. Sobre a tipologia dos *causos*, nos aprofundaremos mais adiante, mas, por enquanto, é importante termos a noção de onde vieram algumas das características dos relatos que aparecem no Pantanal. Augusto César Proença faz um apanhado dessas características:

“Assim, do português, através do mameluco paulista, o Pantanal absorveu a maior quantidade de assombrações, representadas pelo lobisomem, pela mula-sem-cabeça, pelo pé-de-garrafa; figuras mitológicas de bichos, os mesmos que assmbraram os meninos das nossas casas-grandes e fantasiaram as “estórias” que as mucamas contavam nos dias de chuva ao pé de um fogão de lenha. Essas figuras místicas, todas elas cercadas por lendas, misturavam-se com as dos índios: com a do Mãozão (uma espécie de pai-do-mato), com a da anta bondosa que protege as crianças que entram ou se perdem no mato, com a do bicho-papão, dos negros. E,

juntas passaram a habitar o Pantanal e a imaginação do povo.” (Proença, 1997:159)

A vocação para criar e narrar *causos* não está associada à faixa etária do contador. Parece óbvio que as experiências dos mais idosos ampliem as possibilidades narrativas, mas alguns contadores, já na adolescência, sobressaem-se ao narrar histórias. Em nossa peregrinação em busca dos narradores, aconteceu um episódio que pode ilustrar essa independência etária no bom contador.

Foi o seguinte. Avisados de que havia um bom contador de *causos* na cidade de Aquidauana, para lá nos dirigimos. Seu nome era Helinho e ele nos recebeu em seu trabalho, no parque de exposições agropecuárias da cidade, com um belo almoço e seu filho de doze anos. O Helinho era muito boa gente, tinha uma vasta experiência em conduzir boiadas e tratava de vários assuntos sobre a vida pantaneira. Mas, não sabemos se por nervosismo ou coisa parecida, suas informações não apareciam em formas de histórias. Eram respostas sem um fio narrativo com início, meio e fim. De repente, seu filho, que estava ao lado, disse:

– Pai, conta aquela história da luz que te apareceu um dia.

E o Helinho perguntou que história era essa. O menino, que se chamava Rafael, contou um ótimo *causo* de Luz Misteriosa, com todos os requintes de um bom narrador. Esse encontro foi muito produtivo para a nossa percepção quanto à importância da idade nos contadores.

Contudo, existe uma admiração pelos narradores de mais idade, e os jovens lhe dão primazia no momento dos relatos. Albana Nogueira (2002:41-41) observa o respeito à experiência e à sabedoria dos mais velhos, que são apontados pelos mais moços como conhecedores da realidade regional. E diz, ainda, que assim como gostam de contar suas façanhas, também gostam de ouvir os mais experientes.

Para este trabalho, conversamos com contadores jovens, como o Carlão, que estava com 42 anos em nosso primeiro encontro, e com idosos como o Seu Benjamim, que tinha

86 anos.¹⁰ Mas, apesar de haveremos selecionado dez narradores, que analisamos nesta pesquisa, ouvimos ainda, como já foi dito, contadores auxiliares, que estavam presentes às conversas e emitiam seus próprios relatos. Entre estes, ouvimos Henrique, de 19 anos, amigo de Carlão, que nos contou algumas histórias de Seres Imaginários, incluindo uma versão da conhecida história do mito do Mãozão:

- *“Ah, eu vi falá que uma veis lá, tinha um cara que duvidava muito do mãozão. Aí, uma veis ele... Aí lá, pior é que tem memo ele. Mai a turma fala que num tem. Mais, tem sim. Ele duvidava, né. Aí um dia, ele teve que saí sozinho de madrugada, só ele, sozinho. Aí, esse bicho pegô ele lá. Pegô e carregô, memo. Levô ele po mato. Aí viro ele uma veis no mato lá. Mais só que, o bicho tava ventano igual gado, corria memo. E a gente corria, é! Mai só que pegaro ele, né. Pegaro ele no laço, diz-que.*

- *Pegaro o cara, né? (Carlão)*

- *É, pegaro o cara.*

- ***E ele estava perturbado?***

- *Tava, meio lóco de pedra. Levaro ele no benzedô, né, vortô ao normal de novo.”¹¹*

A intimidade dos jovens com os mitos que povoam a região explica-se pelo contato com as histórias, principalmente as fantásticas, que se dá muito cedo na educação das crianças no Pantanal. Proença (1997:159) relata que o menino pantaneiro sempre cresceu cercado por essas entidades sobrenaturais, que o fizeram comer quando sem apetite ou tornar-se obediente quando desobediente, pois, a este, bastava um aviso de “óia o bicho!” – “Lá vem o bicho!” – que se comportava logo.

Com esse exemplo de Proença, podemos perceber um elemento que acreditamos ter primordial importância na formação da cultura narrativa pantaneira. Estamos nos referindo à superação do medo.

¹⁰ Todos os contadores tiveram a maior parte das conversas gravadas no ano de 2004, e é com base nesse ano que aludimos às suas idades.

¹¹ Henrique (seguindo as normas estabelecidas para este trabalho, o narrador principal aparece sem indicações, o pesquisador aparece em negrito e um terceiro locutor é identificado entre parênteses, no caso, Carlão).

3.6.1- Os vencedores do medo

Para esclarecer melhor sobre esse tempo de bravura, tento aqui narrar um episódio dos mais contados e conhecidos dessa época em que homens brigavam corpo-a-corpo com as feras.

(Augusto César Proença 1977:111)

O Pantanal desperta, nos homens e mulheres que o pisam, variados sentimentos e sensações. Negativo e positivo vivem em tensão diante de tanto deslumbramento. Mas, atentos às conversas dessas pessoas pantaneiras, em poucos momentos percebemos que o pai de todos os sentimentos, nesta região, é o medo.

Se prestarmos atenção aos *causos* ouvidos para este trabalho, notaremos que o enfoque principal de cada narrativa é a luta pela superação do medo, que é o protagonista nas histórias escutadas pelo pantaneiro desde criança. Por esse caminho, podemos deduzir que o contador de *causos* é também um vencedor do medo.

Os principais atores das narrativas estão sempre sendo postos à prova por obstáculos de seu cotidiano. Nas histórias narradas em primeira pessoa, cujo agente principal é o próprio narrador, as barreiras, com muita dificuldade, são sempre superadas. O Seu Oscar, por exemplo, diz temer a sucuri porque é um bicho que acaba com a vida até de animais grandes como a vaca. Ele conta um *causo* (2.1.B) de uma sucuri que entrou em seu galinheiro durante a noite e se enrolou em uma galinha. Com o barulho da galinha, acrescenta, ele se levantou com cuidado e foi ver se era alguém armando uma tocaia. Quando não viu vulto de ninguém, deduziu que era a cobra. Voltou para pegar um crivo e deu-lhe uma crivada na cabeça, porque, segundo ele, o único jeito de se matar sucuri é ferindo-a na cabeça. O Seu Oscar diz que era uma sucuri pequena, filhote, não passava de cinco metros.

Nos relatos sobre uma terceira pessoa, esta superação é variável. Sempre há alguém que se dá mal com os perigos do Pantanal, e esse alguém nunca é o narrador da história. Quando se fala dos outros, às vezes o personagem principal sai vencedor, mas, na maioria das vezes, sai derrotado.

Compreendendo que o contador apóia-se na superação do medo, encontramos, no *causo*, uma tradicional característica das antigas narrativas orais: o heroísmo.

3.6.2- Os contadores heróis ou os heróis contadores

Faz parte do Universo heróico, em sua mais ampla configuração, em que há sempre o ato salvador, inaugural, a triunfar contra forças adversas, e que se faça contra monstros, trevas ou caos são semelhantes os mecanismos de seu desenvolvimento e o alcance de sua proposta.

(Braun, cf. Pires Ferreira, 1993:68)

As vitórias dos homens sobre as adversidades da vida são contadas há muito tempo. O tema do heroísmo individual exacerbado povoa histórias e, conseqüentemente, os *causos* das várias regiões do Brasil. No Pantanal não é diferente.

Os contadores recorrem, com freqüência, à temática dos confrontos entre os peões pantaneiros e os obstáculos que, por sua natureza, estariam muito acima das forças humanas. Entre estes, estão as feras da região, os seres sobrenaturais, o perigo constante da lida no campo e as intempéries naturais. A coragem desse enfrentamento torna-se a própria ação, que é relatada na forma de *causo*. Jerusa Pires Ferreira, lembrando Paul Zumthor, nos diz a esse respeito:

“Ao falar-nos de heroísmos diz-nos Zumthor (Paris, 1972:234) desta palavra vaga, quase incolor mas que, no caso de gesta medieval, designaria o maravilhamento suscitado na comunidade humana pelo reconhecimento do seu poder de agir.” (Pires Ferreira, 1993:75)

Os obstáculos acompanham os heróis dos *causos* pantaneiros, que conseguem superá-los, usando seus atributos especiais. Na maior parte das histórias, o próprio narrador é a personificação do combatente e as narrativas apresentam suas próprias experiências.

Os *causos* pantaneiros de heroísmos encontram pares em vários momentos da tradição oral. Jerusa faz, ainda, o seguinte comentário sobre os heróis dos folhetos de Cavalaria de Cordel:

“Há uma linha genérica e típica de constitutivos a cumprirem-se: o herói e suas armas, sua coragem e sua força, sua sagacidade e disposição enquanto, por outro lado, o adversário é o permanente monstro, de modo geral qualificado de

fera horrorosa, monstro, serpente, dragão, pantera, gigante ou conjunção destes elementos. A obstaculização constituída por portas, portões e feras, serpentes e monstros”. (Pires Ferreira, 1993:77)

É como na história do Carlão, capataz da fazenda Carolina, na cidade de Rio Negro. Ele nos disse, no *Causo da onça que foi laçada por engano* (4.3.A), que certa vez estava *bagualando* no campo, perto de uma restinga, no Pantanal. De repente, o boi arisco entrou na restinga e não sobrou alternativa senão entrar atrás do boi. Atravessaram o mato e, quando saíram no limpo, o Carlão trazia restos de cipó no rosto, o que lhe atrapalhava a visão. Mesmo assim, disse ele, mirou no bicho e jogou o laço. Depois de laçado, a surpresa. Na confusão que se fez dentro da restinga, o Carlão saiu perseguindo uma onça, e era ela que estava laçada no chão. Deixando o animal amarrado, o Carlão saiu a contar para um amigo, e este não acreditou. Carlão levou-o para mostrar seu feito e resolveu dar um picote na orelha da onça para lembrarem, sempre que a vissem que era a onça que o Carlão tinha laçado.

Causos como este do Carlão correm entre os peões das fazendas, e certa fama sempre é atribuída ao contador. Na maior parte das vezes, a de que o herói não passa de um mentiroso, ou um bom contador de *causo*.

O discurso do heroísmo sempre esteve presente nas sociedades de cultura oral. Paul Zumthor descreve algumas histórias, que foram adaptadas para a escrita, em que a figura do herói tem destaque. Em sua *Introdução à Poesia Oral*, Zumthor chama a atenção para o ciclo de Shaka, extraído da África:

“A África contemporânea oferece o exemplo notável do ciclo de Shaka. Este guerreiro do início do séc. XIX, fundador do império zulu, tornou-se, ainda vivo, o herói de canções líricas ou épicas cuja tradição oral continua até nossos dias. Em 1925, Thomas Mofolo, um Basuto alfabetizado, extraiu de alguns destes cantos a matéria de um romance, primeiro texto literário escrito em sua língua. Daí provêm uma tradição, em sotho, em zulu, em inglês, incessantemente reanimada pelo contacto com a poesia oral, enquanto que, após as independências, a figura de Shaka ganhava, como mito literário que carrega todo o patético do destino africano, terras longínquas: da Zâmbia ao Congo, à Guiné, ao Senegal, ao Mali. E a maioria das obras que, em inglês ou francês, lhe foram consagradas desde 1956 revestem a forma dramática... ou seja, a mais próxima da pura oralidade!” (Zumthor 1997:39)

Assim como no exemplo de Zumthor, o ciclo do heroísmo também adentrou o campo da literatura brasileira, principalmente com autores que preservaram certa intimidade com a tradição oral, como Graciliano Ramos (1892-1953), Guimarães Rosa (1908-1967) e José Lins do Rego (1901-1957).

Mas é na própria oralidade que esse tema continua vivo e dinâmico. Em cada região, onde as pessoas se reúnem para contar e ouvir histórias, chega a lembrança de feitos e façanhas de indivíduos fortes que enfrentam e vencem as mais diversas dificuldades se apegando a um sentimento, a coragem.

Não estaremos nos arriscando demasiadamente ao afirmar que o heroísmo permeia toda a narrativa oral que denominamos *causo pantaneiro*. Verificamos a presença constante desse elemento ao tentarmos encontrar uma tipologia dos *causos*.

Mas, ao tomarmos a função heróica como norteadora das narrativas pantaneiras, devemos ampliar nosso conceito de herói. Para o nosso estudo, o heroísmo não pode ficar restrito apenas ao significado da coragem individual exacerbada. Temos que entender, nesse termo, um conjunto de qualidades que identifica no herói um ser especial, capaz de fazer coisas extraordinárias a partir de atributos que podem ir além da coragem, a sorte, o prestígio, a sabedoria ou algum outro predicado que o faça superior à pessoa comum.

É nesse sentido que, quando encontramos características de superioridade ou privilégio nos personagens dos *causos*, principalmente os narrados em primeira pessoa, cujos protagonistas são os próprios narradores, verificamos sua aura heróica.

O Seu Perigoso pode ilustrar esse modelo de herói, quando conta, no *Causo do contato com o presidente* (2.20.N), que o próprio presidente da República entrou em contato com ele, convidando-o para uma caçada, e ele o tratou até com certo desdém. Diz que lhe passou seu endereço e telefone (um número imaginário: quatrocentos mil e oitocentos e setenta e oito) para que o presidente o chamasse.

Essa postura de superioridade assumida pelo contador, na autoconfiança em que diz desdenhar até mesmo a maior autoridade política do país, o coloca, mesmo sem estar relatando nenhum ato de bravura, na condição de um grande herói.

Esse heroísmo está presente, como veremos mais adiante, em toda a tentativa de uma tipologia dos *causos* pantaneiros. Antes de descrevermos essa tipologia, no entanto, nos deteremos um pouco mais na definição de *causo*.

CAPÍTULO IV

Em busca de sua definição: os *causos*

Se a noite me leva de dia todo dia eu faço
a noite
Se a lua produz alegria todo dia hoje eu
faço a noite
Eu ontem sonhei com esse instante pra
hoje sentir seu encanto
Em forma de *causos* e contos ou lendas
dos mitos caipiras
Saci-pererê curupira também faz a noite
fazendo
Fazenda Madre Canaã

(A. Saad e G. Espíndola; Madre Canaã)

As histórias contadas pelos pantaneiros de talento devem fazer parte de um gênero narrativo, uma poética, como queremos sustentar. Já verificamos que esse gênero é oral e é regional. Os narradores chamam a essas histórias de *causos* e isso também já é sabido. Agora, temos que definir esse nosso objeto de trabalho.

A palavra *causo* é citada por Houaiss, entre outras definições, como “*o que aconteceu; acontecido, caso, ocorrido*” e também como “*narração ger. falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real; caso, história, conto*”. (Houaiss, 2001; 658).

Tomando as definições de *causo*, podemos verificar algumas utilizações das formas integrantes da essência etimológica desta palavra. João Guimarães Rosa, por exemplo, cita a palavra “*caso*” para identificar algo muito semelhante ao que denominamos “*causo*”, principalmente em sua dinâmica. Em sua obra *Sagarana* (1950), encontramos:

— *Ora, ora!... Esses é que são os mais!... Boi fala o tempo todo. Eu até posso contar um caso acontecido que se deu.*
— *Só se eu tiver licença de recontar diferente, enfeitado e acrescentado ponto e pouco...*
— *Feito! Eu acho que assim até fica mais merecido, que não seja.*
E começou o caso, na encruzilhada da Ibiuva, logo após, a cava do Mata-Quatro...
(Rosa, 1984:303-304)

Apesar de a palavra “causo” se aproximar mais de “caso”, e termos a impressão de que ela é uma variante dessa palavra, nascida, provavelmente, na boca dos nossos povos rurais, chamados caipiras, no que diz respeito à classificação literária ela tem outro significado. Pela definição de Houaiss, já temos uma noção de que o *causo* está próximo ao conto, enquanto gênero literário, e é próximo ao conto que devemos buscar sua origem. Na concepção de Vladimir Propp, encontramos um importante argumento para entendermos o início desse tipo de narrativa curta:

“A origem do conto não está ligada à base econômica de produção em curso no início do século XIX, quando se começou a registrá-lo. É com a realidade histórica do passado que devemos confrontar o conto e ali procurar suas raízes.”
(Propp 2002:07)

Como percebemos até aqui, o *causo* segue essa linha histórica sugerida por Propp, e podemos observar, por exemplo, a importância de eventos históricos, como a invasão ibérica no Pantanal ou a guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, sendo fatores determinantes da temática pantaneira. Sobre a guerra, nos aprofundaremos mais adiante.

Continuando pela palavra, em *Os Parceiros do Rio Bonito*, Antônio Cândido, dentro do contexto caipira, já utiliza a palavra “causo” para designar algo maior que um simples caso. Ele atribui-lhe uma aura de gênero. Um gênero que engloba uma série de modalidades, de temáticas, de intenções:

*“Sabia-se muita coisa. Havia gente que começava a contar **causos** de manhã cedo e ainda não tinha parado à hora do almoço. Eram casos de santos, de bichos, de milagres, do Pedro Malasarte, e instruíam muito, porque explicavam as coisas como eram. Por isso havia respeito e temor: os filhos obedeciam aos pais, os moços aos velhos, os afilhados aos padrinhos e todos à Lei de Deus.”*(Cândido, 2001:245)

Depois das palavras do professor Antônio Cândido, vamos tentar fazer uma localização das narrativas que recebem a denominação de *causo* e que aparecem em três regiões brasileiras, divididas em *Causos Sertanejos*, *Causos Caipiras* e *Causos Pantaneiros*.

Identificamos, em primeiro lugar, os *causos sertanejos*, que são os que, muitas vezes, recebem o nome de caso, e são apresentados, por exemplo, por João Guimarães Rosa. Essa narrativa estaria no interior de Minas Gerais, de Goiás e nas partes áridas do Nordeste, comumente denominadas sertão. Remontaria ao Brasil Colônia e representaria a face popular da cultura oral vinda de Portugal e da África.

Em seguida, encontramos os *causos caipiras*, que estariam presentes no Sul do país, no interior de São Paulo e em algumas partes do Centro-oeste. Essa narrativa estaria ligada à fase da imigração européia para o Brasil, a partir de meados do século XIX. Representa o repertório do povo que se fixou nas zonas rurais dessas regiões e criou uma cultura mestiça particular.

Os últimos são os *causos pantaneiros*, principal objeto deste trabalho. Situados no Pantanal, apresentam toda uma gama de características que vimos aprofundando desde o início destas páginas.

Seguimos nossa empreitada apenas com a versão pantaneira dos *causos*, para tratarmos das definições aqui sugeridas. A grande complexidade da questão é motivo mais que suficiente por nossa opção em concentrarmo-nos apenas nas narrativas do Pantanal.

Não existe, até o momento, uma teoria definitiva formulada sobre o *causo*. Os estudos sobre o assunto voltam-se para os registros e análises de seus componentes, tais como: os mitos, as lendas, as histórias. Em algumas pesquisas, o *causo* está englobado entre os contos.

A nossa intenção é dar ao *causo* uma feição de gênero. Apontar características que possam distingui-lo do conto ou outras narrativas. Reconhecer uma *poética* tanto no sertanejo, como no caipira, mas principalmente no pantaneiro. Nas palavras de Paul Zumthor, encontramos a seguinte definição de *poética*:

“A prática (discursiva) em questão apresenta a particularidade de tomar simultaneamente como material, como assunto e campo de atividade a língua e o imaginário. Pode-se, portanto, considerar o uso lingüístico de uma comunidade humana como uma rede de práticas tendo por finalidade a comunicação e a representação, porém estruturadas de tal modo que necessariamente uma entre elas, metamimética, vise a linguagem como tal, que eu chamo (na seqüência de outras...) poética.”(Zumthor, 2000:56)

Neste trabalho, usaremos sempre o termo *poética*, tal como a apresenta Zumthor, para definir as narrativas orais pantaneiras, deixando de lado o termo Literatura Oral. Esta opção continua seguindo a linha de Zumthor, que nos define “literatura” da seguinte maneira:

“A noção de ‘literatura’ é historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo: ela se refere à civilização européia, entre os séculos XVII ou XVIII e hoje. Eu a distingo claramente da idéia de poesia, que é para mim a de uma arte da linguagem humana, independente de seu modo de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas.”(Zumthor, 2000:15)

Os conceitos de literatura e o de *poética*, no entanto, não afastam as características comuns às duas formas de expressão. Ainda que tais conceitos sejam diferentes, eles mantêm, entre si, elementos comuns. A partir da definição de literatura de Zumthor, vejamos os pontos que os aproxima:

*“O que, há séculos, denominamos “literatura” é uma das manifestações culturais da existência do homem. Essa manifestação sobressai da ordem das atividades às quais pode-se dar o nome de artísticas, naquilo que elas postulam a existência de um sistema organizado, de expressão da comunidade; postulam uma ordem social que lhes garante a existência e a duração: não é a toa que literatura e poesia vêm sempre abonar essa ordem (e talvez o contrário!) mas elas lhe comprometem a existência. Isto mesmo supõe a necessidade e a convergência de três elementos, constitutivos de toda literatura e também da poesia, em sua universalidade. Por um lado, um grupo de produtores de textos, fabricando objetos que se poderia qualificar poéticos ou literários. Esses produtores são assim identificados pelo grupo. Segundo, um conjunto de textos que sejam socialmente considerados como tendo um valor em si próprios. Esse valor, que qualificamos de literário ou poético, poderia, em outros contextos culturais, receber uma outra espécie de designação, assinalando uma utilidade toda particular. Enfim, terceiro elemento necessário, a participação de um público, recebendo esses contextos como tais. Em cada um desses pontos articula-se um elemento ritual: textos **identificados como tais**, produtores **assim identificados**, público **iniciado**.”* (Zumthor, 2000:55)

Podemos localizar os três elementos convergentes, citados por Zumthor, para ressaltar a validade poética dos *causos pantaneiros*. Encontramos o grupo de produtores de texto, que, em nossa realidade, seria representado pelos contadores, que produzem objetos, narrativas curtas, reconhecidos popularmente. O segundo item, que é o conjunto de

textos, tal como os define o autor, é, para nós, o repertório de narrativas do Pantanal. E, por fim, a terceira face desse triângulo poético seria o público, que, em nosso contexto, são os ouvintes que participam das rodas de conversa e reconhecem as histórias como *causos*.

4.1- A forma do *causo* pantaneiro

A principal característica do *causo* é exatamente a sua relação com a oralidade, em sua expressão, e com a regionalidade, em seu conteúdo. O *causo* é, antes de qualquer coisa, verbalizado. É a comunicação oral através de narrativas. Com essa característica tão forte, o *causo* pode desvencilhar-se das formas impostas pelo tempo, ou pela temática, ou, ainda, pelo estilo de linguagem e renovar-se constantemente.

O que é preservado, nessa dinâmica dos *causos*, é o que Zumthor (2000) chamou de “forma”. Apesar da aparência disforme, encontramos nas narrativas pantaneiras traços que as sustentam, como a brevidade do relato, a presença de fórmulas introdutórias e a teatralidade do contador. A propósito da “forma” narrativa verificada por Zumthor, ele nos descreve suas impressões ao presenciar as apresentações dos cantadores de rua de sua infância:

“O que eu tinha então percebido, sem ter a possibilidade de intelectual de analisar era, no sentido pleno da palavra, uma “forma”: não fixa nem estável, uma forma-força, um dinamismo formalizado; uma forma finalizadora, se assim eu puder traduzir a expressão alemã de Max Luthi, quando ele fala, a propósito de contos, de Zielform: não um esquema que se dobrasse a um assunto, porque a forma não é regida pela regra, ela é a regra. Uma regra a todo instante recriada, existindo apenas na paixão do homem, que a todo instante, adere a ela, num encontro luminoso.” (Zumthor, 2000:33)

Essa regra formal é a mesma adotada pelos contadores de *causos pantaneiros*. O povo desta região utiliza as narrativas para contar, como já vimos anteriormente, coisas de seu universo, de seu cotidiano. Coisas importantes.

Verificaremos, mais tarde, que as histórias narradas no Pantanal são sempre relatos curtos. A própria rotina pantaneira poderia explicar essa característica. O tempo para a narração consiste em pequenos períodos entre um trabalho e outro, e os descansos depois

do almoço e antes de dormir. O trabalho não permitiu que, nessa região, a tradição oral fosse de narrativas de longas horas.

Outro aspecto formal que sugerimos aqui é a iniciação do relato através de fórmulas. Seguindo os moldes das fábulas, com o seu indefectível “era uma vez”, também os *causos* utilizam o recurso para sinalizar o marco inicial de uma história. A maioria das narrativas é iniciada com o “uma vez...”, o que serve também para indefinir o tempo da ação relatada. Outra expressão freqüente é a que indica o lugar da ação, como na história do Carlão: “*Na região aí, tinha dois caçadô...*” (4.6.A). Também damos o nome de fórmula ao recurso de fazer um breve comentário sobre o assunto a ser discorrido. Essas particularidades dos *causos* serão vistas com um detalhamento maior no capítulo V, em que nos acercaremos um pouco mais dos elementos narrativos utilizados pelos pantaneiros.

Mas, para acontecer, o *causo* necessita também de um espectador. Alguém tem de ouvir a narração, tem que receber a mensagem do narrador inserindo-se nela. Diante desse fato, entramos no campo da encenação da narrativa, no terreno que Zumthor chamou de *Performance*. O próprio Zumthor (2000:45) afirma que a *performance* é o único modo vivo de comunicação poética e diz, ainda, que, no uso mais geral, a *performance* refere-se, de modo imediato, a um acontecimento oral e gestual.

O ouvinte do *causo pantaneiro* tem a singularidade de interagir na história, o que provoca uma soma de experiências do mesmo fato e uma cumplicidade na exploração do tema narrado. Áurea Rita Ferreira esteve no Pantanal e fala-nos da interferência da platéia nas narrações que presenciou na região:

“É necessário considerar que as diferentes formas de intervenção do ouvinte no discurso do contador consubstanciam, na Nhecolândia, a prática de contar, em que a narração se estabelece sob o controle direto do auditório que interage com o contador que, por sua vez, ao oportunizar a fala aos interlocutores, contribui para o processo de co-construção ou construção coletiva dos textos num movimento intercambiante de papéis. Efetiva-se, assim, um processo comunicativo que se caracteriza por sua horizontalidade e circularidade, ou seja, não há separação rígida entre emissores e receptores nem hierarquia entre eles.” (Ferreira, 1999:49)

Essa característica dos *causos pantaneiros* amplia para o auditório o conceito de variabilidade verbal, proposto por Ruth Finegann (1976), que é utilizada por narradores

para realçar a beleza ou interesse das idéias contidas em um poema ou em uma história. O narrador pode recorrer a distintas formas de verbalização, o que, junto com a dramatização pessoal que o artista faz da obra literária, gera um produto diferente a cada vez.

Discutiremos a *performance* mais a fundo quando analisarmos a narração dos *causos* partindo de cada contador, podendo, assim, verificar suas individualidades.

Outro aspecto importante de nossa definição é a regionalidade na temática dos *causos pantaneiros*. Essas narrativas apresentam um interesse pelo cotidiano da vida no Pantanal. As histórias a que chamamos *causos* falam do contexto em que está inserido o narrador, ainda que esse contexto já alcance intervenções dos meios de comunicação, como acontece em vários relatos do Seu Perigoso.

A regionalidade dos *causos* e a importância dada às coisas da rotina cotidiana seguem uma tradição antiga da oralidade. Podemos encontrar a presença desses elementos, por exemplo, nas investigações sobre memória coletiva desenvolvidas por Iuri Lotman. Suas palavras nos revelam que, nas antigas comunidades orais, havia duas categorias essenciais de narrativas: as que representavam uma moral, e que deviam ser fixadas nos ouvintes através dos rituais dos mitos; e os meros acontecimentos do dia-a-dia:

“Otro de los tipos de texto que eran creados por la colectividad concernía a la vida cotidiana. Eran comunicados puramente verbales (desde luego, dentro de los límites del inevitable sincretismo del trato verbal, gestual y mimico-entonacional que es característicos de la forma oral del discurso). A diferencia de los textos de tipo mitológico, que narraban acerca de la ley- acerca de lo que ocurrió una vez y desde entonces tenía lugar ininterrumpidamente, o sea, acerca del orden “correcto” del mundo-, estos comunicados contaban sobre los excesos, sobre lo “incorrecto”- sobre lo que ocurrió una vez y no debía repetirse. Los comunicados de este género estaban calculados para una percepción instantánea, no había necesidad de fijarlos en la memoria de la colectividad. No obstante, si surgía la necesidad de recordar, de fijar en la conciencia de las generaciones el recuerdo de algún exceso extraordinariamente importante- hazaña o crimen-, era natural recurrir al aparato de memoria colectiva elaborado por el mecanismo de los textos mitológicos, en el plano de la expresión, eso conducía a una reorganización del comunicado sobre la base del mecanismo sincrético del ritual; y en el plano del contenido, a la mitologización del episodio histórico dado.” (Lotman, 1996:195)

Com esta explicação de Lotman, reconhecemos ainda mais a importância dos *causos* para a memória coletiva de toda a região do Pantanal. Os assuntos cotidianos “registrados” nessas histórias podem servir como instrumento de preservação da própria identidade do povo pantaneiro.

Com a finalidade de apontarmos um modelo formal do *causo pantaneiro*, vimos que essas narrativas são relatos curtos, iniciados com fórmulas e apresentados com recursos performáticos. Percebemos, ainda, um auditório que se mete nas narrações e a importância dos assuntos regionais e cotidianos em sua existência.

4.2- *Causo é coisa de homem*

Nunca vi rastro de cobra
Nem couro de Lobisomem
Se correr o bicho pega
Se ficar o bicho come
Porque eu sou é home
Porque eu sou é home
Menino eu sou é home
Menino eu sou é home

(Antonio de Barros, Homem com H, 1981)

Já foi dito nestas linhas que as rodas de tereré, ou as *sestas* depois do almoço nos galpões e as horas que antecedem o sono são os principais momentos para as narrações de *causos*. Esta singularidade leva os relatos para o âmbito freqüentado, principalmente, pelos homens. É no universo masculino que as histórias pantaneiras transitam.

Nesse contexto, o contador será sempre homem. Também os protagonistas das histórias são homens. O próprio Pantanal assume essa aura, e acontece aqui o fenômeno da *masculinização* das entidades pantaneiras.

Enquanto na Amazônia, para tomar um exemplo de lugar com características semelhantes às da nossa região, encontramos o gênero feminino em mitos que possuem a função de proteger a mata e os elementos naturais, como a Mãe d'Água, a Boiúna¹², a

¹² O mito da Boiúna, *mboiuna*, (cobra preta), de *mboi-açu* (cobra grande), é o mais poderoso e complexo das águas amazônicas. “(...) Senhora dos elementos, a Cobra-grande tinha poderes cosmogônicos, explicando a origem dos animais, aves, peixes, o dia e a noite”. (Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 11ª. ed. , 2001, p. 144)

Iara e a Matinta Pereira, no Pantanal, os protetores são masculinos. Tomemos, como exemplo, o Pai-da-mata, o Mãozão ou o Cavaleiro-sem-cabeça.

Também são homens os rezadores e curandeiros. De todos os *causos* que ouvimos, em nenhum deles aparece uma benzedeira, que seria o mais natural, dado que essa prática é mais comum entre as mulheres, e as histórias de magia estão inclinadas a ter como foco a personagem da bruxa.

A explicação para essa primazia do gênero masculino nas várias esferas que formam o *causo*, poderia ser dada a partir das características da própria divisão de serviços da sociedade pantaneira. Já falamos, aqui, que todo o trabalho fora de casa é realizado por homens. É o caso do praieiro, do capataz e do peão. Nessas três categorias de trabalhadores, que são as mais comuns na região, geralmente, o indivíduo permanece sozinho no Pantanal. Não forma família. A única classe de servidores que constitui família é a de administradores. Nesse caso, a mulher se encarrega do serviço na casa da sede.

A partir dessas informações, podemos pensar que o ambiente onde se desenvolve a ação do *causo* também é masculino. Não seria natural, por exemplo, que, entre as aventuras passadas pelo pantaneiro, ele tivesse que se enfrentar com uma entidade feminina, já que, ganhando ou perdendo, seria vergonhoso para o herói, e não haveria vantagem em contar tal sucesso.

No início destas páginas, dissemos que a motivação para o estudo destas narrativas havia nascido das histórias contadas pela Dona Bené (1930-). Ainda que pareça contraditória a afirmação da masculinidade como característica dos *causos*, depois de termos comentado que os ouvíamos da boca de uma mulher, é preciso atentar para o ambiente onde as contadoras de *causos* vivem.

A Dona Bené, por exemplo, era professora de fazenda. Tinha que ir a cavalo para as escolas rurais e era com os fazendeiros, pais de seus alunos, que mantinha conversação. Sempre envolvida com política, cura de animais e até jogo de truco, não era feminino o ambiente percorrido pela Dona Bené, de onde ela trouxe seu repertório de *causos*.

Outra contadora com quem estivemos foi a Dona Helena Meireles (1924-2005). Notável violeira, de renome internacional, era uma mulher que, por amor a sua arte, deixou a casa onde morava e foi viver no meio do Pantanal, a tocar viola entre os peões.

A Dona Helena também sempre freqüentou o universo masculino, e dele retirou os *causos* que contava entre uma música e outra. Assim como a Dona Bené, a violeira teve que vencer no campo ocupado pelos homens.

Concluindo esse assunto, voltamos a afirmar que o ambiente do *causo* é masculino. Com o passar do tempo e a aposentadoria, os pantaneiros voltam para suas casas, para suas famílias, e levam consigo todo o arsenal de histórias que aprenderam durante a lida. Retiram, por *assim* dizer, o *causo* de seu loco natural. Também os fazem regressar motivos de doença ou saudade dos filhos. Esse momento é o que chamamos de trânsito, e foi nele que estivemos com os contadores deste trabalho.

4.3- Os *Causos* e as mulheres

Mulher, e Mãe de todos
O que será de nós
Se a força do inimigo,
Calar a tua voz
Que sai dos passarinhos
Dos mares e dos rios
Dos vales preguiçosos
Dos velhos pantanais.

(Sá e Guarabira, Estrela Natureza,
1990)

Não podemos passar a impressão, no entanto, de que a presença feminina seja irrelevante na construção dos *causos*. Já no ambiente familiar, a mulher exerce uma importante função durante as narrações. Pelo fato de ouvirem várias vezes as histórias contadas pelo marido, pai, ou irmão, elas selecionam as que consideram melhores e, do lado do narrador, sempre pedem para que ele conte os *causos* mais interessantes.

– *Conta pra eles, aquele da bicicleta, home.*

Dessa maneira, as mulheres tornam-se a memória viva dos contadores. Essa função ficou muito clara para nós, durante as visitas ao Seu Leandro. A primeira vez que estivemos com ele, estava sozinho. Contou-nos muitas coisas interessantes do Pantanal e da cidade, mas *causos*, mesmo, apenas dois. Na segunda vez, a filha estava presente,

Dona Tôca, e com suas intervenções na lembrança de seu pai, ele nos contou nove *causos pantaneiros*.

As mulheres cumprem também o papel de avaliar as histórias contadas. Sempre que o contador entra em assuntos pouco plausíveis, eles recorrem à credibilidade das mulheres e lhes pedem a confirmação.

– *Num é verdade muié?*

– *É sim.*

Em nossos encontros com os contadores, conhecemos várias mulheres que atuaram nas narrações. Pessoas com uma doçura contrastante à rigidez dos fortes heróis pantaneiros. Todas elas mostraram orgulho e respeito ao talento do narrador e contribuíram para o êxito de suas histórias.

As mulheres das rodas de *causo*:

-Dona Marli. Marli Ferreira de Assis, mulher de Seu Marcondes, sentava ao lado do marido e lembrava-o de histórias, confirmava outras e chegou a contar algumas, sozinha. Ela era de religião protestante e, às vezes, encabulava-se com os exageros e inverossimilhanças dos *causos* narrados pelo marido. Esteve presente em todas as entrevistas que fizemos com Seu Marcondes.

-Dona Cida. Maria Aparecida dos Santos, mulher de Seu Perigoso, cumpria o papel de sempre confirmar os *causos* do marido, quando este a intimava a fazê-lo. Às vezes, também pedia para que ele nos contasse alguma história que lhe parecia interessante. Dona Cida morreu entre nossa primeira e segunda visita. Seu Perigoso deixou de contar *causos* durante algum tempo, em consideração à mulher. As narrações perderam muito de seu brilho com a ausência de Dona Cida.

- Dona Celina. Celina Dutra, esposa de Seu Edson, só esteve presente às narrações que foram realizadas em sua casa, durante a nossa segunda visita. Diferente das outras

mulheres, ela não se sentou ao lado do marido e, enquanto ele contava seus *causos* na roda, ela acrescentava mais informações sobre o assunto narrado para as pessoas que estavam fora da conversa. Dona Celina serviu o café feito na hora, obedecendo às pausas do ritual da narração.

- Dona Lidiane. Lidiane dos Santos, esposa do Carlão, não parava sentada ao lado do marido, mas interferia de longe para lembrar-lhe algum detalhe da história narrada. Tal como a Dona Celina, Dona Lidiane preparava o café e só o servia nas pausas das narrações, respeitando o término do *causo*.

- Dona Rita. Rita de Cássia Teixeira, irmã de Seu Oscar, não desempenhava o papel de avalista das histórias do irmão, porque, durante grande parte de suas vidas estiveram separados. Ela voltou a morar com o Seu Oscar depois que ele teve um acidente vascular cerebral e passou a necessitar de cuidados especiais. Apesar do pouco tempo em que acompanhava suas narrativas, Dona Rita já estava se inteirando do universo de seu irmão e pedia para que ele nos contasse alguma história que ela considerava interessante. Ela se mostrava uma espectadora atenta, muitas vezes passando por assustada. Dona Rita esteve presente em todas as conversas que tivemos com Seu Oscar.

- Dona Tôca. Maria Conceição de Souza, filha de Seu Leandro, foi muito importante na segunda visita que fizemos ao narrador. Ela se sentou durante todo o tempo ao lado do pai e lembrava-o de várias histórias que considerava importantes. Confirmava a veracidade dos fatos narrados espontaneamente e fazia comentários afirmativos no final de cada história.

Vale registrar um fato que ocorreu em nossa primeira visita ao Carlão. Ao perceberem o movimento estranho na silenciosa casa de fazenda, suas vizinhas correram para ver a novidade. Ao constatarem que eram pessoas que tinham vindo escutar as histórias do Carlão, sentaram-se com a Lidiane e ficaram a observar a narração de longe. Elas formaram um círculo à parte, onde podiam ouvir os relatos do Carlão. Na roda, as

mulheres faziam comentários sobre todos os *causos* narrados, mas, com vozes tímidas, reservavam para elas mesmas suas observações e conclusões.

Trocando em miúdos o que expusemos aqui sobre o papel das mulheres nas narrações de *causos*, atribuímos a elas o poder de iluminar o caminho narrativo pelo qual o contador deve seguir, e estar a seu lado para evitar algum tombo que a memória possa lhe dar.

Para encerrarmos este capítulo, no qual tentamos teorizar sobre os *causos pantaneiros*, vejamos os principais pontos que o marcaram. Definimos o *causo* como uma narrativa oral contada por pessoas de origem rural e dividida em três segmentos, de acordo com a sua região: os *causos sertanejos*, os *causos caipiras* e os *causos pantaneiros*.

O nosso objeto de trabalho é o *causo pantaneiro*, e sobre ele podemos dizer que está dentro do conceito de *poética* sugerido por Paul Zumthor. Verificamos que suas principais características são a relação com a **oralidade**, através da expressão, e com a **regionalidade**, através do conteúdo.

Propusemos que o *causo* possa ser considerado gênero, por obedecer à exigência de Paul Zumthor de haver um grupo de produtores de texto, os **contadores**, que produzem objetos, *causos*, reconhecidos popularmente; possuir um conjunto de textos, o **repertório de narrativas** do Pantanal; e um público, os **ouvintes**.

Encontramos nos *causos* uma dinamicidade que os modifica com o tempo e o espaço, sendo que o que permanece seria sua **forma**. Seu modelo formal englobaria o tamanho, **narrativas curtas**, com **fórmulas iniciais** e uma **teatralidade** para a sua apresentação.

O conteúdo dos *causos* são os **acontecimentos do cotidiano**, com tendência ao **heroísmo**. Por fim, percebemos que essas narrativas estão inseridas no **universo masculino**.

Esses são os elementos que encontramos para definir as narrativas pantaneiras e denominá-las *causos*. Resta-nos, agora, tentar encontrar uma tipologia para estas histórias. E assim seguimos esse *batidão*.

CAPITULO V

Para encontrar uma tipologia

No emaranhado e vertiginoso universo pantaneiro moram os temas que aderem ao imaginário popular e retornam ao convívio consciente expressos na forma de *causo*. Por esse repertório, partimos agora em busca dos assuntos que povoam tais narrativas. No início deste raciocínio, separamos os relatos e os classificamos da seguinte maneira: 1) *Causos de Bichos*, 2) *Causos Enigmáticos*, 3) *Causos de Perigo* e 4) *Causos de Exageros*.

Também citamos uma categorização mais detalhada, na qual utilizamos as letras do alfabeto em maiúsculas para definir o assunto. Desta forma, lembramos que os *Causos de Bichos* estão divididos em: A- As Histórias de Onça, que também admitem uma subdivisão, em caçadas, ataques e curiosidades; B- As Histórias de Cobra; C- Os Outros Animais e D- As Histórias de Pescarias. Estão nos *Causos Enigmáticos*: E- As Histórias de Seres Imaginários; F- Os Lugares Imaginários; G- Os Enterros de Tesouro, H- As Pessoas Perdidas, I- As Ações Mágicas e J- As Luzes Misteriosas. Nos *Causos de Perigo Extremo* estão: L- O Risco Pessoal e M- As Intempéries da Natureza. E, finalmente, os *Causos de Exageros*, que não contêm subdivisões e levam a letra N.

Nessas narrativas orais, procuramos elementos, em termos gerais e particulares, que as assemelhassem ou as distinguissem. O critério utilizado foi a observação de itens comuns às histórias contadas. Essa análise é importante para percebermos, nos relatos, certo padrão formal, cuja frequência varia de um contador a outro.

O que encontramos e nomeamos de características gerais nos *causos pantaneiros* são as fórmulas com que se inicia a narração, a pessoa verbal empregada, a natureza realista ou fantasiosa e o efeito produzido pela história contada, que classificamos em trágico, cômico ou de curiosidade.

Dessa maneira, chegamos aos seguintes resultados:

Os inícios das narrativas são feitos geralmente através de fórmulas já pré-estabelecidas, com poucas variantes. Os modelos mais comuns são os que utilizam uma

locução de tempo indefinido como: “*Um dia...*” (3.1.A), “*Uma veis...*”¹³ (1.1.A) ou “*Aquele tempo...*” (1.2.N), “*Da otra vez...*” (3.2.A) ou ainda “*Nessa época...*” (5.1.B) e variações como, “*Ah, o lubisome, uma veis*” (1.6.E). As fórmulas de tempo indefinido são utilizadas por todos os contadores e aparecem 51 vezes na totalidade das narrativas.

Outra forma que os pantaneiros utilizam com muita frequência nos inícios das histórias é o comentário. Coisas como “*Eu sei de um caso de onça...*” (1.4.A) ou “*Nóis trabaivava à noite...*” (3.3.A) são encontradas 49 vezes.

Também é comum a citação de lugar no início dos relatos. Ela pode indicar o espaço geográfico um pouco mais amplo, como: “*Lá perto de Dourados...*” (2.5.N), “*Lá no, em Bonito...*” (1.3.A). Ou pode ser mais específica: “*Meu pai tinha uma chacinha...*” (2.1.B). Esta fórmula indicando lugar aparece em 38 relatos.

A ação já no começo da narrativa, dispensando fórmulas, aparece em 23 ocasiões, tais como: “*Então, nós fomos berando a cerca...*” (6.3.A) ou “*Uma onça pegou um cara lá.*” (8.1.A).

Ainda observando as características gerais dos relatos, notamos uma variação na pessoa verbal empregada. Há um equilíbrio, se não dividirmos os *causos* por tema ou por contador, entre a primeira e a terceira pessoa do singular. Os verbos narrados em primeira pessoa aparecem 64 vezes, enquanto que, na terceira, 66 vezes. Na primeira pessoa do plural, observamos 25 narrativas e, na terceira do plural, seis.

Essa observação das pessoas verbais refere-se ao sujeito predominante dos relatos. É claro que há uma grande variação de número dentro de um mesmo *causo*, mas interessamos saber a quem se refere a principal ação da narrativa. Encontramos a distinção dos relatos narrados em pessoas verbais diferentes e sua explicação nos estudos feitos por Aurea Rita Ferreira, que, citando Barros, nos diz:

*“Tendo em vista que todo discurso visa a convencer seu destinatário acerca de um dizer ‘verdadeiro’, alguns mecanismos discursivos são utilizados para criar efeitos de verdade. Por exemplo, o de **proximidade** ou de **distanciamento** da enunciação e o de realidade ou **referente**. O primeiro pode ser criado, através do recurso da **debregem** – mecanismo em que se projeta no enunciado quer a pessoa (eu/tu), o tempo (agora) e o espaço (aqui) da enunciação; quer a pessoa (ele), o*

¹³ Quando transcrita textualmente, tentamos chegar o mais próximo do som emitido pelo contador, motivo pelo qual encontraremos várias palavras escritas de forma distinta do usual.

*tempo (então) e o espaço (lá) do enunciado. Quando há a projeção do (eu – aqui - agora), ocorre uma **debreagem enunciativa**, quando há a do (ele – lá - então) ocorre uma **debreagem enunciva**.*

*A **debreagem enunciativa** caracteriza-se, sobretudo, pelo uso da primeira pessoa verbal, visando a produzir um efeito de parcialidade, de subjetividade. Por outro lado, a **debreagem enunciva** singulariza-se pelo uso do discurso em terceira pessoa, no tempo do então e no espaço do **lá**, com vistas a criar a ilusão de objetividade, de distanciamento da enunciação, ou seja, a ilusão de ‘**manter a enunciação afastada do discurso, como garantia de sua imparcialidade**’”(Ferreira, 1999:32-33)*

Se voltarmos nossa atenção para a seleção de relatos, tomando por critério o contador, veremos que as diferenças são bem mais acentuadas no que se refere ao número verbal. O Seu Perigoso, por exemplo, narra vinte histórias em primeira pessoa do singular e cinco em terceira pessoa, das 32 por ele contadas. Já o Seu Silvério conta, em terceira pessoa do singular, seis das sete narrativas apresentadas por ele. Apenas uma história está na primeira pessoa do singular.

Outra característica que procuramos investigar nos *causos*, de maneira geral, diz respeito a sua natureza fantasiosa ou realista. Aqui, não vamos tentar decifrar se a história narrada é verdadeira ou não. O que nos interessa é a postura do contador em relação ao *causo*.

Há contadores, como o Seu Silvério, que zelam pela veracidade de suas histórias e demonstram preocupação em não sair de uma esfera realista. Outros narradores, como o Seu Perigoso, não mostram nenhum problema em relatar fatos absolutamente inverossímeis, como se estivessem contando um acontecimento real de seu cotidiano. Verificaremos essas características dos contadores de *causo*, com maior cuidado, nos capítulos dedicados a eles; por ora, faremos apenas uma análise quantitativa, relacionando as narrativas com aspectos fantasiosos ou realistas.

Separámos as duas categorias de relatos, baseados na sensação transmitida pelo narrador e em um possível bom-senso ao entrar em contato com a temática. Dessa maneira, encontramos 94 relatos de natureza fantasiosa e 67 de realista. Como verificamos nas categorias anteriores, também neste item há uma grande variação entre os contadores. O Seu Perigoso, por exemplo: de seus 32 *causos*, apenas dois têm

ambiente realista, enquanto que o Seu Benjamim narra dez histórias com aspectos realistas e apenas uma de cunho fantasioso.

Para encerrar os elementos que verificamos genericamente nos relatos obtidos para este trabalho, observemos os efeitos produzidos pelos *causos* em seus ouvintes. Como dissemos anteriormente, percebemos três classes de efeitos, nas quais encontramos como sentimentos dominantes o cômico, o trágico e o de curiosidade.

Os dois primeiros grupos, como percebemos, fazem referência aos dois grandes gêneros dramáticos, a tragédia e a comédia. Mas não busquemos nesses grupos uma fidelidade absoluta aos gêneros citados. Até porque, se tivéssemos de aproximar os relatos narrados no Pantanal de algum gênero aristotélico, seria a lírica o mais apropriado. Portanto, quando apresentamos os nomes de tragédia e comédia, estamos falando do efeito predominante proporcionado pela história. Os *causos* com efeito baseado no sentimento de curiosidade são de mais fácil compreensão, e por isso dispensam maiores comentários.

O maior número de relatos está agrupado na categoria cômica. São 59 histórias. Entre elas, está o *causo* contado pelo Carlão (4.7.A) e pelo Seu Silvério (8.2.A) do medroso com sorte que saiu procurar emprego numa fazenda e chegando lá só encontrou serviço de caçador de onça. Tendo aceitado o emprego, tentou escolher a pior arma e a pior montaria, para não conseguir encontrar o animal. Mas, diferente do que parecia, a arma escolhida e a montaria eram as melhores da fazenda. Quando o grupo saiu para a caça, ouviram o barulho da onça e o medroso subiu em uma árvore. Ao olhar para cima, o patrão viu, na mesma árvore, a onça. Pensou então que o medroso havia subido para matar a fera e gritou para que ele não fizesse essa loucura. Quando o medroso descobriu o animal, saltou da árvore, com as calças borradas, e disse que estava nesse estado por raiva de não ter podido matar o animal.

A maior ocorrência de relatos cômicos acontece nos *causos* de exageros, dos quais 22 dos 23 analisados têm esta característica, e nos de onça, que apresentam 18 cômicos entre os 30 verificados. Nos *causos* de espaços imaginários, ações mágicas, luzes misteriosas, risco pessoal e intempéries da natureza, não há nenhuma incidência desse efeito.

As narrativas que classificamos na esfera trágica são 52 histórias, como a que conta o Seu Marcondes (1.9.E) dos dois irmãos que saíram para caçar de noite na mata. Enquanto

um esperava pelo animal, para abatê-lo, o outro se aproximou. O que estava esperando viu um veado e atirou; quando o bicho caiu, ele enxergou seu irmão no chão, morto.

Os relatos com efeito trágico aparecem em maior número nos *causos* de seres imaginários, em que 23 das 36 narrativas apresentam essas características, e nos de risco pessoal, que somam quatro dos cinco *causos* agrupados nessa classe.

Por fim, os *causos* que tratam de curiosidades. São 50 histórias narradas de maneira a provocar este sentimento. É o que acontece, por exemplo, no relato do Seu Olímpião (9.1.J), que conta sobre a bola de fogo que vira passar no céu, saindo de uma extremidade e morrendo em outra, revela que esta luz é o que chamam de Boitatá e acrescenta que é este o nome dado a esta aparição, pelo fato de ser os ossos de boi, que, quando secam, transformam-se em fogo.

Os *causos* de curiosidade aparecem em maior quantidade nos temas das ações mágicas, que representam a totalidade dos oito relatos e dos enterros de tesouro, que são oito das dez narrativas. Entretanto, nos temas de outros animais, pescarias, intempéries da natureza e exageros, não aparecem nenhuma vez.

Como nas outras categorias de elementos genéricos dos *causos*, se observarmos através dos contadores, descobriremos que há uma grande variante entre eles. Dos 32 *causos* narrados pelo Seu Perigoso, por exemplo, 28 produzem o efeito cômico, três, o trágico e dois, o de curiosidade. Já o Seu Oscar conta 15 histórias com efeito trágico, uma cômica e onze de curiosidade.

Com os elementos aqui descritos, podemos ter uma noção de afinidades entre as narrativas contadas pelos pantaneiros. Muitas outras características são comuns entre os relatos, mas, para identificá-las, temos que os separar em grupos e encontrar as semelhanças e diferenças que os unem. Dessa forma, conseguiremos enxergar com um pouco mais de clareza as estruturas do universo imaginário que permeia os *causos* do Pantanal.

Verifiquemos agora, a relação das narrativas dentro de seu grupo temático.

5.1- Os *Causos* de Bichos

O assunto que aparece com maior frequência nos *causos* analisados são os que dizem respeito a bichos. Como sabemos, o Pantanal é o *habitat* de várias espécies de animais. A fauna pantaneira apresenta uma grande variedade de peixes, répteis, aves e mamíferos. Portanto, parece natural que o repertório envolvendo histórias de animais seja numeroso entre os pantaneiros. Mas a tradição das narrativas de bichos vem de longa data e se estende por todo o país.

As histórias indígenas, coletadas há muito tempo por Couto de Magalhães¹⁴ (1837-1898) e compiladas em seu livro *O Selvagem*, já eram basicamente relatos sobre bichos, como o ciclo do cágado ou o da raposa. O mestre folclorista Câmara Cascudo (1984:90) também faz uma análise dos contos indígenas de animais e chega à conclusão de que os problemas morais, sociais e vitais eram esclarecidos nas ações dos bichos. Os animais seguem tendo papel importante nas narrativas orais em várias partes do país. No Pantanal, não é diferente.

Das 161 narrativas recolhidas para este trabalho, 61 referem-se à fauna pantaneira. As histórias mais recorrentes são sobre onça, seguidas das de cobras. Os outros animais aparecem em menor quantidade e, por esse motivo, decidimos incluí-los em uma mesma categoria. São *causos* de porco-monteiro, ema, tatu, sapo e papagaio.

As histórias de pescaria encerram o ciclo dos bichos. Nelas, encontramos algumas espécies de peixes que povoam os rios da planície inundável.

A seguir, observaremos, em separado, cada categoria que compõe os *Causos de Bichos*. Poderemos, dessa maneira, determos-nos nas características que cada uma possui.

5.1.1- As Histórias de Onça

A onça de que o povo fala é a que os cientistas chamam de *Panthera onca palustris*, o maior felino do continente americano, comum nos campos do Pantanal, que pode chegar a 150 quilos e 1,80 m de comprimento. É um bichão de meter medo em qualquer pessoa. A onça é um animal carnívoro, e passou a ser caça dos pantaneiros depois que se iniciou

¹⁴ Cf. Silvio Romero, *Contos Populares do Brasil*, pp. 16-17.

a criação de gado na região. Álvaro Banducci (1998:123) observa que os indivíduos que conseguem capturá-la são distinguidos entre seus pares por sua coragem e ousadia. A onça representa, portanto, a essência do selvagem e, como tal, desperta o respeito e temor do pantaneiro.

As narrativas que designamos como *Causos de Onça* são 30 relatos que procuram despertar, no ouvinte, sentimentos de espanto, admiração ou comicidade. Dentro desse contexto, há uma variação de histórias de caçadas, vivenciadas pelo próprio contador ou alguém de seu conhecimento, onde se desenvolvem situações perigosas ou engraçadas. Também se verificam os *causos* de visitas de onça no recinto doméstico, obrigando o visitado a agir rapidamente para encontrar um jeito de enganar ou se livrar do animal. Há, ainda, histórias de convivência pacífica com a onça.

O Carlão (4.5.A), por exemplo, diz ter tomado sua canoa em tempo de enchente no Pantanal, de madrugada, e depois de ter saído da margem, sentido algo mexer-se na embarcação. Quando olhou, disse ele, viu uma onça sentada na proa. Ao perceber que o animal estava cansado de tanto nadar, falou para ele ficar quieto, porque o destino dos dois era um lugar seco e, portanto, poderiam seguir juntos.

As histórias de aventuras envolvendo onças têm uma longa tradição nas narrativas orais brasileiras. Delas se valeu o escritor Monteiro Lobato (1882-1948) para criar uma de suas principais obras da literatura infantil, *Caçadas de Pedrinho* (1933).

O perigo da extinção da onça e a maior fiscalização de órgãos de defesa dos animais fizeram com que as histórias de matança fossem reduzidas e alguns contadores chegam a ficar constrangidos ao tratar do assunto. Antigamente, não era assim.

Apesar de fazer parte do cotidiano regional, as onças não estão apenas nos relatos que querem parecer reais. Os *causos* de onça entram pelo universo imaginário do pantaneiro e assumem características de mito. O Seu Silvério, por exemplo, fala, ainda que não em forma de *causo*, dos índios velhos que de tão velhos viram onça. O exemplo do Seu Silvério lembra a citação de Cascudo (2002:193), que diz saber-se, na Ásia, África e Austrália, a tradição das mulheres velhas que se transformam em tigres, lobas, panteras, regressando à humanidade com a luz do sol.

Analisando as narrativas sobre onça, podemos averiguar que, na maioria dos trinta relatos, o contato com o felino dá-se por casualidade; em apenas 12 há o ataque do bicho.

Sete são as narrativas de caçadas, mas, mesmo assim, o heroísmo é um elemento constante e aparece em 16 histórias. É notável, também, o fato de a onça sair viva em 20 situações, o que sugere certa preocupação ecológica do narrador, que é expressa com maior contundência em sete relatos.

Dos 11 *causos* em que a onça sai morta, em cinco a arma utilizada é uma pequena faca de cozinha. Essa característica da utilização de um instrumento cortante para combater o animal é um dos elementos heróicos que remonta a tradições seculares nas narrativas orais. Jerusa Pires Ferreira encontrou esse aspecto nos relatos de cavalaria, lembrando:

“Desde muito longe nos tempos, sucede uma nítida diferença entre as armas de corte e as de penetração. A referência à constituição da espada, revela Durand (idem, 1975, p. 181), o sentido de separação dos objetos de sua ganga informe. ‘Ambos logo se serviram/ de duas finas espadas/ cortantes grandes pesadas/ que era uso dos guerreiro’” (B. O F., p. 14).” (Pires Ferreira, 1993:93)

A autora continua defendendo a importância das armas de corte nas narrativas do ciclo *carolíngio* e nos relatos do sertão nordestino brasileiro, onde esses objetos têm a função de evidenciar o heroísmo na história contada. Dessa maneira, Jerusa nos ensina o seguinte:

“Evidencia-se, no ciclo carolíngio, o aspecto prático, quando se mostra o instrumento como arma de corte, próxima à acepção, e em constituição, à prática sertaneja da arma e do punhal, propiciadora de um heroísmo mais direto, de uma coragem pessoal admirada e portanto fácil de manifestar-se, em relato, além de ser captada pelo leitor ouvinte, como parte do dia-a-dia heroizado ou heroizável. (Pires Ferreira, 1993:94)

Em suas características gerais, os *causos* de histórias de onça são iniciados com a fórmula do tempo indefinido (13 situações), são narrados na primeira pessoa do singular (15 situações), o ambiente é realista (17 situações) e o efeito predominante é o cômico (18 situações).

Encontramos alguns relatos que possuem o mesmo núcleo, apresentam cenas praticamente iguais e estruturas semelhantes. Por exemplo, o Seu Marcondes, o Carlão e o Seu Olimpião contam um *causo* em que diferem apenas a localização e o ator. Cada

qual conta a história como se tivesse acontecido consigo próprio. No *causo* do Seu Marcondes (1.1.A), do Carlão (4.2.A) e do Seu Olimpião (9.1.A), acontece um enfrentamento com a onça, no qual o interlocutor enfrenta o animal, segura as duas patas dianteiras, luta e, com força, pressiona-a em um toco. Com a exaustão, a onça esquece-se do homem e procura livrar-se do toco. O contador diz ter deixado a onça fugir.

Durante as narrações desse episódio, sucedeu um fato interessante. Como já foi dito, o Carlão e o Seu Olimpião são compadres e vivem na mesma fazenda Carolina. Deu-se que, quando o Carlão nos contou sua história, o Seu Olimpião não estava presente. Depois que o Carlão já tinha terminado seu repertório é que chegou o Seu Olimpião com o seu. Ao narrar a mesma história que o outro já havia contado e, além de tudo, em sua frente, o Seu Olimpião não imaginou que deixaria o compadre tão constrangido.

Também coincidem no mesmo enredo os *causos* do Seu Oscar (3.3.A), do Carlão (4.1.A) e do Seu Perigoso (2.1.A). Nesses relatos, a onça aborda as pessoas dormindo. Principalmente entre os dois primeiros citados há várias coincidências. Por exemplo, os dois falam que era noite de lua, há o grito avisando que é onça, o terror da constatação, a informação de que o interlocutor está armado e deixa a onça fugir com vida. No final, é uma situação cômica.

Semelhanças estreitas unem também os *causos* do Seu Oscar (3.5.A) e do Carlão (4.3.A). Nos dois relatos aparecem a onça seguindo um touro, ou um boi. As duas narrativas são iniciadas de maneira muito similar. Na primeira: “*Uma veis, eu ia ino assim no campo...*”, na segunda: “*Aí, outra veis, tava no campo...*”. Os pontos em comum seguem na descrição do ambiente. Em ambos, os interlocutores apontam um campo limpo com um pedaço de mato, o Seu Oscar diz de um goiabal enquanto o Carlão fala de uma restinga que parece uma ilha em meio ao campo. Seguem dizendo que, ao entrar nesse pedaço de mato, saem seguidos pelo animal. A diferença das duas histórias é a posição do interlocutor. Enquanto o Seu Oscar apenas se posiciona como espectador, o Carlão persegue o boi e acaba laçando a onça.

Ainda no *causo* contado pelo Carlão (4.3.A), a última parte encontra elementos de dois relatos do Seu Perigoso (2.2.A) e (2.5.A). Nos três exemplos, notamos a marca de reconhecimento que designa o autor do enfrentamento da onça. O Carlão diz fazer um

picote na orelha da onça para que, toda vez que alguém a veja, saiba que aquela é a onça que o Carlão deixou amarrada. Já o Seu Perigoso (2.2.A), dá um chute e arranca a cabeça da onça. Quando a cabeça é encontrada, a pessoa que a localiza reconhece: “*isso aí tem que sê o Pirigoso!*”. Também há o reconhecimento (2.5.A). O narrador diz ter dado uma ordem para que a onça fosse embora de cabeça baixa, o animal o obedeceu e, alguns dias depois, quando outras pessoas se deparam com ela, ainda naquele estado, dizem: “*O Pirigoso encontrô cum essa onça*”.

Podemos perceber uma narração muito parecida, também, no *causo* do Carlão (4.7.A) e do Seu Silvério (8.2.A). Ambos contam a história, já citada neste trabalho, do medroso que se passa por caçador profissional; ele tenta usar de artimanhas para não se deparar com a onça, mas o encontro acaba acontecendo e o falso caçador, em reação ao medo, defeca nas calças. Há ainda a justificativa do medroso para o ocorrido. As partes mais semelhantes são, por exemplo, quando o caçador tenta se esconder da onça. O Carlão fala: “*subiu na árvore com medo*”; já o Seu Silvério: “*chegô lá, subiu num pau, por causa do medo*”. Continua o Carlão: “*e a onça tava lá em cima*”; e o Seu Silvério: “*a onça já tinha subido naquele pau*”. Carlão: “*aí, chegô o cachorro, uá uá uá*”; Seu Silvério: “*os cachorro começaro acua ele*”; o Carlão: “*chegô os odo companhero, (...) o cara já oiô, né. Falô: - não companhero, não pega não!*”; o Seu Silvério: “*os cachorro cumeçô acua, ele ali, vai-num-vai. Aí o dono da caçada chegô, gritô: - esse bicho te pega!*”; o Carlão: “*aí que ele foi vê, que ele olhô pra cima, que ele viu*”; o Seu Silvério: “*Aí que ele olhô pra cima, ele tava sentado pertim da onça*”; o Carlão: “*Cagô tudo!*”; o Seu Silvério: “*Cagô tudo!*”.

Também o Seu Marcondes (1.3.A) e o Seu Edson (5.1.A) apresentam *causos de onça* semelhantes. Os relatos tratam de um ataque do animal a um conhecido do interlocutor, que, depois de ter parte de seu corpo completamente rasgado pela onça, consegue matá-la com uma faca de cozinha. Narra o Seu Marcondes: “*um parente meu foi pego de onça*”; o Seu Edson: “*eu cunheci um paraguai. Ele contava uma história.*”; o Seu Marcondes: “*ela pulô no cara*”; o Seu Edson: “*a onça pulô e pegô ele*”; o Seu Marcondes: “*mataro ela a faca*”; o Seu Edson: “*ele c’a faquinha foi furano ela*”; o Seu Marcondes: “*o cara ficô tudo rasgado, o braço, assim, tudo, custela*”; o Seu Edson: “*esse braço daqui, ela cumeu tudo. (...) a onça já tinha rasgado ele tudo c’a unha*”.

Como percebemos nesses fragmentos, as narrativas que fazem parte do mesmo grupo temático possuem vários pontos em comum, tanto no que se refere à forma, como no que diz respeito ao enredo. Devemos ressaltar que os contadores ouvidos neste trabalho, com exceção do Carlão e do Seu Olimpião, são de regiões diferentes e não mantêm contato entre si, o que nos leva a crer que vários elementos dos *causos pantaneiros* residem em uma memória coletiva e fazem parte do imaginário local.

5.1.2- As Histórias de Cobra

Bicho perigoso mesmo é a tal de cobra. Na umidade do Pantanal, elas deitam e rolam. Nas moitas de relvas, sempre há um lugarzinho para o seu esconderijo. As serpentes peçonhentas são traidoras, dão o bote exato na criação ou no homem. Só que pantaneiro que é pantaneiro é mais esperto que as cobras. Ele conhece seus recantos prediletos e previne-se do mal maior. Mas às vezes depara-se com o infortúnio. É daí que nascem os *Causos de Cobra*.

Esse tema é recorrente no repertório narrativo pantaneiro, selecionado, aqui, em 18 ocasiões. Ele aproxima-se dos *Causos de Onça*, mas descreve uma outra qualidade de perigo. Nos relatos sobre os felinos, é destacada a coragem de enfrentar a ferocidade do animal. Quanto mais bravo o bicho, mais mérito tem o homem que o encarou. Já nas histórias desses répteis, a ameaça está contida na maneira sorrateira e na agilidade com que se aproximam de suas presas. Dessa forma, o atributo ressaltado é a habilidade de escapar do animal.

Nos relatos aparecem várias espécies de serpentes, como cascáveis, boca-de-sapo e jararaca (nomes populares). Mas, a senhora das terras alagáveis, o mito que convive com os pantaneiros em seu imaginário, e, por conseqüência domina os seus *causos*, é a sucuri.

A sucuri (*Eunectes murinus*) é uma cobra reconhecida por suas grandes dimensões. Ela não é venenosa, mas quando captura a vítima, aperta-a até quebrar os ossos; ela mata por constrição. Em seguida, engole todo o animal e dorme até a digestão ser concluída, operação que, às vezes, se estende por vários meses. Os exageros dessas histórias referem-se ao tamanho do animal, que assume um aspecto monstruoso.

A sucuri é natural do Pantanal e é a maior das espécies de serpentes. Em decorrência da grande dimensão dessa cobra, também é comum o aumento nas descrições das presas capturadas por ela.

O Seu Perigoso, por exemplo, conta-nos uma história (2.2.B) de que seu pai pedira a ele para que separasse o gado destinado à venda. Atendendo ao pai, disse o Seu Perigoso que apartou 250 vacas gordas, 80 carneiros, 300 cavalos e 100 porcos. No outro dia, quando chegaram cinco carretas para buscar os animais, não os encontraram. Segundo o narrador, procuraram por toda a parte e nada. Não viram nem sequer uma rês. Recorreram então à ajuda do quartel, que lhes enviou um jipe, devidamente tripulado, para a busca do gado. Depararam-se com uma baita sucuri. Teria ela 1.100 metros de comprimento e estava com a barriga tão estufada que chegava a 500 metros de altura, onde, inclusive, houve uma colisão de um avião vindo do Uruguai. Contrataram então um grupo de argentinos, que enviaram uma aeronave de guerra e deram 500 tiros na boca da sucuri. O pai do Seu Perigoso, segundo ele, pegou uma moto-serra e abriu a cobra por baixo. Foi então que saiu todo o gado correndo de dentro dela. O Seu Perigoso disse-nos que não morrera nenhum animal da boiada.

O tamanho descomunal que o Seu Perigoso atribui à sucuri em seu relato lembra os grandes monstros da antiguidade e da idade média. Podemos encontrar um paralelo a essa imagem na descrição que Jorge Luis Borges e Margarita Guerrero fazem do mito *Aqueronte*:

“Este es mayor que una montaña. Sus ojos llamean y su boca es tan grande que nueve mil hombres cabrían en ella.”(Borges & Guerrero, 1966:108)

As grandes proporções conferidas às serpentes não estão restritas apenas ao Pantanal. Em várias partes do Brasil, contam-se histórias de cobras gigantes que amedrontam toda a região. No folclore brasileiro, iniciado pelos indígenas, há o ciclo da *Cobra-grande* ou *Mboi-guassu*,¹⁵ na língua guarani. Câmara Cascudo, em seus apanhados, lembra-nos que:

¹⁵ Os estudiosos não entraram em um consenso quanto à maneira de grafar essa palavra em Guarani. No decorrer deste trabalho aparecerão várias grafias diferentes, conforme as citações de outros autores.

“A lenda da Boi-guassu existe em todo o Brasil, do norte ao sul; a Boi-guassu, quando ouve o dilúvio, e sempre quando há inundações, a Boi-guassu, acordada pela enchente, entra a comer todos os outros animais.”(Casculo, 2002:146)

A origem indígena é uma forte característica nas histórias da Cobra Grande. Silvio Romero, em seus *Contos Populares do Brasil* (2000), já atribuía a esses povos a maior contribuição para o fabulário brasileiro no que se referia à temática de bichos. O próprio Câmara Cascudo encontra nos índios a tradição das narrativas que envolvem as cobras-grandes e chega a citar a lenda que teria originado este ciclo.

“Além do Ipupiara, o índio brasileiro tem outra tradição assombrosa de monstro aquático. É o ciclo da Cobra Grande, a Cobra Negra, a Boiúna das mil estórias amazônicas.

Pelas lendas recolhidas por Barbosa Rodrigues vemos que a Cobra Grande é um anel de um mito religioso. Ela casa a filha e, para que esta possa dormir, manda-lhe a Noite dentro dum caroço de tucumã (Couto de Magalhães). Vence quase todos os animais. Filha de um demônio, voou para o céu onde se transformou em estrela.

É a explicação dada aos estudiosos. Cada igarapé, rio, lago, tem sua Mãe e esta só aparece como uma imensa serpente. Não tem piedade nem aplaca a fome. Mata e devora quem encontra. Vira as barcas, arrasta os nadantes, estrangula os banhistas, apavora todos.”(Casculo, 2002:154)

As histórias de sucuri também preservam no imaginário pantaneiro os antigos mitos de bichos-monstros-gigantes, engolidores de pessoas e animais, que permanecem vivos em seu interior. Como na fábula de Pinóquio, o boneco de madeira que vira menino. Dizem que Pinóquio foi engolido por uma baleia e, dentro dela, encontrou-se com seu “pai”, Gepetto, que também havia sido tragado. Os dois fizeram uma fogueira que provocou um espirro no animal e, com isso, ficaram livres.

Também a história bíblica de Jonas, contida no antigo testamento, fala que o profeta permaneceu três dias e três noites no ventre de um peixe, que, neste caso, foi enviado por Deus para salvá-lo em alto-mar, e depois o vomitou na praia.¹⁶

Esse tema já foi estudado por vários autores. Vladimir Propp, por exemplo, em sua obra sobre a origem dos Contos Maravilhosos, coloca-o como parte do ritual de iniciação¹⁷ dos jovens de antigas sociedades. Ele nos informa o seguinte:

¹⁶ Livro do profeta Jonas, cap 2.

“Em um mito zulu, crianças engolidas voltam para casa. ‘Então houve no país um grande júbilo. As crianças voltaram para a casa do avô... e delas foram feitos chefes.’ Em um mito africano da tribo relativamente culta dos bazutos, o herói é engolido por um monstro. (...) É possível que na imagem de Cronos devorando e vomitando os filhos haja ecos da mesma concepção. (...) Ao mesmo ciclo pertence o profeta Jonas, engolido e vomitado pela baleia.”(Propp, 2002:276)

Com esses exemplos notórios das histórias de pessoas engolidas por animais aquáticos, queremos encontrar, nas lendas da sucuri, traços comuns aos de uma memória coletiva. Sobreviver no ventre de um monstro está no imaginário de populações de diferentes lugares e épocas. Esta pode ser a representação de uma fuga da realidade. A experiência de uma nova dimensão de mundo. O próprio Pantanal.

Observando a relação entre os *Causos* de Cobras, que ouvimos, desenvolvemos algumas percepções desse tema.

A grande maioria desses relatos, como já dissemos, conta histórias de sucuris. Das 18 narrativas coletadas, 14 dizem respeito a essa espécie de serpente. As demais dividem-se em cobras venenosas, sendo duas de boca-de-sapo, uma de cascavel e uma de jararaca.

Nas características gerais, oito relatos são iniciados indicando tempo indefinido e outros cinco citando um lugar. Três histórias começam fazendo algum comentário prévio à ação principal e duas iniciam-se já na ação.

Em oito *causos*, a narração é feita na primeira pessoa do singular, outros oito são narrados na terceira pessoa do singular e dois estão na primeira pessoa do plural. Em dez relatos os ambientes das histórias são realistas, os outros oito são fantasiosos. Em oito, o efeito final é o de curiosidade, sete têm efeitos cômicos e três, trágicos.

Em suas particularidades, dos 18 *causos*, doze fazem menção a rios. Em seis, há ambientação da história. Em dez, a ação desenvolve-se no horário de trabalho e, em quatro, no descanso.

¹⁷ “O que é a iniciação? É uma instituição própria do regime tribal. Esse rito ocorria no momento da puberdade. Ao cumpri-lo, o jovem era introduzido na sociedade tribal, da qual se tornava membro investido de plenos direitos, ao mesmo tempo que adquiria o direito de se casar. Essa era a função social do rito.(...) Acreditava-se que durante o rito o rapaz morria e ressuscitava como um novo homem.É a chamada morte momentânea.(...) Ali era feita a circuncisão. O rito ocorria sempre na parte mais densa da floresta ou de uma moita, e no maior sigilo.” (Propp, 2002:54)

Em doze relatos, as cobras fazem vítimas, três são cachorros, três são crianças, duas são bezerros, uma é o próprio interlocutor, uma é um cavalo, uma é um homem e uma é uma porção de animais. Em seis *causos*, a vítima é enrolada e, em cinco, é engolida. Em uma narrativa, a vítima é picada por cobra venenosa. Em nove histórias, as vítimas saem vivas do ataque. Também, em nove *causos*, as cobras são mortas e, em outros cinco, elas sobrevivem.

As semelhanças mais explícitas entre os *Causos* de Cobra estão nas narrativas que contam o ataque da sucuri ao cachorro, que consegue ser salvo. São eles, o do Carlão (4.1.B) e o do Seu Benjamim (6.2.B). O Carlão conta-nos: “*Cedinho rapais, o cachorro gritô e eu fui vê*”. O Seu Benjamin: “*O cachorro começô gritá, gritá lá, falei pr’um dos filho: vai lá. Corre lá*”. Carlão: “*o sucuri tinha enrolado*”. O Seu Benjamim: “*Uma sucuri. Já tinha enleiado ele aqui*”. O Carlão: “*Ele já tava pra inguli o cachorro*”. O Seu Benjamim: “*já tinha enleiado ele aqui no pescoço e o dente dele aqui no garrão do cachorro*”. O Carlão: “*esse aí, eu vô tê de matá ele pa sarvá o cachorro*”. O Seu Benjamin: “*Tivemo que acudi. Se no acode, tava morto*”. O Carlão: “*Atirei na cabeça dele*”. O Seu Benjamin: “*Matamo*”.

Podemos dizer, então, que os *Causos* de Cobra são próximos aos de Onça, mas diferem-se na descrição do perigo. A serpente é mais esperta que o felino e o pantaneiro tem de ser mais ágil que a serpente. A mais importante das cobras do Pantanal, para os *causos*, é a sucuri. Ela apresenta pontos em comum com o ciclo da Cobra Grande, do folclore brasileiro, e com os mitos dos bichos-monstros-gigantes que aparecem em vários momentos na história das narrativas. Ela alimenta o imaginário da sobrevida na barriga de um animal. Pantaneiro que se preze, não brinca com cobra de jeito nenhum.

5.1.3- As Histórias de Outros Animais

A fauna pantaneira é muito diversificada. Tem bicho de todo jeito. Em baixo da terra, na terra, na água, nas árvores, no céu, todo o lugar é casa de bicho. Os que entram nos *causos* são apenas os que despertam mais interesse nos contadores. A onça e a cobra são os bichos que mais aparecem. Certamente é pelo tamanho do perigo que elas

representam. Os peixes entram nas histórias de pescarias. Depois há mais alguns. Para estes, criamos a categoria *Causos* de Outros Animais.

Este grupo é composto por dez narrativas. Em cinco, são contadas as histórias do porco-monteiro; em duas, as do sapo; em uma, a do tatu; em outra, a da ema e ,em mais outra, a do papagaio.

Dos *causos* de porco-monteiro, três são contados pelo Seu Oscar, um pelo Seu Marcondes e um pelo Seu Benjamim. Os cinco relatos falam do ataque do animal, um dos mais velozes da região pantaneira, que possui um dente que corta o que lhe passa pela frente. Em todos, há a presença do cavalo, nunca o homem está a pé e o cavalo sempre sai ferido. Em três dos *causos*, o ferimento é mencionado e está localizado no nervo da perna, conhecido como *garrão*. Em todas as narrativas do porco-monteiro é mencionada a sorte, que teria evitado maiores conseqüências para a vítima.

Nas características gerais, as histórias de porco-monteiro apresentam o início com a fórmula indicando lugar, em duas ocasiões. Uma começa com a de tempo indefinido, outra com comentário e uma já começa na ação. Uma das histórias é narrada na primeira pessoa do singular, duas na terceira do singular e duas na primeira pessoa do plural. Todas apresentam ambientes realistas e efeitos trágicos.

Outro animal que aparece em dois relatos é o sapo. Estes *causos* foram contados pelo Seu Marcondes e caracterizam-se pelas façanhas narradas, o que acontece também nas narrativas da ema e do papagaio. São retratadas, de maneira exagerada e inverossímil, a inteligência e a força do sapo. Em uma história (1.3.C), o animal está dentro de um poço infestado de outros sapos. O narrador e seus amigos, em viagem, chegam sedentos ao poço e iniciam uma retirada dos sapos com a ajuda de um balde. Conseguem tirar quase todos, sobrando apenas um. Resolvem beber a água com aquele sapo dentro mesmo, mas depois de terem matado a sede decidem fazer guerra ao sapo. Eles pelejam de várias formas para tirá-lo de dentro do poço. Em uma das vezes que abaixam o balde, o sapo pendura-se pelo lado de fora dele e sobe. Assim que sai no buraco, o sapo olha para o interlocutor, faz um gesto de vitorioso e foge para o mato.

Os *causos* de sapo são iniciados com as fórmulas de tempo indefinido e de lugar; são narrados em primeira pessoa do plural, os ambientes são fantasiosos e os efeitos são cômicos.

No relato da ema (1.2.C), narrado pelo Seu Marcondes, é valorizada a habilidade da ave na água. A história é centrada na travessia de um rio, que faz o interlocutor montado num cavalo. No meio do rio, começa uma enchente e o cavalo não consegue nadar. O narrador vê um bicho na água, pensa que é uma cobra, mas logo percebe que é uma ema. Vendo que a ave está se saindo melhor no nado, o contador monta sobre ela e é salvo por sua destreza.

Essa narrativa inicia-se com a fórmula de lugar, é contada em primeira pessoa do singular, apresenta um ambiente fantasioso e provoca um efeito cômico.

A história sobre o papagaio (4.1.C) foi narrada pelo Carlão e fala de uma boiada que ele e seus companheiros conduziram durante quarenta dias, de uma fazenda a outra. Um papagaio sempre os acompanhava. Quando chegaram ao destino e soltaram o gado, uma voz fantasma começou a guiar os animais. Quando foram ver do que se tratava, encontraram, no chifre de um dos bois, o ninho do papagaio e ele dentro, remedando os peões.

Esse *causo* começa com a fórmula de tempo indefinido, é contado em primeira pessoa do plural, apresenta o ambiente fantasioso e o efeito cômico.

A narrativa sobre o tatu (2.1.C), contada pelo Seu Perigoso, é focada na desenvoltura do narrador em capturar esses animais e é marcada pelo exagero no número de bichos capturados e no tamanho a eles atribuído. A história fala de uma caçada, iniciada pela vontade dos amigos do Seu Perigoso de comer tatu. O grupo sai para a caça, munido com uma pá, uma espingarda e 350 cachorros. O narrador percebe um barulho e encontra a toca com 350 tatus dentro. Armam uma jaula e ali os prendem. Cada tatu tinha o tamanho de um carro.

Como característica, esse *causo* nos apresenta um início com a fórmula de tempo indefinido, além de ser narrado em primeira pessoa do plural, apresentar um ambiente fantasioso e produzir um efeito cômico.

As semelhanças mais notáveis na categoria Outros Animais estão nos relatos de porcos-monteiros. Damos como exemplos alguns trechos das narrativas. O Seu Marcondes (1.1.C): *“No pantanar, tavam quereno laçá um”* (porco-monteiro). O Seu Oscar (3.1.C): *“Vamo caçá ele”*. O Seu Oscar (3.2.C): *“Lá no pantanar tem muito né”* (porco-monteiro). O Seu Oscar (3.3.C): *“Vamo laçá ele”*. O Seu Marcondes: *“Eu vô laçá ele. O Seu Benjamin (6.1.C): “Ele apeião foi pra pegá”*. O Seu Oscar (3.2.C): *“apeião pra pegá na perna dele”*. O Seu Oscar (3.2.C): *“eu pulei do cavalo e fui pegá ele da perna”*. O Seu Marcondes: *“ele tava acuado assim c’os cachorro”*. O Seu Oscar (3.2.C): *“o cachorro pegava e incostava nele assim”*. O Seu Marcondes: *“aquele porco, mais partiu de lá”*. O Seu Oscar (3.1.C): *“e o porco virô de lá”*. O Seu Oscar (3.2.C): *“ele saiu na minha frente”*. O Seu Oscar (3.3.C): *“ele virô e veio”*. O Seu Benjamin: *“ele saiu fora dele”*. O Seu Marcondes: *“o porco deu uma cruzada, pulô arto”*. O Seu Oscar (3.3.C): *“ele pulô assim de cruzada”*. O Seu Marcondes: *“e cortô a ponta do cavalo dele”*. O Seu Oscar (3.3.C): *“ele pegô o cavalo”*. O Seu Benjamin: *“ele já apontou pro garrão (...) Alejô o cavalo. Cortô esse nervo da perna”*. O Seu Marcondes: *“Mais, um táio assim!”*. O Seu Oscar (3.3.C): *“mais aí abriu um táio muito grande!”*.

As narrativas da categoria Outros Animais mostram a convivência do povo pantaneiro com a fauna local. É notável a forma comportamental em que os contadores apresentam os bichos. Eles são dotados de temperamento e personalidade próprios do ser humano, o que torna o convívio dos homens com os bichos uma relação entre iguais. Nem sempre o mais forte se dá melhor no Pantanal.

5.1.4- As Histórias de Pescaria

Onde há rio, há pescaria, e onde existe pescaria, existe um monte de histórias. Os relatos sobre esse tema têm uma longa tradição na cultura brasileira e mantêm-se vivos em várias regiões, principalmente as que possuem água em abundância. Os exageros nas histórias de pescador são tão notórios, que o termo passou a ser utilizado como sinônimo de mentira.

No Pantanal, com sua grande quantidade de rios, *corixos*, lagoas e alagados, essas narrativas fazem parte do cotidiano de seus habitantes. O pantaneiro sempre pesca e,

depois, conta. Como nas demais partes do país, os *Causos* de Pescaria, aqui, também são reconhecidos pelos exageros, como, por exemplo, o tamanho e a quantidade de peixes pescados.

Entre os narradores que ouvimos, apareceram três relatos de pescadores. Dois deles foram contados pelo Carlão, que nos fala de duas espécies de peixe, o pintado e a piraíba. O outro *causo* foi-nos contado pelo Seu Perigoso e é sobre o dourado.

Acercando-nos dos *Causos* de Pescaria, percebemos que existem poucas características comuns entre eles. Dois relatos são iniciados com a fórmula de lugar e um com o comentário. O Carlão narra suas histórias na primeira e na terceira pessoas do singular, enquanto o Seu Perigoso utiliza a primeira pessoa do plural. Os *causos* do Carlão passam-se no ambiente de trabalho e os do Seu Perigoso, no de descanso.

As narrativas de pescaria coincidem apenas ao descreverem o lugar em que se passa a ação e ao apresentarem ambientes fantasiosos. Dois relatos produzem efeitos cômicos e um, dramático.

Uma particularidade que nos chama a atenção é o *causo* do Carlão (4.2.D), que, ao contrário da grande maioria de histórias verificadas até aqui, pertence ao ambiente fantasioso e provoca um efeito trágico. A narrativa fala de um pescador que foi procurar ovos de tartaruga no rio e desapareceu. Na busca pelo homem, só encontraram o chinelo e a roupa dele na praia. Chamaram o corpo de bombeiros que, depois de três dias, encontrou uma piraíba, reconhecida por seu grande porte, com os pés do pescador saindo pela boca do peixe. O narrador explica que isso aconteceu por ela ser um filhote.

Este *causo* desempenha a mesma função e contém elementos encontrados nos relatos de *sucuris*, tais como o tamanho exagerado do peixe, o ataque, a ingestão de um ser humano e o encontro da vítima dentro do animal, três dias depois do desaparecimento. Situação semelhante foi abordada por Lèvi-Strauss, que encontrou uma explicação semântica para o fato:

“Mesmo localmente, animais escolhidos para preencher uma função semântica podem estar, quer acompanhados, quer ser substituído por outros que lhe serve de duplos ou que simplesmente lhe fazem eco.” (Lèvi-Strauss, 1985:102)

Nesta citação do mestre antropólogo, concluímos que a piraíba e a sucuri são duplos, que desempenham a mesma função no imaginário pantaneiro. Vale a pena lembrar que o Carlão é um contador que viveu grande parte de suas experiências narrativas no pantanal do Guaporé, situado ao Norte, onde é mais freqüente essa espécie aquática. Nos pantanais do Sul, não há peixes com dimensões tão grandes como as da sucuri e, por esse motivo, ela reina sozinha no medo dos peões.

Os relatos de pescarias contam sobre as muitas qualidades que fazem do pescador um herói. Eles seguem com as virtudes do caçador, mas incorporam ainda os elementos da habilidade e da sorte na pesca. O pescador acaba sendo um grande colecionador de glórias. Seus troféus são os peixes e o seu prestígio, os *causos*.

5.2- Causos Enigmáticos

Em um lugar tão inóspito como o Pantanal, com tantas lonjuras e demasiadas ilhas, com tanta Natureza e tão pouca gente humana, com tanto perigo e tantas necessidades, sobram perguntas e faltam respostas. O pantaneiro convive diuturnamente com os mistérios e tem explicações próprias para “quase” todos eles.

Os relatos que designamos enigmáticos tratam de assuntos que fogem à realidade comum e entram no campo do misterioso, do encantatório, do inexplicável racionalmente. Nesse repertório, agrupamos alguns temas que caracterizam o imaginário fantástico pantaneiro e a mitologia da região, além das lembranças de velhas tradições locais.

Percebemos, nas histórias dessa classe, uma via que leva a um dos pontos de origens matriciais. O tema obedece a certas leis do relato, em que podemos facilmente encontrar paralelos nas narrativas orais de outras localidades. Nas palavras de Jerusa Pires Ferreira, enxergamos uma luz:

“No caso do grupo encantatório, parece existir um contratexto hipotético virtual e indefinido não identificado em texto letra, um verdadeiro arquitepo atuando em sua função matricial. Trata-se do próprio molde, retido através das várias vias e normalmente do cumprimento das apontadas predisposições ou potencialidades sempre prontas a se realizarem (Jakobson, 1973, p.63) através de

sucessivos relatos orais, que apresentam pequenos índices de variabilidade estrutural”. (Pires Ferreira, 1993:49)

Nesta classificação estão os *causos* de Seres Imaginários, de Espaços Imaginários, de Enterros de Tesouro, de Pessoas Perdidas, de Ações Mágicas e de Luzes Misteriosas.

O contador narra, geralmente, experiências individuais, pelas quais ele passou ou ficou sabendo que alguém tenha vivenciado. Apesar de os narradores falarem sobre os temas fantásticos, o medo de serem anacrônicos os obrigam a negarem a crença destes eventos.

O Seu Oscar e o Seu Chumbo, por exemplo, falam que não acreditam no Saci e, logo em seguida, contam histórias presenciadas deste mito das matas brasileiras. Já o Seu Silvério diz não acreditar nas histórias sobrenaturais e sempre procura na razão as explicações para os fenômenos.

Os Causos Enigmáticos são os mais numerosos no repertório ouvido, entre os dez narradores com quem conversamos. Do total, 68 fazem parte desse ciclo. Nas narrações, o contador apela principalmente para a curiosidade do ouvinte. A seguir, observaremos, separadamente, as características dessas histórias:

5.2.1- Os Seres Imaginários

Uma considerável população de seres sobrenaturais transita no imaginário pantaneiro. Mitos antigos, personagens folclóricos, histórias de assombração, de protetores da mata, todos se valem do medo das pessoas que moram no Pantanal. O peão nunca está sozinho, o perigo o acompanha por onde ele anda. O perigo nessa região é personificado e faz barulho. O ambiente de mistério fica completo com os variados ruídos que invadem as noites escuras, além das longas distâncias, percorridas, muitas vezes, sem nenhuma companhia.

Já comentamos aqui a experiência pessoal da pesquisadora pantaneira Cristina Campos, que nos despertou para a alteração perceptiva em um ambiente como o Pantanal. Diante de vários pesquisadores de mitos regionais, no Simpósio de História, em Londrina (2005), a que já nos referimos neste trabalho, Cristina foi categórica: *“Eu mantive contato com o Pé-de-garrafa no Pantanal”*. Quem quiser duvidar duvide, mas

Cristina nos relatou com muitos detalhes toda a manifestação da natureza, especialmente do vento, que é quem traz o mito, e como estava o seu estado de espírito para encontrá-lo. Nós acreditamos.

O ambiente diz muito sobre sua própria mitologia. Na beira do mar é de um jeito, nas montanhas de outro e o Pantanal também guarda seus mistérios e os seres que os explicam, ou deveriam explicar. Essa conversa nos faz lembrar do Câmara Cascudo, que disse o seguinte sobre a mobilidade dos mitos entre as várias localidades.

“O mito, presente pelo movimento, pela ação, pelo testemunho humano, pode conservar alguns caracteres somáticos que o individualizem, mas possui costumes que vão mudando, adaptados às condições do ambiente em que age. Os animais fabulosos são todos assim. Processos de encantação e desencantação, razões do castigo, fim da punição, forma marcha, grunido, rosnado, mudam de região para região.”(Cascudo, 1984:52)

Os mitos pantaneiros são donos de vários elementos relacionados à responsabilidade com a proteção ao meio-ambiente e à própria vida. Nos *causos*, nota-se com freqüência o poder didático dos mitos, que, de maneira aparentemente inconsciente, produzem no ouvinte a noção dos perigos da mata, principalmente quando esta é agredida.

É aí que aparece o *Mãozão*, mistura de homem e bicho que rapta as pessoas que desafiam enfrentar a mata, sozinhas; o *Pai-da-mata*, de quem se ouve um grito que não se pode responder, e é também um protetor da natureza, assim como o *Bicho-do-mato*; o *Pé-de-garrafa*, que deixa suas pegadas de vigilante em forma de casco de garrafa; o *Minhocão*, que vale como protetor das águas; o *Cavaleiro-sem-cabeça*, que galopa assustando os perdidos; o *Come-língua*, que arranca a língua do gado pertencente a pessoas que duvidam de sua existência; os humanos que viram bichos, como o veado, que depois de morto volta ao seu aspecto humano; além dos mitos mais populares do folclore brasileiro, como o *Lobisomem* e o *Saci-pererê*.

As entidades do Pantanal trazem elementos de uma ampla tradição mítica difundida em todo o país. Há uma seleção de atributos que se adaptam à realidade e às necessidades locais e, com essas características, forma-se um novo grupo no fabulário brasileiro. Neste terreno, não podemos deixar de recorrer, mais uma vez, ao mestre Câmara Cascudo, que nos fala do agrupamento de características na formação de novos mitos:

“Vemos todos esses monstros com as cores de vinte mitos. Neles convergem duendes ameríndios e superstições européias. São herdeiros do Lobisomem português e do Saci brasileiro. Não têm uniformidade física nem moral. São como um mosaico de pavores. Cada terror lhes traz um novo atributo.” (Casculo, 2002:217)

Os mitos pantaneiros seguem esta regra proposta pelo Casculo e apresentam muitos elementos de outras tradições mitológicas. Aproximando-nos dos *causos de seres imaginários*, percebemos algumas características que vale a pena destacar. Nas linhas gerais dos relatos, notamos o seguinte:

Ouvimos 36 histórias sobre esse tema, e nelas o personagem que mais aparece é o Mãozão, que está presente em oito narrativas, de seis contadores. Em seguida, vem o Lobisomem, que aparece sete vezes, em quatro narradores diferentes. O Pai-da-mata é tema de seis relatos, contados por quatro narradores. As histórias de Assombração são cinco, divididas em dois contadores. O Saci aparece três vezes, em três narradores, e o Pé-de-garrafa aparece em dois *causos*, de dois contadores. Os demais seres aparecem uma vez cada: o Come-língua, o Bicho-sem-cabeça, o Homem-veado, o Cachorro-bezerro, o Bicho-do-mato e o Minhocão.

A maioria dos *causos* é iniciada com a fórmula de tempo indefinido, que aparece 13 vezes. Em seguida vem o início com comentário, 11 relatos; a fórmula de lugar é utilizada em seis, e os que já iniciam com a ação são dois.

Das narrativas de seres imaginários, 23 são histórias retransmitidas e 13 são presenciadas. Com esses dados, observamos que 24 estão na terceira pessoa do singular e três na terceira pessoa do plural. Sete histórias são contadas na primeira pessoa do singular e duas na primeira pessoa do plural. Há variações acentuadas no grau de pessoas verbais, quando deparamos os temas, mas essas características serão destacadas quando observarmos os assuntos separadamente.

Para concluir os aspectos gerais desta categoria temática em relação às outras até aqui analisadas, observamos que esses *causos* apresentam, em 34 ocasiões, o ambiente fantástico e em apenas duas, o realista. O efeito produzido em 23 histórias é o trágico, em três, o cômico e, em dez, o de curiosidade.

Em uma visão mais estreita dos *causos de seres imaginários*, chama-nos a atenção o número de relatos que apresentam a descrição do lugar em que se desenvolve a ação. Esse artifício é encontrado em 17 *causos*, como, por exemplo, o do Seu Marcondes (1.5.E), que diz:

“Na Santa Otilia, uma fazenda muuito grande, lá, né, surró o cachorro, né. Tão bagualhano boi, lá, pegano boi brabo, né, aí, um morro, assim, e um meio buracão, assim, né. Aí, saiu aquele grito, ali, sem ninguém.”

Nesta descrição que os relatos apresentam, 14 destacam o ambiente de mata fechada. Em oito narrativas é apontado que a ação se passa no meio do caminho, entre a saída e a chegada do viajante a seu destino.

Em dois *causos*, há citação de porteira. Não podemos deixar de mencionar a importância deste elemento para os relatos pantaneiros dos seres imaginários. Toda propriedade tem porteira. Não pensem que essa porteira é a pessoa que cuida da entrada. A porteira, nessa região, como na maior parte das localidades rurais no Brasil, é o portão. Porteira é sinônimo de divisa, de limite, de fronteira. Albana Nogueira serve-se das porteiras para ilustrar uma característica importante, em sua pesquisa de mitos pantaneiros, que é o fato de os episódios ocorrerem em momentos e lugares de fronteiras, onde podemos fazer uma analogia entre o conhecido e o desconhecido, entre o real e o imaginário, entre a vida e a morte.

“Como ilustração, atente-se para o caso das porteiras, construções comuns à entrada das propriedades rurais, que, nos pantaneiros, principalmente em Nhecolândia, vêm-se impregnadas do misticismo supersticioso característico da região, que as transforma em locais mal-assombrados, propícios à aparição de seres do outro mundo, dispostos a molestarem aqueles que ousam cruzá-las após o entardecer. Mesmo que em outros lugares as porteiras sejam, também, pontos de assombrações, as versões são outras, como são outros os fantasmas.” (Nogueira, 2002:21)

A porteira tem um equivalente na dimensão tempo, que são as horas de transição. Outro aspecto interessante das histórias dos seres imaginários é que, em 17 relatos, há referência ao horário em que ocorreu o episódio e todos indicam essa hora de transição.

Nove *causos* citam a *noitinha* como momento do desenrolar da ação e quatro indicam a *tardezinha*. Portanto, as duas classificações falam do período em que a tarde vira noite. Também há duas menções à meia-noite, horário da passagem de um dia para outro e uma alusão à *madrugadinha*, ocasião em que a noite passa para o dia. O contador continua percorrendo as fronteiras imaginárias, quando cita o horário dos acontecimentos misteriosos.

Observaremos com um pouco mais de atenção o repertório dos *causos pantaneiros* de seres imaginários, verificando suas semelhanças, separando-os em grupos com o mesmo tema:

- O Mãozão

É difícil o pantaneiro, principalmente o da Nhecolândia, que nunca tenha ouvido a história do Mãozão. Tem muito peão que não sai sozinho na mata por nada desse mundo, de medo de encontrar esse monstro. O povo fala que esse acontecido é realidade, mas só os contadores de *causos* sabem certinho o que se deu de fato. Como já foi dito, o mito aparece em oito *causos*. Seus principais elementos são:

-1º. O rapto de um menino na fazenda Berenice.

-2º. O garoto é encontrado depois de alguns dias, mas não quer voltar para casa.

-3º. A criança não sofreu nenhum arranhão e até sua roupa está limpa.

-4º. O menino diz que esteve acompanhado de uma anta, que cuidou de sua alimentação.

-5º. O garoto perde a razão.

Observando a estrutura do relato sobre o Mãozão, podemos perceber facilmente uma semelhança com os ritos de iniciação de garotos nas antigas religiões, que, segundo o Vladimir Propp, deram origem aos *Contos Maravilhosos*. A primeira característica é o tema do rapto. Diz Propp:

“Outra forma de afastamento ritual é o rapto real ou simulado das crianças: ‘Com frequência o menino é raptado pelo chamado diabo que o leva para a floresta Gri-Gri, só que ninguém o sabe, mas desconfiam.’ Nesses casos as mães falam que foi um espírito que o raptou.” (Propp, 2002:91)

O autor relata, ainda, algumas histórias com o tema do rapto que perpassam por vários momentos da tradição oral e deságuam na formação do Conto Maravilhoso. Em várias situações, encontramos elementos que ainda subsistem nas narrativas encontradas em lugares como o Pantanal. O mito do Mãozão traz outras características apontadas por Propp (2002):

“Podemos mencionar toda uma série de lendas ou de narrativas dos mais diversos povos primitivos sobre o rapto de um ser humano por um animal. Com evolução da religião, o animal é substituído por um deus, mas um deus que conserva seus laços animais. Em seu carro, plutão, deus dos Infernos, rapta Core, filha de Deméter. Pélope rapta Hipodâmica em um carro maravilhoso que atravessa o mar. Nessa função, o carro que voa nos ares é o substituto do animal. Na mitologia grega, alista dos deuses que raptam mortais é muito sugestiva. Malten, que estudou especialmente o rapto de Core, chegou à conclusão de que esse motivo tinha como origem a concepção do rapto pela morte, com o momento erótico acontecendo posteriormente. O conto é mais arcaico que esses mitos: nos contos o raptor ainda não tem feição humana; conserva a natureza de animal devorador, que aqui quase desapareceu.” (Propp, 2002:307)

Nos exemplos de Propp, verificamos as semelhanças quanto ao aspecto físico do animal ou monstro que rapta a vítima. Também são similares os ambientes em que se passa a ação, uma floresta ou um jardim. Chamam nossa atenção, ainda, o fato de a criança estar brincando e estar perto de um rio ao ser seqüestrada, como segue narrando Propp:

“O mito de Bóreas que rapta Orítica enquanto ela brinca com sua companheira, a ninfa Tharmakéia, às margens do Ilisso, e leva-a para a Trácia sobre o rochedo de Sárpedon, tem um paralelo muito próximo nos contos em que ao passear no jardim a jovem é levada por um turbilhão.” (Propp, 2002:307)

Para finalizar, outro ponto encontrado pelo autor no ritual de iniciação, e que apresenta parentesco com os *causos* do Mãozão contados no Pantanal, diz respeito ao estado de loucura em que o jovem é encontrado:

“Essa loucura quase não é refletida pelo conto, mas é importante mencioná-la no cômputo geral, porque esclarece alguns aspectos do folclore. O neófito era lançado num estado de loucura furiosa se não pelos espancamentos, pela fome, pela dor, pelas torturas ou pelas bebidas tóxicas ou narcóticas. Schutz supõe que tal estado coincida com a incorporação do espírito, isto é, com a aquisição das devidas qualidades. Frobenius pensa o mesmo: “Ao que tudo indica, temos aqui um caso mais freqüente na Guiné do Sul que em Nova Guiné, e que se deve compreender como possessão. A realização desses estados ainda não está elucidada. (...). “Em certos casos, parecem realmente supor o que recém-circuncidado está possuído pelo espírito e atravessa uma fase de fúria” (Propp, 2002:96-97)

A partir desses elementos encontrados no mito do Mãozão, inicia-se uma série de construções narrativas, que reúnem fragmentos de vários personagens do fabulário brasileiro. No relato do Seu Olimpião (9.1.E), por exemplo, que descreve o Mãozão como um homem loirão, que às vezes anda como uma anta, podemos reconhecer o Capelobo, mito que o Câmara Cascudo recolheu no Pará:

*“O Capelobo ainda não tem o prestígio do Mapinguari. Sua área de influência está limitada pelos rios do Pará. (...) Pintam-no como um animal ora com formato humano, quase ao jeito do Mapinguari, tendo as mesmas atividades ferozes e desnecessárias. Como animal, o Capelobo parece com a Anta (*Tapirus americanus*), sendo maior e mais veloz. Tem cabelos longos e negros e patas redondas.” (Cascudo, 1984:225-226)*

O Seu Silvério (8.1.E) descreve o Mãozão como um “certera de um Negão” que foi visto por um amigo seu no meio do mato, antes de fugir. Essa descrição encontra paralelo nas características que o mesmo Câmara Cascudo atribui ao Mapinguari:

“Descrevem-no como um homem agigantado, negro pelos cabelos longos que o recobrem como um manto, de mãos compridas, unhas em garra, fome inextinguível. (...) Vem berrando alto, berros soltos, curtos, altos, atormentadores.” (Cascudo, 2002:222)

Mas, sem dúvida, é no mito do Caipora que encontramos uma maior proximidade com o Mãozão. Na descrição desse personagem, que se faz presente em grande parte do país, ele aparece como um anão, o que poderia desviar nossa atenção das semelhanças com o “monstro” que habita o Pantanal. Couto de Magalhães (1876), entretanto, o descreve como “um grande homem coberto de pêlos negros” (cf. Cascudo, 2002:116) e encontra seu rastro no Mato Grosso.

Esse registro não combina com o de Gonçalves Dias (1867), que descreve um Caipora pequeno, diferente das formas agigantadas do monstro de Couto Magalhães.

A imprecisão do aspecto também ronda o mito do Mãozão. No *causo* contado pelo Seu Chumbo (7.1.E), ele aparece com pequena estatura. O contador faz referência a um “hominho baxo”, ao descrever o personagem.

Independentemente da aparência, a proximidade entre o Mãozão e o Caipora é mais notável pela função de zelador da floresta e pelas atitudes de atrair crianças. Gonçalves Dias (cf. Cascudo, 2002) faz menção ao Caipora e traz mais um elemento conhecido do mito pantaneiro, a anta, conhecida em outras terras por tapir:

“O Caapora (vulgarmente Caipora) veste as feições de um índio, anão de estatura, com armas proporcionadas ao seu tamanho, habita o tronco das árvores corcomidas para onde atrai os meninos que encontra desgarrados nas florestas. Outras vezes divagam sobre um tapir – ou governam uma vara de infinitos caitetus cavalgando o maior deles.” (Cascudo, 2002:120)

Na forma de anta, de anão ou de monstro, o mito do Mãozão aparece em dois relatos do Carlão, em dois do Seu Olimpião, em um do Seu Oscar, um do Seu Benjamim, um do Seu Chumbo e um do Seu Silvério.

Nas características gerais que observamos, as narrativas são iniciadas com a fórmula de lugar, em cinco ocasiões; de tempo indefinido, em duas; e de comentário, em uma. Sete relatos estão contados em terceira pessoa do singular e um, na primeira pessoa do plural. Todos os *causos* apresentam ambiente realista e produzem efeito trágico.

Em suas particularidades, três histórias trazem como cenário a fazenda Berenice e duas a fazenda Campo Neta, que é quase a mesma coisa, porque elas são vizinhas e fazem parte do pantanal da Nhecolândia. Assim, se levarmos em conta as grandes

proporções de terras nessa localidade, estaremos tratando da mesma região. Uma narrativa faz menção à fazenda Laranjeiras, que também não está longe; uma fala que o acontecido se deu na Nhecolândia e outra se refere apenas ao Pantanal.

O aspecto do Mãozão, como nos foi apresentado, também varia entre os contadores. Em três oportunidades, fala-se da ant; em outras três, do homem avantajado; e, em uma ocasião, há referência a um homem pequenino.

Há variação, ainda, no desfecho dos relatos. Em três situações, o menino é encontrado com uma perturbação mental. Em duas, o garoto volta para a casa bem, sem nenhum arranhão, e em outras duas não há retorno.

Mesmo nos *causos* em que a criança não volta, encontramos alguns elementos que caracterizam a versão mais conhecida do mito do Mãozão, mas com algumas modificações. No relato do Carlão (4.1.E), por exemplo, o menino segue sendo visto na mata transformado em anta, apesar de, nessa versão, o contador ter descrito o monstro como um gigante. Já na situação narrada por Seu Olímpio (9.2.E), a família, não tendo encontrado o menino, procura um vidente e este lhes diz que o garoto está sendo bem cuidado, com a roupa limpa, comida e bebida, mas morando dentro de um poço.

O personagem do vidente está presente também no *causo* do Carlão (3.2.E), mas aqui é chamado de benzedor e é quem cura o menino seqüestrado das seqüelas mentais que o rapto acarreta. Nas duas ocasiões, o episódio se passa na cidade de Corumbá.

Vamos conferir agora as semelhanças mais comuns nas histórias do Mãozão: o Seu Silvério (8.1.E): “*No Pantanal eu ouvi falá muito nisso*”; o Carlão (4.1.E): “*Uma veis sumiu um guri aí no Pantanal*”; o Seu Oscar (3.1.E): “*Foi na Birinice*”; o Seu Chumbo (7.1.E): “*Na Fazenda Birinice que foi*”; o Seu Olímpio (9.2.E): “*Então tinha uma fazenda, a tar de Birinice, e ele (Mãozão) morava lá*”; o Seu Silvério: “*Diz que andava pegano gente, aí*”; o Carlão e o Henrique (4.2.E): “*Aí, esse bicho pegô ele lá*”; o Seu Chumbo: “*Tem um rapais aí, que ele era criança, ele sumiu*”; o Seu Benjamin (6.1.E): “*Eu vi contá que ele pegô um guri*”; o Seu Olímpio (9.2.E): “*Ele catô um guri da fazenda lá*”; o Seu Oscar: “*Passô oito dia, eles andano, aí eles acharo o rasto do guri*”; o Seu Chumbo: “*Ficô vinte e dois dia no mato, sumido*”; o Seu Benjamin: “*Já tava cum mais de quinze dia*”; o Seu Silvério: “*Um certera dum negão, memo. Um monstro d’um*

bicho”; o Carlão (3.1.E): *“Tinha hora que paricia tipo uma anta”*; o Seu Chumbo: *“Essa anta que carregava o guri”*; o Seu Olimpião (9.1.E): *“Andava igual uma anta”*; o Carlão e o Henrique (3.2.E): *“Aí viro ele uma veis no mato lá. Mais só que o bicho tava ventano igual gado, corria memo. (...) Mais só que pegaro ele, né. Pegaro ele no laço”*; o Seu Chumbo: *“Até que um dia discubriu ele, né. Discubriu, mais foi cum muito sacrificio, pegô ele”*; o Seu Benjamin: *“Daí um tempo, foro e viro o guri, metero no cavalo e truxero ele pra cá”*; o Seu Oscar: *“Mais o guri, tava c’a mesma ropa, tava limpo, num tinha nada”*; o Seu Chumbo: *“Quando acharo ele, tava limpinho. Num tinha nada de arranhão, de nada e, nem cum fome também”*; o Seu Benjamin: *“Mais ele num feis nada c’o guri, num machucô. (...) Num tinha nenhum arranhão!”*; o Carlão e o Henrique (3.2.E): *“Tava meio loco de pedra”*; o Seu Chumbo: *“É ficô meio ansim, meio, meio sedado, meio bobo”*; o Seu Olimpião (9.1.E): *“Nóis chegemo lá, o home endoideceu, sabe. Ficô doido!”*; o Seu Olimpião (9.1.E): *“Porque ficô variado, né!”*

Conforme podemos perceber, o mito do Mãozão segue uma linha de coerência entre as histórias. Esses elementos são muito difundidos na região do pantanal da Nhecolândia, e muitas pessoas afirmam conhecer algum dos personagens que vivenciaram este “acontecimento”. O Mãozão é hoje o grande limitador das peraltices das crianças pantaneiras.

- O Lobisomem

Outro monstro que passeia na roda de histórias do povo pantaneiro é o Lobisomem. Em sete relatos de seres imaginários que ouvimos, aparece o homem que se transforma em fera. As narrativas, apesar das particularidades locais, guardam boa parte dos atributos que as tornaram famosas em vários lugares do mundo. No Pantanal, a figura do lobo foi substituída pela do cachorro, mas os pontos principais são os mesmos que desembarcaram com os portugueses por ocasião do “descobrimento” do Brasil.

A respeito do Lobisomem e sua chegada ao território brasileiro, invocamos mais uma vez o auxílio do folclorista Câmara Cascudo, que é quem pode nos ajudar:

“O Lobisomem nos foi trazido pelo colono europeu. Está em todos os países e épocas, com histórias espelhadas, sob nomes vários, registrado nos livros eruditos. É um dos mitos mais complexos e escuros pela ancianidade e divisão local.”
(Casado, 2002:172)

No universo pantaneiro, encontramos a apresentação do mito com os seguintes elementos:

- 1º. De noite um homem se transforma em monstro, parecido a um grande cachorro.
- 2º. O cachorro ataca as pessoas, principalmente as mulheres.
- 3º. Um homem fere o Lobisomem, geralmente com arma de fogo, mas não o mata.
- 4º. No dia seguinte é descoberto, por alguma marca no corpo, o homem que se transformou em monstro.

Os contadores que narraram *causos* de Lobisomem foram o Seu Oscar, que contou quatro relatos, além do Seu Marcondes, do Seu Edson e do Seu Chumbo, que apresentaram uma história cada um.

Observando as características gerais das narrativas de Lobisomem, verificamos que elas são iniciadas em quatro ocasiões com comentários e, em três, com a fórmula de tempo indefinido.

Esses *causos* são, em sua totalidade, retransmitidos, ou seja, não há nenhum deles que relate uma experiência pessoal do contador. Essa característica fica evidente pelas pessoas verbais empregadas na narração. Seis situações são narradas na terceira pessoa do singular e uma, na terceira pessoa do plural.

Os ambientes das narrativas são fantasiosos nos sete relatos. Os efeitos produzidos são os trágicos, em quatro histórias, e os de curiosidade, em outras três.

Em suas particularidades, os *causos pantaneiros* de Lobisomem trazem a noite, como turno em que se passa a ação, seguindo a tradição secular do mito. Apenas em um relato, fica a dúvida do horário em que aconteceu o episódio.

Outra característica desse mito é que, apesar dos contadores referirem-se sempre ao Pantanal, as histórias do homem que vira cachorro acontecem nas cidades ou povoados próximos da região pantaneira. A única exceção é o *causo* contado por Seu Edson (5.2.E), que se passa no caminho entre duas fazendas.

Essas narrativas trazem, ainda, uma relação de convivência, e até afeto, entre o monstro e sua vítima. No relato de Seu Marcondes (1.6.E), o Lobisomem ataca sua

vizinha, mas há menção à esposa, que seria conhecida da pessoa que divulgou o fato. O Seu Oscar narra um episódio (3.3.E) em que o bicho ataca seu amigo, e em outro (3.2.E) não há referência à relação entre o animal e o homem que é abordado, mas a situação se dá no momento em que a vítima voltava da casa da namorada. Mas é no *causo* contado por Seu Edson (5.2.E) que essa característica mostra-se mais acentuada. Nessa ocasião, a fera ataca sua própria esposa, tentando devorar seu próprio filho.

A maneira em que a vítima livra-se do monstro varia de uma história para outra, mas, em todas as narrativas, o Lobisomem sai vivo. Em três *causos*, são utilizadas armas de fogo. Em outros dois, a pessoa atacada se refugia. Em um relato, o animal é capturado.

A forma da descoberta de quem é a pessoa que se transforma em cachorro também é variada, mas predominam as marcas que ficam no corpo após o retorno do monstro ao aspecto humano. Em três ocasiões, o fato que denuncia o Lobisomem é um fiapo da roupa da vítima que fica em seus dentes. Essa característica acompanha o mito pelas várias regiões onde ele é conhecido. E Câmara Cascudo nos dá, novamente, um exemplo deste fato:

“Gustavo Barroso (O Sertão e o Mundo, pp. 57-73) narra vários casos do Folclore chinês, de Leon Wierger. São idênticos aos nossos contos brasileiros. No distrito de Tcheng-Ping, do Kiang-tcheu, um aldeão foi atacado furiosamente por um lobo. O homem subiu para uma árvore, mas o animal enfurecido ainda o pôde segurar pela calça. O assaltado defendeu-se dando uma machadada na cabeça do lobo. No outro dia conseguiu saber que o lobo era um velho aldeão seu conhecido, que aparecera ferido na cabeça e tendo nos dentes fiapos da calça abocanhada.” (Cascudo, 2002:179)

O que não é citado na passagem acima é a cor do tecido que solta o fiapo. Nos *causos pantaneiros*, predomina o vermelho. Em outra ocasião, o sinal que acusa a pessoa de transformar-se em bicho é uma seqüela do ferimento produzido pela vítima ao se defender. No relato do Seu Oscar (3.3.E), o local ferido é a orelha. Essa propriedade também é encontrada nas tradicionais histórias do Lobisomem, como podemos ver em um exemplo recolhido por Câmara Cascudo em suas pesquisas sobre o folclore brasileiro:

“João Pereira, de Pepeba, Ares, Rio Grande do Norte, atacado por um bichão preto conseguiu feri-lo com golpe de foice afiada. No outro dia encontrou um seu amigo Aleixo com a metade da orelha decepada.” (Cascudo, 2002:191)

Observando os pontos em comum nos relatos de Lobisomem, destacamos os seguintes fragmentos: no *causo* do Seu Marcondes (1.6.E): “*O marido da muié virava lobisome e saía de noite*”; o Seu Oscar (3.3.E): “*E tinha um rapaizinho (...) Ele diz que virava lobisome. E aí diz que virô lobisome e veio na casa desse Armerindo*”; o Seu Edson (5.2.E): “*O marido dela apresentava muito estranho*”; o Seu Marcondes: “*Diz que virava um cachorro, né*”; o Seu Oscar (3.2.E): “*Saiu um bicho pra ele. Um bicho preto*”; o Seu Oscar (3.5.E): “*Diz que era iguar um cachorro*”; o Seu Edson: “*Pareceu aquele tremendo de um cachorro*”; o Seu Marcondes: “*Aí, né, de noitinha ansim, ela tava assim pra fora, vançô nela!*”; o Seu Oscar (3.2.E): “*E esse bicho quiria vará no vão da perna dele e ele pulava pra lá, pulava pra cá*”; o Seu Oscar (3.5.E): “*Daí, o lobisome veio neles*”; o Seu Edson: “*E atropelô ela*”; O Seu Oscar (3.2.E): “*Rancô o revórve, deu seis tiro nele*”; o Seu Oscar (3.3.E): “*Pegô a espingarda e saiu*”; o Seu Oscar (3.4.E): “*Então, ele pegô a flobé do meu cunhado e foi*”; o Seu Oscar (3.2.E): “*Deu seis tiro nele, no acertô nenhum*”; o Seu Oscar (3.3.E): “*Ele atirô ele. Atirô, era espingarda de chumbo e o chumbo era meio fino. Parece que andô pegano nele assim, meio na orelha, mais num matô ele*”; o Seu Oscar (3.4.E): “*Num teve coragem de atirá no bicho*”; o Seu Oscar (3.5.E): “*Num mataro ele, não*”; o Seu Marcondes: “*Sairo procurano ele*”; o Seu Oscar (3.2.E): “*Até que o bicho injuô, num pôde passar no meio das perna dele, foi embora*”; o Seu Oscar (3.3.E): “*Ele foi embora*”; o Seu Oscar (3.5.E): “*E eles sairo correno atrais do lobisome*”; o Seu Edson: “*Aí, passano aquele fragante ali, ele sumiu*”; o Seu Marcondes: “*Aí, descubriro que ele virava lobisome*”; o Seu Oscar (3.3.E): “*Aí, o Armerindo descobriu que era esse Manédson eu virava lobisome*”; o Seu Edson: “*Aí, certificaro que era ele virava o tal do lobisome*”.

Especiais semelhanças são apresentadas pelos *causos* do Seu Marcondes (1.6.E) e do Seu Edson (5.2.E). Em ambos os relatos, o Lobisomem é uma pessoa próxima da vítima, esta última está com uma peça de roupa vermelha, é atacada, consegue fugir, mas fica uma linha do pano no vão do dente do bicho e é a prova que o incrimina no dia posterior.

O Lobisomem transita no imaginário local, mas não faz parte do cotidiano pantaneiro. Esse bicho é coisa da cidade. O “ouviu dizer” que caracteriza o mito, na região do Pantanal, deixa-o um pouco distante da realidade da população. O pantaneiro sabe de sua existência, mas não o traz para sua rotina.

- O Pai-da-mata

Quem também atormenta a vida dos peões de fazenda do Pantanal é o Pai-da-mata. Essa entidade tem como principal função guardar as matas e protegê-las de qualquer interferência que venha alterar a ordem das coisas e, principalmente, que venha quebrar o silêncio da noite. Sua origem provavelmente é indígena, apesar de não obedecer ao costume de ser um mito feminino, como é comum nessas sociedades. Ao contrário, segue a tradição pantaneira de apresentar seus mitos com contornos masculinos.

Podemos tentar uma explicação para essa característica, seguindo os passos propostos por Câmara Cascudo, que encontra na presença ibérica o motivo para a adoção de uma mitologia centrada na figura paternal:

“O índio dizia que tudo nesse mundo tinha uma Mãe. Devia haver um Ci para todas as espécies animais, vegetais e minerais. O Sol era Mãe dos Viventes e não o Pai. Ainda não chegara para o ameraba a explicação das reproduções sexuadas. A Mãe bastava. Explicava. O português vinha com uma religião em que o elemento masculino era essencial. Tudo era o Pai. O feminino ficava em nível secundário, tolerado, querido mesmo, mas inferior.” (Cascudo, 2002:153)

A manifestação do Pai-da-mata é, geralmente, através de um forte grito, que não deve, de maneira alguma, ser respondido, porque, se há resposta, a pessoa corre o risco de entrar em um estado de variação mental e ficar perdida na mata. Os elementos que formam este mito o tornam semelhante ao Curupira, personagem encontrado com frequência na mitologia indígena das mais diversas regiões brasileiras.

Poderíamos atribuir ao mito pantaneiro do Pai-da-mata as mesmas características usadas na descrição do Curupira, por Couto de Magalhães, em sua obra *O Selvagem* (1876). Reconhecemos, principalmente, a função equivalente aos dois seres:

“O Curupira é o deus que protege as florestas. (...) A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus.” (cf. Cascudo, 2002:105)

Outro ponto em comum, que encontramos tanto no Curupira quanto no Pai-da-mata, é sua manifestação através de um forte ruído. Enquanto, na entidade pantaneira, os contadores dizem ter ouvido um forte grito, Barbosa Rodrigues (1842-1909) fala que o Curupira vale-se do assobio para avisar sobre sua presença:

“O Curupira também persegue os caçadores em casa com os seus assobios (Rio Negro) e para fazer calar-se basta bater-se em um pilão.”(cf. Cascudo, 2002:107)

Se pararmos para pensar no ambiente inóspito que é o Pantanal, perceberemos que os ruídos misteriosos podem transformar-se em um grande número de possibilidades na imaginação humana. Entre elas, está a existência dos seres sobrenaturais.

O mito do Pai-da-mata foi relatado em seis ocasiões pelos contadores que selecionamos para este trabalho. Não foi identificada nenhuma barreira que limitasse a atuação da entidade a determinada região, como acontece com o Mãozão, que fica restringido ao pantanal da Nhecolândia.

Nas características gerais, observamos que essas narrativas trazem as fórmulas iniciais indicando tempo indefinido em três ocorrências, comentários, em duas e apontando o lugar, em uma situação.

As experiências pessoais com o mito são mais recorrentes nessa modalidade de *causos*. É difícil o pantaneiro que nunca tenha ouvido o grito “do Pai-da-mata”. As narrativas em primeira pessoa do singular aparecem duas vezes, e em primeira pessoa do plural, outras duas. Um relato é narrado na terceira pessoa do singular, e outro na terceira do plural.

O efeito trágico, comum nos *causos de seres imaginários*, dá lugar ao de curiosidade, no mito do Pai-da-mata. Apenas um relato apresenta tais características, enquanto os de curiosidades são quatro. Uma narrativa provoca efeito cômico.

O ambiente sugerido pelos narradores é o fantasioso, seguindo a tendência das histórias pantaneiras de mitologia. Apenas em um relato (3.8.E), identificamos o ambiente realista e o classificamos assim porque o contador, o Seu Oscar, narra o fenômeno do grito no meio da mata, mas em nenhum momento o atribui a uma entidade

sobrenatural. A explicação lhe é dada por um terceiro, mas ele diz não acreditar. Já em outro *causo* seu, sobre esse assunto (3.7.E), não há uma negação da existência do personagem e por isso foi incluído entre os ambientes fantasiosos.

Em suas particularidades, a ação das narrativas do Pai-da-mata desenvolve-se no período da noite. Em cinco ocasiões, há menção do horário noturno, sendo que em duas situações é citada a meia-noite. Apenas uma história é desenvolvida de dia.

A manifestação da entidade através do grito está em cinco *causos* e, em um deles, o mito revela-se por palavras de ameaça.

A provocação que desperta o brado do Pai-da-mata varia entre os *causos*. Em três relatos, as pessoas estavam na corrida pela doma do boi bravo, quando o bicho se manifestou. Em outra narrativa, o peão estava caçando, na espera da presa, quando saiu um tiro, e a voz em seguida. Em duas ocasiões, a simples presença de estranhos circulando pela mata já desencadeou a reação da entidade.

A intolerância a ruídos não é um atributo apenas do Pai-da-mata e de outros seres sobrenaturais. No Pantanal, até as águas incomodam-se com o barulho dos humanos. Quem nos falou isso, foi Mário Cézar Leite, que estudou muito a mitologia das lagoas e rios pantaneiros:

“Recuperando os vários relatos deste trabalho, verificar-se-á que este ponto é fundamental para que as águas de Chacororé fiquem bravas. ‘Lá você não pode falar, assobiar’ ou ‘gritar’, que ela fica brava.” (Silva Leite, 2003:115)

Além da sensibilidade aos ruídos, outro elemento que se sobressai, neste grupo, é a presença de testemunhas. O pantaneiro necessita ter alguém que confirme sua história. Em quatro situações, é mais de uma pessoa que ouve os gritos. Em dois *causos*, no entanto, a criatura revela-se a um solitário.

A sabedoria popular diz que não se deve responder ao brado que vem da mata. Em quatro relatos, o conselho é respeitado, mas, em duas ocasiões, há retorno. Vejamos as duas situações: No *causo* do Seu Perigoso (2.1.E), ao ouvir os gritos, o contador responde

confiando em sua arma e atirando para o lado do ruído. Os tiros não acertam em nada e a voz continua bradando.

Esse relato encontra paralelo na definição que Câmara Cascudo encontrou para o Pai do Mato, no estado de Alagoas, o qual, apesar da personificação, guarda elementos comuns ao mito pantaneiro:

“Pai do Mato- É um bicho enorme, mais alto que todos os paus da mata, cabelos enormes, unhas de 10 metros, orelhas de cavalo. O urro dele estronda em toda a mata. À noite quem passa na mata ouve também a sua risada. Engole gente. Bala e faca não o matam, é trabalho perdido. Só se acertar numa roda que ele tem em volta do umbigo.” (Cascudo, 2002:386)

A outra história em que há resposta para o grito do Pai-da-mata foi narrada pelo Seu Marcondes (1.5.E). No entanto, quem responde não é um homem, mas um cachorro, que não sabendo da proibição, sai latindo ao encontro da fonte do grito. É então que o animal leva uma surra da entidade e, depois de alguns dias, vem a morrer. Essa situação também encontra semelhança com um relato coletado por Câmara Cascudo:

“José Belém Bacurau, por alcunha Zé Crato, contou-me ter assistido um ser invisível surrar ferozmente um seu cachorro. O animal semi-morto e Zé Crato compreendeu que desobedecera ao preceito de respeitar a sexta-feira.”(Cascudo, 2002:122)

Nos *causos* do Pai-da-mata, chama nossa atenção, ainda, a presença da água como delimitador do poder de ação da entidade. Em duas narrativas, há referência ao fato de que, depois de haver atravessado um riacho, o perigo acaba.

Em outras duas histórias, os gritos repetem-se várias vezes, acompanhando a pessoa que quebrara o silêncio da mata. Esse elemento, da repetição, é notado por Graça Aranha (1902), ao relatar a figura do Curupira no vale do Rio Doce, no estado do Espírito Santo:

“Lá no fundo da mata havia uma aberta e me parecia que um vulto caminhava para mim. Não dei importância ao sujeito e disse comigo: _ Há de ser o filho do Zé

Marinheiro, que se recolhe, porque o pai não o deixa ir à festa. De repente, ouço um assobio fino que vinha de trás. Pensei: _ É algum camarada que vai se divertir e me chama. Voltei a cabeça e não vi ninguém. Assuntei de novo, nada. Continuei a andar... Outro assobio me passava, cortando os ouvidos, outro, outro, de toda a parte se apitava, do fundo do mato, da boca da estrada, por cima das árvores.”(cf. Cascudo, 2002:110)

Nas seis histórias em que aparece o Pai-da-mata, encontramos várias semelhanças entre elas. Aqui, selecionamos os fragmentos que mais se aproximam entre si. O Seu Marcondes (1.4.E) começa relatando: *“O cara uma veis tava esperano, uma meia-noite lá na mata iscura e longe que era”*; o Seu Oscar (3.7.E): *“Uma noite, nós fomo vê o meu patrão. (...) Era longe da fazenda. (...) num tinha lua, né. (...) Era uma mata meio deserta, assim”*; o Seu Oscar (3.8.E): *“(…) trabalhemo lá até uma certa hora da noite. (...) Era os morro, mato”*; o Seu Edson (5.1.E): *“Era uma meia-noite mais-o-meno. (...) quando eu andei, mais-o-meno, uns duzentos metro dento do mato”*; o Seu Marcondes (1.5.E): *“Aí, saiu aquele grito, ali, sem ninguém. (...) Era um grito feio, né”*; o Seu Oscar (3.7.E): *“De repente, eu escutei um grito. Aquele grito, assim, na nossa direita”*; o Seu Oscar (3.8.E): *“Aí, escutemo um grito. Deu um grito assim mais pra direita da mata. Aquele grito, memo. Duro. Firme”*; o Seu Perigoso (2.1.E): *“Daí passô um pouco, deu um grito atrais de mim, Ih puh!”*. Seu Edson: *“(…) eu escutei um grito. Um grito gimido, sabe. Eu prestei atenção, no vi barulho, no vi nada”*; o Seu Marcondes (1.5.E): *“Eles escutaro o grito”*; o Seu Oscar (3.7.E): *“Ele também escutô e os oto cumpanhero escutô”*; o Seu Edson: *“Esse senhor tava durrmينو, acordô c’o grito”*; o Seu Marcondes (1.5.E): *“Fica quéto, hem!”*; o Seu Oscar (3.7.E): *“Mai, ninguém falô nada. Ficamo todo mundo quéto”*; o Seu Oscar (3.8.E): *“Ninguém falô nada, todo mundo ficô quéto”*; o Seu Oscar (3.8.E): *“Aí, fomo ino mais um pouco”*; o Seu Edson: *“Continuei andando”*; o Seu Marcondes (1.4.E): *“Deu dois tiro”*; o Seu Oscar (3.7.E): *“Aí, deu o segundo grito”*; o Seu Oscar (3.8.E): *“Aí, mais-o-meno duzentos metro deu outro grito”*; o Seu Perigoso: *“Daí, ele gritô outra veis. Na frente, ele gritô”*; o Seu Edson: *“Eu andei, mais-o-meno, mais cinqüenta, sessenta metro pra frente de onde eu tava. Aí, eu iscutei um grito. Andei mais pra frente, escutei outro grito.”*

Outros pontos em comum nas narrativas analisadas do mito do Pai-da-mata estão contidos nos relatos do Seu Marcondes (1.4.E) e do Seu Perigoso (2.1.E), em decorrência

da utilização de uma lanterna. Diz o Seu Marcondes: “*Daí a pouco viu que vinha vino o bicho. Diz que ele levantou a lanterna, diz que viu bem um veado matero*”; o Seu Perigoso: “*Daí gritô outra veis, né. Falei: - Sabe o que eu vô fazê agora, vô por a lanterna. (...) Peguei, liguei ela, quando gritô lá, puxei ela até aqui, falei: - Vem aqui, só*”.

O mito do Pai-da-mata é o que se encontra mais perto do pantaneiro. Acreditamos que dois motivos contribuem para essa proximidade. Primeiramente, como vimos até aqui, o contato com a manifestação da entidade é muito comum entre as pessoas que vivem no Pantanal. Todo mundo já ouviu algum grito que não sabe explicar de onde veio. Além disso, a função do mito é inseparável do universo pantaneiro, que tem a necessidade de limites em relação à exploração do meio ambiente e o Pai-da-mata exerce a função de moderador.

- A Assombração

Os *causos* de seres do outro mundo estão relacionados a fenômenos de difícil entendimento e a situações que envolvem medo. Quatro relatos tratam desse assunto e todos eles apresentam temas distintos entre si. Porém, uma característica une essas narrativas em um mesmo grupo, a atribuição dos eventos a uma entidade, a quem os contadores referem-se como Assombração.

A crença em assombrações remonta a séculos e faz parte da tradição do culto aos mortos, que tem espaço em nossa cultura desde as mais antigas civilizações. No imaginário popular, o morto manifestar-se-ia através de espírito e voltaria à vida, possivelmente, para resolver problemas que ficaram sem soluções antes da morte.

Nos *causos pantaneiros*, esse enredo assume variadas feições. Dos quatro relatos recolhidos com essa temática, três são do Seu Marcondes e um do Seu Olimpião, que conta uma surra que seu cunhado teria levado de um ser invisível, na presença de várias pessoas, inclusive a sua. A ação desta história é parecida à do *causo* contado pelo Seu Marcondes (1.5.E), em que o seu cachorro é açoitado por um ente misterioso. Mas,

enquanto a entidade que bate no cão é reconhecida pelo contador como o Pai-da-mata, a que surra o homem é chamada pelo Seu Olimpião de Assombração.

Os três relatos do Seu Marcondes são os seguintes: no 1.2.E, ele narra o encontro de um conhecido seu, com uma mulher perto do cemitério. Os dois teriam seguido conversando e, quando passavam em frente ao portão, a mulher disse que ali ficaria. O homem teria achado estranho e contestado sua decisão, pois já estaria escurecendo. Teria sido então que a mulher lhe revelaria que aquele local era sua morada. Nesta situação, o contador se refere à entidade como Alma Penada; em outra ocasião, o Seu Marcondes (1.1.E) conta uma história, cujo mistério foi desvendado por ele mesmo. Aconteceu, segundo ele, que, depois de oito dias viajando com uma tropa para uma fazenda distante, teria parado para descansar, passando a noite em uma fazenda de desconhecidos. Os peões, acostumados com o lugar, dormiam juntos no galpão menor, deixando o outro vazio devido a ocorrências de assombração. Seu Marcondes teria visto o amplo espaço sem nada e decidido dormir ali. O praieiro¹⁸ da fazenda o teria alertado da presença da entidade, mas não conseguira dissuadi-lo de passar a noite ali. Também o fazendeiro o teria avisado e, recebendo sua negativa, teria oferecido dinheiro no caso dele conseguir descobrir o que se passava naquele galpão. Assim, conta Seu Marcondes que, por volta da meia-noite, começou a aproximar-se um barulho de “estrivo” batendo. Quando o ser chegou bem próximo à rede em que estava deitado, ele teria avançado e o derrubado no chão. Quando olhou bem para a entidade imobilizada, teria percebido que se tratava do praieiro que era sonâmbulo e assustava o lugar; o último relato de Assombração incluído nos *causos* de Seu Marcondes (1.3.E) foi contado principalmente por sua mulher, Dona Marli, e trata de uma mão preta que atira pedra e bate em crianças e animais. Repete-se, mais uma vez, a história da surra que vem não se sabe de onde.

Conta Dona Marli, com a ajuda de Seu Marcondes, que o fenômeno acontece em certa fazenda Fênix, desde a época de seu avô, que dali partira para se livrar daquele mal, mas no caminho a voz teria dito que o acompanharia. Em outro tempo, sua filha, que é de religião protestante, vai com um grupo para orar nessa fazenda e espantar a Assombração. Quando fazia a sua oração, a menina, que tinha quatorze anos, teria visto uma mão preta, saída do nada, arremessando-lhe uma pedra que a teria atingido.

¹⁸ Praieiro é o peão que cuida da sede da fazenda e seus arredores.

Nas características gerais, encontramos nas narrativas de Assombração o uso da fórmula inicial indicando tempo indefinido em dois relatos, e, nos outros dois, um começando com a indicação de lugar, e o outro, com comentário.

Em três ocasiões, a história é narrada na terceira pessoa do singular e, em uma, na primeira pessoa do singular. O efeito produzido no espectador é trágico em duas situações, cômico em uma e de curiosidade em outra.

O ambiente das narrativas são fantasiosos em três ocorrências; classificamos como realista apenas uma delas (1.1.E), porque o narrador permanece incrédulo durante toda a ação, chegando a encontrar a explicação para o mistério no final do relato.

Encontramos semelhanças diretas entre dois *causos* de Assombração. Um é o da Dona Marli e do Seu Marcondes (1.3.E) e outro é do Seu Olimpião (9.1.E). A Dona Marli e o Seu Marcondes: *“A comida, eles derrubavam, né, jogava pedra nas pessoas, nas crianças, tinha uma menina lá, que queria vim embora de tudo quanto é jeito, com a outra minha filha, porque sofria demais, né, que judiava muito dela, essa assombração”*; o Seu Olimpião: *“Tem assombração que dirruba o cara da rede, né. Até um cunhado meu apanhô disso uma veis. O cara pegô ele e, no meio de nós, eu já contei essa história pra o cumpade uma veis, surrô ele bastante”*; a Dona Marli e o Seu Marcondes: *“(…) nessa mesma fazenda, ele batia muito nas criança, batia nos animais, né”*.

Os *causos* de Assombração são os mais razoáveis para os contadores pantaneiros, em termos de veracidade. Notamos essa particularidade devido à aproximação a que os narradores se permitem chegar do evento misterioso, atribuído à filha, ao cunhado e ao próprio contador. O único relato, dos que ouvimos, que foge a essa regra é o da alma que acompanha o homem até o cemitério (1.2.E). Mas esta é uma história comum entre os repertórios de contos de medo, o que afastaria, do narrador, a iniciativa de atribuir a si mesmo a experiência relatada.

- O Saci

Outra entidade que faz parte do universo pantaneiro e aparece em seus *causos* é o Saci. Este mito é reconhecido nacionalmente e é uma forte presença no folclore das regiões meridionais do Brasil. A personificação mais popular deste ser é a chamada de

Saci Pererê, negrinho de uma perna só e gorro vermelho que aparece para cavaleiros viajantes. Essa versão ganhou as páginas dos livros da literatura infantil de autores como Monteiro Lobato (1882-1948) e Ziraldo (1960).

O Saci não provoca grandes danos aos humanos. Ele é um ente com características infantis e gosta apenas de divertir-se fazendo travessuras. A síntese desse personagem, que foi reproduzida nas histórias escritas, também foi verificada por Câmara Cascudo, que assim descreveu o mito em duas localidades distintas:

“No Rio Grande é um menino de uma perna só que se diverte em atormentar à noite os viajantes, procurando fazer-lhes perder o caminho. Em São Paulo é um negrinho que traz um boné vermel17 ho na cabeça e freqüenta os brejos, divertindo-se em fazer aos cavaleiros que por aí andam toda sorte de diabruras.” (Cascudo, 2002:125)

O Saci guarda muitas semelhanças com o Curupira. Além da popularidade dos dois mitos, também são entidades da floresta, e sua manifestação, muitas vezes, se dá através de gritos. Câmara Cascudo aproxima as duas entidades e as coloca em posições de destaque no fabulário brasileiro:

“Mito de existência relativamente moderna, o Saci-pererê substituiu na popularidade literária ao Curupira, registrado pelo Venerável Anchieta. É hoje o demônio inseparável das estórias, das anedotas, dos causos, das conversas matutas, caipiras e fazendeiras, vago, assombrador, inesperado, malicioso, humorista, atarantador, diluído na lembrança emocional dos que já não mais têm a idade espiritual para temer-lhe o espantoso encontro...” (Cascudo, 2002:137)

Assim como o Curupira, o Saci tem origem indígena, apesar de ser bem mais recente seu aparecimento. Os estudos de Câmara Cascudo apontam que o Saci surgiu em fins do século XVIII e tem sua vida desenvolvida durante o XIX. Pela geografia do mito e pela aproximação idiomática de seu nome, Cascudo conclui que o Saci nasceu na sociedade dos índios Tupi-Guarani:

“Não havendo o Saci-pererê no norte nem no nordeste e sim constando com freqüência segura no Folclore do sul brasileiro; tendo tradições palpitantes e vivas em todos os países que circundam o Brasil, especialmente nas regiões outrora povoadas pelos Tupis-Guaranis, de cujo idioma nasce seu nome, coincidindo ainda

sua jornada sul-norte com o roteiro das migrações tupis, tenho o Saci como criação dessa raça e trazida ao Brasil por ela.” (Cascudo, 2002:133)

Em nossa relação de *causos*, encontramos três relatos que trazem a figura do Saci, apesar de a entidade aparecer diversas vezes durante as conversas com os contadores. Nos relatos do Seu Marcondes (1.7.E), do Seu Oscar (3.6.E) e do Seu Chumbo (7.3.E), aparece esse mito, que zomba dos pantaneiros.

A narrativa contada pelo Seu Marcondes fala de um encontro que ele teve com o homenzinho de boné vermelho, que o abordou quando viajava sozinho, de noite, a cavalo. Mas, surpreendentemente, ao contrário das histórias clássicas do Saci, em que o viajante acaba se perdendo depois de ouvir o seu grito, característica que Câmara Cascudo (2002:133) diz ter o Saci herdado do Curupira, na história do Seu Marcondes, ele embriaga a entidade com aguardente e é ela quem é desviada do caminho certo.

Esta narrativa encaixa-se entre as tradicionais histórias do mito, no que se refere à ambientação e circunstâncias da aparição da entidade. O Seu Marcondes diz estar viajando a cavalo, quando, na beira da estrada, lhe aparece o Saci. O próprio Câmara Cascudo ressalta esta característica da entidade em aparecer aos viajantes:

“Se encontra na estrada algum viajante tresnoitado, ai dele! Desfere-lhe de improviso um assobio no ouvido, escarrancha-se-lhe à garupa e é uma tragédia inteira o resto da viagem.” (Cascudo, 2002:137)

A história de Saci narrada pelo Seu Oscar (3.6.E) é uma reprodução ouvida de um conhecido seu, que teria se encontrado com a entidade depois de muito ouvir seus assovios. A descrição de sua feição é a de um bichinho ruivo, semelhante a um macaquinho, e suas travessuras resumem-se a soltar fortes gritos para atormentar pessoas e animais.

O cabelo ruivo descrito pelo Seu Oscar, assim como o boné vermelho apontado pelo Seu Marcondes, faz parte de elementos introduzidos há muito tempo na mitologia ocidental que sinalizam a condição extraordinária da entidade. O Câmara Cascudo (2002:134) diz ser popularíssima, na Europa, a tradição das *casquetes* vermelhas como atributos sobrenaturais.

Na revista do Instituto Histórico Brasileiro, Volume II do Congresso Internacional de História da América, é relatada a história de um ser muito parecido ao nosso Saci, com elementos do Curupira e a mesma característica da cabeça vermelha:

“Que es el Yaci-Yaterê? Un hijo de la selva, um henano de cabellera rubia, que aparece em plena siesta em el interior del bosque, para encantar a los niños que turban el silencio silvestre a estas horas.” (cf. Cascudo, 2002:130)

A cor vermelha que se encontra nos mitos da floresta é um tema que já foi estudado também por Levi-Strauss, que observa a presença desses personagens em um território que começa na Bolívia e passa pela parte central do Brasil. Nesse caminho, certamente, o professor deparou-se com o Pantanal. Pensando no Saci pantaneiro, tomamos suas palavras:

“Esta menção de uma cor especial, própria dos anões, encontra-se em diversos pontos de um imenso território que vai da Bolívia oriental e do Brasil central, até ao Canadá. Segundo os Tacana, os Idsett-deha, anões do mundo inferior, têm os cabelos vermelhos. Compete a alguns deles sustentar o mundo, que ruiria se os seus cabelos embranquecessem. (...) A cosmologia dos Tapiraré da bacia do Araguaia também faz referência às criaturas do Trovão, os Topu. São anões peludos, adornados na cabeça com penas de papagaio vermelhas, que cruzam o céu durante a tempestade. Chicoteiam os Índios no estômago, com flores vermelhas, que queimam como flechas ou labaredas. (...) Quando se escava a terra com profundidade, conta um Arawak das Guianas, chega-se a um mundo habitado por anões com cabelos vermelhos.”(Levi-Strauss, 1985:107)

Além da cor vermelha, o mito apresenta, no Pantanal, outra característica comum às demais regiões, que é sua busca por fumo. No relato do Seu Chumbo, por exemplo, nos são apresentadas a experiência de ouvir o grito do Saci durante a noite e a explicação da doação de tabaco para a entidade. Em troca do fumo, o personagem permite que a pessoa que o ofertou encontre algo que esteja perdido, em especial, um animal.

As características gerais que recolhemos dessas histórias nos mostram que os *causos pantaneiros* sobre o Saci iniciam-se em duas situações com comentários e em uma com a fórmula indicando tempo indefinido. Em duas narrativas, é utilizada a primeira pessoa do singular, o que aponta para um narrador que teria vivenciado a experiência com o mito e, em um relato, a pessoa verbal é a terceira do singular.

As três histórias são desenvolvidas em um ambiente fantasioso e demonstram que os contadores acreditam na entidade da qual falam. Os efeitos produzidos pelos *causos*, em duas ocasiões, são de curiosidade e, em uma, é cômico.

Em suas particularidades, os relatos que falam do Saci apresentam o horário noturno para a manifestação da entidade. Também nos chama a atenção a propensão do personagem aos vícios dos humanos. Em uma situação, ele fica embriagado de cachaça e em outra ele exige fumo para não fazer suas travessuras. Esses vícios são os mesmos que Câmara Cascudo (2002:116) encontra em outros dois mitos, quando diz que, antigamente, bastava sustentar o Caipora de fumo e cachaça para ter caça abundante. O Curupira também exigia fumo.

As semelhanças textuais que encontramos nas narrativas do Saci estão na descrição da entidade feita pelo Seu Marcondes (1.7.E): *“Ele tem um bonézinho vermeio, né, mais-o-meno dessa artura assim.”* (Com a mão direita, sugere uma altura de um metro); o Seu Oscar (3.6.E): *“Ele é um bichinho, bem ruivinho, bem loirinho”*; o Seu Chumbo (7.3.E): *“Ele é um, um ansim, uma visãozinha”*; o Seu Oscar: *“Ele dá um assubiu muito forte, né”*; o Seu Chumbo: *“Ele assubia duro de noite. (...) Assubiu forte.”*; o Seu Marcondes: *“Tinha um restinho de pinga, né, tomei um gole, ansim, e fiz ansim cum o cantar: - Qué um gole, companhero? – Ele foi chegano assim, aí pegô”*; o Seu Chumbo: *“De noite eu ia lá e punha aquele fumo pra ele”*.

O Saci percorre as histórias dos pantaneiros, mas muitas vezes é motivo de zombaria entre os peões. Apesar de acreditarem em muitos seres da floresta, a popularidade folclórica deste mito o torna um pouco inverossímil entre os companheiros de tereré.

- O Pé-de-garrafa

Outra entidade misteriosa que encontramos nas histórias pantaneiras de Seres Imaginários é o Pé-de-garrafa. Os relatos que tratam deste personagem falam de um ser que deixa no chão pegadas semelhantes a marcas de fundo de garrafa. Dois contadores narram passagens sobre este mito: o Seu Marcondes (1.8.E) e o Seu Olímpio (9.4.E).

O Pé-de-garrafa é mais comum nos pantanais da parte de Mato Grosso. No Mato Grosso do Sul, é encontrado apenas seu rastro. Ele apresenta elementos que o tornam

semelhante a outros seres da mitologia brasileira. Câmara Cascudo diz que este personagem é uma variante de mitos indígenas, como o Mapiguari e o Capelobo, e o descreve da seguinte maneira:

“O Pé de Garrafa é um ente misterioso que vive nas matas e capoeiras. Não o vêem ou o vêem rarissimamente. Ouvem sempre seus gritos estrídulos ora amedrontadores ou tão familiares que os caçadores procuram-no, certos tratar-se de um companheiro transviado. (...) Sabem tratar-se do Pé de Garrafa porque este deixa sua passagem assinalada por um rastro redondo, profundo, lembrando perfeitamente um fundo de uma garrafa.” (Cascudo, 2002:228)

O Seu Marcondes reproduz uma história que teria ouvido de um amigo seu. Diz que vira um vulto de uma pessoa que possuía uma perna só e fugira para dentro da mata. Quando fora olhar o rastro, notara a marca do Pé-de-garrafa.

Essas características, relatadas pelo Seu Marcondes, são semelhantes à descrição encontrada por Câmara Cascudo de um ser que fora visto em uma fazenda da mesma região de onde coletamos o *causo*:

“O Dr. Alípio de Miranda Ribeiro foi encontrar o Pé de Garrafa em Jacobina no Mato Grosso. Seu informante, Sebastião Alves Correia, administrador da fazenda, fez uma descrição mais ou menos completa. O Pé de Garrafa tem a figura dum homem; é completamente cabeludo e só possui uma única perna, a qual termina em casco em forma de fundo de garrafa.” (Cascudo, 2002:228)

Continuando com a história narrada por Seu Marcondes, ele fala que O Pé-de-garrafa rapta crianças e o compara ao Saci. O rapto de crianças, como já dissemos, faz parte do ciclo do Mãozão, que, por sua vez, traz características do Caipora e do Capelobo. Dessa forma, podemos concordar com Câmara Cascudo, quando ele fala que esse mito é uma convergência de elementos de um grupo mais antigo:

“O Pé de Garrafa possui, evidentemente, traços característicos do Caipora, do Mapinguari, do Capelobo e do Bicho-Homem. A pata circular, que lhe dá nome não será um distintivo satânico, do nosso velho Pé de Quenga? O mito está tão deformado que o Pé de Garrafa, gritador inofensivo em Piauí, perturbador de caminhos em Mato Grosso, é sofredor de aplestia incurável em Minas Gerais...

Com todo o respeito que me merece o estranho bicho, tenho-o como um simples mito de convergência, sem princípio e sem fim.” (Cascudo, 2002:231)

Apesar de trazer tantos elementos de outros mitos, o fato é que o Pé-de-garrafa existe; pelo menos no repertório dos *causos pantaneiros*, ele existe. Quem já teria visto o rastro desse personagem é o Seu Olimpião. Ele nos relata que, um dia, foi com seu patrão para a beira de uma serra e lá encontraram as marcas no chão, que pertenceriam à entidade.

Nas características gerais, os relatos do Pé-de-garrafa apresentam, em seu início, a utilização de fórmulas. Em uma ocasião, esta indica tempo e, em outra, começa com o lugar.

Em uma situação, o *causo* é narrado na terceira pessoa do singular, sinalizando a reprodução da história ouvida de outro. Já o segundo relato está na primeira pessoa do singular e mostra que a experiência foi vivida pelo próprio contador.

As duas narrativas apresentam ambiente fantasioso, pois os interlocutores acreditam ser os sinais encontrados pertencentes a um ser misterioso. O efeito produzido pelos dois relatos é o de curiosidade.

As semelhanças entre as histórias do Pé-de-garrafa se dão no momento de identificar o rastro do bicho. O Seu Marcondes (1.8.E): “*Um dia, nós ia ino numa fazenda*”; o Seu Olimpião (9.4.E): “*Um dia o patrão foi lá, nois fomo andá na bera duma serra*”; o Seu Marcondes: “*Acharo só o rasto dele, né*”; o Seu Olimpião: “*Aí, e achemo a batida dela, lá*”; o Seu Marcondes: “*E era o Pé-de-garrafa, rapais*”; o Seu Olimpião: “*Diz ele que é o Pé-de-garrafa*”.

Apesar de aparecer em apenas dois *causos*, dos que ouvimos, o Pé-de-garrafa é muito conhecido em toda a região. Mas, como dissemos acima, nestes pantanais do Mato Grosso do Sul, fala-se apenas do rastro do bicho, o que torna mais difícil um desenvolvimento narrativo.

- O Homem-veado

Entre os seres que povoam a imaginação dos contadores de *causo* estão os que fazem parte do ciclo da metamorfose. O mito mais famoso desta categoria é o Lobisomem, para quem já dedicamos um aparte. Ouvimos falar, também, pela boca do Seu Silvério, dos velhos que se transformam em onça. Era apenas um comentário dentro de um relato, mas está registrado. Agora é o Seu Marcondes, que nos conta uma história de pessoa que vira

bicho: o homem que se tornou veado e depois de morto voltou a seu aspecto humano. A este personagem chamamos Homem-veado.

A narrativa fala de uma caçada de dois irmãos durante a noite. Como de costume, um ficou aguardando a caça. Quando ouviu o barulho se aproximando, elevou a lanterna e viu um veado. Atirou. Chamou pelo irmão, para mostrar-lhe o animal capturado, mas não obteve resposta. Quando chegou perto e viu a caça estendida no chão, percebeu que o veado havia se transformado em seu irmão.

Este relato segue uma tradição das caçadas sem necessidade, na qual os caçadores sempre recebem um castigo por praticar a violência contra os animais silvestres, que são mortos apenas por diversão.

Como disse o seu Marcondes:

– Ficar esperando pelo bicho, dá um azar danado! Isso nunca acaba bem.

Podemos incluir esse tipo de relato nos dos protetores da mata, como o Mãozão ou o Pai-da-mata. Ermano Stradelli (1928) relata uma situação similar à dos caçadores, mas aponta o mito do Curupira como responsável pela confusão mental que leva à tragédia:

“O Curupira é a mãe do mato, o gênio tutelar da floresta que se torna benéfico ou maléfico para os freqüentadores desta, segundo circunstâncias e o comportamento dos próprios freqüentadores. Figuram-no como um menino de cabelos vermelhos, muito peludo por todo o corpo. (...) Sob a sua guarda direta está a caça, e é sempre propício ao caçador que se limita a matar conforme as próprias necessidades. Ai de quem mata por gosto! Fazendo estragos inúteis, de quem persegue e mata as fêmeas, especialmente quando prenhes, quem estraga os pequeninos ainda novos! Para todos estes o Curupira é um inimigo terrível. Uma vez vira-se em caça que nunca pode ser alcançada, mas que nunca desaparece dos olhos sequiosos do caçador, que, com a esperança de a alcançar, deixa-se levar fora do caminho, onde o deixa miseramente perdido, com o rastro, por onde veio, desmanchado. Outras, o que é muito pior, o pobre do caçador alcança a caça, até com relativa facilidade, e a flecha vai certa embeber-se no flanco da vítima, que cai pouco adiante com grande satisfação do animal que tinha julgado abater, encontra um amigo, o companheiro, um filho, a sua própria mulher.” (cf. Cascudo, 2002:111)

Nas características gerais deste *causo*, encontramos a fórmula inicial de tempo indefinido, utilizando a introdução mais freqüente: “Uma vez...”. A narração é feita na

terceira pessoa do singular. O ambiente é fantasioso e o efeito produzido é o trágico, em sua maneira mais clássica.

- O Cachorro-bezerro

Além da metamorfose de ser humano em bicho, encontramos, entre os Seres Imaginários, um *causo* de animal que se transforma em outro animal. Denominamos o monstro Cachorro-bezerro.

A história, que foi narrada pelo Seu Chumbo (7.4.E), conta o episódio de um homem que estava a cavalo e começou a ser perseguido na mata por um cachorrinho. Conforme ele corria e olhava para trás, o animal ia crescendo, até chegar a um aspecto de bezerro. Quando chegou perto da casa, ele olhou novamente e o bicho desapareceu.

Essa narrativa encontra paralelos na tradição oral, principalmente a indígena, de outras partes do país. Inácio Batista de Moura (1910), em seu estudo na região do Pará, conta de um monstro que apresentava características de anta e de onça:

“Tapira-Yauara, nome que no tupi quer dizer Anta-cachorro, animal gigantesco, que tem a forma da onça e as mãos com cascos como pé de anta, com as quais cava a terra para derribar a árvore em cujo ramo se refugia o adversário, que dela foge.” (cf. Cascudo, 2002:256)

O *causo* do Cachorro-bezerro apresenta o início com comentário do interlocutor. A narração é feita na terceira pessoa do singular, atribuindo a uma outra pessoa a experiência com o ser misterioso.

O ambiente do relato é fantasioso, afinal o narrador não lança dúvidas sobre a existência do monstro, antes a dá como certa. O efeito produzido é o trágico, pois a entidade gera medo no homem e provoca uma fuga com perseguição.

- O Minhocão

Outro ser imaginário que povoa o universo pantaneiro é o Minhocão. Este monstro pertence ao ciclo das águas e é uma espécie de sucuri sobrenatural. Apesar de ser uma lenda presente em várias regiões do Pantanal, encontramos apenas um relato entre os

narradores que selecionamos para este trabalho. A explicação para o pequeno número de histórias dessa personagem deve ser dada pela localização a que nos dispusemos trabalhar, os pantanais do sul, enquanto este mito é muito popular mais ao norte.

A narrativa do Minhocão foi contada pelo Seu Oscar (3.9.E) e fala do desaparecimento de uma menina, cuja tia a deixou na beira de um rio, onde lavava a roupa, e se distanciou para estender as peças lavadas. Segundo o Seu Oscar, veio o bicho e levou a criança embora.

Essa versão enquadra-se na definição do mito, feita por Mário César Silva Leite (2003:92) a respeito da entidade na região do Pantanal. Ele nos diz que o Minhocão é um monstro em forma de serpente que, nas águas do rio Cuiabá e em toda a extensão do Pantanal, costuma perseguir e, às vezes, devorar pescadores e banhistas.

Não é só no Pantanal que existe a crença no Minhocão. Câmara Cascudo encontra-a no rio São Francisco, e faz o seguinte comentário:

“O Minhocão, do ciclo da Cobra Grande, da Boiúna amazônica, é o monstro que povoa de mistérios as águas do rio São Francisco. Não o desenham exatamente como uma cobra, mas um minhocão, molenga e feroz, sem fazer favores como a Mãe-d’Água e o Caboclo do rio.” (Cascudo, 2002:324)

No começo do século XX, já havia notícias do Minhocão. Alípio de Miranda Ribeiro (1908) fala do monstro e o compara com a cobra Sucuri. Este autor nos diz o seguinte:

“O Minhocão é um mito, equivalente à lenda popular da Sucuri matar um boi, esmagando-lhe os ossos e o engolir quase todo, deixando de fora os chifres que só caem depois de podres!” (cf. Cascudo, 2002:326)

O *causo* contado pelo Seu Oscar guarda semelhanças com os relatos do Mãozão no que diz respeito à vítima do monstro. Em ambos, uma criança fica só e é levada. Podemos encontrar semelhanças, ainda, com o mito do Pai-da-mata. A menina seria uma fonte de ruído, o que marca, nas histórias desse mito, o desencadeamento de sua manifestação. Essa perturbação é narrada por Mário César Silva Leite, quando fala de uma região pantaneira que tem uma forte presença do Minhocão:

“Costuma-se contar que as águas de Chocoraré – por algum tipo de barulho – mudam de cor, tornam-se negras, formam enormes ondas, jogando barcos e

pescadores para longe. Diz-se então que suas águas estão raivosas.” (Silva Leite, 2003:75)

Não seria forçado dizer que o Minhocão é a versão aquática do protetor das matas. Ele cumpre, nos rios, a mesma função que o outro exerce nas florestas.

Nas linhas gerais, esse *causo* é iniciado com a fórmula de lugar e está narrado na terceira pessoa do singular. Seu ambiente é fantasioso pela explicação dada ao sumiço da criança, e o efeito produzido é o trágico.

- O Bicho-sem-cabeça

Outro monstro que aparece para atormentar a vida do pantaneiro é o Bicho-sem-cabeça. Quem nos falou sobre esta entidade foi o Seu Perigoso (2.2.E). Ele conta a história de um ser misterioso que não tinha cabeça. Narra que, certa noite, seu pai lhe pediu para ir a cavalo, da fazenda à cidade, para fazer umas compras. No meio do caminho, escureceu e, por volta da meia-noite, quando chegou a uma porteira, o monstro estava sentado sobre ela. O Seu Perigoso teria se valido de sua arma e com ela espantado o bicho.

Podemos perceber que essa entidade não faz parte dos guardiões da mata, mas do ciclo das assombrações, das almas que voltam do outro mundo. Um dos sinais que nos traz esta conclusão é o horário do acontecido. Já vimos que as horas de transição, do dia para a noite, da noite para o dia e de um dia para outro, podem simbolizar a virada da vida para a morte. A mesma explicação serve para o lugar em que estava o ser misterioso, a porteira. Nesses espaços de fronteiras, estão propícios os aparecimentos de entes sobrenaturais.

Em outro ponto da narrativa do Seu Perigoso, ele nos informa que aquele lugar já foi palco de uma grande mortandade, o que o colocaria na categoria dos espaços mal-assombrados.

O tema do monstro sem cabeça já foi relatado por outros autores. Von Martius (1938), por exemplo, encontrou a tradição dos homens sem cabeça e com um olho no tórax entre os indígenas do Amazonas:

“As lendas das Amazonas, de homens sem cabeça e com a cara no peito, de outros que tem terceiro pé no peito ou possuem cauda, do conúbio de índias com macacos coatás, etc., são idênticos produtos da fantasia sonhadora dessa raça de homens.” (cf. Cascudo, 2002:219)

As características gerais do *causo* do Bicho-sem-cabeça apresentam o início com comentário e a história é narrada na primeira pessoa do singular, sinalizando a experiência própria do narrador com o ser imaginário. O ambiente apresentado é o fantasioso, no qual o contador relata como verdadeiro o seu encontro com o monstro. O efeito produzido é o trágico, na medida em que gera medo e até a reação com arma de fogo.

- O Bicho-da-mata

Ainda entre os seres imaginários que habitam o universo pantaneiro, está o Bicho-da-mata. Este monstro é um protetor da floresta e poderíamos tê-lo agrupado junto ao Pai-da-mata, que exerce uma função semelhante à sua. No entanto, resolvemos deixá-lo fora desse grupo, por ter ele uma personificação e uma manifestação distinta daquele mito e, principalmente, porque o contador nos apresentou a entidade com este nome.

A história do Bicho-da-mata nos foi contada pelo Seu Edson (5.3.E) e diz respeito a um ente que se estabeleceu em um lugar cercado da mata, para onde foram levadas, através de *benzimento*, todas as cobras da fazenda. Se alguém ousar entrar nesse recinto, diz o narrador, levará uma grande surra do monstro.

Um personagem semelhante a este já foi encontrado em outra parte do Brasil. Câmara Cascudo (2002:109) faz referência a um ser misterioso entre os Xerentes e diz que o Bicho do Mato, rei ou governador das caças, é um caboclo grande e cinzento, que não permite que se mate *bicho novo*, nem que esteja amamentando. O monstro interdita, também, a caçada das fêmeas.

No *causo pantaneiro* do Bicho-da-mata, não há referência a filhotes ou fêmeas, mas a um espaço da mata, que adquire status de sagrado, e, portanto, de acesso interdito.

Nas características gerais, a narrativa do Seu Edson é iniciada com a fórmula de lugar. A pessoa verbal empregada é a terceira do singular. O ambiente é fantasioso e o efeito produzido é o de curiosidade, pois o contador descreve o lugar onde mora o

monstro, diz que ninguém pode entrar ali, mas não dá nenhum exemplo de alguma vítima da fera.

- O Come-língua

O último ser imaginário que percorreu os *causos pantaneiros* que ouvimos foi o Come-língua. Este mito não faz parte do ciclo dos protetores da mata e nem das assombrações. A entidade está relacionada a um misterioso fenômeno que realmente acontece em algumas regiões, e que é pouco explicado por enquanto, em que animais de criação aparecem mortos e sem as línguas. Alguns estudiosos dizem ser os animais silvestres, como a onça ou o lobo, os responsáveis pelas mutilações. Mas, para os peões, essas explicações são insuficientes. O mais certo é que isso é coisa de mistério mesmo.

O Seu Edson (5.4.E) nos relatou uma história de seu tio, que, durante o trabalho com o gado no mangueiro, deparou-se com uma vaca muito brava e blasfemou, dizendo que se existisse o tal de Come-língua, deveria arrancar a língua daquele animal. Na mesma hora, a vaca deu um salto e, quando caiu no chão, foram ver, já estava sem a língua.

O narrador explica também a lenda da origem do monstro e o situa entre os seres que passam por uma metamorfose. Segundo ele, o Come-língua seria um jovem que desobedecera a sua mãe gravemente e ela lhe rogara uma praga para que passasse sete anos comendo apenas língua de vaca.

Esse mito é encontrado em outras localidades do Brasil. Às vezes traz o nome de Chupa-cabra, outras, de Arranca-língua. O professor Manuel Ambrósio (1938) já fala do fenômeno na primeira metade do século XX. Os jornais anunciaram a presença do bicho no Estado de Goiás:

“Acaba ele de aparecer nos matos do Araguaia, segundo notícias dali publicadas no órgão oficial do Estado, com o nome de arranca-língua -, medindo uma de suas pegadas mais de 60 centímetros. Um monstro desconhecido, atacando fazendas da região, arrancando línguas – somente – às reses que ataca, causando já alguns prejuízos a fazendeiros.

Nas margens do rio Vermelho, a 14 quilômetros de Goiás, estavam acampados alguns garimpeiros, em março de 1937. Mais ou menos às 10 horas da noite ouviram urros enormes e que nunca tinham sido ouvidos naquelas paragens. Passaram o resto da noite esperando o animal misterioso. Pela manhã revistando

os arredores encontraram uma pegada desmesurada. (...) Depois começaram surgindo vacas e bois mortos e sem a língua. Nenhum outro ferimento além da língua arrancada.” (cf. Cascudo, 2002:259)

Esta história perpetuou-se e, ainda nos dias de hoje, a imprensa mostra fatos parecidos ao relatado pelo professor Manuel Ambrósio. No *causo* do Seu Edson, observando suas características gerais, notamos que é iniciado com um comentário e é narrado na terceira pessoa do plural, aludindo às pessoas que estavam presentes quando ocorreu o fato. O ambiente do relato pode ser considerado fantasioso e o efeito que produz é o trágico: o animal teria sido morto e mutilado por um ente sobrenatural.

A narrativa guarda algumas particularidades, como a presença de testemunhas na hora em que o monstro entra em ação e a localização do acontecido no tempo antigo, que cumpre o papel de demonstrar uma possibilidade que já não existe mais. Difícil é encontrar um peão que duvide do Come-língua.

Estes são os seres que compartilham com os homens e os animais a imensa planície a que chamamos Pantanal. São personagens importantes para a explicação de muitos eventos regionais e cumprem a importante função de limitar os avanços do homem na exploração da natureza.

Conhecemos, aqui, as doze entidades que apareceram nos *causos pantaneiros*, ouvidos dos contadores que encontramos. São mitos com feições locais, como o Mãozão e o Pai-da-mata, com expressões nacionais, como o Saci e o Pé-de-garrafa e com renome internacional, como o Lobisomem e a Assombração.

Os seres sobrenaturais do imaginário pantaneiro fazem parte de três grupos: os protetores da floresta (Mãozão, Pai-da-mata, Saci, Pé-de-garrafa, Bicho-da-mata e Minhocão), os que sofrem metamorfose (Lobisomem, Homem-veado, Cachorro-bezerro e Come-língua) e os que voltam depois da morte (Assombração e Homem-sem-cabeça).

O ambiente do Pantanal é propício para a convivência entre as entidades fantásticas e os seres humanos. Com a imensidão de espaço disponível à imaginação, o pantaneiro

define os lugares a serem habitados por cada ser e consegue viver em harmonia com o desconhecido.

5.2.2- Os Lugares Imaginários

Além dos seres imaginários, outro mistério que assombra o pantaneiro é o dos lugares imaginários. Os relatos classificados neste item são muito próximos aos anteriores, mas aqui o contador restringe os eventos sobrenaturais a determinados espaços, onde estaria a fonte do problema. O fenômeno é atribuído a um lugar, e não a uma entidade.

Entre nossos narradores, ouvimos seis *causos* que tratam desse assunto. O Carlão e os companheiros que estavam com ele em sua roda contaram três narrativas, o Seu Silvério relatou outras duas e o Seu Edson, uma.

Das seis histórias de lugares imaginários coletadas, podemos observar que três repetem o tema da fazenda mal-assombrada, onde se escutam passos, pessoas trabalhando ou animais fazendo ruídos.

O Carlão (4.1.F) fala de uma fazenda vizinha à sua, em que, na sede velha, os peões não conseguem dormir, pois, durante toda a noite, há barulho de cavaleiros, desarreando as montarias, jogando o equipamento no chão ou arrastando a espora. Quando se levantam para ver quem é, não encontram ninguém.

Em outra situação, o Rique, companheiro de conversa de Carlão (4.3.F), conta de uma fazenda pantaneira onde também aconteciam coisas estranhas. O evento dava-se no galpão que servia para o pouso dos peões. Nesse lugar ficavam as redes armadas para os vaqueiros dormirem, mas, durante a noite, elas eram abordadas por uma força que derrubava quem nelas estivesse deitado.

Já o Seu Edson (5.1.F) conta a história da fazenda de um tio seu, onde os animais eram surrados no terreiro por um ser invisível, tema que já encontramos nos relatos do Pai-da-mata e nos de Assombração. Continua o Seu Edson, dizendo que, certa noite, enquanto ouviam o rádio na sala da fazenda, ouviu-se um cavaleiro chegando do lado de fora com todos os barulhos característicos às montarias. Quando se abriu a porta, não havia ninguém.

Os elementos de *causos* como esses são comuns em regiões isoladas no interior brasileiro. Os ruídos noturnos são normais nos lugares distantes. Alguns foram encontrados por Gustavo Barroso (1924) e registrados em sua obra “O Sertão e o Mundo”. Mas, diferentemente das narrativas pantaneiras, o estudo do escritor cearense atribui os barulhos à lenda da Burra-de-padre:

“Em certas noites, o sertanejo ouve um tropel de animal corredor, cujos cascos batem apressadamente sobre o barro duro dos caminhos. Atrás dele, cachorrada dos arredores corre, latindo terrivelmente. O homem encolhe-se no fundo da sua rede, fazendo o sinal-da-cruz e rezando o Credo, ou o Magnificat: é a Burra-de-padre que vai passando!...” (cf. Cascudo, 2002:192)

Os lugares em que acontecem tais episódios denominam-se mal-assombrados. Os moradores da região têm medo até de chegar perto deles. A explicação popular para a existência desses sítios está em seu próprio histórico. Com certeza, deve ter havido alguma tragédia ou maldade em cima da terra estigmatizada. O espaço preservaria, desse modo, a lembrança do sofrimento ali ocorrido.

As fábulas com casas mal-assombradas percorrem séculos no imaginário, principalmente, infantil. E no início da lenda, sempre aparece uma tragédia. Edmundo Krug (1910) nos dá um exemplo, dentro de uma concepção fantástica, para a origem dos fenômenos como os relatados nos *causos pantaneiros*. Entretanto, há uma personificação para os barulhos desses lugares:

“Diz a lenda que 40 batedores de ouro aí se assassinaram mutuamente, devido a grandes achados do precioso metal que fizeram no supra-citado rio. Esse lugar passa por ser assombrado, existindo aí o tal Bicho Barulhento, que ninguém ainda viu, porém, cuja voz se ouve à noite e que é tão perverso que mata aquele que o vir.” (cf. Cascudo 2002:267)

Essa característica da origem do assombramento de determinados recintos coloca esses relatos próximos aos de enterro de tesouros, como veremos mais adiante. Outro tema encontrado nos relatos de lugares imaginários é o do caminho mal-assombrado. Em duas ocasiões, ocorre essa passagem. Porém, nesses *causos*, o mistério é desvendado e o problema do lugar é resolvido.

O Seu Silvério é o narrador que conta as duas narrativas sobre esse assunto. Na primeira situação (8.1.F), existia, nas palavras dele, “*um lugar que era mal-assombrado*”. Era um caminho na margem de um córrego pelo qual os peões não passavam durante a noite. Certa vez, um cavaleiro mais corajoso resolveu enfrentar o mistério. Quando chegou perto do riacho, um ser começou a vir ao seu encontro. Bem perto da água, ele deu alguns tiros no vulto, que caiu no barro. No outro dia, pela manhã, foram ver a Assombração e descobriram que se tratava de um jumento, pertencente a um morador da região. O peão corajoso teve de pagar o prejuízo.

No outro *causo* (8.2.F), o cavaleiro pára de noite, no mesmo local da história anterior, que já tinha a fama de mal-assombrado, para arrumar o arreio do cavalo. Quando terminou de apertar a cinta que envolve o animal e preparou-se para sair, o cavalo não se moveu. Certo de que a montaria estava sendo segurada por um ser sobrenatural, o peão desceu e saiu correndo, a pé, atrás de ajuda. Quando voltou com mais gente e observou direito o cavalo, percebeu que, ao apertar a cinta, prendera junto um galho de goiabeira, o que não permitia ao animal mover-se.

O último relato sobre lugar imaginário, dos seis que coletamos, diz respeito a uma visão de árvore, que os trabalhadores tinham ao passarem por uma fazenda. Conta o Luiz, também do grupo do Carlão (4.2.F), que havia uma casa, por onde seu amigo era obrigado a passar para chegar ao trabalho. Quando estavam se aproximando do local, viam duas palmeiras em frente à casa, para as quais voavam duas pombas. Depois de passados uns dez metros, olhavam para trás e só viam a casa com as aves sobre ela, as árvores haviam desaparecido.

Nas características gerais, podemos identificar nos seis *causos* de *Lugares Imaginários* a utilização das fórmulas iniciais com comentários em duas ocasiões; em outras duas, o começo indica lugar, uma vez é utilizado o início com tempo indefinido e outra já começa com a ação.

Os relatos na terceira pessoa do singular são quatro, o que indica a prevalência das histórias retransmitidas. Resta uma narrativa na primeira pessoa do singular e outra, na primeira do plural.

O ambiente apresentado é fantasioso em quatro narrativas e é realista em duas, que foram assim consideradas pelo fato de não haver a crença no sobrenatural por parte do narrador. O efeito produzido é cômico em três situações e é de curiosidade em outras três. Chamou-nos a atenção o fato de não haver efeito do tipo trágico nesta categoria de relatos.

De modo particular, todas as narrativas apresentam ambientação detalhada. Em cinco situações, o período de tempo apresentado é o noturno e em apenas uma, é o diurno. Duas fazem referência à ação passada no trabalho e outras três, no descanso. Todas apontam a presença de testemunhas.

As semelhanças mais próximas estão nos seguintes fragmentos: o Carlão (4.1.F): *“Tem uma fazenda aqui, vizim, fazenda São José. (...) Então, e lá tinha uma casa, tamém, num lugar meio abandonado”*; Luiz (4.2.F): *“(...) nesse lugar e tinha uma casa, uma tapera, na realidade era uma tapera”*; o Rique (4.3.F): *“Tem uma fazenda lá no Pantanal, tamém,”*; o Seu Silvério (8.1.F): *“Uma veis tinha um lugar que era assombrado.”*; o Carlão: *“Então lá, tinha sim uma sombração”*; o Rique: *“Dicerto é alguma alma, num sei”*; o Seu Edson (5.1.F): *“lá tinha um negócio que, que no tinha explicação”*; o Seu Silvério (8.1.F): *“tinha uma assombração lá no córgo”*; o Carlão: *“Quem ia durmi nessa casa”*; o Rique: *“na hora que ele deita”*; o Seu Edson: *“Lá, se você, à noite, dependeno do dia, você fosse deitá”*; o Carlão: *“vorta e meia chegava cavaleiro, chegava cavaleiro”*; o Seu Edson: *“E, quando foi daí a pouco, escutam um cavaleiro que chegô”*; o Carlão: *“cortava pa desviá, jogava a traia no chão, rastava espora”*; o Rique: *“pega e desarma e joga no chão memo. Aí, pode pegá, armá de novo, torna a jogá de novo”*; o Seu Edson: *“A ispora, tudo, feis aquele barulho, né”*; o Carlão: *“O cara saía lá pa vê, tava limpo”*; o Luiz: *“quando um andava pra frente e olhava pra trais, não tinha mais”*; o Seu Edson: *“A gente levantava, ia lá acudí, o bizerro tava durmiíno. (...) Você ia lá, chegava lá, os cachorro tava durmiíno. (...) no tinha absolutamente nada! No tinha ninguém”*.

Então, concordamos que os *causos de Lugares Imaginários* distinguem-se dos de *Seres Imaginários* por sua característica passiva de receber o evento sobrenatural. Percebemos que são três tipos de espaços: as fazendas mal-assombradas, os caminhos

mal-assombrados e as visões. Nos primeiros, há uma explicação fantástica para a origem dos fenômenos, que seria uma tragédia no local apresentado, e esta singularidade aproxima a categoria de relatos de outra: a dos *causos* de *Enterros de Tesouros*.

5.2.3 Os Enterros de Tesouros

Há muita coisa escondida sob as terras pantaneiras. Quem tem a sorte de encontrá-las, fica rico. Esse é o pensamento que conduz às histórias de enterros de tesouros, que os contadores também chamam de *guardados*. Elas dão continuidade ao ciclo dos *causos enigmáticos*. Os relatos fazem parte de uma tradição que remonta a séculos e recria, no imaginário de várias sociedades, a idéia da riqueza fácil, mas com conseqüências e maldições.

Os enredos são muito parecidos e falam, basicamente, de um tesouro que alguém enterrou e é destinado para outra pessoa, que recebe sinais da localização do botim. Não adianta o empenho de caçadores de riqueza, porque ela só se manifesta para o verdadeiro dono. No caso de algum impostor conseguir apossar-se do dinheiro, atrairá para si uma série de desgraças. Gilbert Durand encontrou e analisou pontos dessa tradição em algumas regiões do mundo:

*“É significativo que Dumézil estude o simbolismo do ouro para os germanos a propósito dos ‘Mitos da vitalidade’ e dos deuses da fecundidade. Nota que o ouro é uma substância ambivalente, motivo de riquezas e causa de desgraças. O tesouro é propriedade dos Vanes, está ligado ao enterramento e ao enterro, a fim de assegurar conforto e riquezas no além. Muitas vezes este ouro escondido é fechado num cofre ou num caldeirão, como a **Saga du calde Egill** escondido num pântano. Esses assessorios habituais do tesouro lendário reforçam a polarização do ouro no seio dos símbolos da intimidade.”*(Durand, 2002:265)

Na descrição de Durand, percebemos vários elementos que estão presentes nos *causos pantaneiros*. Além do enterramento em si e das desgraças que o acarretam, temos o recipiente, cofre ou caldeirão, que, no Pantanal, é substituído pela botija ou vasilha. O mais curioso é a utilização do pântano, como local apropriado para o enterro.

No Brasil, as histórias de enterro povoam o imaginário popular desde os primeiros séculos do domínio europeu. No nordeste, Gilberto Freyre nos conta, em sua obra-prima,

Casa-Grande e Senzala, que, entre os costumes dos senhores de engenho de cana-de-açúcar, havia o de esconder seus bens preciosos em botijas e enterrá-las próximas de si. Ao descrever as explicações sobre assombrações nas casas-grandes, Freyre nos mostra a associação entre os supostos casos sobrenaturais e o costume de enterrar tesouros:

“Por segurança e precaução contra os corsários, contra os excessos demagógicos, contra as tendências comunistas dos indígenas e dos africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as jóias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos de as casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sôzinhas sôbre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro.” (Freyre, 1963: 15-16)

Lá para os lados do sul do Brasil, também existe a tradição dos enterros. Ela faz parte, como nos diz Câmara Cascudo, do ciclo das grandes guerras, e é comum na Argentina e no Uruguai. Os *enterradores* de lá seriam os jesuítas, que estiveram na região desde o século XVI para catequizar os índios e de lá foram expulsos, sem deixar vestígios da grande riqueza que acumulavam:

“As Sete Missões no Rio Grande do Sul são centros de interesse para os sonhos das ‘botijas’, malas, jarrões, caixas, tudo repleto de ouro. Como, no acervo conhecido, as riquezas incalculáveis não apareceram, ninguém acredita que o jesuíta as tenha levado, mas as escondera nos rincões desertos ou abruptos.” (Cascudo, 2002:284)

No Pantanal sul-mato-grossense, são muito comuns os *causos* que falam de pessoas que encontraram um pote com tesouro, composto por libras esterlinas, moedas de ouro e outras preciosidades. Mas, diferentemente do relato feito por Gilberto Freyre, a explicação para esse numeroso contingente de histórias é o fato de ter sido esta região palco da Guerra que uniu a Tríplice Aliança: Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai.

Faremos aqui um aparte, para entendermos um pouco do que foi esta importante e sangrenta guerra, sobretudo para os povos que habitam o Mato Grosso do Sul, estado brasileiro onde ouvimos os *causos* aqui contados, que já foi parte do território paraguaio.

A Guerra do Paraguai

Mato Grosso espera esquecer quisera
O som dos fuzis
Se não fosse a guerra
Quem sabe hoje era um outro país
Amante das tradições de que me fiz aprendiz
Em mil paixões sabendo morrer feliz

(Almir Sater e Paulo Simões:
Sonhos Guaranis)

A Guerra do Paraguai, como ficou conhecida, injustamente, pela versão oficial de seus ganhadores, foi a maior guerra ocorrida nas Américas. De 1864 a 1870, o Império do Brasil, associado à República da Argentina e ao Uruguai, através do tratado da Tríplice Aliança, e apoio incondicional da Inglaterra, lutou contra o povo paraguaio até exterminar a única nação completamente independente de toda a América Latina.

Os motivos da guerra vêm sendo discutidos por historiadores desde os finais do século XIX. Do lado brasileiro, a justificativa seria uma expansão territorial e a defesa do continente de um suposto avanço do presidente paraguaio, Francisco Solano Lopes (1827-1870), que poderia ter a pretensão de tornar-se um Napoleão das Américas.

Os fatos são que o Paraguai, desde sua independência, em 1811, vivia em uma ditadura, que havia cortado vínculos com sua elite e dissociado-se completamente de sua ex-metrópole, a Espanha.

Dando prioridade à pequena produção agrícola e fechando suas fronteiras, a nação paraguaia começou um crescimento inédito na América Latina. Em alguns anos, o Paraguai já possuía um parque industrial muito superior ao de seus vizinhos. Apesar de não possuir saída direta para o mar, havia no país uma indústria naval considerável.

A condição do Brasil estava muito aquém ao desenvolvimento do país vizinho. O historiador Júlio José Chiavenatto faz uma breve descrição da economia brasileira antes da guerra:

“O Império herdou todos os vícios do período colonial e não soube criar uma personalidade política capaz de desenvolver o Brasil. No entanto, seus oito milhões de quilômetros quadrados, a qualidade excepcional de suas terras e as riquezas dos minérios continuavam a atrair investimentos. De forma anárquica e sem participação popular, o desenvolvimento do Brasil imperial somava uma significativa produção. Mas trazia em si, um espetacular contraste – além de não corresponder à nossa potencialidade e nem utilizar dos recursos disponíveis na época, toda essa riqueza estava a serviço de um sistema mundial imperialista nas mãos da Inglaterra; o que nos sobrava era malbaratado na sustentação de uma nobreza cabocla, alimentando e se auto-alimentando do latifúndio improdutivo ou de cargos distribuídos pelo Império.” (Chiavenatto, 1990:62)

Os altos pedágios para levar seu excedente à Europa, passando por Buenos Aires, e a necessidade de mercado para seus produtos fizeram com que o governo paraguaio afrouxasse suas fronteiras e o tráfego em seus rios. Essa era uma reivindicação brasileira que seria uma das falsas justificativas para a guerra.

Júlio Chiavenatto alega que o único motivo que o Brasil tinha para iniciar um embate com o país vizinho era a liberação dos rios paraguaios para os barcos brasileiros. Mas, segundo o pesquisador, quando se deu a guerra, esse problema já havia sido solucionado.

“O que o Império do Brasil poderia reclamar do Paraguai, e com razão, seria a livre passagem dos barcos pelo rio Paraguai para chegar a Mato Grosso. Essa livre passagem dos barcos brasileiros era negada pelo Paraguai, segundo as denúncias brasileiras, porque no Mato Grosso encontravam-se os mesmos produtos que os paraguaios exportavam. Não querendo perder o monopólio da erva-mate e da madeira principalmente, o governo paraguaio criava embaraços aos barcos brasileiros. Mas, em fins de 1857 o próprio Barão do Rio Branco, em Asunción, pressiona o presidente Carlos Antonio Lopez para abrir os rios paraguaios aos barcos brasileiros. O que vai acontecer num tratado assinado em 1858, com todos os rios do Paraguai abertos a navios de todas as nações. Para o Império do Brasil isso era fundamental: na dificuldade ou impossibilidade de comunicação por terra, só havia um meio prático de chegar ao Mato Grosso – pelos rios paraguaios, única forma de garantir a integridade territorial do Império. Foi inaugurada posteriormente uma linha de navegação entre o Rio de Janeiro e Mato Grosso que funcionou tranqüilamente até o começo da guerra.” (Chiavenatto, 1990:38-39)

O pretexto para o início da guerra, ainda segundo Chiavenatto, deu-se no Uruguai. As forças brasileiras e argentinas uniram-se para elevar ao governo uruguaio o General

Venâncio Flores. O apoio do Brasil a Flores seria uma forma de obrigar o Paraguai a cumprir o Tratado firmado com o Uruguai em 1850, de auxílio ante a invasão. Foi o que aconteceu. Em novembro de 1864, o Paraguai rompeu as relações diplomáticas com o Brasil.

“A ocupação do Uruguai pelas forças do Império do Brasil ofendia o Tratado de 1850 – não havia outra saída para Francisco Solano López, desde que toda uma conjuntura internacional estava armada contra o Paraguai, que fazer cumprir o acordo de defesa mútua com os orientais. Estava começando a guerra: já em 14 de novembro de 1864 a República do Paraguai rompeu relações diplomáticas com o Império do Brasil. Nesse mesmo dia foi apresado pelas forças paraguaias o navio brasileiro Marquês de Olinda, que levava ao Mato Grosso o Coronel Carneiro de Campos, nomeado seu governador.” (Chivenatto, 1990:109)

A guerra duraria seis anos e tornar-se-ia o maior genocídio das Américas. Alguns estudiosos mostram que nem mesmo a população brasileira concordava com tal situação. O professor Oliveira Lima (1923) chega a afirmar que os próprios voluntários iam por obrigação às batalhas:

“As guerras estrangeiras, como métodos políticos, sempre foram encaradas pelo país como importunas e até criminosas, e nesse sentido especialmente a Guerra do Paraguai não deixou de sê-lo; os voluntários que a ela acudiram, eram, de fato, muito pouco por vontade própria”. (cf. Buarque 1995:177)

O Paraguai ficou absolutamente devastado. Setenta e cinco por cento de sua população¹⁹ foi dizimada e seu território foi reduzido em quarenta por cento. Parte dele é hoje o estado brasileiro de Mato Grosso do Sul.

A memória da guerra nunca se apagou, continuou na tradição oral da região e criou uma nova situação cultural. Nas narrativas, houve um acréscimo de lendas sobre personagens e passagens históricas que marcaram o período. Nos *causos pantaneiros*,

¹⁹ Dados de Chiavenatto, 1990, p. 149.

permanece, até os dias de hoje, a temática do que seria uma metáfora da herança bélica na região: os Enterros de Tesouros.

De acordo com os contadores pantaneiros, quando o exército paraguaio ia retroagindo, na pressa, tinha que enterrar seu dinheiro pelo caminho. Assim, ficaram várias fortunas escondidas por boa parte do território sul-mato-grossense. Esses enterros são cercados de histórias sobrenaturais e resvalam nos relatos de Assombração, porque se acredita que o dono do dinheiro matava o ajudante que estivesse junto, para não sobrar testemunha e não haver o risco de traição.

Um exemplo dessas explicações populares, podemos encontrar no *causo* contado pelo Seu Oscar (3.1.G). Nele, o contador narra a origem e a veracidade dos enterros de tesouro:

“Esse negócio de enterro de ôro só ixiste aqui na nossa rigião, né. Porque, isso foi do tempo da guerra do Paraguai c’o Brasil, né. Porque os brasileiro ia levano os paraguaio de fasto, né. E eles tinham muito ôro, né. Então, eles num pudiam levá, que que eles faziam? Eles interravam, né. Interrava e dexava. E é isso que formô o enterro aqui no Brasir né. Ixiste. Que ixiste, ixiste, né.”

Outro contador, Seu Silvério (8.1.F), também faz uma breve explicação sobre os *guardados* feitos pelos paraguaios e sobre o território anexado ao Brasil depois da guerra:

“O Paraguai era um país muito rico de ôro. Aí, e foi e brigô c’o Brasil. Teve aquelas coisa aqui, o Brasil tomô... Quando eles viro que ia perdê! Que num tinha mais jeito, que os brasileiro ia acabá cum eles, eles começaro fazê fossa, enterro, enterrá ôro, no pote, no chão, vai, enterrano por aí. Tava tudo perdido memo. Como de fato perdero, né! A guerra aí. Isso aqui era parte do Paraguai, tudo, até Aquidauana. Pra cá, até na frontera era Paraguai, aí.”

Encontramos, nas conversas com os narradores pantaneiros, dez exemplos de *causos* de *Enterro de Tesouro*. Entre eles, cinco são do Seu Marcondes, dois do Seu Oscar, um do Seu Benjamim, um do Seu Chumbo e um do Seu Silvério.

O tema apresenta algumas variantes, mas, no geral, segue a mesma linha:

- 1º. Aparece um sinal de fogo que aponta para o tesouro.
- 2º. A ação depende da coragem de quem viu o sinal em ir procurar ou não o *guardado*.

- 3º. A fortuna é encontrada dentro de um pote de barro ou em um baú.

Ainda segundo os narradores, não é qualquer pessoa que encontra o enterro. Ele se manifesta para a pessoa certa, através de luzes ou por acaso. Não é procurando que se acha o tesouro escondido.

O Seu Marcondes (1.2.G), por exemplo, conta um *causo* de dois amigos que encontraram um enterro. Um deles estava com a intenção de matar o outro e ficar com o botim sozinho. Quando conseguiram tirar o pote de barro e o abriram, viram que só havia carvão dentro. O mal-intencionado ficou nervoso e foi embora sem levar nada. O outro achou que o carvão teria serventia para o fogão a lenha e o levou para casa. Quando foi entregar o carvão para sua mulher, o homem se assustou e viu que o carvão tinha se transformado em moedas de libras esterlinas.

Esta narrativa oferece elementos que põem em evidência a relação do fogo com o ouro. Mário Cezar da Silva Leite abordou este assunto em seu estudo dos mitos aquáticos mato-grossenses e nos apresenta um exemplo similar ao contado pelo Seu Marcondes:

“A relação fogo e ouro como um mesmo ser estabelece-se também se a pessoa que for desenterrá-lo não for a escolhida, a presenteada, pela alma que o enterrou. Neste caso, a pessoa vai encontrar, em lugar de ouro, ‘só carvão’.” (Silva Leite, 2003:111)

Continuando com o Seu Marcondes (1.1.G), ele nos fala, também, de uma vez que teria visto uma tocha de fumaça que adquiriu um aspecto humano e sinalizou um local específico. Ele não teria dado importância para o fato e, depois de alguns anos, soubera que naquele mesmo lugar fora encontrado um enterro de tesouro. Só restou, para o Seu Marcondes, lamentar o acontecido.

Em outra história, o próprio Seu Marcondes (1.3.G) nos conta de um pote, possivelmente de tesouro, que teria sido desenterrado por uma raiz de mandioca. Ele narra, ainda, um *causo* (1.4.G) de um peão que vira o fogo apontando o enterro, mas teve medo de procurar. O medo vinha do episódio do homem que fora desenterrar um *guardado* e enlouquecera.

A última narrativa de Seu Marcondes (1.5.G) sobre esse assunto refere-se a um peão que parou para dormir em um barraco e começou a ouvir uma voz estranha. De repente, a

voz começou a materializar-se em um esqueleto humano. Como o homem não teve medo, a caveira apontou-lhe o enterro e ele ficou muito rico.

O Seu Oscar (3.1.G) nos conta dois *causos* de enterro. No primeiro, são apresentadas duas seqüências da mesma narrativa. Em uma, o contador fala da vontade de seu pai em encontrar um *guardado* e da cruz que um índio amigo dele identificou como sinal de tesouro escondido. Decidiram cavar sob a cruz e encontraram apenas um esqueleto humano. Na segunda parte do mesmo relato, o Seu Oscar nos narra a sorte de um conhecido seu ao encontrar o pote com ouro e ter “subido de vida”.

Em seu outro *causo*, o Seu Oscar (3.2.G) repete alguns elementos do primeiro, mas coloca no lugar de seu pai, um cunhado, que teria muita vontade de encontrar um tesouro. Segue-se a história com a figura do índio amigo, que lhe fala sobre um baú que estava no fundo de um córrego e só ele sabia o caminho. O índio morre e ninguém pode encontrar a fortuna.

Quem nos relata outra história de enterro é o Seu Benjamim (6.1.G). Ele aponta dois lugares, onde haveria *guardados*, entre as fazendas da região. Continua, falando que, em uma das propriedades, o dono, já falecido, teria enterrado todo o dinheiro que ganhara durante a vida.

Já no relato de enterro contado por Seu Chumbo (7.1.G), ficamos sabendo de um homem que viu o sinal feito pelo fogo. Sem nenhum temor, o tal homem correu a desenterrar o pote, encontrou o tesouro e ficou muito rico.

O Seu Silvério (8.1.G) é o último narrador que nos relata uma história de enterro. Ele nos conta que viu pedaços de um pote de *guardado* e um homem que encontrou uma fortuna enterrada perto do fogo, no quintal, onde se cozinhava.

Nas características gerais, os *causos* de *Enterros de Tesouro* trazem as fórmulas iniciais de lugar em cinco ocasiões; o começo com comentário aparece em quatro, e um entra direto com a ação. Em nenhum relato aparece a fórmula que indica tempo indefinido, o que se pode tentar explicar pelo fato deste tema resvalar em fatos históricos, e isso impedir a indefinição temporal.

As narrativas utilizam a terceira pessoa do singular em oito situações. Apenas em uma ocasião, aparecem a primeira e a terceira pessoas do plural.

O ambiente apresentado nesses relatos é realista em sete ocasiões, considerando que o contador serve-se de um evento que teria por base a história da região. Em três *causos*, o ambiente é fantasioso, em que a fronteira do natural é ultrapassada.

O efeito produzido nas narrativas de enterros de tesouros é o de curiosidade em oito situações, trágico em uma e cômico também em uma.

Nas particularidades desta categoria, destacamos a presença do elemento fogo em seis histórias. Essa característica pode ser explicada pela relação dos dois elementos, que, para alguns pesquisadores, assumem a mesma função. Câmara Cascudo faz referência ao mito da Mãe do Ouro, que seria a personificação da chama que guiaria o escolhido para desenterrar o tesouro.

“ ‘Ubi Est Ignis Est Aurum’, diziam os antigos. Onde há fogo, há ouro. A égide das minas, madrinha dos veiros, padroeira dos filões, defendendo pepitas e escondendo jazidas, só podia ter a forma de chama, lume que denunciava o metal rutilante e a um tempo o custodiava. Seria, inicialmente, apenas um clarão seguido pelos trovões. O relâmpago dizia a direção da Mãe do Ouro e os trovões a sua cólera.” (Cascudo, 2002:311)

O mito da Mãe do Ouro, apontando a proximidades dos dois elementos nas narrativas orais, também é objeto de reflexão nos estudos de Mario Cezar Silva Leite. Valendo-se das histórias da mesma região onde ouvimos os *causos* de *Enterro de Tesouro*, Mário faz as seguintes observações:

“De uma forma ou de outra, vê-se muito claramente que a Mãe do Ouro e Boitatá estão aqui representados pelo fogo que denuncia a presença do ouro enterrado. Enterros e Mãe do Ouro materializam-se como representação de uma mesma coisa: a presença do ouro.” (Silva Leite, 2003:110)

Esta explicação deixa essa categoria de relatos muito próxima a uma outra, a dos *causos* de *Luzes Misteriosas*, que segue uma longa tradição nas narrativas orais e que nós verificaremos mais adiante.

As semelhanças mais acentuadas nos relatos deste grupo estão nos seguintes fragmentos: o Seu Marcondes (1.1.G): *“Isso dicerto era o tar do interro”*; o Seu Marcondes (1.4.G): *“tem um lugar lá, que diz que tem um interro”*; o Seu Marcondes

(1.5.G): “E diz que tinha um enterro lá, né”; o Seu Oscar (3.1.G): “Esse negócio de enterro de ôro só existe aqui na nossa rigião”; o Seu Benjamim (6.1.G): “Ali na Aurora, ali, diz que tinha um interro muito grande”; o Seu Marcondes (1.1.G): “Levantô aquela tocha de fumaça, assim, e foi ino”; o Seu Marcondes (1.4.G): “Aquele fogo saía”; o Seu Chumbo (7.1.G): “ele chegô de vê uma luz que aparicia de noite, ansim, tipo um fogo, né”; o Seu Chumbo: “sempre passava ali e via aquele foguinho, aquela luz ali, né”; o Seu Silvério (8.1.G): “Tinha um fogo assim pra fora, onde ele cuzinhava. E tava pertinho do fogo”; o Seu Marcondes (1.1.G): “Eu quiria achá um, mais, até na data de hoje”; o Seu Marcondes (1.3.G): “Meu sogro memo, toda vida ele lembra de interro”; o Seu Oscar (3.1.G): “Meu pai era meio infruído cum isso, né. (...) Então, era meio infruído cum esse negócio de enterro”; o Seu Silvério (8.1.G): “Eu memo, andei procurano muitas veis, mais nunca achei”; o Seu Marcondes (1.2.G): “Então, eles cavaram”; o Seu Marcondes (1.4.G): “Aí, ele foi cavucá e enloqueceu”; o Seu Marcondes (1.5.G): “Cavucô, mais, o cara ficô rico!”; o Seu Oscar (3.1.G): “Então vamo cavucá”; o Seu Oscar (2.1.G): “Então, aí ele foi cavá. Cavô e achô e tirô”; o Seu Chumbo: “Eu acho que ele arrancô esse enterro e foi pra Rio Verde morá”; o Seu Silvério: “E tá cavucano”; o Seu Marcondes (1.2.G): “Tava briano, assim. Pura libra”; o Seu Oscar (3.1.G): “Eu vi, memo, a libra, o ôro”; o Seu Marcondes (1.1.G): “Contaro que o patrolero rancô um pote”; o Seu Marcondes (1.3.G): “Saiu um pote, antigamente eles colocava um pote de barro, né”; o Seu Oscar (3.1.G): “Não, era um pote. Ele falô que era um pote”; o Seu Silvério: “Tava num pote de barro”; o Seu Marcondes (1.4.G): “Aí, ele falô que começô parecê aquelas vóis istranha, né”; o Seu Marcondes (1.5.G): “Ouvuiu aquela vóis lá”.

Nos *causos de Enterro de Tesouro*, verificamos que fazem parte da memória pantaneira e estão em um limite muito tênue entre a fantasia e a realidade. Apesar de manter os elementos das narrativas de mistério e de riquezas fáceis, esta categoria guarda um embasamento histórico fundamental no processo de sua criação.

O pantaneiro tem consciência da proximidade entre essas narrativas e a Guerra contra o Paraguai, que deixou marcas profundas na cultura local. Também tem espaço importante na formulação desses *causos* a relação entre o fogo e o ouro nas explicações de antigas mitologias, como a da Mãe do Ouro.

Com essas características, os relatos de enterros tornaram-se um dos mais populares na região e desvincularam-se do medo do contador em narrar histórias inverossímeis, que os vincularia ao “atraso de idéias”.

5.2.4- As Pessoas Perdidas

As grandes proporções territoriais que formam o Pantanal já foram mencionadas e descritas mais de uma vez neste texto. Acrescentemos que a imensidão pantaneira é forrada de matas, cerradões, savanas, campos inundáveis, brejos e lagoas. Um mosaico propício para o homem, em sua pequenez, errar o caminho, desviar das veredas, perder-se de seus companheiros. Esta problemática não poderia passar despercebida nas narrativas locais. Tal assunto torna-se quase inevitável nas rodas de conversas e a ele pusemos o nome de *causos de Pessoas Perdidas*.

É difícil o morador da região que não conheça alguma história de gente que se tenha perdido pelo Pantanal. São experiências ouvidas, presenciadas ou vivenciadas, que servem de lição para os mais corajosos, os quais, mesmo sem ter domínio das inúmeras direções a que conduzem as trilhas pantaneiras, saem sozinhos com a certeza do acerto. Augusto César Proença coloca o tema das pessoas perdidas entre os mais característicos da região. Ele nos fala o seguinte:

“O tempo (...) não conseguiu acabar com as estórias dos camaradas que se extraviavam nos campos. Nem com a valentia de um Felizardo, com a coragem de um Manoelzinho, com a fibra de um João Boa Vida, ou com a resistência de um Antônio João. Não retirou da paisagem as marcas que deixaram com seus “causos”, com as estórias das caçadas de onça até hoje vivas.” (Proença, 1977;110)

Os *causos* retratam a dificuldade de transitar nos inóspitos caminhos dos pantanais e acrescentam elementos sobrenaturais que tornam ainda mais complicada a vida desses peões. Na sabedoria popular, a ciência humana é desviada por forças estranhas, que conduziriam até pantaneiros antigos à errância no mato. A principal fonte dessa desorientação seria pisar sobre o rastro de algum animal encantado.

Apesar de muito comum nas rodas de tereré, por exemplo, em poucas situações o tema de pessoa perdida aparece na forma de *causo*. Entre os contadores que aqui ouvimos, apenas três apresentaram esse assunto, sendo que o Seu Marcondes contou-nos duas histórias.

Na primeira narrativa, o Seu Marcondes (1.1.H) relata uma viagem com a boiada no Pantanal. De repente, deram-se conta que um peão da comitiva havia desaparecido. Durante a busca, ficaram sabendo que, no lugar onde o rapaz foi visto pela última vez, perto de um açude, já havia sumido uma criança, enquanto a mãe lavava a roupa, que depois de quinze dias foi encontrada morta. A procura pelo peão continuou, e já no fim do dia, o encontraram na estrada, perdido e com certa confusão mental. A explicação dada a esse fato, pelo narrador, é que o peão deve ter passado sobre o rastro de algum ser sobrenatural, o que deveria ter-lhe tirado a razão.

No outro relato do Seu Marcondes (1.2.H), ele também faz parte dos que se perderam. Como no *causo* anterior, estavam em comitiva, mas sem boiada. Em certo momento, começaram a perceber que o caminho por onde iam não estava certo. Tentaram encontrar a estrada, que tinha por referência uma vazante. Como por mágica, recobram a consciência e perceberam o caminho correto, mas dois dos peões haviam entrado na mata. Começaram a gritar e apitar uma buzina e a tocar o berrante para localizar os dois. Já era tardezinha, quando responderam. Depois de encontrados, os rapazes explicaram que não conseguiam localizar-se, como se estivessem com uma perturbação na cabeça. O Seu Marcondes ressalta, ainda, que o caminho era muito fácil e eles estavam acostumados a passar por ele, restando apenas a explicação de algum ente misterioso ter atrapalhado a jornada.

O Seu Oscar (3.1.H) também nos conta um *causo de Pessoa Perdida*. É o mesmo enredo da história do Mãozão. Mas decidimos por incluir a narrativa nesta categoria, por não haver, por parte do contador, admissão de ser a criatura a responsável pelo desaparecimento da criança. O relato, segundo o contador, fala sobre um menino, de aproximadamente nove anos, que saiu com os pais na mata e se perdeu deles. Saiu uma comitiva a sua procura. Depois de uma semana de busca, os peões encontraram o rastro da criança perto de um riacho. Não demorou e viram o garoto na mata, mas ele tentou

fugir. O Seu Oscar conta que o menino estava perturbado. Conseguiram pegá-lo à força e, como nos *causos* do Mãozão, ele estava limpo e sadio. Quando perguntaram quem o havia cuidado, a criança respondeu que fora uma anta.

A última história sobre pessoa perdida foi narrada pelo Carlão (4.1.H) e fala de um patrão seu que, durante a travessia de uma boiada, se extraviou da comitiva. Quando os peões deram conta de seu desaparecimento, inclusive o próprio Carlão, começaram a procurá-lo, mas só o encontraram na tarde do outro dia. Ele estava todo arranhado de galhos da mata e havia permanecido sobre o burro durante todo o tempo.

Verificando alguns pontos dos quatro *causos* sobre pessoas perdidas, observamos propriedades que nos provocam interesse. Esses relatos estão muito próximos às narrativas de seres imaginários, como o Mãozão, que rapta as pessoas e depois as deixa confusas, e do Pai-da-mata, que provoca desequilíbrio no senso de direção dos que respondem a seus gritos. A principal diferença entre as duas categorias é que, apesar das explicações sobrenaturais para o desaparecimento temporário de indivíduos, as forças ocultas não se materializam em um ser raptor.

Já o *causo* do Seu Oscar nos chama a atenção, como já temos dito, pelo fato de seguir uma estrutura muito semelhante ao mito do Mãozão. A narrativa inclui, até mesmo, a personagem da anta, que protege o garoto perdido e não lhe deixa faltar nada. Outro elemento que também aparece no relato do Seu Oscar é a confusão mental, pela qual passa a pessoa que se perde.

Nas características gerais dos quatro relatos, dois são iniciados indicando tempo indefinido e com a fórmula “Uma vez”. Dos outros dois, um começa com comentário e o outro já entra na ação. A pessoa verbal predominante é a terceira do singular, que aparece três vezes, restando apenas um *causo*, que é narrado na primeira pessoa do plural.

O ambiente nas histórias de pessoas perdidas é realista em três relatos, levando em conta a explicação mágica para o sumiço das pessoas. Apenas na narrativa do Carlão, classificamos realista o ambiente, por tratar-se de um acidente de percurso.

Em todos os relatos desta categoria, o efeito produzido é o de curiosidade, pois, apesar de apresentar um assunto que gera traumas, todas as histórias terminam bem, com um desfecho feliz.

Em suas particularidades, estes *causos* oferecem a presença do elemento água. Em três relatos, a pessoa se perde quando está próxima de um rio ou açude. Inclusive na história que aparece dentro da narrativa do Seu Marcondes (1.1.H), do menino que desapareceu de perto da mãe, a ação se passa nas margens de um curicho.

Em três *causos*, o evento acontece em meio ao trabalho, nas comitivas que transportam o gado de um lado para outro no Pantanal. Em outras três ocasiões há a presença de testemunhas.

Em dois relatos há detalhamento na ambientação. Em outros dois, há referência ao horário em que foi encontrada a pessoa perdida, no final da tarde. E, também, em dois, há menção de forças ocultas que teriam desviado o indivíduo do caminho correto.

As narrativas sobre pessoas perdidas apresentam as seguintes semelhanças textuais: o Seu Marcondes (1.1.H): *“Uma veis, um pião meu se perdeu”*; o Seu Marcondes (1.2.H): *“Esses dois se perdero, memo”*; o Seu Oscar (3.1.H): *“O guri istraviô do pai e da mãe”*; o Carlão (4.1.H): *“o patrão num tá”*; o Seu Marcondes (1.1.H): *“e tinha um açude”*; o Seu Marcondes (1.2.H): *“Aí, nós armoçamo no açude”*; o Seu Oscar: *“Cheguemo assim num curicho”*; o Seu Marcondes (1.1.H): *“E ele sumiu”*; o Seu Marcondes (1.2.H): *“Um dos cumpanhero já saiu ansim e foi imbora, foi, foi imbora! Sumiu.”*; o Seu Marcondes (1.1.H): *“Aí, nós demo uns grito”*; o Seu Marcondes (1.2.H): *“Cumeçamo gritá”*; o Carlão: *“Já gritamo e vai”*; o Seu Marcondes (1.2.H): *“acharo o gurizinho morto”*; o Seu Oscar: *“Ah, o guri no morreu”*; o Seu Marcondes (1.1.H): *“Aí, já vimo o rasto da espora dele”*; o Seu Oscar: *“Tava o rastro do guri. O rastinho dele ali”*; o Seu Marcondes (1.1.H): *“pegava a batida dele”*; o Carlão: *“Aí foi pegano batida, né”*; o Seu Marcondes (1.1.H): *“E saímo tudo, atrais desse pião”*; o Seu Oscar: *“Vamo procurá o guri”*; o Carlão: *“Eu vô vê se localizo o patrão”*; o Seu Marcondes (1.1.H): *“Ele tava variado, né”*; o Seu Marcondes (1.2.H): *“Já tava variado”*; o Seu Oscar: *“Ele tava bobo assim cum medo”*; o Seu Marcondes (1.1.H): *“Chegaro na cerca ansim, ele varava a cerca”*; o Seu Marcondes (1.2.H): *“Um já quiria amarrá o burro e vará a cerca”*.

O extravio do pantaneiro de seus caminhos está cercado de mistérios. Ninguém está livre de se perder no mato. A natureza oferece obstáculos para a localização nesse território e as forças estranhas, não personificadas, contribuem para a dificuldade. O perigo apresenta-se, sobretudo, na beira das águas. Resta, aos contadores, narrar os *causos* para os ouvintes e alertá-los sobre os riscos de perambular pelos pantanais e acabar por desviar da rota.

5.2.5- As Ações Mágicas

O imaginário pantaneiro nos oferece as histórias de curandeiros e benzedores. De acordo com a tradição popular, esses indivíduos possuem poderes de curar seres humanos e animais, de espantar bichos peçonhentos, em especial cobras, tudo através de manipulações de ervas e palavras, orações fortes, rezas. Dificilmente exista alguém que nunca tenha se servido das simpatias e *benzeções* para espantar o quebranto das crianças. Aos relatos que expõem esses acontecimentos, denominamos *Causos de Ações Mágicas*.

Este tema, que situamos no ciclo dos *Causos Enigmáticos*, não é exclusividade dos contadores pantaneiros. Em qualquer repertório de narrativas orais brasileiras, é muito provável que nos deparemos com relatos que atribuem poderes mágicos a determinadas pessoas. Mário Cezar Silva Leite busca uma explicação para a grande frequência dos assuntos dessa “magia” nas rodas de conversa. Ele nos aclarara o seguinte:

“De maneira geral, pode-se dizer que na mentalidade popular brasileira é bastante comum encontrar uma percepção do mundo natural onde se entrecruzam as características antropomórficas, os poderes sobrenaturais (intrínsecos desta natureza) e os efeitos terapêuticos ou curativos dos vegetais. E isto nem sempre em distinções claras ou perceptíveis: no mais das vezes, apresentam-se de maneira bastante intrincada e misturada, dificultando a percepção de limites mais precisos.” (Silva Leite, 2003:125)

A tradição das ações mágicas no Pantanal remonta ao período em que o lugar era habitado apenas pelos indígenas. A figura do pajé, chefe espiritual das aldeias, deixou influências e seguidores, os quais, em certas localidades, somam-se aos elementos dos

costumes africanos e representam, dessa forma, o papel de médicos e protetores das regiões distantes.

Muitos desses curandeiros são reconhecidos como “índio velho”, conhecedor de mistérios da natureza e do sobrenatural. Sua importância cresce na medida em que se tornam os representantes de poderes destinados a seres especiais, que assumem, de acordo com Mário Cezar, uma feição divina:

“Uma natureza com poderes mágicos e em contato com o sobrenatural. Aqui talvez se possa inferir que as plantas e ervas utilizadas nestes banhos – com poder sobrenatural de proteção contra todos os males – são o resultado ou a manutenção diluída, implícita, de uma forma de percepção da natureza que se confunde com deuses ou com Deus. No sentido de que a natureza em muitos casos não só foi criada por estas entidades, mas também que elas continuam agindo através delas.” (Silva Leite, 2003;127)

A relação do homem com a Natureza chega, através do uso das ações mágicas, a proporcionar-lhe a posição de mediador com as divindades. Essa atribuição gera uma esfera de respeito popular, que é alcançado apenas pelos representantes “oficiais” das igrejas.

A fonte da sabedoria adquirida pelos benzedores é uma intimidade peculiar com o meio ambiente. O homem assumiria, dessa maneira, a parte que lhe cabe em seu *habitat*, como manipulador da própria Natureza. Para nos garantir diante de tantas afirmações, recorreremos aos ensinamentos do mestre Antonio Cândido, que nos aponta a seguinte definição:

“Magia, medicina simpática, invocação divina, exploração da fauna e da flora, conhecimentos agrícolas fundem-se deste modo num sistema que abrange, na mesma continuidade, o campo, a mata, a semente, o ar, o bicho, a água e o próprio céu. Dobrado sobre si mesmo pela economia de subsistência, encerrado no quadro de agrupamentos vicinais, o homem aparece ele próprio como segmento de um vasto meio, ao mesmo tempo natural, social e sobrenatural.” (Cândido, 2001:220)

Nessas condições, o homem seria um agente manipulador dos recursos naturais e sobrenaturais. Entre os *causos* que ouvimos dos contadores pantaneiros, sete abordam o tema das ações mágicas. Os relatos falam de soluções dadas por pessoas com poderes

para benzer os mais diversos problemas que afligem a população das localidades distantes.

O Seu Marcondes (1.1.I) conta uma experiência de seu pai, que, quando era menino, teria sentido uma forte dor de dente, e o único recurso que tinha era o *benzimento*. O menino teria procurado, então, por seu tio, que era rezador, e depois da oração o dente arrebentou na boca e sarou.

O outro relato de Seu Marcondes (1.2.I) fala de uma mula do próprio narrador, que teria sido picada por uma cobra e já estava passando mal, quando apareceu um rapaz e perguntou se poderia benzer o bicho. Com o seu consentimento, o homem fez a reza na mula e, no outro dia, ela estava sã.

Já na narrativa do Seu Oscar (3.1.I), uma mulher grávida foi picada por uma cobra e o marido pediu para o nosso narrador ir buscar alguém que a benzesse. Ainda em sua casa, o curandeiro previu e disse não haver motivo para preocupação, pois a cobra que havia picado a senhora não era das venenosas. De toda forma, ele foi até ela e a benzeu. A mulher não teve nenhuma complicação, apesar de a cobra que a atacara ter sido reconhecida como uma das mais letais.

No outro relato do Seu Oscar (3.2.I), a dona da fazenda onde ele morava pediu para que ele matasse uma cobra no quintal. Ele se negou a fazê-lo. A senhora pediu, então, para outro homem que estava perto, e este também não quis matar a serpente, mas ofereceu-se para expulsá-la dali com um *benzimento*. A mulher consentiu e o benzedor usou apenas o olhar para afastar o bicho peçonhento. O Seu Oscar diz não ter visto sair nenhuma palavra de sua boca. A cobra foi embora e desapareceu.

O Seu Perigoso (2.1.I) também nos conta o episódio da vez em que apareceu um calombo em um lado do seu corpo. O furúnculo provocava-lhe muita aflição, e dele saía uma luz verde. Segundo o contador, ele foi levado ao médico, que não conseguiu diagnosticar a moléstia. Chamaram então um índio velho, que o benzeu e o curou. O mal de que o Seu Perigoso padecia seria um feitiço, e o pagamento do curandeiro, uma garrafa de pinga.

O tema da ação mágica aparece, ainda, no repertório de *causos* do Seu Edson (5.1.I). Ele nos fala de um benzedor que fez duas proezas em sua frente. A primeira, foi quando pegou fogo em um pasto já alto e vinte homens não conseguiam contê-lo. Chegou então o

benzedor, pediu para que todos saíssem dali e fez sua prece. As labaredas cessaram na hora.

Na outra ocasião, o fazendeiro mandou chamar, novamente, o mesmo homem, para que acabasse com algumas cobras que estariam atacando as criações. Ele orientou os peões sobre o lugar onde estariam duas serpentes escondidas. Era debaixo de um cupim. Quando os peões arrancaram o cupim do chão, as duas cobras ali estavam, exatamente como o benzedor as tinha descrito.

Outra narrativa desta categoria, que também envolve *benzimentos* de serpente, é a narrada pelo Seu Benjamim (6.1.I). O contador nos fala da ocasião em que uma menina foi atacada por uma cobra ao sair de sua casa, justamente no horário mais perigoso para esses eventos, o entardecer. Ela foi picada por uma boca-de-sapo, que é muito venenosa e geralmente mata as suas vítimas. O pai da garota era benzedor, e curou a filha apenas com sua oração.

O último *causo de Ações Mágicas* é o do Seu Leandro (10.1.I), que nos narra sua experiência com um benzedor. Ele estava com uma doença nos pés há mais de nove anos. Já havia passado por uma série de médicos, inclusive especialistas, e também por diversos benzedores. Nenhum deles conseguiu encontrar a cura para a sua enfermidade. Um dia, ensinaram-lhe um curandeiro que vivia perto de onde ele morava. O homem começou a benzer sua perna com ramos de ervas e orações. Depois, passou-lhe uma dieta de coisas que ele não poderia comer ou beber e, por fim, preparou-lhe uma bebida à base de vinho branco e outras ervas. O tratamento demorou cerca de dois meses. O Seu Leandro nos diz que ficou completamente curado e, como prova, nos mostra as marcas da doença em seus pés.

As características gerais dessas narrativas apresentam comentários no início de três relatos. A fórmula indicando tempo indefinido é utilizada em dois *causos*, e outros dois já começam com a ação. Em uma ocasião, o início é com a fórmula de lugar.

As histórias estão narradas na primeira pessoa do singular em quatro situações, e na primeira pessoa do plural em outras duas, o que nos permite concluir que a maioria dos *causos* que envolvem as ações mágicas são experiências vivenciadas pelos próprios narradores. Dois relatos estão na terceira pessoa do singular.

A totalidade dessas narrativas oferece ambientes realistas. Os contadores pantaneiros não deixam margem para dúvidas quando se referem a este assunto e, como não é nossa intenção julgar o que é verdade ou mentira, mas observar onde está localizada a intenção dos narradores, não podemos considerar estes relatos como fantasiosos. As ações mágicas são tratadas como experiências cotidianas e ordinárias pelo povo do Pantanal.

Também observamos, em todos os *causos* desta categoria, que o efeito produzido no ouvinte é o de curiosidade. As histórias não estão entre as trágicas, porque terminam com os problemas já solucionados.

As semelhanças entre os *causos de Ações Mágicas* estão nos seguintes fragmentos: o Seu Marcondes (1.1.I): *“Ele mandou chamá meu avô pra benzê”*; O Seu Oscar (3.1.I): *“Portuguêis, munta no cavalo e vai lá, chama o velho André”*; o Seu Perigoso (2.1.I): *“Aí arrumaro um índio véio”*; o Seu Leandro (10.1.I): *“Aí tem um véio, aí tem um véio muito bom pra benzê”*; o Seu Perigoso: *“levô pro doutor, falô: - Mais não tem nada. Feis exame, todo tipo e não tem nada”*; o Seu Leandro: *“médico, diz que, especialista de, de, de pele, de coisa. Num achô duença em mim! Feis exame de sangue.”*; o Seu Marcondes (1.1.I): *“Então, benzeu o dente dele”*; o Seu Marcondes (1.2.I): *“Benzeu a mula”*; o Seu Perigoso: *“Aí o índio véio benzeu”*; o Seu Edson (5.1.I): *“E ele entrô, assim, mais-omeno uns vinte metro antes do fogo. Benzeu”*; o Seu Benjamim (6.1.I): *“O próprio pai dela, memo, que benzeu ela”*; o Seu Leandro: *“Eu vô benzê, tá muito brabo esse troço aí. - Ele benzeu”*; o Seu Marcondes (1.2.I): *“tinha um rapais que binzia, né”*; o Seu Leandro: *“Aí tem um véio, aí tem um véio muito bom pra benzê”*; o Seu Marcondes (1.2.I): *“Opa! Acridita em benzeção, home?”*; o Seu Leandro: *“O senhor acridita que santo fais milagre?”*; o Seu Oscar (3.1.I): *“Portuguêis, vai lá na venda e trais uma garrafa de pinga pra nós”*; o Seu Perigoso: *“Compra um corote de pinga pra ele, ele benze”*; o Seu Leandro: *“O senhor compra um litro de vinho branco”*; o Seu Marcondes (1.2.I): *“Sarvô a mula!”*; o Seu Oscar (3.1.I): *“Essa mulher, ela num perdeu o filho, (...). Ela num morreu, num inchô, num teve nada”*; o Seu Perigoso: *“Daí eu fiquei bão, né”*; o Seu Leandro: *“Ocê tá são, rapais! Ocê tá são”*.

O tema das ações mágicas é tratado com muito respeito pelos contadores de *causos*, que o situam em uma esfera de coisas sagradas. As manifestações provocadas pelos benzedores e curandeiros fazem parte de um “equilíbrio” do universo pantaneiro e de

uma “tranqüilidade” de seu povo, que julga ter um representante das divindades para valê-los nas tribulações.

5.2.6 As Luzes Misteriosas

Para finalizarmos os relatos que a denominamos *Causos Enigmáticos*, encontramos com o tema das Luzes Misteriosas. Nesta categoria, estão as narrativas que enfocam o mistério de clarões, que são vistos, na maioria das vezes, em forma de bola de fogo e são conhecidos em várias partes como fogo corredor.

O assunto das luzes misteriosas é uma espécie de clássico da tradição oral; faz parte do imaginário popular de muitas regiões e é encontrado em vários períodos históricos. Câmara Cascudo fala que o *fogo-fátuo*, uma das denominações deste fenômeno, é um tema universal no Folclore, e não há país que desconheça narrativas para justificar-lhe a corrida noturna e coruscante. Ele mesmo nos oferece um apanhado de versões para explicar o evento:

“É o feu-follet, a ronda dos Lutinos na França, Flandres, a Inlicht, a luz-louca da Alemanha, os pequeninos anões correm com archotes como os sul-americanos Yakãundys, que quiere decir cabeza encendida, ensina Mayntzhusen; os fogos dos Druidas, o fogo de Helena, de Santa-Helena, antepassados do Sant’Elmo que os romanos identificavam com a presença divina de Castor e Pollux; é o Jack with a Lantern dos ingleses que se passou, com a forma de um fantasma que guiava, levando uma lanterna, os viandantes para os charcos e lamaçais, para a Alemanha; é o sinistro Moine de Marais, com idênticas ocupações, todas as terras vêem as luzes loucas, azuladas e velozes, assombrando. Em Portugal são as “alminhas”, as “almas dos meninos pagãos”, a “alma que deixou dinheiro enterrado” e não se “salvará” enquanto o outro estiver escondido. É o “farol” dos Andes, Argentina e Uruguai, clarão que se escapa onde jaz um tesouro.” (Cascudo, 2002:144)

Como podemos perceber nessa citação, em Portugal, as luzes misteriosas acercam-se do tema dos enterros de tesouro. Esta característica, que abordaremos mais tarde, continua, nos *causos pantaneiros*.

No Brasil do século XVI, já havia a presença da temática do fogo corredor nos primórdios de nossa literatura. A versão dos jesuítas resultou em uma das lendas mais

conhecidas do Folclore brasileiro, a do Boitató. O próprio Câmara Cascudo apresenta-nos uma discussão sobre a origem desse tema nas cartas da época:

“Em Carta de São Vicente, datada de 31 de maio de 1560, o venerável José de Anchieta citou, pela primeira vez, o baetató, traduzindo-o por “cousa de fogo, que é todo fogo”. Mbai, cousa, e tatá fogo, davam justamente essa versão, como aquele fogo vivo se deslocava, deixando um rastro luminoso, “um facho cintilante correndo para ali”, anotava o jesuíta, veio a imagem da marcha ondulada da serpente. E mesmo há no idioma tupi palavra de pronúncia ligeiramente diversa de mba, significando cobra. É mbói. De mbai-tatá, coisa de fogo, chegou-se a Mbóitató, cobra de fogo.” (Cascudo, 2002:143)

Nos *causos pantaneiros*, a luz misteriosa aparece em várias situações e com diversas explicações. Em sua forma mais comum, como já observamos anteriormente, ela é o sinal indicativo do lugar onde estaria enterrado um tesouro. A bola de fogo seria a orientação para o escolhido encontrar a fortuna escondida.

A temática das luzes misteriosas está presente no repertório de quatro dos contadores com que conversamos. Cada um contou uma história, mas preservou semelhanças que permitem incluí-las em um mesmo conjunto.

O Seu Marcondes (1.1.J) fala sobre a vez em que estava sozinho, a cavalo, de noite, na mata, e de repente viu uma tocha de fogo. Ele pensou em marcar o lugar e voltar no outro dia, acreditando tratar-se de um enterro de tesouro. No entanto, o cavalo queria continuar. O Seu Marcondes estranhou a reação do animal, que deveria ter-se assustado com a visível assombração. Decidiu, então, enfrentar o perigo, e aproximou-se da bola que soltava faísca. Quando chegou bem perto, percebeu que o que aparentava ser uma manifestação sobrenatural, era, na verdade, vários vaga-lumes presos a uma teia de aranha. O mistério foi desvendado.

A história contada por Seu Oscar (3.1.J) narra a experiência de um velho agricultor que estava trabalhando em sua roça quando avistou uma bola soltando faísca. A esfera foi descendo do céu e ficou estacionada sobre uma planta. O senhor aproximou-se do clarão e viu o momento em que saíram, de dentro do objeto, dois homenzinhos. Eram extraterrestres. Um deles focou uma lanterna no rosto do agricultor, que ficou paralisado. Depois de algum tempo, com a mesma lanterna, o fizeram voltar a si. Os dois seres entraram na nave e foram embora. A planta que havia ficado sob a bola de fogo secou.

Na narração de Seu Silvério (8.1.J), a luz aparece como uma espécie de assombração. O contador percebe um clarão a certa distância e tem a impressão de ser uma moça olhando para ele. Decide aproximar-se para ver o que é aquele objeto luminoso, mas, quando se acerca, a luz desaparece.

Vamos fazer um breve comentário sobre este *causo* de Seu Silvério. A luz que aparece no relato faz parte das características de enredos provenientes dos rituais dos mortos. O clarão seria um aviso da presença de algum espírito que não está completamente liberto do mundo material. Esse aspecto de assombração tem paralelos em outras situações já verificadas na cultura popular brasileira. O mito do *Fogo Corredor*, por exemplo, encontrado em várias regiões do país, traz uma explicação metafísica para a sua origem. Quem nos mostra esta particularidade é, mais uma vez, Câmara Cascudo, que fala o seguinte:

“Fogo Corredor- É a alma dos compadres e das comadres que em vida “não guardaram o respeito da Igreja”. “São obrigados por isso a penar até que seja cumprida a sentença marcada pelo Criador.”(Cascudo, 2002:383)

O último relato com o tema das luzes misteriosas foi-nos contado pelo Seu Olímpio (9.1.J). Esse *causo* aproxima-se das antigas narrativas do folclore brasileiro, já registradas pelos padres jesuítas no século XVI, como a lenda do *Boitatá*. O narrador conta a experiência pessoal de ter visto, junto com seu filho, uma esfera luminosa que se levantou diante de si e deu uma volta por seu quintal até desaparecer.

Também neste *causo*, necessitamos fazer uma intervenção. O Seu Olímpio, primeiramente, observa que as pessoas falavam da luz como um sinal de enterro. Mas, em seguida, ressalva que, na verdade, o fenômeno deve ser o *Boitatá*. A explicação do narrador, para essa entidade, é a seguinte:

“Então, morre um boi, uma reis gordo, aí aquele osso fica no chão, aí pega fogo, fais a luis.”

No comentário feito pelo Seu Olímpio, podemos perceber uma transformação do mito do *Boitatá*. Como já vimos anteriormente, a origem desse nome está na língua Tupi e ele quer dizer cobra de fogo, em uma alusão à imagem descrita pelos que viam a luz

cortar o céu. Aqui, o narrador aproxima a denominação do fenômeno para a língua portuguesa e oferece a explicação, do osso de boi, para justificar o nome do mito.

É nessa discussão etimológica que entra Von Martius (cf. Cascudo, 2002:396) para defender o verdadeiro significado do fogo corredor e dizer que os *Fogos-fátuos* foram logicamente indicados como sendo o *Baetatá* do venerável Anchieta. Na língua dos Guarany, coisa e não cobra (mbae e não mboi) de fogo. Nessa versão, o esclarecimento do Seu Olimpião seria completamente compatível com a explicação dos antigos pensadores.

Em suas características gerais, os *causos das Luzes Misteriosas* apresentam a fórmula inicial de lugar em duas ocasiões, de tempo em uma e com comentário em outra. Os relatos estão narrados na primeira pessoa do singular em três ocorrências, mostrando que a maioria das histórias diz respeito a experiências pessoais do próprio contador.

Das quatro narrativas, três apresentam ambientes fantasiosos, em que são encontradas explicações mágicas para o fenômeno da bola de fogo. Apenas em um *causo* (1.1.J) há solução realista para o evento.

Todas as histórias com a temática das luzes misteriosas produzem efeito de curiosidade nos ouvintes.

Nas particularidades desses *causos*, vale a pena ressaltar o elemento medo, que está presente, de uma forma ou de outra, em todos os relatos de luzes misteriosas.

As semelhanças mais acentuadas nesta categoria estão nos *causos* do Seu Marcondes (1.1.J): “*Tava uns fogo, assim, né*”; do Seu Oscar (3.1.J): “*Diz que viu aquele troço redondo. Falô que era redondo. Sortano fogo*”; do Seu Silvério (8.1.J): “*Eu via esse negócio alumiano lá*”; do Seu Olimpião (9.1.J): “*Eu vi uma luis de noite lá*”; do Seu Marcondes: “*Decerto é um interro, né*”; do Seu Olimpião: “*Essa luis, diz que era de enterro, né, que a turma falô*”; do Seu Marcondes: “*Ah, aquele fogo, parece que quanto mais eu oiava na minha frente, saía até faísca, né. Falei: - Pá! Sartano fogo, faísca, né*”; do Seu Oscar: “*E ficô largano faísca de fogo*”; do Seu Marcondes: “*O fogo veio-veio-veio-veio, foi rodeano, assim*”; do Seu Oscar: “*Aí, foi ino, foi ino, foi ino, foi ino, baxô no meio da roça dele*”; do Seu Olimpião: “*Uma luis vermelha assim, saiu de perto do banheiro e foi arrodiano pro lado do córgo*”; do Seu Silvério: “*Esse negócio alumiano lá, bunita*”; do Seu Olimpião: “*Uma luisona bunita!*”.

Os *causos das Luzes Misteriosas* estão próximos aos de *Enterros de Tesouros* e só não fazem parte da mesma categoria porque apresentam motivações distintas para a manifestação dos clarões. Cada narrador apresenta uma explicação para esses aparecimentos, mas todas elas são de cunho sobrenatural. Notícias dessas histórias vêm desde os jesuítas, perpassam lendas como a do Boitatá e ultrapassam as fronteiras brasileiras. No céu do Pantanal, as bolas de fogo continuam a brilhar e a iluminar os relatos populares.

Aqui encerramos os *Causos Enigmáticos*. Como pudemos perceber, os pantaneiros vivem as histórias que não têm explicações “naturais” e encontram, para todos os eventos, argumentos “verossímeis”, ainda que fora da “razão”.

O povo do Pantanal, especialmente os narradores, não gosta de ser associado ao “atraso” e renega várias vezes suas próprias crenças, para transparecer sua civilidade. Entretanto, não esconde que, neste lugar, acontecem coisas das mais esquisitas. E gostam de contá-las para todo o mundo.

5.3 Causos de Perigo

Não há coisa mais natural e mais abundante no Pantanal que o perigo. É muito mato, é muito bicho, é pouca gente, é muita água, é muita terra, é pouco recurso, tudo contribui para o perigo. As narrativas que classificamos como *Causos de Perigo* relatam os riscos que os contadores acreditam terem sido os maiores pelos quais já passaram em suas vidas. As histórias geram certo suspense, até ser revelada a solução do problema enfrentado pelo narrador. Em todas elas, está latente a proximidade da morte.

Dividimos esta classificação em duas categorias: a do *Risco Pessoal* e a das *Intempéries da Natureza*. Os *causos* da primeira categoria falam de doenças graves sofridas pelos narradores, alguma aventura inconseqüente que tenham feito ou algum acidente no trabalho. Os da segunda referem-se a fortes tempestades, que destroem o que estiver por diante delas.

Podemos desenhar uma pequena estrutura para os *Causos de Perigo*, na qual encontramos a forma de ritmo *normal- evento- normal transformado*. Ou seja, no geral, o interlocutor relata experiências pessoais, em que está cumprindo seu trabalho de campeiro, correndo atrás de gado, quando acontece um acidente e sua vida fica em perigo. Por ajuda da sorte ou de algum companheiro, consegue escapar do pior e volta ao ritmo anterior, mas, às vezes, fica com marcas físicas e, sempre, com a história do feito para contar.

5.3.1- Os Riscos Pessoais

Os relatos que abrangem a temática do risco pessoal foram, de certa forma, estimulados, durante as conversações com os contadores pantaneiros. Os *causos* surgiram em meio ao assunto sobre a difícil vida no Pantanal, que naturalmente levou à pergunta de qual teria sido o maior dos perigos passado pelo narrador.

Em resposta, vieram algumas histórias. O Seu Marcondes (1.1.L), por exemplo, narra a vez em que estava na captura de um boi e, quando ergueu o laço para jogar na rê, a mula rodou e ele caiu, fiando enganchado no animal. Com os solavancos da mula e seu pé preso a ela, seu destino seria a morte. Foi então que seu cachorro, chamado Campeão, avançou no animal e permitiu que o dono se soltasse.

O tema do peão que cai da montaria e fica preso ao animal é o mais freqüente entre os *causos de Risco Pessoal*. Como veremos em seguida, das sete narrativas desta categoria, quatro são a respeito de acidente na laçada.

O outro *causo* do Seu Marcondes (1.2.L) fala de um dia em que estava esperando uma vaca beber água em uma poça e, quando entrou com a mula para tocar a vaca, a mula pisou em um buraco na água e caiu sobre ele. Quase Seu Marcondes morre afogado na água suja, só não morreu porque a mula conseguiu se virar e sair de cima dele.

O Seu Oscar (3.1.L) conta ter perseguido um boi fugitivo com tanto afinco que, quando o animal entrou no rio Paraguai, ele foi atrás e atravessou a nado. As águas estavam cheias de cardumes de piranhas, os perigosos peixes carnívoros, que em minutos devoram um animal. Assim que terminou a travessia, diz o Seu Oscar, um boi foi atacado pelos peixes e, em poucos minutos, estava completamente devorado.

Essa narrativa do Seu Oscar nos remete a um recurso utilizado nos contos de heróis e santos, nos quais os personagens passam pelas maiores desventuras e não lhes acontece nada. Jerusa Pires Ferreira nos orienta sobre este recurso, denominado *invulnerabilidade mágica*:

“A invulnerabilidade mágica [DI 1840.1], aquela mesma que buscavam os cangaceiros e perseguidos, é também a invulnerabilidade dos santos, a saírem das provas sempre ilesos.”(Pires Ferreira, 1992:94)

Outro narrador, o Seu Edson (5.1.L), em seu primeiro relato sobre esse tema, nos conta de uma experiência com boiada, pela qual ele passou quando era jovem. O gado estourou, e a mula que o levava disparou com ele, atravessando um riacho e afastando-o de seus companheiros. Ele ficou perdido, sozinho, e só conseguiu voltar quando encontrou os rastros no caminho.

O próprio Seu Edson (5.2.L) também narra um episódio no qual foi arrastado pelo cavalo, quando estava correndo atrás de um boi. Ele caiu e ficou com o pé enroscado. Sua salvação foi a bota ter saído de seu pé, depois de uns duzentos metros de pancadas no chão.

O *causo de Perigo* contado pelo Seu Chumbo (7.1.L) continua a história do peão arrastado pelo cavalo. Aqui, o narrador, em sua lida com o gado, levou um tombo da montaria e ficou enganchado pelo braço na corda do laço. Ele só se salvou porque seus companheiros conseguiram dominar o cavalo. O Seu Chumbo ficou dois dias desacordado.

O último relato desta categoria é o de Seu Leandro (10.1.L), e também conta a história de um acidente com montaria. Segundo o contador, ele estava trabalhando com a boiada, de repente caiu e foi levado por vários metros, arrastado pelo cavalo. O Seu Leandro também foi salvo pelos amigos, que controlaram a montaria.

Em suas características gerais, os *causos de Riscos Pessoais* são iniciados, em cinco ocasiões, com comentários e, em duas, com a fórmula de tempo indefinido. Por tratarem de experiências pessoais, a pessoa verbal predominante em todos os relatos é a primeira do singular.

Quanto ao ambiente onde estão inseridas as narrativas desta categoria, todos são dos que denominamos realistas. Consideramos, também, que seis relatos apresentam efeito dramático, se levarmos em conta que o protagonista passa por situações violentas e, muitas vezes, traz seqüelas dos episódios. Apenas em um *causo*, o efeito produzido no ouvinte é o de curiosidade, que é aquele no qual o Seu Oscar atravessa o rio de piranhas sem lhe acontecer nada.

Nas particularidades dos sete relatos sobre risco pessoal, percebemos que, em seis circunstâncias, aparece o tema do acidente com montaria e a queda do peão. O movimento da queda é um elemento que está carregado de simbologia. Pode ser que a grande freqüência desta ação nos *causos pantaneiros*, não seja apenas uma transmissão de fatos do cotidiano “real”. Gilbert Durand nos atenta para a grande complexidade que envolve o ato de cair, nas antigas narrativas:

*“Introduz-se no contexto físico da queda uma moralização e mesmo uma psicopatologia da queda: em certos apocalipses apócrifos a queda é confundida com a ‘possessão’ pelo mal. A queda torna-se, então, símbolo dos pecados de fornicação, inveja, cólera, idolatria e assassinio. (...) A Morte, para os caraíbas e na **Bíblia**, é o resultado direto da queda.”* (Durand, 2002:114)

O único relato que foge ao tema da queda é o do Seu Oscar. No entanto, sua história está no mesmo contexto que as demais. Subentende-se, nela, um contato com o cavalo, afinal é descrito um trabalho com boiada, e o momento em que o narrador, por impulso, atira-se no rio, não deixa de ser uma queda.

O contador livra-se do perigo através da sorte em três ocasiões; em duas, o narrador é salvo com a ajuda de companheiros; em uma, ele recebe a ajuda do cachorro e, em outra, consegue sair do cavalo por seu próprio esforço.

Os *causos de Risco Pessoal* costumam conter exageros nas descrições das passagens e a evocação de uma tragédia que poderia ter sucedido. Em quatro relatos há a descrição do ambiente onde se passa a ação.

Todas as narrativas desta categoria têm a ação desenvolvida no ambiente de trabalho. Em seis relatos, há referência sobre o tempo transcorrido desde o acontecimento. Em cinco histórias, nos é dado a perceber que se trata de um fato antigo e, em uma, que é recente.

Vejamos algumas semelhanças textuais entre os relatos apresentados: O Seu Marcondes (1.1.L): *“Uma veis, eu saí enroscado. (...) Eu tava atrais dum boi, assim, o boi correu”*; o Seu Oscar (3.1.L): *“Nóis tava travessano boi e ficô um boi, né, e ele num queria caí”*; o Seu Chumbo (7.1.L): *“Eu fui corrê atrais d’um... cercá um gado e meu cavalo tropô num boi”*; o Seu Edson (5.1.L): *“Nóis vinha vino do Pantanal, memo, estorô uma boiada e eu muntado numa mula”*; o Seu Edson (5.2.L): *“Uma vaca correu e eu fui tropelá ela, dento do mato”*; o Seu Leandro (10.1.L): *“Fui laçá uma reis e o cavalo rodô cumigo”*; o Seu Marcondes (1.1.L): *“A mula rodô cumigo”*; o Seu Chumbo: *“e ele disparô cumigo”*; o Seu Edson (5.2.L): *“O cavalo buliô cumigo”*; o Seu Marcondes (1.1.L): *“Rodô e, eu iliei tudo no laço”*; o Seu Cumbo: *“e aí enrolô aqui o laço na minha mão”*; o Seu Edson (5.2.L): *“A ispora passô na barriguera e eu num cosiguia tirá o pé”*; o Seu Leandro: *“e entrô arrodiano na espora cum o pé”*; o Seu Marcondes (1.1.L): *“E eu saí de arrasto, né. (...) ele me arrastô longe”*; o Seu Edson (5.2.L): *“No teve jeito d’eu saí, né. Tive que sê arrastado dento do mato”*; o Seu Leandro: *“Disparô, cumigo de arrastro. Correu longe”*; o Seu Marcondes (1.1.L): *“Ali já ficô faca, revôrve saiu”*; o Seu Edson (5.1.L): *“Perdi toda traia”*; o Seu Marcondes (1.1.L): *“Ela manotiô, (...) quase veio por cima de mim”*; o Seu Marcondes (1.2.L): *“Caiu em cima de mim!”*; o Seu Oscar: *“Caiu, quando caiu, eu caí atrais dele”*; o Seu Edson (5.1.L): *“veio aquela ponta de gado em cima de mim”*; o Seu Edson (5.1.L): *“O coice dele passava assim, como diz, passava berano meu rosto”*; o Seu Marcondes (1.2.L): *“Eu fiquei embaixo dela”*; o Seu Chumbo: *“Passei uns dois dia disacordado”*; o Seu Edson (5.2.L): *“devo tê ficado uma hora, duas hora desmaiado”*; o Seu Marcondes (1.1.L): *“O cachorro que me salvô”*; o Seu Chumbo: *“Se num fosse os cumpanhero pegá o cavalo, tarvei eu tinha morrido”*; o Seu Edson (5.2.L): *“se a bota no sai do meu pé, eu tinha murrido”*; o Seu Leandro: *“Se num tem um cumpanhero perto de mim, eu tinha murrido de arrasto”*.

Os *causos de Risco Pessoal* relacionam-se com o medo que o pantaneiro enfrenta em seu cotidiano e que lhes permite sentirem-se heróis. Esses relatos refletem a fase mais aguda do temor, que é a possibilidade de perder a própria vida. No imaginário dos contadores do Pantanal, essa é a própria sagração de seu valor, como homem e como forte. É necessário que todos saibam.

5.3.2- As Intempéries da Natureza

Outro perigo que os pantaneiros enfrentam e depois contam em forma de *causos* são as Intempéries da Natureza. Essas narrativas falam sobre o medo diante das manifestações naturais, a sujeição do pequeno ser humano frente às grandes tempestades.

No repertório que ouvimos dos narradores do Pantanal, observamos duas narrativas com esta temática. Ambas narradas pelo Seu Benjamim. Incluímos essa categoria de *causos* porque, apesar de parecer pequena a quantidade de relatos, eles podem ser os representantes de uma vasta tradição de se contar histórias envolvendo os fenômenos naturais.

Na primeira narrativa, o Seu Benjamim (6.1.M) fala de um temporal que enfrentou na travessia de uma fazenda para a outra. No meio do caminho iniciou-se um vendaval, que o fez descer do cavalo e ficar em um campo limpo, para não acontecer de cair alguma árvore sobre ele.

No outro relato (6.2.M), Seu Benjamim narra o dia em que estava voltando para casa a cavalo e um temporal começou a arrancar árvores e tudo o que havia pelo caminho. O narrador escondeu-se até passar a tempestade. Quando chegou a sua casa, ele nos conta que quase não reconheceu o lugar, tamanha havia sido a destruição vinda com o temporal.

Nas características genéricas, um dos relatos usa a fórmula inicial de tempo indefinido e o outro começa com comentário. Como na categoria anterior, aqui, também, as duas histórias são narradas na primeira pessoa do singular, indicando a participação do narrador no acontecido.

Também em ambos os *causos*, o ambiente apresentado é o realista, assim como o efeito produzido é o trágico.

Não separamos as particularidades destas narrativas porque poderia haver confusão entre os elementos próprios dos relatos e os do narrador, por tratar-se de um mesmo contador para os dois *causos*.

5.4- *Causos de Exageros*

Há um tipo de relato que gera uma sensação de incredulidade na platéia. São narrativas que deixam de lado o tom grave, sério, empregado nas categorias apresentadas até aqui e assumem uma postura de deboche. Apesar de possuir estas características, as histórias não caem em descrédito e continuam com a premissa sugerida pelos narradores, de que todos os fatos contados por eles são verdadeiros. A essas narrativas, demos o nome de *Causos de Exageros*.

Este repertório é formado por 23 histórias, das quais 20 foram narradas pelo Seu Perigoso; duas, pelo Seu Marcondes e uma, pelo Carlão. Os relatos apresentam situações que dão prestígio ao contador, que o tornam importante. Para conseguir esse resultado, são invocadas histórias que fogem do realismo ordinário e entram no campo do maravilhoso.

Entre esses *causos*, percebemos alguns ciclos temáticos, como o da fartura, que se mostra com a abundância de alimentos, representada por vegetais em tamanho gigante ou peixes em quantidade exorbitante; o das façanhas, no qual aparece a capacidade sobre-humana do narrador em seu trabalho, desafio ou guerra; o ciclo dos privilégios, em que o interlocutor, por ter boas relações com autoridades da mais alta importância, goza de facilidades e luxos; e, por fim, o dos objetos mágicos, em que os contadores apresentam aparelhos com as mais diversas funções.

Os *Causos de Exageros* podem ser encontrados com características muito parecidas em várias regiões do Brasil. O que chama a atenção, nesses relatos, é justamente a comunhão de histórias entre lugares tão distintos e isolados. Uma dessas narrativas, por exemplo, eu ouvia quando criança, de meu avô materno, o Seu Pieretti, notável contador de *Causos de Exageros* no sertão de Mato Grosso do Sul, que falava de uma música misteriosa vinda não se sabe de onde e que provocava medo nos companheiros. Uma noite, ele teria ido à busca do misterioso som e descobrira um pedaço de disco musical que, com o vento, girava sob um galho fino, produzindo a melodia que se ouvia.

Esses mesmos elementos foram encontrados, muito tempo depois, na coletânea de histórias do célebre contador de origem mineira, Laquicho, no livro *Até aqui Laquicho*

vai bem, do Wílson Biazzoto, e constatados, ainda, em um *causo* do contador pantaneiro Seu Marcondes (1.1.N), que aqui transcrevemos em sua íntegra:

- *Otra veis, eu tava posano numa fazenda véeia, assim, né. E aí, todo mundo lá:*
- *Vô armá minha rede aqui! – O otro:*
- *Vô armá aqui! – Aí, um gritô lá:*
- *Ah, aí... – Numa tapera véia, eu fui pono minha rede. – Ah, aí o senhô num vai durmi!*
– Eu falei:
- *Porque?*
- *É assombrado!*
- *O que que aparece?*
- *Ah, uns gimido, aí. Fais: ai, ai! Ai, ai! – Falei:*
- *Ué! Mais... – Falei: - Mais, morto num tem medo, porque que é de noite que ele grita? E oéis nunca viro nada?*
- *Só os gimido. No é toda noite, não. Toda a vida. É as veis. – Eu falei:*
- *Ah! Eu vô durmi aqui, se parecê, vô pegá. – Falei assim. Mais, chateano, assim. Aí, né, armei a rede, lá, jantemo. Cada um no seu... Um perto do otro. Só eu que tava, assim, mais retirado, lá. Puis a rede na tapera véia, num pé-de-manga, né, num gaio armei, assim. Mais ficava pertinho, como daqui ali, dos cumpanhero. (Aponta para uma distância de uns dez metros) Mais, tinha um pé-de-rosera assim na parede, né, pé-de-rosa, e tinha um meio disco, daqueles chorooso, daqueles dos Filhos de Goiais, que canta daquelas moda que fala: “Ai, ai”. O disco tava enfiado na parede, assim, e quando tava ventano, né, o gaio da rosera ia esfregano e esfregava a espinha beem naquele negócio, assim. E conforme corria, assim, falava: “ai, ai, ai”. Quando vortava: “ai, ai, ai”. Daí um pouco começô aquele “ai, ai”, eu oiei assim, né, peguei a lanterna, foquei, assim, vi na parede aquele... Aí, falei assim, já vi que era aquele disco, né, falei:*
- *O que que tá te doeno? - E eles já falano:*
- *Cê é loco? Mexeno no que tá morto? Aí, “ai, ai”. E eles iscuitaro. Falei:*
- *Fala o que tá te doeno! – Levantei da rede. Aí, “ai, ai”. Falei: - Ah, ocê tá aí, né! – E eles:*

- *Mais, ocê é loco! – Fui lá, peguei o disco. Falei:*
- *Oh, aqui, oh! A sombração. – Era o meio disco que tava na rosera. Rarrarrá. E eles diz que é assombração e a turma fica cum medo.*

Além dessa história, o Seu Marcondes (1.2.N) também conta uma que pertence ao ciclo das façanhas, e explica que sua prática em domar burro era tão grande que, enquanto o animal pulava com ele em cima, aproveitava para dormir um pouco. Certo dia, estando cansado, pois fazia três noites que não dormia, o Seu Marcondes decidiu ir para a fazenda montado no burro pulador. No meio do caminho, ele dormiu e o animal continuou a jornada. Passaram por baixo de uma goiabeira e o Seu Marcondes ficou enganchado em um galho. O burro seguiu sozinho e no outro dia chegou à fazenda. Os companheiros, vendo o animal sozinho, foram procurar o domador e encontraram o Seu Marcondes domando, dormindo, o pé de goiaba.

O Carlão nos conta uma história (4.1.N) de quando morava na fazenda Cerejeira, onde só tinha luz elétrica através de gerador. Sabendo que, de vez em quando, dava problema no equipamento, o Carlão providenciou um tanque e ali colocou cinco peixes elétricos, abundantes na região, que forneciam energia para as cinco lâmpadas que havia na casa.

Os *causos de Exageros* narrados até aqui são, sem dúvida, importantes exemplares desta categoria. Mas, é com o Seu Perigoso que a imaginação corre solta e os relatos atingem uma intimidade extraordinária. Não podemos nos esquecer que o primeiro atributo referido a este contador foi a pecha de mentiroso. Em seu repertório de 20 *causos*, ele conta histórias de privilégio (2.1.N), (2.4.N) e (2.15.N), como as viagens que fez de supersônico, para os Estados Unidos e Europa, patrocinadas por seu padrinho, o político Leonel Brizola. O concerto de artistas famosos (2.14.N) a que foi convidado para apresentar e a vez em que o presidente da República lhe telefonou, convidando-o para caçar onça com ele (2.20.N).

O Seu Perigoso narra, também, episódios de seu cotidiano, em seu trabalho, como o poço (2.2.N) que estava furando e já estava muito profundo, aos noventa dias, com 1.400 metros, quando deu uma ventania tão grande que entortou o buraco. Em outra vez (4.3.N), estava furando um poço já com 250 quilômetros de fundura quando, de repente,

ouviu uma conversa. Era um japonês e um italiano falando em guarani de um navio que navegava do outro lado da Terra, onde o Seu Perigoso estava chegando com sua escavação.

Nesse *causo*, encontramos um elemento mítico que há séculos acompanha o imaginário humano. É a história do buraco que, de tão profundo, atravessa o planeta e sai em um novo mundo, onde há outra língua e outra cultura. É a mesma porta mágica, encontrada nas fábulas, que nos tira de nossa vida normal e nos leva para um lugar desconhecido.

O Seu Perigoso aproxima-se, com esse relato, de temas que são estudados há décadas por especialistas das palavras narradas. Jorge Luís Borges, por exemplo, encontra remotas explicações que podem desaguar nesta credence popular da Terra atravessada:

“Según un pasaje de Séneca, Tales de Mileto enseñó que la tierra flota en el agua, como una embarcación, y que el agua, agitada por las tormentas, causa los terremotos.” (Borges, 1966:92)

Continuando nas ricas narrativas do Seu Perigoso, outro tema que encontramos com freqüência é o das façanhas. O narrador conta a experiência que teve ao levar um choque elétrico (2.5.N) quando erguia um poste, na região de Dourados. A descarga foi tão grande que o Seu Perigoso afundou cinquenta metros na terra e tiveram que chamar uma equipe australiana para socorrê-lo. Encontraram o contador fumando e tomando tereré no fundo do buraco.

O contador nos fala, ainda, de um campeonato de montaria (2.12.N), para o qual foi convidado. O touro que lhe coube montar era o mais bravo do evento. Mas, quando abriu a porteira, o animal reconheceu o montador e desmaiou de medo do Seu Perigoso. Outra façanha sua foi a participação na guerra do Iraque (2.7.N). Sua habilidade era tanta que, com apenas um tiro, matou 500 iraquianos. Seu talento, segundo ele mesmo, foi herdado de seu pai, que também havia lutado na guerra do Paraguai (2.8.N).

No ciclo da fartura, o Seu Perigoso nos narra histórias como a da plantação de abóboras (2.10.N) feita por seu pai, em que a planta cresceu tanto, que foi parar no Peru. Em outra ocasião, ele nos conta do cacho de bananas (2.11.N) de dois metros e vinte, cuja fruta uma pessoa sozinha não conseguia comer e, para tirá-la do cacho, era necessária

uma motosserra. Também há um mandiocal (2.16.N) que seu pai plantou, de 70 mil hectares. Quando, depois de vinte anos, começou a sumir, misteriosamente, o gado da fazenda, investigaram e descobriram que uma raiz de mandioca estava tão grande que abriu um túnel por baixo do rio, pelo qual os animais atravessavam para a outra propriedade.

Por fim, terminando o ciclo da fartura, o Seu Perigoso nos fala da chuva de lambari (2.17.N) que se deu em sua chácara. Caiu tanto peixe, que ele chamou toda a cidade para alimentar-se. Neste grupo de histórias, que achamos por bem chamar de ciclo, também encontramos antigos elementos das narrações orais. Câmara Cascudo nos dá um exemplo africano sobre este tema:

“Uma espalhadíssima tradição dos Peuhls, africanos de remota atuação pastoril, fala nos Guinãryi ou Guinnârou, gigantes como Gargântua, caçando quinhentos elefantes para o almoço e bebendo um rio inteiro.” (Cascudo, 2002:221)

Também compõem os relatos de exagero do Seu Perigoso, os *causos* de objetos mágicos, que envolvem assuntos relacionados à modernidade, divulgada através dos meios de comunicações de massa. Entre eles, temos a história da bicicleta supersônica, que aparece em três ocasiões (2.6.N, 2.13.N e 2.19.N). Segundo o contador, a sua bicicleta tinha 180 marchas e foi com tanta velocidade da cidade de Bonito até a cidade de Maracaju que, mesmo sob um forte temporal, a bicicleta deixava mais de 300 metros de poeira. Ele nos fala, também, da sanfona que tocava sozinha (2.9.N) e do chapéu que servia de pára-quedas (2.18.N).

Observando as características gerais dos *Causos de Exageros*, percebemos que nove relatos são iniciados com comentários, sete já começam com a ação, seis utilizam a fórmula inicial de tempo indefinido e um, a de lugar. As narrativas são contadas na primeira pessoa do singular em 16 ocasiões, na primeira do plural em quatro e na terceira pessoa do singular em três situações.

Todos os *causos* desta categoria apresentam ambientes fantasiosos. O efeito produzido no ouvinte é cômico em 22 situações e, apenas em uma, é trágico.

Nas particularidades, notamos que 14 relatos apresentam detalhamento em sua descrição, doze apresentam o ambiente de descanso como palco da ação e sete, o de trabalho. Onze *causos* apresentam testemunhas, que são utilizadas como instrumentos de persuasão pelo narrador.

Em nove narrativas, encontramos elementos recolhidos, provavelmente, dos meios de comunicação de massa. Todos os relatos são presenciados pelos interlocutores, ou como ator ou espectador da ação.

Decidimos não apresentar os recortes das semelhanças textuais desta categoria de *causos*, pelo motivo de estarem concentrados em um mesmo narrador, o que poderia trazer dúvidas sobre o verdadeiro fator determinante dessas relações.

Os *Causos de Exageros* entram por um viés cômico e debochado diante da realidade pantaneira. Nesta classe, lidamos, sobretudo, com a diversão. O narrador sempre está com um sorriso ao relatar as histórias. Os ouvintes estouram em gargalhadas na maioria delas. É o verdadeiro momento de descanso. O inusitado é o grande protagonista dessas narrativas. A mentira aqui não é feia. E o maior mestre que encontramos neste assunto é o Seu Mentiroso, quero dizer, o Seu Perigoso.

CAPÍTULO VI

Os Contadores de *Causo* do Pantanal

Gente que entende e fala a língua das plantas dos bichos
Gente que sabe o caminho das águas, das terras do céu
Velho mistério guardado no seio das matas sem fim
Tesouro perdido de nós, distante do bem e do mal
Filhos do Pantanal!

(Marcus Vianna, Sagrado Coração da Terra, 1990)

Para entrarmos no universo narrativo a que chamamos *causos pantaneiros* e tentarmos aclarar um pouco mais sua existência, encontrando elementos que os unam em uma poética própria da região, nos detemos em seus contadores, com seus ambientes e suas características de narrar histórias. Fazendo aqui um pequeno aparte, não podemos deixar de levar em conta que o discurso desses homens e mulheres (como a Dona Marli, esposa do Seu Marcondes) vale-se do jogo de linguagem e da memória para criar vínculos com o espectador.

O narrador pantaneiro conhece a importância de seu público. Sabe, por sua experiência com a solidão, que pessoas são artigos de luxo nas imensidões de terra e de água que formam o Pantanal. Quando esses poucos indivíduos estão dispostos a escutar histórias, é uma alegria para o contador.

Não precisamos ir longe para darmos um exemplo dessa valorização dos ouvintes. Nós mesmos, em todas as casas a que chegamos para assistir a narração dos *causos*, fomos tratados como velhos conhecidos, como verdadeiros amigos.

Para cativar a platéia, o narrador a introduz na realidade das histórias. Ele faz um esforço constante pela participação dos espectadores. Sua postura é a de um guardião dos fatos ali contados e sua preocupação é a de transmitir a experiência vivida. Ele busca, na memória do público, o interesse pelas ações relatadas. Qualquer comentário vindo de fora serve para apontar o caminho que o contador irá percorrer.

-Há muitas histórias de onça no Pantanal, né Carlão!

-Vixe, o que mais tem nesse mundão é onça. Eu mesmo certa vez...

E assim começa um sem fim de narrativas com o tema da onça, que passa para outras feras, até surgir outro comentário indicativo de interesse do ouvinte. Esses mecanismos de agrado da platéia são explicados por Paul Zumthor, que nos esclarece:

“O discurso de comunicação representa, assim, o contrário do discurso científico descrito por J.-F. Lyotard. Marcadamente conotativo, ligado a todos os jogos de linguagem cuja combinação forma o vínculo social, ele deve sua legitimidade e sua força persuasiva muito mais ao testemunho que constitui, do que ao que expõe, de modo que o critério de verdade desaparece em benefício de um outro muito mais fluido: a comunicação é memória dócil, flexível, maleável, nômade e (graças à presença dos corpos) globalizadora.”(Zumthor, 1997:35)

Os pantaneiros que utilizam esses recursos instintivamente, e que nos abriram os olhos para a sua realidade, como já citamos em um momento anterior, são dez. Os dez contadores de *causos* encontrados através de indicações de pessoas ligadas ao cotidiano do Pantanal.

As nossas conversas aconteceram nas atuais moradas de cada narrador. Eram homens com idade entre 40 e 86 anos, que contaram os seus relatos em rodas de conversa, às vezes acompanhadas de tereré, na presença de pessoas de suas relações, como esposa, irmã, amigos. Como estavam por ali, no ambiente da narração, essas pessoas, conhecedoras da maioria das histórias contadas, entravam com comentários, dúvidas e até novos relatos do mesmo tema. Por exemplo, nas conversas tidas com o Seu Marcondes, a sua esposa, Dona Marli, sempre presente, enriquecia as narrações do marido e teve a coragem de contar alguns *causos* sozinha.

Os narradores encontrados possuem uma vasta experiência de vida no Pantanal e, por um motivo ou outro, estão longe desse *habitat*. Nesse sentido, podemos afirmar que os seus *causos* estão em trânsito e, com isso, averiguar as características que trouxeram da região e são inerentes ao seu imaginário.

6.1- A relação do narrador com a temática dos *causos*

O primeiro termo a nos chamar a atenção, durante as narrações dos pantaneiros, foi a identificação de cada contador com determinado tema. Já foi exposto nestas linhas que encontramos treze categorias temáticas de *causo*, mas a distribuição dos assuntos apresenta uma grande variação entre os seus interlocutores.

O exemplo mais visível dessa situação é a quantidade de *Causos de Exageros* contada pelo Seu Perigoso. Do total de 23 relatos, 20 são dele. E, dessa mesma maneira, acontece em maior ou menor extensão com as outras histórias e os outros narradores.

Para tentar facilitar o entendimento da relação do contador com o número de *causos* e os temas narrados, elaboramos uma tabela que organiza essas informações:

	1- Seu Marcondes	2- Seu Perigoso	3- Seu Oscar	4- Carlão	5- Seu Edson	6- Seu Benjamim	7- Seu Chumbo	8- Seu Silvério	9- Seu Olímpio	10- Seu Leandro	TOTAL
A-ONÇA	04	05	06	07	01	03	01	02	01		30
B-COBRA	05	02	02	02	03	02	01		01		18
C-BICHOS DIVERSOS	04	01	03	01		01					10
D-PESCARIA		01		02							03
E- SER IMAGINÁRIO	09	02	09	02	04	01	04	01	04		36
F-LUGAR IMAGINÁRIO				03	01			02			06
G-ENTERROS de TESOURO	05		02			01	01	01			10
H- PESSOAS PERDIDAS	02		01	01							04
I- AÇÕES MÁGICAS	02	01	02		01	01				01	08
J- LUZES MISTERIOSAS	01		01					01	01		04
L- RISCO PESSOAL	02		01		02		01			01	07
M- INTEMPÉRIES DA NATUREZA						02					02
N- EXAGEROS	02	20		01							23
TOTAL	36	32	27	19	12	11	08	07	07	02	161

A partir desses números, podemos observar o grau de intimidade dos narradores com cada categoria temática. Neles, vemos que o assunto predileto, na maioria dos repertórios,

é dos seres imaginários. O mistério das criaturas desconhecidas é o principal tema de cinco contadores e apenas um não o inclui entre suas histórias.

Além da temática, outro ponto que consideramos importante ressaltar é o limite imposto pelo narrador para a aparência de realidade demonstrada em seus *causos*. Alguns se mostraram preocupados em apresentar suas histórias com um contorno realista, aceito pela razão do ouvinte, enquanto outros não se incomodavam em infringir a noção do verossímil. Trocando em miúdos, a preocupação do pantaneiro em parecer mentiroso varia de um indivíduo para o outro.

Observando essa característica, achamos por bem separar os narradores de acordo com o grau de aceitação da *irrealidade* proposto por eles. Para distinguir e visualizar melhor esta propriedade da narração, agrupamos os contadores em três categorias distintas.

6.2- As Categorias de Contadores

Durante as narrações dos *causos pantaneiros*, percebemos nos contadores, três posturas distintas em relação às suas histórias. As diferenças, repetindo o que há pouco dissemos, se davam em relação aos escrúpulos tomados pelos interlocutores diante do medo de que suas narrativas parecessem irreais. A partir dessa percepção, criamos três categorias para agrupar os narradores: os Contadores Livres, os Contadores Moderados e os Contadores Reprodutores.

- Os Contadores Livres

Neste grupo, estão os interlocutores que não impõem barreiras em seu imaginário. Seus *causos* não respeitam os critérios adotados para situar as histórias em um campo realista. A fantasia é o eixo desses relatos e o contador não se importa de passar uma imagem que transgride o que costumamos chamar de “verdade”. Fazem parte deste grupo de contadores: o Seu Marcondes, o Carlão e o Seu Perigoso.

O relato que pode exemplificar esta categorização é a história contada pelo Seu Perigoso (2.2.A) sobre a caçada de onça feita em Corumbá. Nele, percebemos os vários adornos que o narrador recorre para enfeitá-lo. O *causo* é o seguinte:

- *“Eu caço onça aqui, no Pantanal e agora esses dia me passaro um rádio amador lá de Corumbá, que a onça tava, o pessoal num podia sai na cidade, de Corumbá, né. A onça tava comeno. Aí eu fui pra Corumbá. Olhei no relógio, né. O relógio meu pesava quarenta quilo. Era tudo de ôro, né. Quando ficava escuro, eu ligava ele e crareava iguarzinho agora. De diamante com ôro, né, e brilhante. Aí eu ia ino, assim, (se levanta e caminha) n’um triero, de vagarzinho. De repente a onça pulô ne mim e eu saltei de lado e soquei o pé esquerdo nas güela dela. Soquei o pé esquerdo. Eu tava até, de um lado de butina, do otro lado descarço, né. Soquei o pé esquerdo nas güela dela. A cabeça dela veio pará na casa do prefeito, em Curumbá. Quando o prefeito abriu a porta, pra entrá no gabinete dele, tava a cabeça da onça, lá. Varô a telha, quebrô a lage e caiu na mesa. A cabeça dela era desse tamanho, assim. (faz um círculo com os braços) Ele falô:*
- *Isso aí tem que sê o Perigoso, né, no pode! - E foi eu memo, né. Mais uma bichona! Oh o mãozão dela, oh! Dessa grossura. (demonstra um círculo do tamanho de um prato) De um lado de botina, do otro lado descarço, né, soquei o pé esquerdo nela, **paau!** Avoô a cabeça.”*

As hipérboles desta narrativa do Seu Perigoso representam a principal característica adotada pelos Contadores Livres. Eles nos falam de um mundo em tamanho distinto das demais pessoas e não se preocupam em parecer fora da realidade.

- Os Contadores Moderados

Alguns narradores contam histórias que, às vezes, nos parecerem inverossímeis, porém, notamos que existe nelas uma preocupação com os limites do provável. A estes, denominamos Contadores Moderados, porque, em seus *causos*, ocorrem situações

extraordinárias, mas sempre há explicações para o fato. O narrador esforça-se em tornar plausível o seu relato e não cair no campo da mentira. Nesta categoria, estão o Seu Oscar, o Seu Edson, o Seu Chumbo e o Seu Olímpio.

Um bom exemplo para observarmos as características deste grupo é a história narrada pelo Seu Oscar (3.2.C), na qual relata-nos uma caçada a um porco-monteiro:

- *“Lá no pantanar tem muito, (porco-monteiro) né. De repente ele saiu na minha frente. Ele saiu, e ele... eu tinha um cachorro, grande, e ele era cachaço também. Ele saiu e correu e eu corri atrás dele a cavalo e pus o cachorro, né, e o cachorro pegava. E o cachorro pegou ele da oreia e o cachorro é muito prático, né, e o cachorro pegava e incostava nele assim. Ele num podia cortá o cachorro e eu tinha cunfiança no cachorro, né. Quando o cachorro pegô ele, eu pulei do cavalo e fui pegá ele da perna. Peguei ele da perna, derrubei ele e juelhei cum esse juelho isquerdo aqui, aqui no vaziou dele. Só que eu tava armado, tirei o revórve daqui e infiei bem aqui, eu discuidei naquela hora, num sei o que que foi, o porco deu uma isperniada e levantô. Levantô e eu saí muntado nele, né.*
- **No porco?**
- *No porco, né, sem querê aquilo. E saí cum a cara virada pro rabo dele, né. Mais do jeito qu’eu saí, né, ele era menor do que eu. Eu saí pra lá, né, saí e virei, já virei cum o revórve na mão, e ele veio em mim, né. Ele veio e ele ia me cortá , né.*
- **Voltou de novo?**
- *Aí, quando ele chegô em mim cumo daqui aí, eu atirei ele bem na testa, mas só que... E o cachorro tava lá. Só que a bala num entrô na testa dele. Ela pegô e ricocheteô e pegô o cachorro assim na mão, dele. Gritô porco, gritô cachorro, né. Aí o porco saiu, né, aí o cachorro quis de pegá ele, eu num dexeí, gritei cum ele, ele vortô. E foi imhora.”*

Nesses *causos*, deparamo-nos com aquela velha história: a gente não duvida, mas também não acredita. Essa linha tênue entre o provável e a “invenção” é a principal

marca dos Contadores Moderados. A imaginação corre solta só até certo ponto; depois dele, seria o “irreal”.

- Os Contadores Reprodutores

A última categoria de narradores é a dos que narram histórias com a preocupação de não atravessarem o limite do real. São os Contadores Reprodutores. Demos este nome a eles porque suas narrativas dão a impressão de serem fatos ocorridos e reproduzidos com uma fidelidade incapaz de acréscimos. O narrador deste grupo não deixa brechas para dúvidas sobre o *causo* contado. Aqui estão agrupados o Seu Benjamim, o Seu Silvério e o Seu Leandro.

Um exemplo de narração feita por um Contador Reprodutor é a história do Seu Silvério (8.1.E) sobre o mito do Mãozão. O interlocutor conta o *causo*, mas insiste em dizer que não acredita no que está relatando e atribui a experiência a uma outra pessoa:

- *“No Pantanal eu ouvi falá muito nisso (Mãozão). Eu num... eu vi falá que diz que andava pegano gente aí. Eu num vi não, nunca vi. Diz que... diz que um dia... diz que... eu num sei, eu num vi... ele saiu daqui agorinha, ele mora lá em cima, ele que me contô isso. Diz que ele entrô lá no mato um dia lá. Ele e mais otro cumpanhero, diz que encontrô um cara sentado em cima de um pau lá. Um certera dum negão memo. Eles correrro dele. Isso, o Nelsinho que contô. Pode sê que até...*
- ***E como ele era?***
- *Não. Diz que é uma pessoa. Um monstro d’um bicho. É, um monstro de bicho é... mais eu, eu num sei, pode sê que existe aí um capeta, algum troço, num sei. É, como lá no, tamém existe um trem, lá no Paraguai. Lá no Paraguai tem um troço, uma onça. Ela pega a vaca, come, ocê vai lá, ocê olha, o rasto é de gente, lá. Chama Jaguaretê-avá. Mais é esses bugre véio de ardeia que fica muito véio e vira onça. Ranranran. Vai até virá onça, aí desgraça a comê vaca. Diz que é assim. Mais tem esse bicho com esse nome lá. Eu num acredito, lá no Paraguai, eu andei muito por lá.”*

Podemos perceber, nesta narrativa, que o Contador Reprodutor possui uma grande preocupação em não se passar por mentiroso. Quando ele acha que está atravessando a fronteira do realismo aceitável, tenta justificar o relato atribuindo-o a um terceiro.

As categorias de contadores mostram um aspecto da narração que envolve sua criação imaginária. Para compor o discurso apresentado ao ouvinte, o narrador utiliza mais um importante atributo do *causo*: os gestos. A seguir, vamos aprofundar-nos um pouco mais nesse elemento.

6.3- Os gestos

O desnorante é que ninguém guarda o nome do autor. Só o enredo, interesse, assunto, ação, enfim, a gesta...

(Luis da Câmara Cascudo, 1984:28)

Os pantaneiros parecem falar com as mãos. Qualquer história que eles vão narrar, já começam a mexer os dedos e procurar uma concretude para as suas imagens. A gesticulação nos contadores de *causos* é um recurso de afirmação do enredo, é um apoio para a denudação das palavras e é um suporte para a compreensão da voz.

Para falar dos gestos nas narrativas pantaneiras, não podemos esquecer toda a teatralidade que abarca os ritos orais. A presença de um corpo criando um mundo imaginário diferente ao que está diante da percepção do ouvinte gera a representação de uma realidade distinta à que se sente.

Para tentarmos compreender melhor os mecanismos da ação de transpor o imaginário com alguns movimentos corporais, criando um universo paralelo àquele que os sentidos alcançam, temos que recorrer, novamente, ao que o Paul Zumthor chamou de *performance*.

O ponto de partida da *performance*, segundo o Zumthor, e que se encaixa muito bem ao que propomos como narração de *causos*, é a corporeidade:

“Qualquer que seja a maneira pela qual somos levados a remanejar (ou a espremer para extrair a substância) a noção de performance, encontraremos sempre aí um elemento irreduzível, a idéia da presença de um corpo.” (Zumthor, 2000:45)

Continuando com as questões observadas pelo Zumthor, percebemos que a *performance* não apenas se liga ao corpo, mas, por ele, liga-se ao espaço. Este laço, diz-nos Zumthor, valoriza-se por uma noção, a teatralidade.

“O termo e a idéia de performance tendem (em todo caso, no uso anglo-saxão) a cobrir toda uma espécie de teatralidade: aí está um sinal. Toda “literatura” não é fundamentalmente teatro?” (Zumthor, 2000:22)

Essa observação está completamente de acordo com a forma em que pensamos o *causo*. Ela toca em um ponto que já afirmamos ser uma das características fundamentais da narrativa oral pantaneira: a teatralidade. Anima-nos, ainda, a continuar concebendo a possibilidade do *causo* como gênero literário.

E é com esta noção de teatralidade que voltamos aos mundos criados pelos contadores pantaneiros diante de suas platéias de ouvintes. Independentemente do palco em que se encontra o contador de *causo*, seja na roda de tereré ou mate, seja à mesa, na merenda da tarde, ou numa simples prosa debaixo de uma árvore, certamente ele não permanecerá sentado, comunicando-se apenas com o aparelho fonador.

O contador de *causo* utiliza as mãos e os movimentos do corpo e liberta-se dos limites da voz em vários momentos, quando entra em uma interpretação corporal do fato relatado. Ele constrói, diante do ouvinte, um novo espaço. O espaço imaginário. Encontramos, aqui, outro princípio de Zumthor:

“A condição necessária à emergência de uma teatralidade performancial é a identificação, pelo espectador-ouvinte, de um outro espaço; a percepção de uma alteridade espacial marcando o texto. Isto implica alguma ruptura com o “real” ambiente, uma fissura pela qual, justamente, se introduz essa alteridade.” (Zumthor, 2000:49-50)

Nessa situação, o Zumthor destaca o importante papel do ouvinte nas narrações. Papel que cresce na medida em que este se torna co-autor do discurso e entra com suas

experiências e passagens semelhantes às que estão sendo narradas, como suporte de compreensão e entendimento do assunto discorrido. Seria completamente infecundo, pela observação das narrativas contadas, lançar à roda de *causos* histórias que não coubessem no repertório de exemplos dos ouvintes.

Seguindo o raciocínio de Feral, encontramos um pouco mais desta relação entre o interlocutor e o ouvinte na construção do ambiente narrativo:

“A situação performancial aparece então como uma operação cognitiva, e eu diria mais precisamente fantasmática. Ela é um ato performativo daquele que contempla e daquele que desempenha”. (cf. Zumthor 2000:50)

Falaríamos, nesse sentido, de uma audição performativa. Essa situação performancial

(...) cria o espaço virtual do outro: o espaço transicional de que falava Winnicott. Isto é dizer que a teatralidade não tem manifestações físicas obrigatórias. Ela não tem propriedades qualitativas que permitiriam demarcá-la de vez. Ela não é um dado empírico, ela é uma colocação em cena do sujeito, em relação ao mundo e seu imaginário.” (cf. Zumthor 2000:50)

O palco do *causo* é um cenário imaginário, onde o contador caminha entre matos, aponta rios, encontra-se com animais selvagens e assombrações. O narrador pantaneiro olha para os objetos inventados como se eles estivessem presentes. Dessa maneira, ele pega na espingarda, arremessa a zagaia em uma onça ou dá uma porretada em uma cobra.

Em sua dissertação, *A Teia Do Contar Na Nhecolândia (MS): Intertextualidade e Interdiscursividade em narrativas pantaneiras*, a professora Áurea Rita Ferreira menciona a importância dos gestos na composição da narrativa oral pantaneira e, citando Zumthor, discorre:

*“Num contexto de interlocução **in presentia** em que o contador -numa atuação performática que lembra a do **intérprete** visualizado por Zumthor – dirige-se diretamente aos ouvintes utilizando-se não somente do código lingüístico, mas também do cinético (caracterizado pelos ritmos do corpo e por desenhos mímicos com as mãos – linguagem auxiliar – que indicam a aqui o ali, o lá da **cena enunciativa**) do dramático (encenações) e do fonético (variedade de entonações), emerge o texto de tradição oral, singularizado por uma aparente fragmentação que se marca formalmente nas narrativas pela profusão de pausas, silêncios, prolongamentos de vogais, correções, elipses, frases truncadas, períodos*

começados e abandonados para iniciar outro, desvios, voltas, acelerações, repetições.” (Ferreira, 1999:50)

Outro elemento que está incorporado aos gestos e define o ritmo e a expressão nos relatos é o silêncio. Algumas vezes pequenas pausas, outras vezes longos hiatos, podem mudar a tonalidade do *causo* e o sentido da idéia transmitida. Quem bem entende esse processo é Eni Orlandi, que nos fala o seguinte:

“Também a gestualidade está orientada pela fala. Quando alguém se pega em silêncio, se rearranja, muda a “expressão”, os gestos. Procura ter uma expressão que “fala”. E a visibilidade (legibilidade) que se configura e nos configura. A linguagem se constitui para asseverar, gregarizar, unificar o sentido (e os sujeitos).” (Orlandi, 1996:36)

O silêncio também tem o poder de nos dar o tempo necessário à compreensão do sentido. O som acaba e a imaginação continua. O pensamento completa, sozinho, o material que nos foi transmitido pela voz. Nesse momento, o ouvinte é induzido a decodificar as informações propostas pelo dono da história.

As pausas são descansos necessários para a compreensão do objeto apresentado pelo narrador. Elas evitam que a enxurrada de palavras despejadas sobre os espectadores caia em uma total abstração de sentido. Podemos dizer, então, que os silêncios “materializam” os *causos*. Eni ensina-nos um pouco mais sobre esse elemento da narração:

“Em nossa reflexão, consideramos o silêncio na produção do sentido como uma das instâncias em que se produz o movimento, já que o silêncio é o espaço diferencial que se permite à linguagem significar (discretamente). No silêncio, o sentido se faz em movimento, a palavra segue seu curso, o sujeito cumpre a relação de sua identidade (e da sua diferença).” (Orlandi, 1993:161)

Sobre o silêncio, o que diríamos já o dissemos. Seguindo com a identificação dos gestos, percebemos que eles são características definidoras do contador de *causo* e

coincidem com a categorização feita em relação às temáticas, em que definimos os narradores como Livres, Moderados e Reprodutores.

Aplicando esta subdivisão à gestualidade, teremos que a intensidade dos movimentos diminui de acordo com as limitações impostas pelo contador em relação às fantasias narradas em seus *causos*. Ou seja, os Contadores Livres utilizam os recursos gestuais com maior frequência que os Moderados, que os usam mais que os Reprodutores.

Assim sendo, observamos que os contadores pantaneiros valem-se dos movimentos corporais, sobretudo nas mãos, para os auxiliarem na transmissão das idéias narradas. Esses gestos fazem parte da teatralidade, que é uma das principais características definidora dos *causos* e estão dentro do conceito de *performance*, proposto por Zumthor. Os narradores constroem um palco imaginário, onde desenvolvem a ação relatada e apóiam-se em pontos de silêncio para que o ouvinte retenha as informações passadas. A intensidade dos gestos está diretamente relacionada à liberdade do contador com as temáticas fantasiosas.

Nosso próximo passo será a entrada na “identidade” dos contadores de *causos*. Descrever qual foi o ambiente onde nos recebeu e contou-nos suas histórias. Queremos descobrir o que esses homens trazem de suas experiências com a vida para a construção das narrativas pantaneiras.

6.4- Os narradores em pessoa

Sinto que seguir a vida seja simplesmente
Compreender a marcha e ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro levando a boiada,
Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou,
De estrada eu sou

(Almir Sater e Renato Teixeira, Tocando em Frente, 1988)

Os olhares dos pantaneiros sobre a existência e o mundo que a abriga devem trazer muitos significados para os *causos*. Para compreendermos um pouco melhor as atitudes dos contadores em suas narrações, observamos alguns dados de suas vidas particulares para podermos construir uma imagem do corpo que narra as histórias.

É importante lembrar-nos que todos os narradores são alfabetizados, no conceito comum deste termo, mas apenas o Seu Edson terminou o ensino básico e manteve alguma relação com as palavras escritas. Dentro do estudo de oralidade, estes narradores são considerados “analfabetos”, pelo pouco contato que têm com a leitura.

Outro aspecto pessoal de grande valia no entendimento de universo e que se reflete na elaboração dos relatos, é o ponto de vista religioso dos contadores. A predominância do catolicismo entre o povo pantaneiro também abrange os narradores. Entre todos os que ouvimos, apenas o Seu Silvério é protestante, os demais são católicos.

Para tentar formarmos uma imagem do contador de *causos*, fizemos um recorte do momento em que estivemos com eles, em sua intimidade. No mais, juntamos os dados que apresentamos no segundo capítulo e verificamos as características das narrações individualmente. A seqüência em que esses pantaneiros aparecem é a já estabelecida, que foi determinada pelo número de relatos de cada um.

6.4.1- O Seu Marcondes

Em nossa busca pelos narradores, chegamos até o Seu Marcondes através de um funcionário da Embrapa, que, ao ser questionado sobre o conhecimento de algum contador de *causo*, foi taxativo:

“- Conheço um famoso contador. É o Seu Marcondes lá de Bonito.”

O “famoso”, do funcionário, não era força de expressão, como mais tarde pudemos perceber em nossa jornada. Em vários lugares onde estivemos, os nossos candidatos a narradores já tinham ouvido falar das histórias do Seu Marcondes.

Encontramo-nos pela primeira vez no dia 18 de novembro de 2004. Ele havia deixado a vida de boiadeiro em 2003, por problemas de saúde, estava na casa de sua filha Magali, em Campo Grande, e se restabelecia de uma cirurgia no quadril. Sua casa, mesmo, é em Bonito, onde nasceu, no ano de 1938, em uma fazenda.

“- O médico me disse que eu vou ficar bão, mais muntar, nunca mais.”

Depois do encontro inicial, estivemos com o Seu Marcondes mais três vezes, atravessando longos espaços de tempo: dia cinco de maio de 2005 e dias 13 e 14 de outubro de 2006. Nas últimas duas ocasiões, ele já estava completamente recuperado, voltava apenas para um retorno de rotina médica. Mas obedecia aos médicos. Montar em cavalo, nem pensar. Voltar ao Pantanal, certeza que sim.

A esposa do Seu Marcondes o acompanhava durante o período de tratamento. Ela se chama Dona Marli, é uma senhora simpática e de fala professoral. O coque em sua cabeça e as longas saias indicavam sua condição de protestante. Durante as narrações, Dona Marli sempre esteve ao lado do marido, exceto nos últimos dois dias, quando ela não o acompanhou na viagem a Campo Grande. Ficara cuidando da casa, em Bonito. Junto, o casal teve dois filhos, Magali e Marcelo, e já conta com três netos.

O ambiente que encontramos nas duas primeiras visitas era um círculo de pessoas feito na calçada de fora, que ficava entre a casa e a rua, onde transitavam os vizinhos, que invariavelmente cortavam a conversa para as saudações. Além de Dona Marli, estava o sogro do Seu Marcondes, que, por problemas de audição, não participava do assunto, o pesquisador e dois ajudantes. Uma filha e o genro faziam serviços domésticos, mas não deixavam de soltar altas gargalhadas em momentos cômicos da narração. Os netos passavam de vez em quando pela roda.

Com o problema físico no quadril, o Seu Marcondes limitava sua gesticulação aos membros superiores. Mesmo assim, ele se valeu de muitos gestos para compor suas histórias. Nas últimas vezes em que estivemos com ele, os movimentos já estavam perfeitos, e o seu corpo falava junto com a sua voz.

Nessas ocasiões, a roda de conversa foi formada no fundo da casa e acompanhada do tereré. Com a ausência de Dona Marli, quem se sentou ao lado do narrador foi seu neto Matheus, que servia a bebida e justificava os *causos*.

O Seu Marcondes contribuiu com 36 histórias para a antologia que aqui reproduzimos. Ele sobressai-se dos outros contadores pela variedade de temas que propõe. Apenas nos assuntos de Pescaria, Lugares Imaginários e Intempéries da Natureza o Seu Marcondes não apresenta nenhuma narrativa. A temática que predomina em seus *causos* é a dos Seres Imaginários, que conta com nove exemplares.

As histórias do Seu Marcondes são narradas à maneira dos Contadores Livres. Ele não se preocupa em ultrapassar os limites da razão realista, mas, em vários momentos da conversa, com um sorrisinho nos lábios, fez questão de frisar que tudo o que contava era verdadeiro.

Começamos a investigar os relatos de Seu Marcondes pelos *causos* de onça. Essas narrativas colocam o contador em uma posição de herói que, destemido, enfrenta a fera e ganha a luta. Observamos esta característica no *causo* (1.1.A) que expomos a seguir e que é um representante fiel desta categoria. Nesse relato, encontramos um viés cômico, que percorre toda a história, tirando do próprio interlocutor algumas gargalhadas.

- *Uma veis, eu aloitei c'uma onça.*

- *É?*

- *É. Mais eu era novo naquele tempo, né. Tinha força, né. Ela pulô ni mim, assim, né, pa mi pegá, que ela levanta pa pegá a gente, né. Aí, eu grudei ela do braço, assim, (faz que está segurando as patas da onça com as duas mão) e aloitemo no mei de pedra, e toco, né, esse pobrema aqui acho que é até disso (se refere ao problema no quadril), ela me jogô numa pedra, bati as cadera numa pedra. Aí, ela vei de novo, grudei ela otra veis. Aí aloitei no mei daqueles toco. Ela pulava, queria me mordê na cabeça, eu afastava ela, assim, né, (finge estar empurrando o animal) e aloitemo no mei daqueles toco ali, vai daqui, dali, né. Daí, minha sorte é que pegô um toco no rabo dela, né, ranranran, enroscô no rabo dela, aí ela no oiava mais pra mim, ela só cuidava o toco, né. Quando eu ia batê, ela oiava o toco e tirava, assim (se põe no lugar da onça e olha para trás como se tivesse olhando para o rabo). Daí ela começô querê escapá de mim, né, aí, eu larguei ela e ela, oh! Se mandô. Ranranranranran.*

O *causo* do Seu Marcondes segue a linha adotada pelo narrador, de contar histórias que se passam em um tempo mais antigo, com acontecimentos improváveis, e que, mesmo ao tratar de assuntos graves, despertam no ouvinte a vontade de rir. O relato é feito de maneira objetiva, sem muitos detalhes, o que o torna curto. O importante é a ação e é a ela que o interlocutor se atém.

A postura do contador é um tanto cínica, pois caminha por um tema de certa gravidade, mas utilizando um tom gracioso para narrar, que, em determinados momentos, explode em gargalhada.

O Seu Marcondes inventa um espaço imaginário, composto por pedras e tocos, onde o animal o ataca, mas é por ele dominado. Faz, com as mãos, os movimentos da peleja, fingindo estar segurando com força as patas do felino. Em certo momento, o narrador interpreta a reação do animal, e como se fosse a onça dominada, começa a olhar para trás, ao toco de madeira que a punia.

O contador serve-se da linguagem coloquial da região pantaneira, com pouco emprego do “s” nas palavras do plural e a eliminação do “r” no infinitivo dos verbos. Não utiliza, tampouco, o “u” nos verbos que indicam o passado e há a troca do “l” pelo “r” no meio das sílabas. Neste relato, particularmente, há uma grande recorrência ao verbo *aloitar*, que é um neologismo típico do lugar e indica luta corporal com contato físico.

As narrativas de cobra contadas pelo Seu Marcondes seguem a mesma lógica do improvável, com feições de heroísmo e a mistura de assuntos sérios narrados em tom cômico. Um exemplo, é o *causo* da criança engolida pela sucuri (1.1.B):

- *Lá em Bonito, uma veis, um sucuri inguliu uma criança. Inguliu e, aí, dali dispois de treis dia é que fomo achá o sucuri. Tava durmino, assim. Tava, foi tudo o pessoar. Naquele tempo, a cidade de Bonito era ainda pequeeena, né, no era muito... ali no formoso, ali. Ali que tinha o sucuri. Aí, né, todo mundo prucurano esse sucuri e num achava ele. Aí, cum muito custo achemo ele lá, né. Aí uma turma:*
- *Tá qui o sucuri! – Aí, tava a mãe do guri, madrinha, tudo os parente, tudo chorano, né. - Num dexa o sucuri escapá! Num dexa escapá! - Ele tava durmino. Daí foro abri pra tirá o guri, né. Aí, veio a madrinha do guri, o padrinho. Tava assim, tava estufado assim. Aí, quando começô cortá assim, aí. - Muito cuidado pra num cortá o inocente aí! - Mais, o guri era grande, tinha seis ano, já. Aí, quando abriu, abriu assim, que pareceu, o guri tava sentadinho assim na bariga do sucuri. Quando abriu assim, que crariô assim, ele enxergô o padrinho dele, feis:*

- *Bença, meu padrinho!* (com as mãos postas) - *Ranranranran. Aí, sarvô o guri. Daí, fizeram uma festa, até.*

Neste relato, podemos identificar mais uma característica do narrador, que é a de prolongar algumas vogais, como “*pequeeena*”, que serve para enfatizar a idéia descrita. Nota-se, também, a maneira de referir-se ao garoto como *guri*, expressão oriunda do sul do país. O gesto mais contundente é feito na hora em que o interlocutor assume o papel do menino dentro da cobra e, de mãos postas, pede a benção para os padrinhos.

Em determinados momentos da conversa, a Dona Marli interage com o marido e os dois apresentam a narração. No relato (1.3.B) a seguir, é a Dona Marli que conduz a história e o Seu Marcondes entra com as observações:

- *Essa cobra, foi uma vez que ele fez uma viagem. Aí, eu falei assim, ia passar num lugar que tinha muito carquejo, você conhece carquejo, né?*
- **Conheço.**
- *Então. Eu falei:*
- *Marcondes, trás uns carquejo, que acabou nosso carquejo. – Então, ele chegou de viagem e faltou algumas coisas na minha cozinha, eu falei, assim: – Vou olhar na cozinha dele, né.*
- *Nas bruaca.* (Seu Marcondes)
- *Nas bruacas. Então, fui lá vê. Aí, vi o carquejo, falei.*
- *Ah! O Marcondes trouxe o carquejo, né. – Aí, até ele tinha falado:*
- *Aquele carquejo, lá, você escolhe ele porque ele não está limpo. - Porque ele pegou de qualquer jeito, né, e colocou num saco.*
- *Tá bom. – Então, passou aquele dia, no outro dia eu coloquei o saquinho plástico encima da mesa e fui pegar o carquejo pra mim, pra tirar, pra mim limpar. Mais, senti uma coisa diferente ali dentro, larguei, assim! Falei: - mais tem um troço diferente aqui. - aí qui eu olho bem, dentro do saquinho, tinha uma...*
- *Jararaca.* (Seu Marcondes)
- *Uma jararaca. Mais olha! Eu falei, assim:*

- *Olha, como Deus é tão bom, né! Livrou ele, porque ele no pouso, ele pegou aquele carquejo e colocou encima d'uma, d'uma figueira...*
- *Embaxo duma figuera. (Seu Marcondes)*
- *Embaixo ali, tinha muito buraco, né, certamente ela morava ali...*
- *Eu num sei se foi ali que ela agarrô no saco... (Seu Marcondes, simultaneamente)*
- *Com certeza foi ali! Aí ficou. Aí então, eu peguei, né, que eu vi que era uma cobra, que eu senti na mão! Aí, eu peguei na toalha, enrolei e levei pro vizinho, né, falei: - mata pra mim porque se eu solto essa cobra, ela pode fugir. - E era uma jararaca. Já pensou?*
- *Ficô treis dia, treis dia ela ficô. (Seu Marcondes, simultaneamente)*
- *Já pensou? Ficou na bruaca, né, aqueles dias, né, uns dois dias! E depois encima do meu fogão. Vê como que é as coisas? Como Deus é bom?*

No discurso de Dona Marli, que não tem a vivência com a cultura do Pantanal, pode-se notar a diferença na maneira de falar e lidar com as palavras. Há um cuidado com a pronúncia e um comedimento com os gestos, que a afasta do estilo do narrador pantaneiro.

Lembramo-nos aqui da função que desempenha a presença da esposa na roda de conversa. Além de servir de testemunha para várias passagens vividas pelo marido, ela ajuda a memória do narrador sobre determinada história. A Dona Marli (1.2.L) pede:

“- Conta aquele acontecido lá no Pantanal, Marcondes, aquele de olho de boi, que você caiu com a mula.”

Essa característica é encontrada em alguns registros de narrativas orais, como, por exemplo, em Graciliano Ramos, que, ao compor sua obra *Alexandre e outros heróis* (1970), cujo protagonista é um contador de casos de Goiás, coloca sua esposa a fazer o mesmo papel que Dona Marli faz em relação a Seu Marcondes e Dona Cida faz com Seu Perigoso (2.6.N):

“- Cê num vai contá a estória da bicicleta?”

O Seu Marcondes fala-nos, ainda, das assombrações, dos perigos e dos exageros que envolvem o seu universo mítico. Com os seus *causos*, ele nos abre a cortina de sua realidade e nos transmite a convicção de que um dia ele vai voltar a viver em suas histórias, vai voltar pro meio do Pantanal.

6.4.2- O Seu Perigoso

A chegada até o Seu Perigoso já foi relatada nestas linhas. A Cláudia, dona de fazenda em Maracaju, ajudando-nos a procurar contadores de *causo*, perguntou a seus peões e amigos sobre a existência de algum. A resposta é aquela nossa conhecida:

“- Aqui em Maracaju tem um homem que conta muita mentira, é o Seu Perigoso.”

Valmir Norberto dos Santos é o nome de batismo do Seu Perigoso. Ele nasceu em 1942, em uma fazenda no município de Maracaju. Trabalha esporadicamente nos pantanais mais próximos como furador de poço. Esta profissão, por si só, já o coloca em uma condição distinta da dos seus companheiros de histórias.

O ofício de perfurar a Terra para chegar à água é coberto de mistérios desde épocas remotas. Naquele tempo, os homens, porque este é um trabalho masculino, que se dedicavam à profissão eram tidos como heróis. Eram recebidos como um portador de notícias de outro mundo. Um mundo subterrâneo. Essa profissão era associada à magia. Toda a memória “inconsciente” que acompanha o furador de poço deve envolver, em suas teias, a imaginação do Seu Perigoso.

Na vida real, ele foi casado com a Dona Cida e ficou viúvo no período de nossas visitas. A perda da mulher levou o contador à mudez. Enquanto durou seu luto, as histórias ficaram escondidas em algum canto qualquer de sua tristeza. Negaram-se a nascer. Depois de passados três meses, o Seu Perigoso aceitou receber-nos novamente.

O Seu Perigoso conversou conosco no quintal de sua casa, embaixo de uma mangueira, em três ocasiões, que nos rendeu cerca de oito horas de gravação. As visitas deram-se nos dias 12 de setembro de 2003, seis de novembro de 2004 e 25 de junho de 2005. Ele foi o primeiro contador com quem mantivemos contato e, a partir de seus relatos, elaboramos um esquema temático para orientar as demais conversas com os outros pantaneiros. A dinâmica narrativa do Seu Perigoso não permite que ele repita, com frequência, a mesma história. Observamos os mesmos elementos, personagens e objetos em ações distintas. Esta característica impediu-nos de fazermos comparações entre os mesmos *causos* nas diversas visitas.

A casa, onde mora com a família, fica em um bairro pobre de Maracaju, cidade que o viu nascer em 1942, na fazenda Água Fria. É pai de nove filhos, cinco mulheres e quatro homens. Os netos, ele nem conta mais.

Na primeira vez em que estivemos com o Seu Perigoso, a sua mulher, Dona Cida, participou das narrações de *causos*, como testemunha de alguns e exercendo a memória de outros. O ambiente em que conversamos, era um círculo, onde estavam a esposa, que depois foi substituída por um filho, o pesquisador e dois acompanhantes. Os netos do narrador brincavam e faziam ruídos invariavelmente.

Da última visita, quem apoiou o Seu Perigoso em suas histórias foi uma neta que não tinha mais que sete anos. Ela acompanhava as narrativas ao lado do avô e o ajudava no serviço do tereré.

O Seu Perigoso narrou-nos 32 histórias, das quais 20 foram com a temática dos Exageros. Além desse, ele passou pelos assuntos de sete categorias.

As características da narração do Seu Perigoso colocam-no na classificação dos Contadores Livres. De todos os narradores com que conversamos, este é o que menos se importa com os limites da realidade.

O Seu Perigoso incorpora um personagem com tal afincamento que se torna impraticável estabelecer uma conversa sobre coisas “naturais”. Em todas as visitas que fizemos, desde a hora em que éramos recebidos até o momento de irmos embora, ficava evidente sua representação.

A personagem criada pelo narrador para si mesmo é a de um famoso matador de onça do Pantanal, com renome internacional, e que tem uma coragem inabalável. O Seu Perigoso, com esta conduta, personifica o herói, que, de acordo com o que nos foi descrito por Jerusa Pires Ferreira:

“Em torno do herói, em qualquer das situações aqui trazidas, constrói-se, de modo geral, uma dúplici posição que o coloca como vítima de ciladas, enganos e ao mesmo tempo como o agressor e transgressor, conduzindo a hipérbole habitual à sua realização em assassino, acentuada desde então sua precocidade guerreira, sua predisposição à ferocidade.” (Pires Ferreira, 1993:94)

O nome “Seu Perigoso” é pronunciado por ele mesmo como uma grife. A origem da fama, segundo o contador, viria de seu pai, com quem aprendeu a caçar e a quem faz referência em um dos seus relatos (2.3.A):

- *Meu pai tinha uma espingarda de treis cano, assim. Ele (se levanta para explicar melhor) botava a espingarda num gaio de pau. Botava, assim, (finge colocar no galho) e ia circulano. Amarrava um barbante e desenrolava no chão, de noite. Deixava armada e gatiada, né. Quando a onça pisava no barbante, saía o tiro, peei! No otro dia ia vê, tinha quinze, vinte onça morta. Treis cano assim (manuseando um objeto imaginário). Um aqui ó, um do meio e um aqui. Dava as treis partida. Com mil quilo de chumbo. Chumbão grande. Botava cem quilo de pórvã e a onça pisava no barbante, né, e estorava o tiro lá, paaau! Saía nos treis gatilho. Eu falei:*
- *Eu vô lá, vô lá pra sete horas. - Cheguei lá, tava aquele monte de onça morta. A bala só passava no ouvido, assim. Dentro do buraco do ouvido da onça. Então o bicho ficô famoso, né. Aí pusero eu de Perigoso, né, pra eu matá onça também.*

Podemos perceber, na narrativa do Seu Perigoso, que ele carrega consigo toda a maneira de falar do homem pantaneiro, com singularidades gramaticais, como já foi descrita no contador citado anteriormente.

A exuberância da narração do Seu Perigoso retrata-se também nos gestos por ele utilizados. Como percebemos neste exemplo, a maior parte da transmissão da história é feita de pé. Seria impossível descrever com palavras a movimentação feita pelo narrador em sua encenação. Seu corpo magro e ágil preenchia todo o espaço de que dispúnhamos e o quintal de sua casa transformava-se em um grande palco imaginário.

Nesse palco, ele se desviava de bala, corria de cobra, escondia-se de inimigos de guerra, saltava sobre onças e se paramentava com suas luxuosas vestimentas, como a guaiaca de três metros de tecido, a fivela de ouro, a espora de prata, o relógio de diamante e o grande chapéu de mexicano. O mundo do Seu Perigoso é imenso. Sua esposa, com um pequeno sorriso, o denunciava.

A temática do Seu Perigo deixa o improvável e passa para o impossível. Ficam claras em suas narrativas as contribuições dadas pelos meios de comunicação de massa. O que é noticiado nos telejornais junta-se à tradição local e surgem histórias como a memória da guerra do Iraque, onde o interlocutor diz ter estado presente (2.7.N):

- ***O senhor é de mil novecentos e quarenta e dois? (olhando na identidade)***
- *É, sô de quarenta e dois. Da primera guerra que saiu lá nos Estadosunido.*
- ***E o senhor se lembra?***
- *Ói, isso daqui foi uma bala. (mostrando um calombo na testa) Os iraquiano tava acabano as bala, né, (levantando e fazendo posições de ataque e de defesa) e o cara ficou por trais do quartel e pá! (finge um tiro) Cai (se joga ao chão). Com quatrocento minuto, quatrocentas hora, eu miorei. Meti a mão no borso, vi no binóculo, ele tava como daqui em Campo Grande, assim, tava correno. Falei:*
- *Vô derrubá esse cara. - Meti a mão no monte de ... centrei no centro dele, pau! Caiu. Aí, daí treis dia veio um caranchão , aquele urubuzão preto, grudô ele aqui e levô dependurado pro ar, foi embora.*
- ***Então o senhor se lembra bem da guerra?***
- *Lá do Iraque, né. A bala bateu aqui, bateu e foi matano os iraquiano prá trais.*
- ***Quantos mortos tiveram?***

- *Só aquela bala que bateu aqui, resvalô, matô duzentos e cinqüenta iraquiano, que já tava acabano memo, né, então aí acabô de veis. Sobrô mais-o-meno cinqüenta refugo, que ficô ainda.*
- ***Deve ter escapado...***
- *É, escapô. Escapô porque correu. Ainda um deu um tiro aqui oh, (mostra outro sinal do lado esquerdo) furô, foi cortano aqui um poço. Aí então, pegô aqui, (mostra mais uma mancha na pele) foi cortano, varô pra lá. Então, eu fui prumovido.*

Neste relato fica evidente a interferência de elementos das notícias televisivas, como os Estados Unidos, os iraquianos. Mas, a data referida diz respeito à segunda guerra mundial e a auto-inclusão do narrador ao embate deve fazer parte da memória coletiva regional, vizinha de grandes conflitos na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.²⁰

Percebemos neste *causo* uma característica de Contadores Livres, que não foi muito abordada até aqui. É o fato de o narrador apelar para alguma prova material do acontecido. Além das testemunhas presenciais, como as esposas ou amigos, o interlocutor vale-se de marcas físicas, cicatrizes, objetos associados aos assuntos.

Na introdução da narrativa, notamos um diálogo, e o pesquisador mostra estar em posse do documento de identidade do contador. Essa situação deu-se em decorrência de o interlocutor insistir em provar sua idade e seu nome. Mesmo não tendo nada a ver com a história que estava contando, a prova material servia de suporte para a veracidade de todo o conjunto narrativo.

Voltando-nos, mais uma vez, à temática, verificamos que o narrador torna a utilizar os elementos dos meios de comunicação de massa para criar seus *Causos de Exageros*. Entram em seu repertório assuntos que incluem os mais variados equipamentos que retratam a era tecnológica. É fácil encontrar, em seus relatos, aviões supersônicos, rádios amadores, telefones sofisticados, enfim, uma vasta coleção de instrumentos futuristas.

²⁰ Esta guerra é citada por Seu Perigoso em outra ocasião. Ver o *causo* (2.8.N).

Encontramos um pouco deste universo do Seu Perigoso no *causo* a seguir (2.13.N), no qual ele se refere, ainda, a personalidades políticas importantes e objetos que simbolizam riqueza:

- ***O senhor não foi mais viajar?***
- *Tava pro Rio de Janêro, esses dia.*
- ***É?***
- *É, fui de bici... fui de avião, na vorta de lá pra cá, meu padrinho comprô uma bicicleta cento-e-oitenta marcha. O Leonel Brizola. É iguarzinho esse carro que tá parado ali, (aponta para o carro parado na rua) esse que você veio dentro. Entra no carro, fecha a porta, ergue os vidro, é de volante e amortecedor, né. Então, ali tem apareio de som, televisão e rádio amador. E tava escrito no pára-brisa, assim: “Perigoso”. E na frente da bicicleta tinha a hélice, né, uma hélice de avião a jato, né, pusero uma hélice. Então nós vei na bicicleta, empurrei ela uns cinco metro, entrei dento, fechei a porta, fechei os vidro, saí lá do Rio de Janeiro fartava noventa minuto pras treis hora da madrugada. Treis hora pras treis, né. Aí, eu vinha passano um rádio do Rio de Janeiro pra Campo Grande, falano: - O Perigoso vem vino aí, oh! – Falei: - Prepara o armoço aí, oh! – Que meu padrinho é o Lúdio Coelho, né, o otro padrinho. Quando cheguei em Campo Grande ainda fartava quinze minuto pras quatro, da tarde. Cheguei lá no Campo Grande, tava uma mesona daqui lá naquele muro lá (aponta para um muro do outro lado da rua, cerca de cinqüenta metros) cheio de carne, lingüiça, carne de galinha, cerveja, tudo, e era só pra mim.*
- ***Então a bicicleta andou bem, né?***
- *Comi tudo aquilo lá, né. A minha barriga tava dessa grussura (com os braços projetados para frente, simula um barrigão). Aí, fui pesá lá na balança, tava pesando cinqüenta e cinco quilo, e num sabe pra onde que foi aquela comida, sumiu tudo.*
- ***Sumiu tudo?***
- *Sumiu.*
- ***O senhor comeu e foi como se não tivesse comido?***

- *Eles pensô que era eu que cumi, mais num era eu, sabe? Era um, era um amigo meu que morreu na estrada, de desastre, né, onde foi machucado aqui (mostra uma cicatriz no braço). De desatre de avião.*
- ***Desastre de avião?***
- *É. Quebrô meus dente, até hoje ainda... Na divisa do Uruguai c'a Argentina, o avião veio, veio, veio, caiu! Eu não podia vê, era tempo de chuva, tava relampiano. Era só oro. Mais num era esse oro amarelo, era oro bom, né, oro vinte. Bateu aqui e o piloto sigurô ne mim assim.*
- *Perigoso, se nós morrê, nós morre nós dois, junto. - Daí ele se sigurô. Eu falei:*
- *Não, nós num morre. Daí, nós caímo de ponta assim, o avião, zizzz, (com a mão direita reproduz a queda do avião). Daí, bateu e quebrô meus dente, quebrô tudo, só oro! O relógio. Quando acabava a luz da rua, o relógio crareava tudo.*
- ***De ouro?***
- *Só oro. Oro cum diamante, né. O cara ofereceu:*
- *Ô Perigoso! Te dô quinhentos mil dólar no seu relógio. Quinhentos mil dólar, cé pega agora esse mação aqui (faz com as mãos como se estivesse segurando um pacote). Falei:*
- *Não, esse relógio aqui eu não vendo ele. Esse aqui, quando acaba a luis da cidade, eu ligo ele e crareia tudinho isso aqui.*

Podemos notar neste relato a despreocupação do narrador com qualquer esquema limitador de seu discurso. Diferentemente dos outros contadores, que seguem uma mesma linha de estrutura, às vezes centradas na ação, outras nos detalhes, o Seu Perigoso caminha entre os dois terrenos. Os seus *causos* ora aparecem mais longos, ora mais curtos, sua coerência é apenas a imaginação e sua estrutura são os resquícios das histórias que criaram o seu universo narrativo.

Essa estrutura faz-se mais perceptível quando encontramos relatos que identificam a sua poética. Por exemplo, a narrativa do objeto encantado, representado pela sanfona de um notável músico, que o Seu Perigoso diz tocar sozinha (2.9.N):

- *Teve um companheiro meu, aquele lá de Campo Grande, era o Zé Correia. Mataro ele. E a sanfona dele ficô aí. Ela toca sozinha. Então, ela tá pendurada dento da caixa e começô umas música. O pessoal passô na rua, falô:*
- *O Perigoso tá fazeno baile! Tem um conjunto, Os Ponta Porã, que tá tocano. - Era a sanfona que tava tocano dento da caixa, do Zé Correia, né. Que ele era o melhor cantor da música paraguaia, né! Tava tocano sozinha dento da caixa. A sanfona. E oto cara num violão. Daí, trussero uma gravadora lá da Argentina, gravô o toque da sanfona dento da caixa da sanfona. Foi a melhor gravadora da Argentina. Gravô a música. Então, cada fita custa cem dólar, né. Cada fita daquela. Porque ele gravô tava dento da caixa, né, e a sanfona tocano. Então, aí, o cara assustô, falô:*
- *Mais o Perigoso nunca feis baile, né. Como tem o conjunto Ponta Porã tocano aí?*
- ***E era a sanfona tocando?***
- *Era. A fia do Zé Correia, tava tocano, o espirto dele tava tocano a sanfona dele.*

Essa história encontra pares na cultura sulista do Brasil, que por sua vez dialoga com a cultura espanhola, que dominou, durante muito tempo, grande parte da América do Sul. Encontramos, por exemplo, na lenda do Angoera, transmitida pelos jesuítas do século XVI e citada por Câmara Cascudo, os seguintes elementos:

*“Essa tradição rio-grandense do sul é um elo do ciclo das lendas que as Missões deixaram em seus sete pousos históricos. Nas ‘estâncias’ afastadas, outrora, crepitando as madeiras do teto, subindo mais alto as chamas do fogão, súbito vento fazendo ondular a saia das **chinas**, estalar os vimes dos balaios, as ataduras das cestas, as amarras dos surrões, passando restos de sons, traços de vozes, dizia-se que era Generoso que visitava amigos, fazendo-se lembrar e pouco temer. Quando se deixava uma viola ao relento ouviam-na soar, débil mas harmoniosamente. Era Generoso que se divertia.”* (Cascudo, 2002:254)

O pequeno trecho fala-nos de outro instrumento musical, a viola, que possui o mesmo encantamento e também toca sozinha, como acontece com a sanfona do Seu Perigoso. Essa característica é encontrada em outras regiões, seguindo, inclusive, pela Argentina. Câmara Cascudo encontra mais uma passagem desta história, apresentada de forma rimada, nas terras colonizadas pela Espanha.

“O soar da viola ao relento lembra que a tradição se articula com outras tantas das colônias espanholas. Na Argentina era um dos característicos da alma de Santos Veja, fixado na obra de Rafael Obligado:

*Dicen que, en noche nublada
Si su guitarra algún mozo
En el crucero del pozo
Deja de intento colgada,
Llega la sombra callada
Y, al envolverla en su manto,
Suena el prelude de un canto
Entre las cuerdas dormidas,
Cuerdas que vibran heridas
Como por gotas de llanto” (Cascudo, 2002:255)*

Com estas citações, queremos atentar para o fato de não ser aleatória a invenção do Seu Perigoso. Possivelmente, muitas das informações que ele transforma em *causo* fazem parte da memória coletiva a que ele pertence.

Concluímos estes parágrafos sobre o Seu Perigoso, testemunhando a sua inteira dedicação à arte de narrar e a notável contribuição de sua figura ao grande texto poético que queremos chamar *causos pantaneiros*.

6.4.3- O Seu Oscar

Quando chegamos a Miranda, para nos encontrar com um contador chamado Seu Silvério, indicado por um fazendeiro, de escritório em Campo Grande, fomos recebidos por nosso contato local, o Sula. O mesmo fazendeiro deu-nos o telefone desse tal Sula, que marcou um dia com o contador e acompanhou-nos a sua casa. O narrador, de fato, era bom, e o incluímos neste trabalho. Quando saímos de sua residência, no entanto, o Sula nos falou:

“- Olha, desses causos aí, eu tenho um tio que conta muitos. O nome dele é Oscar e eu posso levar vocês lá, agora mesmo.”

Como não tínhamos nada a perder, experimentamos. Desviamos-nos de nosso caminho de volta, entramos no centro da cidade e chegamos à casa do Seu Oscar. Deparamo-nos com um excelente contador de *causos*.

Oscar Teixeira nasceu em 1925, nesse mesmo município de Miranda. Foi casado por um pequeno período de tempo e viveu no Pantanal quase toda a sua vida, 58 anos, para sermos mais exatos. Sempre trabalhou como peão de fazenda. Só na Nhecolândia, passou cerca de 20 anos. Foi obrigado a sair do campo e voltar para a cidade quando já tinha 68 anos e foi vítima de um derrame cerebral. Atualmente, vive na cidade em companhia da irmã, Dona Rita, que esteve presente durante os três contatos que mantivemos com ele, nos quais demoramos aproximadamente oito horas. Nossos encontros foram nos dias 23 de outubro de 2004, 24 de setembro de 2005 e 23 de março de 2006.

As conversas davam-se na varanda de sua casa, onde se fazia um círculo com a presença de sua irmã e do pesquisador com seus dois ajudantes. O derrame deixara o Seu Oscar com os movimentos do lado direito do corpo comprometidos e certa dificuldade no falar. Mas o entusiasmo em contar suas histórias não foi abalado por motivo algum.

Nós ouvimos do Seu Oscar 27 *causos* e, assim como o Seu Marcondes, a predominância de suas histórias é a de Seres Imaginários, com nove situações. O narrador apresenta seus relatos abrangendo nove categorias temáticas. Apenas não narra *causos* de Pescaria, de Lugares Imaginários, de Intempéries da Natureza e de Exageros.

Na classificação que fizemos dos contadores, a partir da liberdade do imaginário que utilizam, o Seu Oscar ficou pertencendo aos Moderados, ou seja, não se restringe aos fatos prováveis, mas tem compromisso com a realidade racional.

Quanto aos gestos, apesar das limitações físicas que comprometem inclusive sua fala, o Seu Oscar serve-se dos movimentos que possui e com eles apóia sua interpretação. Um bom exemplo é a história do ataque do porco-monteiro (3.2.C):

- *Lá no pantanar tem muito, (porco-monteiro) né. De repente ele saiu na minha frente. Ele saiu, e ele... eu tinha um cachorro, grande, e ele era cahaço também. Ele saiu e correu e eu corri atrás dele a cavalo e pus o cachorro, né, e o cachorro pegava. E o*

cachorro pegou ele da oreia e o cachorro é muito prático, né, e o cachorro pegava e incostava nele assim. Ele num podia cortá o cachorro e eu tinha cunfiança no cachorro, né. Quando o cachorro pegô ele, eu pulei do cavalo e fui pegá ele da perna. Peguei ele da perna, derrubei ele e juelhei cum esse juelho isquerdo aqui, (segura no joelho esquerdo) aqui no vaziou dele. Só que eu tava armado, tirei o revórve daqui (finge puxar uma arma de trás da cintura) e infiei bem aqui (aponta para a sua própria cabeça), eu discuidei naquela hora, num sei o que que foi, o porco deu uma isperniada e levantô. Levantô e eu saí muntado nele, né.

- **No porco?**

- *No porco, né, sem querê aquilo. E saí cum a cara virada pro rabo dele, né. Mais do jeito qu'eu saí, né, ele era menor do que eu. Eu saí pra lá, né, saí e virei, já virei cum o revórve na mão, e ele veio em mim, né. Ele veio e ele ia me cortá, né.*

- **Voltou de novo?**

- *Aí, quando ele chegô em mim cumo daqui aí, (aponta para um metro, aproximadamente, a sua frente) eu atirei ele bem na testa, mas só que... e o cachorro tava lá. Só que a bala num entrô na testa dele. Ela pegô e ricocheteô e pegô o cachorro assim na mão, dele. Gritô porco, gritô cachorro, né. Aí o porco saiu, né, aí o cachorro quis de pegá ele, eu num dexeí, gritei cum ele, ele vortô. E foi imbora.*

Esse relato do Seu Oscar sugere-nos, como características do narrador, uma maior importância para os detalhes do *causo*, fugindo da objetividade de contar apenas a ação. Não há uma definição de tempo; só podemos concluir que a história é antiga pela agilidade física e jovial à qual se refere o interlocutor.

O contador mostra uma linguagem um pouco mais preocupada com as normas do idioma. Segue as trocas do “l” pelo “r” no meio das palavras e a falta do “r” no final do infinitivo, mas os verbos são conjugados de acordo com a pessoa verbal. Nesse aspecto, o seu discurso difere um pouco da maneira mais comum na região, que é a de prevalecer a forma do singular para as pessoas do plural.

O relato é marcado pela valentia do interlocutor em arriscar-se e saltar sobre o animal, fato que o coloca em condição de igualdade com os narradores que dizem ter

enfrentado a onça. O tom do discurso é o grave, com um pequeno esboço de graça, quando o contador sai montado de costas no porco-monteiro.

Os gestos ressaltam as partes decisivas da ação, mostrando as atitudes do narrador para defender-se e, como em Seu Marcondes, aqui também o contador deixa de interpretar apenas seus atos e assume o papel do animal (percebemos isto quando o Seu Oscar aponta a arma imaginária, criada por sua mão, para sua própria cabeça.).

Outra narrativa que nos serve bem como exemplo para o repertório do Seu Oscar é a do Mãozão (3.1.E). A história do monstro que rapta uma criança, e que faz parte da categoria dos Seres Imaginários, é contada pelo narrador com a preservação dos elementos mais comuns a este mito:

- *Tinha uma fazenda e tinha um guri, uma criança de sete, seis ano, sete ano. Eles foro andá por lá e a criança foi. E essa criança, sumiu. Sumiu e eles andaro, andaro, no acharo a criança, vinhero embora. No otro dia, foro procurá a criança. Cadê? Nada, no acharo. Passô oito dia, eles andano, aí eles acharo o rasto do guri, assim, que desceu um curixo. Falô:*
- *Ele tá vivo, ele tá andano por aqui. - E aí, eles vinha vino, eles era bastante cavalero, né, eles viro, eles arrudiaro o capão assim, eles viro o guri que ia láa longe. Saiu daqui desse capão pra í naquele otro. Aí, eles trupelaro, acercaro o guri, pegaro o guri. Mais o guri, tava c'a mesma ropa, tava limpo, num tinha nada. Aí perguntaro pra ele: - Mais escuta? Quem é que dava bóia pra você? Que que ocê cumia?- Ele falô:*
- *Ninguém me dava bóia. Eu só cumia mer.*
- *Mais quem que dava esse mer pra você?- Ele falô:*
- *Era uma anta.*
- *E com quem que você durmia?- Ele falô:*
- *Eu durmia junto com a anta. - Aí levaro ele.*
- ***Isso foi em que fazenda?***
- *Birinice, né. Foi na Birinice.*

Este *causo* do Seu Oscar é um verdadeiro clássico do pantanal da Nhecolândia. Os elementos encontrados nele podem servir como síntese dos relatos sobre o Mãozão, que apuramos em outros narradores. Ele conta a história com muita seriedade, sem dar motivos para dúvidas. Na conversa precedente à ação, no entanto, o Seu Oscar se contradiz, dizendo não acreditar em seres sobrenaturais. Essa reação, como já falamos anteriormente, é muito comum com as narrativas dos Seres Imaginários.

Podemos perceber, mais uma vez, a tendência ao detalhamento feito pelo narrador. Essa característica, que deixa o *causo* mais longo, prossegue e fica mais evidente no relato (3.1.G) a seguir, quando, para falar das histórias de enterro, o Seu Oscar faz uma minuciosa contextualização do momento histórico, em que possivelmente se originaram:

- *Esse negócio de enterro de ôro só ixiste aqui na nossa rigião, né. Porque, isso foi do tempo da guerra do Paraguai c'o Brasil, né. Porque os brasileiro ia levano os paraguaio de fasto, né. E eles tinham muito ôro, né. Então, eles num pudiam levá, que que eles faziam? Eles interravam, né. Interrava e dexava. E é isso que formô o enterro aqui no Brasir né. Ixiste. Que ixiste, ixiste, né.*
- ***Por aqui o senhor já ouviu falar que tenham encontrado?***
- *Não. Aqui, nunca ovi. Mais aqui num lugar qu'eu morava, entre Aquidauana e Miranda, né. É uma cidade, assim, um patrimônio. Patrimônio é uma rigião, é uma estação do tempo que tinha a noroeste aí. É uma estação. Lá ixistia, né. Que teve gente que rancô, mesmo.*
- ***Lá, o senhor ouviu falar que encontraram?***
- *Eu vi, memo, a libra, o ôro, memo, né, a moeda. Coisa muito linda, né!*
- ***E tinham muitos casos?***
- *Tinha muitos causo. Até meu pai era meio infruído cum isso, né. Porque meu pai era portugueis, né. Então, era meio infruído cum esse negócio de enterro. Então, tinha um córgo, láaa... Naquele córgo, tinha uma marca, né, tinha um prego, muito grande fincado, assim, numa arve. Aí, tinha um índio, trabalhava cum ele. O índio falô pra ele:*

- *Óia, seu Aníbal! - Meu pai chamava Aníbal. – Óia, seu Aníbal! Esse prego aqui tá indicano que tem um enterro, lá. - Meu pai correu rancá o enterro, né. Ele era infruído com isso.*
- *Então vamo cavucá.*
- *Então vamo.*
- *Cavucam aí, eu num vô perdê meu tempo de cavucá, não. Uma coisa que eu num tenho certeza. (Seu Oscar) - Cavucaro, dero numa cavera de uma pessoa que, decerto mataro e enterraro ela. Dero c'a cavera dela. - E aí? Esse que é o enterro. Agora, ceis levam, manda fazê caxão e guarda.*
- ***Há muitas dessas histórias, né.***
- *Eu num acredito muito nessas coisa, não. Que o enterro existe, existe, né. Mais, às veis no seria pra todos, né. É pr'aquele que tem a sorte. E a gente procurá, tamém no adianta, né.*
- ***Quando tem a sorte, vê uma luz. É isso?***
- *Vê uma luz ou acha, assim, um sinar, uma cruís ou uma coisa, né. Que nem já teve gente diz que achô. Achô cruís de ôro, desse tamanho assim. (Com as mãos mostra um tamanho de meio metro) Então, aí ele foi cavá. Cavô e achô e tirô. Foi perto aqui da região de Bonito, né. Um tar de Salomão. Ele era rocero, trabahava na roça. Ele tirô.*
- ***Era um baú?***
- *Não, era um pote. Ele falô que era um pote. Ele vendeu, aí ele até foi pra Campo Grande, comprô uma vila lá em Campo Grande e ficô com a vila.*
- ***Não voltou mais?***
- *Não, vortô.*
- ***Não?***
- *Vortô. Mais, ele tem essa vila, lá. Nós inda chateava ele. Ele falava:*
- *Não, rapais. No foi eu que achô, não. Foi porco que achô.*
- *Como porco? - Ele num queria falá que ele tinha achado.*

Nas histórias contadas pelo Seu Oscar, encontramos a experiência do contato com os mistérios da vida pantaneira, narrada com o devido respeito de quem tenta compreendê-

los. Suas afirmações não descartam as inúmeras dúvidas sobre as respostas que explicam toda a existência. Os relatos são cheios de perguntas, principalmente metafísicas. Encontramos, no Seu Oscar, um filósofo dos contadores de *causos*.

6.4.4- O Carlão

A Marinez, que a gente trata de Mariquinha, e nos ajuda a encontrar narradores pantaneiros, perguntou para o dono da fazenda Carolina se, por acaso, em suas terras, havia algum contador de *causos*. Ele disse que sim, que tinha um dos bons, o administrador; seu nome era Carlão.

Com o número do telefone da fazenda, ligamos para a casa de Carlão e falamos com a Dona Lidiane, esposa do nosso narrador, para saber de sua disponibilidade em receber-nos. Foi a própria Dona Lidiane que nos disse que o Carlão trabalhava todos os dias no campo, mas que, no sábado, ele nos receberia, com certeza.

“- Não seria melhor falarmos com ele primeiro?”

- Pode vir, que eu garanto.”

Fomos. Chegamos à bela fazenda, em Rio Negro, e encontramos um jovem contador. O Carlão recebeu-nos em sua casa, onde estivemos duas vezes, e gravamos quatro horas de conversa. A primeira visita foi em dez de fevereiro de 2004 e a segunda foi no dia 15 de novembro de 2005.

O ambiente da conversa era uma roda de tereré na varanda, que ficava em contato direto com o quintal. Ele contava seus *causos* para o pesquisador, os dois ajudantes e as pessoas que chegavam à casa, como dois rapazes na primeira estada e um senhor na segunda. Esse senhor, como se verá mais adiante, também era um narrador pantaneiro, de

nome Olimpião. A esposa do Carlão, Dona Lidiane, ficava mais na cozinha, preparando café e chipa²¹ frita, que servia depois do tereré.

O nome de batismo de Carlão é Carlos Nantes. Ele nasceu em 1962, na cidade de Campo Grande, onde realizou apenas os estudos iniciais. Durante nove anos, morou no Pantanal. Era peão. O casamento com Dona Lidiane é o segundo do Carlão. Com a outra esposa, ele teve uma filha. Com esta, dois meninos. As crianças brincavam, enquanto ouvíamos as histórias de seu pai.

Durantes as conversas, o Carlão contou-nos dezenove *causos*. O tema predominante é o do contato com a onça, que aparece em sete ocasiões. Os outros assuntos somam oito categorias. Ele é do grupo dos contadores que definimos como Livres. Os seus *causos* não apresentam limites na fantasia e mostram-nos o improvável de maneira natural. Essas características são perceptíveis no relato sobre a caixa com peixe-elétrico, que faz parte da categoria dos Exageros (4.1.N):

- *Eu era um que tinha luis de motor. Tamém, quando no era de motor, que nem dias que tava frio e aquele troço tava feio, eu usava... eu fiz um tanque ligero e peguei uns cinco pexe elétrico. Porque quando eu cheguei lá tinha essa lenda, do pexe elétrico:*
- *Ah! O pessoal daqui, de noite num cai na água de jeito nenhum!*
- *Ué! Mais no cai por quê? - Porque eu passava de barco durante o dia e tava cheio que pulava no rio, né. Buliviano tomando bãe lá.*
- *É. Mais, de noite, por causa do pexe elétrico. De noite ele sai. - E diz que já matô gente, né. Ele vai encostano, vai encochando a pessoa assim (de pé, encosta-se na coluna que sustenta a varanda). Eu falei:*
- *Bão! Se esse trem dá choque, eu vô fazê... – Então, eu joguei dentro de uns tanque lá e deu certo, rapais. Deu certo, tinha cinco bico de luis lá, acendia elas c'os pexe elétrico. Ranranranran.*

²¹ Chipa é uma tradicional comida da região, oriunda do Paraguai e feita com fécula de mandioca, ovos e queijo. São bolinhos individuais que se comem o quanto couber no estômago.

O Carlão oferece-nos alguns elementos novos para os *causos* pantaneiros vistos até aqui. Isto se dá pela localização do pantanal onde ele viveu, o do Guaporé. Dessa região, ele traz o peixe-elétrico, as tartarugas e os botos. Esta narrativa, por exemplo, deixa claro que o evento é do norte, uma vez que trata de um peixe típico daquele local. Chegamos a essa dedução, também, pela presença de bolivianos na narrativa, que nos indica a proximidade com a fronteira.

Podemos perceber, no relato do Carlão, o tom cômico que se sobressai em seus *causos*. Esse estilo percorre todo o seu repertório. Observamos, também, a maneira de falar do homem pantaneiro, com a ausência do “s” nas conjugações do plural, a substituição do som de “z” pelo de “is” no final das palavras e a exclusão do “d” no final dos verbos do gerúndio. Também é recorrente a ausência do “r” nos verbos apresentados na forma do infinitivo e do “u” nas conjugações do pretérito.

Outro ponto que notamos em suas narrações é a variedade entre os *causos* mais objetivos, nos quais o foco do contador é a ação; por isso, as histórias são relativamente curtas e os relatos mais detalhados, em que os adornos também são importantes e os resultados são as narrativas mais longas.

Em relação aos gestos, o Carlão mostra-se expansivo e utiliza de vários movimentos corporais para interpretar suas histórias. Dificilmente permanece sentado durante uma narração completa. Podemos observar essas características na transcrição do relato (4.6.A) a seguir:

- *Na região aí, tinha dois caçadô, aí. Então eles saía pa caçá. Aí, andano no mato lá, viro uma loca de pedra, né, então teve, um teve uma idéia de oiá. (de pé põe as duas mãos na lateral do rosto, fingindo olhar alguma coisa) Oiô, falô:*
- *Ué! Tem dois gatinho aqui. - E o cara, porque o cara infiô a cabeça pa vê, né. Aí falô:*
- *Tem dois gatinho aí. - Aí o cara tirô a cabeça e o ôto:*
- *Deixa eu oiá tamém. - Aí o ôto foi oiá, enfiô a cabeça, rapais, na hora de saí, enroscô. (finge estar com a cabeça enroscada) Dicerto no consiguia saí. E os gato que ele tava veno ali dento, era dois fiote de onça. E o ôto falô:*

- *Que que eu posso fazê? Eu vô tê que í lá na fazenda, trazê a ferramenta pa quebrá a pedra pa pudê rancá, né. - Mais aí o cara pensô, falô: - Daqui lá tá longe. – Aí ele falô, falô: - Oh! Companhero, o negócio é o seguinte, se a onça chegá, certo, primero ela vai te cherá. O nariz dela é bem geladinho, né, mais cê fica quêto. - Aí o cara desceu um pouco, aí falô: - Vô lá na fazenda nada, buscá ferramenta. - Tinha um córgo, ele meteu o cano da espingarda dento e ficô esfriano (com as duas mãos finge estar segurando uma espingarda apontada para o chão). Quando tava bem friozinho, pegô, tava bem friozinho o cano da espingarda, ele vei de vagazinho, (anda na ponta do pé) rapais, encostô na nuca do cara. (põe a mão na nuca) Rarrarrá! Só ficô as oreia dele. (abre as duas orelhas com as mãos) Rarrarrarrarrá. Só ficô as duas oreia dele enroscada.*

O *causo* aqui narrado por Carlão é uma típica história de caçada, em que um dos caçadores sai mal, para ser motivo de deboche dos demais. Este relato assume ares de anedota e valoriza a esperteza de um dos companheiros em detrimento do percalço do outro. É comum aos Contadores Livres a presença de personagens que não medem as conseqüências de suas ações.

Percebemos, também, que o caminho pelo qual o narrador decide seguir, ao contar os fatos, interfere diretamente no efeito produzido no ouvinte. Ou seja, a mesma história narrada pelo Carlão, que termina cômica, poderia ser trágica; afinal, um dos personagens perde as suas orelhas. Esse viés acompanha todos os *causos* do contador e, a ele, podemos considerar como elemento estilístico.

Em outra narrativa (4.1.H), o Carlão dá-nos sinais mais claros de seu estilo, dessa vez com mais detalhes e descrições. Nela, o narrador informa-nos das peculiaridades ocorridas nas viagens com a boiada. O *causo* faz parte da categoria de Pessoa Perdida:

- *Então, tem uma história tamém, que, essa é verdadeira, né. Um patrão meu. Lá nesse lugar. Ia sai c'uma boiada pra ota fazenda e eu tinha... e tinha uma iúla, era a iúla do Boneco. Então, ela era uma iúla alta no meio do Pantanal, dava seis quilômetro de largura e nós fizemo um carreadô, né, com motosserra pa passá c'o gado. Então,*

cê entra naquela mata e chega sê mei escuro. Quando cê sai do odo lado, crareia. Eu tava com mil e cem boi no mangüero, tava no ritiro pa saí pa essa fazenda. Era fazenda Lenço Preto, né. E aí o patrão inventô de í. Ele falô:

- *Eu vô tamém nessa viage aí. Eu vô até na fazenda Riozinho. - Fazenda Riozinho é aonde tinha um rio tamém que nós passava lá. - Pra lá cê manda um barco pa me pegá lá, né. - Nesse riozinho que caía no Guaporé. Eu falei:*
- *O troço aí é feio. Ele é aqui de Campo Grande, aqui.*
- *Bão, mais eu vô.*
- *Então tá. - Falei. – Manhã, nós sai de madrugada. Porque, nós vamo chegá lá no ritiro. - É o ritiro do Limão. - Então, nós vamo chegá no ritiro do Limão crareano o dia, nós sobe e quando fô ali pas oito hora, nós tamo entrano nessa mata e vamo passá. É feio! - E lá fomo, rapais. Aí, quando chega, cê vem com mil boi num carreadô de cinco meto. Era cumprida a boiada, né. Que cê entra ali dento, a boiada, as veis, vai até um quilômetro de comprimento. Daí cê cumeça entrá o pessoal nas taia. Taia é assim...*
- ***Vocês estavam em quantos?***
- *Nóis tava em quatorze pessoa... Porque taia é assim: cem boi, vai um. Mais cem vai pa frente e odo, e vai impurrano, né. E eu falei, tem o Bergaminho, um nêgo véio, falei: - Bergaminho, ocê cuida a culata aqui, atrais. Eu vô na última taia, lá atrais do pontero, porque quando chegá lá na... que fô sai do mato, essa boiada pode assustá. - No deu ôta! - E aí, já falei p'ô pessoal, falei: - se caso a boiada dé argum esparramo, voceis amarra o burro e vamo de a pé, porque de burro aí no mei do mato no fais nada, tem que sê de a pé. - Aí fomo. Aí foi que no deu ôta. Quando chegô pa saí assim, que a boiada viu o clarão assim, ela barrô pa trais e sentô memo. Sentô e sentô, e aí já vamo amarrano os burro, ino de a pé, e vai e vai, conseguimos jogá ela. Jogamo, o pontero segurô, do odo lado já era um campo limpo, né. O pontero segurô ela. E aí tá, os cumpanhero tudo pulano, brincano, né, tá todo mundo, falei: - cadê o patrão?*
- *Há, o patrão num tá. – Falei:*
- *Então segura um poco aí, qu'eu vô vortá c'um companhero e vô vê. - Aí vortei c'ô companhero, já gritamo e vai.*

- *Num tem movimento. - Aí, mais na frente tinha o lugar feio pa passá. O tar lugar da navaia, onde era um lamaçal, um atolero, tamém. Falei:*
- *Bergamin, cê vai embora com essa boiada. Cê vai embora, chegado na fazenda Riozinho, ali, cê arruma um piquete, pára ela por ali e eu vô vê se localizo o patrão. - E nada, rapais. Nisso já era umas duas e meia da tarde. Nada. Aí, já escureceu, aí o cumpanhero que tava comigo, de apelido de Buguinho, falei: - Buguinho, cê vai no ritiro, - porque tem essa mata do Boneco, mais tem o ritiro, tamém, - cê vai no ritiro do Boneco, chama o Manezinho, - que era um buliviano que andava c'uma turma roçano, - e você chama ele e trais o motorserra. Fala pra ele vim c'a turma. - Porque buliviano lá conhece mato. - Eles sabe, porque cum o baruío de motor, nós passano aqui, ele vai escutá e vem. - Aí, quando foi umas oito hora da noite, aí eu fiz um fogo ali, disarriei o burro, né, e onça esturrano, onça é o que tinha naquele mato lá. E cada esturro feio! Aí, chegô. Aí nós saímo. Mandeí já trazê uma bóia pa mim, aí nós saímo. Disci assim no mato, assim, quinhento metro entrava dois, quinhento... ficamo até uma meia-noite e poco, nada. E ele escutava o baruío do motor, mais o cara quando fica perdido ele fica, né, se apavora. Aí falei: - bão, agora num adianta, ceis vortam e no o dia ceis vem. Trais a bóia, pa nós ficá aqui o dia todo se fô prciso, né. Que eu vô ficá aqui. - Aí fiquei co o cumpanhero, fizemo fogo, no durmia, porque mosquito, né, e escutano: - que uma hora ele grita e a gente escuta e responde, né. - Mai aquilo, um silêncio. A única coisa que ocê escutava naquela mata ali era pio de cobra, né, esturro de onça.*
- *Onça inda vai comê esse home aí, sabe! - Aí, amanheceu o dia, no o dia saiu esse Manezim com mais dois. Quando foi uma hora da tarde, esse Manezinho saiu nele. Que aí ele achô aonde ele foi c'o burro, coisano. Aí foi pegano batida, né, porque sempre no mato, lá tem muita daquela estopa, eu no digo muito batida, batida é de cipó. Do ramo que vai ino pa frente, aí achô. Então, ficô lá uma tarde inteira, ficô a noite, só que no desceu do burro tamém, né. Que geralmente o burro conhece a estrada, mais lá como é um mato de muito cipó, então ele se perde, né. Porque tem muito lugar aí que cê num travessa. Tem que dá vorta, aonde o burro foi se perdeno tamém. Aí nós... o Manezim achô ele. Aí já vei. Canela, tava tudo lascado de espinho, de passá em pau. Aí levamo ele lá pa sede da fazenda. Chegô lá, foi tirano a*

rôpa, nós jogano água nele. Já tinha feito mais de deis prumessa tamém, né. Acho que ele já foi umas treis veis na Aparicida do Norte pa pagá prumessa.
Ranranranran

- ***Ficou a noite inteira e não saiu do burro.***
- *Num saiu. E saísse, a onça comia. Perdia de uma veis, né. Então, porque lá era feio.*

Com o humor que lhe é peculiar, o contador expõe, nesta narrativa, a face realista dos *causos*, os fatos que, muito provavelmente, aconteceram, porque dizem respeito à vida cotidiana do pantaneiro. Podemos perceber esse elemento logo no início do relato, quando o interlocutor diz ser esta uma história verdadeira. Esse relato do Carlão reflete toda a experiência do contador com a lida pastoril, mostrando-nos, com certa nostalgia, a aventura de viver e trabalhar em um lugar tão inóspito como é o Pantanal.

6.4.5- O Seu Edson

A Rosa foi quem nos apresentou ao Seu Edson. Ela trabalhava na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa, e ficou sabendo da fama do contador. Entramos em contato com ele, que nos recebeu pela primeira vez na oficina de trabalho da fazenda. Isto foi no dia 17 de novembro de 2004. Depois de algum tempo, fomos ouvi-lo em sua casa. Durante esse período, o Seu Edson sofreu um derrame cerebral e afastou-se do trabalho. No dia 14 de setembro de 2006, deu-se nossa segunda visita.

O Edson Marciano Dutra nasceu em 1944, na cidade de Campo Grande, e trabalhou durante 20 anos no pantanal da Nhecolândia como peão de fazenda. Voltou para a cidade para garantir melhor oportunidade de estudos para os filhos. Tinha medo que os meninos ficassem atrasados. Trabalhava na fazenda laboratório da Embrapa, em uma oficina de equipamentos agrícolas. Vive com a esposa, Dona Celina, ao lado da fazenda. É pai de cinco filhos e vários netos.

Em nosso primeiro encontro, o Seu Edson recebeu-nos no final da tarde e conversamos por aproximadamente duas horas. O ambiente onde os *causos* foram contados era uma roda de tereré, com a participação apenas do narrador, do pesquisador e

de seus dois auxiliares. Era no centro da oficina e alguns operários ainda trabalhavam ao redor.

Na segunda vez, fomos direto à sua casa. Também era tardezinha e a Dona Celina acompanhou-nos na conversa. Enquanto ouvíamos os relatos do Seu Edson, sua esposa contava coisas relacionadas à conversa, fora da roda. Dois de seus netos chegaram e saíram. No final, a Dona Celina, serviu-nos café.

Os *causos* do Seu Edson são doze. Destes, quatro são sobre Seres Imaginários. Os demais dividem-se nas temáticas sobre Onça, Cobra, Lugares Imaginários, Ações Mágicas e Risco Pessoal.

O Seu Edson faz parte da categoria dos Contadores Moderados. Ele mantém uma “lógica realista” de raciocínio, mas não se priva de entrar em enredos fantásticos, como os sobrenaturais.

Em relação aos gestos, este contador é mais contido, porém serve-se dos movimentos corporais para ressaltar alguns momentos da narração, utilizando o recurso, principalmente com as mãos.

O contador não adere ao detalhamento dos fatos, o que torna suas narrações enxutas de pormenores e objetivas nas ações. Um exemplo desses relatos é o seguinte *causo* sobre onça (5.1.A):

- *Aqui na fazenda Tereré, eu cunheci um senhor, um paraguai. Ele contava uma história... e ele era tirador de madeira lá na fazenda. Então, ele trabalhava sozinho, dento da mata. E ele pegô um animal, redomão, nós falamo, né, um animal brabo, recém-amansado, e foi pro trabalho. Aí, no meio do trajeto dele, ele cruzava uma picada, que era dento do mato, e tal, pa chegá no lugar, onde ele tava tirano essa madeira. E a arma que ele tinha era uma faquinha. E um machado, né. E ele chegano lá, trabalhô até uma certa ora e vinha embora. Quando ele veio embora, diz que o cavalo no quiria nem dexá ele muntá. E ele cunsiguiu amuntá no cavalo, dento do mato, já, a onça pulô e pegô ele. Dirrubô ele de cima do cavalo. Dirrubô ele de cima do cavalo, pegô ele e... o cavalo, cortô todo o cavalo ali na anca do cavalo co'a unha, e ele... E o cavalo se mandô, né. Foi a salvação dele, né. E aí, a onça pegô ele*

e ele foi furano ela. Ele enfiô o braço dento da boca dela. Esse braço daqui, ela comeu tudo. (Fala mostrando o braço esquerdo e sinalizando a parte superior) E ele co'a faquinha foi furano ela. (Faz golpes com um instrumento imaginário) Foi, até uma hora que ele já tinha caído, já tava ismuriçido, né, que a onça já tinha rasgado ele tudo co'a unha, e ele cunsiguiu passá a faca e cortô o pescoço dela.

- ***Com a faca?***
- *É, co'a faquinha. Cortô, aí ela ismureceu, né. Também ele ficô, d' um lado ficô, bem dizê, morto, né. Ele no tinha, quando eu cunheci ele, qu'ele era são, né, ele no tinha essa carne aqui do peito (Passa a mão pelo lado direito do peito). Isso aqui, a onça rancô tudo co'a unha. Esse braço direito dele, aqui, era todo defeituoso. E esse aqui era totalmente...*
- ***Só osso.***
- *É, só tinha o osso. Ele nem mixia, né, esse braço. Um estrago! A onça quebrô tudo isso aqui, assim, (passa a mão por toda a parte anterior do braço esquerdo) o braço dele. É uma história que eu cheguei a vê a pessoa, né, e ele contava essa história. E ele se salvô porque o cavalo veio correno e chegô na fazenda. Quando o pessoal viu o cavalo daquele jeito, foro atrais, né. E acharo ele lá no mato, todo estraçalhado. E a onça, morta. Por um acaso, ele acertô lá uma facada num lugar mortal e ela... E aí, pegaro ele e trussero pr'hospital. E ele se salvô. E afetô, mesmo, só mais, como é que diz? Superficial, né. No chegô firi por dento, né.*

Esta história é um típico ataque de onça, como já observamos anteriormente, e retrata as dificuldades sofridas pelo trabalhador do Pantanal. Mas, seguindo o elemento heróico dos *causos*, o homem, geralmente, sai vitorioso nas lutas contra as feras.

O modo de contar do Seu Edson, no que se refere à linguagem, não o distingue dos demais contadores. Notamos, apenas, que há uma maior preocupação com a conjugação dos verbos.

O *causo* acima transcrito é uma retransmissão de um outro contador, a quem o Seu Edson refere-se como Paraguaio. A presença desse personagem lembra-nos, mais uma vez, a grande contribuição desse povo vizinho à formação das narrativas pantaneiras.

Uma das principais características do Seu Edson é a preocupação em dar crédito a quem lhe contou a história, que agora ele repassa. Isto faz parte de sua tentativa em situar o *causo* em um tempo determinado, especificando, com o auxílio de sua memória, a data do acontecimento. Esses dados contribuem para a garantia do efeito de veracidade. Percebemos este elemento, novamente, no relato sobre cobra (5.2.B):

- *Olha! Sucuri, eu me lembro muito do meu pai contá uma história de sucuri. Isso em mil novecentos e quarenta e seis, quarenta e sete. Eu tinha quatro, cinco ano de idade. Eu me lembro disso e, depois, de ele contá a história. Ele comprô uma fazenda no Rio Verde e ele tava formano a fazenda. E ele tinha uma cadela, uma cadela pulicial, que no saía do pé dele, né. E um dia ele, ele vinha vindo da invernada, trazeno um gado pra fazenda, e passava um córrego, um corguinho. E, no passar nesse córrego, a cadela barrô o gado e no dexô o gado passá. E começô a lati, tal, e era um sucuri, que tava dentro da passage e ele deu um bote e pegô um bezerro e a cadela começô a bagunçá e meu pai insistino pro gado passá, mais por causa daquele bezerro que tava ali, né. A cadela latino e o bicho pegô o bezerro. A sucuri. Aí, o velho largô o gado e foi vê o que que tava aconteceno. Chegô lá, deu cum ela inrolada no bezerro. O bezerro recém-nascido, ela pegô. Aí, ele matô, marrô na chinha do cavalo e levô pra casa. Tinha doze metros de comprimento. Diz que, era uma enorme. Mais-o-meno dessa grussura, assim. (Faz um círculo com os braços) Um enorme dum bicho. Aí, levô pra casa.*

Esta também é uma história comum do cotidiano pantaneiro. Ela nos ajuda a verificar que o narrador prioriza, em seu discurso, os temas tradicionais do grande texto que denominamos *causos pantaneiros*. As aventuras emolduradas pelo Seu Edson não passam da rotina que toca aos que lutam pela sobrevivência nas inóspitas terras alagáveis.

Mas, dentro do universo a que chamamos Pantanal, sobra muito espaço para o misterioso, para o inexplicável. Nessa perspectiva, a categoria mais explorada pelo Seu Edson é a dos Seres Imaginários, como, por exemplo, o Come-língua (5.4.E):

- *A única coisa qu'eu já vi minha mãe contá, foi do Come-língua. Já viu falá, do negócio de Come-língua?*
- **Já, já ouvi.**
- *É. Minha mãe conta que, diz que, na fazenda do meu avô, chegô acontecê.*
- **E como foi?**
- *A minha mãe conta o seguinte: que quando o meu avô abriu a fazenda, tal, que pareceu isso por ali. Aí, um tio meu, meu tio mais velho, no acreditava. Quando foi um dia, dento do manguero, no bretão, um gado, uma vaca muito braba, diz que meu tio falô:*
- *Ah, isso aqui, diz que iziste o tal do Come-língua, porque no come a língua desse trem? - Né. Que é muito braba, e tal. Diz que a vaca deu aquele pulo pra cima assim, caiu de costa. Aí, começô pô sangue pela boca. Aí, como tinha meu tio, tinha meu avô, tinha o tio da minha mãe, né. Viro aquilo ali, ficaro todo mundo assustado, foro olhá. Quando abriro a boca da vaca, no tinha língua.*
- **Mas, não viram nada.**
- *Não, no viro nada. Só viro... a vaca caiu, ficô sem a língua. Aí, depois, surgiu, eu mesmo, cansei de ouvi o meu avô, meus tio, tio-avô meu, contá que diz que, era um camarada... a mãe jogô praga nele. Ele tinha que ficá sete ano comeno só língua de vaca. Então, isso são histórias dos meus avós, né. E a minha mãe diz que chegô presenciá isso aí, que ela era minina e chegô a vê isso aí, a vaca sem a língua.*

Neste último exemplo que selecionamos do Seu Edson, ficam evidentes algumas características que assinalamos anteriormente. É notável a maneira objetiva de narrar, a citação da fonte do relato, sua mãe, e a opção por histórias de temáticas regionais típicas. O contador faz questão de ser “verdadeiro” até nas histórias pouco prováveis.

Para terminarmos este espaço dedicado ao Seu Edson, gostaríamos de acentuar seu discernimento sobre os *causos pantaneiros*, a facilidade em compreender qual era o objeto de nosso estudo e a clareza que utilizou em suas narrações. Com seus relatos, clareou, em nós, a percepção do eixo que indica e define as narrativas dessa região.

6.4.6- O Seu Benjamim

Para chegarmos aos contadores de Rio Verde, acionamos a Ana Cláudia, que acionou o seu irmão Zezé, que vive naquela cidade, e ele foi atrás dos narradores. Encontrou dois: o Seu Leandro e o Seu Benjamim. Partimos para o município, que está nas margens do Pantanal. Valeu a pena.

Em nossa primeira visita, no dia oito de novembro de 2004, conhecemos o Seu Benjamim, um senhor que, apesar de seus 86 anos, mostrava-se vigoroso e ágil. Só era um pouco surdo. Ele nos recebeu na varanda de sua casa, no meio da tarde, durante duas horas. A roda estava formada pelo narrador, dois amigos seus, o pesquisador e dois auxiliares. O único parente seu que vimos foi um neto, que chegou à casa, sentou-se um pouco perto do avô, não disse palavra e se foi.

Na segunda vez, o Seu Benjamim estava enlutado pela morte de sua esposa. Era dia nove de setembro de 2006. Os *causos* não perderam seu interesse, mas ganharam um pouco de tristeza.

O Benjamim da Silva nasceu na fazenda Santa Rita, município de Corumbá, em 1919. Ele é o contador mais vivido dos que conversamos. Durante toda a vida, trabalhou no Pantanal. Há onze anos deixou de ser peão e foi morar, aposentado, na cidade de Rio Verde de Mato Grosso. Ficou viúvo e é pai de dez filhos.

“- Cinco casais, certinho. Dos netos, eu já perdi as conta e dos bisnetos também.”

O Seu Benjamim contou-nos onze histórias em forma de *causos*. Destas, três falam de onça. Os demais assuntos espalham-se em sete categorias, entre elas, as de Cobras, de Outros Bichos, de Seres Imaginários, de Enterros de Tesouros e de Ações Mágicas.

Além dessas temáticas, o Seu Benjamim introduziu uma nova categorização dentro dos *Causos* de Perigos, que é a das Intempéries da Natureza. O narrador contou-nos duas

histórias com esse assunto. Decidimos por agrupá-las e separá-las dos relatos de Risco Pessoal, devido à grande frequência com que esse tema aparece na conversa dos moradores do Pantanal. O fato de não ter surgido em forma de *causo* nos outros contadores, não diminui a sua importância.

Em seu modo de transmitir as narrativas, o Seu Benjamim está entre os Contadores Reprodutores. Ele atém-se ao efeito de veracidade dos fatos narrados. Não desliza na fantasia. É cauteloso com o limite estabelecido, ao qual chamamos realidade. Seus *causos* e sua postura são graves.

Quando o Seu Benjamim entra nos assuntos mais delicados para a razão humana, os sobrenaturais, ele se exime de qualquer responsabilidade, deixando vaga a procedência da história. O narrador fixa-se, apenas, aos fatos concretos como suporte do relato. É o que acontece com o *causo* pertencente aos Seres Imaginários, o do notório Mãozão. O Seu Benjamim fala sobre o episódio, confirma-o, mas não discorre sobre a existência da entidade, ele se apega ao conhecimento do menino que fora raptado. Observemos a narrativa (6.1.E) em sua íntegra:

- *Eu vi contá que ele (Mãozão) pegô um guri, e teve muito tempo cum esse guri. Pegô pra lá, mais ele num feis nada c'o guri, num machucô. Daí um tempo, foro e viro o guri, metero no cavalo e truxero ele pra cá. Mais, já tava cum mais de quinze dia. Falam que o Mãozão que levô ele.*
- ***Ele num tinha nenhum arranhão?***
- *Não. Num tinha nenhum arranhão. (Balança a cabeça)*
- ***Ele estava meio amalucado, ou não?***
- *Não, num tava não. Eu num cheguei vê não, mais cunheci o minino, até é irmão de um afilhado meu. Não sei se no Campino, Guanandi ou Currealinho, esse Mãozão é desse trecho aí. (Aponta o dedo indicando a região) Essa Laranjera sempre a turma falava, diz que num podia saí um pião mei sozinho. Sempre tinha que saí c'um cumpanheiro. É muito falado esse Mãozão, num é do meu tempo não.*

Percebemos, nessa narrativa, a isenção do contador. Ao afirmar que ouvira contar o fato, distancia-se da condição de testemunha do acontecimento e coloca-se como um espectador, que apenas reproduz o que alguém lhe contara. Além disso, o *causo* é um dos mais conhecidos da região, o que lhe tira a responsabilidade da invenção. Todo mundo no Pantanal já ouviu alguma história do Mãozão.

As características dos relatos do Seu Benjamim levam-nos a vê-lo como um narrador objetivo. Ele não se demora nos detalhes, fixa-se apenas na ação da narrativa. Seus *causos* são geralmente mais curtos que os de seus companheiros.

O contador também carrega consigo os atributos da linguagem regional. Os mesmos que já foram assinalados nos narradores citados anteriormente. Em relação aos gestos, o Seu Benjamim mantém a coerência dos Contadores Reprodutores e utiliza poucos movimentos em sua representação. Apenas as mãos e a cabeça esboçam alguma ação.

Algumas particularidades deste narrador podem ser percebidas em seu relato sobre as Intempéries da Natureza (6.2.M):

- *Otra veis, um vento brabo, peguei aí no, nas terra do Alfredinho, vizinho. O Zé Lima comprô lá, Santa Maria. Hoje em dia é do Capitão Bira. Cunhece, né? Genro do Zelito. Fui ajudá um filho meu a carniá já depois do armoço, tinha levado umas filha minha pra passia lá onde tava o irmão. Aí então, carniô, ajudei, ele falô:*
- *O senhor leva uma carne, aí se vié buscá o carro, eu levo uma carne-seca p'ô senhor.*
 - *Entre a Conceição do Firicício e a baía das pedra. Arizona, conhece lá? Arizona, ali que eu tava. Lá, que eu cumecei trabalhá c'ô Zé Lima. Aí, eu vim aqui pr'ô Curichão. Aí no Curichão eu tenho quinze ano e cinco meis, aí. Trabalhano c'ô Zé Lima.*
- ***E como que foi esse temporal?***
- *Esse temporal? Olha, eu vinha trotiando, trotiando, e a coisa vino. Aí, um vento brabo, memo! Discubriu uma reposerera duma anjiquerazinha, assim. Aquela chuva vei, bica lá, fiquei lá quieto, até acarmá um pouco, aí eu fui imbora. Encostei o cavalo lá embaxo, no arto era assim uma reposerera. Fiquei lá. Fiquei lá, queto, até acarmá um poco. N'hora qu'eu cheguei lá onde eu morava, quase num cunheci o*

lugar de tão... Uns pau muito grande, e esse vento passô lá e feis essa disorde. Derrubô aqueles pau tudo. De dá medo! E a mulher lá, c'a Clarice, que é daqui do..., mulher do Denir, cunhece o Dinir? Filho do, da Vitória, ela tava essa noite lá. Só que cheguei já era umas nove hora. Falei: trasei um poco a viagem por causa do vento. Eu tive que pará. Aqueles pau tudo caído lá, já me deu medo de vê aqueles pau lá. Sabe, aqueles pau... é sempre pau das arve de porta de fazenda, é pau grosso, encorpado, né. Num é esses pauzico aqui.

Nesse *causo* do Seu Benjamim, notamos seu medo de temporal e a prioridade que ele dá ao seu sentimento. O narrador ressalta, nesta narrativa, outra característica do modo de contar do pantaneiro, que é a citação de pessoas e de lugares com tanta desenvoltura e sem pormenores, que inclui o ouvinte na intimidade dessas referências. Ele não enxerga a possibilidade de o espectador não conhecer aquilo que lhe parece tão próximo.

Para encerrar a passagem do Seu Benjamim por aqui, vale ressaltarmos que estamos falando de um narrador correto em sua fala. Apesar de não se valer dos rasgos inventivos, típicos dos peões, em suas histórias, ele nos conta com muita seriedade os acontecimentos cotidianos no Pantanal. Podemos enxergar respeito em sua relação com os relatos. Ele faz das experiências de sua vida longa, expressas em suas narrações, um atrativo a mais para reunir pessoas em torno de si.

6.4.7- O Seu Chumbo

Na capital pantaneira, fomos buscar o Seu Chumbo. Quem nos deu a sua direção foi um peão de fazenda, o André. O telefone era de um mercadinho na frente da pensão onde ele morava. Chegamos depois do almoço do dia dez de novembro de 2004 e fomos recebidos pela dona Joaquina, a proprietária do estabelecimento.

O Seu Chumbo contou-nos suas histórias em uma varanda, no jardim da pensão. A tal Dona Joaquina não parou seus afazeres para escutar ou dar algum tipo de apoio às narrações dos *causos*. O narrador estava sozinho em seu universo. De ouvintes, havia o

pesquisador e dois companheiros. Em meio À conversa, chegou um conhecido do Seu Chumbo. Era uma pessoa singular, com um carrinho de garrafas; viera recolher alguns vidros. Quando ele soube que falávamos de histórias, contou-nos algumas. Todas extremamente trágicas.

A segunda visita foi no dia dois de dezembro de 2006 e o cenário era o mesmo. Uma tarde quente, com o calor úmido de Corumbá.

O Seu Chumbo nasceu Acelino Ferreira Lima, em 1936, na fazenda Paraíso, pantanal da Nhecolândia. Foi para Corumbá ainda menino e regressou ao interior do Pantanal com nove anos. O apelido surgiu do fato de ser uma criança pesada, o que logo lhe transformou em “Chumbinho”; com o passar dos anos e o avanço da idade, trataram de chamá-lo Seu Chumbo. Voltou para a cidade depois que se aposentou, em 2003. Trabalhou toda a vida como peão de fazenda. Nunca se casou, nem teve filhos.

Na pensão de Corumbá, começou a escrever poemas, apesar dos poucos anos de estudo, e pretende lançar um livro. Em sua conversa, há uma imensa nostalgia da vida no Pantanal e a constante afirmação de que voltará para lá em breve.

O Seu Chumbo contou-nos oito *causos*. Desses, quatro foram com a temática dos Seres Imaginários. Os seus relatos transitam, ainda, por outros quatro temas: Onça, Cobra, Enterro de Tesouro e Risco Pessoal.

Pelas características das narrações, classificamos Seu Chumbo entre os Contadores Moderados. Apesar de entrar em assuntos que não se enquadram na realidade aparente, o narrador assume certa preocupação em não atravessar os limites do razoável e conta apenas aquilo em que acredita.

A linguagem utilizada é a adotada na região, com as mesmas reduções de palavras e o acento fronteiro. Nos gestos, o Seu Chumbo serve-se de muitos movimentos com as mãos e, em certas ocasiões, chega a levantar-se da cadeira.

Para observarmos alguns traços estilísticos do Seu Chumbo, recortamos de seu repertório o *causo* sobre o mito do Lobisomem (7.2.E):

- *Esse lubisome que corria atrais de gente, pegava. Era uma pessoa que, é, assim... o conto foi, assim, que era pessoa que tinha sete filho, dos sete tinha um que virava o lubisome, né.*
- ***E o senhor conheceu essa família***
- *Ah, essa familia eu ouvia só falá, né. Mais nunca cheguei de vê ansim, porque a turma falava:*
- *Oh lá! Aquele lá vira lubisome. - Porque ele na sexta-feira santa, na sexta-feira santa que é o dia, que diz que ele virava. Toda sexta-feira ele virava o cachorro, vira um cachorrão grande, piludo e saía andando por aí.*
- ***E o senhor conheceu alguém que tenha visto o lobisomem?***
- *Já vi falá, assim, né! Que as pessoa falava que existia, que curria atrais da pessoa, assim, que descobriu pelo, pelo... ficava uma marca da ropa que a pessoa curria curria e ele pegava. Então, as veis, no dente ficava a marca. Então, por isso que a turma tinha aquele suspeito, aquele negócio que eles tinha discunfiança que era o culpado, né.*

No relato do Seu Chumbo, encontramos explicações sobre o assunto do homem que vira lobo, ou um cachorro, e, entre os esclarecimentos, uma breve narrativa de que ouvira falar. Apesar de o contador permanecer na divagação de elementos, o que fica claro pela utilização dos verbos no pretérito imperfeito, encontramos o *causo* justamente quando o narrador utiliza o passado perfeito.

Dessa forma, o ponto determinante do *causo*, na narração do Seu Chumbo, é o momento em que o contador diz que pessoas falavam que “descobriu” (o Lobisomem) pela linha no dente. É aí que se firma o fato, a ação da narrativa. É onde percebemos que, além das informações soltas, há um acontecimento “concreto”.

Esse relato do Seu Chumbo mostra-nos a característica que se repete em outras situações do mesmo narrador. Ele dá uma importância especial para as alegorias que envolvem o *causo*. Nas histórias do Seu Chumbo, a ação central é quase coadjuvante,.

Os ornamentos dos relatos desse narrador apresentam alguns recortes de lendas e mitos, que povoam séculos de histórias. Por exemplo, a explicação da maldição dos sete

filhos, que daria origem à sina do homem virar lobo, ou a Sexta-feira Santa como data de acontecer o fenômeno ou, ainda, os fiapos de linha que ficam nos dentes da pessoa e é sua principal acusação.

Com esses elementos, o contador cria o clima da narração, que aparenta ser mais abstrata que as dos demais, e, na condição do ouvir dizer, para não se comprometer com a fidelidade da história contada, narra que um homem virava lobisomem e foi descoberto por uma marca em seu corpo.

Em outro relato, também pertencente aos *Causos Enigmáticos*, mas desta vez com o tema de Enterro de Tesouro (7.1.G), o Seu Chumbo nos conta:

- *Porque no Rio Verde tinha um home que trabalhava lá na Fazenda Caronal e aí ele, nós trabalhava no, no campo e ele chegô de vê uma luz que aparecia de noite, ansim, tipo um fogo, né. E aí ele foi lá, começô assistí e achô que era um enterro de uma libra, de um ouro que tava lá. Dipois ele foi lá. Eu acho que ele arrancô esse enterro e foi pra Rio Verde morá. Porque ele num tinha nada, aí pois uma bruta loja, uns hoter, lá no Rio Verde. Então, todo mundo ficô jurgando que ele tirô aquele, aquele negócio dali daquele lugar pra morá pra lá. Porque ele, c'o dinheiro do serviço dele, num tinha condição dele fazê isso.*
- **Como que ele chamava?**
- *É Ciro Varga. Num sei s'inda ixisti lá no Rio Verde. Mais, deve de tê, ainda, hoter do Ciro Varga. Pode procurá no Rio Verde, que tem hoter do Ciro Varga.*
- **O povo fala que ele achou um enterro?**
- *Achô um enterro. Que o pessoal já tinha, diz que, passado por lá. Já tinha calculado que era ali, que sempre passava ali e via aquele foguinho, aquela luz ali, né. Aí, né... e ele como muito esperto, um cuiabano esperto, foi lá e, dicerto, tirô esse enterro e foi. Formô loja, hoter. O melhor hoter que tem no Rio Verde era dele, se ele num tinha dinheiro pra... chegô lá, já fez isso.*

O *causo* do Seu Chumbo reflete a narrativa tradicional do trabalhador que é avisado, através de uma luz, do lugar onde está enterrado um tesouro, vai lá, desenterra e fica rico.

O narrador, no entanto, conta seu relato fundamentando-o na suspeita. Apesar de citar o nome, o sobrenome, o lugar do enterro e o emprego da fortuna, ele não dá a certeza de ter ocorrido verdadeiramente o episódio.

Mais uma vez, deparamos-nos com uma narrativa cheia de detalhes, principalmente os que produzem efeitos de provas, mas com o foco direcionado para a ação. Neste relato, não há dispersão, como em alguns outros do próprio Seu Chumbo.

Para completar a nossa impressão sobre o Seu Chumbo, devemos comentar suas inquietudes ao tentar compreender as atitudes do ser humano contemporâneo e a direção para a qual caminha a humanidade. Os problemas atuais e universais são grandes preocupações para este pantaneiro, que, apesar de viver rodeado de água doce, num verdadeiro alagamento, morre de medo do fim desse elemento no planeta.

6.4.8- O Seu Silvério

À nossa chegada até o Seu Silvério já fizemos referência, mas tornamos a repeti-la. Um fazendeiro em Campo Grande falou-nos da fama de bom contador de *causos* do Seu Silvério e deu-nos o endereço de um vizinho seu. Era o Sula, com quem entramos em contato e marcamos uma visita.

Chegamos a Miranda no dia 23 de outubro de 2004, pegamos o Sula e fomos para a residência do Seu Silvério. Ele nos recebeu na sombra aconchegante de uma paineira, que ficava em frente à sua porta, já em seu quintal. Depois dessa ocasião, estivemos com ele em 24 de setembro de 2005, no armazém do Sula, e em 23 de março de 2006, na fazenda onde estava prestando serviço.

O Silvério Pires nasceu em 1930, na cidade de Miranda. Trabalhou toda a vida em fazendas do pantanal da Nhecolândia. Atualmente, mora na cidade, mas continua com as atividades pastoris em fazendas da região. O Seu Silvério nunca se casou, nem teve filhos. Vive sozinho.

Em sua casa, quando chegamos para a primeira conversa, o ambiente era o tradicional círculo. Faziam parte, além do narrador e do Sula, o pesquisador e dois ajudantes. Na segunda visita, o ambiente era a frente do mercadinho do mesmo Sula. Não havia tereré.

No encontro que tivemos com o Seu Silvério na fazenda, ele mostrou-se com a face do homem campeiro. Usava toda a indumentária do peão que trabalha na fazenda: chapéu, camisa de manga longa, faixa na barriga, um facão por trás, calças largas e botas.

Chegamos antes do almoço e fomos convidados a comer junto com os peões, que eram seis. A cozinheira, Dona Mariazinha, tinha feito um guisado de mandioca com carne-de-sol, arroz, feijão e salada de alface com tomate. A comida era servida em uma varanda que toma toda a frente da casa da Dona Mariazinha. O fogão a lenha ficava na cozinha, aberta para o quintal. O sistema era o de pensão. O único que se atrevia a conversar com a gente era o Seu Silvério, os demais peões ficavam fechados como caracóis.

As narrações dos *causos* deram-se no galpão dos peões, logo após o almoço, quando alguns deles ainda faziam a sesta. Estavam na roda, o narrador, mais dois peões da fazenda, além dos dois acompanhantes e o pesquisador. Houve participação dos peões em alguns relatos. Um deles era paraguaio. O outro peão, mais jovem, contou-nos que aquele paraguaio era um poderoso benzedor. Ele negou.

Dos contadores com quem conversamos, o Seu Silvério é o único que pertence à religião protestante. Essa característica coloca-o com certa descrença diante dos *causos* de cunho sobrenatural. Mas, curiosamente, as temáticas enigmáticas são as mais numerosas em suas narrativas.

O Seu Silvério contribuiu com sete relatos, em cinco categorias. As únicas narrativas que repetiram temas foram as de Onça e as de Lugares Imaginários. Completam o seu repertório os *causos* que aparecem apenas uma vez e são os de Seres Imaginários, os de Enterro de Tesouro e os de Luz Misteriosa.

A categoria de narradores que acolhe o Seu Silvério e os seus atributos é a dos Contadores Reprodutores. Ele demonstra grande preocupação em não aparentar que

esteja contando inverdades. Quando fala de assuntos sobrenaturais, sempre afirma que não acredita nessas coisas e o que faz é repassar o que ouvira alguém contar.

Sua linguagem segue o padrão regional e seus gestos reduzem-se a movimentos com as mãos e os braços. O olhar do Seu Silvério é um importante recurso em suas narrações. É um olhar penetrante que fiscaliza qualquer reação do ouvinte diante de dúvidas. O Seu Silvério não admite dúvidas. O seu olhar corta tanto a gente como o nada.

Para exemplificar o estilo de narrar do Seu Silvério, escolhemos o emblemático *causo* sobre o mito do Mãozão (8.1.E):

- *No Pantanal eu ouvi falá muito nisso (Mãozão). Eu num... eu vi falá que diz que andava pegano gente aí. Eu num vi não, nunca vi. Diz que... diz que um dia... diz que... eu num sei, eu num vi... ele saiu daqui agorinha, ele mora lá em cima, ele que me contô isso. Diz que ele entrô lá no mato um dia lá. Ele e mais otro cumpanhero, diz que encontrô um cara sentado em cima de um pau lá. Um certera dum negão memo. (Levanta a mão direita indicando a altura) Eles correro dele. Isso, o Nelsinho que contô. Pode sê que até...*
- ***E como ele era?***
- *Não. Diz que é uma pessoa. Um monstro d'um bicho. É, um monstro de bicho é... mais eu, eu num sei, pode sê que existe aí um capeta, algum troço, num sei. É, como lá no, tamém existe um trem, lá no Paraguai. Lá no Paraguai tem um troço, uma onça. Ela pega a vaca, come, ocê vai lá, ocê olha, o rasto é de gente, lá. Chama Jaguaretê-avá. Mais é esses bugre véio de ardeia que fica muito véio e vira onça. Ranranran. Vai até virá onça, aí desgraça²² a comê vaca. Diz que é assim. Mais tem esse bicho com esse nome lá. Eu num acredito, lá no Paraguai, eu andei muito por lá.*

Este relato do Seu Silvério é dividido em duas partes. Na primeira, ele narra uma versão diferente do mito do Mãozão. Apenas o nome da entidade corresponde com a história encontrada com facilidade na região. Na segunda parte da narrativa, o

²² Neste caso, essa palavra significa começar e não parar.

interlocutor, fazendo uma comparação com o primeiro episódio, fala-nos sobre os índios idosos que, de tão velhos, transformar-se-iam em bichos.

O Mãozão do Seu Silvério é apresentado com uma personificação distinta das narrativas mais comuns sobre este monstro. A entidade seria uma espécie de homem grande, como a descrita pelo Couto de Magalhães (cf. Cascudo, 2002:220), que reaviva a tradição dos gigantes. O autor descreve a porfia do jabuti com um *Cahapo-uaçu*, o grande morador da mata, alusão a uma raça de talhe superior ao normal e que viveria no setentrão brasileiro.

Também encontramos uma versão semelhante à do monstro descrito pelo Seu Silvério em uma das concepções do Pai-da-mata, registrada por Câmara Cascudo. Nas investigações do mestre folclorista, essa feição do mito foi encontrada na própria região de Mato Grosso, o que garante mais credibilidade ao Seu Silvério:

“Os amerabas que davam a todas as coisas uma ci (mãe) como explicação de origem e de defesa, determinaram a adulteração de vários mitos, formando o Pai do Mato, gigante protetor, antropófago para uns ou simplesmente furioso para outros, eterno perseguidor de quem viola o segredo das matas ou destrói árvores inutilmente. Essa fusão do Curupira com os Gigantes teve repercussão imediata e encontramos o Pai do Mato entre os Parecis do Mato Grosso ou vivendo em Alagoas e Pernambuco, comodamente.” (Cascudo, 2002:221)

No segundo momento do *causo*, o contador surpreende-nos e conta, aceitando a possibilidade, da metamorfose de gente em bicho. Neste episódio, percebemos paralelos com mitos de outras regiões, como, por exemplo, a entidade chamada Capelobo, que Câmara Cascudo registrou na região indígena do Xingu:

“Dizem, no rio Xingu, que certos indígenas depois de velhos, muito velhos, perdida a própria noção de vida, tornam-se Capelobo.” (Câmara Cascudo, 2002:226)

Ainda sobre o relato (8.1.E) do Mãozão, logo em seu início, o Seu Silvério mostra a tentativa de desvencilhar-se do compromisso com a veracidade do fato. Ele atribui essa experiência a um amigo seu, que teria saído há pouco de sua casa. Este adereço utilizado

pelo narrador remete-nos à presença das esposas, que participam da roda de conversa e têm a função de confirmar a história contada.

O narrador concentra-se na ação e deixa de lado os seus detalhes. Essa característica faz com que seus relatos sejam mais curtos que a média de seus companheiros. Prova disso é o fato, presente neste exemplo, de o contador valer-se de dois acontecimentos para expressar seu *causo*.

Nas narrativas sobre episódios do cotidiano pantaneiro, o Seu Silvério segue com os mesmos elementos para formar a sua narração. É notável, neste contador, a preocupação em citar os nomes de pessoas e lugares, que atribuímos a uma tentativa sua de garantir uma maior aceitação da veracidade dos relatos. Podemos observar esta particularidade em sua primeira história sobre Onça (8.1.A):

- *Uma onça pegô um cara lá. Pegô um cara lá. Ele... a onça tava urrando lá. Ele era... ele tinha um barraco desses de pescaria. Ele era pescadô. Aí a onça tava urrando perto do barraco dele. Aí ele falô:*
- *Eu vô lá, vê essa onça. - Saiu ele e o irmão dele. Mais, a onça num avisa ninguém não, né. Quando, quando ela viu... ela viu eles e ele num viu ela. Ela amoitô, e pulô nele, que ia na frente. Chama Davi esse cara. E pegô ele. E o irmão dele, o Daniel, ajudô, aloitô. Ela num matô ele, mais, alejô tudo, esses nervo, assim, desceu tudo (com gestos mostra as veias dos braços). Aí, esse côro da cabeça, ela puxô pra trais assim, ficô no vivo isso aqui. (Demonstra com as mãos, o couro da frente levantado) É verdade, é. Aí, aí eles consiguero matá ela à faca e as arma deles cabô as bala, eles tinha espingarda, né. Mataro ela. Mais, o rapaiz ficô lá deitado. Aí, fôro lá na fazenda, aonde eu tava, aí havia um barco da fazenda, motor vinte e cinco, aí eu fui lá dá socorro. Peguei ele e truxe na Lontra.*
- **No Passo-da-lontra?**
- *Eco! Ali memo. Truxe ali no Passo-da-lontra, ali, peguei carona, que foi aonde que ele veio pro médico. Salvô, mais ficô tudo manco. Tudo alejado, né. O bicho num é brincadera não. O bicho num é de brinquedo não.*

Este *causo* apresenta-nos o enredo do típico ataque de onça, no qual a vítima sai viva, mas com seqüelas, e o animal é morto. Também é comum, como já verificamos nestas linhas, o elemento heróico da utilização de uma faca para acabar com a vida da fera. O narrador conta o episódio, atribui nome ao lugar, ao rapaz que foi atacado e ao seu irmão. Para completar sua narração sem dar margens para dúvidas, serve-se de seu próprio testemunho, como partícipe da ação.

Do Seu Silvério, como narrador de *causos pantaneiros*, salientamos, mais uma vez, a negação às manifestações de acontecimentos sobrenaturais. Certamente por sua condição de protestante, ele reluta para aceitar que fenômenos não explicados pela razão do pantaneiro tenham origem metafísica. É o medo do inferno. Mas, por descuido ou ato falho, ele nos afirma, com a maior naturalidade do mundo, que os monstros que o povo vê devem ser os índios velhos, que de tão velhos viram bicho.

6.4.9- O Seu Olimpião

O nosso encontro com o Seu Olimpião foi por pura casualidade. Estávamos na fazenda Carolina, ouvindo os *causos* do Carlão, quando, de repente, chegou o peão, sujo da lida, e o Carlão o chamou para ajudá-lo na idéia:

“- Entra aqui cumpade, vem contá uns causo aqui pos moço.”

Ele pediu licença, entrou na varanda, sentou-se ao lado do Carlão e começou a viajar em sua rica imaginação. O Seu Olimpião é um homem sério. A sua voz é alta e as suas palavras, bem articuladas. É um contador de fácil compreensão. A conversa com o narrador durou cerca de duas horas, em uma única ocasião, no dia 15 de novembro de 2005.

O ambiente da narração foi uma roda de tereré na varanda da casa do Carlão, onde estavam presentes, além do narrador e do dono da casa, o pesquisador e seus dois ajudantes.

O Olímpio da Silva nasceu em 1946 no pantanal da Nhecolândia, trabalhou toda a vida nas fazendas da região. É casado e pai de quatro filhos. Atualmente, mora na fazenda Carolina, no município de Rio Negro, onde ainda trabalha com gado.

O Seu Olímpio contou-nos sete *causos*. A temática predominante em seus relatos é a de Seres Imaginários, que aparecem quatro vezes. As demais são as de Onça, Cobra e Luzes Misteriosas, que são mencionadas uma vez cada uma.

A categoria de narradores, na qual incluímos o Seu Olímpio, é a dos Contadores Moderados. Ele nos narra *causos* de variada temática, incluindo a dos Causos Enigmáticos, com aspectos sobrenaturais, mas tenta não extrapolar as fronteiras da realidade estabelecida.

A sua linguagem, como a dos demais narradores que mencionamos, segue a tradição local de não respeitar a flexão do plural e retirar os “r” dos verbos no infinitivo e os “u” do passado perfeito. Também acompanha as demais reduções e adaptações que já citamos anteriormente e que marcam o sotaque da região.

Os gestos do Seu Olímpio para narrar suas histórias são brandos e sua fala é firme. Os movimentos com que se expressa são basicamente os das mãos, os dos braços e os da cabeça. Ele permaneceu sentado durante toda a conversa e enquanto contou seus *causos*.

Para percebermos as principais características no modo de o Seu Olímpio narrar histórias, transcrevemos integralmente, a seguir, o relato no qual o narrador conta um ataque de cobra a uma criança (9.1.B):

- *Nóis tomemo um sucuri dum guri uma veis. Nóis tava tomano banho num curixo e o guri tava pulano na água, né, e nóis tava sentado na bera do corixo, quando escutemo, o guri gritô lá, quando fomo vê, o bicho tava enrolado nele até aqui (passa a mão pela cintura). Aí teve um véio que conseguiu disinrolá o sucuri dele. Ai o véio pegô uma faca e riscô ele.*
- ***Com uma faca pequena?***
- *Uma faquinha pequena, aí ele disinrolô na hora e já! (Com as mãos, faz um gesto de fuga)*

Este *causo* retrata um episódio que acontece com certa frequência e é um dos grandes temores da gente pantaneira, o ataque da cobra sucuri. No relato do Seu Olímpio, percebemos que o seu foco está na ação e que utiliza pouco detalhamento na descrição. É característica do narrador a objetividade. Suas narrativas também são mais curtas que a média dos contadores.

A história segue a tradição do heroísmo, que, como vimos, é um dos atributos dos *causos pantaneiros*. O herói é mais valorizado por já ter idade avançada e lutar usando apenas uma pequena faca. A criança é salva e o animal, morto.

O narrador não cita nomes e nem se vale da cumplicidade de algum companheiro para atestar a veracidade do ocorrido. Sua única prova é seu próprio testemunho. Esta é uma característica que o acompanha em outros *causos*, como, por exemplo, o da Luz Misteriosa, que ele chama de Boitatá (9.1.J):

- *Ali no São José, ali eu já vi, ali (rastros de Pé-de-garrafa) num sei se cê já viu?*
(Carlão)
- *Ali não. Mais ali diz que tinha assombração. Um dia eu vi uma luis de noite lá. Uma luis vermelha assim, saiu de perto do banheiro e foi arrodiano pro lado do córrego. Uma luisona bunita! Até, esse meu guri que trabaia aqui cumigo, tava junto.*
- ***Essa o senhor viu?***
- *Essa, nós vimo a luis. Mais nós no sabemo o que que é. Num sabemo se... (...) Essa luis, diz que era de enterro, né, que a turma falô. Num deve sê não. Porque o osso de boi também dá aquela luis. Que eles fala o Boitatá, né.*
- ***Como é isso?***
- *Então, morre um boi, uma reis gordo, aí aquele osso fica no chão, aí pega fogo, fais a luis.*
- ***E eles chamam de Boitatá.***
- *É, o Boitatá, né. Então, no Pantanal dá muito disso, né.*

Nesta narrativa, o Seu Olimpião demonstra mais uma vez o seu estilo objetivo de relatar o fato. Ele presencia o evento e, apesar de citar o filho, criando certo vínculo de cumplicidade, é sua palavra empenhada a principal garantia de veracidade.

O enredo do *causo* é o da Luz Misteriosa, que aqui é citada em três versões possíveis: assombração, enterro de tesouro e mito indígena. No final, a luz é personificada em uma entidade sobrenatural. O nome Boitatá é do antigo mito indígena, que, em sua tradução quer dizer cobra de fogo. O Seu Olimpião, no entanto, faz uma transformação no sentido do nome da entidade e atribui-lhe uma relação com o boi, animal. Encontramos aí sua explicação do osso de boi que se transforma em luz.

Do Seu Olimpião, destacamos a maneira bem humorada de narrar os seus relatos, guardando em seu olhar certo cinismo ao criar um ambiente grave nas histórias sérias e um ambiente extremamente descontraído nos *causos* cômicos. O Seu Olimpião incorpora o contador e transforma seu semblante de acordo com a história, assim que inicia a narração.

6.4.10- O Seu Leandro

As visitas ao Seu Leandro foram realizadas no mesmo dia que ao Seu Silvério. Os dois moram em Rio Verde de Mato Grosso e os dois foram contatados pelo Zezé. A primeira foi em oito de novembro de 2004, tempo de calor excessivo nos arredores do Pantanal.

Foi no quintal da casa de sua filha Tôca, que, no meio da tarde de sábado, o Seu Leandro recebeu-nos sob a sombra de uma jabuticabeira. Aí se formou a roda do tereré. O Seu Leandro estava alegre em demasia, efeito, com certeza, da “água que passarinho não bebe”. Estavam presentes, além do contador, do pesquisador e seus ajudantes, dois amigos de Seu Leandro. Conversamos por aproximadamente duas horas.

Leandro da Conceição nasceu em 1930 na cidade de Corumbá. Descendente dos famosos índios Guató, os canoieiros do Pantanal, trabalhou por mais de vinte anos com gado nas fazendas da região. Foi casado e pai de quatro filhos. Mudou-se para a cidade de

Rio Verde de Mato Grosso para proporcionar melhores condições de estudo para as crianças. Ficou viúvo, é aposentado e mora em uma pequena casa, que fica logo em frente à residência de sua filha.

Da outra vez que nos encontramos, no dia nove de setembro de 2006, a chuva não permitiu que desfrutássemos da sombra da jabuticabeira. Ficamos na varanda do fundo da casa. A filha, Tôca, estava presente e participou da roda. Ela cumpriu fielmente o papel de testemunha e fiadora das histórias narradas. O número de *causos* do Seu Leandro cresceu muito com a filha a seu lado. Não foram incluídos, nestas linhas, os novos relatos, porque já estávamos em outro momento do trabalho. Havia duas netas do narrador, que passeavam na roda do tereré.

Além das várias experiências de sua vida, Seu Leandro contou-nos dois *causos*, incluídos nesta antologia, que, apesar de serem considerados curtos, lembrando que esta é uma das condições dos *causos pantaneiros*, eram mais longos do que todos os dos outros contadores. Seus relatos estão incluídos nas categorias das Ações Mágicas e do Risco Pessoal.

Inserimos o Seu Leandro entre os Contadores Reprodutores por seu estilo metucioso de contar as histórias. Sua linguagem segue a tradição regional, principalmente a substituição do “l” pelo “r”. Seus gestos são moderados, na medida em que utiliza as mãos e os pés para expressar suas experiências, mas limita-se a ficar sentado durante todo o tempo da narração.

Para termos uma idéia da maneira de narrar do Seu Leandro, observemos o relato sobre um benzimento que foi feito para a cura de uma doença em sua perna. Este *causo* pertence à temática das Ações Mágicas (10.1.I):

- *Saiu em mim, eu sufri uns oito, nove ano, isso aqui, ói...* (mostra algumas manchas no pé e na perna direita) *ói... Depois já tava aqui, ói...* (agora, mostra manchas semelhantes no pé e na perna esquerdos) *ói...*
- ***E o que o senhor fez?***

- *Aqui, num teve benzedô, num teve médico, que eu num repassei! Fui em Biratinga. Lá tamém, benzedô, médico, diz que, ispecialista de, de, de pele, de coisa. Num achô duença em mim! Feis exame de sangue, falô:*
- *Mais, seu sangue é positivo, rapais! Ocê num tem nada no sangue. Seu sangue é oh positivo. Cê num tem, pode adoá pra quarqué um. Ocê num tem nada .*
- *Mais, e como que, como que esse troço num sara em mim, dotor?*
- *Ah, ocê num pode usá meia de lã, num pode comê tar coisa, ocê num pode comê tar coisa. – Só fazia perdê tempo. E daí arguns dia, eu tava cunversano c'uns amigo, eu trabaio aqui no depósito Rio Verde, aqui, deis ano aí nesse depósito. Carregano cimento, carregano car, carregano pedrisco e, pedra preta. E, tinha noite que eu num podia durmi! Eu punha o pé lá, os dois pé lá incima, assim, na parede pra pudê durmi, rapais! Aquilo inchava que paricia que era fogo que tava queimano por fora! Aquele troço feio, e uma coceira que, Deus me livre!*
- ***Mostra aí pra gente, como que era?***
- *Oh í! (Arregaça um pouco a barra da calça e mostra as manchas novamente) Sabe do que cumeçô isso daqui?*
- ***Não.***
- *De jogo de bola.*
- ***Sei.***
- *No pantanar mesmo. Nóis jogava bola, aí o cara me deu um chute, com a chutera, me deu um chute aqui e me relô a canela, aqui. (Continua mostrando a perna) Isso aqui, foi um sofrimento pra mim. Intão, aí, quando foi um dia, o cara falô pra mim, assim:*
- *Óia! Aí tem um véio, aí tem um véio muito bom pra benzê. Bom pra benzê esse véio. Porque o senhor num vai lá?- Eu falei:*
- *Rapais! Mais, aqui no Rio Verde, eu já tô cansado de andá, madrugada, uma hora da manhã eu vô na casa do benzedô pra ele me curá, no me cura, rapais! Eu já fui em Biratinga e o troço tá danado. - Ele falô:*
- *Vai lá rapais. – Aí, eu já tava memo danado, aí eu falei pa muié:*
- *Eu vô lá num tar de, diz que tem um tar de seu Bigode aí, né. Na vilinha aí, na cerâmica aí. Eu vô lá! Esse troço tá muito arruinado. – Tava cum pé que, andano,*

- parpano, assim. Aí, fui lá no véio. Um dia, eu levantei e fui lá. Cheguei lá, sentei num banquete, assim. Aí, a mulher dele falô:*
- *O que o senhor, o que o senhor tá quereno? - Falei:*
 - *Não, eu vim vê o seu Bigode, é aqui?*
 - *É, aqui memo. Vamo entrá aqui pra dentro, senta aí e ispera um pouco. – Aí, saiu ali, tal, me sardô.*
 - *O que que acunteceu, cumpanhero? – Falei:*
 - *Rapais, é o seguinte. Esse pé aqui, tô, agora já tô os dois lado. Eu num posso mais nem trabaiá. Num tá dano jeito mais nem de trabaiá. Eu vô, trabaio uma semana, passo duas, treis, quatro semana sem trabaiá, e coisa. Ele oiô assim, falô:*
 - *Rapaaais! Fais tempo que o sinhô tem isso aí? – Falei:*
 - *Fais tempo. Fais tempo. Cumeçô no pantanar, esse troço aí, num jogo de bola. – Ele falô:*
 - *É rapais, esse negócio tá meio difcír, hen! – Aí, falô: - Mais, pra Deus, nada é difcír. Pra Deus, nada é difcír. Mais, isso aí tá meio.... - Aí, falô assim: - O senhor é católico? Que que o senhor é? – Falei:*
 - *Não, eu sô católico.*
 - *O senhor acridita que santo fais milagre? Deus-Pai ajuda um santo fazê milagre? – Eu falei assim:*
 - *Eu num sei nada não. Mais, e eu tenho devoção por Nossa Senhora da Aparicida.*
 - *Intão, se o senhor é católico, eu vô ixprimentá curá o senhor. - Falei:*
 - *Tá bão. – Aí, ele benzeu, falô:*
 - *Eu vô benzê, tá muito brabo esse troço aí. - Ele benzeu. Falô:- Dipois de amanhã, o senhor vorta aqui. – Aí, quando foi no dia, eu vortei lá de novo. Aí, benzeu de novo e falô: - O que que o senhor tá achano?- Falei:*
 - *Bom, graças a Deus, tô achano que tô melhorano! – Falei: - Tá secano, tal. Tá disinchano a perna, já, num tá dueno.*
 - *Vô benzê mais uma veis. Agora o senhor demora mais, mais uns dia, aí se eu vê que...*
 - ***E como ele fazia, ele rezava encima?***
 - *Não, não, ele punha, as veis, sentado numa cadera lá, na bera da mesa do santo, né. Tinha uma mesa, do santo. Aí, acindia uma vela, daí punhava uns treis, quatro*

raminho de folhinha verde, assim. Punha dentro de um copo cum água. Daí, ele pegava um foia daquela, binzia a gente. Aí, binzia, binzia, pegava otra, binzia do otro lado. Pegava otra. Aí, ele falô pra mim, trazê.

- *Agora, o senhor tá sintino melhor? - Falei:*
- *Tô. Graças a Deus.*
- *Agora, o senhor vai trazê pra mim... O senhor compra um litro de vinho branco. - Aí ele falô mais uma porção de troço que tinha que levá. Era, vela, era, sabonete, num sei o que. Essas coisa. - E trais pra mim! - Aí, tá. Aí, n'otro dia, levei. Levei, ele feis o remédio, ele falô: - Agora, nós vamo fazê o seguinte: cê vai, cê vai tomá essa garrafada, se num melhorá, cê vai tomá otra. Agora, a hora que ocê vai cumeçá, pode cumeçá hoje de noite, mais, de hoje, ocê num come, ocê num come ovos, num come carne de tatu, ocê num come peixe, ocê num come carne de cutia, carne de porco. - E, foi uma porção de troço. - Pimenta, de qualidade nenhuma, de qualidade nenhuma! Ocê nem pensa em comê pimenta, de qualidade ninhuma. Daí, daqui quarenta e um dia, ocê vai terminá de tomá esse remédio. Se ocê num sará, nós vamo fazê outro. - Tá, então tá. Aí, pronto. - Num precisa ocê vim mais aqui, não. Cé só vem depois que cumpretá os quarenta dia, agora. Quarenta dia. Cum quarenta dia cê vorta aqui. Aí, cê já tá terminano de tomá o remédio, cê vai, aí ocê vem aqui.*
- *Tá! - Aí, vim imbora. Vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai. Os quarenta e um dia, eu fui lá. Falô:*
- *E daí? - Falei:*
- *Rapais, graças a Deus, eu acho que eu tô são! - Falô assim:*
- *Ocê acha que cê tá são? - Eu falei:*
- *Eu acho que tô.*
- *Agora, cê... aí, ocê vai trazê pra mim, no é pra mim! Cé trais, cinco maço de vela pra Nossa Senhora Aparecida, daí ocê vai, daí, cê vem aqui que eu vô insiná como acendê e... - Daí, tá bõ. Aí, fui, da otra veis, levei o maço de vela, assim. Aí, ele me insinô como que ia acendê lá, acendi, tudo. Fiz aquilo, ele falô: - Óia, de hoje em diante, ocê tá são, rapais! Ocê tá são. Graças a Deus! De hoje em diante, ocê pode cumê o que cê quisé! E pode tomá essas bebida de arco o dia que cê quisé, tamém. Num tem nada, não.*

- *Aí foi bom, né?*
- *Foi.*
- *Quanto tempo que o senhor sofreu com isso?*
- *Nove anos. Nove anos, com esse troço. O senhor vê aí, oh a qualidade, oh. Esse aqui ficô no coro. (Mostra os pés) Meu pé é preto assim, de tanto lavá cum, era tudo quanto me insinava. Então, foi curtino o coro. É barba-timoa, é angico, é mangava-braba²³. Foi curtino o coro.*

Neste relato do Seu Leandro, podemos perceber que ele se serve de um minucioso detalhamento e de várias situações para contar sua história. Antes de chegar à ação propriamente dita, há uma longa introdução, com vários exemplos de malfadadas tentativas para a solução de seu problema, que só é resolvido com o benzimento.

O enredo é o dos típicos *causos* sobre Ações Mágicas, que é encontrado em várias partes do país e reúne os elementos religiosos das três principais populações que formaram o Brasil. Há a mistura da pajelança indígena, dos rituais africanos e da fé católica. Essa característica é explicada por Antônio Cândido através das antigas práticas relacionadas ao modo de produção da sociedade em questão:

“Compreenderemos esse estado de coisas se considerarmos a estreita ligação das suas representações religiosas com a vida agrícola, a caça, a pesca e a coleta, e de ambas com a literatura oral. Basta focalizar, neste sentido, o mecanismo das promessas e dos conjuros, através do qual veremos uma religião eminentemente propiciatória, ligada a práticas de magia simpática, para obter êxito na colheita e na caça, para afastar ou curar males – numa mistura estreita de reza, mezinha, talismã, onde a erva do campo se associa ao pêlo do bicho e à jaculatória, onde o bentinho se prende ao mesmo fio que o dente de quati ou a unha de gato.”
(Cândido, 2001:220)

Em determinado momento do relato há uma forte afirmação na profissão da fé dos brancos, o que nos parece ser a atitude comum dos pantaneiros para fugirem de vinculações com práticas ou crenças tidas, por parte da população, como primitivas. Essa dedução é ainda mais clara, ao lembrarmos que este contador é de origem indígena.

²³ Três espécies de vegetação regional com uso medicinal;

Para concluir nossa descrição sobre o Seu Leandro, salientamos o ritmo calmo em que conta suas longas narrativas, deixando a pressa de lado e dedicando-se exclusivamente à arte de contar histórias e transmitir experiências.

Estes são os contadores de *causos pantaneiros* que tivemos a oportunidade de ouvir e dos quais pudemos dar uma impressão. Independentemente de cada estilo, todos os narradores fizeram jus à fama que adquiriram ao largo de suas vidas. Se são reconhecidos entre seus pares pela arte de narrar, é por puro merecimento. Manoel de Barros fala-nos que “*O Pantanal engole a gente*”. Nessa perspectiva, encontramos na figura do contador um sobrevivente, que, antes de ser tragado, absorve a essência pantaneira e a devolve em forma de histórias.

Em cada situação em que estivemos com esses narradores, fomos envolvidos por uma cultura regional densa, quase palpável. Não se pode conhecer de fato uma região a não ser pelas vozes de seus intérpretes. A visão do Pantanal entorta-se a partir dos *causos*. O seu cheiro concretiza-se. Os seus ruídos harmonizam-se com os mistérios de seus interiores. O homem assume a sua pequena dimensão frente à colossal força da Natureza em estado bruto, movente. E depois, sai contando isso tudo por aí.

CAPÍTULO VII

Os *Causos Pantaneiros* contados a partir de suas temáticas

Para conhecermos e verificarmos as relações entre os *causos pantaneiros* em todos os repertórios, torna-se necessária uma confrontação entre eles. Os temas do Pantanal dialogam entre si, e cada um se apresenta com determinada feição frente a seu contador. De onde veio e para onde vão, são incógnitas que podemos tentar decifrar diante da materialização das narrativas.

As percepções que aclaramos, até aqui, são comparações dos *causos* a partir de várias perspectivas. De agora em diante, calaremos nossa voz, recolheremos nossa opinião e explicitaremos as histórias pantaneiras em sua integridade. Agora é a hora do narrador e seu espectador. O caminho fica sempre mais livre e o céu mais claro sem a intromissão das vozes mediadoras.

É o que tentamos fazer aqui. Passamos para o papel aquilo que ouvimos da boca dos contadores pantaneiros. Tal e qual. Todos os *causos* foram transcritos guardando suas peculiaridades lingüísticas no que se refere ao costume de falar da região. Foram preservadas, também, as extensões silábicas, típicas do acento local.

É sabido que não é possível repassar a experiência de vivenciar a narração dos *causos*, de ouvir, sentir, ver, tocar e saber o momento da interpretação. Nesta circunstância, agarramo-nos nas histórias e suas características. Está tudo aqui. O resto é com a imaginação.

Para facilitar a localização do *causo* nesta antologia, como explicamos anteriormente, colocamos o número do contador, seguido do número de sua aparição e depois a letra que indica o seu tema. Desta maneira, quando virmos o emblema (2.2.B) saberemos que é a segunda história de cobras contada pelo Seu Perigoso.

É necessário buscar na memória, também, que os *causos* são contados originalmente sem títulos, e que os que nos atrevemos a pendurar no alto de cada narrativa foram providenciados posteriormente. Eles estão em negrito e em itálico. Também a voz do pesquisador está marcada em negrito, em uma tentativa de deixar mais claro o diálogo.

Iniciamos nosso passeio pelo mundo imaginário dos narradores pantaneiros a partir dos temas mais frequentes nas classificações propostas. O começo se dá com as histórias de Onça, que fazem parte do grupo *Causos* de Bichos:

A. Histórias de Onça

1.1.A- Seu Marcondes

O caso da onça que apanhou de um toco

- Uma veis, eu aloitei c'uma onça.
- **É?**
- É. Mais eu era novo naquele tempo, né. Tinha força, né. Ela pulô ni mim, assim, né, pa mi pegá, que ela levanta pa pegá a gente, né. Aí, eu grudei ela do braço, assim, (faz que está segurando as patas da onça com as duas mãos) e aloitemo no mei de pedra, e toco, né, esse pobrema aqui acho que é até disso (se refere ao problema no quadril), ela me jogô numa pedra, bati as cadera numa pedra. Aí, ela vei de novo, grudei ela otra veis. Aí aloitei no mei daqueles toco. Ela pulava, queria me mordê na cabeça, eu afastava ela, assim, né, (finge estar empurrando o animal) e aloitemo no mei daqueles toco ali, vai daqui, dali, né. Daí, minha sorte é que pegô um toco no rabo dela, né, *ranranran*, enroscô no rabo dela, aí ela no oiava mais pra mim, ela só cuidava o toco, né. Quando eu ia batê, ela oiava o toco e tirava, assim. Daí ela começô querê escapá de mim, né, aí, eu larguei ela e ela, oh! Se mandô. *Ranranranranran.*

1.2.A- Seu Marcondes

O caso da onça que foi montada

- Nós tava baguaiano boi brabo, né. Então, saímo naquele buracão lá. E tinha um pau, que a onça discia naquele pau e subia, né. Tava tudo arranhado, assim. E eles, quando foro fazê a escada lá, deisde dexá aquele pau pra uma

lembrança, ali né, pra mostrá, né, tinha o arranhado da onça, lá, rancaro o pau que discia, atrapaiava a escada, rancaro. Então, nós, nós chegemo lá naquele buracão, a onça tinha cumido um boi, né. Aí, né, tava durmino lá, né. Aí, nós rodiamo lá e aquele troço lá, raiado.

- O que será que é? Vamo entrá lá – Mais, pra entrá tem que marrá um laço e entrá de um. Nós era quatro. – Vamo entrá lá, vamo!
- E se isso é onça?
- Se é onça, nós briga cum ela lá. Aí, é arto, os gáio tudo, decidiro assim mais-o-meno, pra descê lá embaxo. Mais, nós no divurgava que que era, e era onça, ela tinha cumido um boi e tava durmino, assim. Aí:
- Não, se ocê pulá primero, eu pulo junto – falava. E fiquemo empariado, assim.
- Então vamo! – Aí, nenhum no quiria pulá primero, né. Eu falei: - Bão, eu vô pulá então, se oceis no pulá!
- Não, se ocê pulá, nós pula junto. Se é onça, nós pega ela lá. – E aí, né, eu falei:
- Então vamo. – Ameacei de pulá, pra vê se eles ia, né. Quase que um companhero foi, né. Falô:
- Ah, ocê no foi? - Falei:
- Não, agora, eu vi que ceis vai pulá, memo. Aí, rapais, eu pulei, mais, quando pulei, pulei muntado, era onça, pulei encavalado nela, assim. Mais, ah bicho de força, rapais! Quando o companhero ameaçô de pulá, eu tava saíno lá na barranca, muntado nela. Me tirô lá fora! Dali, ela pulô lá fora cumigo, nas costa, assim! Ficô o pêlo dela na roleta da espora, assim. Essa onça, se foi correno. Aí, os companhero ficô tudo assustado, né:
- Mais, que barbaridade! – Quando eles quis pulá, eu já tava saíno, muntado nela. Me tirô lá fora, muntado, né

1.3.A- Seu Marcondes

O caso do ataque da onça, que foi morta com uma faca

- Lá no, em Bonito, memo, tem um parente meu que foi pego de onça, aloitô cum onça, assim. Se rasgô tudo, o braço dele. A onça. Eles tava num, achô a carneada e foro procurá, né. E ela amoita, né. Quando viro, ela pulô no cara. Aí, ela se grudô com ele, aí, o cumpanhero chegô, né. Mataro ela a faca. Mais, o cara ficô tudo rasgado, o braço, assim, tudo, custela. Mais, pelo menos, mataro ela.

1.4.A- Dona Marli e Seu Marcondes

O caso da onça parda que estava bebendo água

- Eu sei de um caso de onça, mais só que é realidade. Não é mentira, não! Aonde que o irmão dele morava tinha uma furna, lá perto de Bonito.
- Pois é. (Seu Marcondes, simultaneamente)
- Eles tocavam também uma serraria, né. Aliás, tiravam madeira e foi dois, foram duas famílias, né, que moravam lá. E aí, os rapazes foram tomar banho no açude que ficava pertinho. E do outro lado, dicerto faltou água, dicerto onde ela bebia, né, uma parda tava bebendo água. Eles viram a parda e saíram correndo, né. E ela correu atrás. E eles vinham correndo e falô:
 - Recolhem as crianças! Entram pra dentro! - Mas olha, uma criança, ela conseguiu dá um tapa assim, oh! (passa a mão pela cabeça indicando o tapa da onça) Que ela entrou dentro da casa, eles mataram essa onça com faca de cozinha. Eu sei que deu até problema com o Ibama, né, porque não pode matar, diz que, não pode matar onça.
 - Deu pobrema lá c'o Ibama porque mataro. (Seu Marcondes simultaneamente)
 - Mais, isso foi uma realidade, não é aqueles casinho, é realidade. Faz muitos tempos atrás.
 - Era umas morraria pra lá de Bonito. (Seu Marcondes)
 - **E a criança morreu?**

- Não, não, não. A criança, levaram pro hospital, né.
- Tirô um tampo da cabeça da criança. (Seu Marcondes)
- E, depois o pai da criança foi chamado na polícia pra...
- É, quiriam processá ele. (Seu Marcondes)
- É, quiriam processá ele, porque matou a onça.
- Se dexa, a criança teria murrado. (Seu Marcondes)
- É, mais isso foi uma realidade, mesmo.

2.1.A- Seu Perigoso

O caso da onça que foi amarrada

- Um dia tava lá na fazenda no Pantanal, né. Tava dormino numa rede, no garpão. Tinha uma casa, tinha quarto, tinha tudo, né. Eu falei:
- Ah, eu vô durmi no garpão, pra fora. - Armei a rede no esteio e armei a outra aqui, né. Aí começô dá uns truvão pru lado da Bulívia. Dava aqueles relampo assim e chooom, o estralo. De repente, eu durmi, né. Durmi e isqueci da cuberta, ficô pra trais. Começô fazê cosca na minha oreia assim, ó. (mexe com a mão direita na orelha direita) Enfiava o troço mole aqui. Falei. - Isso é gato, né. - Aí eu dei uma oiada pra trais, era uma bitela, desse tamanho assim. (de pé, sinaliza uma altura de uns dois metros) Do jeito que eu tava na rede, caí, pulei pra trais, caí no lombo dela, da onça. Quando o patrão levantô n'otro dia, tava a onça amarrada num palanque do garpão, dessa grossura o esteio. (com os braços, faz um círculo do tamanho de um abraço) Falô:
- Perigoso, como é que o senhor pegô? Esse bicho carrega um tôro nas costa. - Eu falei:
- Ela veio passá o rabo dela na minha orelha, né. - Passô eu nem liguei, né. Só empurrei a coberta prá trais. Aí, uma hora deu na, aí eu oiei, dei uma oiada pra trais assim, era uma pintada, a mão dela era desse tamanho assim. (com as mãos, faz um círculo do tamanho de um prato) - Aí o patrão levantô sete hora, foi lá no garpão, viu aquele bicho marrado lutano, né, no palanque lá. Falô:
- Perigoso, como é qui cê pega esse bicho, essa onça. Falei:

- Mais sô caçadô, né!

2.2.A- Seu Perigoso

O caso da onça que teve a cabeça decepada por um chute

- Eu caço onça aqui, no Pantanal e agora esses dia me passaro um rádio amador lá de Corumbá, que a onça tava, o pessoal num podia saí na cidade, de Corumbá, né. A onça tava comeno. Aí eu fui pra Corumbá. Olhei no relógio, né. O relógio meu pesava quarenta quilo. Era tudo de ôro, né. Quando ficava escuro, eu ligava ele e crareava iguarzinho agora. De diamante com ôro, né, e brilhante. Aí eu ia ino, assim, (se levanta e caminha) n'um triero, de vagarzinho. De repente a onça pulô ne mim e eu saltei de lado e soquei o pé esquerdo nas güela dela. Soquei o pé esquerdo. Eu tava até, de um lado de butina, do otro lado descarço, né. Soquei o pé esquerdo nas güela dela. A cabeça dela veio pará na casa do prefeito, em Curumbá. Quando o prefeito abriu a porta, pra entrá no gabinete dele, tava a cabeça da onça, lá. Varô a telha, quebrô a lage e caiu na mesa. A cabeça dela era desse tamanho, assim. (faz um círculo com os braços) Ele falô:
 - Isso aí tem que sê o Perigoso, né, no pode! - E foi eu memo, né. Mais uma bichona! Oh o mãozão dela, oh! Dessa grossura. (demonstra um círculo do tamanho de um prato) De um lado de botina, do otro lado descarço, né, soquei o pé esquerdo nela, paaau! Avoô a cabeça.

2.3.A- Seu Perigoso

O caso da armadilha que matava até 20 onças de uma só vez

- Meu pai tinha uma espingarda de treis cano, assim. Ele (se levanta para explicar melhor) botava a espingarda num gaio de pau. Botava, assim, e ia circulano. Amarrava um barbante e desenrolava no chão, de noite. Deixava armada e gatiada, né. Quando a onça pisava no barbante, saía o tiro, peei! No otro dia ia vê, tinha quinze, vinte onça morta. Treis cano assim. (manuseando um objeto

- imaginário) Um aqui ó, um do meio e um aqui. Dava as treis partida. Com mil quilo de chumbo. Chumbão grande. Botava cem quilo de pórva e a onça pisava no barbante, né, e estorava o tiro lá, paaau! Saía nos treis gatilho. Eu falei:
- Eu vô lá, vô lá pra sete horas. - Cheguei lá, tava aquele monte de onça morta. A bala só passava no ouvido, assim. Dentro do buraco do ouvido da onça. Então o bicho ficô famoso, né. Aí pusero eu de Perigoso, né, pra eu matá onça também.

2.4.A- Seu Perigoso

O caso das três onças montadas

- Onça? A federal pediu pra mim, num matá mais, né.
- **É, pediu?**
- É pra pegá ela viva.
- **Ah! É pra pegar ela viva? E o senhor tem pegado?**
- Aí eu comprei um gravadô lá na Argentina... Uma bateria, uma televisão, um gravadô, né. Guardei assim ó, dentro de uma mata, eu puis um tendão assim ó com dois metro e meio de comprimento, né, liguei a bateria pra crariá lá a televisão, e quando amanheceu o dia o patrão falô:
- Perigoso sumiu! - E eu vinha muntado nas treis onça. Muntado nas treis. Eu abri as perna, assim... eu muntado nas onça.

2.5.A- Seu Perigoso

O caso do caçador que dava ordens para a onça

- Um dia, nós tava numa caçada, aqui na fazenda, fazenda São Miguel, aqui. Aí, o pessoal tava loco pra cumê um tatu preto, né.
- Perigoso, queria comê um tatu, hoje. Mais, não é peludo, não, tatu preto, né! - Aí, (se levanta e caminha) nós vei no mato, né. Aí, deu uma chuva, o pessoal queimaro o campo, né. Queimô o campo, né. Falei:
- Hoje tá bom de caçá, queimaro o campo. – Umás seis hora assim da tarde, então. - O tatu vai saí cedo hoje. – Aí, levei uma pá de ponta, nas costa, oito rolo de

arame. O cara levô uma sacola, assim, (indica, com as mãos abertas, um volume imaginário de uns cinqüenta centímetros, aproximadamente) de matula, né: carne assada, farofa, assim, né. E otro levô uma sacola, ali ia levano bala, *frobé*, espingarda, e levô trezentos e cinqüenta cachorro, mericano, né. Aquela cachorrada resbalô num brejão assim, eu falei: - É tatu! Se num for tatu é quexada. - Juntaro trezentos e cinqüenta tatu e entocô tudo num buraco só. Tudo num buraco. O buraco era do tamanho, do tamanho da boca desse poço aqui (aponta para o poço, que está perto, no quintal). Era esse tatu galinha. - Cunhece guaná?

- **Sei, sei.**
- Uns grandão, assim. Então eles cavucaro, feis um buraco e os tatu entrô tudo ali dentro, né. Falei: - E agora, como é que eu vô tirá? - Aí, fui curioso, né. Aí, peguei bastante, tinha levado uns litro de óleo diesel, aí aquela fumaça entrô pelo buraco, pra dento, os tatu num güentô, num güentô e saiu tudo pra fora. Aí puzemo uma jaula na boca do buraco, aí eles não güentaro a fumaça lá e ia correno pra escapá, e vinha entrano tudinho pra dento, assim. Trezentos e cinqüenta tatuzão assim, do tamanho desse carro aí (aponta para um carro que está parado na rua). Falei: - Oh, quem quizé tatu agora pode comê aí! A jaula tá lotadinha. - Trezentos e cinqüenta tatuzão preto! Entrô até uma onça no meio, uma onça pintada, assim.
- **Entrou junto com os tatus?**
- É, entrô junto com os tatu. *Rárrá*. Entrô junto com eles. Falô:
- Pirigoso, como é que fais agora, pra tirá a onça daí de dentro do tatu, aí? - Falei:
- Pára aí. - Aí, fui devagarzinho, abri a jaula um poquinho, sem dexá o tatu saí, aí chamei a onça, ela saiu pra fora, daí eu fechei lá e falei: - Agora cê fica aí. O cara vai filmá ocê. - Aí, o cara filmô a onça, filmô a onça e filmô os tatu.
- Perigoso, - o filme do tatu e da onça é dois mil dólar, né, - a onça não te morde, não?
- Ué, rapais, sô caçadô de onça, né! - Onça carrega um toro mais forte assim. O toro ta pastano, aí ela pega o toro pela nuca, assim, e leva o toro pro mato. Aí, eu peguei dexei ela lá.

- **E ela?**
- Ela ficô lá, né. Enquanto eu num dei a orde pra ela num saí dali, ela ficô lá. – Agora cê qué saí, pega esse rumo aqui, pega esse rumo aqui, só num olha pra trais. – Daí umas treis semana encontraro, pra cima de Niuaque, encontrô com a onça ali perto, a oncinha de cabeça baixa e falô:
- O Pirigoso encontrô cum essa onça, né. – Fui eu que mandei ela imbora, né.

3.1.A- Seu Oscar

O caso da cheirada da onça

- Um dia eu cismeí, separei do meus cumpanhero, né. (pausa para despedida de um senhor da roda) Eu separei do meus cumpanhero porque nós ia, ia tê que batê, segurá umas ronda, com boi, essas coisa, né. E eu num quiria passá acordado a noite intera e então, eu falei:
- Bom, eu vô separá. Eu vô dá o cano no meus cumpanhero. - E saí. Eles fôro pra lá e eu fui ficano pra trais, prá trais. Vortei, né. Eles sumiro, né, de noite. Aí então, tinha um coxo de pôr sar e cheguei ali e falei:
- Ah! Acho que eu vô durmi um poco. Aqui, dentro desse coxo, né, vô deitá aqui. - Aí, tinha uma moitinha assim, eu amarrei o cavalo lá. E vim e deitei no coxo e puis a cabeça, assim, na cabicera dele e fiquei deitado de barriga prá cima, né, porque num dava, ele era meio estreito, num dava pra mim tá virano pra lá e pra cá. O luar estava claro. Certamente eu durmi ou passei por uma madorna, num sei. E a onça veio, né. Só que ela ficô com nojo, decerto, de me comê, né. E ela ficô cherano assim, minha cara, aqui, meu rosto, (passando a mão pelo rosto) né, mexeno o nariz assim. Mas, eu tava durmino e ela só num quis me comê porque eu tava durmino. Porque a onça num come nada morto, né. E a gente tano durmino, tá morto, né. Mais, ne uma daquela, eu acordei, né. Eu abri a vista assim e senti aquele negócio frio aqui. O nariz dela, assim. Eu só virei assim, olhei, baita cachorrão. Ah!, aí, eu pulei sentado assim, e num podia gritá, era preciso gritá e

eu num podia gritá, né. Pulei assim sentado e raiei com ela. Aí, eu vi ela saí assim e foi embora. Falei:

- Bão, vai cum Deus! - *Rérrérré*. Ela num quis... - Cê num quis me comê, agora cê num vai me comê mais. - Aí levantei, peguei meu cavalo, muntei e eu sabia onde que o pessoar, os cumpanhero ia ficá, né. Fui embora encontrá os cumpanhero.

3.2.A- Seu Oscar

O caso da onça que foi perseguida

- Da otra veis foi assim: foi correno, né. Eu ia correno uma reis e saí em cima dela. Aí, ela acompanhô a reis e ela... num era mato, era, assim, bambu e aí ela saiu no limpo. Ela saiu no limpo junto com a reis. Aí, eu dei uma pensada, aí eu voltei:
- Desde pegá a reis, vô vortá lá.
- **Aí o senhor laçou a onça?**
- Num lacei, não. Aí eu curri atrais dela um pedaço. Mais, só que o cavalo, tamém ele tem medo do bicho, né. Ele num chegava, assim, perto, pra mim jogá o laço. Aí, eu curri mais-o-meno uns duzentos metro, assim. Era limpo, limpo, assim. Só que isso, esse lugar, era lá perto de São Luis de Cáceres, né, perto de Poconé, do otro lado do rio Cuiabá. Fazenda São João. Aí eu curri uns duzentos metro, assim, mais pensei melhor, falei:
- Não, meu serviço num é esse, né. Vô laçá essa onça, quando dá no fim do laço, o que que vai acontecê? Ela vai vortá e ela vai querê me encrencá, ela vai me matá, né. - Que eu tava desarmado, até num tinha levado o revórver. Falei: - Dexe ela, vai embora, vai. Cê num tá me incomodando. – aí larguei ela. Foi embora.

3.3.A- Seu Oscar

O caso do negro Belo Onça

- Nós trabalhava a noite, né. Só quando tinha lua, né. Luar. Então, nós vinha durante o dia, trabalhava durante o dia. Então, nós tinha uma cota prá pegá o gado. Nós tinha que pegá setenta, oitenta reis por dia, né, prá podê í imhora.

- Então, se nós num compretasse durante o dia, tinha que compretá com a noite, né. Mais tinha, aí tinha o home que levava a .bóia pra nós, a janta lá no campo, né. Marcava o lugar prá encontrá. Aí, nós marcamo o lugar pra encontrá e fomo. Aí, nós no completemo a cota durante o dia, fomo esperá ele lá. Nós entremo, tudo, ele pegô a vasilha, foi embora e nós fiquemo esperano a lua nascê. Porque no escuro, a gente num vai enxergá, né. Aí, nós era oito. Aí, nós deitemo tudo, assim, na grama, debaixo de um pé de árvore. E tinha um corixo e tinha um preto, na nossa turma. Então nós deitemo ali, a gente tava com sono. Nós durmimo, durmimo, todo mundo durmiu. E ela veio, viu! Ela veio e passô por cima de nós. E tinha um rapais, assim, que era inclusive, que era, que é meu amigo, ele tá vivo ainda, ela pisô na barriga dele, ele acordô e olhô, assim, e gritô, falô:
- Cuidado que é onça! - E o preto tava, assim, na minhas direita. Quando gritô, cuidado que é onça, esse preto pulô daqui e subiu numa árvore. Daí, ela caiu no corixo, assim. Só que esse dia, eu tava armado, tinha levado meu revórve. Aí, ne qui desceu, e ela ia abrino roda, peguei e dei dois tiro nela, mais num acertei. Ela saiu pra fora e correu. Aí eu falei pro preto:
 - Mais rapais! Porque cê subiu no pau, rapais? Ele falô:
 - Ah, Oscar, onça diz que gosta de preto. - Ele chamava Belo. Aí nós apilidemo ele de Belo Onça.

3.4.A- Seu Oscar

O caso da briga da onça pintada com a onça parda

- Um dia nós vinha vino. Nós fomo em Aquidauana embarcá uma boiada. Nós vinha de vorta. Então, nós ia cruzano, assim, um capão, escutemo um rumor isquisito. Mais, isquisito memo, aquela coisa!
- Mais o que será que é isso, hem?
- Num sei.
- Ah, vamo vê o que que é? O dia tá claro o que que pode sê?
- Vamo. - Aí, viemo, fomo. O rumor tava, assim, na bera de uma cerca, dentro dum mio, no meio do mato.

- Vamo apeiá! - Aí, apeiemo, corremo pra lá. Aí, tinha um capatais, era um moreno, bem moreno, quase preto. Aí, ele olhô a gente, falô:
- Ói Oscar! duas onça, tá brigano. - E falô. - Uma é pintada e a outra é parda. E agora? Vamo dexá elas brigá, né? Num vamo mexê com esses bicho. Nós tamo aqui a pé, se ela vem de lá! Onça num tem dó de ninguém, não. O mar dela é matá. Nem que ela num come, mais ela qué é matá.

3.5.A- Seu Oscar

O caso da onça que atacou um touro

- Uma veis, eu ia ino assim no campo, ia eu e o delegado, até delegado de Aquidauana, ele era muito amigo do meu pai e ele foi lá na fazenda e nós ia ino pra... então, nós ia ino assim, tinha o córgo, tinha um goiabar, né. E nós ia costeano o goiabar. Nós vimo um toro, um toro, ele saiu do goiabar e ia costeano assim, nós paremo. Paremo e ele parô e olhô pra trais, aí deu um ronco assim, e seguiu e saiu uma onça, né, mais só que era uma onça pintada memo, grandona. Saiu atrais dele, devagarzim, aí o delegado falô:
- Para aí. Vamo vê que ela vai pegá aquele toro. Vamo vê como que ela fais. – Tá bão. Fiquemo parado, ela vino, fiquemo olhano, olhano. Ela foi, ela foi, andava um poquinho ligero, parece que ela tava pisano em ovo. Aí quando chegô assim numa distância como aí, ela encoieu né. Ela encoieu e ela pulô assim de a cavalo no lombo dele. Ela pulô e, ela pula e mete a unha assim no lugar da laringe dele e puxa, ela é um bicho de muita força, ela quebra o pescoço do animar. Ela puxa, quebra o pescoço, ele cai, aí ela pula pra trais, né.
- **É, ela é traiçoeira.**
- Ela é traiçoeira.

3.6.A- Seu Oscar

O caso da onça que matou uma vaca

- Uma vez eu achei assim, num era no Pantanar, era aqui, pro lado de Bonito. Bonito! Guaicurus, aqui, Bodoquena, e o patrão arrendava um campo aí e eu vim aí, cuidá uma boiada e era morraria, e eu tava sozinho, e eu achei a batida dum gado que correu assim. Eu falei:
- O que será que foi? – Esse gado assustô, né. Mas, eu acumpanhei aquela batida, acumpanhei, acumpanhei, ele subiu o morro, um morrão, ele subiu o morro e eu subi a batida. Quando ela foi descê, eu vi uma vaca lá, morta, uma vaca, tava de barriga pra cima, iguar como se fosse gente. Aí, eu cheguei pertim dela, olhei assim, ela tava cumida, assim, no peito. Só no granito, né. Porque a onça gosta daquilo que istrala no dente dela, né. Ela come... às veis ela come só o granito memo, que é gordo, né. Aquela gordura dura. Aí, eu fiquei oiano, oiano. Eu quis apeiá pra í olhá, aí, eu pensei:
- Não. Eu num sei se esse bicho tá por aqui. - Tá certo que eu tava armado, mais, num vô cunfiá tanto no meu revórve, não. Aí eu pensei, falei:
- Não. Se ela tá aí, muitas veis ela anda de dois e muitas veis elas andam até de quatro, né. - Porque quando a fêmea tem os gatinho, né, depois de quanto? De uns... daqui dois ano, três ano, né, ela pega as reis e insina os filho cumo que pega, cumo que fais, cumo que não fais. Então, eu falei:
- Não. Pode ficá. Eu vô imbora.
- **Não facilitou, né?**
- Não! Não, não. Num dá pra facilitá, é perigoso. A onça pintada, ela num tem... ela num tem dó de ninguém não. Ela num tem piedade de ninguém.

4.1.A Carlão

O caso da onça vestida com um mosquito

- Na fazenda nós tinha treis retiro e teve uma veis qu'eu tava num ritiro desse, saí da serra e fui pro ritiro posá lá, onde tinha um povo fazeno um sirviço de roçada e

tinha um barraco, era um barraco só. Ele era alojamento, né, e cozinha, era cumpridão assim, oh! (Faz gestos para explicar o barraco) E ele tinha duas porta, era... as parede dele era de açai... num sei se ocois conhece açai? Aqui nesses pantanal daqui às veis é raro, mais, pra lá tem muito. Então, era tudo de açai. Ele é tipo um coquero. Então... e lá ficava um negão cuidano lá, sempre ficava. Gente levava gente pra fazê o serviço e eu deixava um moreno lá, que ficava cuidano pra nós, o ritiro. Só ficava ele. E onça era o que tinha lá, né! E ainda falei pra ele, vorta e meia lá, falei:

- Oh! Você fecha essa porta aí. Oh! arruma um jeito. - Que as porta lá ficava aberta, ela ficava larga, falei. - Cê arruma um jeito que a onça inda vai te cumê aí, né! - E passô, e passô, e um dia fui lá oiá um sirviço e acabei posano pra lá. E pantanal é lugar de mosquito, né. E aí, tô posano lá, todo mundo tem um musquiteiro, embaxo do musquiteiro, quando é ali pr'umas onze hora da noite, eu vi um troço mexeno. E lá a gente trabaiava cum gente que num cunhece, né. Sempre tem que tá meio ativo, né. Aí eu peguei a lanterna, fui lumiano devagazinho, que eu oei, rapais! Uma onça. Ela queria, certo, caçando o lado da cabeça do cara ali pra... aí que eu falei. - A onça! - Só deu gente, né, pulano... e aí num podia atirá também, certo. Então, eu tava até armado, mas, num podia atirá, porque no meio de tanta gente ali. Aí eu curri, naquele movimento ali, eu curri assim, fiquei na porta, fiquei escorado aqui. (demonstra a porta com gesto de corpo) Daí a pôco, aquele pisero tudo lá, ela saiu. A lua tava crara. Ela saiu vestida de musquiteiro, rapais! Passô assim pertinho da porta, assim, ainda dei um coice na bunda dela, só num matei porque num pode matá, né. Mais, dei um coice na bunda dela assim, rapais, essa onça deu um miau, ela assustô também. Ela deu um miau e oh! (Faz com as mãos o gesto referente a quem foge, raspando uma mão aberta à outra um pouco mais à frente) Rarrarrá. Aí passô lá uns treis dia, passô, um cara tava trabaiano lá no meio da macerda, lá, foi achá o musquiteiro, lá. Rarrarrá

4.2.A- Carlão

O caso da onça que apanhou do toco

- Aí perto da fazenda lá, a gente tem, tinha uma rocinha, de mandioca, plantava uma abóbora e o milho. E no pantanal tem muito porco: é o porco montero, é o quexada; e você tem de ter essa roça aí fechada. De repente fechava de pau-a-pico era muita coisa. Meio equitara, né. Aí, de tarde, um dia, falei pra mulher:
 - Vô lá rancá uma mandioca pra... - Aí cheguei lá, ranquei um pé de mandioca, dois, no terceiro que eu tava rancano, no qu'eu oiei pra trais, rapais, uma onça. Ela já tava de mão arta, assim, (levanta a mão direita) pra pegá. No que ela levantô assim, eu peguei na mão dela. Então, quando a roça é de tôco, tinha muito tôco, aí eu ia com ela, assim, c'a bunda dela no tôco, assim, pá! Ia lá, vortava de novo. Aí, uma hora daquela, ela num cuidava mais eu, certo! Só o tôco. Quando eu mandava assim, ela já ficava oiano pro tôco. Rarrarrá. Aí que deu uma forga, que eu larguei dela, né. Que dei um grito e ela oh! se mandô também. (Com uma mão aberta um pouco mais a frente da outra, faz gesto de fuga)
- **Matar, você nunca matou. Apenas assustou?**
- Sempre assustei. Matá... é que num pode matá, né. Tem que preservar, mas sempre eu dava um susto no bicho, né. Sempre dava um susto.

4.3.A- Carlão

O caso da onça que foi laçada por engano

- Aí, outra veis, tava no campo, tava bagualano. E pantanal tem aquelas restinga de mato. É campo limpo, né, e tem uma restinga de mato, quem num conhece é tipo uma iula, né. Então tem treis equitara, quatro equitara, e eu tava ali campeano um boi veiacó, boi baguá, né. E saiu nesse mundo, rapais, numa campina assim, e foi, e eu chegado nele e ele entrô nessa restinga de mato e eu entrei junto. Entrei junto e saímo do otro lado. Que ele saiu do otro lado assim... e eu assim... que deu assim, que eu saí c'uma ciposera na cara ali, né, meio embaraçado, num enxergava direito, saímo do otro lado, que eu vi assim, joguei a corda no trem.

- Dei um tirão lá. Aí, que eu fui oiá, rapais, era uma onça. Então ela tava deitada ali dentro, né, e eu entrei atrás do boi e nesse movimento ela saiu e eu achano que era o boi, né. Cê vem correno aí, coisano, lacei a bicha. E tem os cumpanhero, assim, segurano o gado. Eu falei:
- Bão! Se eu contá esse caso, o cara num vai acreditá, né. Vou fazê o seguinte: - aí tinha uma lixera, rondei ela no pé de lixera, né, enforquei bem, meio que enforquei, fui lá, amarrei. Amarrei bem amarrado nos dois pé, nas duas mão. Aí, fui lá, contei pro companhero. Falei. – Oh! Conteceu um negócio assim. – Ele:
 - Ah! Cunversa pra boi durmi, rapais! Aonde, um troço desse! Falei:
 - Uai! Vamo lá vê, pra confiri, né. - Chegô lá, o bicho tava amarrado. Rarrarrá. Aí eu falei: - bom, essa daqui eu vou dá um picote na oreia dela, pra ela ficá marcada, né. - Aí, a hora que vê ela aí vai falá:
 - Oh, a onça que o Carlão amarrô é essa aí, oh. - Porque lá, me tratavam de Carlão, sabe.

4.4.A- Carlão

O caso da onça que levou um chute na boca

- Aí, teve um otro dia, tamém, q'eu tava lá na fazenda, de tardezinha, falei pra muié, falei:
- Oh! Vô ali na baía. - Porque esses rio grande tem muitas baía, né, no Pantanal. - Eu vô ali na baía, vô pegá umas piranha. Falei. - Vai ajeitano a banha aí, que eu vô lá buscá esse bicho, essa piranha. - Aí eu vô, rapais. Naquilo, eu fui de cabeça baxa. Fui de cabeça baxa assim no triero de gado, assim, (se levanta e caminha com a cabeça baixa) berano a baía. E nisso, tamém, vinha uma onça de lá pra cá, atrás de alguma coisa pra comê, né. Então, ela vinha farejano, ela num me viu. Quando entropamo, entropamo nois dois junto assim. Que eu assustei, ela assustô tamém. Que eu assustei assim, dei um grito assim, mandei a butina. Rapais do céu! Pá! Pegô assim meio pela boca dela, assim, e ela saiu correno duro. Falei. - Tá bão. – Aí, eu oiei, falei. - Bão, já passô o susto, né. - Parei um poco. – Eu vô lá

continuá, vô na minha pescada. - Aí eu vô, tava um troço enroscano, assim, no capim. Fui oiá, a presa dela ficô enroscada no bico da butina. Ranrranrranram

4.5.A- Carlão

O caso da onça caronista

- Aí uma veis, eu falei:
- Bão! Agora eu vô lá po ritiro. - E lá, quem ia po retiro, que é uma parte mais alta, ia de canoa, mais só que no ia de barco de alumínio, ia de canoa de pau, na zinga. Aí eu vô ino, saí um dia de madrugada, que eu vô ino na ponta da canoa, bem tranqüilo, qui eu vi, a canoa chacoaiô pra lá e pra cá, que eu oiei, uma pintadoona sentada ali na proa da canoa, né. Falei. – Bão! Você já deve tá cansada de andá n'água. Você deve tá quereno uma carona pr'um lugá seco. Eu tô ino pra lá tamém. Então, cê fica queta aí que nós vamo. Ranranran. Nós vamo junto, né.

4.6.A- Carlão

O caso do caçador que ficou com a cabeça presa no buraco da onça

- Na região aí, tinha dois caçadô, aí. Então eles saía pa caçá. Aí, andano no mato lá, viro uma loca de pedra, né, então teve, um teve uma idéia de oiá,. Oiô, falô:
- Ué! Tem dois gatinho aqui. - E o cara, porque o cara infiô a cabeça pa vê, né. Aí falô:
- Tem dois gatinho aí. - Aí o cara tirô a cabeça e o ôto:
- Deixa eu oiá tamém. - Aí o ôto foi oiá, enfiô a cabeça, rapais, na hora de saí, enroscô. Dicerto no consiguia saí. E os gato que ele tava veno ali dento, era dois fiote de onça. E o ôto falô:
- Que que eu posso fazê? Eu vô tê que í lá na fazenda, trazê a ferramenta pa quebrá a pedra pa pudê rancá, né. - Mais aí o cara pensô, falô: - Daqui lá tá longe. – Aí ele falô, falô: - Oh! Companhero, o negócio é o seguinte, se a onça chegá, certo, primero ela vai te cherá. O nariz dela é bem geladinho, né, mais cê fica quéto. - Aí

o cara desceu um pouco, aí falô: - Vô lá na fazenda nada, buscá ferramenta. - Tinha um córgo, ele meteu o cano da espingarda dentro e ficô esfriano. Quando tava bem friozinho, pegô, tava bem friozinho o cano da espingarda, ele vei de vagazinho, rapais, encostô na nuca do cara. Rarrarrá! Só ficô as oreia dele. Rarrarrarrá. Só ficô as duas oreia dele enroscada.

4.7.A- Carlão

O caso do caçador medroso

- Tinha uma época aí, uns ano, que onça era demais. Então, tinha fazenda que tinha caçadô de onça só pa matá onça. Era uma época que o povo ainda no sabia dá valor nos animal, né, protegê. E pior que tinha demais tamém. Aí chegô um cara numa fazenda, rapais, pa arrumá serviço. Mais, um cara priguiçoso! No gostava de trabalhá. Aí o cara falô:
- Oh! Serviço que tem aqui é caçá onça. - Aí ele falô:
- Mais é esse que eu sei fazê! - Nunca nem tinha visto que que era onça. - Mais é esse o serviço qui eu sei fazê!
- Então tá bão. O senhor vai po alojamento, amanhã cedo já vamo escoliê a carabina p'ocê. - Aí, que abriro o quarto assim, cheio de carabina, né, ele foi lá, escoliê uma bem véia, falô:
- Vô escoliê essa véia aqui que no mata e eu tenho uma desculpa, né. - Aí o cara falô:
- Ôoo, Companhero! Cê pegô a mió carabina, hem! Essa carabina é boa. - Aí formaro, assim, a tropa assim, um cavalo véi, crinudo.
- Vô pegá aquele cavalo, qui no deve corrê muito, daí eu fico pra trais. - Ia saíno uns déis nessa caçada, né.
- Cê tá na orde, escói companhero!
- Eu quero aquele cavalo branco.
- Ôoo! Cavalo mais corredô da tropa. - E lá vai, rapais. Que a onça esturrô, né, correu gente pra lá, gente pra cá e ele já foi dano aquele jeito de caí pra trais ali e já correu e subiu numa árvore. Mais, subiu na árvore com medo, né, que o

- cachorro tinha saído bem diantado da onça. Só que ele subiu na árvore e a onça tava lá em cima e ele no viu, certo. Ele no viu que ela tava lá. Aí chegô o cachorro, uá uá uá, e chegô os ôto companhero tamém, né, o cachorro já latiu, o cara já oiô, né. Falô:
- Não, companhero! Não! No pega não! - Aí que ele foi vê, que ele olhô pra cima, que ele viu! Cagô tudo, e deu aquela reagida, aí ele viu chegá aquele mundo de gente ali, né, deu aquela reagida:
 - Vamo, vamo, atira se não eu vô pegá. - Um atirô, né, matô a onça. Ele apiô lá embaxo, aí o cara oiô assim:
 - Ué, cumpanhero! Mais ocê cagô tudo. - Ele falô:
 - Não, eu sô que nem tôro brabo, quando eu me enfezo, eu me cago tudo. - Ranranranran. Ele sôbe saí, né.

5.1.A- Seu Edson

O caso do ataque da onça que foi morta com uma faca

- Aqui na fazenda Tereré, eu cunheci um senhor, um paraguai. Ele contava uma história... e ele era tirador de madeira lá na fazenda. Então, ele trabalhava sozinho, dento da mata. E ele pegô um animal, redomão, nós falamo, né, um animal brabo, recém-amansado, e foi pro trabalho. Aí, no meio do trajeto dele, ele cruzava uma picada, que era dento do mato, e tal, pa chegá no lugar, onde ele tava tirano essa madeira. E a arma que ele tinha era uma faquinha. E um machado, né. E ele chegano lá, trabalhô até uma certa ora e vinha embora. Quando ele veio embora, diz que o cavalo no quiria nem dexá ele muntá. E ele cunsiguiu amuntá no cavalo, dento do mato, já, a onça pulô e pegô ele. Dirrubô ele de cima do cavalo. Dirrubô ele de cima do cavalo, pegô ele e... o cavalo, cortô todo o cavalo ali na anca do cavalo co'a unha, e ele... E o cavalo se mandô, né. Foi a salvação dele, né. E aí, a onça pegô ele e ele foi furano ela. Ele enfiô o braço dento da boca dela. Esse braço daqui, ela comeu tudo. (Fala mostrando o braço esquerdo e sinalizando a parte superior) E ele co'a faquinha foi furano ela. Foi, até uma hora que ele já

- tinha caído, já tava ismuriçado, né, que a onça já tinha rasgado ele tudo co'a unha, e ele cunsiguiu passá a faca e cortô o pescoço dela.
- **Com a faca?**
 - É, co'a faquinha. Cortô, aí ela ismureceu, né. Também ele ficô, d' um lado ficô, bem dizê, morto, né. Ele no tinha, quando eu cunheci ele, qu'ele era são, né, ele no tinha essa carne aqui do peito. (Passa a mão pelo lado direito do peito) Isso aqui, a onça rancô tudo co'a unha. Esse braço direito dele, aqui, era todo defeituoso. E esse aqui era totalmente...
 - **Só osso.**
 - É, só tinha o osso. Ele nem mixia, né, esse braço. Um estrago! A onça quebrô tudo isso aqui, assim, (passa a mão por toda a parte anterior do braço esquerdo) o braço dele. É uma história que eu cheguei a vê a pessoa, né, e ele contava essa história. E ele se salvô porque o cavalo veio correno e chegô na fazenda. Quando o pessoal viu o cavalo daquele jeito, foro atrais, né. E acharo ele lá no mato, todo estraçalhado. E a onça, morta. Por um acaso, ele acertô lá uma facada num lugar mortal e ela... E aí, pegaro ele e trussero pr'hospital. E ele se salvô. E afetô, mesmo, só mais, como é que diz? Superficial, né. No chegô firi por dento, né.

6.1. A- Seu Benjamim

O caso da onça que precisou de dez caçadores para matá-la

- Eu morava nessa fazenda, porque o pai da minha mulher, mãe, morava nessa fazenda. Eu ia na Santa Rita e ia passeá lá. Intão, eu falava pra eles:
- Quando oceis forem matá uma onça pintada, caçá, oceis me avisa que eu quero assistí. Que eu nunca matei. Quiria vê. - Quiria vê, assistí a matança de uma onça pintada. Intão saiu um pra vê a tropa, assim, pra saírem pro campo. Achô uma potranca morta na bera dum brejo. Do jeito que ela matô, largô ali. Num comeu, num arrastô, num feis nada. Mais adiante, um boi, de treis ano. Daí, ele ligero tocô um lado de trampo e veio pra fazenda, avisá que ele tinha visto esses dois animar morto: uma potranca e um boi. Aí intão, nós, ligero fomo pra lá. E ele num viu a nuvilha que a onça matô. Comeu a parte do granizo, que a gente fala é

- aqui (bate com a mão aberta abaixo do pescoço) a parte da ubre, sabe? Foi só o que ela comeu. Esfolô e largô lá, do jeito que ela comeu. Então, saímo pro brejo, tava seco. Tava longe já da fazenda. Aí falei pr'um dos filho do fazendero:- Olha, nós já tamo muito longe. Vamo vortá. Vamo repará lá, onde ela comeu um poco da nuvilha, o granito. Quem sabe ela tá por ali mesmo. - Tinha um parente da minha mulher, Eurídice o nome dele. Falei: - Eurídice, na hora que nós chegá lá onde ela cumeu a nuvilha um poco, eu vô pegá seu cavalo, cê corta a batida dela, olha entre a mata virge e a capuera. - A capuera, sabe o que que é. Onde ocupô pra lavora e largô. Mais, foi ele entrá uns deis metro, ele falô assim:
- Ói! Cumeu um gambá aqui! A cama dela aqui! – Cum isso a cachorrada já saiu em redor dele.
 - Ai, vai, vai, vai! - Um pampero danado. E ela foi lá pra mata virge, né, que onça num vai pará em lugar limpo. Foi lá pra mata virge. E cum isso, ela acuô no chão. Acuô, que fala, é num subiu. Intão, os cumpanhero era uns oito ou deis. Era por aí, entre guri, o pessuar da fazenda. Aí, a turma quando viro que os cachorro tava fazeno esse barulhão cum ela no chão, fôro muntano no cavalo e saíro lá pro largo. Tinha um albulquercano que é tio da minha mulher, quando ele viu que eu ia fazeno uma picada, picada que a gente fala é cortá um pau, uma coisa, pra entrá pra onde tá acuada, a onça. Ele passô a mão na zagaia e, e me acompanhô. Entramo uns deis metro ou más, falei:
 - Benedito, eu tô veno umas pintada lá e eu vô dá um tiro nessa onça, pra ela saí de lá. Vô dá um jeito aí. - Sujo demás. Tirei o revórve e atirei. Por sorte quebrô o ispinhaço, essa onça.
 - Oh,oh,oh! - Aí que ela zangava. E fomo chegano. Sei, chegô assim uns deis méto, mais-o-meno, menos. Ela levantô a cabeça, aí eu atirei. Atirei nela, caiu. Aí saiu tudo, minha mulher, o Benedito, meteu a zagaia. Zagaia ocê sabe? É uma ferramenta assim como faca pra esfolá ela, né. Ele chegô, sangrô ela. Meteu a zagaia no sangradô e... Daí intão, a onça quetô, os cachorro também ficaro quétó, viu que tava morta. Aí a cumpanherada foro chegano. Viu que quetô a coisa, foro chegano. A onça já morta. Daí um, um cumpanhero nosso, de Cáceres, Genésio, falei:

- E aí Genésio? Vai lá, pegá nosso chapéu - cum aquela arrancada que fizemo que a onça correu, caiu o chapéu, lugar sujo. Falei: - Vai lá! Pega os nosso chapéu, home de Deus. Ele falô:
- Não, o meu num quero mais. Tá velho já, num quero mais. – Rarrarrá. Que a caçada de onça, sabe, falam que sempre é duas, o casar, né. Dicerto ele pensô isso aí: - a outra deve tá aí, eu num vô não. - Aí eu fui lá pegá o chapéu. Peguei o meu e assim vinha o dele, peguei o dele também, entreguei pra ele. Ah, já pois na cabeça. Rarrarrá. Aí a cumpanherada chegaro, arrastamo lá pro limpo, pra apoiá essa onça, tiramo o coró e fomo pra fazenda espetá bem o coró da onça. Mais, era uma onça muito grande e velha. Cê já viu, um dia ou uma noite, num sei, pra fazê esse estrago. Agora o senhor avalia dentro de um ano o que que um animar desse num dá de dispesa numa fazenda, né, de criação que num mata.

6.2.A- Seu Benjamim

O caso da onça que escapou da sexta-feira para morrer no domingo

- Eu tinha um cachorro novo, tava cumeçano saí. Saímo pra curá bizerro. Esse cachorro rastejava lá, essa onça vinha, vinha. Passô um gado, ansim, correno e tampô a batida dela. Ele vortava e ia lá onde ele cumeçô. Daí eu falei pra esse filho meu:
- Tarcílio, olha o que que esse cachorro tá rastejando! - Ele apeiou olhô lá, falô:
- Uma onça parda. - Aí eu falei pra ele:
- Amarra o cachorro, vamo tirá ele. Nós viemo procurá bizerro, num tamo caçano isso aí. Domingo eu venho matá ela. - Já tava perto, num sei se era uma sexta-fera ou quinta. Chegô esse domingo, fui lá, nesse lugar lá. Levei os cachorro, era uns três cachorro que eu tinha, mais o bom era esse novo que tava cumeçano. O coiso era bom memo. Daí matei essa onça. Agora, eu num sei se essa que eu mandei tirá o cachorro da batida ou outra. Pudia sê otra ou pudia sê essa memo, né.

6.3.A- Seu Benjamim

O caso da onça que foi morta à paulada

- Então, nós fomos berano a cerca e os cachorro saíram na onça, já feis subí. E nesse dia num sei que no que pensei, num pui o revólver na cintura. E o Jusias Minerio, tinha um peão dele, um tar de Zé, lá:
- Nirso, vai ligero lá no Zé, fala pr'ele vim. Trais o revólver aqui q'ele... pra matá essa onça. - Subi. Aí enjoamo de cortá pau, jogá nela, batia no chão, ela subia n'otro pau. E inda esse home, o Zé, veio cum duas balas no revólver, falei: - Atira você, Zé. O revólver é seu, cê conhece a mira dele, atira você. – Atirô. O primero errô, o segundo pegô nela, que ela desceu, pulô no chão e a cachorrada veio encima. E eles já pegaro o pau e mataro essa onça a pau. O Nirso e esse Zé. O Nirso já trabalhô cum você. Um dia, cê toca nesse assunto, ele te conta bem. Tem gente que vai caçá é porco, é coisa... maior mintirada, maior furada. Eu nunca gostei disso, eu gosto de contá a coisa certinho, como acunteceu.

7.1.A- Seu Chumbo

O caso da onça que tirou a própria vida com uma faca

- Saí assim pr'um, pra dá uma volta no campo, pra vê se achava um porco pra dá de cumê às criança, né. As criança muito pequena, precisava de, de alimento e eu num tinha. Sempre pobre, sem ter uma coisa, né. Vivia assim. Aí, saí, os cachorro achô ela e, subiu ela... correu atrais, subiu no pau e, foi a hora que eu, que, matei, né. Mais, naquele tempo a gente podia matá né. Num tinha, num tinha nada com hoje. Hoje, hoje se chegá de matá uma onça, aí vai tê o pobrema, vem a Ibama, vem a florestal.
- **E o senhor subiu. Como o senhor fez?**
- Aí, subi, aí eu pui a faca nela lá, pui assim pra ela, ela pega e puxa. Ela, não é dizê que ela enfrenta, não. Ela pega cum aquela coisa que ela sente, e aí ela pega e puxa. E a gente põe bem no morredor, aonde vai matá ela, ela puxa e... Aí, acontece que ela memo tira a vida dela. Com a própria mão dela. Ela memo tira a

vida dela com a própria mão. Que ela puxa, né. Agora, no caso, no caso, no caso cumo tem zagaiero que... tem zagaiero que, eles tem uma zagainha desse tamanho, ele põe ali, aí ela puxa, aí ela cai, aí ele tem que pulá p' o lado de lá, sinão ela, ela cai e aí ela toma a zagaia dele e pega ele e come ele. É um bicho pirigoso, mais, o home sempre tem um poder muito, muito mais do que... tirano de Deus é o home, né. Então, os bicho num leva grande vantage porque o home tem bastante idéia, né. Ela tem idéia só pra caçá otros bichinho.

8.1.A- Seu Silvério

O caso da onça que deixou um homem em carne viva

- Uma onça pegô um cara lá. Pegô um cara lá. Ele... a onça tava urrando lá. Ele era... ele tinha um barraco desses de pescaria. Ele era pescadô. Aí a onça tava urrando perto do barraco dele. Aí ele falô:
 - Eu vô lá, vê essa onça. - Saiu ele e o irmão dele. Mais, a onça num avisa ninguém não, né. Quando, quando ela viu... ela viu eles e ele num viu ela. Ela amoitô, e pulô nele, que ia na frente. Chama Davi esse cara. E pegô ele. E o irmão dele, o Daniel, ajudô, aloitô. Ela num matô ele, mais, alejô tudo, esses nervo, assim, desceu tudo (com gestos mostra as veias dos braços). Aí, esse côro da cabeça, ela puxô pra trais assim, ficô no vivo isso aqui. (Demonstra com as mãos, o couro da fronte levantado) É verdade, é. Aí, aí eles consiguero matá ela à faca e as arma deles cabô as bala, eles tinha espingarda, né. Mataro ela. Mais, o rapaiz ficô lá deitado. Aí, fôro lá na fazenda, aonde eu tava, aí havia um barco da fazenda, motor vinte e cinco, aí eu fui lá dá socorro. Peguei ele e truxe na Lontra.
- **No Passo-da-lontra?**
- Eco! Ali memo. Truxe ali no Passo-da-lontra, ali, peguei carona, que foi aonde que ele veio pro médico. Salvô, mais ficô tudo manco. Tudo alejado, né. O bicho num é brincadera não. O bicho num é de brinquedo não.

8.2.A- Seu Silvério

O caso do caçador medroso

- O cara tava procurando emprego e, e... Ah não! Num é um cara que falô que era caçadô de onça?
- **É.**
- E ele num caçava nada, né. Ele... ele falô pro patrão dele, ele vortô pro patrão dele, disse:
- A minha finalidade é essa, é caçá onça. – Quando os cachoro bateu na onça, a onça bufô lá, ele era medroso, nunca viu, ele falô:
- Fais ansim, eu vô saf por aqui, vô atacá ela lá na frente. – E ele chegô lá e subiu num pau, lá, por causa de medo, e a onça já tinha subido naquele pau, tava mais pra cima e ele ficô mais pra baxo. Os cachoro já era prático, cumeçô acuá, os cachoro cumeçô acuá ele, ali, vai num vai. Aí o dono da caçada chegô, gritô:
- Esse bicho te pega!- Aí que ele olhô pra cima ele tava sentado pertim da onça, ali. Ele se largô de lá de quarqué jeito no meio da cachorada e a cachorada juntô ele daqui, dali, aquela gritalhada e o home... o home falô:
- Mais cê ficô feio, né! – Ele falô:
- Fiquei. - E a onça foi, pulô junto, c’aquele bolo, pulô e foi embora. – Eu fiquei memo porque oceis num me dexa pegá a onça e eu tava afim de pegá a onça e oceis num me dexaro, oh aí o que acunteceu.
- **Se cagou todo?**
- Cagô tudo. Ranranram. Se cagô tudo. Pois é. Já tinha acuntecido uma cum ele.
- **Sei.**
- Caçada de onça tamém. Ele foi... ele foi, o cachoro foi atrais da onça e ele feis a mema coisa, falô:
- Vô subi. – Tinha um toco grande, ansim, ele falô:
- Vô subi nesse toco. E vô ficá lá encima. – E subiu, ele era alocado, caiu. Quando ele caiu lá, sentiu um troço nos pé ansim. Era ninho da onça, os filhote da onça tava lá, ele caiu em cima, rapais. Dentro do buraco. Falô:

- Agora levô a quirela, né.- E a cachorada veio cum essa onça. Então aquilo vinha desceno de fasto, caiu na casa, no buraco e grudô no... quando chegô pertim dele, ele falô:
- É morte ou vida!- Grudô no rabo dessa onça e gritô:
- Rárrárrá essa onça! – subiu, despontô lá em cima, ele bateu lá no chão, lá, e o patrão dele, o dono da caçada vinha chegano, viu aquilo e gritô pra ele;
- Larga! Larga! - pensô que ele tava pegano pra matá. Falô:
- Larga o bicho, larga! – ele largô. Essa onça viajô no mato. Foi embora. Falô:
- Mais parece que ocê cagô tudo. Ele falô:
- De raiva. Não dexô eu pegá o bicho, óia aí o que acunteceu.- *Ranranram*. De raiva
- **Então, foram duas vezes?**
- Foi duas veis. Aí ele falô:
- Nunca mais. Vô embora.- E ele... diz que ele andava afim de casá com a fia do véio. Largô do casamento, foi embora.
- **Ah! Ele queria se casar com a filha do patrão?**
- É, querendo se aparecê, casá, mais aí num deu certo.
- **E isso aconteceu onde seu Silvério?**
- Isso aí, no Pantanar. Aí nessas banda aí, pro lado de Poconé por aí. Pro lado de Poconé por ali que aconteceu, isso aí. Aí, ele pegô, foi embora, nunca mais ele foi lá querê namorá a fia do véio. Porque num ia dá certo memo. Duas caçada acunteceu isso aí, né.

9.1.A- Seu Olimpão

O caso da onça que apanhou de um toco

- Uma veis eu fui trabaiá numa fazenda, de praiero, aí o cara mandô eu í rancá mandioca numa roça. Uma carroça. Ele (a onça) foi lá e eu tô arrancano, tô arrancano e tô escutano, aquele negócio tá estralano, tá estralano. Levei na paciência. De repente, esse bicho pula ne mim, assim, eu saí fora dele, peguei nas duas mão dele! Falei:

- Epa! Ocê não, né. – Aí, num tinha jeito d’eu jogá ela, eu oiei assim, vi um toquinho. Falei: - Ah, vô ali naquele toquinho. Aí, levava ela de fasto lá, batia a bunda dela no toco. Umás quatro, cinco veis. Daí umas seis veis, ela no oiava mais pra mim, só oiava o toco, né. *Rárrárrá*. Aí, eu aproveitei e empurrei ela. *Rárrárrárrárrá*.
- *Rárrárrá*. Vai embora, né. (Carlão)
- É, vai embora, que aqui cê num vai cumê ninguém. *Rárrárrá*.

B. Histórias de Cobra

1.1.B- Seu Marcondes

O caso da criança que saiu viva da barriga da sucuri

- Lá em Bonito, uma veis, um sucuri inguliu uma criança. Inguliu e, aí, dali depois de três dia é que fomo achá o sucuri. Tava durmino, assim. Tava, foi tudo o pessoal. Naquele tempo, a cidade de Bonito era ainda pequeena, né, no era muito... ali no formoso, ali. Ali que tinha o sucuri. Aí, né, todo mundo procurano esse sucuri e num achava ele. Aí, cum muito custo achemo ele lá, né. Aí uma turma:
- Tá qui o sucuri! – Aí, tava a mãe do guri, madrinha, tudo os parente, tudo chorano, né. - Num dexa o sucuri escapá! Num dexa escapá! - Ele tava durmino. Daí foro abrí pra tirá o guri, né. Aí, veio a madrinha do guri, o padrinho. Tava assim, tava estufado assim. Aí, quando começô cortá assim, aí. - Muito cuidado pra num cortá o inocente aí! - Mais, o guri era grande, tinha seis ano, já. Aí, quando abriu, abriu assim, que pareceu, o guri tava sentadinho assim na bariga do sucuri. Quando abriu assim, que crariô assim, ele enxergô o padrinho dele, feis:
- Bença, meu padrinho! (com as mãos postas) - *Ranranranran*. Aí, sarvô o guri. Daí, fizeram uma festa, até.

1.2.B- Seu Marcondes

O caso da sucuri que teve a garganta arrancada

- Uma veis, um sucuri me pegô. Eu fui pegá uma água numa pindaíba, né, aí no Guaporé, no corredô. Aí, eu ia ino, assim, falei p'um gurizote que ia cumigo:
- Vai tocano aí, eu vô enchê meu cantir ali. - Fui lá e quando baxei assim, tô encheeno o cantir d'água assim, ela me deu aquele bote ne mim, assim. Ela tava ali e eu num vi. Ah! Pegô e já me derrubô, quis escapá dela assim, ela já deu uma vorta assim, já apertô um braço meu, fiquei só cum esse braço aqui. (Mostra o braço direito) Apertô o revórve, faca, tudo e foi enrolano, que ela enrolano tudo pra daí ingulí a gente, né. Essa era grande, era como daqui lá naquele cascaio, assim, mais-o-meno. (Aponta para um pouco de cascalho a uns dez metros de distância) Aí, ela foi m'inrolano, m'inrolano, apertano tudo assim, e eu gritava pra vê se os cumpanhero escuitava. Quiii, escuitava o que! Foro embora, né. Aí, eu gritava, gritava, meti a unha nela, assim, e ela foi enrolano, enrolano. Aí, quando ela abriu aquela boca pra m'ingulí, ela ia me começá ingulí da cabeça, né. Abriu aquele bocão, eu oiei assim, eu meti esse braço até... a boca dela veio pará até aqui assim. (Faz sinal perto do ombro direito) Miti o braço assim. Fiz ansim lá dentro. (Faz um entorce com o braço) O que eu achei lá dentro, eu truxe pra fora! Garganta dela, ranquei tudo pra fora! Aí, ela foi disinrolano assim. Aí foi e me sortô, ela ficô c'a garganta tudo pra fora. Aí, ela me largô, né. Aí eu falei. - Fica aí danada!
- Aí dexei ela lá.
- **O senhor foi mais esperto que ela.**
- Ah! Se eu num tivesse feito ansim, tinha m'ingulido, tinha me cumido. Os cumpanhero ia vim lá e ia achá só o burro amarrado.

1.3.B- Dona Marli e Seu Marcondes

O caso da jararaca escondida na bruaca

- Essa cobra, foi uma vez que ele fez uma viagem. Aí, eu falei assim, ia passar num lugar que tinha muito carquejo, você conhece carquejo, né?

- **Conheço.**
- Então. Eu falei:
- Marcondes, trás uns carquejo, que acabou nosso carquejo. – Então, ele chegou de viagem e faltou algumas coisas na minha cozinha, eu falei, assim: – Vou olhar na cozinha dele, né.
- Nas bruaca. (Seu Marcondes)
- Nas bruacas. Então, fui lá vê. Aí, vi o carquejo, falei.
- Ah! O Marcondes trouxe o carquejo, né. – Aí, até ele tinha falado:
- Aquele carquejo, lá, você escolhe ele porque ele não está limpo. - Porque ele pegou de qualquer jeito, né, e colocou num saco.
- Tá bom. – Então, passou aquele dia, no outro dia eu coloquei o saquinho plástico encima da mesa e fui pegar o carquejo pra mim, pra tirar, pra mim limpar. Mais, senti uma coisa diferente ali dentro, larguei, assim! Falei: - mais tem um troço diferente aqui. - aí qui eu olho bem, dentro do saquinho, tinha uma...
- Jararaca. (Seu Marcondes)
- Uma jararaca. Mais olha! Eu falei, assim:
- Olha, como Deus é tão bom, né! Livrou ele, porque ele no pouso, ele pegou aquele carquejo e colocou encima d'uma, d'uma figueira...
- Embaxo duma figuera. (Seu Marcondes)
- Embaixo ali, tinha muito buraco, né, certamente ela morava ali...
- Eu num sei se foi ali que ela agarrô no saco... (Seu Marcondes, simultaneamente)
- Com certeza foi ali! Aí ficou. Aí então, eu peguei, né, que eu vi que era uma cobra , que eu senti na mão! Aí, eu peguei na toalha, enrolei e levei pro vizinho, né, falei: - mata pra mim porque se eu solto essa cobra, ela pode fugir. - E era uma jararaca. Já pensou?
- Ficô treis dia, treis dia ela ficô. (Seu Marcondes, simultaneamente)
- Já pensou? Ficou na bruaca, né, aqueles dias, né, uns dois dias! E depois encima do meu fogão. Vê como que é as coisas? Como Deus é bom?

1.4.B- Seu Marcondes

O caso da cobra que envenenou a corda

- Uma veis eu tava armano minha rede, assim, num, num, pondo a corda, ansim, num caibro, assim, né. Já tava iscurinho. Eu miti a corda lá, né, aquele troço ansim, ansim, mordeno, mordeno, tô pensano que é a ponta da corda que ficava ansim. Mais num pegô por muita sorte! Mais ela mordeu tudo a corda. Aí, qu'eu fui vê! Era uma boca-de-sapo do lado, ali. Mais, por um nada! Aí, qu'eu pulei lá, já nem quis armá rede ali. Mordeu tudo a rede. Fui mudá n'otro lugar ansim, aí ateei a corda no punho da rede ansim. E era venenosa! Falei:
- Deus o livre se me pegá! - No otro dia, a corda amanhiceu inchada. Num podia desatá. Inchô a corda c'o veneno da cobra. Era venenosa!

1.5.B- Seu Marcondes

O caso da sucuri que tinha um quilômetro de comprimento

- Tinha um banhado ansim, um morava do otro lado do banhado. Otro pro lado de cá, né. Gurizada tudo. Aí, foi, ansim, achô um sucuri lá:
- Vamo pegá esse sucuri! - Pegô e marrô ele lá, e, ele tinha uma junta de boi, né. Aí, puxô lá, na chinha do cavalo, neem se mexeu! Aí, trosse a junta de boi, cangado ansim. Tocava, boi juelhava e num ia, né. Mandô: - Galopeia lá na casa do meu cumpadre! Vai lá, imprestá a junta de boi dele. Fala que eu tô cum sucuri marrado aqui e num sai. – Aí, o guri foi galopiano, mais tinha que dispontá o banhado, laaá... Aí, foi a galope lá, já vinha vino otro guri, incontrô:
- Onde ce vai?
- Vô lá, papai tá cum sucuri marrado, lá, e num sai, nós puxa e tem só uma junta de boi.
- Ué! Mais, meu pai tá c'um marrado, lá, também! Ia imprestá os boi, lá. - Aí foro vê, né, foro lá vê, era o memo sucuri! Tenta, um puxano o rabo de lá, otro puxano da cabeça, num saía, né! Dava mil metro de comprimento, só. *Ranranranran*. Aí,

sortaro ele lá, caiu aquele inorme de sucuri. *Ranranran*. Dava um quilômetro, mais-o-meno.

2.1.B- Seu Perigoso

O caso da sucuri que engoliu um cavalo vivo

- Meu pai tinha uma chacinha aqui na Água Fria. Dá dezoito mil equitare a chácara do meu pai, né. Ele no fala fazenda. É chácara. Fazenda é de quinhentos e cinquenta mil em diante. Então aí, o cavalo foi bebê água no corixo e meu pai falô:
- Perigoso, vai lá atrais do cavalo. O cavalo no apareceu pra comê milho. O cavalo sumiu. – Aí, eu tava bem por ali, fui lá no córgo, né, no corixo, tava o sicuri lá, da grossura daquele pneu de cêbêê, aquele pneu trasero. Aí falei pro meu pai:
- Mais, o sicuri é muito grosso. Com espingarda, com uma trinta-e-oito no mata ele.
 - Aí meu pai passô um rádio pra Campo Grande. Veio a turma do quartel, né, de Campo Grande. Vieram de avião. Dero uma rajada nele assim. Cada tiro qui dava, caía o pente de bala da metralhadora. Aí pra matá, a gente teve que achá uma machete, foice e machado prá degolá ele. Aí matô o sicuri, abriu a barriga dele e o cavalo saiu correno.
- **Salvou o cavalo então?**
- Saiu correno. E, o sicuri deu quinhentos e oitenta metro, como daqui mais-o-meno, lá na viação. Deu quatrocentos e cinqüenta lata de banha, essas lata de vinte litro, dessas grandona.

2.2.B- Seu Perigoso

O caso da sucuri que engoliu uma boiada inteira

- Agora, esses diazinho, meu pai falô... Separô duzentas e cinqüenta vaca gorda lá na Água Fria, né, pra levá pro Jaime, pra otra fazenda dele. Meu pai, né. Duzentas e cinqüenta vaca gorda, trezentos cavalo, oitenta carnero grande, cem capado

- gordo pra levá tudo pra lá. Vinha cinco carreta no otro dia pra levá. Aí, aquando foi nove hora, chegô a carreta, encostô no pátio lá, da fazenda, né:
- Ô seu Dito, vim buscá o gado pra levá pra fazenda, lá pra otra fazenda! – Meu pai pegô um petiço, né, e falô:
 - Eu vô tocá o gado até na cabicera aqui do açude... - Na ponta do mato tem um açude, né, bem grande. Foi lá! Cadê o gado? Cadê o cavalo? Carnero, sumiu. Porco, era cem capado, cada capado dava cem lata de carne, cada um, hem! Aí, sumiu. Meu pai ficô apurado. Aí, veio um avião, daqui do Uruguai, era quatro e meia da madrugada, trompô no sicuri, rancô a asa do avião. O avião de oito motor, tava com mil e duzentos cavalo dentro do avião.
 - **Dentro do avião?**
 - Trompô no sicuri. O sicuri, a barriga dele tava uns quinhentos metro de artura e o avião veio, né, o avião pesado, de oito motor, né, com mil e pocos cavalo, o avião veio e trompô ali, rancô a asa do avião, assim... Daí no otro dia, veio um gipe do quartel, né, traçado, falô:
 - Vamo dá uma vorta aqui. – Ai subiu o açude, pra cima, achô o sicuri lá. Tinha mil-e-cem metro, o sicuri.
 - **Mil e cem?**
 - Mil-e-cem. Aí, meu pai foi e contratô a turma lá da Argentina, veio, veio um avião de guerra, né, dero quinhentos tiro na boca do sicuri, assim oh: *pei, pei, pei*. Aí, matô ele. Daí uma semana, meu pai arrumô um motosserra, serrô o sicuri por baxo com o motosserra, o gado correu tudo, escapô, tava tudo vivo, cavalo, carnero, porco, escapô tudo, virô um assopro no mundo, virô um assopro, escapô tudo. Rárrárrá.
 - **Beleza, hein?**
 - É. Aí, meu pai falô:
 - E agora? Quanto vocês vão me cobrá? Da viagem...
 - Trezentos mil dólar, né. - Aí meu pai garrô, pegô o cheque, falô:
 - Agora oceis troca o cheque lá na Bulívia. Eu tenho um ban... um dinheiro num banco lá, né. – Trezentos mil dólar. Meu pai feis o cheque, assinô em baxo, e eu assinei ali, Perigoso, matador de onça do Pantanal!

3.1.B- Seu Oscar

O caso da sucuri que morreu abraçada com a galinha

- Eu trabalhava na fazenda. Tinha um jirau, assim, que galinha durmia ali em cima, né. De noite, ele veio, mais ele num era grande, não. Deveria tê, assim, uns cinco metro. Num era muito grande, era filhote. Ele veio e eu num sei como que ele subiu no pulero e ele pegô uma galinha, né. Ele pegô a galinha e a galinha gritô e, e ele enrolô e caiu. E eu tava deitado, com o Venâncio lá no quarto, escutei. Ele falô:
 - Mais o que que é isso será, né? – Falei:
 - No sei. - Levantei, peguei a lanterna, o revólve e saí. Mai saí mei descunfiado, né. Devagarzinho porque ixiste muita traição sobre isso, né. Tem muita gente que no gosta da gente e a gente no sabe, né. E o cara vem lá, pega uma galinha, fais ela gritá, a gente sai e ele acaba matano a gente. Mais aí, eu saí na porta da cunzinha, foquei a lanterna, num vinha ninguém, aí eu falei:
 - Não. Isso daqui é cobra– Vortei. E eu tinha uma criva, e um cabo. Porque o sucuri ele só morre se furá a cabeça dele, né. Aí eu peguei aquela criva, finquei na cabeça dele e correu o sangue. Ele num güento.
 - **Teve que acertar a cabeça.**
 - Porque o sucuri, se cê for cortá ele no meio, se cortá e ele ficá pregado assim no coro, sem por nada, ele cola outra veis. Num morre, não. É só na cabeça prá matá ele.

3.2.B- Seu Oscar

O caso da sucuri que pegou um boizinho

- Sucuri, ela é traiquera tamém. Era um boizinho. Ele tava bebendo água e ela vem por baixo d'água, ele num incherga. Aí, ela chega assim, põe a cabeça pra fora e fica, né. Se a distância tá bão, ela pára ali e fica, se tá meio longe, ela baixa, some e vem mais perto. Aí, ela levanta a cabeça, aí tá na medida dela, aí ela pula, ela

- pula, aí ela já dá duas volta. Dá duas volta daquela, quem é que iscapa? Mais nunca mais ninguém iscapa dela.
- **E assim foi com o boizinho?**
 - Foi com o boizinho.
 - **Pulou no boizinho, pegou.**
 - Pegô, pegô ele aqui assim na nuca, deu duas vorta nele.
 - **E já começou a engolir?**
 - Não.
 - **Não comeu?**
 - Ela num come assim na hora, né. Ela, ela quebra tudo ele, quebra ele e ispicha ele. Ele fica tudo quebrado, ispichado. Aí, ela abre a boca dela e cumeça a babá, né. Ela baba, cumeça a babá ali pela trasera dele, tudo. Baba, baba, daí que ela vai cunsegui a ingoli ele. Mais ele tá ispichado já, tudo quebrado e a boca dela parece uma borracha, né, cabe tudo.

4.1.B- Carlão

O caso da sucuri que foi morta por atacar um cachorro

- Ó! Sucuri pa essas região lá é o que mais tinha. Certo? Teve um tempo que me deu medo. Até, eu no sô muito de tê medo. Porque eu tinha um aterro aqui em vorta da casa, uma equitara de aterro. A casa era em cima do aterro. Ainda era assoalho. Era casa de assoalho. Então, porque quando tava seco era tudo seco, né. O rio ficava treis metro do barranco. Mais, quando o dia de que o rio saía, que vinha a enchente, que o rio saía fora da caxa, então vinha subino. E uma época o rio encheu mais que os oto ano tudo. Aí tinha um garpão assim, aonde ficava as galinha. As sucuri, ele começava, ele entrava pa pegá galinha, cê contava de deiz, vinte sicuri assim, dento do garpão assim. Era aquele troço de dá medo. Mais no era sicuri grande. Era sicuri de dois metro, de treis metro. E eu tinha oto garpão assim, que no imendava. Ele era oto aterro. Ele no imendava nesse aterro da sede. E eu tinha um cachorro, que ele ia durmi, lá. Ele nadava. Até pra mim í pra lá, eu tinha que í de barco. Então nessa época, eu mandei a muié pa cidade. Só ficô eu

lá. O gado subiu po ritiro, aonde era as parte mais alta, né. E, aí cedinho, rapais, o cachorro gritô e eu fui vê. O sicuri tinha enrolado. Mais troço feio! Enrolado no cachorro. Ele já tava pa inguli o cachorro ali enrolado. Mais, aquilo paricia assim, paricia um tanque, desses de cê pô dísel dento, né. Aquele bolo cheio. E era um cachorro de estimação. Eu falei:

- Bão, esse aí eu vô tê de matá ele pa sarvá o cachorro, o bicho é uma pena. - Eu peguei uma espingarda véia de dois cano, cortei o barco, assim, atirei na cabeça dele. Aí, pa rastá esse bicho pá fora, esse sicuri deu, trinta e cinco meto de comprimento. Trinta e cinco meto. Que cê falá, sicuri de trinta e cinco meto o povo num acridita, né. Então ele, a grussura dele é, grussura assim, (Aponta uns ambores de óleo) um pôco mais grosso qui esses tamborzim de vinte litro de óleo. É um pôco mais grosso. O bicho era feio.
- **Então você matou com tiro?**
- Cum tiro. Esse, eu tive de atirá. Que sinão, ia pegá até a gente, ali. Enquanto tava aqueles pequeno, eu falei:
- Bão, esse é fiotão. Ceis vai vivo aí, eu no vô mexê c'a vida dos ceis não. Agora esse aqui já é mei criado, né. Vô tê de... - Ranranram. E aí a água ficô assim ó, na frente da casa assim. (Ergue o braço sinalizando uma altura de uns dois metros) ficô mais de dois meto.

4.2.B- Carlão

O caso da cobra que serviu de laço

- Uma veis eu correno atrais de um boi lá, labei o boi, né, e dirrubei, tirei a manilha da cintura, porque sempre a gente no Pantanal, o pantanero, usa uma manilha, era a corda de côro pa amarrá o bicho no pé, ali. Ranquei, assim, ela da cintura, assim, (faz que tira uma corda imaginária da cintura e finge apertar um animal imaginário com ela) tô apertano o bicho aqui, ele mei que deu uma mexida, eu passei a mão, amarrei o boi nos dois pé e dexei amarrado. Aí, eu fui aonde tava o sinuero, que os cumpanhero já vinha vino c'o sinuero. Chego lá... o cara chegô lá pra desatá, né, falei:

- Desata lá o boi lá. Chegô lá pa desatá e foi pa desatá assim, pulô pa trais:
- Ah! Eu no vô desatá esse boi, não. - Falei:
- Porque rapais? - Eu fui vê, tinha amarrado o boi c'a boca-de-sapo. Ranranranran.

5.1.B- Seu Edson

O caso da cobra que serviu de remédio

- Teve nessa época, que eu me lembro, que aconteceu... O capatais que trabalhava c' nós, tal de Seu Armírio, ele tinha uma firida na perna, na época não se falava câncer, né, falava firida braba. E aquela firida dele não podia ficá sem um pedaço de carne fresca, ou uma coisa assim, que ela cumia, sabe? Fazia aquela coisa mais feia do mundo. E nessa viagem, mesmo, que nós féis... então, ele no quiria matá uma criação pra por ali, né. Mandô um pião matá um bicho pra que ele pusesse ali a carne. E o pião no achô nada, matô uma cobra e tirô o corô da cobra. Pra ele no sabê que era cobra, né. E pois um pedaço, assim. Ele pois lá e marrô, e tal. Passado uns dois o três dia, o negócio começô a secá. Aí, ele perguntô p'o pião que que o pião tinha posto. Aí, o pião ficô cum medo de contá e, aquela coisa toda. Mais, no fim terminô contano pra ele, né. Ele falô:
- Não, eu puis um pedaço de cascavel. – Tá. Aí, ele falô pro pião:
- Então, agora cê vai prucurá otra. Porque minha perna tá sarano. – E, o pião foi, a procura, até achá, e trosse. Colocarô de novo, no mesmo lugar. E com o passar de um meis, mais-o-meno, a firida sarô.

5.2.B- Seu Edson

O caso da sucuri que foi morta enrolada no bezerro

- Olha! Sucuri, eu me lembro muito do meu pai contá uma história de sucuri. Isso em mil novecentos e quarenta e seis, quarenta e sete. Eu tinha quatro, cinco ano de idade. Eu me lembro disso e, depois, de ele contá a história. Ele comprô uma fazenda no Rio Verde e ele tava formano a fazenda. E ele tinha uma cadela, uma cadela pulcial, que no saía do pé dele, né. E um dia ele, ele vinha vindo da

invernada, trazeno um gado pra fazenda, e passava um córrego, um corguinho. E, no passar nesse córgo, a cadela barrô o gado e no dexô o gado passá. E começô a lati, tal, e era um sucuri, que tava dentro da passage e ele deu um bote e pegô um bezerro e a cadela começô a bagunçá e meu pai insistino pro gado passá, mais por causa daquele bezerro que tava ali, né. A cadela latino e o bicho pegô o bezerro. A sucuri. Aí, o velho largô o gado e foi vê o que que tava aconteceno. Chegô lá, deu cum ela inrolada no bezerro. O bezerro recém-nascido, ela pegô. Aí, ele matô, marrô na chinha do cavalo e levô pra casa. Tinha doze metros de comprimento. Diz que, era uma enorme. Mais-o-meno dessa grussura, assim. (Faz um círculo com os braços) Um enorme dum bicho. Aí, levô pra casa.

5.3.B- Seu Edson

O caso da sucuri que foi morta com uma faca, para largar uma cadelinha

- Poucos dias atrais, um colega meu tinha uma cadelinha, dessas paquera, e ele ficava lá na chácra dele, caçano paca. O sucuri pegô a cadelinha dele. Ele tomô! Ele pulô cum ela dento do rio, sentou-lhe a faca até matá a sucuri e tomá a cachorra. Ele falô pra mim que só num feis respiração boca-a-boca na cadelinha, mais, do resto, ele feis tudo e a cadela voltô. E no matô. Só que, ela andô distroncano a mãozinha da cadela, no consiguiu arrumá. Mais, tomô a cadelinha. Ele disse que a sorte dele é que no era grande a sucuri. Era uma sucuri de mais-o-meno uns quatro, cinco metro.
- **Coragem, hem!**
- Ele falô pra mim que pulô dento d'água e pegô ela. Pegô ela embrulhada com a cadela, né. Aí, diz que juntô ela na cabeça, assim, (aperta a mão direita no ar, como se estivesse imobilizando a cobra) foi passano a faca e foi cortano, até qu'ela soltô a cadelinha.

6.1.B- Seu Benjamim

O caso da sucuri que deixou um rastro de dois palmos de largura

- Uma vez, eu fui numa fazenda pra í castrá os cavalo pr'um cunhado meu. Fui lá pra... Aí, eu fui berano uma baía muito grande. Baía da Santa Virgínia, é o nome da baía. Lugar de muito peixe. Um areiãozinho, ela saiu, saiu da baía pra entrá dento do mato. Num sei que mistério que tem a sucuri que gosta de entrá dento do mato. Sempre, a gente vai tirá folha de acuri pra cubri um acampamento ou casa, memo. Que pra lá antigamente os rancho era só de palha, que fala rancho é o morada da gente, só com folha de acuri. Então, berei, assim, um areiãozinho bunito, vi, batida dessa sucuri, que saiu da baía í pro mato. Apeei só pra mim midi. Deu dois parmo meu de largura a batida dela, batida é o arrastadô onde ela passô. Eu falei:
- Eu vô vê esta sucuri! Vô vê! - Amarrei o cavalo, fui siguino, siguino, num lugar mais limpo, aí pegô o caraguaterão, larguei da batida: - num vô entrá aí no caraguaterão, não.

6.2.B- Seu Benjamim

O caso da sucuri que foi morta por atacar um cachorro

- Eu morava num lugar, perto aí da Esperança, os cachoro, nove hora do dia, tão tudo na sombra. O cachoro cumeçô a gritá, gritá lá, falei pr'um dos filho:
- Vai lá. Corre lá. Vai vê que que foi cum esse cachoro. – Deu uma carrera lá. Uma sucuri. Já tinha enleiado ele aqui, (passa a mão ao redor do pescoço) no pescoço e o dente aqui, (passa a mão na parte anterior da perna) no garrão do cachoro, aqui. Seguro aqui. Ah! Nóis coremo ligero lá, pr' acudi ele. Tivemo qu'acudi. Se n'acode, tava morto. Ela tava bem segura, no cachoro.
- **Mataram a cobra?**
- Matamo. E tinha um cachoro mais velho, quando viu que o cachoro tava gritano, avançô no sucuri pra largá do cumpanhero. Tinha um guri que num tinha medo, pegô no rabo dela, cumeçô esfregá num pau, assim. Ela largô.

7.1.B- Seu Chumbo

O caso da sucuri que engoliu uma criança

- A criança tava na bera do rio, ansim, e a sucuri vinha vino e pegô a criança. Quando a pessoa achô farta da criança, foi lá, já era só... Já tá dento da barriga da cobra. Porque antigamente tinha sucuri muito grossa, muito grande, né. Hoje num tem porque ixiste muita queimada e secô muito o pantanar. Que onde tem muito dessas coisa, é no pantanar aí.
- **E abriram a barriga da sucuri?**
- Ah! Abriro, tava a criança dento.

9.1.B- Seu Olimpão

O caso da sucuri que com um risco de faca, soltou um menino

- Nós tomemo um sucuri dum guri uma veis. Nós tava tomano banho num curixo e o guri tava pulano na água, né. Nós tava sentado na bera do corixo, quando escutemo, o guri gritô lá, quando fomo vê, o bicho tava enrolado nele até aqui (passa a mão pela cintura). Aí teve um véio que conseguiu disinrolá o sucuri dele. Aí o véio pegô uma faca e riscô ele.
- **Com uma faca pequena?**
- Uma faquinha pequena, aí ele disinrolô na hora e já... (com as mãos faz um gesto de fuga)

C. Histórias de Outros Animais

1.1.C- Seu Marcondes

O caso do porco-monteiro que cortou a ponta de um cavalo

- No Pantanar, tavam quereno laçá um, (porco-monteiro) e ele tava acuado ansim, c'os cachorro. Falei:

- Vai trupelá os cachorro. - E o cara com o laço isperano, falô:
- Eu vô laçá ele. – Laçava e capava e largava pra ingordá, né. E, uma hora daquela, aquele porco, mais partiu de lá que ele já arrancô o cavalo, o porco deu uma cruzada ansim, pulô arto, assim, e cortô a ponta do cavalo dele. Mais, um taio, assim! Ele pula, que só veno. Cortô. Mais, ligero! Tava como daqui nesse pau aí. (Aponta para um poste a dois metros de distância) Assim, o cavalo ligero! Mais quando ele quis arrancá o cavalo, o porco já, já tinha passado o dente. É ligero o bicho, se facilitá, ele corta!

1.2.C- Seu Marcondes

O caso da ema salva-vida

- Então, lá no Pantanar tinha um morro, né, aonde tudo que era bicho ia lá, né, ficá no siguro. Socorria lá, né. Era cobra, onça, quexada, cervo, gado, tudo escapava lá, né. E aí, lá morria de fome, depois, né. Ficava lá, a enchente durô tempo, né. Então, muitos se via doido, se jogava na água, né. Então procurava saí, as veis, alguns escapava saí, né, otos não, né. Então, eu tava tirano o gado, né, aí, sabe aquelas chata de madeira, né, ia lá onde achava aqueles gado iliado, ia lá e pegava eles e botava, né. Ia a canoa, né, ia a cavalo. E botava lá e trazia, né. As veis rebocava e trazia até pegá num lugar seco, né. Aí largava. Aí um dia, nós tava tirano um gado e aí o dia já tava taaarde, né. Aí, falei:
- Oeis vão ino que eu vô dá uma oiada aqui. Eu tô achano que tem gado lá naquele capão. - E a água tava, os cavalo ia bola-pé, assim, nadava um pedacinho, daí ia bola-pé, né. O companhero falô:
- Mais óia que ocê num vai saí mais lá! A água tá chegano. - Eu falei:
- Não. Ainda dá tempo. - E eu fui, né. Devagarinho, o cavalo bola-pé, nadava um poco, né, fui ino. Daí um poco veio uma onda d'água conforme tava encheno, né. E daí o cavalo começô nadá e num tomô mais pé, né. Foi nadano, nadano, nadano, daí cansô. Cansô, num güentô mais. Fui tentiano na crina dele, assim, devagazinho, né. Daí ele num güentô mais, fundô. Eu ia na ponta daqueles pau,

parado de tocá assim, tava tapado, já. Eu discansava um pocco, né, depois que eu discansava um pocco, eu nadava um pocco, né. Aí ia ino. Aí... É o bicho mais nadadô que eu já conheci na minha vida é a ema, né.

- **A ema?**

- *Hanram.* E eles tamém tava, né, quereno escapá da enchente. Então aí, eu ia nadano assim, vi aquela cabeça. Que a ema assim quando cê vê fundada, parece uma cobra a cabeça dela, né. E quando eu vim vê assim, falei:

- Baala! Agora, uma cobra aqui! - Aí, que ela nadô, assim, eu vi que era uma ema, né. Ia nadano sem rumo, assim, né. Aí, eu falei: - vô morrê junto cum essa ema, né. - Aí fui assim, peguei ela do tronco da asa, assim, né. (Com as duas mãos semi-abertas, uma em cima e outra em baixo, em sua frente, segura e doma um eixo imaginário) Aí endereitei ela ansim. Aí ela, cum aquele movimento dela ansim, nadô, memo, né. Antes ela ia sem rumo, né. Daí, eu peguei ela do pescoço ansim, aprumei direto naquele capão, né. E eu num ia largá tudo o peso nela. Ela ia nadano e eu no pescoço dela, assim, aprumei direto nela aqui. E eu nadano só c'uma mão, assim, no largava o peso encima. Firmei ela assim, aí né, quando tava perto assim, eu já tava cansado e vi que ela já tava cansada tamém. Ela, desnortada. Quando ela tava quereno fundá, eu fazia uma cosca debaxo da asa dela e ela... aí ela nadava, memo. Criava força, arma nova, né. Aí, saí lá naquele capão, né. Como diz o ditado, ela me sarvô e eu sarvei ela, né. Aí tirei ela lá, dexei ela lá no seco. Aí fiquei lá, posei lá. Aí, a turma n'otro dia pegaro uma canoa e foro detrais de mim. Acharo que eu tinha morrido.

- **E o cavalo foi arrastado.**

- O cavalo morreu. O cavalo morreu afogado, num güentô. Aí, eu fiquei lá naquele capão. Daí, de loonge eu vi eles vino. Aí, eu gritei lá, eles foro lá, eu tava lá, no meio de bicho. Tinha tudo que era bicho: cervo, quexada, cobra, onça, num importava de gente. Ficava tudo lá, amoitado lá, iscundido.

1.3.C- Seu Marcondes

O caso do sapo esperto

- Então, lá no Pantanar, nos tempo da chuvarada, o poço d'água é bem raso, né, então, eles acostumam fazê o poço e carçá c'o carandá, racha o carandá e carça. Que nem... fais assim, iguarzinho esse coiso. (Mostra uma madeira apoiando o balaústre de uma árvore.) Aí, fais o bocar nessa artura assim, (com a mão direita, faz uma altura de aproximadamente meio metro) e corta um caibro fino, né, e fais tipo uma manjarra, e finca um esteio lá, assim, e, põe lá e, na ponta do carandá, ele põe um varote. Um varote arto e ali na ponta, amarra o barde, né. Aí, fica facinho, né. Só chegá lá pra puxá a água, né, pega do varote, assim, puxa, o carandá levanta, baixa, aí o barde, pega no fundo do barde, tem ferro pa o barde virá, né, pa ele, põe um peso na ponta do barde, né, esse era o istrivo, né, istrivo desses de metar, pesado, pa, na bera do barde, pra quando caí lá, virá e enchê d'água, né. Intão. Aí. Fácir, puxava, largava, então o barde levantava, puxava, botava na boca do poço, tirava. Então, dispois, na seca, os poço seca, né, fica argúum cum água. Intão, era uma seca braba, nós viajano, c'uma seede, e tudo cuidano, né. Aí, vi aqueles palanque:
- Ah lá tem um poço! Vamo lá ,de trote lá. - Chegava lá, seco. Aí, via otro lá, cum muito custo, num tinha água. Mais, aquilo tava, quaiado de sapo, né, lá dentro! Eles sintia a água e subia na berada, caía lá e, tomava a água, mais no podia saí mais, né. Aí nós chegemo num daqueles, tava cheio de sapo, falei:
- Vamo encostá. - Sede, num tem esse, que num bebe, né! No vai falá: - “Eu num vô tomá essa água”. – Cuava na camisa e tomava, no tereré. Aí, chegemo num poço, tinha água, mais aquilo tava cheio de sapo. Aí, começemo a esgotá, fomo sortá o barde lá, bateu no lombo do sapo, *aiim*, saía de três, quatro sapo, no barde, jogava fora. E um, num quiria saí, né. Aí, nós tomemo, falei:
- Dexa ele aí. - Aí, cuemo na camisa a água e, pusemo erva na guampa e tomemo bastante tereré, que aquilo, dispois, a barriga ficava roncanno, de tomá aquele cardo de sapo, né. *Ranranran*. Aí, dispois, eu falei:

- Eu vô tirá esse miseráver! Ele tem que saí! Porque que os otro tudo saiu e ele num saiu? - Aí, baxava o barde véio, ele oiaava ansim, né (faz um olhar atravessado) ficava oiano ansim, vinha pra entrá no barde e ricuava. Aí, eu falei:
- Vai, fica aí miseráver! Ocê vai morrê aí. – Aí, otro rapais falô:
- Eu vô dá mais uma tentada! - Puxô lá e ele ficô oiaano, ansim. Aí, ele oiô, ansim, viu o istrivo, né, pois ele num entrô no barde! Num entrô dentro, os otro tudo entraro dentro do barde. Ele, a mão dele, de sapo, é iguar a mão de gente, só que é ansim. (Fecha um pouco os dedos esticados, da mão.) Ele pois as duas mão na berada do barde e colocô o pé no istrivo. E, veio ansim grudado, ansim, repuxano ele e ele veio bem ansim. (Aperta as duas mãos fechadas ao lado esquerdo do rosto, como se estivesse pendurado em uma corda.) Quando saiu na boca do poço, ansim, o pião largô o barde na boca do poço, ansim, o sapo pulô pra fora, ansim. Sartô lá e feis ansim pra mim. *Ziziziz!* (Põe o polegar direito na ponta do nariz e mexe rapidamente os outros dedos). *Ranranranran*. Aí tomô o mato.

1.4. C- Seu Marcondes

O causo do sapo que levantou um caminhão

- Uma veis, nós tava ansim, tomano tereré debaxo dum pé-de-manga ansim, chegô um caminhão, né. E o caminhão, ansim, parô ansim e foi lá tomá tereré tamém. Caminhão tava cum quinze mir quilo. Aí, dispois, iam discarregá, né. Aí, nós lá tomano tereré, e, e eu olhano, tomano tereré conversano e prestano atenção no caminhão, lá. Daí, dava uma levantada assim e baxava, né. E eu oiano aquilo, levantava e baxava. Tinha sido, o caminhão, a roda parô incima d’um sapo, ele tava chocano na grama, assim, a roda parô incima, ali. E ele forçava ansim pra saí de baxo, mais só levantava, mais num tinha jeito, né. Aí eu falei:
- Mais, oceis tão veno, tão prestando atenção no caminhão, lá?
- O quê?- Eu falei:
- Presta bem atenção lá, no trucão de trais. – Aí, ficaro tuudo oianno. Daí a pouco, a roda levantô, né. Falô:

- Uai! Mais o que que é aquilo? – Aí, ficammo olhano tudo, a roda levantô de novo, baxô. Fomo lá, né, aí, oiemo, inxerguemo male-má a mão dele, ansim.
- Mais oh, um sapo! Um sapo! - Aí, né, o cara falô:
- Se eu mexê aí com ele, aí vai achatá ele. Vamo pô o macaco, pra tirá o miseráver daí. - Aí tirô. Um chicão, um daqueles macaco grande que chama chicão. Levantô! Quando levantô, ele feis iguar esse que tava na boca do poço. (Põe o polegar direito na ponta do nariz e faz movimentos rápidos com os outros dedos) Saiu, pulô pra fora, tava suado já! De tanto ele vortejá, né.
- **De tanta força.**
- *Ranranran*. Sartô fora! Mais, já pensô, a força do bicho? A força do bicho, hein! Falei: - mais quê... - ninguém carcula, né. E é um porcária, né! Mais, tava já fundano a grama, onde ele sortava ansim, e levantava, estufava.

2.1.C- Seu Perigoso

O caso da caçada de tatu preto

- Um dia, nós tava numa caçada, aqui na fazenda, fazenda São Miguel, aqui. Aí, o pessoal tava loco pra cumê um tatu preto, né.
- Perigoso, queria comê um tatu, hoje. Mais, não é peludo, não, tatu preto, né! - Aí, (se levanta e caminha) nós vei no mato, né. Aí, deu uma chuva, o pessoal queimaro o campo, né. Queimô o campo, né. Falei:
- Hoje tá bom de caçá, queimaro o campo. – Umás seis hora assim da tarde, então. - O tatu vai saí cedo hoje. – Aí, levei uma pá de ponta, nas costa, oito rolo de arame. O cara levô uma sacola, assim, (indica, com as mãos abertas, um volume imaginário de uns cinqüenta centímetros, aproximadamente) de matula, né: carne assada, farofa, assim, né. E otro levô uma sacola, ali ia levano bala, *frobé*, espingarda, e levô trezentos e cinqüenta cachorro, mericano, né. Aquela cachorrada resbalô num brejão assim, eu falei: - É tatu! Se num for tatu é quexada. - Juntaro trezentos e cinqüenta tatu e entocô tudo num buraco só. Tudo num buraco. O buraco era do tamanho, do tamanho da boca desse poço aqui (aponta para o poço, que está perto, no quintal). Era esse tatu galinha. - Cunhece?

- **Sei, sei.**
- Uns grandão, assim. Então eles cavucaro, feis um buraco e os tatu entrô tudo ali dentro, né. Falei: - E agora, como é que eu vô tirá? - Aí, fui curioso, né. Aí, peguei bastante, tinha levado uns litro de óleo disel, aí aquela fumaça entrô pelo buraco, pra dento, os tatu num güentô, num güentô e saiu tudo pra fora. Aí puzemo uma jaula na boca do buraco, aí eles não güentaro a fumaça lá e ia correno pra escapá, e vinha entrano tudinho pra dento, assim. Trezentos e cinqüenta tatuzão assim, do tamanho desse carro aí (aponta para um carro que está parado na rua). Falei: - Oh, quem quizé tatu agora pode comê aí! A jaula tá lotadinha. - Trezentos e cinqüenta tatuzão preto! Entrô até uma onça no meio, uma onça pintada, assim.

3.1.C- Seu Oscar

O caso do cachaço que cortou seu caçador

- Nós fomo no campo e tinha um rapais, um tar de Roque, até cobra matô ele. Ele era muito meu amigo, o Roque, nós trabaiava junto. Aí, nós ia ino, achemo um cachaço e o pião da fazenda é iguar criança, né:
- Ah! Cachaço aí, vamo caçá ele?. - Saiu coreno ele, o Roque laçô ele, laçô ele e apeiô do cavalo e foi pra pegá na perna dele e o porco virô de lá e viu ele, e ele foi corrê e, inroscô no laço e num pôde corrê, e o porco veio, ainda bem que pegô ele aqui na batata da perna.
- **Sei.**
- Quando deu aquela pernada assim, já...
- Ah, na hora. Se fosse aqui incima na barriga
- **Sangrando**, tinha murrido, né. É um bicho muito pirigoso, muito. Eu tenho mais medo do porco do quê da onça, né.

3.2.C- Seu Oscar-

O caso do dia em que o caçador montou no porco-monteiro

- Lá no pantanar tem muito, (porco-monteiro) né. De repente ele saiu na minha frente. Ele saiu, e ele... eu tinha um cachorro, grande, e ele era cachaço também. Ele saiu e correu e eu corri atrás dele a cavalo e pus o cachorro, né, e o cachorro pegava. E o cachorro pegou ele da oreia e o cachorro é muito prático, né, e o cachorro pegava e incostava nele assim. Ele num podia cortá o cachorro e eu tinha cunfiança no cachorro, né. Quando o cachorro pegô ele, eu pulei do cavalo e fui pegá ele da perna. Peguei ele da perna, derrubei ele e juelhei cum esse juelho isquerdo aqui, (segura no joelho esquerdo) aqui no pescoço dele. Só que eu tava armado, tirei o revórve daqui (finge puxar uma arma de trás da cintura) e infiei bem aqui (aponta para a sua própria cabeça), eu discuidei naquela hora, num sei o que que foi, o porco deu uma isperniada e levantô. Levantô e eu saí muntado nele, né.
- **No porco?**
- No porco, né, sem querê aquilo. E saí cum a cara virada pro rabo dele, né. Mais do jeito qu'eu saí, né, ele era menor do que eu. Eu saí pra lá, né, saí e virei, já virei cum o revórve na mão, e ele veio em mim, né. Ele veio e ele ia me cortá , né.
- **Voltou de novo?**
- Aí, quando ele chegô em mim cumo daqui aí, (aponta um metro à frente) eu atirei ele bem na testa, mas só que... e o cachorro tava lá. Só que a bala num entrô na testa dele. Ela pegô e ricocheteô e pegô o cachorro assim na mão, dele. Gritô porco, gritô cachorro, né. Aí o porco saiu, né, aí o cachorro quis de pegá ele, eu num dexei, gritei cum ele, ele vortô. E foi imbora.

3.3.C- Seu Oscar-

O caso porco-monteiro saltador

- Nóis ia ino, nóis era dez home, ia ino e tinha um lá, tinha uma lagoa, né, sêca, e ele tava lá. Ele era grande:

- Ah! Vamo laçá ele, operá ele. - E ele era bravo, memo. Nós ia ino, quando nós viramo pra ele, ele virô e veio. Ele veio roncano memo pro nosso lado e nós c'aquilo. Corremo, corremo e tinha um rapaz chamava Parício. Ele, ele meio que abriu de nós, assim, e o porco acumpanhô ele. Porque o porco é assim: se ocê tá parado ele vem, ele trompa na gente, ele num corta, né. Mais se ocê movimentá, intão aí fica no jeito pra ele... E ele arcançô o Aparício. Isso é coisa que eu nunca tinha visto na minha vida. Ele pulô assim de cruzada, ele sartô lá incima, ele pegô o cavalo lá incima na cadera do cavalo, mais aí ele abriu um táio muito grande. Mas abriu memo.
- **E o cavalo saiu doido?**
- Não, c'o cavalo num acunteceu nada c'o cavalo.

4.1.C- Carlão

O caso do papagaio tocador de boiada

- Outra veis, nós fomo tirá uma.... porque lá tinha boi erado, lá... fomo tirá uma boiada de lá. Fui levá n'ôta fazenda, na fazenda Guaraju. Então era, dava quarenta dia de marcha. Aí nós tamo viajano e todo dia um papagaio acompanhano a boiada. Falei:
- Tudo bem, né. - Aí de dia, o papagaio lá e, chegan lá, que entregemo a boiada. No que contamo a boiada, sortamo no pasto, começô a gritá:
- Eh boi! Eh boi! – Falei:
- Uai, o troço tá assombrado, né. - Mais aí fomo confirí, vê o que que era. Aí que fomo vê. Então, tinha um boi muito erado e criou um oco no guampo e o papagaio feis o ninho dento do oco do guampo dele, né. Agora, o peão tá gritano com boi todo dia, ali ele aprendeu falá, né. *Ranrranrram.*
- **Então o papagaio fazia a vez do peão?**
- Fazia as veis do peão. Então, ele já aprendeu falá, né. Então, é assim, umas história que você conta, as veis tem gente que num acredita, né. Mais, é uma história verdadeira, né.

6.1.C- Seu Benjamim

O caso do porco-monteiro que cortou o garrão do cavalo

- Montero, em toda fazenda, sempre tem. Montero, que a gente fala é porco baguar.
- **O senhor já passou perigo com monteiro?**
- Ah, já. Mais muitas veis, principalmente o baxo, esse é pirigoso. Pirigoso mesmo, num é de í nele de qualquer jeito. É pior de que uma onça, só falano assim. A onça, cê tá c'a zagaia, revórve, ocê iscora no... No cachaço, ele arrancô de largo ocê, ou ele te derruba, ou te corta, qualquer coisa ele já feis aí nessa passada dele. É ligero!
- **Ele já cortou o senhor?**
- Não, nunca cortô. Tive sorte. É que eu lutava cum muito cuidado, viu. A gente vai pegano prática. Mais num é. As veis, por mais cuidado que a gente tem, sempre acontece.
- **Mas o cavalo, ele já cortou?**
- Ah, já. Dum primo mesmo, meu, via falá, que um cachaço um dia, ele correno pra pegá um mato. Ele falava, muitos falavam:
- Pode í pegá ele. Coisa que num tem pirigo. - Ele apeiô, foi pra pegá, ele saiu fora dele, o cavalo tava ali perto, ele já apontô pro garrão. O garrão pra gente aqui, é isso. (Passa a mão no nervo de trás da perna, sobre o calcanhar) Alejô o cavalo. Até tivero que matá esse cavalo porque já num prestava memo. Cortô esse nervo da perna, né. (Passa a mão pela perna apontano o nervo) Torô de um a um desse jeito. Se cê vê ali, é só nervo que tinha o cavalo.

D. Histórias de Pescaria

2.1.D- Seu Perigoso

O caso do peixe que roçou uma ilha inteira

- Na fazenda do seu Escoto... é, o ermão dele era prefeito, Jair Escoto, né. Então agora ele tá preso em Campo Grande. Então, o ermão dele... Então, fui pra lá, né:

- Perigoso, vamo dá uma pescada? – Falei:
- Vam bora. - No meio da ilha tem um capão de mato, né, grande no meio. A ilha de roda e o capão no meio. O avião veio, desceu bem naquele capão ali, passô ali e largô eu e o ermão do prefeito. Falô:
- Quatro e meia eu venho pegá os senhores. – Falei:
- Tá. - Aí fiquemo pescano até quase quatro e poco. Consegui. Peguemo dizoito dorado, o mais pequeno foi quinze metro, o dorado. Aquela moita que tinha no meio da ilha, que amarrei a linhada, o peixe torô tudo. Ficô prano, assim. No tem mato, no tem nada agora. A linhada torô, roçô tudo assim. Aí, o cara falô:
- Mais, tem esteira aí? Derrubô tudo o mato. - Mais, no era. Era a linhada qu’ eu marrei, muito grande, né, como daqui lá no Adriano. Fiz a laçada e amarrei. E o peixe tão grande, deu aquela arrancada, roçô tudo o mato, torô tudo. No ficô nada. Ficô prano iguar esse piso aqui.
- **Ficou pronto para plantar.**
- Falei:
- Vamo prantá arrois, né, prantá um feção aí.
- **E conseguiram comer os peixes?**
- Ah! Aí veio um açoguero. De uma cidade, pra lá de Cuiabá um poco. Um açoguero, né. Veio numa carreta, dessas de treis exo. Falei:
- Quanto o senhor qué nos peixe? - Falô:
- É, oitenta mil dólar. - Ele no mexe com dinheiro, é dólar né. Falô:
- Cheque ou dinheiro? – Falei:
- Dinheiro e um poco de cheque, né. - Oitenta mil dólar. Aí truxero o motosserra, serraro o peixe de treis, quatro metro. Foi serrano, tirano as tripa e foi pono dentro do frizo, na carreta. Um frizão como daqui lá na caxa d’água, assim. Foi pono os peixe. Os mais pequeno foi pono no otro frizo, mais pra trais. A carreta véia vinha bufano, né. Vinha quase tolano naquele asfalto. Mais, mais cabô tudo, agora o dono de lá do, de lá da Amazônia era um prefeito no sei de onde que era. Ele que comandava lá. Falô:
- Perigoso, cê mora onde? ; Falei:
- Moro no Maracaju.

- Em que lugar?
- Na rua Circular, vila Margarida, número trezentos e trinta e um. Cê picura lá o Perigoso, melhor pescadô do Mato Grosso do Sul.

4.1.D- Carlão

O caso dos peixes que saíam fora do rio

- Então, aí nessa fazenda qu'eu tava lá também... na época que o rio enchia, era fartura de peixe, certo? Porque? Quando tava sêco, ele tava treis metro lá abaxo da caixa dele. Aí, quando era na época de... começava ali, dezembro, ele vinha enxeno, enxeno. Quando chegava pa janero, ele tava um parmo pa saí fora da caixa. E, lá tinha muito boto, né. Então, o boto vinha pa pegá pintado, essas coisa. Do jeito que ele vinha correno pa escapá ali, quando ele assustava, ele tava do otro lado do... encima do barranco. As veis eu chegava do campo assim, tinha oito, nove, déis. Déis pintado. Vem cá Rique! (Grita a um rapaz que passa longe) Tem déis pintado ali assim. Aí, eu escuí a um bom pa cumê e os ôto, eu jogava de vorta po rio. *Rarrarrarrarrá*

4.2.D- Carlão

O caso da piraíba que engoliu um homem

- Ali é uma região de... é uma região de muito peixe, né. De peixe grande. Ali tinha a piraíba, piraíba, té inclusive, ela pegô uma pessoa lá nessa região, certo? Então a... porque os pescadô, eles desce c'aqueles barco batelão, né. É um barco c'um motor, né, e ele leva quatro, cinco conoinha de pau. Aí, eles pára no ponto de pescá, aí uns vai c'a canoinha pr'um lado, pescá naquela baía e, e aí teve um, até tinha dado uma chuva, teve um que foi pescá, só que num vortô. Aí, os cumpanhero... num vortava, num vortava, e era uma época tamém, que a tartaruga tava botano, certo? Que lá, quando o rio tá baxo, ele tem muita praia, né. Tem um rio lá de seicentos metro de artura.
- **Não é o rio Madeira, não, é?**

- Não. É o Guaporé. Aí, ele é bem pra baxo de Vila Bela. Que até a Vila Bela ali, que ele nasce aqui no Mato Grosso, mais até Vila Bela ele tem navegação. E de Vila Bela pra baxo já começa sê inavegável, né. Aí, já começa tê extensão de largura. Aí, fôro atrais dele, aí só acharo o chinelo e a rôpa dele na praia. Então eles descunfia que ele chegô pa pegá um ovo de tartaruga na praia, encostô a canoa, mais o vento vem jogano onda e a canoa deve tê ido discolano. Quando ele viu, ela ia rodano e ele caiu pa pegá. Porque ele sumiu, só tava o chinelo dele e a rôpa dele ali. Aí vai percurá e, já veio corpo de bombero, tudo. Então, dispois de treis dia, acharo ele numa baía, dento da barriga duma piraíba. Ela inguliu ele, só como ela era um fiote só ficô o pé dele de fora. Isso depois de treis dia.

E. Os Seres Imaginários

1.1.E- Seu Marcondes

O caso do Pelé Assombração

- Uma veis, eu vinha viajano c'uma tropa, aquele tempo eu recém tinha cumeçado. Naqueles tempo, num tinha caminhão, a tropa ía e vortava a pé, tocano. Aí, o patrão falô pra mim:
- Ocê vai cum a tropa. Vorta cum a tropa. - Falei:
- Tá, vorto. – Aí, ele falô:
- Num tem pressa. Onde ocê achá lugá, pasto bão, ocê pode fazê a posada cedo. – Aí, eu falei:
- Tá. – Aí, já fazia oito dia que eu vinha tocaano a tropa. Aí, era duas horas da tarde, uma fazendoona, ansim, rapais! C'o retão de pasto, que eu vinha e oiava, piquete pra lá e pra cá. Falei: - vô chegá aí cum discurpa de tomá água, se, cunforme o agrado, eu já vô posá aí. – Aí, cheguei, pidi licença, um garpãozão, né! A pionada lá:
- Vamo incostá o burro pra cá! Vamo dá ré! Vamo tomá tereré! – Falei:
- Tá, vamo! – Aí, tomei tereré primero.
- Vamo dá ré! Vamo largá a tropa no piquete! Já tá aqui. Cê aceita?

- Ah! Vô aceitá. Fazê o quê?
- Vamo pô a tropa sua ali naquele piquete bão de pasto, tem sar no cocho, tudo. – Aí, levemo a tropa lá, né, tomemo tereré. Daí, falô:
- Pode ficá à vontade aí. Nós vamo fazê bizerro mamá agora, e pode ficá à vontade aí. – Fiqueei lá! Daí, oiei o garpãozão grande, assim, gancho de armá rede e o lugar de por o arreio. Aí, eu oieei, assim. Falei:
- Vô armá minha rede aqui e ficá discansano um poco, dispois se tivé um dono aqui, eu troco de lugar. Vô imbaxo daqueles pau, ali. – Aí, tô lá deitado balançaano. Aí, quando fooro ficano detardezinha, foi um pretinho lá. Pretinho que alumiva! Era praieiro, né. Chegô ansim ne mim, falô:
- Ô! O patrão lá mandô falá pro senhô que a hora que batê o sino é pro senhô í jantá lá e o senhô levá sua rede e armá lá naquele otro garpão. - Eu falei ansim:
- E aqui, num dorme ninguém?
- Não, num dorme. De primero durmia, mais é assombrado. Ocê num vai durmi, aí. - Falô pra mim. – E eu brinquei cum ele, né. Falei:
- Qual... Mais, que sombração?
- É, parece aí, um troço aí. Vem batê estrivo, aí. Pega o estrivo e bate de noite.- Eu falei:
- Mais, eu nunca vi sombração! Eu vô posá aqui, se oceis num importa, eu vô posá aqui e se aparecê, eu vou pegá! - Falei brincano c’o pretinho. Ele vortô correndo:
- Ele falô não, disse que se num fazê mar, ele vai posá lá, e disse qu’ele nunca viu assombração, ele vai pegá ela! - E era ele, que era sonâmbulo, né. Mais, ele nem de dia, ele num quiria í lá no garpão. De medo. Aí, né, bateu o sino, fui lá, né.
- Mais, intão, ocê tá quereno posá lá? - Falei:
- Não, eu num cunheço, nunca vi sombração, quero vê! – Aí, já o patrão falô:
- Se ocê cunsigui dormi lá e descubri o que que é... - Deis cruzero aquele tempo era dinheiro, né. Ia sê cem real hoje, mais-o- meno. - Se ocê cunsigui posá lá, eu te dô deis real, amanhã cedo! – Falei:
- Ah não, intão... - Meti uma bolsa lá e já cumeçaro a me enchê o saco. - Quero vê quem é que vai corrê de lá! Quem que vai vim correno de lá! – Aí, jantei, daí, já fui pra lá, né. Armei a rede, fiquei deitado. Aquilo, acabô o sono, num dormi, né.

- Nada! Nada! Falei: quá! num tem, não. - Quando foi meia-noite, mais-o-meno, começô, batê o estrivo, lá, *tuum, tuum*, e veio vino. Quando chegô perto, assim, da minha rede, né, eu sentei na rede, paricia qu'eu ía corrê, né, peguei ele de susto, né. Quando foi passano, eu fui na bera, que bateu o estrivo, *tuuum*, daí, eu pulei nele, ansim. Peguei ansim, ele durmino, mandei no chão, que ele bateu a boca, ansim. E gritei:
- Cheeega, que a sombração tá pega, aqui! - E ele acordô c'aquela voz de assombração, né, tinha muito medo, né, gritava:
 - Socorro, a sombração me pegô aqui! – e eu gritava:
 - Cheeega, que a sombração tá pego aqui! E ele gritava pa acudi ele, que a sombração tinha pegado ele, lá. Aí, viero tudo correno, lá. Chegaro lá, eu tava apertano. Ele tinha apilido de Pelé:
 - Mais óia o Pelé! – Falei:
 - Esse que veio aqui.
 - Mais é o Pelé! – Ele ficô assustado. Falei:
 - Esse que veio aí.
 - Mais, Pelé. O que é isso? - Aí, foi imhora, né. Daí, já ficô mais uns pião durmino ali cumigo, né. Aí o patrão feis eu posá de novo, pra vê se ele num ía de novo. E aí cum aquele susto, aquele choque, num sonhô mais. Aí nada, né.
 - **O senhor acabou com a assombração.**
 - Aí, cabei com a sombração dele lá e ele deu uma matula, reforçô minha matula e os déis cruzero, também. Fui emboora, né.

1.2.E- Seu Marcondes

O caso do homem que acompanhou uma assombração até ao cemitério

- Uma veis, o cara, diz que, ia ino, de tarde, né, e, é bobera tê medo, né, de cimitério. Quando anoitece no passa na frente de cemitério. De noite, né. Tem medo. Mais, pra quê dá medo? Tudo tá morto lá, né. Aí, o cara ia ino, né, já detardezinha, tinha que cruzá na frente do cimitério. Aí, diz que ele ia ino, daí um poco, antes de chegá no

cimitério, diz que ele viu uma, uma mulher que ia ino, de ropa branca. Diz que ia ino, ansim, andano ligero. Diz que ele correu:

- Ou, ou dona! - A dona virô, ficô esperano. - A senhora vai pra onde?
- Tô ino pra cá.
- Ah, vamo junto.
- Intão, vamo junto, tô meio solita. - E foi pruziano cum a dona. Aí, nisso já foi iscureceno, né. Quando chegô de frente da porta do cimitério, diz que, ela falô:
- Bom, eu vô ficá aqui.
- Ficá aí no cimitério, essa hora?- Falô:
- Mais, eu moro aqui. – *Ranranran*. Mais, isso foi acuntecido, né. E entrô no cimitério. Mais diz que aí, quando ele passô do cimitério, rapais, mais, diz que, correu! Mais, diz que correu! Da dona cumpanheira, dele. *Ranranran*. Que tava cum medo. Diz que falô:
- Bão, Aqui, eu vô ficá.
- Mais, como que vai ficá essa hora aqui no cimetério, de noite? - Aí, ela falô:
- Mais, eu moro aqui. - *Ranranran*. Mais, diz que aí, ele correu, memo! Diz que tem esse troço, né.

1.3.E- Dona Marli e Seu Marcondes

O caso da assombração que atirava pedra nas pessoas

- Então, tem uma fazenda lá perto do Bonito, por nome de fazenda Fênix, não sei se vocês já ouviram falá? (dona Marli)
- **Já.**
- Já. Então, nessa fazenda, é uma coisa que acontece há muitos anos, desde a época do meu avô, que meu vô era solteiro na época, mais, eu vou contá da época dela. (Aponta para a filha, que se encontra a alguns metros de distância e aparenta ter a idade de, aproximadamente, trinta e cinco anos) Que ela tinha, a Magali tinha... Magali, que idade você tinha, quando você foi na fazenda Fênix? Cê tinha o que, uns doze?
- É, acho que é, doze ou quatorze. (Magali, de fora da roda da conversa)

- É. Nessa época. Então, contaram na minha igreja, chamaram lá, para as pessoas irem lá orarem. Eu sou adventista, né. Então, juntou muitas pessoas e foram lá, inclusive ela. Mais só, que ela era uma pessoa que duvidava muito, e jovem, né. Então lá, que que acontecia? A comida, eles derrubavam, né, jogava pedra nas pessoas, nas crianças, tinha uma menina lá, que queria vim embora de tudo quanto é jeito, com a outra minha filha, porque sofria demais, né, que judiava muito dela, essa assombração. Aí, eles foram. Na hora que eles foram fazê a oração, essa daí duvidô, sabe. E a outra minha filha, ela estava, disse:
- Mamãe, eu não fechei o olho, tava de olhos abertos. – Ela falou, ela viu uma mão preta! Ela viu! E jogou a pedra pra acertá nela, quando ela abaixou, assim, pegou nessa daqui. Essa fez um escândalo que eu vou te falá, sabe. Então, na época do meu avô, nessa mesma fazenda, ele batia muito nas criança, batia nos animais, né. Então, a pessoa que morava lá, falou assim:
- Não, vamo mudá daqui. Aqui, não tem condições da gente morá. – Aí, quando eles já estavam no meio da estrada, ele falou assim: Graças a Deus, nós saímos daquele lugar amaldiçoado, né! Que agora nós não vamos mais sofrê as tentação do, do, do, do inimigo. - Quando ele terminou, falou assim:
- Não adianta, eu tô indo aqui na tua garupa.
- **Falou para ele?**
- Falou pra ele. Isso foi na época do meu avô. Agora, na época dela, né, quantos anos ano se passaram? E é uma coisa que sempre acontece lá nessa fazenda Fênix. Mas, eu acho que talvez, seja pelo nome da fazenda, né. Porque vocês sabem o que que significa fênix, né? Daquela ave que ressurgiu das cinzas, né. Então, aquilo certamente não é coisa boa. Não é coisa de Deus, né. E, talvez seja por causa desse nome, sei lá!
- **Há muitas histórias de pedras, que jogam, né.**
- Pois é. É um troço que acontece... (Seu Marcondes)
- Lá na fazenda Capão Alto... (Dona Marli, simultaneamente)
- E ela num acreditava, falô:
- “Eu vô lá, pra vê se vão jogá pedra ne mim!- Foi dito e feito” (Seu Marcondes)

1.4.E- Seu Marcondes

O caso do tiro do Pai-da-mata

- O cara uma veis tava esperano, uma meia-noite lá na mata, iscura, e longe que era. Aí, diz que, ele tá laá subido no giral, lá. Daí um pouco, diz que viu que vinha vino, o bicho. Diz que ele levô a lanterna, ansim, diz que viu bem um matero, um viado, tocanno a oreia, ansim. Diz que aí, diz que ele firmô a lanterna, quando ele, levô a ispingarda dele pra atirá o viado, diz que, quando ele levô a ispingarda, ansim, que ele quis puxá o dedo, diz que, saiu aquele baita tiro atrais dele, ansim. Diz que quando saiu aquele tiro lá e aquela vóis ansim:
- Ansim que a gente se atira! (Com voz grave)- Mais, diz que esse cara se jogô lá de cima de quarqué jeito. Diz que ele largô até a ispingarda dele e, oh! (Bate a palma de uma mão na ponta da outra, fazendo gesto de fuga rápida) Dexô até a arma dele lá no mato. Diz que escutô aquela vois, saiu aquele tiro, aquele tiro pra trais, por trais dele, ansim, e aquela vois, “ansim que a gente se atira”.
- **Pegou no veado?**
- Ele nem viu! Diz que aquele tiro que deu, ele assustô, se jogô lá de cima e, e, saiu loco, ficô quase loco.
- **E esse era o Pai-da-mata?**
- É, deve sê, né. Porque tava só ele lá, não tinha cumpanhero nenhum. Aí, quando veio o bicho, que ele foi atirá, que antes dele atirá, saiu aquele tiro por trais dele, ansim, e aquela vois, “assim que a gente se atira”. O cara nunca mais quis sabê de esperá.

1.5.E. Seu Marcondes

O caso do Pai-da-mata que surrou um cachorro

- Na Santa Otília, uma fazenda muuito grande, lá, né, surrô o cachorro, né. Tão bagualhano boi, lá, pegano boi brabo, né, aí, um morro, assim, e um meio buracão, assim, né. Aí, saiu aquele grito, ali, sem ninguém.
- Ué! E esse pião que gritô? – E um grito isquisito, né. Ah, aí, um falô:

- Fica queto, hem! – Deu dois grito. E o cachorro foi lá, foi lá, mais já gritô. Gritô e veio correno de lá. Surrô o cachorro, eles escutaro o grito. Aí, no animaro de í lá vê, naquele buracão. Era um grito feio, né. Aí, esse cachorro, era um cachorro bão, mais bão, interado! Esse cachorro, no otro dia, já num quis saí mais no caampo. E foi ficano triste, triste, até morrê. Morreu o cachorro, com essa surra.

1.6.E- Seu Marcondes

O caso do Lobisomem que atacou a própria esposa

- Ah, o lubisome, uma veis, diz que lubisome é gente que cria. Ansim contaro pra mim. Isso foi verdade, memo. O marido da muié virava lubisome e saía de noite. Diz que virava um cachoro, né. Então, tinha uma muié, tava de vistido vermelho, o vistido dela era vermelho, né, era vizinho desse, né. Foi lá sustá a vizinha, virô lubisome e foi lá. Aí, né, denoitinha ansim, ela tava assim pra fora, vançô nela! E ela correu pra entrá dentro da casa, ele mordeno. Rasgô tudo o vistido dela, no dente. Aí, né, aquele bafafá e tinha mais vizinho, né, e aí, saíro procurano ele.
- Ô! Apareceu um lobisome lá na minha casa! - Foi daqui, dali e ele foi e disvirô, né. Foi, foi, disvirô, né. Aí no otro dia cedo, né, aquele zuero que “viraro lubisome” e “foi lubisome lá”, aí ele foi cunversá, né, verdade, memo! Diz que tava a linha do vestido da muié, no vão dos dente dele, ansim, vermeio. Aí, diz que o home oiô, ansim, já discunfiado dele, falô:
- Abre a boca!- Falô: - Cumpanhero, tem uma linha no seu dente, aí, iguar a linha do vistido da minha muié! – Aí, descubriro que era ele que virava lubisome.

1.7.E- Seu Marcondes

O caso do Saci bêbado

- Uma veis, eu dei um fogo no saci. Que, eles gostam muito de pinga, né. Essa eu contei pr’oceans?
- **Não, não contou não.**

- Pensei que tinha contado! Eu ia ino, de noite eu tomava pinga, tinha o, sorte que tinha pinga no cantir! Aí, eu ia ino assim, daí um pouco, ele tem um bonézinho vermeio, né, mais-o-memo dessa artura assim. (Com a mão direita, sugere uma altura de um metro) Aí, eu olhei ansim, saiu aquele, incostado no cavalo ansim, o cavalo bandiô ansim, né, eu tranquei, levantei o cavalo na reta, tranquei, e ele junto, no despencava na outra estrada. Aí, né, foi, foi, eu falei:
- Vô tomá um gole de pinga pa, reagi, né. – Tinha um restinho de pinga, né, tomei um gole, ansim, e fiz ansim cum o cantir: - Qué um gole, companhero? – Ele foi chegano assim, aí pegô. Mais, óia, eu iscuitei até os gole dele, *glu, glu, glu*. Treis golão ansim! Me passô o cantir. Eu peguei o cantir, né, já levei na mão. Foi mais-o-meno uns quinhentos metro, fiz que tomei e passei pra ele, tava pra cima do meio, o cantir, quase cheio, né. Aí ele, *glu, glu, glu*. Mais, gostava de uma pinga! E aí, foi, foi ino, foi ino, mais-o-meno uns doois quilômetro, decerto, ele já cumeçô cambaliá, saiu fora do trio da estrada, né. Foi ino, foi ino, saiu, *pá!* Daí tomô o úrtimo gole, secô o cantir, o meu cantir de pinga. Aí, né, ele já ia ruim, aí, tinha uma curva pa fazê, né, a estrada ía anssim, aí virava de uma veis, e ele já ia cambaliano, né. Aí, quando feis a curva lá, ele num guentô fazê a curva, ele foi direto! Foi direto, caiu de bruço numa moita assim. Aí, eu fui imhora, né. Toda hora eu oiava pa trais, né. Aí, otro dia, eu vortei lá, tava só o amassadô onde ele ficô caído, lá. Se não fosse a pinga, eu num sei se ele ia longe, atrais de mim. Mais, ixiste, o saci existe.

1.8.E- Seu Marcondes

O causo do homem que viu o Pé-de-garrafa

- Um dia, nós ia ino numa fazenda, o cara falô, que diz que, falô que ia ino assim, já bem de tardezinha, viu aquele vurto, correno, assim. Correno, correno, e trompano em gaio de pau. E ele diz que ficô oiano, falô:
- Mais, óia aquela pessoa, só c'uma perna! – E era o Pé-de-garrafa, rapais. Só que, correu dele, né. Correu dele, quando foi vê, o pé certinho. Contô pra turma:
- Vamo lá vê! – Fôro procurá até se achava, no capão, lá. Mais, no acharo. Acharo só o rasto dele, né. Aí, falô:

- Ah! É o Pé-de-garrafa!
- **E o Pé-de-garrafa faz o quê?**
- Ah, o Pé-de-garrafa, se achá uma criança, um guri como aquele, (aponta para um menino que passa na rua e aparenta ter uns sete anos de idade) ele pegava e levava embora, né. É que nem esse tal de Saci. O Saci, ele pega criança e leva, tamém, né.

1.9.E- Seu Marcondes

O caso do caçador que atirou no veado e matou o próprio irmão

- Uma veis, dois irmão, tava na espera. Pertinho um do otro, né. Aí, tava isperano. Aí, o otro que diz que sempre avisava, né, gritava ansim, “vamo bora!”, né. Pa avisá o otro, pa, né... Diz que esse dia, ele num avisô. Desceu de lá, tava cum sono, né. Desceu de lá e veio na ispera do otro. Diz o otro que era um viado iscrito. Veio chegano ansim, quando ele oviu a pisada, ansim, levô a lanterna, diz que era um viado. Atirô na cabeça! Quando deu aquele tiro, escutô aquele grito bem... Gritô né, quando tomô o balaço. Quando caiu, ele gritô:
- Ô, fulano! – Aí, nada, no gritô, né. Desceu de lá, foi c’o irmão dele morto. Isso acunteceu, memo, lá no Serradinho, numa mata que tem lá.
- **Tinha virado bicho?**
- Virô o bicho, dicerto que num presta, esse troço, né. Num sei porque. Dicerto, tentação, né. Diz que, aí ele contava, ficô quase lôco, diz que era um viado iscrito. A hora que ele atirô, diz que atirô um viado e aí era o irmão. Matô o irmão. Isso acunteceu, lá. Eu era guri essa época. A família dele ficô quase loca. Muitos fala que num presta, né, esse negócio de caçada, ansim, matá os bicho, tirá a vida dos bicho à toa, né.

2.1.E- Seu Perigoso

O caso da fuga do Pai-da-mata

- Óia, uma veis eu me perdi. Meu cunhado falô:
- Perigoso, ocê vai lá na fazenda.. - Eu saí da otra fazenda era quatro e poco da tarde. De dia, né. Aí tinha uma portera véia, né, uma portera véia, tinha uma portera e um corxete de abrí, pra entrá tractor, que num é pra entrá no corredor, aquilo chama corxete. Eu vinha vino e o burro num chegava na portera, só fastava pra trais. Eu carcava a espora no burro pra chegá lá na portera, pra mim apiá, pra abri a portera e o burro só chegava pra trais. Falei:
- Esse trem tá de rolo! - Daí passô um poco, deu um grito atrais de mim *Íiipu*, aí eu ranquei o quarenta-e-quato véio e dei uma sapecada por trais, assim, oh: *pec, pec, pec*. (Com a mão direita imita um revóver e se vira para trás fingindo atirar) Dei seis tiro. Aí, abrí essa portera, empurrei o burro pra lá, fechei, muntei e... (Bate uma mão na outra indicando fuga) bora pro mundo.
- **Nem olhou para trás?**
- Daí, ele gritô otra veis. Na frente, ele gritô. Bem na frente de onde eu ia. Aí eu só tinha mais três bala no tambor, tinha levado mais sete bala no borso, e falei: - E agora, se vim eu sapeco a barba dele num instante. - Aí gritô otra veis, né. Falei: - Sabe o que eu vou fazê agora, vô por a lanterna. – Aí, com estilingue quase do tamanho dessa quadra aqui, eu tinha comprado uma lanterna de cento-e-trinta quilo, um farolzão deste tamanho, (abre os braços) criava daqui mais-o-meno pra diante de Campo Grande, trezentos-e-oitenta quilômetro, e marrei essa lanterna na cabeça do arreio, na frente, assim, marrei c´uma corda firme. Era de dia, né, falei: vô disligá senão vai acabá a pilha. - Aí, desliguei, aí peguei, tirei tudo a pilha pra não gastá pilha, né. Quando foi de tarde, lá pelas cinco hora, fui arrumando as pilha tudo otra veis no lugar. Peguei, liguei ela, quando gritô lá, puxei ela até aqui. Falei: - Vem aqui, sô!
- **E o senhor não viu mais o bicho?**
- E o bicho sumiu.
- **Era o Pai-da-mata?**

- É o pai do mato.

2.2.E- Seu Perigoso

O caso do Bicho-sem-cabeça

- O meu pai mandô eu vim aqui em Maracaju. Eu vim a cavalo. É cinquenta quilômetro da Água Fria, né:
- Quando... se ficá tarde, cê posa. Aí é perigoso. - Num tinha esse asfalto, era terra, né. - É perigoso aí. - Aí eu botei minha guaiaca na cintura, duas fivelona, botei o trinta-e... bicho na cintura, marrei na perna, botei um chapeuzão grandão, uma gravata aqui, oh, (faz como se estivesse se vestindo) vermelha com uma medalha de ôro enfiada. Um cavalo bão, meio sestroso, né. falô:
- Você fais a compra lá, de manhã o cara trais. - Quando cheguei ali, pra cá do... o senhor no conhece pra cá, né?
- **Não.**
- Pra cá, né, qui vai pro lado da eme esse, na usina.
- **Na usina, sei.**
- Pra lá um pouquinho. Ali escureceu. Tinha uma portera. Tinha uma portera e um portão. A porteira aqui e entrava era o portão. (manuseia um portão e uma porteira em miniaturas imaginariamentente) A lua tava bem por aqui. (aponta para o céu) Era umas, uma hora, por aí, da madrugada. E eu vinha vino ali com o cavalo e o cavalo deu uma sentada pra trais. Tinha um troço sentado em cima da portera. O palanque da portera era grande. Num tinha pescoço, tinha só os braço e as perna. E eu num tinha uma lanterna pa focá nele. Tinha os braço dos dois lado e as perna. Num tinha o pescoço. Esporiava o cavalo pa chegá na porteira e ele num queria chegá, só dava arrancada pa trais, né. Eu falei:
- Mais num pode! - Aí eu apiei. Apiei do lombo do bicho, peguei o saco, enfiei a vara da portera pa trais, puxei o cavalo pra cá, fechei traveis a porteira, andei uns déis metro. Eu tava lá na frente daquele bicho, na frente do..., lá no fim... naquele estradão, tava bem no meio da estrada, parado lá, com a mão cruzada assim, eu percibi qui ele tava c'a cachorra, né. Falei:

- Vô dá um tiro aí. - Meti a mão no quarenta e quato e dei seis tiro que o bicho vazô dali da estrada, né. Aí meu pai falô assim:
- Não adianta cê vim de noite, é perigoso, ainda mais debaixo de portera. - Mataro muita gente pra lá, né. Tar de carrerada no jogo, né. O pessoar tava correno carrera, tomano pinga, cerveja, né. O cara chegava e metia o revórve no cara, assim, e matava o cara. Então daí, fiquei ressabiado, né, de andá de noite. Aí eu falei:
- Nunca mais o senhor me manda de noite pa Maracaju, a cavalo. - Se saí, tem que saí cedo, né, treis hora da madrugada, vim amanhecê aqui, perto da fazenda Aurora, pra cá um poco, perto da Taquaruçu, mais de noite...
- **Aí não tem perigo de Assombração?**
- Aí num tem perigo. O que tinha que passá já passô meia-noite, né. Bicho mau já sumiu tudo.

3.1.E- Seu Oscar

O causo do menino que foi raptado pelo Mãozão

- Tinha uma fazenda e tinha um guri, uma criança de sete, seis ano, sete ano. Eles foro andá por lá e a criança foi. E essa criança sumiu. Sumiu e eles andaro, andaro, no acharo a criança, vinhero embora. No otro dia, foro procurá a criança. Cadê? Nada, no acharo. Passô oito dia, eles andano, aí eles acharo o rasto do guri, assim, que desceu um curixo. Falô:
- Ele tá vivo, ele tá andano por aqui. - E aí, eles vinha vino, eles era bastante cavalero, né, eles viro, eles arrudiaro o capão assim, eles viro o guri que ia láa longe. Saiu daqui desse capão pra í naquele otro. Aí, eles trupelaro, acercaro o guri, pegaro o guri. Mais o guri, tava c'a mesma ropa, tava limpo, num tinha nada. Aí perguntaro pra ele:
 - Mais escuta? Quem é que dava bóia pra você? Que que ocê cumia?- Ele falô:
- Ninguém me dava bóia. Eu só cumia mer.
- Mais quem que dava esse mer pra você?- Ele falô:
- Era uma anta.

- E com quem que você durmia?- Ele falô:
- Eu durmia junto com a anta. – Aí levaro ele.
- **Isso foi em que fazenda?**
- Birinice, né. Foi na Birinice.

3.2.E- Seu Oscar

O caso dos namorados que foram atacados pelo Lobisomem

- Tinha um paraguai, ele morava aqui em Tonai, uma istação que tem. É um povuado, até tive lá, semana passada eu fui dá um passeio lá. Ele chama Orélio Palácio, eu num sei se ele já morreu, ele morava em Campo Grande. Daí, ele morava... ele morava lá numa chácara e ele namorava uma moça aqui. Intão, uma noite ele veio vê a moça, a namorada, e ele falô que ia ino de noite, largado numa rua lá meia isolada, saiu um bicho pra ele. Um bicho preto. Bicho saiu e veio. E esse bicho quiria vará no vão da perna dele e ele pulava pra lá, pulava pra cá, rancô revórve, deu seis tiro nele, num acertô nenhum. Até que o bicho injuô, num pôde vará o vão da perna dele, foi imbora. Aí ele me falô que era o lobisome.

3.3.E- Seu Oscar

O caso do rapaz que virava Lobisomem

- Tinha um otro senhor lá, meu pai tinha uma chácara, lá nesse lugar, né. E tinha um otro home lá, até diz que ele morreu agora. Ele era ferrero, carpintero e chamava Armerindo. E tinha um rapaizinho, ele morreu também, ele chamava Mané, de Manédson. Ele era, assim, meio bobão, assim. Ele diz que virava lobisome. E aí diz que virô lobisome e veio na casa desse Armerindo. E os cachorro bateu nele e o Armerindo levantô de noite e pegô a ispingarda e saiu. Foi cum a lanterna, ele tava lá. Ele atirô ele. Atirô, era ispingarda de chumbo e o chumbo era meio fino. Parece que andô pegano nele assim, meio na orelha, mais num matô ele. Ele foi imbora. Aí o Armerindo discubriu que era esse Manédson que vira lobisome.

- **Porque no outro dia ele estava com a marca de ferimento?**
- Ele tava. Ele foi, tinha um farmacêutico lá, chamava Antônio Rocha, até tem um filho dele que mora bem aí nessa rua, ele foi lá curá. E por aí que ele descobriu que era ele, né.
- **Estava com a orelha machucada?**
- Tava. O chumbo era fino, num matô ele.

3.4.E- Seu Oscar

O caso do rapaz que não teve coragem de atirar no Lobisomem

- Tinha um rapais, ele morreu até, ele trabaiava c'um cunhado meu, que era casado cum minha irmã.
- **Sei.**
- Ele já morreu também, esse meu cunhado e a minha irmã também já morreu. Intão, ele tinha um rapaz, chamava Totó. Era um... ele era preto, fazia muitos ano que esse cara trabalhava cum ele, e um dia ele viu uma cachorrada descê assim. Aquela cachorrada acuano, latino, latino. Intão, ele pegô a *flobé* do meu cunhado e foi. Vê o que que era. Chegô lá, ele falô que era um lobisome. O lobisome incostô assim no muro e a cachorrada ficava rodiano ele e latino.
- **De noite isso?**
- De noite. Mais, ele falô que num teve corage de atirá o bicho.
- **É uma espingarda, a arma que ele pegou?**
- É, uma *flobé* bala, né, vinte e dois.
- **Sei.**
- Ele nem teve... ele falô:
- Eu num tive corage de atirá Oscar. Porque, diz que se a gente atirá ele no mato, ele vira gente. - Falei:
- Ué! Mais aí, se ele virasse gente, ocê cabava de matá, ué! - Falô:
- É. Mais eu num quis fazê isso.
- Tá bom.

3.5.E- Seu Oscar

O caso do Lobisomem que foi capturado no quartel

- Outra vez foi lá no quarté em Campo Grande, né. Intão, oviro um baruido feio de uivo do lado de fora. O comandante falô:
- Sordado dá uma andada por lá. – Intão, sordado é iguar cachorro, só anda de lote, né. Intão, eles vinham vino. Ia ino pro quarté, eles íam passano perto do cemitério e saiu um lobisome pra eles. Daí o lobisome veio neles, mais eles eram bastante, eles num assustaro, eles correro atrás do lobisome. Correro e o portão do cimitério tava aberto, o lobisome entrô no cimitério. Entrô e eles entraro atrás e o cimitério é murado e, vai um daqui, vai otro dali, eles incontraro ele num canto e pegaro ele. Pegaro ele e levaro.
- E era iguar cachorro? (irmã de seu Oscar)
- Diz que era um cachorro, né, era um cachorrão preto e piludo, né.
- **Prenderam ele e ele não se transformou?**
- Não. Num transformô, num dero tempo, né.
- **E ele fugiu?**
- Diz que a oreia é grande, né.
- **E mataram ele?**
- Não. Num mataro não. Levaro ele pro quarté e lá num sei o que fizeram dele. Quando nada, mandaro sortá, né. Cumandante num ia deixá matá, né.
- **É. Existe muita estória por aí que gente não sabe explicar.**
- Tem. Eu num acredito muito nisso, mais isso aí pode ixistí, né.

3.6.E- Seu Oscar

O caso do homem que viu um Saci

- Do saci, eu já ouvi falá muito nele. Mais no cheguei de... nunca vi ele ao vivo, né. Mais, quem viu já me falô isso.
- **Como foi?**

- Que o saci, diz que ele assobia, né, e ele assubiava e ele aperseguiu esse home. Aí, um dia o home viu ele. Diz que ele, ele é um bichinho, bem ruivinho, bem loirinho. Ele tava assim no arame, sentado, balanceano.
- **E ele não fez nada?**
- Não. O home num feis nada. Olhô, olhô e deixô ele. Foi imbora.
- **O saci faz o quê?**
- Ele, ele, pra gente diz que ele num fais nada não. Ele dá um assubiu muito forte, né.
- **Para assustar a criação?**
- Assustá a gente, memo.
- **Ele gosta de assustar?**
- É, de assustá. Mais ele num ataca, não.
- O saci será que é gente? (irmã de seu Oscar)
- Não. Pelo que o home falô, é um bichinho, né, parece um macaquinho, né, bem loirinho, piqueno, assim ele me contô. Mais, eu nunca cunseguia vê ele, ao vivo não e nem nunca vi ele, também, assubiá. Até morei na fazenda, aqui em Bonito, sozinho na fazenda lá. Morava sozinho. Tinha época que tinha uma secretária, né, cozinheira. Cozinhas e limpava casa. E tinha época que num tinha ninguém, era só eu e Deus, mesmo. Eu iscutava assubiano pássaro, dava aquele assubiu longo, mas eu nunca acriditei que fosse saci, porque tem, tem um passarinho também que assubia, né, iguar o saci, diz. Eu nunca fiquei cum medo, nada. Disso, eu num tinha medo não.

3.7.E- Seu Oscar

O caso dos peões que ouviram os gritos do Pai-da-mata

- Uma noite, nós fomo vê o meu patrão. Ele tinha mulher lá e aí levô a mulher dele. Então, nós tinha nosso acampamento. Era longe da fazenda. E tinha otro acampamento, né, de otras pessoa. Então, um domingo, ele falô:
- Óia, eu vô lá no acampamento desse home. - Aí, ele pegô o cavalo pra ele, a mulher e fôro. Então, fôro. Quando eles vortaro, era já tarde, e o gado lá era,

assim, um gado sorto, sabe? Num conhicia gente. Então, tinha um tôro deitado, um tôro preto deitado bem no caminho. E, o tôro num quis levantá, né. Cumo ele tava c'á mulher, ele ficô quéto, né. Aí ele parô, falô pra ela: - para aí! - Parô e ficô olhano. E nessa hora, veio um bando de porco, quexada, por detrás dele. Aí, o que que podia fazê, né. Ele num podia í nem pra frente, nem pra trais. Aí, ficô quéto ali, né. Ele ficô quéto até que o quexada resorveu saí. Foi embora. Aí, quando foi no otro dia, ele falô pra nós: - vamo pegá um tôro que tem lá. - Aí, ele tirô eu, tirô mais dois cumpanhero que era bão, aí nós fomo. Fomo, achemo o tôro no memo lugar que tava deitado, nós achemo. Peguemo ele, tudo, e fiquemo por ali pegano mais argúm. Escureceu. Escureceu, aí num tinha lua, né.

- Vam bora!
- Vam! - Aí nói viemo. Era uma mata muito... uma mata meia deserta, assim. Aí, nós viemo. De repente, eu escutei um grito. Ele tamém escutô e os oto cumpanhero escutô. Aquele grito assim, na nossa direita, dento da mata. Mai, ninguém falô nada. Ficamo todo mundo quéto. Aí, deu o segundo grito. Quando eu ouvi o segundo grito, eu sô meio, num acredito nessas coisa. Eu parei, falei:
 - Ô! Escuta! Para aí. Ceis escutaro dois grito?
 - Escutemo.
 - Vamo respondê que é arguém perdido.- Aí o patrão... Aí, ele falô:
 - Não. Num responde não. Vam bora! - Aí tocamo. Aí, tinha um curixo grande, assim, cheio d'água. Aí nós travessamo. Ele falô: - Bão, agora aqui nós já escapemo, porque isso que gritô aí, ele num travessa água, viu? - Então, esse eu escutei. Esse foi fato.
 - **Era do pai-da-mata?**
 - O pai-da-mata.

3.8.E- Seu Oscar

O caso do peão que duvidava do Pai-da-mata

- Eu trabalhei aqui na bera do rio Cuiabá, quase na barra do rio Cuiabá c'o São Lorenzo. Eu trabalhava c'um home, até nem num sei se ele já morreu, ele chamava Bianor Lopes, ele pegava gado baguar assim, serviço muito grande.
- **Sei.**
- Intão nós trabalhava assim... tinha uma cota, né. Ele falava:
- Olha! Nós tem que pegá hoje setenta reis pra nós vim imhora. Falô:
- - Vamo pegá... - Nós era oito, né. Muitas veis nós num achava o gado durante o dia, né.
- **Sei.**
- Intão, quando tinha lua, nós trabalhava à noite cum a lua, né, porque se num tivé lua a gente num vai inxergá, né. Aí um dia nós... ele falô pra nós:
- Ah, vamo discubri aqui essa região, nós nunca fomo aí.
- Tá bom. - Aí nós fomo.
- **E aí Seu Oscar?**
- E aí nós fomo. Aí, trabalhemo lá até uma certa hora da noite, aí ele falô:
- Vam bora? - Aí eu falei:
- Vam bora, ué. Vam bora. - Aí nós vinha vino. Só que era... era só morro, mato. Nós vinha vino um atrais do otro. Ele vinha na frente e tinha o capatais, vinha atrais dele, eu vinha mais atrais. Aí, iscutemo um grito. Deu um grito assim mais pra direita da mata. Aquele grito, memo. Duro. Firme. Ninguém falô nada, todo mundo ficô quéto. Aí fomo ino mais um poco, aí mais-o-meno duzentos metro deu outro grito. Aí, eu sô muito abiúdo, né, falei:
- Oh, pára, pára! Ocêis iscutaro esse grito? – Aí o, o patrão falô:
- Fica quéto Oscar! Fica quéto! - Falei:
- Porque que eu vô ficá quéto. Tá gritano aí. É gente perdido. - Ele falô:
- Que gente perdido o que, rapais! Isso aí é pai-do-mato. - E eu tamém sô um poco gozador, falei:

- É, Seu Bianor, onde o senhor já viu mato tê pai? Mato num tem pai não. - Ele falô:
- Rapais, fica quéto, esse troço num é deste mundo. - Eu falei:
- De que mundo que é? - Ele falô:
- É de otro mundo. - Eu falei:
- E aonde que tem otro mundo? - Eu falei:
- Eu num acridito nessas coisa, não. - Ele falô:
- Porque que você é discrente das coisa? - Eu falei:
- Aí é só Deus que pode me falá isso. Eu num sei porque eu sô discrente de certas coisas. Eu num acridito nisso. - Falei pra ele. Ele falô:
- E no que que ocê acridita?
- No que que eu acridito? Eu acridito naquilo que eu vejo, não naquilo que eu num vejo. - Ele falô:
- E você acridita em Deus?- Falei:
- Acridito. - Ele falô:
- E você já viu Deus alguma vez? – Falei:
- Ao vivo não, né. Nem eu, nem ninguém nunca viu, nem vai vê, né. – Falei:
- Ah, falá que é o pai-do-mato. Se é o pai-do-mato, que que é que ele veio fazê aqui cum nós? Que que ele veio? Nós somo oito aqui. Se ele é, ele é um só. - Ele falô:
- É, num adianta teimá cum você. Você é mais teimoso do que burro chucro. - Tá bom. Ele falô:
- Vamo imbora. - E tinha assim um coricho, né. Falô:
- Vamo travessá essa água porque se ele vié, ele num travessa a água. - Falei:
- É. Que bobage sua. – Aí, travessemo o curicho, fomo imbora. E ele tinha mulher, né. Ficô lá no acampamento. Só ele que tinha mulher. Os otro, nós, nenhum tinha mulher. Era tudo sortero. Aí ele falô:
- Olha, vocês num vão contá nada pra Francisca, disso. Porque ela fica sozinha lá, ela pode ficá cum medo.
- Não. Num vamo contá não.
- **Por via das dúvidas o senhor não respondeu para o grito?**
- Não. Eu falei:

- Mais eu num vô acriditá no pai-do-mato. Num vi nada, né. Num acridito nisso. Num acridito memo. Num posso intendê porque minha natureza é assim.

3.9.E- Seu Oscar

O caso da menina que foi levada pelo Minhocão

- Aqui em Aquidauana eu tinha uma tia. Era irmã da minha mãe. Ela já morreu. Ela me contou uma história. Tinha uma mulher que lavava a ropa no rio e tinha uma minininha, assim, de dois aninho. Então ela dexô a minininha assim no raso e pegô a ropa e foi estendê lá pr'os, nos varar lá e o bicho veio pra ali e pegô a minina e foi imhora. Levô ela. E nunca mais. E o Minhocão, dizem que ele come gente, eu nunca vi ele, né.

4.1.E- Carlão

O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão

- Uma veis sumiu um guri aí no Pantanal, certo? Aí, esse menino tinha hora que paricia tipo uma anta, assim, virado num animal. Aí dispois disso, cumeçô parecê esse Mãozão. E já viro pegada dele. Então, quem vê tem medo.
- **E é um home grande com uma mão grande?**
- E esse, o povo não sabe, porque num viro. E o que viro, então num vortava.
- **Mas, o moleque apareceu?**
- Esse muleque também num pareceu. Ele virô, assim... as veis cê via o muleque, aí via uma anta, certo? Então, curria, cê ia chamá, corria, cê num via mais, num tinha como você pegá ele, então...

4.2.E- Carlão e Henrique

O caso do rapaz que foi levado porque duvidava do Mãozão

- Ah, eu vi falá que uma veis lá, tinha um cara que duvidava muito do Mãozão. Aí, uma veis ele... Aí lá, pior é que tem memo ele. Mai a turma fala que num tem.

- Mais, tem sim. Ele duvidava, né. Aí um dia, ele teve que saí sozinho de madrugada, só ele, sozinho. Aí, esse bicho pegô ele lá. Pegô e carregô, memo. Levô ele po mato. Aí viro ele uma veis no mato lá. Mais só que, o bicho tava ventano igual gado, corria memo. E a gente corria, é! Mai só que pegaro ele, né. Pegaro ele no laço, diz-que.
- Pegaro o cara, né? (Carlão)
 - É, pegaro o cara.
 - **E ele estava perturbado?**
 - Tava, meio lôco de pedra. Levaro ele no benzedô, né, vortô ao normal de novo.

5.1.E- Seu Edson

O caso do homem que correu do Pai-da-mata

- Pai-da-mata, eu já ouvi o grito.
- **Já ouviu?**
- Esse, já.
- **E como foi?**
- É um grito, de espanto. Como se uma pessoa levasse um baita d'um susto, né, e desse aquele grito mais isquisito do mundo. Incrusive, eu curri mais-o-meno uns, quase mil metro, de medo disso aí, sabe. Eu era noivo da minha mulher. Naquele tempo, ali pro lado do cruzero, naquela região ali, meu pai tinha uma chakra. E, da Vila Rosa lá na chakra do meu pai, devia dá uns dois quilômetro. E eu, saí um dia da casa da minha noiva, era uma meia-noite mais-o-meno, que tinha uma festinha lá, e tal. Meia-noite, uma hora, eu saí, sabe. Peguei o corredor que tinha, era só um trilho, sabe, q'a gente passava. E eu ia desceno. Quando eu andei, mais-o-meno, uns duzentos metro dento do mato, eu escutei um grito. Um grito gimido, sabe, aquele grito... E eu, prestei atenção, no vi barulho, no vi nada, continuei andano. Eu andei, assim, mais-o-meno, mais cinqüenta, sessenta metro pra frente da onde eu tava. Aí, eu iscutei um grito que chegô me dexá surdo. Aí, eu já comecei andá ligero, né. Andei mais pra frente, escutei otro grito. Aí eu curri. E, quando eu cheguei na porta da minha casa, tinha um senhor, um pretinho que

- morava c'a gente, eu escutei otro grito, que parece que chegô a mexê c'o telhado da casa, assim, sabe, e esse senhor tava durmino e acordô c'o grito. Levantô e falô pra mim:
- Que que é isso? - Falei:
 - No sei. – E aí, tinha um corredor, assim, que descia, onde a gente punha o gado pra tomá água, e esse negócio deve tê discido naquele rumo, né. Depois, nós iscutamo mais dois grito dele pra baxo. Só que, no otro dia nós fomo lá pra vê se tinha rastro, dalguma coisa, algum vestígio, né. No tinha nada.
 - **Foram só os gritos?**
 - Só os grito. Nós só escutammo os grito.
 - **E era o Pai-da-mata?**
 - Era o Pai-da-mata.

5.2.E- Seu Edson

O causo do Lobisomem que atacou o seu próprio filho

- Olha, na época que a gente era criança, eu via muito meus tio-avós, meus avós, contá que, diz que, naquela época tinha, (lobisomem) né. Inclusive, a minha vó contava uma história duma cunhada dela. Que ela morava numa fazenda, retirada uns deis quilômetro da casa da minha vó. Aí, quando ela casô, o marido dela apresentava muito estranho. E, eles no sabia o que que era. Inclusive, ele no gostava de ficá junto c'otras pessoa, saí junto c'a mulher, tal. E aí a mulher dele ficô grávida e teve um bebê. E na época, naquelas época usava muito umas coberta, pequena, que tratavam de baeta. Era toda de lã, vermelha. E a minha vó conta que, diz que, ela veio com ele passeá na casa da minha vó. E no caminho, ele falô pra ela:
- Me espera um poquinho aí que eu vô dá uma ida no mato. – E saiu, de perto dela. E quando ela assustô, pareceu aquele, um tremendo de um cachorro. Coisa mais feia do mundo. E atropelô ela. E ela, pra se vê livre, subiu numa arve. Só que a arve era meia baxa e o bicho, diz que, pulava pra pegá. Pegá o neném. E murdia, né, naquele negócio assim, arranhano. Aí, passô aquele fragante ali, ele sumiu. E

aí, apareceu e perguntô pra ela o que que aconteceu e tal, e tal. E acabô por ali. Aí, foro lá na casa da minha vó. Na volta, ela disse que no quiria voltá por que tava cum medo. Acabaro, diz que, ele voltano, ela ficô. Quando foi no otro dia, ela, eles acabaro de almoçá e diz que ele deitô num banco e ela olhô na boca dele e viu no vão do dente dele, cheio daquela lã vermelha. Os fiapos de lã vermelha, né, no dente. Aí, ela saiu, foi lá no meu avô, contô p'o meu avô. Aquele tempo, o povo era muito ignorante, né. Meu avô já juntô uns quantos home e foi lá pra se certificá, né. Aí, certificaro que era ele que virava o tal do lobisome e atropelô ela. Então, foi história que eu iscutei sobre isso aí. Alembro da minha vó contá isso.

5.3.E- Seu Edson

O caso da cerca do Bicho-da-mata

- Lá na fazenda desse senhor, até é meu parente, tem quatro equitara de mato, no canto da fazenda, qu'eu pago pro caboco entrá lá dento. Ninguém consegue entrá lá dento.
- **De tanta cobra?**
- De cobra e lá dento tem, parece, diz que é o tal de Bicho-da-mata. Se o sujeito entrá pra dento... ela é fechada cum vinte fio de arame, o véio mandô fechá. O seu Dino Américo. Inclusive a cerca é mais alta e ela é toda fechada com vinte fio de arame. Cê olhava assim... maderá, que a gente trabalhava, né. Então, tinha muita maderá boa, pra tirá pra cabo, de ferramenta, essas coisa. Os camarada chegava ali, naquela berada ali, né... o cara quiria tirá um cabo de ferramenta, se ele entrasse do arame pra dento, se ele livrasse da cobra, ele apanhava. Mais, da onde que saía as paulada, também, ninguém sabe, né. Ninguém sabe. E essas são histórias que a gente sabe.

5.4.E- Seu Edson

O caso do Come-língua que atacou uma vaca

- A única coisa qu'eu já vi minha mãe contá, foi do Come-língua. Já viu falá, do negócio de Come-língua?
- **Já, já ouvi.**
- É. Minha mãe conta que, diz que, na fazenda do meu avô, chegô acontecê.
- **E como foi?**
- A minha mãe conta o seguinte: que quando o meu avô abriu a fazenda, tal, que pareceu isso por ali. Aí, um tio meu, meu tio mais velho, no acreditava. Quando foi um dia, dento do manguero, no bretão, um gado, uma vaca muito braba, diz que meu tio falô:
- Ah, isso aqui, diz que iziste o tal do Come-língua, porque no come a língua desse trem? - Né. Que é muito braba, e tal. Diz que a vaca deu aquele pulo pra cima assim, caiu de costa. Aí, começô pô sangue pela boca. Aí, como tinha meu tio, tinha meu avô, tinha o tio da minha mãe, né. Viro aquilo ali, ficaro todo mundo assustado, foro olhá. Quando abriro a boca da vaca, no tinha língua.
- **Mas, não viram nada.**
- Não, no viro nada. Só viro... a vaca caiu, ficô sem a língua. Aí, depois, surgiu, eu mesmo, cansei de ouvi o meu avô, meus tio, tio-avô meu, contá que diz que, era um camarada... a mãe jogô praga nele. Ele tinha que ficá sete ano comeno só língua de vaca. Então, isso são histórias dos meus avós, né. E a minha mãe diz que chegô presenciá isso aí, que ela era minina e chegô a vê isso aí, a vaca sem a língua.

6.1.E- Seu Benjamim

O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão

- Eu vi contá que ele (Mãozão) pegô um guri, e teve muito tempo cum esse guri. Pegô pra lá, mais ele num feis nada c'o guri, num machucô. Daí um tempo, foro e

viro o guri, metero no cavalo e truxero ele pra cá. Mais, já tava cum mais de quinze dia. Falam que o Mãozão que levô ele.

- **Ele num tinha nenhum arranhão?**
- Não. Num tinha nenhum arranhão. (Balança a cabeça)
- **Ele estava meio amalucado, ou não?**
- Não, num tava não. Eu num cheguei vê não, mais cunheci o minino, até é irmão de um afilhado meu. Não sei se no Campino, Guanandi ou Curralinho, esse Mãozão é desse trecho aí. (Aponta o dedo indicando a região) Essa Laranjera sempre a turma falava, diz que num podia saí um pião mei sozinho. Sempre tinha que saí c'um cumpanheiro. É muito falado esse Mãozão, num é do meu tempo não.

7.1.E- Seu Chumbo

O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão

- Aí, aí nesse pantanar da Nhacolândia, memo, tem um caso aí, que tem um rapais aí, que ele era criança, ele sumiu, ficô vinte e dois dia no mato, sumido, e aí ele contô... e aí a turma foi atrais dele, cumeçaro a prucurá, aí, cum tanta fé de, gente rezano naquele rastro, naquela coisa, até que um dia descubriu ele, né, descubriu mais foi cum muito sacrifício, pegô ele. Aí, ele contô ansim, hoje ele num conta direito, que... ele falô que tinha um bicho que deitava e ele subia, subia no bicho e o bicho carregava ele. Ficô vinte e dois dia. Quando acharo ele, tava limpinho. Num tinha nada de arranhão, de nada e, nem cum fome, também. Depois disso, sumiu uma criança também aí no, na fazenda Campo Neta. Sumiu nunca mais ninguém achô. Esse rapais é vivo, ele tá aqui em Corumbá. Aqui, ele morô na Fazenda Berinice, na Fazenda Birinice que foi.
- **Esse é o caso do Mãozão?**
- Ah, esse é o caso do Mãozão. É o caso do Mãozão. Esse é uma, é uma, um conto que ixiste. Que, já teve gente que foi no mato, lá, pra tirá madera e esse Mãozão num dexô. Iscurraçô o pessoal. E ficô naquela assim, que ninguém sabe que tipo de coisa. Uns fala que ele é um hominho baxo, otros fala que é um, que é um, uma

coisa que vem c' o vento. Então, é uma assombração, é a estória do Mãozão. Essa aí é a história do Mãozão.

- **Alguns falam que ele parece uma anta, não é?**
- É. Essa anta, pois é essa anta que carregava esse guri. O guri chama Lucídio, e tá aí até hoje, né. Eu inté tô com isso, esse projeto dessa estória, porque essa coisa tá no Ladário, meu, meu livro tá no Ladário, eu tenho um livro pra contá pra voceis. Tem muita coisa bunita, muita coisa que, que dá prazer de olhá, né. Intão, esse Mãozão é uma, uma coisa que num é estória nem coisa. Esse é um conto que é acunticido. Porque esse minino que sumiu, tem muita gente aí que prova isso. Pode saí aí na Nhacolândia aí, que todo mundo sabe disso. E ele memo tá vivo, mais ele num gosta que alembre esse caso.
- **Ele não gosta de lembrar deste fato?**
- É. Ficô meio ansim, meio, meio sedado, meio bobo, mais, tá viveno, né. E a gente quando cunversa num fais comentário com ele porque já que ele num gosta. E, um causo que a gente sabe que foi acontecido, não pode é ficá teimano c' a pessoa, porque se ele num gosta, deve de sê que tem alguma coisa que prijudica né, a vida, a saúde.

7.2.E- Seu Chumbo

O causo do sétimo filho que virava Lobisomem

- Esse Lubisome que corria atrais de gente, pegava. Era uma pessoa que, é, assim... o causo foi, assim, que era pessoa que tinha sete filho, dos sete tinha um que virava o lubisome, né.
- **E o senhor conheceu essa família**
- Ah, essa família eu ouvia só falá, né. Mais nunca cheguei de vê ansim, porque a turma falava:
- Oh lá! Aquele lá vira lubisome. - Porque ele na sexta-feira santa, na sexta-feira santa que é o dia, que diz que ele virava. Toda sexta-feira ele virava o cachorro, vira um cachorrão grande, piludo e saía andando por aí.
- **E o senhor conheceu alguém que tenha visto o lobisomem?**

- Já vi falá, assim, né! Que as pessoa falava que existia, que curria atrais da pessoa, assim, que descubriu pelo, pelo... ficava uma marca da ropa que a pessoa curria curria e ele pegava. Então, as veis, no dente ficava a marca. Então, por isso que a turma tinha aquele suspeito, aquele negócio que eles tinha discunfiança que era o culpado, né.

7.3.E- Seu Chumbo

O caso do Saci que ajudava a encontrar os animais em troca de fumo

- Esse saci, eu já vi falá. Esse também já vi. Ele é um, um ansim, uma visãozinha qu'ele assubia igual a gente. Ele assubia duro de noite. Assubia por toda parte, ele vem aqui.
- **O senhor já escutou?**
- Já, iche! Esse eu já iscutei. Ele dá um assubiuzinho ansim, como se fosse uma pessoa que tá cum apito na boca e dá aquele assubiu, né. Então, é isso, vem aí daquele assubiu que até arripia. Assubiu forte. Até arripia o corpo da gente, mais a gente vê que é uma visão, né. Num é passarinho, que se fosse passarinho, num podia ele vim assim dento do quintar e se hoje o senhor iscuta aqui, amanhã vai iscutá ali. Se fosse passarinho num podia tá siguindo a gente, né. Então, esse é outra coisa que...
- **Como que foi quando o senhor escutou?**
- Ah! Esse aparece sempre por aí. Porque ele é um negócio, esse eu acridito bem nele, que se a gente põe um pedaço de fumo pra ele ali, ele vem e a gente pede pra achá um animar, a gente vai no animar lá naquele dia. Parece que ele leva a gente certim na onde tá aquele animar.
- **O senhor já fez isso?**
- Pega ansim um pedaço de fumo e põe ali, e fais aquele pedido, né. Ansim, animar que a gente campia e num achava. Saía no campo, andava o dia intero, num achava. Então os otros vinham de lá e falava pra mim, né:
- Você, que tem uma parte de tê fé, né. Sabe de tudo. Eu quero que cê fais isso pra mim. – Então, de noite eu ia lá e punha aquele fumo pra ele, e o dia que a gente

põe num coiso, o dia qu'ele fica assubiano, cobranço. Mais isso é uma verdade, também, que é uma coisa que é... cumigo já acunteceu, né. Então, eu tenho certeza que isso a gente podia fazê.

- **E o fumo sumia?**
- Ah, some. O fumo some dali.
- **O senhor oferece para o saci...**
- É, pro saci, é. Ele vem, pega e...
- **Mas, ver o senhor não o viu?**
- Não. Mais, eu sei que isso aí é uma verdade, porque é uma coisa que a gente tinha certeza que aquele animar tava difícil de achá, e porque que a gente ia lá, e depois que fazia aquele pedido a gente ia lá e achava. Então é certero que aquilo é uma coisa que existe.

7.4.E- Seu Chumbo

O caso do homem que correu do Cachorro-bezerro

- Eu cunheci pessoa que veio assustado. Ele falô:
- Eu vinha vino... – Ele falô que viu ansim, olhô pra trais, era um, tipo de um cachurrinho que vinha atrais dele. Aí olhava traveis, aquele já era um, um bizerrinho maior. Aí ele galopeô e o troço correu atrais dele até chegá num ponto ali perto da casa, ansim, desapareceu. Aí chegô lá, quase morto, cansado, daquele bicho que era tipo d'um cachurrinho, né. Olhô, ele vinha vino. Olhava, ele tava maiorzinho já, um poquinho. Aí ele, assustado, correu e o bicho foi crescano e correu atrais também. Então esses são os causos que é, aqui pra fazenda, aconteceu muito disso aí, né. Na fazenda tinha muito caso, porque... hoje já deferenciô.

8.1.E- Seu Silvério

O caso do homem que viu o Mãozão

- No Pantanal eu ouvi falá muito nisso (Mãozão). Eu num... eu vi falá que diz que andava pegano gente aí. Eu num vi não, nunca vi. Diz que... diz que um dia... diz que... eu num sei, eu num vi... ele saiu daqui agorinha, ele mora lá em cima, ele que me contô isso. Diz que ele entrô lá no mato um dia lá. Ele e mais otro cumpanhero, diz que encontrô um cara sentado em cima de um pau lá. Um certera dum negão memo. Eles correro dele. Isso, o Nelsinho que contô. Pode sê que até...
- **E como ele era?**
- Não. Diz que é uma pessoa. Um monstro d'um bicho. É, um monstro de bicho é... mais eu, eu num sei, pode sê que existe aí um capeta, algum troço, num sei. É, como lá no, tamém existe um trem, lá no Paraguai. Lá no Paraguai tem um troço, uma onça. Ela pega a vaca, come, ocê vai lá, ocê olha, o rasto é de gente, lá. Chama Jaguaretê-avá. Mais é esses bugre véio de ardeia que fica muito véio e vira onça. *Ranranran*. Vai até virá onça, aí desgraça a comê vaca. Diz que é assim. Mais tem esse bicho com esse nome lá. Eu num acredito, lá no Paraguai, eu andei muito por lá.

9.1.E- Seu Olimpão

O caso do rapaz que esperava pelo Mãozão

- Na fazenda Campo Neta, o rapais era muito tocadô de sanfona, de acordiom. Aí, quando foi um belo dia, a tarde, ele falô assim:
- Eu tô esperano um home, que vai vim, me buscá. – Tá esperano um home, que home, né? E a dona dele já sabia, que esse Monzão vinha buscá ele. Aí quando foi de tarde a dona dele já, ele já ficô desinquietao dentro de casa, ia pra lá e vinha pra cá. Aí a dona dele chamô nós na fazenda lá, nós fomo. Nós chegemo lá, o home endoideceu, sabe. Ficô doido! E aí nós fomo amarrá esse home. Pusemo quatro home nele pra nós amarrá, num consiguimo amarrá. Ele batia no chão,

assim, levantava nós quatro pra cima, assim. Até que um rapais, um tar de Sebastião, cunsguiu amarrá ele. Bão, aí ele melhorô, tudo, pegô a sanfona, tocô. Quando foi umas oito hora da noite, de novo. Ele falava que esse home vinha levá ele. Então, ele tinha um pauzinho, com sete corte no pauzinho, que era pra ele viajá sete légua na noite. E aí, ele teve que í pra Corumbá. Porque ficô variado, né.

- **E era por esse Mãozão?**
- É, esse Monzão. O Monzão diz que era um loirão, né. Um loirão grandão.
- **E andava com uma anta?**
- Andava igual uma anta, iguar uma ema, né.

9.2.E- Seu Olimpião

O causo do menino que foi raptado pelo Mãozão

- Então tinha uma fazenda, a tar de Birinice, e ele (Mãozão) morava lá. E lá, gente que passava sozinho, ele catava e ia imbora. E aí, no vortava mais.
- **E o senhor soube de alguém que ele tenha levado?**
- Soube, ele catô um guri da fazenda lá, da fazenda Campo Neta, mais nunca mais também o guri apareceu. Aí, foro pro cento espírita, num sei pra onde lá em Corumbá, aí uma muié falô que o guri tava dento de um poço d'água, mais que o guri tava bem, cumia, bibia, tudo lá. Que o guri tava bem lá. Que o guri tava bem, mais só que num vortava nunca mais pra casa.
- **E não acharam mais?**
- Não, num acharo mais. Nunca mais.

9.3.E- Seu Olimpião

O causo do homem que foi surrado por uma Assombração invisível

- Assombração os nego vê bastante, né. *Ranranran*. Tem Assombração que dirruba o cara da rede, né. Até um cunhado meu apanhô disso uma veis. O irmão de

minha muié. O cara pegô ele e, no meio de nós, eu já contei essa história pra o cumpade uma veis, surrô ele bastante.

- **E ele não via nada?**
- Ele num via nada e nós, que tava junto, num via nada. Só via ele gritá, e barulho do chicote. Mais num vimo nada.
- **Ficou sem solução, então?**
- Fiquemo sem solução, sem sabê o que que era.

9.4.E- Seu Olímpio

O caso das pegadas do Pé-de-garrafa

- Nós tava na fazenda Xavante, nós mixia com ração lá, engordano boi. Aí, um dia o patrão foi lá, nois fomo andá na bera duma serra e achemo a batida dela, lá. Mais assim, um passo aqui, ota longe, assim, (aponta no chão, o espaço de um metro de distância, mais ou menos). Num é pequeno o passo, não.
- **Diz que era o Pé-de-garrafa.**
- É, diz ele que é o Pé-de-garrafa. Ele falô que era.

F. Os Lugares Imaginários

4.1.F- Carlão

O caso da fazenda mal-assombrada

- Tem uma fazenda aqui, vizim, fazenda São José. Então, até nós, nós arrendava ela lá, né. Nós ia daqui, arrendava ela lá. Então, e lá tinha uma casa tamém, num lugar mei abandonado. Então lá, tinha sim uma sombração. Tinha uma sombração. Então, quem ia durmi nessa casa, então, vorta e meia chegava cavalero, chegava cavalero, *pá pá pá pá*, cortava pa desviá, jogava a traia no chão, rastava espora, né. O cara saía lá pa vê, tava limpo.
- **Não tinha nada.**

- Então, isso era uma sede véia. Então, tinha um garpão assim, sempre qu'eu durmia lá, já durmia no garpão, a gente é mei medroso, então já ficava, falava, aqui ela num vem. *Ranranranranran*. Mais já sustô muita gente lá, esse negócio.

4.2.F- Luiz (rapaz da roda de Carlão)

O caso das árvores mal-assombradas e duas pombas

- Tinha um amigo meu, de trabalho, né, contava sempre isso daí. Diz que num lugar que ele trabalhava, diz que direto ele passava nesse lugar e tinha uma casa, uma tapera, na realidade era uma tapera, com duas árvore ao lado, né. Sei que nisso eles... (interrompe a narração rindo porque o amigo está rindo de sua história) No tá acreditano. É sério memo!... E sei que nisso, eles avistava duas pomba, assim, dois passarinho, né, e saía da tapera e sentava nessas duas árvore na direção daqui pra lá, né. Ao passar pela tapera, quando... uns deis metro, quando um andava pra frente e olhava pra trais, não tinha mais as árvores e a pomba que tava nas árvore, tava na tapera, em cima. Esse aí é o caso que a gente contava direto aí.

4.3.F- Rique (rapaz da roda de Carlão)

O caso do galpão onde ninguém conseguia dormir na rede

- Tem uma fazenda lá no Pantanal, tamém, que se o cara se chegá lá e se ele no subé, né, armá rede igual, tem armadô assim, (aponta ao armador de rede na varanda) dento do galpão, se ele chegá e armá a rede dele lá, das veis ele num sabe, né, aí ele pode armá tranqüilo ela. Mais, se o cara sabê já, das veis ele chega lá, a turma do galpão vê, péga e conta pra ele e aí ele pegá e armá lá. Ele pode armá, mais na hora que ele deita, vem uma pessoa... sei lá! Dicerto é alguma alma, num sei... pega e desarma e joga no chão memo. Aí, pode pegá, armá de novo, torna a jogá de novo. O cara no dorme.

5.1.F- Seu Edson

O caso da fazenda mal-assombrada

- Meu tio, casado com uma tia da minha mãe, morô num lugar, qu'eu no sei o que era, mais, lá, lá tinha um negócio que, que no tinha explicação. Lá, se você, à noite, dependeno do dia, você fosse deitá, surrava bizerro dento do mangüero, falava:
- Vai matá tudo! – A gente levantava, ia lá acudí, o bizerro tava durmiíno. Numa boa. Outra hora era os cachorro no terrero. Surrava cachorro no terrero, que cê via o cachorro, ia morrê! Você ia lá, chegava lá, os cachorro tava durmiíno. Uma veis, aconteceu lá, nesse lugar, aconteceu um fato. Isso fais tão poco tempo, foi logo que saiu aqueles rádio, rabo quente, à pilha, aquelas pilha seca. Então, a gente... eu, mesmo, morava, dessa fazenda do meu tio na minha propriedade dava uns dizoito quilômetro, a gente saía de lá, a tardezinha, iscureceno, pa í lá no meu tio, pa escutá rádio. Era a novidade! Nóis chegamo lá, eu, minha mãe, minha irmã e dois primo meu, que morava perto. E tava meio frio, né. Então, a gente chegô lá, a sala da fazenda era grande, né. Nóis chegamos assim, colocamo, incostamo a porta, né. E, quando foi daí a poco, escutammo um cavalero que chegô, né. Ia chegano na frente da casa. Chegô e apiô do cavalo. A ispora, tudo, feis aquele barulho, né. E, aí o camarada falô assim:
- Ô! De casa. Ô! Moradô. – E nós tudo ali sentado, sabe. O cara falô na porta, assim. (Indica uma distância de uns dois metros) Meu tio abriu a porta, no tinha absolutamente nada! No tinha ninguém. A gente... lua clara, assim, né... a gente saiu pra fora, olhamo, no tinha nada! Agora, lá era, lá era incrível, memo. Tinha um camarada que socava o pilão. Meu tio ia até dento do mato, as veis, acompanhano o camarada socano. O camarada socava aqui, ele ia ali, o cara socava lá na frente, socava lá mais pa frente e ele ia ino, sabe. Até, uma altura. Mais, nunca viu nada. Só escutava o barulho. Qué dizê, assim, pertubá as pessoa, tal, não, isso aí nunca. Mais fazia barulho, né. É, pegava água da bica, que tinha um rego d'água bem na frente da cozinha. As veis, assim, cê tava ali na cozinha, o camarada chegava, enfiava uma lata na boca da bica, assim, *tióoo!* A água parava

de caí, sabe. Aí, eu no sei aonde ele levava aquela água, mais daí a pouco, ele voltava e vinha de novo, sabe. Cê via ele pegá a água. Escutava o barulho, certinho. Só que, no mixia cum niguém, sabe.

- **Mas, a água parava.**

- A água parava. Você via que ele pegava a água ali e saía. E isso ficô muitos anos, até ele mudá de lá. Foi imhora de lá. E acontecia esse negócio, lá.

8.1.F- Seu Silvério

O caso do córrego que era assombrado por um jumento

- Ói! Uma vez tinha um lugar que era assombrado. Ela descia num Corguinho, varava o córrego e varava uma picada e saía. Quando é, quando qué cruzá de noite ali, tinha uma assombrança lá no córrego, no corguinho. E a peãozada vortava pra trais, os bicho tava lá. E um dia foi um, meio de corage, e falô:

- Péra aí! Vô dá um troco nessa Assombrança. - Chegô lá, quando ele desceu aqui (aponta um lugar a seu lado), a Assombrança desceu lá do otro lado tamém. E vei n'água. Quando chegô na água, parô. Meteu o revórve, *paaá!* Essa Assombrança caiu lá, pelo barro. Era um jumento alheio, rapais, que vinha bebê água ali. Ele teve que pagá o jumento, e caro. Matô o jumento do home. Esse jumento fazia todo mundo corrê ali daquela picadinha. É, a Assombrança era o jumento. Matô o jumento do home, lá. Aí, notro dia foro lá vê a Assombrança, ele falô que tinha matado o jumento que tava morto, lá. Falô:

- E agora? Levô na breca, né. - É que o home do jumento cobrô caro dele. Oh aí, o que que é Assombrança, num foi olhá direito, né?

8.2.F- Seu Silvério

O caso do cavalo que se assombrou com um galho

- Otro... Ia indo lá pa raiá, esse lugar memo, cê veja só! Antes desse jumento morrê, lá. Ele tava a cavalo, ele falô:

- Aqui vô pará. Vô arrumá meu arreio, apertá bem, vô guardá correno isso aí. - E lá botô a sincha, tirô a sincha lá e daí pois lá no meio dum arabal, dum araçazal lá. E no apertá a sincha, ele apertô um galho de araçá na sincha, na barriga do cavalo. Amuntô, tocô o cavalo e o cavalo tava seguro, num ia, e ele falô: - diabo! Já segurô meu cavalo, essa Assombração. - Pulô de cima e correu e largô o cavalo lá. Falô: - a Assombração segurô lá o cavalo, meu cavalo, lá. - Aí juntô um monte de gente, chegemo lá, o cavalo tava lá, de noite. Aí foro vê, tava cum galho de goiaba apertado na sincha, né. Oh aí, cê veja, Assombração o que que é. Tem que olhá bem.

G- Os Enterros de Tesouros

1.1.G- Seu Marcondes

O caso do enterro de tesouro que foi indicado por uma pessoa de fumaça

- Na fazenda, onde eu nasci, tamém, nós era tudo gurizada, né. Intão, tinha um, um bezerro era varadô de cerca, tinha um bezerro trelado, né. Mais, era essa hora assim, mais-o-meno, o sor taava pra entrá, né. Aí, saímo, tocano os bezerro, tiremo d'uma lavora que tinha assim, eu tocano o cachorro. Quando foi bem no meio do pasto, assim, os cachorro saiu, levantô aquela tocha de fumaça, assim, nos vão dos bezerro, assim. Levantô aquela tocha de fumaça, assim, e foi ino. E nós:
- Óia lá! Óia lá! Óia lá! – Paremo. Tudo gurizada, né. – Óia lá! Óia lá! O que é aquilo? O que é aquilo? - Tinha uma tia minha, lá, e ela assustô, né. Aí, foi formano, uma perna, uma pessoa. Formô uma pessoa, escritinho, e foi caminhano no lombo do bezerro. Uma perna no lombo dum e a otra no do otro, assim, foi. Aí, os bezerro foi ino na bera duma cerca, assim, parô um poco lá. Daí, tinha um capão, assim, pertinho assim, né. Aí, aquela pessoa foi lá, foi e ficô lá naquele capão, aquela fumaça. E essa tia minha rezava, oiano. Oiemo até sumi aquela fumaça, lá. Isso dicerto era o tar do interro. E nós, em veis de, né? Aquele tempo, gurizada, neem pra í lá oiá e querê cavucá, né. Daí, dispois que fizeram a reta lá,

né, aí, contaro que o patrolero rancô um pote. Saiu na patrôla, laminano, né, e rancô. Falei:

- Mais óia, né! - Se tivesse ido, né. Eu quiria achá um, mais, até na data de hoje, num... *Ranranran*.

1.2.G- Dona Marli e Seu Marcondes

O causo do tesouro que se transformou em carvão

- Que contaram, uma certa vez, de peões que saíram no campo pra, pra, eles falam furá, né, furá o enterro. Então, eles cavaram, mais só que um deles tava com má-intenção com o outro, né. (Dona Marli, esposa de Seu Marcondes)
- Quiria lográ o otro. (Seu Marcondes, simultaneamente)
- “Se eu achar, eu vou matar o fulano.” – Então, eles acharam, começaram a cavar e acharam muita, é, carvão...
- Saiu só carvão. (Seu Marcondes, simultaneamente)
- Mas, carvão, carvão! Sabe? Ah, falou, assim:
- Isso não era enterro, não. Nós estávamos enganados. - Aí, depois, o outro pião que saiu, no campo, mais tarde, que não tinha nada a ver com aquilo ali, achou aquelas libra, tudo esparramada. Cê vê, como que, as coisas, né. O que tava com má-intenção com o outro, né, aquilo se transformou em carvão. E, certamente não era pra ele, era pro outro.
- Eu já ovi, é assim que é a história: aí, ele falô: (Seu Marcondes)
- Vam bora! Vam bora! - Aí, o otro falô:
- Pá! Só carvão, né. - Aí, tinha uma bolsa ali, ele falô assim: - Mais, eu vô levá um poco desse carvão pra minha muié passá ropa com ele. – Carvão! Diz que, aqueles carvão pontudo. Diz que ameiô o saco de carvão, o otro riu. Falô:
- Mais, eu que vô tá carregano carvão, nada!
- Não, mais, pra minha muié passá ropa. Lá, num dá carvão, aquelas lenha de lá. Vô levá daqui. - Levô aquele meio saco de carvão, né. Pegô, falô pra muié. - Ah, trusse só carvão pr’ocê passá ferro, pra no perdê o trabaio. Só carvão! Quanto mais cavucava, mais saía carvão.– Aí, diz que, e otro foi embora, né. O que tava

com má-intenção foi embora. Tinha a intenção de lográ o otro. Quando anoiteceu, assim, diz que, a muié foi lá, assim, falô:

- Ué! Mais, ocê falô carvão! Aqui, esse mundo de prata! - Tava briano, assim. Pura libra. O otro, que num tava cum má-intenção, né.
- **Ficou com as libras.**
- Ficô c'os, diz que, aí, vortô lá. Vortô lá, sozinho. Tava lá, pura libra, lá! Aí, trouxe. E o que quiria lográ ele, né, ficô sem nada. E aí, ele ficô rico.

1.3.G- Seu Marcondes

O caso do pote de enterro que saiu em uma raiz de mandioca

- Que ixiste o interro, ixiste, né. Que tem, tem. Pois é, o meu sogro memo, toda vida ele lembra de interro. Teve uma veis que ele plantô mandioca, e tem aquele, como é que é? Saraquá. Intão, mandioca erada, que passô de um ano pra otro, ela fica enorme, né. Intão, ficô aquele negócio, né, pra vê a mandica, e na raíz da mandioca, saiu um pote, antigamente eles colocava um pote de barro, né, panela de ferro, e saiu no potinho, na mandioca, e outra vez, foi numa estrada.

1.4.G- Seu Marcondes

O caso do rapaz que ficou com medo de ir tirar um enterro e ficar louco

- Lá memo, tem um lugar, ino pr'os Treis Monte, tem um lugar lá, que diz que tem um interro.
- **Ah é!**
- É.
- **E ninguém tirou, ainda?**
- Não. Teve um rapais, que falô que ia arrumá um apareio, diz que apareio certo, memo! Pra nós í lá procurá, mais nunca nós foi, né. Esse lá, um cunhido meu diz que viu, tem um, é bem perto dum mata-burro véio. Falô que parece fogo. Aquele fogo saía e, diz que um dia saía o cara assim e aí chegava ali naquele lugar assim e sumia, né. Aquele fogo!

- **E ali tinha enterro?**
- Aí, diz que ele, ele sonhô, o cara veio e falô:
- Vai lá, pa pegá! – Aí, diz que ele no animô í. Diz que o cara falô: - Vai lá, é pro cê! – Aí, ele contô pra mim. Falô:
- Eu num quero envorvê cum esse troço. – Convidei ele, falei:
- No é possível! Vamo lá, eu vô junto. – ele no quis.
- **Ficou com medo?**
- *Hum hum.* Porque a história dum home lá, que foi cavucá e ficô loco, né. Ele ficô cum aquilo.
- **Como que foi essa história?**
- Ele via o fogo, né. O fogo, até eu, vi. Bem perto da fazenda, pra trais da fazenda Cerradinho. Tem um morro assim, então, saía aquele fogo. Um dia, a estrada só de cavaleiro, que era, né, aí nós, da fazenda enxergava tudinho, da fazenda Cerradinho. Tava eu e um irmão meu, pegano tropa, cedo. Aí, ele olhô, olhô lá, aquele carro lá, essa hora.
- Que que é, lá no tem istrada! - Ainda falô assim. Eu oiei, falei:
- Mais é, memo! - Aquele craro, que tá, quando tá quereno amanhecê o dia assim, né. Aquela luis vinha, aquela luis vinha, veio direto no morro! Chegô no morro, sumiu nesse lugar. E, aí, paricia aquele fogo e esse velho via aquele fogo. Aí, ele foi cavucá e enloqueceu. Decerto assustô, né.
- **Assustou e não conseguiu pegar?**
- Não. Fomo lá, até eu fui lá, dispois, aonde ele cavucô. O buracão que ele tinha feito! Aí, ele falô que começô parecê aquelas vóis istranha, né, aquelas vóis, falano que ia matá ele, né, e ele correu, né, enlouqueceu. Ficô loco, ficô loco e levaro e trataro, no teve jeito, morreu.

1.5.G- Seu Marcondes

O caso do corajoso que ganhou um enterro de tesouro

- O cara tava durmino numa tapera e, aí, diz que, choveno, né, eu mesmo disconfio que no durmo em tapera, assim! Se ficá, solito assim, naquela tapera, dentro dela,

- tarveis na rede pra fora, assim, e aí, choveu e ele entrô embaxo, da tapera, solito. E diz que tinha um enterro lá, né. Aí, diz que ele tá deitaaado na rede, né. Ouviu aquela vóis lá, mais o cara tem que tê corage, né! Senão, ele corre memo. Diz que aquela vóis assim:
- Vô caí! – *Ranranranran*. Diz que aí ele oioô, assim. Diz que quando falô: - Vô caí!
 - Ué, qué caí, cai! Pode caí.- Disse:
 - Vô caí! – Falô:
 - Cai! – Diz que daí a poco, *puf*, caiu uma perna, diz que bem perto da rede assim.
 - Vô caí!
 - Cai! – Foi caino, diz que, de pedaço em pedaço. Diz que quando falava “vô caí”, ele falava “pode caí”. Foi caino. Diz que caiu pedaço em pedaço, braço, cabeça. Daí, diz que transformô uma pessoa. Diz que, aí falô pra ele, assim:
 - Agora, eu vi que ocê é home! Ocê é de corage! Vô te dá um guardado, né. Cê pode cavucá bem aí, aí tem um, ele é pr’ocê. – Cavucô, mais, o cara ficô rico!

3.1.G- Seu Oscar

O caso do homem que foi desenterrar um tesouro e encontrou uma caveira e da sorte de Salomão

- Esse negócio de enterro de ôro só ixiste aqui na nossa rigião, né. Porque, isso foi do tempo da guerra do Paraguai c’o Brasil, né. Porque os brasileiro ia levano os paraguaio de fasto, né. E eles tinham muito ôro, né. Então, eles num podiam levá, que que eles faziam? Eles interravam, né. Interrava e dexava. E é isso que formô o enterro aqui no Brasir, né. Ixiste. Que ixiste, ixiste, né.
- **Por aqui o senhor já ouviu falar que tenham encontrado?**
- Não. Aqui, nunca ovi. Mais aqui num lugar qu’eu morava, entre Aquidauana e Miranda, né. É uma cidade, assim, um patrimônio. Patrimônio é uma rigião, é uma estação do trem que tinha a noroeste aí. É uma estação. Lá ixistia, né. Que teve gente que rancô, mesmo.
- **Lá, o senhor ouviu falar que encontraram?**

- Eu vi, memo, a libra, o ôro, memo, né, a moeda. Coisa muito linda, né!
- **E tinham muitos casos?**
- Tinha muitos causo. Até meu pai era meio infruído cum isso, né. Porque meu pai era portugueis, né. Então, era meio infruído cum esse negócio de enterro. Então, tinha um córgo, láaa... Naquele córgo, tinha uma marca, né, tinha um prego, muito grande fincado, assim, numa arve. Aí, tinha um índio, trabalhava cum ele. O índio falô pra ele:
- Óia, seu Aníbal! - Meu pai chamava Aníbal. – Óia, seu Aníbal! Esse prego aqui tá indicano que tem um enterro, lá. - Meu pai correu rancá o enterro, né. Ele era infruído cum isso.
- Então vamo cavucá.
- Então vamo.
- Cavucam aí, eu num vô perdê meu tempo de cavucá, não. Uma coisa que eu num tenho certeza. (Seu Oscar) - Cavucaro, dero numa cavera de uma pessoa que, decerto mataro e enterraro ela. Dero c'a cavera dela. - E aí, esse que é o enterro? Agora, ceis levam, manda fazê caxão e guarda.
- **Há muitas dessas histórias, né.**
- Eu num acredito muito nessas coisa, não. Que o enterro existe, existe, né. Mais, às veis no seria pra todos, né. É pr'aquêle que tem a sorte. E a gente procurá, tamém no adianta, né.
- **Quando tem a sorte, vê uma luz. É isso?**
- Vê uma luz ou acha, assim, um sinar, uma cruís ou uma coisa, né. Que nem já teve gente diz que achô. Achô cruís de ôro, desse tamanho assim. (Com as mãos mostra um tamanho de meio metro) Então, aí ele foi cavá. Cavô e achô e tirô. Foi perto aqui da região de Bonito, né. Um tar de Salomão. Ele era rocero, trabahava na roça. Ele tirô.
- **Era um baú?**
- Não, era um pote. Ele falô que era um pote. Ele vendeu, aí ele até foi pra Campo Grande, comprô uma vila lá em Campo Grande e ficô com a vila.
- **Não voltou mais?**
- Não, vortô.

- **Não?**
- Vortô. Mais, ele tem essa vila, lá. Nóis inda chateava ele. Ele falava:
- Não, rapais. No foi eu que achô, não. Foi porco que achô.
- Como porco? - Ele num queria falá que ele tinha achado.

3.2.G- Seu Oscar

O caso da corrente que levava a um baú de ouro dentro de um riacho

- Aqui tem uma fazenda. Daqui dá trinta quilômetro. É perto duma ardeia. Então, eu tinha uma ermã que era casada c'um rapais e eles morava lá, né. Então, tem um córgo. Chama córgo túnel. E lá, o lugar, chama Córgo Túnel. Então, dizem, eu nunca vi não, dento desse córgo existia um baú de ferro, muito grande e fechado, e de lá desse baú saía uma corrente. Mai, nem todos sabia daquilo. E tinha um índio que trabalhava com ele. E o índio sabia. Então ele lutava pro índio mostrá pra ele, mais o índio num quis mostrá. Levava ele na cunversa e coisa, num mostrô. Aí, o índio morreu, ele ficô procurando, assim, coisa, mais daí ele morreu tamém e ninguém ficô sabeno, onde que é. Decerto tá lá, té hoje, né.
- **É, nessa região tem muito disso.**
- Tem. Por aqui tem, né. Por aqui foi muito acampamento, né. Dos paraguaio. Eles acamparo por aqui, né. Aonde eles iam ino, eles iam dexano, né, eles tinham muito ôro. O dinheiro deles era só ôro. E os brasileiro ia levano eles de fasto, no güentavam tinha que dexá.

6.1.G- Seu Benjamim

O caso do enterro de Nhonhô Velasques

- Ali na Aurora, ali, diz que tinha um interro muito grande. Outra lá onde era do Nhonhô Velasque, chama Marimbondo. Hoje em dia é do Joci, ali diz que também tem um interro, porque esse Nhonhô, ele num punha dinheiro no banco. Vindia boi, ficava por ali e disse que ia interrando, Nhonhô Velasqui. Cê viu falá nele?

7.1.G- Seu Chumbo

O caso do homem que achou um enterro e ficou rico

- Porque no Rio Verde tinha um home que trabalhava lá na Fazenda Caronal e aí ele, nós trabalhava no, no campo e ele chegô de vê uma luz que aparecia de noite, ansim, tipo um fogo, né. E aí ele foi lá, começô assistí e achô que era um enterro de uma libra, de um ouro que tava lá. Dipois ele foi lá. Eu acho que ele arrancô esse enterro e foi pra Rio Verde morá. Porque ele num tinha nada, aí pois uma bruta loja, uns hoter, lá no Rio Verde. Então, todo mundo ficô jurgando que ele tirô aquele, aquele negócio dali daquele lugar pra morá pra lá. Porque ele, c'o dinheiro do serviço dele, num tinha condição dele fazê isso.
- **Como que ele chamava?**
- É Ciro Varga. Num sei s'inda ixisti lá no Rio Verde. Mais, deve de tê, ainda, hoter do Ciro Varga. Pode procurá no Rio Verde, que tem hoter do Ciro Varga.
- **O povo fala que ele achou um enterro?**
- Achô um enterro. Que o pessoal já tinha, diz que, passado por lá. Já tinha carculado que era ali, que sempre passava ali e via aquele foguinho, aquela luz ali, né. Aí, né... e ele como muito esperto, um cuiabano esperto, foi lá e, dicerto, tirô esse enterro e foi. Formô loja, hoter. O melhor hoter que tem no Rio Verde era dele, se ele num tinha dinheiro pra... chegô lá, já fez isso.

8.1.G- Seu Silvério

O caso do homem que achou um enterro onde ele cozinhava

- O Paraguai era um país muito rico de ôro. Aí, e foi e brigô c'o Brasil. Teve aquelas coisa aqui, o Brasil tomô... Quando eles viro que ia perdê! Que num tinha mais jeito, que os brasileiro ia acabá cum eles, eles começaro fazê fossa, enterro, enterrá ôro, no pote, no chão, vai, enterrano por aí. Tava tudo perdido memo. Como de fato perdero, né! A guerra aí. Isso aqui era parte do Paraguai, tudo, até Aquidauana. Pra cá, até na frontera era Paraguai, aí.
- **E o senhor nunca encontrou nenhum enterro?**

- Não.
- **Nem ouviu falar onde tinha algum?**
- Não, não. A gente vê falá. A gente via falá. Eu memo, andei procurano muitas veis, mais nunca achei.
- **Ah, é?**
- É. Rancaro, lá.
- **Arrancaram?**
- Rancavam. Tinha a sorte, de o sujeito as veis fazê um rancho e fazê perto d'um enterro daqueles. E tá cavucano, fazeno lavora por ali e saí nele, né.
- **Sei.**
- Assim que é.
- **Mas, o senhor não conheceu ninguém que tenha encontrado?**
- Não.
- **Só ouviu falar?**
- Não, vi falá e vi o buraco lá e vi os pedaço do pote, tamém, onde guardava. Tava num pote de barro. Arrancaro ele, foi um sujeito muito pobre. Ele morava num rancho de bacuri. Tinha um fogo assim pra fora, onde ele cuzinhava. E tava pertinho do fogo, aonde ele cuzinhava lá, porque... eu vi o buraco lá, onde ele tirô o pote e os pedaço do pote, é. Ele sumiu. Ninguém sabe onde ele foi. Ele era empregado de uma fazenda lá e sumiu no mundo. Eu num sei se ele foi pro Paraguai ou veio pro Brasil, eu num sei. Isso foi lá na frontera. Lá em Porto Murtinho. Foi lá em Murtinho. Eu já morei muito nessa frontera aí tamém. Quase me criei aí.

H. As Pessoas Perdidas

1.1.H- Seu Marcondes

O caso do peão que se perdeu da comitiva

- Uma veis, um pião meu se perdeu. Fomo achá ele, quase essa hora ansim, (final da tarde). Nós chegamo numa fazenda pra armoçá, incerramo a boiada e tinha um

- açude, cumo daqui naquele, na curva, (aproximadamente, 200 metros) era o açude. Mais, só que era sujo, era um cabiçudo tar, né. Aí, ele era o tropero, né. Enquanto nós fomo armoçá, ele falô:
- Já vô levá a tropa na água e trazê. – Tocô, e tinha uns burro redomão, né, tocô a tropa lá, no açude. No que a tropa saiu, ele se perdeu, lá, foi saí correno por meio do cabiçudo, saiu na istrada, e pensô que era pra lá que era pra í a tropa, né, cercô a tropa, virô e correu. Correu e foi saí tudo lá na fazenda, no pasto. Saía lá, era limpo, né. Aí, saiu tudo. Nós armoçano já, tava terminano de armuçá e nada dele vim! Aí, um senhor de idade, já, oioô, ansim, falô:
 - Uai! - ele chamava Hélio, falô: - Mais, os burro tá tudo ali, contei, tá tudinho e o Hélio num parece. Será que ficô tomano banho no açude? - Daí, né, tinha dado uma meia-chuva e ele, até, tava com uma capa no braço ansim. Levô a capa. Em veis de largá estendida no arame. Foi cum a capa no braço. Aí, nada, nada, nada! Aí, nós demo uns grito, falemo:
 - Dicerio ele pensô que fartô argum burro e o burro já saiu aqui e ele tá campiano. - Viemo na cerca e gritemo. Nada! Aí, veio o capatais da fazenda e falô:
 - E aqui é... uma veis, quando uma mulher foi lavá ropa lá nesse açude, levô o gurizinho e o gurizinho dela saiu brincano ansim, depois quando ela viu, o gurizinho sumiu, ela pensô que veio imborra pa casa, o gurizinho sumiu. Dali quinze dia, acharo o gurizinho morto. - Longe, mais muito longe, acharo morto. Depois de quinze dia.
 - **Morto?**
 - É. Falô ansim. Aí, nós assustemo. Aí, já saímo. Eu saí de a pé, lá, fomo lá no açude c'o capatais lá, fomo lá. Aí, já vimo o rasto da espora dele, tinha ispora no pé, né, saiu ansim, achemo, aí, ele deu vorta e a macerga arta ansim, foi dobrano, dexava a batida, né. Já uns arreiô o burro lá e já veio de a cavalo e saímo. Aí eu fui até a bera de uma cerca e vortei e falei:
 - Vô arreiá burro, também. - E saímo tudo, atrais desse pião. E ele sumiu. Chegaro na cerca ansim, ele varava a cerca, nós ia e disatava o arame e vinha ali, pegava a batida dele, aí eu vortei. Falei: - vô vortá, vô no Bunito avisá e trazê mais gente pra procurá. Sumiu um cumpanhero, né. - E um tio meu, que tava, ele e oto, um

- largô da batida dele, foi saí numa casa. E ele, saiu lá naquela casa, chegô lá falô, contô que ele se perdeu, foi atrais da tropa, a tropa correu dele, né. Mais ele tava variado, e o cara, acho que ficô cum medo dele. Ele mostrava, quiria saí lá em tar lugar:
- Não, mais é pra cá. - Mostrava. – Intão, ocê tem que vortá pra cá! O retiro São Carlos tá bem pra cá.
 - Não, é pra cá, é pra cá.
 - Num é, é pra cá, o senhor tem que vortá aqui. – Aí, ele falô: - Bom, tá teimano! – Em veis de í, que ele tava variado, né. Saiu, rumo diferente de novo. Aí, esse tio meu saiu lá. Falô:
 - Fais uma meia-hora, ele saiu daqui - falô: - foi pra cá. - Aí, quando eu saí na reta lá com um cumpanhero, né, falei:
 - Sondá, se uma carona passá aqui, eu vô lá no Bunito e ocê fica campiano. – Aí, ia ino, ansim, de looonge, vi uma cabeça. Ele saiu, tinha chuvido, ele saiu na batida da boiada, isso foi ele memo que contô, saiu na batida da boiada e oiô. Aí, ele ia vortá pra trais, rasto pra trais, falô:
 - Num é aqui. - Ficô perdido. Aí, nós vimo ele de longe.
 - Oh lá, ele! - Gritemo, cumecemo gritá, ele ficô assustaado, oiano, ansim. Já ia corrê de nós. Aí nós fomo: - Ôh Hélio! Ôh Hélio! – e fomo chegano perto e ele oiano, oiano, oiano, com a capa, ansim, oiano. Cheguemo, perto, ansim, é que ele reconheceu nós. Aí, eu falei: - O que que foi Hélio, ficô perdido cumpanhero? - Falamo ansim. Custô conhecê nós. Falô:
 - Tô perdido cumpanhero! Eu tava com uma boiada aí, me perdi. - Falô bem ansim Aí, ele já ia, falô: - Eu já ia corrê d’oceis, paricia que oceis num era gente. - falô ansim. Aí o peão que tava cumigo, falô:
 - Ah, mais, se ocê corresse eu ia te laçá ali! Que meu burro é corredô. Ia metê corda n’ocê - Aí, tivemo que posá naquela fazenda, num deu mais pra saí, tardô, né, nós ia só armoçá ali, seguí pra posá na otra fazenda. Aí, gozado, aí otro dia saímo dali, fomo armoçá nessa fazenda que era pra nós posá, né. Aí, quando ia posá, desarelá num garpão assim, que tinha até uma fornáia de fazê rapadura, né. Aí, né, como nós só ia armoçá, lá, o cozinhero desarelô embaxo de um pé-de-capitão ansim.

Aí, armucemo, tamo tudo ali tomano tereré, o cuzinhero lavano, arrumano as vasilha dele, já pra saí de novo, pra í posá ne otra fazenda, o garpãozão grande, ansim cumo tá agora, parado, num tinha vento nem nada, o garpão disabô lá, *pláááá*, caiu lá. Aí, nós lembramo, falemo:

- Oh í, o que que ivitô, né! Se o rapais no se perdesse, nós ia posá lá, o garpão ia caí incima de nós, né. - nós lembremo disso aí.
- **E ele ficou variado quando ele passou em cima do rastro de algum bicho?**
- Dicerito, lá no açude, né, dicerito lá. Ele contô que o burro redomão foi ansim, ele rodiô uma moita, correno ansim, saiu na istrada e ali que ele se perdeu. Dicerito ali, ele cruzô no rasto e... e aí, nós fiquemo mais assustado que o capatais falô que sumiu uma criança ali, que ele foi, daí quinze dia, mais, só que acharo morto a criança, depois de quinze dia. Mais, muito longe, de lá do açude. A criança saiu, o gurizinho, parece que, de deis ano, foi cum a mãe no açude lavá ropa e, ficava brincano, brincano por ali, né. Isso, diz que, se cruzá no rasto...

1.2.H- Seu Marcondes

O causo da comitiva que se perdeu pelo caminho

- Uma veis, nós ia cum a tropa ansim, tamém, pro otro lado, num era istrada, né, mais tinha triero ansim, né. Aí, nós armoçamo no açude, aí arriemo os carguero, aí nós saímo tudo junto, cunversano ansim, saimo, saimo, fomo ino, ino, ino, daí um poco, eu falei:
- Mais, nós tamo errado, aqui! Óia, que fais hora que nós vêm andano aqui, aqui. E era poca, logo nós já saía naquela vazante assim, assim, agora... cadê aquela vazante ansim, - falei pro cumpanhero - que tinha aqui? - Ele disse:
- Pois é, mais é memo! Ocê sabe que nós tamo errado! – Aí, paremo o carguero ali e cumecemo andá pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, um pedacinho ansim que ia, daí um poco, tinha que vortá:
- Num é aqui!- Fiquemo andano. Aí, um dos cumpanhero já saiu ansim e foi imbora, foi, foi imbora! Sumiu. Entraro numa mata berano uma cerca e se foro. Aí, em seguida, daí um poco, nós ia indo, mesma coisa, crariô ansim! - Oh aqui a

istrada! É aqui a vazante! – Conforme aquilo crariô: - é aqui! - Cumeçamo gritá e gritano, gritano, gritano, apitava na buzina, tudo, os cara. Aí, com muito custo, iscuitemo um grito dentro da mata. Aí, falei: - Mais, pra que que ele entrô na mata, que ele sabia que num tinha que entrá na mata, né. - Aí né, chegaro ansim, num deu pra í mais, um já quiria amarrá o burro e vará a cerca, largá o burro marrado, e oiá de a pé na mata. Esses dois se perdero memo. Aí, iscuitaro o berrante e vortaro pra trais. Aí, fiquemo isperano. Isso, já tava de tardezinha! Mais, o poso já tava perto, o retiro. Aí, saíro, costeano a cerca de vorta. Aí, otro falô:

- O fulano já quiria vará a cerca, marrá o burro e í de a pé pra oiá ansim, se a istrada tava perto. - Já tava variado. Aí o oto, mais forte falô:
- Não, vamo vortá. Oh, gritô pra cá! - Tamém, a istrada tava facinho lá, se perdemo tudo ansim, duma hora pra outra, e nós era costumado passá ali, só que num era na istrada, era cortano campo, vazante, né. Mais, era cunhecido, né. Mais, é um troço. Aquilo, fiquemo tudo pareceno, daí, aquilo crariô, assim. Parece que... falô:
- Oh qui, a estrada, onde é! – Aí, tudo mundo enxergô a estrada.

3.1.H- Seu Oscar

O caso do menino perdido que era cuidado por uma anta

- Intão saiu a mãe e o pai, foro dá uma vorta lá no pantanar prucurá num sei o quê, matá tatu, quarqué coisa, e o guri istraviô. Ele já tinha mais de cinco ano, ele já tava grandinho. O guri istraviô do pai e da mãe e prucuraro, prucuraro, prucuraro, num acharo. Aí, foro imbora pra fazenda. Chegô lá cumunicô o patrão. Aí, o patrão chamô todo mundo, né:
- Vamo procurá o guri. - Procuramo, procuramo, procuramo, prucuramo o guri e nada, num achemo:
- A onça já comeu ele. - Passô uma semana. Fomo pro campo. Chegemo assim num coricho, tava o rastro do guri. O rastinho dele ali:
- Ah, o guri no morreu, oh qui o rastro. Vamo procurá esse safadinho.- Prucuremo, prucuremo e nada. Aí um dia o pessoar foro pro campo, sei que eu num fui, até.

Fiquei fazeno otro serviço na fazenda. Eles foro, aí eles acharo a batida do guri, aonde ele chegô na beira do curicho, ele tirô a ropa, tomô banho, atravessô o curicho, vestiu a ropa e tinha um capão assim. Eles viro onde ele entrô, eles viro aonde o guri entrô, eles acumpanharo. Aí eles acharo a batida do guri aonde saiu, aí eles inxergaro ele que ia ino lá. Ele ia ino entrá notro capão. Aí, eles eram bastante, ficô a metade aqui pra trais e a otra metade arrodio por lá e ficô lá na frente, aonde ele ia saí. Ficarô iscondido, até ele saí lá. Quando ele saiu, eles saíro nele. Saíro nele. Ele, ele tava bobo assim cum medo, ele correu. Correu, eles metero o cavalo incima dele, quando arcançaro ele, pularo do cavalo, pegaro ele. Pegaro ele e trouxero. Aí perguntaro, lá na fazenda, perguntamo. Eu num perguntei nada, né, mais lá, a patroa lá do patrão perguntô pra ele:

- Iscuta, cumo que ocê durmia? –Ele falava:
- Eu, uai! Tinha uma anta. – Falô:
- Tinha uma anta que me acumpanhava. Ela deitava num pé dum pau, eu deitava junto cum ela e eu durmia ali.
- E o que que ocê cumia? - Ele falava:
- Ah, ela me dava mer pra mim comê. Eu cumia mer, fruta de bacaiuva.
- Só isso? E nunca nada mexeu cum você? – Ele falô:
- Não. - Ele falô:
- A anta me cuidava. - Aí pegaro ele, levaro pro médico, né, e vortô bom.

4.1.H- Carlão

O caso do homem que se perdeu e passou uma noite e um dia em cima de um burro

- Então, tem uma história tamém, que, essa é verdadeira, né. Um patrão meu. Lá nesse lugar. Ia saí c'uma boiada pra ota fazenda e eu tinha... e tinha uma íula, era a íula do Boneco. Então, ela era uma íula alta no meio do Pantanal, dava seis quilômetro de largura e nós fizemo um carreadô, né, com moto-serra pa passá c'o gado. Então, cê entra naquela mata e chega sê mei escuro. Quando cê sai do oto lado, crareia. Eu tava com mil e cem boi no manguero, tava no ritiro pa saí pa essa fazenda. Era fazenda Lenço Preto, né. E aí o patrão inventô de í. Ele falô:

- Eu vô tamém nessa viagem aí. Eu vô até na fazenda Riozinho. - Fazenda Riozinho é aonde tinha um rio tamém que nós passava lá. - Pra lá, cê manda um barco pa me pegá lá, né. - Nesse riozinho que caía no Guaporé. Eu falei:
- O troço aí é feio. Ele é aqui de Campo Grande, aqui.
- Bão, mais eu vô.
- Então tá. - Falei. - Manhã, nós sai de madrugada. Porque, nós vamo chegá lá no ritiro. - É o ritiro do Limão. - Então, nós vamo chegá no ritiro do Limão creano o dia, nós sobe e quando fô ali pas oito hora, nós tamo entrano nessa mata e vamo passá. É feio! - E lá fomo, rapais. Aí, quando chega, cê vem com mil boi num carreadô de cinco méto. Era cumprida a boiada, né. Que cê entra ali dento, a boiada, as veis, vai até um quilômetro de comprimento. Daí cê começa entrá o pessoal nas táia. Táia é assim...
- **Vocês estavam em quantos?**
- Nós tava em quatorze pessoa... Porque táia é assim: cem boi, vai um. Mais cem vai pa frente e o to, e vai impurrano, né. E eu falei, tem o Bergaminho, um nêgo véio, falei: - Bergaminho, ocê cuida a culata aqui, atrais. Eu vô na última táia, lá atrais do pontero, porque quando chegá lá na... que fô saí do mato, essa boiada pode assustá. - No deu ôta! - E aí, já falei p'o pessoal, falei: - se caso a boiada dé algum esparramo, voceis amarra o burro e vamo de a pé, porque de burro aí no mei do mato no fais nada, tem que sê de a pé. - Aí fomo. Aí foi que no deu ôta. Quando chegô pa saí assim, que a boiada viu o clarão assim, ela barrô pa traís e sentô memo. Sentô e sentô, e aí já vamo amarrano os burro, ino de a pé, e vai e vai, conseguimos jogá ela. Jogamo, o pontero segurô, do o to lado já era um campo limpo, né. O pontero segurô ela. E aí tá, os companhero tudo pulano, brincano, né, tá todo mundo, falei: - cadê o patrão?
- Há, o patrão num tá. - Falei:
- Então segura um poco aí, qu'eu vô vortá c'um companhero e vô vê. - Aí vortei c'o companhero, já gritamo e vai.
- Num tem movimento. - Aí, mais na frente tinha o to lugar feio pa passá. O tar lugar da navaia, onde era um lamaçal, um atolero, tamém. Falei:

- Bergamin, cê vai embora com essa boiada. Cê vai embora, chegado na fazenda Riozinho, ali, cê arruma um piquete, pára ela por ali e eu vô vê se localizo o patrão. - E nada, rapais. Nisso já era umas duas e meia da tarde. Nada. Aí, já escureceu, aí o cumpanhero que tava comigo, de apelido de Buguinho, falei: - Buguinho, cê vai no ritiro, - porque tem essa mata do Boneco, mais tem o ritiro, tamém, - cê vai no ritiro do Boneco, chama o Manezinho, - que era um buliviano que andava c'uma turma roçano, - e você chama ele e trais o motorserra. Fala pra ele vim c'a turma. - Porque buliviano lá conhece mato. - Eles sabe, porque cum o baruío de motor, nós passano aqui, ele vai escutá e vem. - Aí, quando foi umas oito hora da noite, aí eu fiz um fogo ali, disarriei o burro, né, e onça esturrano, onça é o que tinha naquele mato lá. E cada esturro feio! Aí, chegô. Aí nós saímo. Mandeí já trazê uma bóia pa mim, aí nós saímo. Disci assim no mato, assim, quinhento metro entrava dois, quinhento... ficamo até uma meia-noite e poco, nada. E ele escutava o baruío do motor, mais o cara quando fica perdido ele fica, né, se apavora. Aí falei: - bão, agora num adianta, ceis vortam e no oto dia ceis vem. Trais a bóia, pa nós ficá aqui o dia todo se fô prciso, né. Que eu vô ficá aqui. - Aí fiquei co oto cumpanhero, fizemo fogo, no durmia, porque musquito, né, e escutano: - que uma hora ele grita e a gente escuta e responde, né. - Mai aquilo, um silêncio. A única coisa que ocê escutava naquela mata ali era pio de cobra, né, esturro de onça.
- Onça inda vai comê esse home aí, sabe! - Aí, amanheceu o dia, no oto dia saiu esse Manezin com mais dois. Quando foi uma hora da tarde, esse Manezinho saiu nele. Que aí ele achô aonde ele foi c'o burro, coisano. Aí foi pegano batida, né, porque sempre no mato, lá tem muita daquela estopa, eu no digo muito batida, batida é de cipó. Do ramo que vai ino pa frente, aí achô. Então, ficô lá uma tarde inteira, ficô a noite, só que no desceu do burro tamém, né. Que geralmente o burro conhece a estrada, mais lá como é um mato de muito cipó, então ele se perde, né. Porque tem muito lugar aí que cê num travessa. Tem que dá vorta, aonde o burro foi se perdeno tamém. Aí nós... o Manezim achô ele. Aí já vei. Canela tava tudo lascado de espinho, de passá em pau. Aí levamo ele lá pa sede da fazenda. Chegô lá, foi tirano a rôpa, nós jogano água nele. Já tinha feito mais de deis prumessa

- tamém, né. Acho que ele já foi umas três veis na Aparicida do Norte pa pagá prumessa.
- **Ficou a noite inteira e não saiu do burro.**
 - Num saiu. E saísse, a onça comia. Perdia de uma veis, né. Então, porque lá era feio.

I. As Ações Mágicas

1.1.I- Dona Marli e Seu Marcondes

O caso do benzedor que curou um dente

- Meu pai tem noventa e um anos, né. E ele, quando era menino, lá na fazenda Capão Alto, ele sofreu uma dor de dente muito grande, aí então, meu avô falou assim:
- Vai lá falá pro Chicão – até o meu outro avô, que meus dois avós são irmãos, né. O pai do meu pai e o pai da minha mãe são irmãos. Então, ele mandou chamá meu avô pra benzê o dente dele. E meu avô foi uma pessoa, que toda vida teve muita fé, né. Então, benzeu o dente dele. Mais olha! O dente estourou dentro da boca. E se perguntá, hoje, pra ele, ele conta.
- Eu acredito em benzeção, tem muita gente que no acredita. Ela, memo, no acredita em benzeção. (Seu Marcondes, simultaneamente)
- Não, eu não acredito, eu não acredito em benzeção, eu acredito na fé da pessoa, né. (Dona Marli)
- E estourou o dente.

1.2.I- Seu Marcondes

O caso do benzedor que salvou uma mula mordida de cobra

- Uma veis, uma cobra pegô uma mula minha, aí, tinha um rapais que binzia, né. Num tinha injeção, num tinha nada, né. Aí, ele falô:
- Opa! Acredita em benzeção, home? - Falei:

- Ah! Credito. Pode benzê. – Benzeu a mula. Já tava c’ a boca inchada, até. Benzeu, no otro dia a mula amanheceu c’ a boca inchada, ainda. Sarvô a mula!

2.1.I- Seu Perigoso

O caso do benzedor que curou Seu Perigoso de uma estranha doença

- Uma vez eu tava numa fazenda e me deu uma dor, de lado assim oh! E essa dor... Eu num parava, que num via... Só saía aquela vagaluma azul, verde. Aí levaro eu prum dotor, levaro prum dotor... Parecia uma pelota, assim, de lado, assim. Quando botei o pé no portão assim, oh, (se levanta e demonstra) a pelota saíno pra fora, eu saí de lá pra saí pra cá, e aquela dor me pegô aqui, oh! (aponta o lugar da dor). Era porcaria que fizeram. Fizeram e ponharo no chão... pegô e levô pro dotor, falô:
- Mais não tem nada. Feis exame, todo tipo e não tem nada. - Aí arrumaro um índio véio, de nome de seu Arcide, lá de Nioaque, né. Ele trabaia na prefeitura. Ele benzeu. Falô:
- Isso aí é porcaria que fizeram e pegô no senhor. - De repente, assim, ino pra cidade... vinha meio baxo, assim, c’ aquela dor, assim. Mais vinha mau! Eu vinha suando frio. Falô:
- Perigoso, cortaro ele, cortaro ele. Falei:
- Mais no é. - Eu vinha na rua que vinha na marra, (se levanta). O povo ia passano e eu num via ninguém. Aí o índio véio benzeu. Nunca mais! Cabô! Foi só uma veis, acabô. O bicho é liso, né. Só que tem que comprá pinga pra ele, um corote. Compra um corote de pinga pra ele, ele benze. Benze memo, contra qualquer coisa. O bicho é liso. Daí eu fiquei bão, né. Mais, se num tivesse ele aí, eu tava ruim, tava morto.

3.1.I- Seu Oscar

O caso do benzedor que livrou uma grávida do veneno de cobra

- Eu trabalhava c'um patrão. Ele chama Vardemar. Até esses tempo, ele até veio me visitá, aqui. Então, nós trabalhava na fazenda, né. Mais só que a mulher dele morava na cidade. Lá em Tounai. Então, ela tava grávida, né. E ela tinha um guri. Até, esse filho dela mora ali, tem uma lanchunete ali. E ela tava grávida novamente de... ela teve até a criança, era uma minina. Então, nós chegemo da fazenda, de tarde, aí tomemo banho, ele pegô, assim, uma cadera, sentô na carçada pra fora e falô pra mim, eles me chamavam só de portuguêsis, né, porque meu pai era portuguêsis, aí ele falô pra mim:
- Portuguêsis, vai lá na venda e trais uma garrafa de pinga pra nós. Vamo tomá um trago pra nós tomá banho. – Aí eu disci, fui lá, trosse a pinga, dei pra ele, ele abriu a pinga. Tinha uma impregada, chamava Maria, era uma morena. Pidiu um copo, ela trosse o copo, ele pois um tanto pra ele assim, bebeu, aí ele passô a garrafa pra mim, falô:
- Toma aí! Pode bebê. - Mais, eu num sô muito de bebê, né, mais em todos caso, pra tomá banho, bibi um golinho. Aí dei pra ele, ele pois a garrafa, assim, pois o copo no bico da garrafa e ficô sentado ali sem camisa. E a mulher dele era uma mulher magra. Chamava Zilá, diz que morreu, deu derrame nela. Ela tava bem grávida, já tava pra tê a minina. Aí ela chegô e, enfiô o pé assim em baixo da cadera dele e abraçô ele por detrais e a cobra tava ali em baixo da cadera dele, na carçada, ali, e ninguém viu. Aí a cobra, pá! Pegô ela, aqui. (segura o pé direito). No pé direito, deu uma picada aqui e deu outra aqui. Ela afastô. Ela afastô, falô:
- Eh, Um bicho me pegô aqui! – Aí, a mãe dela trosse a lanterna, colocô, era uma cobra, uma boca-de-sapo. Ela tava enrolada. E tinha um velho, ele chamava André de Arruda. Num sei. Dicerto já morreu. Morava lá num lugar, ficava mais-o-meno mir metro longe. E esse, esse meu patrão, ele gostava de carrera de cavalo, né. Então, ele tinha cavalo de carrera. Ele falô pra mim:
- Portuguêsis, munta no cavalo e vai lá, chama o velho André. – Mais, eu nunca acriditei em benzeção, viu.

- **Ah, é!**
- É. Eu num acridito nessas coisa, não. -Tá bom. - Pulei, joguei um bachero, peguei o cavalo e fui lá. Falei cum ele:
- Seu André, o Vardemá mandô chamá o senhor, uma cobra mordeu a Zilá, mulher dele. Aí, ele me olhô, assim, falô pra mim:
- Olha. Num é cobra, não. Num foi cobra que mordeu ela, não. – Falei:
- Mais como que não seu André? Foi. – ele falô:
- Foi é um cipó.
- Tá bom. – Aí ele pegô o cavalo dele que tava ali, encilhô e viemo a galope. Chegemo lá, ela tava lá, sentada. Perto do marido. Aí ele falô:
- Aonde que pegô? – Aí ela falô:
- Foi aqui. – Aí ele falô:
- Num foi cobra que pegô a senhora, não. Foi um cipó. – ela falô:
- Cipó nada, sô! Foi cobra. – ela falô - E agora, eu vô perdê meu filho? Filha? – ela falô – Esse meis que vem eu já vô tê ele.- Ele falô:
- Não, num vai perdê nada, não. A senhora num vai morrê nem vai perdê a filha. – Tá bom. Aí ele falô – Põe o pé aqui nessa cadera. – Aí ela pois o pé, ele carmo, ficô olhano assim, ele pois a mão, assim, incima. E eu fiquei olhano ele, né. Fiquei olhano a boca dele. Mais ele num falava nada, a boca dele ficava quéta, fechada. Daí, ele falô:
- Tá pronto dona. – ele falô - A senhora pode tomá banho, pode comê, só tem uma coisa: a senhora num vai pisá na chichica de galinha, viu. Num vai pisá. Amanhã, eu vorto aqui. – Falô até amanhã, muntô no cavalo e foi embora. Que coisa! Essa mulher, ela num perdeu o filho, era uma minina. Ela teve a minina, chamava até Terma. Ela num morreu, num inchô, num teve nada.
- **Então, ela não pisou na titica de galinha?**
- Ela num saía de dento de casa.
- **E a boca-de-sapo é venenosa.**
- É a sigunda mais venenosa. A primera é a corar, né. A corar pintada de branco e preto, né. Porque a corar, tem de várias cores, né.
- **É, tem a vermelha.**

- A vermelha... E ela num teve nada, viu!
- **Incrível!**
- Só qu'eu num acredito, viu.
- **O senhor acha que foi o cipó mesmo que a picou?**
- Eu num posso acreditá sabe o quê?
- **O quê?**
- Porque, eu penso assim: Deus num dá força pra ninguém aqui nessa terra. Deus dá intiligência. Mais, força, não. Ele dá intiligência pro senhor sê médico, sê aviador, sê quarqué coisa. O senhor é... tem a intiligência que Ele dá.
- Mais alguma coisa ele tem, ué, pois se ela... num acunteceu nada pra ela! (irmã de seu Oscar)
- Força, não!
- Alguma coisa ele tem. (irmã)
- E agora, porque que aquele veneno daquela cobra tá dentro do corpo da pessoa e ele fala daqui, e essas palavra dele que eu num sei o que ele fala combate aquele veneno, né?
- **É mistério.**
- Aí que eu num sei, mais que a benzação ixiste, ixiste. Só q'eu num acredito.

3.2.I- Seu Oscar

O causo do benzedor que ordenava e as cobras iam embora

- Ah. Tinha uma cobra lá e... num foi eu que chamei ele, não.
- **Era em que fazenda, era na Nhecolândia?**
- Não. Num era na Nhecolândia. Era aqui. Perto. Aí a dona lá da fazenda viu a cobra. Aí ela me chamô, falô:
- Oscar, vem cá. Mata aquela cobra lá. – Eu falei:
- Ah, Dona, eu num vô matá não. – Falei - Chama o fulano lá. – Aí ela chamô ele:
- Ou! Vem cá. – Ele veio, ela falô pra ele. – Mata aquela cobra lá, o Oscar num quis matá. – Ele falô:

- Dona, eu num mato cobra, mais se a senhora qué, eu posso mandá ela imbora daqui. – Aí ela falô:
- Como que o senhor vai mandá ela imbora? – Ele falô:
- Eu mando! – Aí a Dona falô:
- Então manda! – Aí ele ficô assim na cerca, ficô olhano a cobra, eu num ouvi ele falá nada, né. Daí um poco a cobra foi imbora. Aí, eu num sei, né. A força que tem, né. O mundo é muito comreto, né. Ixiste muito mistério no mundo que nem eu nem muita gente num sabe.

5.1.I- Seu Edson

O caso do benzedor que apagou o fogo de uma fazenda e encontrou um ninho de cobras

- Eu, quando era minino, aqui no seu Dino Américo Tavera, aqui na fazenda Barrero, e eu vi um caso de um senhor que me dexô, sabe... eu era mulecão, devia tê uns onze, doze ano. É... dexa eu me alembrá o nome dele... ele era minero, esse senhor. Esse senhor no andava nem a cavalo, nada de condução. Só andava a pé. Tinha um bastão. A única coisa que ele usava era esse bastão e uma faca. Eu alembro até hoje, nós tinha muito medo dele. Nós era criança, né. Então, você encontrava ele na estrada, por exemplo, nós quando era guri, né, ficava tudo cum medo. Mais, era feio memo, o home. Usava uma barba por aqui, assim, sabe. (Com a mão direita marca na altura do peito) Ele era bem moreno, quase preto. Aquela barbona c'o cabelo. Ele andava assim, sabe. No andava muito bem vestido também, né. Esse senhor, eu vi ele fazê duas coisas, que me dexô impressionado. Em mil novecentos e cinqüenta, eu fui c'o meu tio e padrinho, irmão da minha mãe, ajudá apagá um fogo dento da fazenda desse seu Dino Américo. Era um jaraguá que cubria uma pessoa. Nós tava em, vinte pessoas, por aí, pra apagá o fogo. No conseguia. O jaraguá era muito arto. Ia queimá a fazenda do home, toda. Esse senhor apareceu lá, mandô todo mundo í ficá numa sombra. Alembro até hoje, era uma figuerona.

- Pode ficá aí, tomano a água de voceis. No vem ninguém atrais de mim! – E ele entrô, assim, mais-o-meno uns vinte metro antes do fogo. Benzeu. Aí, ele voltô por onde tinha queimado. Voltô, foi lá onde nós tava. Aí, o capatais da fazenda, que era filho do seu Dino Américo, tar de Toninho, falô pra ele:
- E daí, seu – Zé do Reis, chamava o home- e daí, seu José? - Ele falô:
- Não, ceis pode í imbora pra casa. – O fogo queimô até onde ele passô. Da onde ele passô, pra baxo, né. Depois, eu vi ele fazê uma coisa, aí, nessa mesma fazenda. Tinha um maiador de gado, volta-e-meia aparicia uma criação morta. Ninguém sabia... sabia qu'era cobra, né! Mais, no sabia de qual era. Aí, ele chegô na fazenda, seu Dino Américo falô pra ele. Aí, ele saiu, assim, prum lado, falô pro dono da fazenda. Falô:
- Olha. Arruma um pião, dois pião e uns inchadão. Eu vô matá a cobra. - Aí, foi no maiador de gado. Rente no chão, assim, tinha aqueles cupim de pito, que eles fala, né? Num cupim quebrado, ele chegô e falô pr'os pião:
- Cavuca, mais cavuca cum cuidado, que aí embaxo tem duas salamandra. Aí, o pião abrino, foi cavucano. Chegô embaxo, tinha um buraco, fundo assim. (Com a mão direita, faz a altura de um metro mais ou menos) Rancaro aquele cupim, saiu as duas cobra lá de dento. Aí, ele mandô elas pará. Aí, diz que, elas parô assim, eles que contaro, os dois pião. As cobra parô, assim. Aí, diz que, feis assim, do lado deles e as duas cobra espicharo, assim, foro se retorcenô e morreu ali, as duas. Os pião ficô...
- **Ele só ordenou.**
- É.

6.1.I- Seu Benjamim

O caso do benzedor que salvou a própria filha do veneno da boca-de-sapo

- Na fazenda Esperança, que eu vi. O próprio pai dela, memo, que benzeu ela. Ela ia saíno já na boca-da-noite. Boca-da-noite, que a gente fala, é no iscurecê. É as duas hora mais pirigosa da cobra, principarmente a boca-de-sapo. É no fechá a noite, é no clariá o dia. Você pode ficá certo.

- Ah, fulano a cobra pegô! – Procura sabê, quando num é na boca-da-noite é de manhã cedo. Boca- da-noite, a gente fala, é quando tá iscreceno. Acho que ela sai pra caçá essas hora. E de manhã, ela sai procurano onde ela iscondeu. A boca-de-sapo é ansim memo.
- **E aí, essa menina saiu, foi a menina que a cobra picou?**
- Foi a menina, de uns dez ano, mais-o-meno.
- **Como que foi?**
- Pois é. Ela ia saíno da casa, acho que no saí na porta, a cobra pegô ela. Foi olhá c'a lamparina, viu qu'era boca-de-sapo. O pai dela benzeu ela. Aí, num sei se ela num tinha de morrê. Eu num acreditava muito em benzição, não.
- **E ela sarou?**
- Ah, sarô.

10. 1.I- Seu Leandro

O causo do benzedor que curou uma doença misteriosa de nove anos

- Saiu em mim, eu soufri uns oito, nove ano, isso aqui, ói... (mostra algumas manchas no pé e na perna direitos) ói... Depois já tava aqui, ói...(agora, mostra manchas semelhantes no pé e na perna esquerdos) ói...
- **E o que o senhor fez?**
- Aqui, num teve benzedô, num teve médico, que eu num repassei! Fui em Biratinga. Lá tamém, benzedô, médico, diz que, ispecialista de, de, de pele, de coisa. Num achô duença em mim! Feis exame de sangue, falô:
- Mais, seu sangue é positivo, rapais! Ocê num tem nada no sangue. Seu sangue é oh positivo. Cê num tem, pode adoá pra quarqué um. Ocê num tem nada.
- Mais, e como que, como que esse troço num sara em mim, dottor?
- Ah, ocê num pode usá meia de lã, num pode comê tar coisa, ocê num pode comê tar coisa. – Só fazia perdê tempo. E daí arguns dia, eu tava cunversano c'uns amigo, eu trabaio aqui no depósito Rio Verde, aqui, deis ano aí nesse depósito. Carregano cimento, carregano car, carregano pedrisco e, pedra preta. E, tinha

- noite que eu num podia durmi! Eu punha o pé lá, os dois pé lá incima, assim, na parede pra pudê durmi, rapais! Aquilo inchava que paricia que era fogo que tava queimano por fora! Aquele troço feio, e uma coceira que, Deus me livre!
- **Mostra aí pra gente, como que era?**
 - Oh í! (Arregaça um pouco a barra da calça e mostra as manchas novamente) Sabe do que cumeçô isso daqui?
 - **Não.**
 - De jogo de bola.
 - **Sei.**
 - No pantanar mesmo. Nós jogava bola, aí o cara me deu um chute, com a chutera, me deu um chute aqui e me relô a canela, aqui. (Continua mostrando a perna) Isso aqui, foi um sofrimento pra mim. Intão, aí, quando foi um dia, o cara falô pra mim, assim:
 - Óia! Aí tem um véio, aí tem um véio muito bom pra benzê. Bom pra benzê, esse véio. Porque o senhor num vai lá? - Eu falei:
 - Rapais! Mais, aqui no Rio Verde, eu já tô cansado de andá, madrugada, uma hora da manhã eu vô na casa do benzedô pra ele me curá, no me cura, rapais! Eu já fui em Biratinga e o troço tá danado. - Ele falô:
 - Vai lá rapais. – Aí, eu já tava memo danado, aí eu falei pa muié:
 - Eu vô lá num tar de, diz que tem um tar de seu Bigode aí, né. Na vilinha aí, na cerâmica aí. Eu vô lá! Esse troço tá muito arruinado. – Tava cum pé que, andano, parpano, assim. Aí, fui lá no véio. Um dia, eu levantei e fui lá. Cheguei lá, sentei num banqueto, assim. Aí, a mulher dele falô:
 - O que o senhor, o que o senhor tá quereno? - Falei:
 - Não, eu vim vê o seu Bigode, é aqui?
 - É, aqui memo. Vamo entrá aqui pra dentro, senta aí e ispera um poco. – Aí, saiu ali, tal, me sardô.
 - O que que acunteceu, cumpanhero? – Falei:
 - Rapais, é o seguinte. Esse pé aqui, tô, agora já tô os dois lado. Eu num posso mais nem trabaiá. Num tá dano jeito mais nem de trabaiá. Eu vô, trabaio uma semana, passo duas, treis, quatro semana sem trabaiá, e coisa. Ele oiô assim, falô:

- Rapaaais! Fais tempo que o sinhô tem isso aí? – Falei:
- Fais tempo. Fais tempo. Cumeçô no pantanar, esse troço aí, num jogo de bola. – Ele falô:
- É rapais, esse negócio tá meio difícil, hen! – Aí, falô: - Mais, pra Deus, nada é difícil. Pra Deus, nada é difícil. Mais, isso aí tá meio.... - Aí, falô assim: - O senhor é católico? Que que o senhor é? – Falei:
- Não, eu sô católico.
- O senhor acridita que santo fais milagre? Deus-Pai ajuda um santo fazê milagre? – Eu falei assim:
- Eu num sei nada não. Mais, e eu tenho devoção por Nossa Senhora da Aparicida.
- Intão, se o senhor é católico, eu vô ixprimená curá o senhor. - Falei:
- Tá bão. – Aí, ele benzeu, falô:
- Eu vô benzê, tá muito brabo esse troço aí. - Ele benzeu. Falô:- Dipois de amanhã, o senhor vorta aqui. – Aí, quando foi no dia, eu vortei lá de novo. Aí, benzeu de novo e falô: - O que que o senhor tá achano?. - Falei:
- Bom, graças a Deus, tô achano que tô melhorano! – Falei: - Tá secano, tal. Tá disinchano a perna, já, num tá dueno.
- Vô benzê mais uma veis. Agora o senhor demora mais, mais uns dia, aí se eu vê que...
- **E como ele fazia, ele rezava encima?**
- Não, não, ele punha, as veis, sentado numa cadera lá, na bera da mesa do santo, né. Tinha uma mesa, do santo. Aí, acindia uma vela, daí punhava uns treis, quatro raminho de folhinha verde, assim. Punha dentro de um copo cum água. Daí, ele pegava um foia daquela, binzia a gente. Aí, binzia, binzia, pegava otra, binzia do otro lado. Pegava otra. Aí, ele falô pra mim, trazê.
- Agora, o senhor tá sintino melhor? - Falei:
- Tô. Graças a Deus.
- Agora, o senhor vai trazê pra mim... O senhor compra um litro de vinho branco. - Aí ele falô mais uma porção de troço que tinha que levá. Era, vela, era, sabonete, num sei o que. Essas coisa. – E trais pra mim! – Aí, tá. Aí, n’otro dia, levei. Levei, ele feis o remédio, ele falô: - Agora, nós vamo fazê o seguinte: cê vai, cê vai

tomá essa garrafada, se num melhorá, cê vai tomá outra. Agora, a hora que ocê vai cumeçá, pode cumeçá hoje de noite, mais, de hoje, ocê num come, ocê num come ovos, num come carne de tatu, ocê num come peixe, ocê num come carne de cutia, carne de porco. – E, foi uma porção de troço. - Pimenta, de qualidade nenhuma, de qualidade nenhuma! Ocê nem pensa em comê pimenta, de qualidade nenhuma. Daí, daqui quarenta e um dia, ocê vai terminá de tomá esse remédio. Se ocê num sará, nós vamo fazê outro. - Tá, então tá. Aí, pronto. - Num precisa ocê vim mais aqui, não. Cê só vem depois que cumpretá os quarenta dia, agora. Quarenta dia. Cum quarenta dia cê vorta aqui. Aí, cê já tá terminano de tomá o remédio, cê vai, aí ocê vem aqui.

- Tá! – Aí, vim imhora. Vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai. Os quarenta e um dia, eu fui lá. Falô:
- E daí? Falei:
- Rapais, graças a Deus, eu acho que eu tô são! – Falô assim:
- Ocê acha que cê tá são? – Eu falei:
- Eu acho que tô.
- Agora, cê... aí, ocê vai trazê pra mim, no é pra mim! Cê trais, cinco maço de vela pra Nossa Senhora Aparecida, daí ocê vai, daí, cê vem aqui que eu vô insiná como acendê e... – Daí, tá bão. Aí, fui, da outra veis, levei o maço de vela, assim. Aí, ele me insinô como que ia acendê lá, acendi, tudo. Fiz aquilo, ele falô: - Óia, de hoje em diante, ocê tá são, rapais! Ocê tá são. Graças a Deus! De hoje em diante, ocê pode cumê o que cê quisé! E pode tomá essas bebida de arco o dia que cê quisé, tamém. Num tem nada, não.

J. As Luzes Misteriosas

1.1.J- Seu Marcondes

O caso do cavalo que não teve medo de enfrentar uma luz misteriosa

- Uma veis, eu vinha vino, né. E de noite, né. Aí, né, eu quase vortei, depois falei:
- Não. É muita coisa. – O cavalo quiria í, né. Falei: - Mais, se for alguma coisa, o cavalo ia assombrá, tamém, né. – Tava uns fogo, assim, né. Aqueles fogo. Falei: - decerto é um interro, né. - Ah, aquele fogo, parece que quanto mais eu oiava na minha frente, saía até faísca, né. Falei: - Pá! Sartano fogo, faísca, né. – E, cheguei um pedacinho, parei o cavalo e o cavalo quiria í, né. Falei: - mais, esse cavalo será que no tá veno? - E, aquele fogo, fogo e ficava assim aquele fogo. Falei: - deve sê um interro isso, né. – Aí, né: - que í pra lá! – Falei: - eu vô vortá, né! Eu vô vortá, mais, de dia, vô arrumá uns cumpanhero, vô marcá bem, aquele pé-de-pau ali e vamo vê que que, pra vê, se é interro vai tê argum sinar aí. Eu vô vortá! – Ia vortá. Aí, falei: - mais, o cavalo tá quereno í! – O cavalo quereno í. Aí, falei: - eu vô cruzá de a galope! – Aí, fui, o cavalo tava quereno í. Daí um pouco, né, saiu um, escapô um dali, né, aquele fogo saiu, eu oiei aquele fogo, falei: - decerto fôro marcá ela notro lugar. - Fooo assim, aquele fogo veio-veio-veio-veio, foi rodeano, assim. Era o vagalume na teia de aranha. Foi juntano a teia de aranha, a aranha fazia armadilha pa ela pegá bichinho e os vagalume ia ali e chegava ali, enrolava ali, ficava... Paricia uma tocha de fogo. Aí, cheguei lá, era aquele mundo de vagalume marrado pela perna na teia de aranha. Falei: - ói, se eu vortasse, né! Já ia falá que era sombração, interro, né. E era vagalume na teia de aranha. Mais, de noite, escuro, fica iguarzinho. E eu já ia vortá.

3.1.J- Seu Oscar

O caso do homem que viu dois homenzinhos saírem de uma bola de fogo

- Tinha um velho. Então ele mixia com roça, né. Então ele tava limpano lá a roça e diz que viu aquele troço redondo. Falô que era redondo. Sortano fogo. Aí, foi ino,

- foi ino, foi ino, foi ino, baxô no meio da roça dele. Mais só que no sentô no chão, não. Ficô, assim, sobre a pranta, né. E ficô largano faísca de fogo. Aí ele ficô olhano. Ele falô que foi lá. Ele jogô a inxada nas costas e foi lá. Quando ele ia chegano perto, saiu dois home de dentro da bola, daquela bola. Ele falô:
- Dois home piquinininho. Quando eu cheguei pertinho dele, eles feis assim c'a mão. (Com as mãos faz sinal de não se aproxime) Feis assim e o otro focô uma lanterna no meus óio. Quando ele focô a lanterna eu, eu parei sem querê, e fiquei meio bobo. – ele falô – fiquei meio bobo e fiquei olhando. Aí, eles ficaro me olhano, me olhano, aí eles focaro a lanterna outra veis e eu vortei a si. Aí, eles viraro e entraro dentro do, daquela bola e, de acordo como feis assim. (com a mão faz uma curva no ar)
 - **Foi embora?**
 - Foi imbora. Ele falô:
 - E aonde ele ficô sobre a pranta, ficô tudo vermelho, sapecado. - Pensô, mais num viu que que tinha dentro. - Nem os cara num falaro nada comigo, né, nem eu falei cum eles. Só que eles me focaro aquela lanterna, eu fiquei bobo, meio...
 - **Estranho, né.**
 - O povo fala que ixiste, né.

8.1.J- Seu Silvério

O caso da luz que apareceu e desapareceu misteriosamente

- Na Santa Rita, memo, minha casa era assim, tinha um pé de manduvi muito grande, encopadão. Cê cunhece manduvi, né? Eu levantei, saí assim, tinha umas moça iguar, coisa... Tava me olhano, falei:
- Mais chegô arguém, aí? Eu num vi a hora que chegô. – Embaxo do poste. Daí eu falei: - vô lá vê essa careta. – Fui lá vê, oh, o negócio sumiu assim. Eu sô home que nunca fui desses medroso, vê as coisa, barulho, já corrê. Seeempre eu gostei de í vê o que que é. E eu via esse negócio alumiano lá, bunita, era perto, como daqui na porta da igreja (a igreja estava localizada a uns vinte metros na frente da casa), memo, né. Olha, sumiu qu'eu num vi que hora! Quando pensei que não,

cabô o negócio. Essa é a Assombração qu'eu vi na minha vida, foi isso aí. Vi aquele troço luminoso, falei: - vô lá vô! É a única Assombração qu'eu vi foi essa.

9.1.J- Seu Olimpão

O caso do Boitatá

- Ali no São José, ali eu já vi, ali (rastros de Pé-de-garrafa) num sei se cê já viu? (Carlão)
- Ali não. Mais ali diz que tinha, Assombração. Um dia eu vi uma luis de noite lá. Uma luis vermelha assim, saiu de perto do banheiro e foi arrodiano pro lado do córgo. Uma luisona bunita! Até, esse meu guri que trabaia aqui cumigo, tava junto.
- **Essa o senhor viu?**
- Essa, nós vimo a luis. Mais nós no sabemo o que que é. Num sabemo se... (...)
Essa luis, diz que era de enterro, né, que a turma falô. Num deve sê não. Porque o osso de boi também dá aquela luis. Que eles fala o Boitatá, né.
- **Como é isso?**
- Então, morre um boi, uma reis gorda, aí aquele osso fica no chão, aí pega fogo, fais a luis.
- **E eles chamam de Boitatá?**
- É, o Boitatá, né. Então, no Pantanal dá muito disso, né.

L- Os Riscos Pessoais

1.1.L- Seu Marcondes

O caso do cachorro Campeão

- Uma veis, eu passei um susto, que na hora, assim, a gente nem, nem lembra o que que é o susto, na hora. Uma veis, eu saí enroscado, o cachorro que me salvô, né. Eu tinha um cachorrinho que chamava Campeão, né. Aí, né, eu tava atrais dum boi, eu fui c'o cachorro, né. Daí, quando eu saí no boi, assim, o boi correu. E

cachorro correu, ia perto já, assim. Quando eu levantei o laço, né, a mula rodô cumigo. E era uma mula safada, né. Rodô e eu iliei tudo no laço, assim, né. Aí, eu gritei muito feio, assim. E aí, o cachorro seguiu o boi, né. E eu saí de arrasto, né. De arrasto. Ali já ficô faca, revórve saiu. Eu fui de arrasto, assim. E eu gritano e gritano. Aquilo foi Providência de Deus, decerto. Aí um pouco, quando eu vi, oh, a mula sentô pra lá e pra cá, né. O cachorro largô o boi e vortô. Vortô e eu ia ino de arrasto, assim, na mula, né. No laço, assim. Aí, ele vortô, umas treis passada, ele já pegô ela da venta, assim. Ela já manotiô pra lá, assim, quase que veio por cima de mim! Aí, eu disiliei, né. Quando disiliei, que disiliei tudo do laço, assim, ele lutava, memo, pegava, memo. Aí, eu pulei no cabresto, assim, que tava grudado nele. Aí, eu raiei cum ele, lá, ele largô, né. Aí, o laço ficô tudo enrolado. Aí, eu vortei, ele me arrastô longe, assim. Aí, eu vortei, né, peguei a faca, o revórve, que tinha caído. Aí, enrolei o laço, falei:

- O boi foi imhora, né. – E ele ficô ali, né. Aí, arrumei as traia, ligero ali. Quando eu muntei na mula, assim, ele oh! (Raspa uma mão na outra, fazendo gesto de fuga rápida) Saiu de novo. Falei: - ele vai atrais do boi, eu vô detrais. - Fui. Saí num galopão assim. Aí, longe, numa vazante, eu vi aquilo, era um boi branco, né. Falei: - o coitado do cachorro errô a batida. Oh o boi, lá! Eu vô arriscá pegá ele, agora. – Fui ino, fui ino, chegano pertinho, assim, ele deitaaado na frente do boi, cuidano o boi, me esperano chegá. Aí, quando eu fui chegano, assim, o boi quis corrê, ele já deu uma passada e grudô ele no nariz. Pegô. Aí, eu cheguei, joguei o laço, assim, cubri ele, dei um gorpe, derrubei, marrei. Já era quase essa hora, assim. Aí, puis ele num palanque, lá, marrei ele lá e dexei ele posá. Posô marrado lá. Mais, dessa veis, eu passei um apuro. Barbaridade! Já pensô, de arrasto, solito. Se no fosse o cachorro, decerto, ia...

1.2.L- Seu Marcondes

O caso da mula que quase matou seu dono afogado

- Conta aquele acontecido lá no Pantanal, Marcondes, aquele de olho de boi, que você caiu com a mula. (Dona Marli)

- Ah! Pois é. Isso fais poco tempo. Qu'eu tava dano água e tinha um oio de boi, assim, atolava, né. Tinha uma água assim, era dessa fundura, assim, mais-o-meno. (Com a mão direita, faz uma altura de um metro, aproximadamente) Aí, uma vaca ficô tomano água, assim, num quiria saí, né. E eu, raiava:
- Ah, priguiçosa! – Bebeu muito, ficô muito cheia d'água. Aí, eu miti a mula lá. Quando a mula meteu a mão, assim, rapais! O burro, ele volta pra trais. Atolô. Achô um oi de boi ali, afundô e foi caíno. Quando ela bateu a mão lá no meio da água, ela afundô e virô uma cambota. Caiu em cima de mim! E eu fiquei embaixo dela, dentro da água, aquela água podre. Fiquei embaixo dela, ali. Maais, bibi água podre ali! Cheguei perdê a dentadura, até, cum a aquela ânsia que deu ne mim depois que eu levantei, né. Aí, ela saiu. E os cumpanhero ino emboora, assim. Se eu morrê ali... Eu falei: - companhero, se eu morria lá, ceis ia vortá e ia me achá morto, lá! – Aí, esse dia, eu tamém passei apurado. Barbaridade!

3.1.L- Seu Oscar

O causo de quando Seu Oscar saiu ileso do rio de piranhas

- Ah! Eu teria quase uns trinta ano, mais-o-meno, né. Era novo ainda. Num tinha nada ruim pra mim na vida. Nós tava travessano boi e ficô um boi, né, e ele num queria caí. Corria assim em roda da manguera. Falei:
- Mais o que que esse boi tá teimoso assim? - Tirei a camisa, puis assim, tava de carção. Tirei a carça, puis assim. Peguei um pau, saí atrais dele. Aí ele se viu lôco tamém, pegô e... *chom*. Caiu. Quando ele caiu, eu caí atrais dele. Caí atrais dele e peguei no rabo dele. Peguei no rabo, ele foi me levano. Aí, eu falei: - mais no vai dá, né. Ele num vai me güentá levá do otro lado. Aí, - eu larguei do rabo dele e pulei no lombo dele, né. Muntei no lombo dele. Ele quiria í prá cima, eu pegava no chifre dele e entortava ele com força. Ele olhava lá, a boiada tava do lado do rio. E quando chegô no meio do rio, mais-o-meno, ele já tava muito cansado. Eu vi que ele no ia me güentá mais. Aí eu sortei ele. Eu nadava bem, bati braço, travessei do otro lado.
- **E o boi também?**

- O boi também. Saiu. - Aí, o canoero lá falô pra mim:
- Mai moço, você é lôco, né? - Eu falei:
- Não. Porque que eu sô lôco? Eu nu sô lôco, eu sô muito certo da cabeça. - Ele falô:
- Mais como que cê vem nadano aí, rapais? E se piranha te come? - Eu falei:
- Ah, tio! Piranha num come osso. - Ele falô:
- É. Mais, essas aqui come.
- É, tá bom. Eu já escapei então, dessa. - Aí, eu muntei na canoa e ele me levô pro otro lado. E quando a boiada saiu, fundô um boi e os otro passô por cima e ele morreu afogado, né. Ele morreu afogado, aí os cumpanhero puxô ele na berada assim, quando vortô, foi oiá, a pele num tinha mais nada. Só osso, a cara dele assim. Piranha tava dento. Eu falei: - mais é verdade. Aí oh! Desta eu escapei. - Mais aí, eu conversei cumigo memo, né, pa no fazê mais uma locura dessa. Isso aí é locura. Tem hora que a cabeça num sei pra onde que vai, fica no espaço, né. Iguar a cabeça do Lula.

5.1.L- Seu Edson

O causo do estouro da boiada

- Olha! Cumigo aconteceu. Aconteceu uma história, até muito interessante, na época eu era novo, né, tinha desoito ano. Nóis vinha vino do Pantanal, memo, estorô uma boiada e eu muntado numa mula. E o burro é um bicho que estôro de gado no pega ele. E a gente... o gado estorô e eu tava nessa mula e, o gado estorô e veio aquela ponta de gado em cima de mim e essa mula saiu cumigo, travessô o curicho, cumigo muntado, perdi toda a traia, sabe? E eu, como era uma das experiência primera qu'eu tinha, né, eu fiquei muito apavorado, qu'eu no sabia nem onde eu tava. Depois da confusão toda acabada, eu no sabia nem que rumo tomá, por exemplo, pra voltá, né. Mais, como a gente foi criado em fazenda, aí, eu no caso, peguei a batida do gado de volta. De volta até chegá onde tava o pessoal.

5.2.L- Seu Edson

O caso de Seu Edson que ao cair do cavalo foi salvo pela bota

- O maior pirigo qu'eu já passei, que eu fui arrastado mais-o-meno uns duzentos metros pelo pé. Caí de um cavalo, atropelano um boi e a ispora passô na barriguera e eu no consiguia tirá o pé. A minha... só no murri porque a bota saiu. Eu carçado de bota, e a bota saiu do pé. Aí, eu cunsegui saí do pé, mais, nessas altura, eu já tinha sido arrastado, tava todo esfolado, já, de tanto o animal me arrastá. Esse foi o maió medo qu'eu já passei na minha vida. Porque, sozinho, dento do mato, né.
- **E o senhor tinha que idade?**
- Ah, eu tinha uns disoito, disenove anos, por aí. Eu tava... Eu tinha ido... Meu pai tinha mandado eu í buscá um gado e eu fui lá, uma vaca correu e eu fui tropelá ela, dento do mato, né. E, no trupelá, o cavalo deitô cumigo. Deitô cumigo e eu saí fora do arreio. Foi, pulei, né. E n'eu pulá, a ispora pegô na barriguera e aí no teve jeito d'eu saí, né. tive que sê arrastado dento do mato. A minha sorte é que era um mato ralo, num tinha muito pau grosso e eu saí arrastado mais no capim, memo, né. Mais, se eu no consigo, se a bota no sai do meu pé, eu tinha murrido. Porque, o cavalo, era um cavalo novo, cavalo violento. Aí, quando eu caí, que ele me viu de arrasto, aí, ele virô um negócio, sabe. E no me assertô nem um coice, não. O coice dele passava, assim, como diz, passava berano meu rosto. E eu pelejano pra desenroscá meu pé. Até uma altura, né! Porque, quando cê chegô uma artura, já no viu foi mais nada. Aí, fiquei, acho que... devo tê ficado uma hora, duas hora desmaiado. Aí, eu levantei zonzo, assim, fui lá peguei, o cavalo no queria dexá eu pegá, eu peguei... foi um sacrifício pra muntá, né. Aí, muntei, saí de fasto até chegá em casa. Aí, quando eu cheguei em casa, que a minha mãe me viu, ficô todo mundo espantado, minha mãe então, nem... ficô loca da vida. Eu tava todo esfolado! Cabeça, tudo. A cabeça aqui, assim, tinha cada um calombo! De batê no chão, né. O cavalo correno, no tinha jeito de firmá o pé, nem nada, né. Então, foi um dos maior susto qu'eu já levei, sabe.

7.1.L- Seu Chumbo

O caso do tombo que deixou Seu Chumbo dois dias desacordado

- O perigo que eu passei na minha vida, foi... foi o movimento de gado, né. Foi o movimento de gado que eu fui corré atrais d'um... cercá um gado e meu cavalo trompô num boi e aí enrolô aqui o laço na minha mão e ele disparô cumigo e eu passei... Se num fosse os cumpanhero pegá o cavalo, talvez eu tinha murrido esbagaçado por aí. Porque passei uns dois dia disacordado, sem sabê de nada. Até, eu gostaria de tê morrido aquele dia porque num senti dor nenhuma, num senti nada. Então, pra mim era uma morte que sirvia. Que, hoje eu num sei cumo que vai acunticê cumigo daqui pra frente. Pode acunticê uma coisa que vô sofrê, ficá doente, né. Então, aquele dia, não, aquele dia eu num via nada.

10.1.L- Seu Leandro

O caso do tombo em que o cavalo saiu morto

- Eu tava aí, fui laçá uma reis e o cavalo rodô cumigo e entrô arrodiano na ispora cum o pé, e o cavalo levantô, e, e disparô cumigo, de arrastro. Correu longe. Se num tem um cumpanhero perto de mim, eu tinha murrido de arrastro.
- **O senhor tinha que idade?**
- Ah, já era, já era home, de uns trinta e pocos anos. Trinta e cinco, trinta e seis anos. Eu num impacava cum nada, não.
- **Machucou muito?**
- Não, num machuquei não. Ah, cavalo, cavalo já rodô cumigo, aí, morreu aí. Caiu e morreu na hora.
- **Morreu?**
- É. E eu num senti e nem, nunca, nunca machuquei. Nem de tombo, de pulo de cavalo, nem de gado, nunca machuquei. Porque eu no facilitava, não. No facilitava cum nada. Nunca machuquei! Graças a Deus!

M- As Intempéries da Natureza

6.1.M- Seu Benjamim

O caso do temporal a caminho da fazenda

- Olha, o temporal, você podeno ficá no lugar, lugar melhor do que você querê entrá no mato pra aguardá a coisa, isso é um pirigo. Tem temporal que arrebenta árvore lá incima, outros revira cum raiz.
- **E como que foi esse que o senhor achou que ia morrer?**
- Ah! Eu tentei entrá dento do mato. Aí, como tava balanceano muito o vento, saí dali, fui ficá lá num largo. Já ia ino pro seu Manuel do Santa Rita, onde peguei esse temporal no caminho. Tratei de ficá no limpo, parado. Apeiei do cavalo e fiquei queto no costado dele. E esse vento soprando, vento memo!

6.2.M- Seu Benjamim

O caso do vendaval de dar medo

- Outra veis, um vento brabo, peguei aí no, nas terra do Alfredinho, vizinho. O Zé Lima comprô lá, Santa Maria. Hoje em dia é do Capitão Bira. Cunhece, né? Genro do Zelito. Fui ajudá um filho meu a carniá já depois do armoço, tinha levado umas filha minha pra passia lá onde tava o irmão. Aí então, carniô, ajudei, ele falô:
- O senhor leva uma carne, aí se vié buscá o carro, eu levo uma carne-seca p'o senhor. - Entre a Conceição do Firicício e a baía das pedra. Arizona, conhece lá? Arizona, ali que eu tava. Lá, que eu cumecei trabalhá c'o Zé Lima. Aí, eu vim aqui pr'o Curichão. Aí no Curichão eu tenho quinze ano e cinco meis, aí. Trabalhano c'o Zé Lima.
- **E como que foi esse temporal?**
- Esse temporal? Olha, eu vinha trotiando, trotiando, e a coisa vino. Aí, um vento brabro, memo! Discubriu uma reposerá duma anjiquerazinha, assim. Aquela chuva vei, bica lá, fiquei lá quieto, até acarmá um pouco, aí eu fui imbora.

Encostei o cavalo lá embaxo, no arto era assim uma reposera. Fiquei lá. Fiquei lá, queto, até acarmá um poco. N'hora qu'eu cheguei lá onde eu morava, quase num cunheci o lugar de tão... Uns pau muito grande, e esse vento passô lá e feis essa disorde. Derrubô aqueles pau tudo. De dá medo! E a mulher lá, c'a Clarice, que é daqui do..., mulher do Denir, cunhece o Dinir? Filho do, da Vitória, ela tava essa noite lá. Só que cheguei já era umas nove hora. Falei: trasei um poco a viagem por causa do vento. Eu tive que pará. Aquelles pau tudo caído lá, já me deu medo de vê aqueles pau lá. Sabe, aqueles pau... é sempre pau das arve de porta de fazenda, é pau grosso, encorpado, né. Num é esses pauzico aqui.

N- Os Exageros

1.1.N- Seu Marcondes

O caso do disco e da roseira

- Outra veis, eu tava posano numa fazenda véieia, assim, né. E aí, todo mundo lá:
- Vô armá minha rede aqui! – O otro:
- Vô armá aqui! – Aí, um gritô lá:
- Ah, aí... – Numa tapera véia, eu fui pono minha rede. – Ah, aí o senhô num vai durmi! – Eu falei:
- Porque?
- É assombrado!
- O que que aparece?
- Ah, uns gimido, aí. Fais: ai, ai! Ai, ai! – Falei:
- Ué! Mais... – Falei: - Mais, morto num tem medo, porque que é de noite que ele grita? E oceis nunca viro nada?
- Só os gimido. No é toda noite, não. Toda a vida. É as veis. – Eu falei:
- Ah! Eu vô durmi aqui, se parecê, vô pegá. – Falei assim. Mais, chateano, assim. Aí, né, armei a rede, lá, jantemo. Cada um no seu... Um perto do otro. Só eu que tava, assim, mais retirado, lá. Puis a rede na tapera véia, num pé-de-manga, né, num gaio armei, assim. Mais ficava pertinho, como daqui ali, dos cumpanhero. (Aponta para uma distância de uns dez metros) Mais, tinha um pé-de-rosera assim

- na parede, né, pé-de-rosa, e tinha um meio disco, daqueles chorooso, daqueles dos Filhos de Goiais, que canta daquelas moda que fala: “Ai, ai”. O disco tava enfiado na parede, assim, e quando tava ventano, né, o gaio da rosera ia esfregano e esfregava a espinha beem naquele negócio, assim. E conforme corria, assim, falava: “ai, ai, ai”. Quando vortava: “ai, ai, ai”. Daí um pouco começô aquele “ai, ai”, eu oiei assim, né, peguei a lanterna, foquei, assim, vi na parede aquele... Aí, falei assim, já vi que era aquele disco, né, falei:
- O que que tá te doeno? - E eles já falano:
 - Cê é loco? Mexeno no que tá morto? Aí, “ai, ai”. E eles iscutaro. Falei:
 - Fala o que tá te doeno! – Levantei da rede. Aí, “ai, ai”. Falei: - Ah, ocê tá aí, né! – E eles:
 - Mais, ocê é loco! – Fui lá, peguei o disco. Falei:
 - Oh, aqui, oh! A sombração. – Era o meio disco que tava na rosera. *Rarrarra*. E eles diz que é assombração e a turma fica cum medo.

1.2.N- Seu Marcondes

O caso do galho de goiabeira que foi montado como um burro

- Conta a história que você estava domando burro. (Dona Marli, esposa de Seu Marcondes)
- Ah é! *Hum hum*. Aquele tempo, eu domava. Então, as veis, eu durmiia, a turma falava, que eu, eu durmia, eu podia pulá, que eu no caía. No sei o que que eu tinha. Aí, eu tava c’umas treis noite que eu no durmia, né. Fui saino, tinha que í imbora, né.
- Não, mais ocê no vai nesse burro! Esse burro vai te machucá por aí, pela estrada. – Falei:
- No tem pirigo! Eu vô. – Aí, muntei no burro, o burro já saiu pulano, assim, já surrei ele ali. Joguei na estrada, ele, né. E decerto, logo em siguida, eu durmi, né. E aí, né, durmi, o burro pulô cumigo e, e tem aquelas goiabera, né, tem aqueles pé-de-goiabera assim, arcado e o burro entrô embaxo de uma goiabera daquela, me tirô, e eu fiquei sentado, num caí no chão, fiquei num gaio de goiabera,

muntado assim, né. E aí, o burro foi imhora, foi batê na fazenda. Chegô lá. Ah, n'otro dia:

- Ói o burro do Marconde aí! Machucô ele! Vamo í atrais. – Aí, pegaro, saíro, loco, pra me prucurá, né. De loonge, num capão, assim, eles viro: - Oh, lá! – Aquele troço balançannno, lá. Viro, eu usava chapéu branco, né. De loonge me viro, né: - Mais, aquele troço lá! – Chegaro, oiô, oiô, eu tava dormiino no gaio de goiabera, ansim. Dê-le laço, no gaio, ansim! E espora, tava um gaio quase torado na espora. Pensano que era o burro que tava pulano e era o gaio que tava balançano, assim. E eu dê-le laço no gaio de goiabera e espora, pensano que era o burro.
Ranranranran

2.1.N- Seu Perigoso

O caso da lua-de-mel no supersônico

- Nóis casemo, nós fomo pros Estadosunido num supersônico. Meu padrinho mandô o avião, né, o Leonel Brisola. Mandô o avião e o, e o piloto, né. Falô:
- Piloto, leva eles pros Estadosunido, pra Inglaterra, pra Espanha e pro europeu, né, de avião, *zaaaaaaz*.
- **Foi uma beleza a lua-de-mel, então.**
- Foi. (Dona Cida, esposa de Seu Perigoso)

2.2.N- Seu Perigoso

O caso do poço que entortou com um vendaval

- Nóis fizemo um poço lá no Pantanal, eu e ela (aponta para Dona Cida, sua esposa, que está sentada a seu lado). Ela puxano a corda, eu furano, né. Fizemo com noventa dia. Deu mil e quatrocentos metro de fundura. E eu durmia dento do poço, né. Era muito longe pra saí pra fora e entrá outra veis. Durmia lá dento. Lá já tinha geladera, tinha frizo, televisão, cama, tinha tudo, né. Tomava banho lá dentro do poço, né, a água vinha de fora e ela caía no poço e nós tinha chuvero,

- né, tomava banho lá. E o poço era lá e eu fiz a casa aqui, a lage (com as duas mãos em posição paralela, sinaliza um espaço do lado de outro). Era de lage, né. Então, eu fiz a cama pra cá. Aí, tava com mil e quatrocentos metro de fundura...
- **E nada de água...**
 - Nada de água. Aí, escutei um urro no poço. Falei:
 - O poço tá desmoronano. - Aí, eu corri, (se locomove e interpreta a cena) fiquei escorado no poço, de lado, assim né, fiquei escutano aquele urro. Aí, parei pra escutá o que que era. Uma ventania que deu tão forte. Uma ventania que deu tão forte, entortô o poço. Daí umas duas semana vi aquela cidade, só prédios, né, na frente. Aí, ia passano uma mocinha, eu disse:
 - Ô, mocinha! Fais favor um poco. Que cidade que é aqui?
 - Aqui é a Bulívia. - Falô - O senhor tava onde?
 - No Pantanal. – Falei. - Deu uma ventania tão forte, entortô o poço e vim saí na Bulívia. - Lá vinha saíno o trem, assim. Vimo o trem. Entortô poço, entortô mato, entortô tudo. Deitô tudo. Sorte qui a muié entrô junto comigo no buraco quando viu aquele temporal brabo, né. Entrô, entrô dento do apareio e foi lá onde eu tava.

2.3.N- Seu Perigoso

O causo do poço que atravessou a Terra

- E aí, eu fui pro norte, né, fazê um poço lá pro patrão, pro Sartore, mais deu razinho, daí. Uma distância como daqui, mais-o-meno, Campo Grande, a fundura dele. Duzentos e cinqüenta quilômetro. Aí, fui trabaiano, fui pono manilha, né. Aí, tava quase pra dá na água, aí escutei uma conversa, né, dento do poço. Era um japoneis e um italiano, falano em guarani.
- **Falando em guarani?**
- Em guarani. Aí eu peguei o rádio amador e liguei pro cara la em cima... O rádio amador tava junto comigo ali dentro do poço, num degrau assim. Aí o cara mandô uma alavanca, grossa assim, eu descí a alavanca cinco metros, centrei bem no centro do poço e, pá! Sortei ela. Era um navio, o cara tava conversano ali junto do poço ali. Tava passando por baxo ali do nível de onde tava o navio, né. O cara

parô, tava conversano. Um japoneis e um italiano falano guarani. Aí, poucos tempo, eu ia passano no correio...

- **O senhor conseguiu conversar com eles?**
- Sor? Nu deu. Quando bateu a alavanca. Bateu no para-choque do navio, caiu na água e o guarda catô, né. O guarda que cuida do lado de lá. Aí depois de uns tantos ano, eu ia passano em frente ao correio e a mocinha: ei, seu Perigoso! Tem uma encomenda pro senhor aqui, ó. Selado, né, com selo, com jornal. Cheguei aqui em casa fui abrí, cortá com a faca e era a alavanca. Tava escrito: Perigoso, né. Lá, pió que os calcanhá do Juda.

2.4.N- Seu Perigoso

O caso do casamento na Itália

- O casamento foi bem, né. Nós passemos o casamento lá na Itália. Até viemos de navio, ainda, né. Um italiano pagô tudo a despesa, né. A despesa do navio, do hotel, restaurante, tudo, né.
- **E como vocês se comunicavam?**
- Daí eles, eles já conversaram lá comigo. Eu num entendia a língua deles, mas tinha uma dona lá que falava bem em castilha, né, compreendia e falava com o cara, conversava com ele e depois falava pra mim, né.
- **O senhor fala bem o guarani?**
- Não, sor. Falo assim, quando tô meio tomado no uísque, né. Porque eu no bebo pinga, só uísque, só. O uísque no é brasileiro. É estrangeiro, né. Direto de Portugal. Esses uísque fraquinho que vende aí nos mercado, eu no bebo.

2.5.N- Seu Perigoso

O caso do choque-elétrico no fio de alta-tensão

- Lá perto de Dorados tinha um baxadão, (se levanta e cria um cenário imaginário) era assim, o baxadão era no alto, aí tinha um poste vira assim, então ali baxava. Então fomos puxar um poste, outro poste, aí vinha um fio direto que passava a luz

- po oto. Tava subido lá das artura daquela núvia lá, eu levei a mão lá e apoiei, *thiiz*, e grudei lá. Aí, ia passano um fazendero, falô:
- Tem um rapais dipindurado na alta-tensão. Na rua que vai por Dourados, Bolívia e cidade de São Paulo. - Aí o cara desligô a rede, eu, *zuuz*, subi! A sorte é que tinha um monte de areia, assim, era um caminhão de areia. Do jeito que eu caí, eu afundei. Fui pará uns cinqüenta meto pra baxo, pra baxo do poste. Aí truxero um apareio lá da Austrália e descubriro onde eu tava. Eu tava fumaaando um cigarro lá no fundo. Cinqüenta meto pra baxo, né. Eu tava fumano um cigarro e tamano tereré de um cantilho, aqui, de água. Tava tomano tereré e fumano cigarro. Caiu, desligaro a chave, né, e despencô lá, *eee buuf!* Da artura daquela núvia, uns falava que dava quinhentos meto, otos dá mil.

2.6.N- Seu Perigoso

O caso da bicicleta supersônica

- Cê num vai contá a estória da bicicleta? (Dona Cida)
- **Como que é essa estória da bicicleta?**
- Nós vinha vino de Bela Vista. Vinha um temporal brabo, lá. Pedra e vento e raio. A bicireta era daqui no carro do senhor, ali (aproximadamente 20 metros). Era cento e oitenta marcha. Ali tinha apareio de som, televisão, rádio-amador, e, e em cima tinha a antena, né, em cima do capô. Então, eu vinha vino e ia passano rádio. Falô:
- Sai da estrada que vem um supersônico aí. - Então, esses carretero, que tinha, cada um tinha um telefone, escutava. Falô:
- Vamo encostá a carreta na contramão que vem um supersônico aterrissano aí. - Era a bicireta, com cento e oitenta marcha. Saí lá de Bela Vista, passei em Jardim ali que num enxergava de chuva. Aí, o pessoal saía pra fora do bar, assim. (Se levanta para interpretar) Falô:
- Opa! Tá choveno poera! - Tava aquele poerão. Mais, num era. Era o raio da bicireta, tava com trezentos meto de poera. A bicireta era como daqui no carro, ali. Era tudo de soalho, lata, tinha só lugar da roda direita no meio e pra frente. E

num era de guidão também, é de volante com amortecedor. Ih, o cara vinha na tranqüilidade, né! O controle é tudo assim, tinha uma carrera em cima e outra em baixo. Então apertava um, o pra mudá as marcha, né, igualzinho automóver. As cor assim de motor de secador, aperta o vermelho, um azul, um verde. Vai apertano ali, vai mudano as marcha. Embalei assim, *viiiiz*, passei Jardim ali, um cara olhô, falô:

- Será que vem um supersônico com chuva, temporal brabo. - Oiaro pra cima, num via nada, enquanto sairo pra oiá, tava chegano aqui perto do Polaco. E só ficô o poerão, né, que cubriu a cidade de Jardim. E eu de bicicleta e de bota, né, de espora. Espora do tamanho do pneu de bicicleta e chapeuzão mexicano, um guaiacão largo, né, lenção grandão. Falô:
- O senhor é mexicano? – Falei:
- Não, sô pantanero, né. Sô pantanero, no sô mexicano. - *Rarrarrá*. Só apelidaro de mexicano porque o chapéu é grande, né, e bota grande, espora, né.

2.7.N- Seu Perigoso

O caso do tiro que matou 250 iraquianos

- **O senhor é de mil novecentos e quarenta e dois? (vendo na identidade)**
- É, sô de quarenta e dois. Da primera guerra que saiu lá nos Estadosunido.
- **E o senhor se lembra?**
- Ói, isso daqui foi uma bala. (Mostrando um calombo na testa) Os iraquiano tava acabano as bala, né, (levantando e fazendo posições de ataque e de defesa) e o cara ficou por trais do quartel e *pá!* (Finge um tiro) Caí. Com quatrocento minuto, quatrocentas hora, eu miorei. Meti a mão no bolso, vi no binóculo, ele tava como daqui em Campo Grande, assim, tava correno. Falei:
- Vô derrubá esse cara. - Meti a mão no monte de ... Centrei no centro dele, *pau!* Caiu. Aí, daí treis dia veio um caranchão , aquele urubuzão preto, grudô ele aqui e levô dependurado pro ar, foi embora.
- **Então o senhor se lembra bem da guerra?**
- Lá do Iraque, né. A bala bateu aqui, bateu e foi matano os iraquiano pra trais.

- **Quantos mortos tiveram?**
- Só aquela bala que bateu aqui, resvalô, matô duzentos e cinqüenta iraquiano, que já tava acabano memo, né, então aí acabô de veis. Sobrô mais-o-meno cinqüenta refugo, que ficô ainda.
- **Deve ter escapado.**
- É, escapô. Escapô porque correu. Ainda um deu um tiro aqui oh, (mostra outro sinal do lado esquerdo) furô, foi cortano aqui um poço. Aí então, pegô aqui, (mostra mais uma mancha na pele) foi cortano, varô pra lá. Então, eu fui prumovido.

2.8.N- Seu Perigoso

O causo do pai de Seu Perigoso, que lutou na guerra

- Meu pai mora aqui na Cambarai. Na otra vila pra lá. O bicho era feróis. O bicho era domadô. Tem a figura dele num quadro, lá. Quando ele era lá daquela guerra, no sei como é que chama. É muitos ano atrás, do Lopes, né.
- **A guerra do Paraguai?**
- É, a guerra do Paraguai, no sei como é que chama. Fais muitos ano, né. Fais muitos ano. Então, o bicho tá pancoso, de capacete, tudo vestido, né. Então meu pai agora feis aniversário, agora esses dia. Interô cem ano. Cem ano. E ainda qué arrumá muié ainda.
- **Ah é?**
- É, o bicho... Cem ano. Mais ele tá forte. Ainda anda, ainda.
- **E domava burro bravo...**
- Quem? Meu pai? Meu pai era feróis. Ele e um ermão do meu pai que morreu em Campo Grande, ele morava lá, né. Só ficô meu pai. Ficô meu pai e ficô otro ermão dele que mudô pra Campo Grande. Então só sobrô dois só. O resto, tudo morreu.
-

2.9.N- Seu Perigoso

O caso da sanfona que tocava sozinha

- Teve um companheiro meu, aquele lá de Campo Grande, era o Zé Correia. Mataro ele. E a sanfona dele ficô aí. Ela toca sozinha. Então, ela tá pendurada dento da caixa e começô umas música. O pessoal passô na rua, falô:
- O Perigoso tá fazeno baile. Tem um conjunto, Os Ponta Porã, que tá tocano. - Era a sanfona que tava tocano dento da caixa, do Zé Correia, né. Que ele era o melhor cantor da música paraguaia, né! Tava tocano sozinha dento da caixa. A sanfona. E oto cara num violão. Daí, truxero uma gravadora lá da Argentina, gravô o toque da sanfona dento da caixa da sanfona. Foi a melhor gravadora da Argentina. Gravô a música. Então, cada fita custa cem dólar, né. Cada fita daquela. Porque ele gravô tava dento da caixa, né, e a sanfona tocano. Então, aí, o cara assustô, falô:
- Mais o Perigoso nunca feis baile, né. Como tem o conjunto Ponta Porã tocano aí?
- **E era a sanfona tocando?**
- Era. A fia do Zé Correia, tava tocano, o espirto dele tava tocano a sanfona dele.

2.10.N- Seu Perigoso

O caso da abóbora gigante

- Então, aí, meu pai prantô abobra lá, e tinha um pé de uma aruera, era quinhento metro de artura. Sabe, daí a abobra subiu na aruera, e tinha o rio Paraguai que cruzava perto, né, uns trezentos metro pra baxo, a abobra subiu quinhentos metro pra cima, foi subino e foi desceno pra baxo, e a bunda dela bateu assim, foi cresceno e foi desceno no rio Paraguai, depois saiu... Na Bolívia. Foi na Bolívia, desceu pra Argentina, foi pro Uruguai, e depois pro Peru.
- **O pé de abóbora?**
- Abobra! A muda da abobra. O pescoço ficô enroscado assim...
- **Então, essa deu pra matar a fome de muita gente, hem, seu Perigoso?**
- Foi

2.11.N- Seu Perigoso

O caso da banana gigante

- Eu tava domano numa fazenda no Pantanal, chama fazenda Ronca Tripa, de um dottor. O dottor no dá armoço pra ninguém. Pessoar, fim de semana, foi fazê uma visita na fazenda, né, passá o fim de semana, dia de sábado. Aí ficava lá, com as perna cansada, numa cadera, né, esperano o armoço. Aí, a empregada levantava, (se levanta e começa a andar e gesticular) apertava a campainha, ficava lá, passava mais quarenta minuto, a empregada apertava a campainha e ficava com a perna cruzada, lá, esperano o armoço, de bota, né, guiacão largo, a barriga dele tava roncano assim. Então, a fazenda, aí apilidaro o nome da fazenda: fazenda Ronca Tripa. Então, a fazenda chama Guaicuru, né, assim na praca, assim dela. Mais, ele num dava nada pra ninguém. Eu num trabaiava lá no dottor, né! Eu cumia, cumia... eu muntava na onça, cavalo, tudo...
- **Para o senhor, nunca faltou nada?**
- Ah, eu cumia ali, né. Tomava um leite. Banana era desse tamanho o cacho! (Com a mão direita erguida, mostra uma altura de uns dois metros) Era dois metro e vinte de artura. *Ranranran*. Era dessa grossura. (Faz um circulo com os braços) Uma pessoa num cumia uma banana. Aí, tinha que cortá com a motosserra.

2.12.N- Seu Perigoso

O caso do touro que desmaiou ao ver seu montador

- Então uma veis, na fazenda Boa Sorte, no Pantanal também, divisa c'a Bolívia, e c' o Uruguai, ali. Fazenda Boa Sorte...
- Ô, Seu Perigoso!
- Ô!
- Amanhã, é sábado, tem um torneio de espora. – Então, eu tinha uma espora maior que o pneu dessa bicicleta, né, uma bota cano fino, trezento metro de bombacha, uma bombacha azul, uma faixa branca assim, aqui, né (passa a mão pela cintura mostrando o lugar da faixa) um guiacão largo, uma gravata, aqui (passa a mão

- em volta do pescoço) de cor de onça, chapéu mexicano, daqueles fortão. Aí, né, trezentos domadô de Bela Vista, do Paraguai e lá da Argentina, né. Então, eu fiquei por último. Então, falaro:
- Vamos, agora é a veis do comandante Perigoso, vai chacuaiá uma espora! - Eu era invocado, tava com a guaiaca larga, né, trezento metro de bombacha, gravata de cor de onça, chapéu mexicano... Aí, muntei num toro daqueles guampudão, né, o guampo dele era de quase um metro. O cara abriu a portera, o toro dismaiô. Cum medo de morrê, né, desmaiô. Desmaiô, aí eu pulei pra trais. Escapei dele. Ninguém parava no lombo dele. Mais, deisde pequeno, né, eu era campeiro... no lombo de elefante, sucuri, tudo eu curria a ispora.
 - **Tudo quanto é bicho...**
 - Eu montava até em sicuri.

2.13.N- Seu Perigoso

O caso da bicicleta de 180 marchas, dos dentes e do relógio de ouro

- **O senhor não foi mais viajar?**
- Tava pro Rio de Janêro, esses dia.
- **É?**
- É, fui de bici... fui de avião, na vorta de lá pra cá, meu padrinho comprô uma bicireta cento-e-oitenta marcha. O Leonel Brizola. É iguarzinho esse carro que tá parado ali, (aponta para o carro parado na rua) esse que você veio dentro. Entra no carro, fecha a porta, ergue os vidro, é de volante e amortecedor, né. Então, ali tem apareio de som, televisão e rádio amador. E tava escrito no pára-brisa, assim: Perigoso. E na frente da bicireta tinha a hélice, né, uma hélice de avião a jato, né, pusero uma hélice. Então nós vei na bicireta, empurrei ela uns cinco metro, entrei dento, fechei a porta, fechei os vidro, saí lá do Rio de Janeiro fartava noventa minuto pras treis hora da madrugada. Treis hora pras treis, né. Aí, eu vinha passano um rádio do Rio de Janeiro pra Campo Grande, falano: - O Perigoso vem vino aí, oh! – Falei: - Prepara o armoço aí, oh! – Que meu padrinho é o Lúdio Coelho, né, o otro padrinho. Quando cheguei em Campo Grande, ainda

fartava quinze minuto pras quatro da tarde. Cheguei lá no Campo Grande, tava uma mesona daqui lá naquele muro lá (aponta para um muro do outro lado da rua, cerca de cinqüenta metros) cheio de carne, lingüiça, carne de galinha, cerveja, tudo, e era só pra mim. Comi tudo aquilo lá, né. A minha barriga tava dessa grussura (com os braços projetados para frente, simula um barrigão). Aí, fui pesá lá na balança, tava pesando cinqüenta e cinco quilo, e num sabe pra onde que foi aquela comida, sumiu tudo.

- **Sumiu tudo?**

- Sumiu.

- **O senhor comeu e foi como se não tivesse comido?**

- Eles pensô que era eu que cumi, mais num era eu, sabe? Era um, era um amigo meu que morreu na estrada, de desastre, né, onde foi machucado aqui. De desatre de avião.

- **Desastre de avião?**

- É. Quebrô meus dente, até hoje ainda... Na divisa do Uruguai c´a Argentina, o avião veio, veio, veio, caiu! Eu não podia vê, era tempo de chuva, tava relampiano. Era só oro. Mais num era esse oro amarelo, era oro bom, né, oro vinte. Bateu aqui e o piloto sigurô ne mim assim.

- Perigoso, se nós morrê, nós morre nós dois, junto. - Daí ele se sigurô. Eu falei:

- Não, nós num morre. Daí, nós caímo de ponta assim, o avião, zzzzz, (com a mão direita reproduz a queda do avião). Daí, bateu e quebrô meus dente, quebrô tudo, só oro! O relógio. Quando acabava a luz da rua, o relógio crareava tudo.

- **De ouro?**

- Só oro. Oro cum diamante, né. O cara ofereceu:

- Ô Perigoso, te dô quinhentos mil dólar no seu relógio. Quinhentos mil dólar, cê pega agora esse mação aqui (faz com as mãos como se estivesse segurando um pacote). Falei:

- Não, esse relógio aqui eu não vendo ele. Esse aqui, quando acaba a luis da cidade, eu ligo ele e crareia tudinho isso aqui.

2.14.N- Seu Perigoso

O caso da festa de aniversário de uma senhora de 350 anos

- Então, eu tava com um projeto, veio um telefonema lá de Berlândia, pra passá o natal lá. Agora, nesse natal agora, Berlândia, né. Fazê um contrato, um contrato pr`um show lá em Berlândia. Falei: - E agora? Num posso. Num posso í porque segunda-fera agora tenho que í lá pra fazenda do Jarbas, né, no Panorama. Lá no Jarbas, no Panorama. Então, vai vim uma dupra dos Estadosunido pra tocá no aniversário da muié dele. Aí, eu tenho que tá lá pra presentá os cara, sabe, na hora do show. Na hora do show q´eu vô presentá os cara lá.
- **E o senhor fala Inglês?**
- Os cara vai vim tudo dento dum jipe, dento dum oratório de vidro, aí quando chegá a hora deles presentá o show, aí eu vô abri o vidro, aí eles vai presentá o show, né. Então, eu tenho que tá lá. Tem que sê eu, né, num pode sê otro.
- **E o senhor fala Inglês?**
- Quando é pra mim apresentá os cara lá é oitenta mil dólar. Oitenta mil dólar, né.
- **Bom salário, né?**
- É. Então, eu vô pra lá segunda. Vô vim só depois do natal, de lá. Ele veio ontem, ele veio de Campo Grande, passô aqui, parô o carro aí, eu tava deitado nesse banco, a menina oiô, falô:
- Pai, tem um home chamano o senhor. – Quase noitinha, oiei no portão, um cara. Falei:
- Pode entrá, aqui num tem cachorro. Cachorro aqui é só eu, né. – *Rárrárrárrárrá*. Aí, pois essa cadera aqui, falei: - O senhor num senta não, tá meio arrebetada e eu tô sem o fardo agora. O fardo é o goró, né. Aí, sentô aqui, (mostra o banco onde está sentado) a dona sentô ali, (mostra outro banco).
- Perigoso, nós tamo... é aniversário da minha muié, ela tá interano trezentos e cinquenta ano. Então, vô fazê um show lá pr`ela, vai vim uns cara lá do carcanhá do juda pra tocá e ocê vai presentá os cara lá na fazenda, sabe. Vai vim uns tocadô lá do Paraguai, de Assunção. Primero um tocadô de fole, depois que vai sê os paraguai, né. Já preparei quinhentas e cinquenta vaca pra carniá lá no show, né.

Então, você leva tudo seu apareio pra presentá lá. Então eu vô de bota, de bota cano fino, trezentos metro de bombacha, com minha guaiquinha de um parmo de largura, gravata de cor de onça pintada, chapéu mexicano e espora de oro, do tamanho do pneu dessa bicicleta (aponta para uma bicicleta, encostada no muro), um quarenta-e-quatro magnum, cabo branco, escrito: “Pirigoso”!

2.15.N- Seu Perigoso

O caso do convite para uma viagem de submarino

- Então, aí agora poco, eu tava lá no Banco do Brasi, né... Cheguei com a minha bota, (caminha estufando o peito) bota de cano fino, gravatinha pleibói, né, guaiquinha pindurada. Entrei:
- Ô, Perigoso! Quero falá co senhor. – O moço do banco falô.
- Perigoso, quero falá c’ocê também. - O gerente do Banco do Brasil:- Quero falá co’ocê também. - Eu falei:
- Pera aí! Todo mundo quer falá comigo! - Até a dona do banco, lá. A dona que trabaia no escritório, bate máquina ali, né, qué falá comigo, também. Eu falei: Ô, eu vô ficá... eu num vô saí daqui hoje! Falô:
- Seu Perigoso, nós tem que fazê uma viaje pra Ingraterra. – Eu falei:
- Nós vai.
- Ingraterra. - Eu falei:
- Lá é longe, né. – Eu falei: - Nós vamo de submarino, por baxo do mar, né. Eu vô por baxo do mar, assim. Eu vô saí lá no Japão por baxo do chão.
- Tá jóia!
- Tenho o avião que anda por baxo d’água, né. Nós sai lá. - Eu sô piloto, fui piloto de tenente, do Zé Abrão de Alencar, piloto do avião dele, ia pro Pantanal, ia pra São Paulo, ia pro Rio de Janero, pro carcanhá do juda, aí. Fui piloto, então comigo não tem problema, né.

2.16.N- Seu Perigoso

O caso da boiada que sumiu num buraco de mandioca

- Meu pai que tinha uma lavorinha aqui na fazenda Sampaio, seu Fernando, pai do Marcelo, quem vem de Sidrolândia, no tem um riozinho ali?
- **Tem**
- Pra lá um poquinho tem uma fazenda, tem os escritório, pra lá um pouquinho tem umas casa na bera da estrada, entra pra cá, né. (Aponta o caminho com a mão direita estendida, sinalizando para a direita) Então meu pai prantô ali. Setenta mil hectare o mandioccal. Setenta mil, né. Meu pai tinha quarenta trator cebetê. Prantô, gradiô, foi prantado tudo na prantadera. Ali põe o adubo e põe a rama por último. Prantô e largô, vinte ano. Um dia, andano pra lá, tava a dona Maria lá na farmácia:
- Ô, seu Pirigoso, para um poco aí! O Fernando qué falá com o senhor.- Falô: - Cê espera um poquinho aí, que ele tá comprano um remédio na farmácia.
- Nós no tamo apurado, nós espera. – Aí, o seu Fernando saiu com o Marcelo, né. Falô:
- Ô Perigoso, cadê seu pai? – Falei:
- Meu pai tá em casa. - Ele falô:
- Ocê avisa ele que fui dá um rodeio no campo, escoliê uma vaca pra carneá, e num achei uma vaca! Sumiu tudo! Sumiu vaca, sumiu cavalo, sumiu tudo. – De tarde, fui na casa do meu pai, no Cambaráí, falei:
- Meu pai – falei – o Seu Fernando mandô um recado pro senhor que sumiu tudo o gado dele, da fazenda. Tá tudo na fazenda do seu Alaor, lá do outro lado, perto do pilão. - Ele falô:
- Mais num pode! – Falei:
- Mais sumiu tudo, disse que é pro senhor í hoje.
- Ah, mais então cê me espera que nós vai junto. Cê vai cumigo. - O meu pai foi pono o arreio dele, assim. Que lá na fazenda, pega o cavalo da fazenda, né. Aí, foi pono o arreio, traçado, tudo. Aí, tô passano na fazenda, a dona Maria:

- Ô Pirigoso, vem aqui! – O pai e a mãe do Marcelo – Pirigoso, vem aqui! – falô: - Vem aqui, vem. Vem aqui na cozinha! – Cheguei lá na cozinha, tava aquele baita panelão de doce de leite. *Rarrarrarrarrá*. Falô: - Vem comê o doce aqui, rapais! – Falei:
- Não, vô só tomá um café aí.
- Tá bão. - Tomei o café, lá. - Aí eu falei:
- Já vô agora, que eu tô meio apurado, hoje eu vô no campo com o meu pai, vê o gado. Amanhã é domingo, eu num vô trabaiá, né. - Aí, fomo. Chegano lá, meu pai encostô na bera do triângulo, né, e vimo um bezerro do otro lado do corguinho da fazenda, ali. Era como daqui lá no cimitério. (Distante) Eu dei um grito lá e a boiada surgiu e entrô num buraco assim. Aí, nós vimo que a raiz da mandioca entrô ali, saiu do otro lado e ficô tudo oco e a boiada sumiu ali, varô o triângulo e saiu lá na fazenda. Dava dois mil-e-quadrocentos metro longe o comprimento da raiz da mandioca.

2.17.N- Seu Perigoso

O caso da chuva de lambaris

- Agora, esses dias, sabe, eu tinha uma chacinha aqui, conhece o Quebra-côco?
- **Sei.**
- Que vai pra usina Pantanal. Eu tava com o rádio, tava sentado na varanda da casa minha, lá. Aí, deu um relâmpo, né, deu um susto, e a *trec*, deu um truvãozão que tremeu o chão. Aí, eu falei: - Vô disligá o apareio, senão queima. - Deu uma chuva, o nome da minha chacra, chacra Boa Sorte, aí pusero o nome da minha chacra de chacra do Lambari. Deu uma chuva de lambari, quaiô o cerrado de lambari, olha o tamanho dos bagual. (Sinaliza com as mãos, sessenta centímetros, aproximadamente) Era chacra Boa Sorte, depois era chacra do Lambari. Aí o pessoal de Sidrolândia tava sem comê peixe, tava tudo quebrado, não tinha peixe, tava tudo fechado, e aquele calor brabo, eu falei: - Se quisé lambari arruma quarenta trator com carroção, pode buscar lambari lá. - Óia! Deu uma chuva que quaiô aquele coqueral de lambari. Ói o tamanho dos bagual. (Repete o gesto) - Eu

- falei: - Pode buscá, pode buscá, deixa pra mim só uns dez lambarizão. - É só eu, a minha mulher morreu, né, e um home que mora aqui e otro ali e o guri meu, que mora aqui junto cumigo, a otra mora em Jardim, a otra ali no rio. - Então, um carroção de lambari perde, né.
- **É, fica fedendo, né?**
 - É, então, então o pessoal juntaro lambari lá e apelidaro: “Chacra do Lambari”, do Pirigoso. Então pusero a praca, na entrada que vai pra usina Pantanal.

2.18.N- Seu Perigoso

O caso do chapéu pára-quedas

- Então, meu chapeuzinho pequeno com mais-o-meno dois metro e meio de artura...
- **O senhor continua furando poço?**
- Meu chapéu tá aí dentro, ali oh! (Aponta para dentro da casa)
- **Tá aí dentro?**
- É, quando eu vôo de avião e o avião tá quereno cabá a gasolina, né, tá quereno cabá, então aquele lá é um pára-queda bão, né. Eu e o piloto, né. Se nós tamo voano e exprodí lá em cima né, qualquer coisa lá: - Fica perto de mim, aí, hem. Qualqué pobrema que dé no motor aí, nós desce nós dois pra baxo. – Aí deu um pobrema no motor, nos dois motor. Tava com trezentos e oitenta pessoa, vinha lá do Peru. Deu pobrema lá e o piloto grudô na minha cintura. Daí, eu tinha um cinto muito grande, cento-e-quarenta metro de cinto, o cara grudô assim no meu cinto e pulamo nós dois pra baxo, o pára-queda era meu chapéu, né. E o barbicacho desses que tem ali, oh, era seis metro e era coro de anta, né. Falei: - Num tem pobrema, pra onde o vento mandá nós, nós vai. – Aí descemo num cem metro pra chegá num brejão. Caímos bem em cima, assim. O avião ficô lá encima e explodiu.
- **Sorte que o senhor tava de chapéu.**
- Sorte que tava de chapéu mexicano. Só quando eu saio de avião, vô pra Nova York, Buenos Aires, eu levo meu chapéu, é pára-queda, né.

2.19.N- Seu Perigoso

O caso bicicleta de 180 marchas 2

- Então esses dias, em Bela Vista, um temporal brabo, né. Um temporal... aquilo vinha caíno mato, vinha caíno pedra, assim. Aí, eu reduzi essa bicicleta, aí, parô um carro bem na vorta assim, oh, e trancô eu. Cê sabe o introncamento da políça, né, pra lá de Jardim, que vai pra Bela Vista, num tem uma casa azul lá?
- **Tem.**
- Pois é! Ali o cara me fechô, ali:
- Perigoso, pára aí! - Fiquei trancado na estrada, no asfalto ali. A chuva derrubô tudo, o vento. Do jeito que eu vinha na base de uns mil-e-oitocentos por hora, né, de bicicleta, a bicicleta bateu naquela gaiera de pau, avuei por dentro das nuvem, assim! Dei treis vorta em Jardim pra matá a carrera da bicicleta. A bicicleta queria descê pro lado do Paraguai, pro lado do Paraguai, de Assunção...
- **Sei.**
- E eu freitava essa bicicleta e corria a espora nela, assim, porque ela tava quexuda, né. Custei quilibrá essa bicicleta. Ela não é assim de guidão, é de volante, e o freio dela, tudo, é no pé embaixo, tudo é no pé, embaixo. A bicicleta, os aparei dela é tudo parei de avião, né, o maquinário dela. No é dessas bicicleta aí.
- **Coisa moderna...**
- É fabricado no estrangeiro, né.
- **Sei, moderna.**
- O cara já fabricô na fábrica lá e já pois o meu nome, né: “Perigoso”! Né. Fabricô meu nome, lá. Com letra de oro gravado e eu muntado na bicicleta. Cento-e-oitenta marcha.

2.20.N- Seu Perigoso

O caso do contato com o presidente

- **E assombração, o senhor não encontrou com mais nenhuma?**
- Não. Encontrei com o ..., tive um contato com o presidente, mas não é o Lula, não, é o outro presidente:
- Ô, Pirigoso!
- Oi.
- Tudo bom?
- Tudo bom.
- Quero fazê um contato com você. – Ele falô.
- Pode falá.
- Nesse natal agora, quero fazê uma caçada de onça e quero que você vai cumigo. Falei:
- Pode í em casa. Em Maracajú, o telefone meu é quatrocentos mil e oitocentos e setenta e oito. Fala com o Porigoso! - Meu telefone é grandão. Meu telefone é gravadô, é rádio amadô, é televisão, tudo num só. Então ele quer fazê um contato cumigo lá no Amazonas, sabe.

4.1.N- Carlão

O caso dos peixes-elétricos que acendiam as luzes da casa

- Eu era um que tinha luis de motor. Tamém, quando no era de motor, que nem dias que tava frio e aquele troço tava feio, eu usava... eu fiz um tanque ligero e peguei uns cinco peixe elétrico. Porque quando eu cheguei lá tinha essa lenda, do peixe elétrico:
- Ah! O pessoal daqui, de noite num cai na água de jeito nenhum!
- Ué! Mais no cai por quê? - Porque eu passava de barco durante o dia e tava cheio que pulava no rio, né. Buliviano tomando bãe lá.
- É. Mais, de noite, por causa do peixe elétrico. De noite ele sai. - E diz que já matô gente, né. Ele vai encostano, vai encochando a pessoa assim. Eu falei:

- Bão! Se esse trem dá choque, eu vô fazê... – Então, eu joguei dentro de uns tanque lá e deu certo, rapais. Deu certo, tinha cinco bico de luis lá, acendia elas c’os pexe elétrico. *Ranranranran*.

Aqui está registrado um pedaço do imaginário narrativo pantaneiro formatado em *causos*.

Algumas palavras necessárias para nos aproximar de uma conclusão

A planície alagável localizada no Oeste do Brasil, abrangendo os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, além de uma parte da Bolívia e do Paraguai é a maior do mundo. A parte brasileira é chamada de Pantanal, por conseguinte seus habitantes são os pantaneiros. Os pantaneiros passam a maior parte de suas vidas lidando com gado. Geralmente, gado dos outros. Esses trabalhadores são denominados peões. Nas horas de ócio, os peões tomam tereré, sentam-se em forma de círculo e contam *causos*. Os *causos* são as histórias do cotidiano no Pantanal.

No Pantanal chegou gente de todos os lados. Os primeiros foram os indígenas, que viviam guerreando entre si por milhares de anos, 10 mil pelo menos, até chegarem os europeus, vindos de Portugal e da Espanha, e acabarem com quase todo mundo. Sobraram os Guató e os Kadiwéu. Mais tarde, vieram os negros africanos, ainda na condição de escravos. Todo esse povo trouxe junto consigo sua memória e um monte de histórias na forma de mitos, lendas e fábulas. Eles criaram os *causos pantaneiros*.

Nem todos os peões são contadores de *causos*. Segundo eles, poucos têm este talento. O pantaneiro tem mais jeito é para ser calado. O bom narrador adquire fama entre povo da região. Antigamente, os contadores viajavam de fazenda a fazenda narrando histórias. Hoje em dia, não.

Os *causos pantaneiros* não estão encerrados no território do Pantanal, eles viajam com seus contadores pela vida afora. Em lugares pertos ou longínquos, pequenas vilas ou grandes cidades, as histórias perseguem os homens e sempre são desaguadas em uma roda de conversa. Os *causos* estão no imaginário dos narradores que viveram e assimilaram a cultura do Pantanal.

A maneira mais fácil para se encontrar o *causo* é correr atrás da fama de seus narradores. Assim fizemos e chegamos a dez deles. O Seu Marcondes, o Seu Perigoso, o Seu Oscar, o Carlão, o Seu Edson, o Seu Benjamim, o Seu Chumbo, o Seu Silvério, o Seu Olimpião e o Seu Leandro.

Estes homens nos apresentaram as narrativas pantaneiras em um momento em que ainda sentimos os traços da “oralidade primária”, no conceito de Walter Ong (1982), que assim chama o sistema das sociedades que não se servem da escrita, e da “oralidade

secundária”, que é transmitida pelos meios de comunicação de massa. A tensão entre essas duas formas de pensar é um dos agentes propulsores dos *causos*.

Além do Pantanal, enxergamos o conceito de *causo*, que tem suas bases na oralidade e na regionalidade, em outras regiões do Brasil. No Sul, no Sudeste e em uma pequena parte do Centro-Oeste, sul de Mato Grosso do Sul e sul de Goiás, localizamos o *causo caipira*. Em outra parte do Sudeste, norte de Minas Gerais, do Centro-oeste, Estado de Goiás, e do Nordeste, reconhecemos o *causo sertanejo*.

O nosso esforço esteve concentrado em entender o *causo pantaneiro* e a nossa porta para ele foi o contador de *causo*. Os contadores que ouvimos já haviam saído do Pantanal, mas guardavam, em suas narrativas, os elementos do universo pantaneiro. Nesses narradores, consideramos o seu estado de trânsito. Eles formam um conjunto de intérpretes com repertórios, mecanismos semelhantes e elementos comuns na transmissão de suas histórias.

Essas características estão relacionadas, sobretudo, ao número limitado das temáticas pantaneiras. Quem nos deu esta pista foi o nosso primeiro contato, o Seu Perigoso. A partir dele, verificamos que os contadores transitavam pelos seguintes assuntos:

- 1- *Causos* de Bichos
- 2- *Causos* Enigmáticos
- 3- *Causos* de Perigo
- 4- *Causos* de Exageros

A classificação dos temas permitiu-nos uma divisão por categorias. São elas:

Causos de Bichos:

- 1.A- Histórias de Onça
- 1.B- Histórias de Cobra
- 1.C- Histórias de Outros Animais
- 1.D- Histórias de Pescaria

Causos Enigmáticos:

- 2.E- Seres Imaginários
- 2.F- Lugares Imaginários
- 2.G- Enterros de Tesouro
- 2.H- Pessoas Perdidas
- 2.I- Ações Mágicas
- 2.J- Luzes Misteriosas

Causos de Perigo

- 3.L- Risco Pessoal
- 3.M- Intempéries da Natureza

Os *Causos* de Exageros não contêm subdivisões.

Toda essa temática é matéria-prima para as criações dos narradores pantaneiros. A idade não é um fator determinante de um bom contador de *causo*. Entre os narradores com quem nos encontramos, o mais novo, o Carlão, tinha 40 anos e o mais idoso, o Seu Benjamim, contava 86. Mas, durante nossa busca, ouvimos *causos* contados até por crianças.

O sentimento motriz das narrativas pantaneiras é o medo. Os *causos* constituem-se basicamente na vitória dos peões contra seus adversários naturais, sejam eles as feras, os monstros, a Natureza, o trabalho ou a necessidade. Com esses elementos, o pantaneiro dos *causos* adquire uma feição de herói.

O heroísmo é uma característica que acompanha as narrativas orais desde muito cedo. Na Idade Média, já era comum. O pantaneiro serve-se desse atributo para se colocar em destaque diante de seus companheiros. O contador sempre sai vitorioso no *causo*. Em ocasião de derrota, os méritos são de um terceiro.

Além do medo e do heroísmo, encontramos alguns elementos mais contundentes para definir o *causo*. Os principais são a sua relação com a **oralidade**, em sua expressão, e com a **regionalidade**, em seu conteúdo. Também é importante o reconhecimento do objeto narrativo denominado *causo* pela população local.

O *causo* é uma narrativa curta, aproxima-se do conto e, como ele, deve ter suas raízes fincadas na realidade histórica do passado, de acordo com Propp (2002). Isso fica claro, no *causo pantaneiro*, quando recorremos à sua temática e verificamos a importância dos eventos históricos para a sua concepção. A Guerra do Paraguai, por exemplo, continua na memória coletiva local e é determinante em temas como os Enterros de Tesouro ou as Luzes Misteriosas.

Enxergamos o *causo* como um gênero, e tentamos encontrar nele uma *poética*, de acordo com o termo de Zumthor (2000). Para esse fim, reconhecemos, nele, as três características propostas pelo próprio Zumthor para essa definição:

- textos identificados como tais
- produtores de textos assim reconhecidos
- público iniciado

Os *causos pantaneiros*, assim como o próprio Pantanal, são moventes e dinâmicos, mas há um eixo que os preserva. Estamos falando de sua “forma”, segundo o conceito de Zumthor (2000), que lhes dá sustentação. Os *causos* são:

- relatos breves
- iniciados com fórmulas
- apresentados com recursos performáticos (teatralidade)

Também são típicos no *causo*:

- auditório interativo
- importância dos assuntos regionais e cotidianos
- inserção no universo masculino

Na procura de uma tipologia dos *causos pantaneiros*, encontramos e nomeamos algumas características gerais. São elas: as formas em que se inicia a narração, a pessoa verbal empregada, a natureza realista ou fantasiosa e o efeito produzido pela história contada, que classificamos em trágico, cômico ou de curiosidade. O repertório analisado é composto por 161 narrativas.

Se nos fosse conveniente fazer uma síntese dos *causos*, de acordo com a frequência de suas características gerais, teríamos que os relatos pantaneiros são iniciados com a fórmula de tempo indefinido, são narrados na terceira pessoa do singular, possuem uma natureza fantasiosa e produzem um efeito cômico nos ouvintes. O tema deste *causo* síntese seria o dos Seres Imaginários, que representam 30 narrativas.

O contador pantaneiro narra seus *causos* com o sotaque peculiar da região. Um sotaque com tempo de Paraguai, de Bolívia, de índio. Um sotaque líqüido, estendido. Há palavras que se enroscam nas vogais e vai laaaaaaá longe buscar seu fim.

Os artigos proliferam na boca dos pantaneiros. Todo nome vem precedido por um. É a forma de o narrador aproximar o ouvinte do personagem. Criar um elo, uma intimidade entre eles. Ao ouvinte, resta aceitar. Dos pantaneiros, emprestamos os artigos que utilizamos para definir os personagens que entraram nestas nossas linhas.

Emprestamos também seu olhar “científico”, capaz de perceber um perigo ao longe, sua simplicidade diante da vida e sua humildade frente à Natureza. Dos pantaneiros, alimentamos-nos de beleza e de solidão. De vontade de contar aquilo que está à vista de todos, mas poucos percebem e dão valor. Deles emprestamos o imaginário e a memória. Dos pantaneiros, emprestamos a voz e os *causos*.

*A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um
sabiá*

mas não pode medir seus encantos.

*A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem*

nos encantos de um sabiá.

*Quem acumula muita informação perde o condão de
adivinhar: divinare*

Os sabiás divinam.

(Manoel de Barros, 1997)

GLOSSÁRIO

As palavras do universo pantaneiro são moventes como a própria paisagem da região. Encontramos na linguagem falada local um vasto vocabulário de termos próprios. Seleccionamos, neste apanhado, alguns dos que se fazem necessários para a compreensão dos *causos*.

-A-

Abiúdo- Abelhudo, intrometido;

Alagados- Lagoas típicas do Pantanal;

Aloitar- Agarrar;

Ameiou- Encheu pela metade;

Amoitar- Esconder;

Angiqueira- Árvore de Angico;

Apiar- Apear, descer;

Arreio- Equipamento para montaria;

-B-

Bachero- Utensílio de montaria; constitui-se em um forro de lã ou algodão que se coloca no cavalo, por baixo da sela;

Baías- Lagoas do Pantanal;

Bença- Tomar a benção;

Bagualar- Capturar gado selvagem, chamado de bagual;

Batida- Rastro;

Barbicho- Cordão ou tira de pano, couro etc. com as pontas presas ao chapéu, e que, passando por baixo do queixo, prende o chapéu à cabeça; barbela, queixinho

Barde- Balde;

Berrante- Instrumento de sopro feito com o chifre do boi, que serve para chamar a boiada;

Boca-de-sapo- Espécie de cobra venenosa;

Bocaiúva- Espécie de palmeira encontrada em todo o Brasil. Macaúba;

Bóia- Comida;

Bombachas- Calças larga à moda gaúcha;

Bretão- Lugar onde se aparta o gado;

Bruaca- Recipiente onde se leva a comida e os equipamentos para a viagem com a boiada;

Bugre- Índio ou mestiço;

Bulir- Mexer;

Burro Redomão- Burro que está em fase de domaçaõ;

-C-

Cancela- Porteira;

Cantilho- Vasilhame utilizado para carregar a bebida individual nas viagens;

Capão- Descampado;

Caranchão- Pequeno pedaço de mata fechada;

Carniar- Carnear;

Carreador- Trilha entre o mato;

Cargueiro- Montaria que leva o equipamento na boiada;

Carquejo- Erva medicinal usada para digestão;

Chincha ou Sincha- Cinto que segura o arreio no cavalo;

Comitiva- Grupo de peões que viajam com as boiadas;

Corguinho ou córgo- Córrego, riacho;

Corixo- Riacho temporário que some durante a seca;

Corchete- Portão de arame;

Coxo- Madeira cavada onde se coloca o sal para o gado;

Crivo- Perfuração de bala ou faca;

-D-

Desarrelar- desarrear- Retirar o arreio da montaria;

-E-

Empacar- Travar, parar. Fala-se quando o animal não vai para a frente nem para trás;

Escoiê- Escolher;

Espora- Artefato de metal com pontas, que se prende no calcanhar do cavaleiro e que serve para roçar na barriga do cavalo e incitá-lo a apressar o passo ou correr; (Houaiss)

Esturro- Urro da onça;

-F-

Fia- Filha;

Fiote- Filhote;

Flobé- Espingarda;

Friso- Frízer;

-G-

Gaio- Galho;

Garrafada- Mistura de ervas e líquidos que serve de remédio;

Garupa- Parte traseira do animal, onde alguém monta junto ao cavaleiro;

Gatiada- Engatilhada;

Goró- Bebida alcoólica, cachaça;

Guaiaca- Cinto utilizado pelo peão, com repartições para o fumo, a arma e os projéteis;

Guampa- guampo- Chifre do boi, que serve com copo principalmente para o tereré;

Guri- menino, garoto;

-I-

Iliar- enroscar;

Invernada- Pequenas repartições de pasto cercadas com arame;

Íula- Ilha;

-J-

Jaraguá- Tipo de capim utilizado para pasto de animais;

Jararaca- espécie de serpente venenosa;

Jirau – Estrado suspenso onde se guarda os utensílios, principalmente, de cozinha;

-L-

Lambari- Pequeno peixe de água doce;

Lograr- Enganar;

-M-

Macerga- Pastagem nativa;

Mangueiro- Cercado onde fica o gado;

Manilha- Tira de couro que serve para amarrar o gado;

Manotiar- Primeiros movimentos da doma;

Mateiro- Espécie de veado selvagem;

-O-

Oiá- Olhar;

Olho de boi- Poça d'água;

Oreia- Orelha;

-P-

Partida- Conjunto de gado;

Piquete- Pequeno cercado onde se fecha a tropa da fazenda;

Ponteiro- O vaqueiro que adianta a boiada e leva uma buzina ou berrante para conduzi-la;

Pórva- Pólvora;

Posar- Dormir;

Pouso- Lugar onde a comitiva dorme;

Praieiro- Pessoa que cuida dos arredores da sede da fazenda;

-Q-

Quechuda- Brava, indomável;

-R-

Raiar- Ralhar;

Reis- Rês- gado;

Relar- Encostar;

Repouseira- Acampamento sob as árvores;

Restinga- Pedaco de mata;

Retiro- Espécie de segunda sede de uma fazenda;

Ricochetear- Ação de desviar o percurso do projétil ao topar com um obstáculo;

-S-

Saraquá- Instrumento para plantio manual de algumas culturas;

Sapecar- Bater ou dar pancadas;

-T-

Taia- Medida de contagem de gado, equivalente a aproximadamente 50 unidades;

Toco- Pedaco de tronco de árvore;

Tolamo- Atolamos;

Torô- Cortou;

Traia- tralha- Equipamento de montaria levado na condução de boiadas;

Trieiro- Caminho aberto pela passagem constante de animais;

Troço- Objeto ou ser, comum ou desconhecido;

Trupelá- Atropelar;

-V-

Vazante- Lagoa temporária; *Porção de campo em terreno baixo e úmido, temporariamente alagado, na época das cheias. Na região, a denominação vazante permanece mesmo que as águas sequem, no local.* (Nogueira, 2002:151);

-Z-

Zuero- Barulho;

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar e Silva, V.M., *Competência lingüística e competência literária: sobre a possibilidade de uma poética gerativa*, Liv. Almedina, Coimbra, 1977.
- Alves, Gilberto Luiz, *Pantanal da Nhecolândia e modernização tecnológica*, Editora UFMS, Editora Uniderp, Campo Grande, 2004.
- Amaral, V. Botelho de, *Meditações críticas sobre a língua portuguesa: Estudos de estética e psicologia da língua: Problemas de moral de estilo: Personalidade do idioma português*, Edições Gama, Lisboa, 1945.
- Amaral, V. Botelho de, *Problemas de linguagem e estilo*, Livraria Simões Lopes, Porto, 1948.
- Amora, A. Soares, & Moisés, M., *A literatura brasileira*, Cultrix, São Paulo. 1973.
- Andrade, Mário de, *O empalhador de passarinhos*, 3ª. ed., Martins, São Paulo; INL, Brasília, 1972.
- Anônimo, *O Livro das mil e uma noites, volume I.*, trad. Mamede Mustafá Jarouche, Editora Globo, São Paulo, 2005.
- Aubretton, Robert, *Introdução a Homero*, 2ª. ed., Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1968.
- Banducci Júnior, Álvaro, *A Natureza do Pantaneiro*, Dissertação de Mestrado para a Universidade de São Paulo, Campo Grande, 1996.
- Barros, Abílio Leite de, *Gente Pantaneira: crônicas de sua história*, Lacerda Editores, Rio de Janeiro, 1998.
- Barros, Manoel de, *Gramática expositiva do chão: poesia quase toda*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1990.
- Barros, Manoel de, *O livro das Ignoranças*, 3ª. ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1994.
- Barros, Manoel de, *Livro sobre nada.*, 4ª. ed., Editora Record, Rio de Janeiro, 1997.
- Barros, Manoel de, *O Pantanal por Manoel de Barros*, Editora Saber, Campo Grande, 1999.

- Barros, Manoel de, *Ensaio fotográficos*, Editora Record, Rio de Janeiro, 2000.
- Barros, Manoel de. *Poemas rupestres*, Editora Record, Rio de Janeiro, 2004.
- Barros Netto, José de, *A criação empírica de bovinos no pantanal da Nhecolândia*, Editora Resenha Tributária, São Paulo, 1979.
- Bastide, Roger, *O Candomblé da Bahia*, trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Companhia das Letras, São Paulo, 2004.
- Berlin, Isaiah, *Las raíces del romanticismo*, Edição de Henry Hardy, trad. Silvina Marí, Editora Taurus, Madrid, 2000.
- Bertussi Lisana, *Literatura Gauchesca*, Editora Educ, Caxias do Sul, 1993
- Borges, Jorge Luis & Guerrero, Margarita, *Manual de zoología fantástica I*, 2ª. ed., FCE, México, 1966.
- Bosi, Alfredo, *Dialética da Colonização*, Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
- Brandão, Helena Hathsue Nagamine, *Introdução à análise do discurso*, 2ª. ed. rev., Editora da Unicamp, Campinas, 2004.
- Broca, B. & Sousa, J. Galante de, *Introdução ao estudo da literatura brasileira*, INL, Rio de Janeiro, 1963.
- Bueno, F. da Silveira, *Estilística Brasileira*, Saraiva, São Paulo, 1964.
- Câmara Jr., J. Mattoso, *Manual de expressão oral e escrita*, 5ª. ed., Vozes, Petrópolis, 1978.
- Câmara Jr., J. Mattoso, *Uma forma verbal portuguesa: Estudo estilístico-gramatical*, Acadêmica, Rio de Janeiro, 1956.
- Camões, Luís de, *Os Lusíadas*, 4ª. ed., Editora Cultrix, São Paulo, 1980.
- Campos, Cristina, *Pantanal Mato-grossense: O semantismo das águas profundas*, Editora Entrelinhas, Cuiabá, 2004.
- Cândido, Antônio, *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, 34ª ed., Duas Cidades, São Paulo, 2001.
- Cândido, Antônio, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, 6ª. ed., Itatiaia, Belo Horizonte, 1981.

- Cardoso, W. & Cunha, C., *Estilística e Gramática Histórica*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1978.
- Carpeaux, O. M., *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*, 3ª. ed., Letras e Artes, Rio de Janeiro, 1964.
- Carvalho, R. de, *Pequena história da literatura brasileira*, 2ª. ed., Briguiet, Rio de Janeiro, 1922.
- Cascudo, Luis da Câmara, *Literatura Oral no Brasil*, 3ª. ed., Itatiaia, Belo Horizonte; Ed. da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- Cascudo, Luís da Câmara, *Geografia dos mitos brasileiros*, 2ª. ed., Global, São Paulo, 1984.
- Chamma, Corintha Maciel, *A canção mais antiga*, Editora Dom Bosco, Brasília, 1976.
- Chiavenatto, Júlio José, *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*, 24ª. ed., Ed. Brasiliense, São Paulo, 1990.
- Cidade, H., *Evolução estética da língua portuguesa*, Associação de Estudos Portugueses Hernani Cidade, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 1985.
- Coelho, N. Novaes, *Literatura infantil: história, teoria, análise*, 3ª. ed., Ed. Quíron, São Paulo, 1984.
- Coelho, N. Novaes, *Panorama histórico da literatura infantil-juvenil: Das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo*, 3ª. ed., Ed. Quíron, São Paulo, 1985.
- Coelho, N. Novaes, *Literatura e linguagem: A obra literária e a expressão*, Ed. Saraiva, Rio de Janeiro, 1974.
- Coutinho, A., *A literatura no Brasil*, 3ª. ed., Ed. José Olympio, Rio de Janeiro;UFF, Niterói, 1986.
- Covizzi, L. Marques, *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*, Ed. Ática, São Paulo, 1978.
- Crivillé I Bargallo, J., *De la variabilidad en la música de tradición oral. Algunas reflexiones sobre el tema*. Miscelánea en honor al Prof. Dr. José Lopez Calo, pp 595-604, Madrid, 1979.
- Cunha, C., *A margem da poética trovadoresca*, Rio de Janeiro, 1950.
- Cunha, C., *Estudos de poética trovadoresca: Versificação e ecdótica*, INC, Rio de Janeiro, 1961.

- Cunha, C., *Língua e verso*, 3ª. ed., Sá da Costa, Lisboa, 1984.
- Cunha, F., *Situações da ficção brasileira*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1970.
- Dacanal, J. H. *Realismo mágico*, Movimento, Porto Alegre. 1970.
- Davis, W. Myron, (1990) *Neo-Troubadourism in Galicia, Portugal and Brazil* (A Dissertation... for the degree of Doctor of Philosophy at New York University, 1969), Michigan.
- Dorson, R.M., *Folklore and Folklife*, University of Chicago, Chicago, 1972.
- Durand, Gilbert, *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral*, 3ª. ed., Editora Martins Fontes, São Paulo, 2002.
- Enkvist, N. E. et alii, *Lingüística y estilo*, Cátedra, Madrid, 1974.
- Faraco, Carlos Emilio & Moura, Francisco Marto de, *Língua e Literatura*, 3ª. ed., Ática, São Paulo, 1999.
- Feld, S., Orality and Consciousness, in Yoshiko Tokumara & Osamu Yamaguti (Eds.), *The Oral and Literate in Music*. Academia Music, Tokyo, 1986.
- Fernandes, Frederico Augusto Garcia, *Entre Histórias e Tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, Editora Unesp, São Paulo, 2002.
- Ferreira, Aurea Rita de Ávila Lima (1999), *A Teia Do Contar Na Nhecolândia (MS): Intertextualidade e Interdiscursividade em narrativas pantaneiras*. Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras – Área de Concentração: Estudos Literários - da Universidade Estadual Paulista. Araraquara.
- Figueiredo, F. de, *Estudos de literatura (1910-1922)*, Clássica, Lisboa, 1923.
- Finnegan, Ruth, *Oral Literature in Africa*, Oxford Library of African Literature, Oxford University Press, Kenya, 1976.
- Finnegan, Ruth, *Oral Poetry*, Cambridge University Press, Cambridge, 1977.
- Finnegan, Ruth, *Literacy and Orality: Studies in the Technology of Communication*, Basil Blackwell, New York, 1988.
- Frazer, Sir James George, *La Rama Dorada: Magia y Religión*, Fondo de Cultura Económica, México, 1944.
- Freyre, Gilberto de Melo, *Casa Grande & Senzala*, 12ª. ed., Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1963.

- Freyre, Gilberto, *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*, Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- Galvão, J. Belo, *Língua e Expressão Artística*, Civilização Brasileira, São Paulo, 1967.
- Gotlib, Nádia Bastella, *Teoria do Conto*, 6ª. ed., editora Ática, São Paulo, 1991.
- Gressler, L. & Vasconcelos, L.M., *Mato Grosso do Sul: Aspectos Históricos e Geográficos*, LAG, Dourados, 2005.
- Heinemann, E.A., *L'art métrique de la chanson de geste: Essai sur la musicalité du recit*, Droz, Geneva, 1993.
- Holanda, Sérgio Buarque de, *O extremo Oeste*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1986.
- Holanda, Sérgio Buarque de, *Raízes do Brasil*, 26ª. ed., Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- Homero, *Odisséia*, trad. Jaime Bruna, 12ª. ed., Editora Cultrix, São Paulo, 2002.
- Le Goff, Jacques, *História e Memória*, trad. Bernardo Leitão, 5ª. ed., Editora da Unicamp, Campinas, 2003.
- Leite, Gervásio, *Caminho das monções*, XI Coleção ciclo das águas, Série Bandeiras das Águas, Edições UFMT, Cuiabá, 1975.
- Leite, Maria da Glória Pereira (Baronesa de Vila Maria), *A extinta Província de Mato Grosso poderá por si só constituir-se Estado? (1890)*, Ver. Do Inst. Hist. E Geogr. De Mato Grosso, Cuiabá, 1995.
- Lévi-Strauss, Claude, *A Oleira Ciumenta*, trad. José Antônio Braga Fernandes Dias, Edições 70, LDA, Lisboa, 1985.
- Lotman, Iuri M, *La Semiosfera*, sel. trad. Desidério Navarro. Ediciones Cátedra, Madrid, 1996.
- Lucas, F., *Fronteiras imaginárias*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1971.
- Marotti, G. *Perfil sociológico da literatura brasileira: O sertão*, Jorge Amado, Ed. Paisagem, Porto, 1975.
- Martins, Gabriela Isla V. *Indicadores Demográficos do Desenvolvimento Econômico no Mato Grosso do Sul (1970-1996)*, Editora UCDB, Campo Grande, 2000.
- Martins, Gilson Rodolfo, *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*, 2ª. ed., Ed. UFMS, Campo Grande, 2002.

- Martins, N. Sant'Ana, *Introdução à estilística: A expressividade na língua portuguesa*, T.A. Queiroz, São Paulo, 1989.
- Mauss, Marcel, *Ensaio de Sociologia*, 2ª. ed., Editora Perspectiva, São Paulo, 2001.
- Medina, C. de Araújo, *A posse da terra: escritor brasileiro hoje*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1985.
- Melo, G. Chaves de, *Ensaio de estilística da língua portuguesa*, Poseidon, Albufeira, 1979.
- Melo, G. Chaves de, *Origem, formação e aspectos da cultura brasileira*, Centro do Livro Brasileiro, Lisboa, 1974.
- Merleau-Ponty, Maurice, *A Natureza*, trad. Álvaro Cabral, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2000.
- Merquior, J.G., *De Anchieta a Euclides: Breve história da literatura brasileira*, J. Olympio, Rio de Janeiro, 1977.
- Moisés, C.F., *Poesia e realidade: Ensaio acerca da poesia brasileira e portuguesa*, Cultrix/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, São Paulo, 1977.
- Moisés, M. & Paes, O. P., *Pequeno dicionário de literatura brasileira*, 2ª. ed., Cultrix, São Paulo, 1980.
- Moisés, M., *A análise literária*, 5ª. ed. rev., Cultrix, São Paulo, 1977.
- Moniz, H., *Vultos da literatura brasileira*, Mariza, Rio de Janeiro, 1983.
- Montalegre, D. de, *Ensaio sobre o parnasianismo brasileiro seguido de uma breve antologia*, Coimbra Editora, Coimbra, 1945.
- Monteiro, A. Casais, *Figuras e problemas da literatura brasileira contemporânea*, Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.
- Montemor, R. de, *Nos meandros da literatura brasileira*, Escola Prof. Salesianos, Lisboa, 1962 .
- Mourão-Ferreira, D. , *Sob o mesmo tecto: Estudos sobre autores de língua portuguesa*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.
- Moutinho, Joaquim Ferreira, *Notícias sobre a Província de Matto Grosso seguida d'um roteiro da viagem da sua capital á S. Paulo*, Typographia de Henrique Schroeder, São Paulo, 1869.

- Múrias, M., *O descobrimento do Brasil: antecedentes, hipóteses, realidades*, Agencia Geral de Colônias, Lisboa, 1947.
- Neves, J. Alves das, *As relações literárias de Portugal com o Brasil*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1992.
- Nogueira, Albana Xavier, *Pantanal: homem e cultura*, Ed. UFMS, Campo Grande, 2002.
- Nunes, Batista, Sebastião, *Antologia da Literatura de Cordel*, Fundação José Augusto, Natal, 1977.
- Oliveira, Ana Maria Pinto Pires de, Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: Oliveira, Ana Maria Pinto Pires de Oliveira & Isquardo, Aparecida Negri (Orgs.), *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, 2^a. ed., Ed. UFMS, Campo Grande, 2001.
- Oliveira, J. Osório de. *História breve da literatura brasileira*, 2^a. ed., Livraria Martins, São Paulo, 1954.
- Olson, David R., & Torrance, Nancy, *Cultura Escrita y Oralidad*, Gedissa, Barcelona, 1995.
- Ong, Walter J. *Oralidad y Escritura: tecnologías de la palabra*, (Orality and Literacy: The Technologizing of the Word), trad. Angélica Scherp, FCE, México, 1987.
- Orlandi, Eni Puccinelli, *Discurso e leitura*, Editora Cortez, São Paulo, 1987.
- Orlandi, Eni Puccinelli, *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, 2^a. ed., Editora da UNICAMP, Campinas, 1993.
- Otero, Léo Godoy, *O Caminho das Boiadas: romance*, 2^a. ed., Editora R.G. Dória, São Paulo, 1984.
- Paes, J. P. *Panorama da poesia brasileira*. Rio-SãoPaulo-Bahia, 1957.
- Paranhos, H. *História do romantismo no Brasil*, Cultura Brasileira, São Paulo, 1937.
- Parry, M., *Studies in the Epic Technique of Oral Verse-Making*, in *Harvard Studies in Classical Philology*, vol. I-II, Cambridge, Massachussets, 1930/1932.
- Patai, D., *Myth and ideology in contemporary Brazilian fiction*, Fairleigh Dickinson University Press, London-Toronto, 1983.
- Penteado, Yara Maria, *A Poesia da Oração: Curandeiros, benzadores e outros magos*, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005.

- Pimentel, Altimar, *Estórias de Luzia Tereza*, Editora Thesaurus, Brasília, 1995.
- Pires Ferreira, Jerusa, *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*, Coleção Estudos, Editora Perspectiva, São Paulo, 1992.
- Pires Ferreira, Jerusa. *Fausto no Horizonte*, 2ª. ed., Educ/Hucitec, São Paulo, 1992.
- Pires Ferreira, Jerusa, *Cavalaria em Cordel: O passo das águas mortas*, 2ª. ed., Hucitec, São Paulo, 1993.
- Pires Ferreira, Jerusa, *Armadilhas da Memória*, Ateliê Editorial, São Paulo, 2003
- Poe, Edgar Allan, Review of “Twice-Told Tales By Nathanael Hawthorne”, *Graham’s Lady’s and Gentleman’s Magazine*, May 1842, pp 45-52.
- Preti, D., *Sociolingüística: Os níveis de fala: Um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira*, 6ª. ed., Ed. Nacional, São Paulo, 1987.
- Proença, Augusto César, *Pantanal: gente, tradição e história*, 3ª. ed., Ed. UFMS, Campo Grande, 1977.
- Propp, Vladimir, *As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso*, 2ª. ed., Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2002.
- Quiroga, Horacio, *Sobre Literatura: Obras inéditas y desconocidas*, Editora Arca, Montevideú, 1970.
- Ramos, Graciliano, *Alexandre e outros heróis*. 7ª. ed., Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1970.
- Rego, José Lins do, *Histórias da Velha Totônia*, 15ª. ed., Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 2004.
- Ribeiro, Darcy, *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2ª. ed., Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- Romero, Sílvio, *História da literatura brasileira*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1965.
- Romero, Sílvio, *Contos Populares do Brasil*, Editora Landy, São Paulo, 2000.
- Rosa, Guimarães, *Sagarana*, Editora Record, Rio de Janeiro-São Paulo, 1984.
- Rosenfeld, A., *O mito e o herói no moderno teatro brasileiro*, Perspectiva, São Paulo, 1982.

- Rossell, Antoni, *Canción de gesta y música. Hipótesis para una interpretación práctica: Cantar épica románica hoy*, en *Cultura Neolatina*, Vol. LI. Fasc. 3-4, pp 207-221, Roma, 1991.
- Rossell, Antoni, *Le “pregon” : survivence du système de transmission oral et musical de l’épopée espagnole*, en *Cahiers de Litterature Orale*, vol. 32, pp 159-177, Paris, 1992.
- Rossell, Antoni, *Anisossilabismo: ¿Regularidad, irregularidad o punto de vista?* en *Actas do IV Congresso de la Associação Hispânica de Literatura Medieval, Lisboa 1991*, vol.II, pp131-137, Lisboa, 1993.
- Rossell, Antoni, *Pour une reconstruction musicale de la chanson de geste romane*, XIIe. Congrès de la Société Rencesvals, Edimburg, 4-11 Agost 1991. Charlemagne in the Nord. Proceedings of the XII International Conference S. Rencesvals, pp 345-357. Edinburg. Edinburg, 1992.
- Rychner, Jean, *La Chanson de Geste: Essai sur l'art épique des jongleurs*, Ginebra, 1955.
- Rychner, Jean, *La technique littéraire des chansons de geste*, Colloque international, Lieja, 1959.
- Santos, Milton, *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*, Ed. Record, Rio de Janeiro, 2001.
- Scheps, R., *La science sauvage: Des savoirs populaires aux ethnosciences*, Paris, 1993.
- Sigrist, Marlei, *Chão Batido: a cultura popular de Mato Grosso do Sul: folclore, tradição*, Ed. UFMS, Campo Grande, 2000.
- Silva Leite, Mário Cezar, *Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal*, 1ª. ed., Catedral Unicen Publicações, Cuiabá, 2003.
- Silveira, Mauro César, *A Batalha de Papel: a guerra do Paraguai através da caricatura*, L&PM Editores, Porto Alegre, 1996.
- Simoës, J.G., *Literatura, literatura, literatura... De Sá de Miranda ao Concretismo Brasileiro*, Portugália, Lisboa, 1964.
- Sodré, N. Werneck, *História da literatura brasileira*, 6ª. ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1976.
- Souza, Lécio Gomes de, *História de uma região: Pantanal e Corumbá*, Editora Resenha Tributária, São Paulo, 1973.

- Squinelo, Ana Paula, *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida: ensino, memória e história de um conflito secular*, Editora UCDB, Campo Grande, 2002.
- Stegagno Picchio, L., *A lição do texto: Filologia e Literatura. I - Idade Média*, Edições 70, Lisboa, 1979.
- Todorov, Tzvetan, *A Gramática do Decameron*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1982.
- Torchi, Gicelma da Fonseca Chacarosqui, *A Costura da Colcha – Uma Leitura de Bernardo Elis*, Academia Editorial, Pereira Barreto, SP, 2005.
- Torelli, Pomponio, *Trattato della Poesia Lírica: Del Perduto Acadêmico Innominato*, 1594.
- Torrecilha, Maria Lúcia, *A fronteira, as cidades e a linha*, Editora Uniderp, Campo Grande, 2004.
- Trigo, S., *Ensaio de Literatura comparada afro-luso-brasileira*, Vega, Lisboa, 1986.
- Vasconcelos, S. de, *Vida do venerável Pe. José de Anchieta*, Lello & Irmão, Porto, 1953.
- Wright, Robin M. *História Indígena do Noroeste da Amazônia*, História dos Índios no Brasil, organização de Manuela Carneiro da Cunha, Companhia das Letras, São Paulo, 1998.
- Zilberman, R., *Do mito ao romance: tipologia da ficção brasileira contemporânea*, Escola Superior de Teologia, Porto Alegre; Universidade de Caxias do Sul, Caxias, RS, 1977.
- Zumthor, Paul, *Le discours de la poésie orale*, *Poétique* 52, novembre, pp 387- 402, Paris, 1982.
- Zumthor, Paul, *A letra e voz: A literatura medieval*, trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira, Companhia das Letras, São Paulo, 1993.
- Zumthor, Paul, *Introdução à poesia oral*, trad. Jerusa Pires Ferreira, Ed. Hucitec/ Educ, São Paulo, 1997.
- Zumthor, Paul, *Performance, recepção, leitura*, trad. Jerusa Pires Ferreira. Ed. Hucitec/ Educ, São Paulo, 2000.
- Zumthor, Paul, *Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios*, trad. Jerusa Pires Ferreira, Sônia Queiroz, Ateliê Editorial, Cotia, SP, 2005.

ANEXO I

Antologia dos Causos Pantaneiros

ANTOLOGIA

Os *Causos Pantaneiros* a partir de seus narradores

Diante das histórias contadas nos *causos pantaneiros*, deparamo-nos com um universo mítico particular, absorvido pelo imaginário local e repassado junto com as experiências pessoais dos que contam sua existência. É o Pantanal narrado. É a materialização dos sentimentos que vagam pelas terras e alagados da região.

“Quem conta um conto, aumenta um ponto”. O velho ditado popular também serve para os *causos*. Cada narrador acrescenta um punhado de coisas vividas às palavras já gastas em outras vozes. A movência pantaneira envolve sua própria narrativa. Os *causos* carregam um pouco da sina de cada homem do Pantanal. Por respeito a esta característica da oralidade pantaneira, agregamos, aqui, os relatos com os seus devidos contadores.

Esta disposição permite-nos entrar no modo de cada um contar sua história e percorrer todo o seu repertório. Esta é a forma que encontramos para fazer contato com os enredos dos contadores pantaneiros e descobriremos suas particularidades.

Todos os *causos* foram transcritos guardando suas peculiaridades lingüísticas no que se refere ao costume de falar da região. Foram preservadas também, as extensões silábicas, típicas do acento local.

Para facilitar a localização do *causo* nesta antologia, colocamos o número do contador, seguido do número de sua aparição e depois a letra que indica o seu tema. Desta maneira, quando virmos o emblema (2.2.B) saberemos que é a segunda história de cobras contada pelo Seu Perigoso.

É necessário saber, também, que os *causos* são contados originalmente sem títulos e que os que nos atrevemos a pendurar no alto de cada narrativa, foram providenciados posteriormente.

Para seguir a batida dos *causos pantaneiros*, guiando-nos de maneira firme até a outra margem dos relatos, nosso primeiro guia é o Seu Marcondes:



Causos de Seu Marcondes

1.1.A- Seu Marcondes

O caso da onça que apanhou de um toco

- Uma veis, eu aloitei c'uma onça.
- **É?**
- É. Mais eu era novo naquele tempo, né. Tinha força, né. Ela pulô ni mim, assim, né, pa mi pegá, que ela levanta pa pegá a gente, né. Aí, eu grudei ela do braço, assim, (faz que está segurando as patas da onça com as duas mão) e aloitemo no mei de pedra, e toco, né, esse pobrema aqui acho que é até disso (se refere ao problema no quadril), ela me jogô numa pedra, bati as cadera numa pedra. Aí, ela vei de novo, grudei ela otra veis. Aí aloitei no mei daqueles toco. Ela pulava, queria me mordê na cabeça, eu afastava ela, assim, né, (finge estar empurrando o animal) e aloitemo no mei daqueles toco ali, vai daqui, dali, né. Daí, minha sorte é que pegô um toco no rabo dela, né, *ranranran*, enroscô no rabo dela, aí ela no oiava mais pra mim, ela só cuidava o toco, né. Quando eu ia batê, ela oiava o toco e tirava, assim. Daí ela começô querê escapá de mim, né, aí, eu larguei ela e ela, oh! Se mandô. *Ranranranranran.*

1.2.A- Seu Marcondes

O caso da onça que foi montada

- Nóis tava baguaiano boi brabo, né. Então, saímo naquele buracão lá. E tinha um pau, que a onça discia naquele pau e subia, né. Tava tudo arranhado, assim. E eles, quando foro fazê a escada lá, deisde dexá aquele pau pra uma lembrança, ali né, pra mostrá, né, tinha o arranhado da onça, lá, rancaro o pau que discia, atrapaiava a escada, rancaro. Então, nós, nós chegemo lá naquele buracão, a onça tinha cumido um boi, né. Aí, né, tava durmino lá, né. Aí, nós rodiamo lá e aquele troço lá, raiado.
- O que será que é? Vamo entrá lá – Mais, pra entrá tem que marrá um laço e entrá de um. Nóis era quatro. – Vamo entrá lá, vamo!

- E se isso é onça?
- Se é onça, nós briga cum ela lá. Aí, é arto, os gáio tudo, decidiro assim mais-o-meno, pra descê lá embaxo. Mais, nós no divurgava que que era, e era onça, ela tinha cumido um boi e tava durmino, assim. Aí:
- Não, se ocê pulá primero, eu pulo junto – falava. E fiquemo empariado, assim.
- Então vamo! – Aí, nenhum no quiria pulá primero, né. Eu falei: - Bão, eu vô pulá então, se oceis no pulá!
- Não, se ocê pulá, nós pula junto. Se é onça, nós pega ela lá. – E aí, né, eu falei:
- Então vamo. – Ameacei de pulá, pra vê se eles ia, né. Quase que um companhero foi, né. Falô:
- Ah, ocê no foi? - Falei:
- Não, agora, eu vi que ceis vai pulá, memo. Aí, rapais, eu pulei, mais, quando pulei, pulei muntado, era onça, pulei encavalado nela, assim. Mais, ah bicho de força, rapais! Quando o companhero ameaçô de pulá, eu tava saíno lá na barranca, muntado nela. Me tirô lá fora! Dali, ela pulô lá fora cumigo, nas costa, assim! Ficô o pêlo dela na roleta da espora, assim. Essa onça, se foi correno. Aí, os companhero ficô tudo assustado, né:
- Mais, que barbaridade! – Quando eles quis pulá, eu já tava saíno, muntado nela. Me tirô lá fora, muntado, né

1.3.A- Seu Marcondes

O causo do ataque da onça, que foi morta com uma faca

- Lá no, em Bonito, memo, tem um parente meu que foi pego de onça, aloitô cum onça, assim. Se rasgô tudo, o braço dele. A onça. Eles tava num, achô a carneada e foro procurá, né. E ela amoita, né. Quando viro, ela pulô no cara. Aí, ela se grudô com ele, aí, o cumpanhero chegô, né. Mataro ela a faca. Mais, o cara ficô tudo rasgado, o braço, assim, tudo, custela. Mais, pelo menos, mataro ela.

1.4.A- Dona Marli e Seu Marcondes

O caso da onça parda que estava bebendo água

- Eu sei de um caso de onça, mais só que é realidade. Não é mentira, não! Aonde que o irmão dele morava tinha uma fuma, lá perto de Bonito.
- Pois é. (Seu Marcondes, simultaneamente)
- Eles tocavam também uma serraria, né. Aliás, tiravam madeira e foi dois, foram duas famílias, né, que moravam lá. E aí, os rapazes foram tomar banho no açude que ficava pertinho. E do outro lado, dicerto faltou água, dicerto onde ela bebia, né, uma parda tava bebendo água. Eles viram a parda e saíram correndo, né. E ela correu atrás. E eles vinham correndo e falô:
- Recolhem as crianças! Entram pra dentro! - Mas olha, uma criança, ela conseguiu dá um tapa assim, oh! (passa a mão pela cabeça indicando o tapa da onça) Que ela entrou dentro da casa, eles mataram essa onça com faca de cozinha. Eu sei que deu até problema com o Ibama, né, porque não pode matar, diz que, não pode matar onça.
- Deu pobrema lá c'o Ibama porque mataro. (Seu Marcondes simultaneamente)
- Mais, isso foi uma realidade, não é aqueles casinho, é realidade. Faz muitos tempos atrás.
- Era umas morraria pra lá de Bonito. (Seu Marcondes)
- **E a criança morreu?**
- Não, não, não. A criança, levaram pro hospital, né.
- Tirô um tampo da cabeça da criança. (Seu Marcondes)
- E, depois o pai da criança foi chamado na polícia pra...
- É, quiriam processá ele. (Seu Marcondes)
- É, queriam processá ele, porque matou a onça.
- Se dexa, a criança teria murrado. (Seu Marcondes)
- É, mais isso foi uma realidade, mesmo.

1.1.B- Seu Marcondes

O caso da criança que saiu viva da barriga da sucuri

- Lá em Bonito, uma veis, um sucuri inguliu uma criança. Inguliu e, aí, dali depois de três dia é que fomo achá o sucuri. Tava durmino, assim. Tava, foi tudo o pessoar. Naquele tempo, a cidade de Bonito era ainda pequeena, né, no era muito... ali no formoso, ali. Ali que tinha o sucuri. Aí, né, todo mundo prucurano esse sucuri e num achava ele. Aí, cum muito custo achemo ele lá, né. Aí uma turma:
- Tá qui o sucuri! – Aí, tava a mãe do guri, madrinha, tudo os parente, tudo chorano, né. - Num dexa o sucuri escapá! Num dexa escapá! - Ele tava durmino. Daí foro abrí pra tirá o guri, né. Aí, veio a madrinha do guri, o padrinho. Tava assim, tava estufado assim. Aí, quando começô cortá assim, aí. - Muito cuidado pra num cortá o inocente aí! - Mais, o guri era grande, tinha seis ano, já. Aí, quando abriu, abriu assim, que pareceu, o guri tava sentadinho assim na bariga do sucuri. Quando abriu assim, que crariô assim, ele enxergô o padrinho dele, feis:
- Bença, meu padrinho! (com as mãos postas) - *Ranranranran*. Aí, sarvô o guri. Daí, fizeram uma festa, até.

1.2.B- Seu Marcondes

O caso da sucuri que teve a garganta arrancada

- Uma veis, um sucuri me pegô. Eu fui pegá uma água numa pindaíba, né, aí no Guaporé, no corredô. Aí, eu ia ino, assim, falei p'um gurizote que ia cumigo:
- Vai tocano aí, eu vô enchê meu cantir ali. - Fui lá e quando baxei assim, tô encheeno o cantir d'água assim, ela me deu aquele bote ne mim, assim. Ela tava ali e eu num vi. Ah! Pegô e já me derrubô, quis escapá dela assim, ela já deu uma vorta assim, já apertô um braço meu, fiquei só cum esse braço aqui. (Mostra o braço direito) Apertô o revórve, faca, tudo e foi enrolano, que ela enrolano, que ela enrolano tudo pra daí ingulí a gente, né. Essa era grande, era como daqui lá naquele cascaio, assim, mais-o-meno. (Aponta para um pouco de cascalho a uns dez metros de distância)

- **O senhor foi mais esperto que ela.**
- Ah! Se eu num tivesse feito ansim, tinha m'ingulido, tinha me cumido. Os cumpanhero ia vim lá e ia achá só o burro amarrado.

1.3.B- Dona Marli e Seu Marcondes

O caso da jararaca escondida na bruaca

- Essa cobra, foi uma vez que ele fez uma viagem. Aí, eu falei assim, ia passar num lugar que tinha muito carquejo, você conhece carquejo, né?
- **Conheço.**
- Então. Eu falei:
- Marcondes, trás uns carquejo, que acabou nosso carquejo. – Então, ele chegou de viagem e faltou algumas coisas na minha cozinha, eu falei, assim: – Vou olhar na cozinha dele, né.
- Nas bruaca. (Seu Marcondes)
- Nas bruacas. Então, fui lá vê. Aí, vi o carquejo, falei.
- Ah! O Marcondes trouxe o carquejo, né. – Aí, até ele tinha falado:
- Aquele carquejo, lá, você escolhe ele porque ele não está limpo. - Porque ele pegou de qualquer jeito, né, e colocou num saco.
- Tá bom. – Então, passou aquele dia, no outro dia eu coloquei o saquinho plástico encima da mesa e fui pegar o carquejo pra mim, pra tirar, pra mim limpar. Mais,

- senti uma coisa diferente ali dentro, larguei, assim! Falei: - mais tem um troço diferente aqui. - aí qui eu olho bem, dentro do saquinho, tinha uma...
- Jararaca. (Seu Marcondes)
 - Uma jararaca. Mais olha! Eu falei, assim:
 - Olha, como Deus é tão bom, né! Livrou ele, porque ele no pouso, ele pegou aquele carquejo e colocou encima d'uma, d'uma figueira...
 - Embaixo duma figuera. (Seu Marcondes)
 - Embaixo ali, tinha muito buraco, né, certamente ela morava ali...
 - Eu num sei se foi ali que ela agarrô no saco... (Seu Marcondes, simultaneamente)
 - Com certeza foi ali! Aí ficou. Aí então, eu peguei, né, que eu vi que era uma cobra, que eu senti na mão! Aí, eu peguei na toalha, enrolei e levei pro vizinho, né, falei: - mata pra mim porque se eu solto essa cobra, ela pode fugir. - E era uma jararaca. Já pensou?
 - Ficô treis dia, treis dia ela ficô. (Seu Marcondes, simultaneamente)
 - Já pensou? Ficou na bruaca, né, aqueles dias, né, uns dois dias! E depois encima do meu fogão. Vê como que é as coisas? Como Deus é bom?

1.4.B- Seu Marcondes

O caso da cobra que envenenou a corda

- Uma veis eu tava armano minha rede, assim, num, num, pondo a corda, ansim, num caibro, assim, né. Já tava iscurinho. Eu miti a corda lá, né, aquele troço ansim, ansim, mordeno, mordeno, tô pensano que é a ponta da corda que ficava ansim. Mais num pegô por muita sorte! Mais ela mordeu tudo a corda. Aí, qu'eu fui vê! Era uma boca-de-sapo do lado, ali. Mais, por um nada! Aí, qu'eu pulei lá, já nem quis armá rede ali. Mordeu tudo a rede. Fui mudá n'otro lugar ansim, aí ateei a corda no punho da rede ansim. E era venenosa! Falei:
- Deus o livre se me pegá! - No otro dia, a corda amanhiceu inchada. Num podia desatá. Inchô a corda c'o veneno da cobra. Era venenosa!

1.5.B- Seu Marcondes

O caso da sucuri que tinha um quilômetro de comprimento

- Tinha um banhado ansim, um morava do outro lado do banhado. Outro pro lado de cá, né. Gurizada tudo. Aí, foi, ansim, achô um sucuri lá:
- Vamo pegá esse sucuri! - Pegô e marrô ele lá, e, ele tinha uma junta de boi, né. Aí, puxô lá, na chinha do cavalo, neem se mexeu! Aí, trosse a junta de boi, cangado ansim. Tocava, boi juelhava e num ia, né. Mandô: - Galopeia lá na casa do meu cumpadre! Vai lá, imprestá a junta de boi dele. Fala que eu tô cum sucuri marrado aqui e num sai. – Aí, o guri foi galopiano, mais tinha que dispontá o banhado, laaá... Aí, foi a galope lá, já vinha vino outro guri, incontrô:
- Onde ce vai?
- Vô lá, papai tá cum sucuri marrado, lá, e num sai, nós puxa e tem só uma junta de boi.
- Ué! Mais, meu pai tá c'um marrado, lá, também! Ia imprestá os boi, lá. - Aí foro vê, né, foro lá vê, era o memo sucuri! Tenta, um puxano o rabo de lá, outro puxano da cabeça, num saía, né! Dava mil metro de cumprimento, só. *Ranranranran*. Aí, sortaro ele lá, caiu aquele inorme de sucuri. *Ranranran*. Dava um quilômetro, mais-o-meno.

1.1.C- Seu Marcondes-

O caso do porco-monteiro que cortou a ponta de um cavalo

- No Pantanar, tavam quereno laçá um, (porco-monteiro) e ele tava acuado ansim, c'os cachorro. Falei:
- Vai trupelá os cachorro. - E o cara com o laço isperano, falô:
- Eu vô laçá ele. – Laçava e capava e largava pra ingordá, né. E, uma hora daquela, aquele porco, mais partiu de lá que ele já arrancô o cavalo, o porco deu uma cruzada ansim, pulô arto, assim, e cortô a ponta do cavalo dele. Mais, um taio, assim! Ele pula, que só veno. Cortô. Mais, ligero! Tava como daqui nesse pau aí. (Aponta para um poste a dois metros de distância) Assim, o cavalo ligero! Mais

quando ele quis arrancá o cavalo, o porco já, já tinha passado o dente. È ligero o bicho, se facilitá, ele corta!

1.2.C- Seu Marcondes

O caso da ema salva-vida

- Então, lá no Pantanar tinha um morro, né, aonde tudo que era bicho ia lá, né, ficá no siguro. Socorria lá, né. Era cobra, onça, quexada, cervo, gado, tudo escapava lá, né. E aí, lá morria de fome, depois, né. Ficava lá, a enchente durô tempo, né. Então, muitos se via doido, se jogava na água, né. Então procurava saí, as veis, alguns escapava saí, né, otos não, né. Então, eu tava tirano o gado, né, aí, sabe aquelas chata de madeira, né, ia lá onde achava aqueles gado iliado, ia lá e pegava eles e botava, né. Ia a canoa, né, ia a cavalo. E botava lá e trazia, né. As veis rebocava e trazia até pegá num lugar seco, né. Aí largava. Aí um dia, nós tava tirano um gado e aí o dia já tava taaarde, né. Aí, falei:
- Oeis vão ino que eu vô dá uma oiada aqui. Eu tô achano que tem gado lá naquele capão. - E a água tava, os cavalo ia bola-pé, assim, nadava um pedacinho, daí ia bola-pé, né. O companhero falô:
- Mais óia que ocê num vai saí mais lá! A água tá chegano. - Eu falei:
- Não. Ainda dá tempo. - E eu fui, né. Devagarinho, o cavalo bola-pé, nadava um poco, né, fui ino. Daí um poco veio uma onda d'água conforme tava encheno, né. E daí o cavalo começô nadá e num tomô mais pé, né. Foi nadano, nadano, nadano, daí cansô. Cansô, num güentô mais. Fui tentiano na crina dele, assim, devagazinho, né. Daí ele num güentô mais, fundô. Eu ia na ponta daqueles pau, parado de tocá assim, tava tapado, já. Eu discansava um pouco, né, depois que eu discansava um poco, eu nadava um pouco, né. Aí ia ino. Aí... É o bicho mais nadadô que eu já conheci na minha vida é a ema, né.
- **A ema?**
- *Hanram*. E eles tamém tava, né, quereno escapá da enchente. Então aí, eu ia nadano assim, vi aquela cabeça. Que a ema assim quando cê vê fundada, parece uma cobra a cabeça dela, né. E quando eu vim vê assim, falei:

- Baala! Agora, uma cobra aqui! - Aí, que ela nadô, assim, eu vi que era uma ema, né. Ia nadano sem rumo, assim, né. Aí, eu falei: - vô morrê junto cum essa ema, né. - Aí fui assim, peguei ela do tronco da asa, assim, né. (Com as duas mãos semi-abertas, uma em cima e outra em baixo, em sua frente, segura e doma um eixo imaginário) Aí endereitei ela ansim. Aí ela, cum aquele movimento dela ansim, nadô, memo, né. Antes ela ia sem rumo, né. Daí, eu peguei ela do pescoço ansim, aprumei direto naquele capão, né. E eu num ia largá tudo o peso nela. Ela ia nadano e eu no pescoço dela, assim, aprumei direto nela aqui. E eu nadano só c'uma mão, assim, no largava o peso encima. Firmei ela assim, aí né, quando tava perto assim, eu já tava cansado e vi que ela já tava cansada tamém. Ela, desnortada. Quando ela tava quereno fundá, eu fazia uma cosca debaxo da asa dela e ela... aí ela nadava, memo. Criava força, arma nova, né. Aí, saí lá naquele capão, né. Como diz o ditado, ela me sarvô e eu sarvei ela, né. Aí tirei ela lá, dexei ela lá no seco. Aí fiquei lá, posei lá. Aí, a turma n'otro dia pegaro uma canoa e foro detrais de mim. Acharo que eu tinha morrido.
- **E o cavalo foi arrastado.**
- O cavalo morreu. O cavalo morreu afogado, num güentô. Aí, eu fiquei lá naquele capão. Daí, de loonge eu vi eles vino. Aí, eu gritei lá, eles foro lá, eu tava lá, no meio de bicho. Tinha tudo que era bicho: cervo, quexada, cobra, onça, num importava de gente. Ficava tudo lá, amoitado lá, iscundido.

1.3.C- Seu Marcondes

O caso do sapo esperto

- Então, lá no Pantanar, nos tempo da chuvarada, o poço d'água é bem raso, né, então, eles acostumam fazê o poço e carçá c'o carandá, racha o carandá e carça. Que nem... fais assim, iguarzinho esse coiso. (Mostra uma madeira apoiando o balaústre de uma árvore.) Aí, fais o bocar nessa artura assim, (com a mão direita, faz uma altura de aproximadamente meio metro) e corta um caibro fino, né, e fais tipo uma manjarra, e finca um esteio lá, assim, e, põe lá e, na ponta do carandá, ele põe um varote. Um varote arto e ali na ponta, amarra o barde, né. Aí, fica

facinho, né. Só chegá lá pra puxá a água, né, pega do varote, assim, puxa, o carandá levanta, baixa, aí o barde, pega no fundo do barde, tem ferro pa o barde virá, né, pa ele, põe um peso na ponta do barde, né, esse era o istrivo, né, istrivo desses de metar, pesado, pa, na bera do barde, pra quando caí lá, virá e enchê d'água, né. Intão. Aí. Fácir, puxava, largava, então o barde levantava, puxava, botava na boca do poço, tirava. Então, dispois, na seca, os poço seca, né, fica argúum cum água. Intão, era uma seca braba, nós viajano, c'uma seede, e tudo cuidano, né. Aí, vi aqueles palanque:

- Ah lá tem um poço! Vamo lá ,de trote lá. - Chegava lá, seco. Aí, via otro lá, cum muito custo, num tinha água. Mais, aquilo tava, quaiado de sapo, né, lá dentro! Eles sintia a água e subia na berada, caía lá e, tomava a água, mais no podia saí mais, né. Aí nós cheguemo num daqueles, tava cheio de sapo, falei:
- Vamo encostá. - Sede, num tem esse, que num bebe, né! No vai falá: - “Eu num vô tomá essa água”. – Cuava na camisa e tomava, no tereré. Aí, cheguemo num poço, tinha água, mais aquilo tava cheio de sapo. Aí, começemo a esgotá, fomo sortá o barde lá, bateu no lombo do sapo, *aiim*, saía de três, quatro sapo, no barde, jogava fora. E um, num quiria saí, né. Aí, nós tomemo, falei:
- Dexa ele aí. - Aí, cuemo na camisa a água e, pusemo erva na guampa e tomemo bastante tereré, que aquilo, dispois, a barriga ficava roncanno, de tomá aquele cardo de sapo, né. *Ranranran*. Aí, dispois, eu falei:
- Eu vô tirá esse miseráver! Ele tem que saí! Porque que os otro tudo saiu e ele num saiu? - Aí, baxava o barde véio, ele oiaava ansim, né (faz um olhar atravessado) ficava oiano ansim, vinha pra entrá no barde e ricuava. Aí, eu falei:
- Vai, fica aí miseráver! Ocê vai morrê aí. – Aí, otro rapais falô:
- Eu vô dá mais uma tentada! - Puxô lá e ele ficô oiaano, ansim. Aí, ele oiô, ansim, viu o istrivo, né, pois ele num entrô no barde! Num entrô dentro, os otro tudo entraro dentro do barde. Ele, a mão dele, de sapo, é iguar a mão de gente, só que é ansim. (Fecha um pouco os dedos esticados, da mão.) Ele pois as duas mão na berada do barde e colocô o pé no istrivo. E, veio ansim grudado, ansim, repuxano ele e ele veio bem ansim. (Aperta as duas mãos fechadas ao lado esquerdo do rosto, como se estivesse pendurado em uma corda.) Quando saiu na boca do poço,

ansim, o pião largô o barde na boca do poço, ansim, o sapo pulô pra fora, ansim. Sartô lá e feis ansim pra mim. *Ziziziz!* (Põe o polegar direito na ponta do nariz e mexe rapidamente os outros dedos). *Ranranranran*. Aí tomô o mato.

1.4. C- Seu Marcondes

O caso do sapo que levantou um caminhão

- Uma veis, nós tava ansim, tomano tereré debaxo dum pé-de-manga ansim, chegô um caminhão, né. E o caminhão, ansim, parô ansim e foi lá tomá tereré tamém. Caminhão tava cum quinze mir quilo. Aí, dispois, iam discarregá, né. Aí, nós lá tomano tereré, e, e eu olhano, tomano tereré conversano e prestano atenção no caminhão, lá. Daí, dava uma levantada assim e baxava, né. E eu oiانو aquilo, levantava e baxava. Tinha sido, o caminhão, a roda parô incima d'um sapo, ele tava chocano na grama, assim, a roda parô incima, ali. E ele forçava ansim pra saí de baxo, mais só levantava, mais num tinha jeito, né. Aí eu falei:
- Mais, oceis tão veno, tão prestando atenção no caminhão, lá?
- O quê?- Eu falei:
- Presta bem atenção lá, no trucão de trais. – Aí, ficaro tuudo oianno. Daí a poco, a roda levantô, né. Falô:
- Uai! Mais o que que é aquilo? – Aí, ficammo olhano tudo, a roda levantô de novo, baxô. Fomo lá, né, aí, oiemo, inxerguemo male-má a mão dele, ansim.
- Mais oh, um sapo! Um sapo! - Aí, né, o cara falô:
- Se eu mexê aí com ele, aí vai achatá ele. Vamo pô o macaco, pra tirá o miseráver daí. - Aí tirô. Um chicão, um daqueles macaco grande que chama chicão. Levantô! Quando levantô, ele feis iguar esse que tava na boca do poço. (Põe o polegar direito na ponta do nariz e faz movimentos rápidos com os outros dedos) Saiu, pulô pra fora, tava suado já! De tanto ele vortejá, né.
- **De tanta força.**
- *Ranranran*. Sartô fora! Mais, já pensô, a força do bicho? A força do bicho, hein! Falei: - mais quê... - ninguém carcula, né. E é um porcaria, né! Mais, tava já fundano a grama, onde ele sortava ansim, e levantava, estufava.

1.1.E- Seu Marcondes

O caso do Pelé Assombração

- Uma veis, eu vinha viajano c'uma tropa, aquele tempo eu recém tinha cumeçado. Naqueles tempo, num tinha caminhão, a tropa ía e vortava a pé, tocano. Aí, o patrão falô pra mim:
- Ocê vai cum a tropa. Vorta cum a tropa. - Falei:
- Tá, vorto. – Aí, ele falô:
- Num tem pressa. Onde ocê achá lugá, pasto bão, ocê pode fazê a posada cedo. – Aí, eu falei:
- Tá. – Aí, já fazia oito dia que eu vinha tocaano a tropa. Aí, era duas horas da tarde, uma fazendoona, ansim, rapais! C'o retão de pasto, que eu vinha e oiava, piquete pra lá e pra cá. Falei: - vô chegá aí cum discurpa de tomá água, se, cunforme o agrado, eu já vô posá aí. – Aí, cheguei, pidi licença, um garpãozão, né! A pionada lá:
- Vamo incostá o burro pra cá! Vamo dá ré! Vamo tomá tereré! – Falei:
- Tá, vamo! – Aí, tomei tereré primero.
- Vamo dá ré! Vamo largá a tropa no piquete! Já tá aqui. Cê aceita?
- Ah! Vô aceitá. Fazê o quê?
- Vamo pô a tropa sua ali naquele piquete bão de pasto, tem sar no cocho, tudo. – Aí, levemo a tropa lá, né, tomemo tereré. Daí, falô:
- Pode ficá à vontade aí. Nós vamo fazê bizerro mamá agora, e pode ficá à vontade aí. – Fiquei lá! Daí, oiei o garpãozão grande, assim, gancho de armá rede e o lugar de por o arreio. Aí, eu oieei, assim. Falei:
- Vô armá minha rede aqui e ficá discansano um poco, dispois se tivé um dono aqui, eu troco de lugar. Vô imbaxo daqueles pau, ali. – Aí, tô lá deitado balançaano. Aí, quando fooro ficano detardezinha, foi um pretinho lá. Pretinho que alumiva! Era praieiro, né. Chegô ansim ne mim, falô:
- Ô! O patrão lá mandô falá pro senhô que a hora que batê o sino é pro senhô í jantá lá e o senhô levá sua rede e armá lá naquele otro garpão. - Eu falei ansim:
- E aqui, num dorme ninguém?

- Não, num dorme. De primero durmia, mais é assombrado. Ocê num vai durmi, aí.
- Falô pra mim. – E eu brinquei cum ele, né. Falei:
- Qual... Mais, que sombração?
- È, parece aí, um troço aí. Vem batê estrivo, aí. Pega o estrivo e bate de noite.- Eu falei:
- Mais, eu nunca vi sombração! Eu vô posá aqui, se oceis num importa, eu vô posá aqui e se aparecê, eu vou pegá! - Falei brincano c’o pretinho. Ele vortô correndo:
- Ele falô não, disse que se num fazê mar, ele vai posá lá, e disse qu’ele nunca viu assombração, ele vai pegá ela! - E era ele, que era sonâmbulo, né. Mais, ele nem de dia, ele num quiria í lá no garpão. De medo. Aí, né, bateu o sino, fui lá, né.
- Mais, intão, ocê tá quereno posá lá? - Falei:
- Não, eu num cunheço, nunca vi sombração, quero vê! – Aí, já o patrão falô:
- Se ocê cunsigui dormi lá e discubri o que que é... - Deis cruzero aquele tempo era dinheiro, né. Ia sê cem real hoje, mais-o- meno. - Se ocê cunsigui posá lá, eu te dô deis real, amanhã cedo! – Falei:
- Ah não, intão... - Meti uma bolsa lá e já cumeçaro a me enchê o saco. - Quero vê quem é que vai corrê de lá! Quem que vai vim correno de lá! – Aí, jantei, daí, já fui pra lá, né. Armei a rede, fiquei deitado. Aquilo, acabô o sono, num dormi, né. Nada! Nada! Falei: quá! num tem, não. - Quando foi meia-noite, mais-o-meno, começô, batê o estrivo, lá, *tuum, tuum*, e veio vino. Quando chegô perto, assim, da minha rede, né, eu sentei na rede, paricia qu’eu ía corrê, né, peguei ele de susto, né. Quando foi passano, eu fui na bera, que bateu o estrivo, *tuuum*, daí, eu pulei nele, ansim. Peguei ansim, ele durmino, mandei no chão, que ele bateu a boca, ansim. E gritei:
- Cheeega, que a sombração tá pega, aqui! - E ele acordô c’aquela voz de assombração, né, tinha muito medo, né, gritava:
- Socorro, a sombração me pegô aqui! – e eu gritava:
- Cheeega, que a sombração tá pego aqui! E ele gritava pa acudi ele, que a sombração tinha pegado ele, lá. Aí, viero tudo correno, lá. Chegaro lá, eu tava apertano. Ele tinha apilido de Pelé:
- Mais óia o Pelé! – Falei:

- Esse que veio aqui.
- Mais é o Pelé! – Ele ficô assustado. Falei:
- Esse que veio aí.
- Mais, Pelé. O que é isso? - Aí, foi imbora, né. Daí, já ficô mais uns pião durmino ali cumigo, né. Aí o patrão feis eu posá de novo, pra vê se ele num ía de novo. E aí cum aquele susto, aquele choque, num sonhô mais. Aí nada, né.
- **O senhor acabou com a assombração.**
- Aí, cabei com a sombração dele lá e ele deu uma matula, reforçô minha matula e os déis cruzero, também. Fui emboora, né.

1.2.E- Seu Marcondes

O caso do homem que acompanhou uma assombração até ao cemitério

- Uma veis, o cara, diz que, ia ino, de tarde, né, e, é bobera tê medo, né, de cimitério. Quando anoitece no passa na frente de cemitério. De noite, né. Tem medo. Mais, pra quê dá medo? Tudo tá morto lá, né. Aí, o cara ia ino, né, já detardezinha, tinha que cruzá na frente do cimitério. Aí, diz que ele ia ino, daí um pouco, antes de chegá no cimitério, diz que ele viu uma, uma mulher que ia ino, de ropa branca. Diz que ia ino, ansim, andano ligero. Diz que ele correu:
- Ou, ou dona! - A dona virô, ficô esperano. - A senhora vai pra onde?
- Tô ino pra cá.
- Ah, vamo junto.
- Intão, vamo junto, tô meio solita. - E foi pruziano cum a dona. Aí, nisso já foi iscureceno, né. Quando chegô de frente da porta do cimitério, diz que, ela falô:
- Bom, eu vô ficá aqui.
- Ficá aí no cimitério, essa hora?- Falô:
- Mais, eu moro aqui. – *Ranranran*. Mais, isso foi acuntecido, né. E entrô no cimitério. Mais diz que aí, quando ele passô do cimitério, rapais, mais, diz que, correu! Mais, diz que correu! Da dona cumpanheira, dele. *Ranranran*. Que tava cum medo. Diz que falô:

- Bão, Aqui, eu vô ficá.
- Mais, como que vai ficá essa hora aqui no cimetério, de noite? - Aí, ela falô:
- Mais, eu moro aqui. - *Ranranran*. Mais, diz que aí, ele correu, memo! Diz que tem esse troço, né.

1.3.E- Dona Marli e Seu Marcondes

O caso da assombração que atirava pedra nas pessoas

- Então, tem uma fazenda lá perto do Bonito, por nome de fazenda Fênix, não sei se vocês já ouviram falá? (dona Marli)
- **Já.**
- Já. Então, nessa fazenda, é uma coisa que acontece há muitos anos, desde a época do meu avô, que meu vô era solteiro na época, mais, eu vou contá da época dela. (Aponta para a filha, que se encontra há alguns metros de distância e aparenta ter a idade de, aproximadamente, trinta e cinco anos) Que ela tinha, a Magali tinha... Magali, que idade você tinha, quando você foi na fazenda Fênix? Cê tinha o que, uns doze?
- É, acho que é, doze ou quatorze. (Magali, de fora da roda da conversa)
- É. Nessa época. Então, contaram na minha igreja, chamaram lá, para as pessoas irem lá orarem. Eu sou adventista, né. Então, juntou muitas pessoas e foram lá, inclusive ela. Mais só, que ela era uma pessoa que duvidava muito, e jovem, né. Então lá, que que acontecia? A comida, eles derrubavam, né, jogava pedra nas pessoas, nas crianças, tinha uma menina lá, que queria vim embora de tudo quanto é jeito, com a outra minha filha, porque sofria demais, né, que judiava muito dela, essa assombração. Aí, eles foram. Na hora que eles foram fazê a oração, essa daí duvidô, sabe. E a outra minha filha, ela estava, disse:
- Mamãe, eu não fechei o olho, tava de olhos abertos. – Ela falou, ela viu uma mão preta! Ela viu! E jogou a pedra pra acertá nela, quando ela abaixou, assim, pegou nessa daqui. Essa fez um escândalo que eu vou te falá, sabe. Então, na época do meu

avô, nessa mesma fazenda, ele batia muito nas criança, batia nos animais, né. Então, a pessoa que morava lá, falou assim:

- Não, vamo mudá daqui. Aqui, não tem condições da gente morá. – Aí, quando eles já estavam no meio da estrada, ele falou assim: Graças a Deus, nós saímos daquele lugar amaldiçoado, né! Que agora nós não vamos mais sofrê as tentação do, do, do, do inimigo. - Quando ele terminou, falou assim:
- Não adianta, eu tô indo aqui na tua garupa.
- **Falou para ele?**
- Falou pra ele. Isso foi na época do meu avô. Agora, na época dela, né, quantos anos ano se passaram? E é uma coisa que sempre acontece lá nessa fazenda Fênix. Mas, eu acho que talvez, seja pelo nome da fazenda, né. Porque vocês sabem o que que significa fênix, né? Daquela ave que ressurgiu das cinzas, né. Então, aquilo certamente não é coisa boa. Não é coisa de Deus, né. E, talvez seja por causa desse nome, sei lá!
- **Há muitas histórias de pedras, que jogam, né.**
- Pois é. È um troço que acontece... (Seu Marcondes)
- Lá na fazenda Capão Alto... (Dona Marli, simultaneamente)
- E ela num acreditava, falô:
- “Eu vô lá, pra vê se vão jogá pedra ne mim!- Foi dito e feito” (Seu Marcondes)

1.4.E- Seu Marcondes

O caso do tiro do Pai-da-mata

- O cara uma veis tava esperano, uma meia-noite lá na mata, iscura, e longe que era. Aí, diz que, ele tá laá subido no giral, lá. Daí um pouco, diz que viu que vinha vino, o bicho. Diz que ele levô a lanterna, ansim, diz que viu bem um matero, um viado, tocanno a oreia, ansim. Diz que aí, diz que ele firmô a lanterna, quando ele, levô a ispingarda dele pra atirá o viado, diz que, quando ele levô a ispingarda, ansim, que ele quis puxá o dedo, diz que, saiu aquele baita tiro atrais dele, ansim. Diz que quando saiu aquele tiro lá e aquela vóis ansim:

- Ansim que a gente se atira! (Com voz grave)- Mais, diz que esse cara se jogô lá de cima de qualquer jeito. Diz que ele largô até a ispingarda dele e, oh! (Bate a palma de uma mão na ponta da outra, fazendo gesto de fuga rápida) Dexô até a arma dele lá no mato. Diz que escutô aquela voís, saiu aquele tiro, aquele tiro pra trais, por trais dele, ansim, e aquela voís, “ansim que a gente se atira”.
- **Pegou no veado?**
- Ele nem viu! Diz que aquele tiro que deu, ele assustô, se jogô lá de cima e, e, saiu loco, ficô quase loco.
- **E esse era o Pai-da-mata?**
- É, deve sê, né. Porque tava só ele lá, não tinha cumpanhero nenhum. Aí, quando veio o bicho, que ele foi atirá, que antes dele atirá, saiu aquele tiro por trais dele, ansim, e aquela voís, “assim que a gente se atira”. O cara nunca mais quis sabê de esperá.

1.5.E. Seu Marcondes

O causo do Pai-da-mata que surrou um cachorro

- Na Santa Otília, uma fazenda muuito grande, lá, né, surrô o cachorro, né. Tão bagualhano boi, lá, pegano boi brabo, né, aí, um morro, assim, e um meio buracão, assim, né. Aí, saiu aquele grito, ali, sem ninguém.
- Ué! E esse pião que gritô? – E um grito isquisito, né. Ah, aí, um falô:
- Fica queto, hem! – Deu dois grito. E o cachorro foi lá, foi lá, mais já gritô. Gritô e veio correno de lá. Surrô o cachorro, eles escutaro o grito. Aí, no animaro de í lá vê, naquele buracão. Era um grito feio, né. Aí, esse cachorro, era um cachorro bão, mais bão, interado! Esse cachorro, no otro dia, já num quis saí mais no caampo. E foi ficano triste, triste, até morrê. Morreu o cachorro, com essa surra.

1.6.E- Seu Marcondes

O caso do Lobisomem que atacou a própria esposa

- Ah, o lubisome, uma veis, diz que lubisome é gente que cria. Ansim contaro pra mim. Isso foi verdade, memo. O marido da muié virava lubisome e saía de noite. Diz que virava um cachoro, né. Então, tinha uma muié, tava de vistido vermelho, o vistido dela era vermelho, né, era vizinho desse, né. Foi lá sustá a vizinha, virô lobisome e foi lá. Aí, né, denoitinha ansim, ela tava assim pra fora, vançô nela! E ela correu pra entrá dentro da casa, ele mordeno. Rasgô tudo o vistido dela, no dente. Aí, né, aquele bafafá e tinha mais vizinho, né, e aí, saíro procurano ele.
- Ô! Apareceu um lobisome lá na minha casa! - Foi daqui, dali e ele foi e disvirô, né. Foi, foi, disvirô, né. Aí no otro dia cedo, né, aquele zuero que “viraro lubisome” e “foi lubisome lá”, aí ele foi cunversá, né, verdade, memo! Diz que tava a linha do vestido da muié, no vão dos dente dele, ansim, vermeio. Aí, diz que o home oiô, ansim, já discunfiado dele, falô:
- Abre a boca!- Falô: - Cumpanhero, tem uma linha no seu dente, aí, iguar a linha do vistido da minha muié! – Aí, descubriro que era ele que virava lubisome.

1.7.E- Seu Marcondes

O caso do Saci bêbado

- Uma veis, eu dei um fogo no saci. Que, eles gostam muito de pinga, né. Essa eu contei pr’oceis?
- **Não, não contou não.**
- Pensei que tinha contado! Eu ia ino, de noite eu tomava pinga, tinha o, sorte que tinha pinga no cantir! Aí, eu ia ino assim, daí um poco, ele tem um bonézinho vermeio, né, mais-o-memo dessa artura assim. (Com a mão direita, sugere uma altura de um metro) Aí, eu olhei ansim, saiu aquele, incostado no cavalo ansim, o cavalo bandiô ansim, né, eu tranquei, levantei o cavalo na reta, tranquei, e ele junto, no despencava na otra estrada. Aí, né, foi, foi, eu falei:

- Vô tomá um gole de pinga pa, reagi, né. – Tinha um restinho de pinga, né, tomei um gole, ansim, e fiz ansim cum o cantir: - Qué um gole, companhero? – Ele foi chegano assim, aí pegô. Mais, óia, eu iscuitei até os gole dele, *glu, glu, glu*. Treis golão ansim! Me passô o cantir. Eu peguei o cantir, né, já levei na mão. Foi mais-o-meno uns quinhentos metro, fiz que tomei e passei pra ele, tava pra cima do meio, o cantir, quase cheio, né. Aí ele, *glu, glu, glu*. Mais, gostava de uma pinga! E aí, foi, foi ino, foi ino, mais-o-meno uns dooois quilômetro, decerto, ele já cumeçô cambaliá, saiu fora do trio da estrada, né. Foi ino, foi ino, saiu, *pá!* Daí tomô o úrtimo gole, secô o cantir, o meu cantir de pinga. Aí, né, ele já ia ruim, aí, tinha uma curva pa fazê, né, a estrada ía anssim, aí virava de uma veis, e ele já ia cambaliano, né. Aí, quando feis a curva lá, ele num guentô fazê a curva, ele foi direto! Foi direto, caiu de bruço numa moita assim. Aí, eu fui imhora, né. Toda hora eu oiava pa trais, né. Aí, otro dia, eu vortei lá, tava só o amassadô onde ele ficô caído, lá. Se não fosse a pinga, eu num sei se ele ia longe, atrais de mim. Mais, ixiste, o saci existe.

1.8.E- Seu Marcondes

O causo do homem que viu o Pé-de-garrafa

- Um dia, nós ia ino numa fazenda, o cara falô, que diz que, falô que ia ino assim, já bem de tardezinha, viu aquele vurto, correno, assim. Correno, correno, e trompano em gaio de pau. E ele diz que ficô oiano, falô:
- Mais, óia aquela pessoa, só c'uma perna! – E era o Pé-de-garrafa, rapais. Só que, correu dele, né. Correu dele, quando foi vê, o pé certinho. Contô pra turma:
- Vamo lá vê! – Fôro procurá até se achava, no capão, lá. Mais, no acharo. Acharo só o rasto dele, né. Aí, falô:
- Ah! É o Pé-de-garrafa!
- **E o Pé-de-garrafa faz o quê?**
- Ah, o Pé-de-garrafa, se achá uma criança, um guri como aquele, (aponta para um menino que passa na rua e aparenta ter uns sete anos de idade) ele pegava e levava embora, né. É que nem esse tal de Saci. O Saci, ele pega criança e leva, tamém, né.

1.9.E- Seu Marcondes

O caso do caçador que atirou no veado e matou o próprio irmão

- Uma veis, dois irmão, tava na espera. Pertinho um do otro, né. Aí, tava isperano. Aí, o otro que diz que sempre avisava, né, gritava ansim, “vamo bora!”, né. Pa avisá o otro, pa, né... Diz que esse dia, ele num avisô. Desceu de lá, tava cum sono, né. Desceu de lá e veio na ispera do otro. Diz o otro que era um viado iscrito. Veio chegano ansim, quando ele oviu a pisada, ansim, levô a lanterna, diz que era um viado. Atirô na cabeça! Quando deu aquele tiro, escutô aquele grito bem... Gritô né, quando tomô o balaço. Quando caiu, ele gritô:
- Ô, fulano! – Aí, nada, no gritô, né. Desceu de lá, foi c’o irmão dele morto. Isso acunteceu, memo, lá no Serradinho, numa mata que tem lá.
- **Tinha virado bicho?**
- Virô o bicho, dicerto que num presta, esse troço, né. Num sei porque. Dicerto, tentação, né. Diz que, aí ele contava, ficô quase lôco, diz que era um viado iscrito. A hora que ele atirô, diz que atirô um viado e aí era o irmão. Matô o irmão. Isso acunteceu, lá. Eu era guri essa época. A família dele ficô quase loca. Muitos fala que num presta, né, esse negócio de caçada, ansim, matá os bicho, tirá a vida dos bicho à toa, né.

1.1.G- Seu Marcondes

O caso do enterro de tesouro que foi indicado por uma pessoa de fumaça

- Na fazenda, onde eu nasci, tamém, nós era tudo gurizada, né. Intão, tinha um, um bezerro era varadô de cerca, tinha um bezerro trelado, né. Mais, era essa hora assim, mais-o-meno, o sor taava pra entrá, né. Aí, saímo, tocano os bezerro, tiremo d’uma lavora que tinha assim, eu tocano o cachorro. Quando foi bem no meio do pasto, assim, os cachorro saiu, levantô aquela tocha de fumaça, assim, nos vão dos bezerro, assim. Levantô aquela tocha de fumaça, assim, e foi ino. E nós:

- Óia lá! Óia lá! Óia lá! – Paremo. Tudo gurizada, né. – Óia lá! Óia lá! O que é aquilo? O que é aquilo? - Tinha uma tia minha, lá, e ela assustô, né. Aí, foi formano, uma perna, uma pessoa. Formô uma pessoa, escritinho, e foi caminhano no lombo do bezerro. Uma perna no lombo dum e a outra no do otro, assim, foi. Aí, os bezerro foi ino na bera duma cerca, assim, parô um poco lá. Daí, tinha um capão, assim, pertinho assim, né. Aí, aquela pessoa foi lá, foi e ficô lá naquele capão, aquela fumaça. E essa tia minha rezava, oiano. Oiemo até sumi aquela fumaça, lá. Isso dicerto era o tar do interro. E nós, em veis de, né? Aquele tempo, gurizada, neem pra í lá oiá e querê cavucá, né. Daí, dispois que fizeram a reta lá, né, aí, contaro que o patrolero rancô um pote. Saiu na patrola, laminano, né, e rancô. Falei:
- Mais óia, né! - Se tivesse ido, né. Eu quiria achá um, mais, até na data de hoje, num... *Ranranran*.

1.2.G- Dona Marli e Seu Marcondes

O caso do tesouro que se transformou em carvão

- Que contaram, uma certa vez, de peões que saíram no campo pra, pra, eles falam furá, né, furá o enterro. Então, eles cavaram, mais só que um deles tava com má-intenção com o outro, né. (Dona Marli, esposa de Seu Marcondes)
- Quiria lográ o otro. (Seu Marcondes, simultaneamente)
- “Se eu achar, eu vou matar o fulano.” – Então, eles acharam, começaram a cavar e acharam muita, é, carvão...
- Saiu só carvão. (Seu Marcondes, simultaneamente)
- Mas, carvão, carvão! Sabe? Ah, falou, assim:
- Isso não era enterro, não. Nós estávamos enganados. - Aí, depois, o outro pião que saiu, no campo, mais tarde, que não tinha nada a ver com aquilo ali, achou aquelas libra, tudo esparramada. Cê vê, como que, as coisas, né. O que tava com má-intenção com o outro, né, aquilo se transformou em carvão. E, certamente não era pra ele, era pro outro.

- Eu já ovi, é assim que é a história: aí, ele falô: (Seu Marcondes)
- Vam bora! Vam bora! - Aí, o oto falô:
- Pá! Só carvão, né. - Aí, tinha uma bolsa ali, ele falô assim: - Mais, eu vô levá um poco desse carvão pra minha muié passá ropa com ele. – Carvão! Diz que, aqueles carvão pontudo. Diz que ameiô o saco de carvão, o otro riu. Falô:
- Mais, eu que vô tá carregano carvão, nada!
- Não, mais, pra minha muié passá ropa. Lá, num dá carvão, aquelas lenha de lá. Vô levá daqui. - Levô aquele meio saco de carvão, né. Pegô, falô pra muié. - Ah, trusse só carvão pr'ocê passá ferro, pra no perdê o travaio. Só carvão! Quanto mais cavucava, mais saía carvão.– Aí, diz que, e otro foi embora, né. O que tava com má-intenção foi embora. Tinha a intenção de lográ o otro. Quando anoiteceu, assim, diz que, a muié foi lá, assim, falô:
- Ué! Mais, ocê falô carvão! Aqui, esse mundo de prata! - Tava briano, assim. Pura libra. O otro, que num tava cum má-intenção, né.
- **Ficou com as libras.**
- Ficô c'os, diz que, aí, vortô lá. Vortô lá, sozinho. Tava lá, pura libra, lá! Aí, trouxe. E o que quiria lográ ele, né, ficô sem nada. E aí, ele ficô rico.

1.3.G- Seu Marcondes

O caso do pote de enterro que saiu em uma raiz de mandioca

- Que ixiste o interro, ixiste, né. Que tem, tem. Pois é, o meu sogro memo, toda vida ele lembra de interro. Teve uma veis que ele plantô mandioca, e tem aquele, como é que é? Saraquá. Intão, mandioca erada, que passô de um ano pra otro, ela fica enorme, né. Intão, ficô aquele negócio, né, pra vê a mandica, e na raíz da mandioca, saiu um pote, antigamente eles colocava um pote de barro, né, panela de ferro, e saiu no potinho, na mandioca, e outra vez, foi numa estrada.

1.4.G- Seu Marcondes

O caso do rapaz que ficou com medo de ir tirar um enterro e ficar louco

- Lá memo, tem um lugar, ino pr'os Treis Monte, tem um lugar lá, que diz que tem um interro.
- **Ah é!**
- É.
- **E ninguém tirou, ainda?**
- Não. Teve um rapais, que falô que ia arrumá um apareio, diz que apareio certo, memo! Pra nós í lá procurá, mais nunca nós foi, né. Esse lá, um cunhido meu diz que viu, tem um, é bem perto dum mata-burro véio. Falô que parece fogo. Aquele fogo saía e, diz que um dia saía o cara assim e aí chegava ali naquele lugar assim e sumia, né. Aquele fogo!
- **E ali tinha enterro?**
- Aí, diz que ele, ele sonhô, o cara veio e falô:
- Vai lá, pa pegá! – Aí, diz que ele no animô í. Diz que o cara falô: - Vai lá, é pro cê! – Aí, ele contô pra mim. Falô:
- Eu num quero envorvê cum esse troço. – Convidei ele, falei:
- No é possível! Vamo lá, eu vô junto. – ele no quis.
- **Ficou com medo?**
- *Hum hum*. Porque a história dum home lá, que foi cavucá e ficô loco, né. Ele ficô cum aquilo.
- **Como que foi essa história?**
- Ele via o fogo, né. O fogo, até eu, vi. Bem perto da fazenda, pra trais da fazenda Cerradinho. Tem um morro assim, então, saía aquele fogo. Um dia, a estrada só de cavaleiro, que era, né, aí nós, da fazenda enxergava tudinho, da fazenda Cerradinho. Tava eu e um irmão meu, pegano tropa, cedo. Aí, ele olhô, olhô lá, aquele carro lá, essa hora.
- Que que é, lá no tem istrada! - Ainda falô assim. Eu oiei, falei:
- Mais é, memo! - Aquele craro, que tá, quando tá quereno amanhecê o dia assim, né. Aquela luis vinha, aquela luis vinha, veio direto no morro! Chegô no morro,

sumiu nesse lugar. E, aí, parecia aquele fogo e esse velho via aquele fogo. Aí, ele foi cavucá e enloqueceu. Decerto assustô, né.

- **Assustou e não conseguiu pegar?**
- Não. Fomo lá, até eu fui lá, depois, aonde ele cavucô. O buracão que ele tinha feito! Aí, ele falô que começô parecê aquelas vóis istranha, né, aquelas vóis, falano que ia matá ele, né, e ele correu, né, enlouqueceu. Ficô loco, ficô loco e levaro e trataro, no teve jeito, morreu.

1.5.G- Seu Marcondes

O causo do corajoso que ganhou um enterro de tesouro

- O cara tava durmino numa tapera e, aí, diz que, choveno, né, eu mesmo disconfio que no durmo em tapera, assim! Se ficá, solito assim, naquela tapera, dentro dela, tarveis na rede pra fora, assim, e aí, choveu e ele entrô embaxo, da tapera, solito. E diz que tinha um enterro lá, né. Aí, diz que ele tá deitaaado na rede, né. Ouviu aquela vóis lá, mais o cara tem que tê corage, né! Senão, ele corre memo. Diz que aquela vóis assim:
- Vô caí! – *Ranranranran*. Diz que aí ele oioô, assim. Diz que quando falô: - Vô caí!
- Ué, qué caí, cai! Pode caí.- Disse:
- Vô caí! – Falô:
- Cai! – Diz que daí a poco, *puf*, caiu uma perna, diz que bem perto da rede assim.
- Vô caí!
- Cai! – Foi caino, diz que, de pedaço em pedaço. Diz que quando falava “vô caí”, ele falava “pode caí”. Foi caino. Diz que caiu pedaço em pedaço, braço, cabeça. Daí, diz que transformô uma pessoa. Diz que, aí falô pra ele, assim:
- Agora, eu vi que ocê é home! Ocê é de corage! Vô te dá um guardado, né. Cê pode cavucá bem aí, aí tem um, ele é pr’ocê. – Cavucô, mais, o cara ficô rico!

1.1.H- Seu Marcondes

O caso do peão que se perdeu da comitiva

- Uma veis, um pião meu se perdeu. Fomo achá ele, quase essa hora ansim, (final da tarde). Nóis chegamo numa fazenda pra armoçá, incerramo a boiada e tinha um açude, cumo daqui naquele, na curva, (aproximadamente, 200 metros) era o açude. Mais, só que era sujo, era um cabiçudo tar, né. Aí, ele era o tropero, né. Enquanto nós fomo armoçá, ele falô:
 - Já vô levá a tropa na água e trazê. – Tocô, e tinha uns burro redomão, né, tocô a tropa lá, no açude. No que a tropa saiu, ele se perdeu, lá, foi saí correno por meio do cabiçudo, saiu na istrada, e pensô que era pra lá que era pra í a tropa, né, cercô a tropa, virô e correu. Correu e foi saí tudo lá na fazenda, no pasto. Saía lá, era limpo, né. Aí, saiu tudo. Nóis armoçano já, tava terminano de armuçá e nada dele vim! Aí, um senhor de idade, já, oioô, ansim, falô:
 - Uai! - ele chamava Hélio, falô: - Mais, os burro tá tudo ali, contei, tá tudinho e o Hélio num parece. Será que ficô tomano banho no açude? - Daí, né, tinha dado uma meia-chuva e ele, até, tava com uma capa no braço ansim. Levô a capa. Em veis de largá estendida no arame. Foi cum a capa no braço. Aí, nada, nada, nada! Aí, nós demo uns grito, falemo:
 - Dicerio ele pensô que fartô argum burro e o burro já saiu aqui e ele tá campiano. - Viemo na cerca e gritemo. Nada! Aí, veio o capatais da fazenda e falô:
 - E aqui é... uma veis, quando uma mulher foi lavá ropa lá nesse açude, levô o gurizinho e o gurizinho dela saiu brincano ansim, depois quando ela viu, o gurizinho sumiu, ela pensô que veio imhora pa casa, o gurizinho sumiu. Dali quinze dia, acharo o gurizinho morto. - Longe, mais muito longe, acharo morto. Depois de quinze dia.
 - **Morto?**
 - É. Falô ansim. Aí, nós assustemo. Aí, já saímo. Eu saí de a pé, lá, fomo lá no açude c'o capatais lá, fomo lá. Aí, já vimo o rasto da espora dele, tinha ispora no pé, né, saiu ansim, achemo, aí, ele deu vorta e a macerga arta ansim, foi dobrano,

- dexava a batida, né. Já uns arreio o burro lá e já veio de a cavalo e saímo. Aí eu fui até a bera de uma cerca e vortei e falei:
- Vô arreiá burro, também. - E saímo tudo, atrais desse pião. E ele sumiu. Chegaro na cerca ansim, ele varava a cerca, nós ia e disatava o arame e vinha ali, pegava a batida dele, aí eu vortei. Falei: - vô vortá, vô no Bunito avisá e trazê mais gente pra procurá. Sumiu um cumpanhero, né. - E um tio meu, que tava, ele e oto, um largô da batida dele, foi saí numa casa. E ele, saiu lá naquela casa, chegô lá falô, contô que ele se perdeu, foi atrais da tropa, a tropa correu dele, né. Mais ele tava variano, e o cara, acho que ficô cum medo dele. Ele mostrava, quiria saí lá em tar lugar:
 - Não, mais é pra cá. - Mostrava. – Intão, ocê tem que vortá pra cá! O retiro São Carlos tá bem pra cá.
 - Não, é pra cá, é pra cá.
 - Num é, é pra cá, o senhor tem que vortá aqui. – Aí, ele falô: - Bom, tá teimano! – Em veis de í, que ele tava variado, né. Saiu, rumo diferente de novo. Aí, esse tio meu saiu lá. Falô:
 - Fais uma meia-hora, ele saiu daqui - falô: - foi pra cá. - Aí, quando eu saí na reta lá com um cumpanhero, né, falei:
 - Sondá, se uma carona passá aqui, eu vô lá no Bunito e ocê fica campiano. – Aí, ia ino, ansim, de loonge, vi uma cabeça. Ele saiu, tinha chuvido, ele saiu na batida da boiada, isso foi ele memo que contô, saiu na batida da boiada e oiô. Aí, ele ia vortá pra trais, rasto pra trais, falô:
 - Num é aqui. - Ficô perdido. Aí, nós vimo ele de longe.
 - Oh lá, ele! - Gritemo, cumecemos gritá, ele ficô assustaado, oiano, ansim. Já ia corrê de nós. Aí nós fomo: - Ôh Hélio! Ôh Hélio! – e fomo chegano perto e ele oiano, oiano, oiano, com a capa, ansim, oiano. Chegemo, perto, ansim, é que ele reconheceu nós. Aí, eu falei: - O que que foi Hélio, ficô perdido cumpanhero? - Falamo ansim. Custô conhecê nós. Falô:
 - Tô perdido cumpanhero! Eu tava com uma boiada aí, me perdi. - Falô bem ansim Aí, ele já ia, falô: - Eu já ia corrê d’oceis, paricia que oceis num era gente. - falô ansim. Aí o peão que tava cumigo, falô:

- Ah, mais, se ocê corresse eu ia te laçá ali! Que meu burro é corredô. Ia metê corda n'ocê - Aí, tivemo que posá naquela fazenda, num deu mais pra saí, tardô, né, nós ia só armoçá ali, seguí pra posá na otra fazenda. Aí, gozado, aí otro dia saímo dali, fomo armoçá nessa fazenda que era pra nós posá, né. Aí, quando ia posá, desarelá num garpão assim, que tinha até uma fornáia de fazê rapadura, né. Aí, né, como nós só ia armoçá, lá, o cozinheiro desarelô embaxo de um pé-de-capitão ansim. Aí, armucemo, tamo tudo ali tomano tereré, o cuzinhero lavano, arrumano as vasilha dele, já pra saí de novo, pra í posá ne otra fazenda, o garpãozão grande, ansim cumo tá agora, parado, num tinha vento nem nada, o garpão disabô lá, *pláááá*, caiu lá. Aí, nós lembramo, falemo:
- Oh í, o que que ivitô, né! Se o rapais no se perdesse, nós ia posá lá, o garpão ia caí incima de nós, né. - nós lembremo disso aí.
- **E ele ficou variado quando ele passou em cima do rastro de algum bicho?**
- Dicerio, lá no açude, né, dicerio lá. Ele contô que o burro redomão foi ansim, ele rodiô uma moita, correno ansim, saiu na istrada e ali que ele se perdeu. Dicerio ali, ele cruzô no rasto e... e aí, nós fiquemo mais assustado que o capatais falô que sumiu uma criança ali, que ele foi, daí quinze dia, mais, só que acharo morto a criança, depois de quinze dia. Mais, muito longe, de lá do açude. A criança saiu, o gurizinho, parece que, de deis ano, foi cum a mãe no açude lavá ropa e, ficava brincano, brincano por ali, né. Isso, diz que, se cruzá no rasto...

1.2.H- Seu Marcondes

O caso da comitiva que se perdeu pelo caminho

- Uma veis, nós ia cum a tropa ansim, tamém, pro otro lado, num era istrada, né, mais tinha triero ansim, né. Aí, nós armoçamo no açude, aí arriemo os carguero, aí nós saímo tudo junto, cunversano ansim, saimo, saimo, fomo ino, ino, ino, daí um poco, eu falei:
- Mais, nós tamo errado, aqui! Óia, que fais hora que nós vêm andano aqui, aqui. E era poca, logo nós já saía naquela vazante assim, assim, agora... cadê aquela vazante ansim, - falei pro cumpanhero - que tinha aqui? - Ele disse:

- Pois é, mais é memo! Ocê sabe que nós tamo errado! – Aí, paremo o carguero ali e cumecemos andá pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, um pedacinho ansim que ia, daí um pouco, tinha que vortá:
- Num é aqui!- Fiquemo andano. Aí, um dos cumpanhero já saiu ansim e foi imbora, foi, foi imbora! Sumiu. Entraro numa mata berano uma cerca e se foro. Aí, em seguida, daí um pouco, nós ia indo, mesma coisa, crariô ansim! - Oh aqui a istrada! É aqui a vazante! – Conforme aquilo crariô: - é aqui! - Cumeçamo gritá e gritano, gritano, gritano, apitava na buzina, tudo, os cara. Aí, com muito custo, iscuitemo um grito dentro da mata. Aí, falei: - Mais, pra que que ele entrô na mata, que ele sabia que num tinha que entrá na mata, né. - Aí né, chegaro ansim, num deu pra í mais, um já quiria amarrá o burro e vará a cerca, largá o burro marrado, e oiá de a pé na mata. Esses dois se perdero memo. Aí, iscuitaro o berrante e vortaro pra trais. Aí, fiquemo isperano. Isso, já tava de tardezinha! Mais, o poso já tava perto, o retiro. Aí, saíro, costeano a cerca de vorta. Aí, otro falô:
- O fulano já quiria vará a cerca, marrá o burro e í de a pé pra oiá ansim, se a istrada tava perto. - Já tava variado. Aí o oto, mais forte falô:
- Não, vamo vortá. Oh, gritô pra cá! - Tamém, a istrada tava facinho lá, se perdemo tudo ansim, duma hora pra otra, e nós era costumado passá ali, só que num era na istrada, era cortano campo, vazante, né. Mais, era cunhecido, né. Mais, é um troço. Aquilo, fiquemo tudo pareceno, daí, aquilo crariô, assim. Parece que... falô:
- Oh qui, a estrada, onde é! – Aí, tudo mundo enxergô a estrada.

1.1.I- Dona Marli e Seu Marcondes

O caso do benzedor que curou um dente

- Meu pai tem noventa e um anos, né. E ele, quando era menino, lá na fazenda Capão Alto, ele sofreu uma dor de dente muito grande, aí então, meu avô falou assim:
- Vai lá falá pro Chicão – até é meu outro avô, que meus dois avós são irmãos, né. O pai do meu pai e o pai da minha mãe são irmãos. Então, ele mandou chamá

meu avô pra benzê o dente dele. E meu avô foi uma pessoa, que toda vida teve muita fé, né. Então, benzeu o dente dele. Mais olha! O dente estourou dentro da boca. E se perguntá, hoje, pra ele, ele conta.

- Eu acredito em benzeção, tem muita gente que no acredita. Ela, memo, no acredita em benzeção. (Seu Marcondes, simultaneamente)
- Não, eu não acredito, eu não acredito em benzeção, eu acredito na fé da pessoa, né. (Dona Marli)
- E estourou o dente.

1.2.I- Seu Marcondes

O caso do benzedor que salvou uma mula mordida de cobra

- Uma veis, uma cobra pegô uma mula minha, aí, tinha um rapais que binzia, né. Num tinha injeção, num tinha nada, né. Aí, ele falô:
- Opa! Acridita em benzeção, home? - Falei:
- Ah! Credito. Pode benzê. – Benzeu a mula. Já tava c’ a boca inchada, até. Benzeu, no otro dia a mula amanheceu c’ a boca inchada, ainda. Sarvô a mula!

1.1.J- Seu Marcondes

O caso do cavalo que não teve medo de enfrentar uma luz misteriosa

- Uma veis, eu vinha vino, né. E de noite, né. Aí, né, eu quase vortei, depois falei:
- Não. É muita coisa. – O cavalo quiria í, né. Falei: - Mais, se for alguma coisa, o cavalo ia assombrá, tamém, né. – Tava uns fogo, assim, né. Aqueles fogo. Falei: - decerto é um interro, né. - Ah, aquele fogo, parece que quanto mais eu oiava na minha frente, saía até faísca, né. Falei: - Pá! Sartano fogo, faísca, né. – E, cheguei um pedacinho, parei o cavalo e o cavalo quiria í, né. Falei: - mais, esse cavalo será que no tá veno? - E, aquele fogo, fogo e ficava assim aquele fogo. Falei: - deve sê um interro isso, né. – Aí, né: - que í pra lá! – Falei: - eu vô vortá, né! Eu vô vortá, mais, de dia, vô arrumá uns cumpanhero, vô marcá bem, aquele pé-de-pau ali e vamo vê que que, pra vê, se é interro vai tê argum sinar aí. Eu vô vortá! – Ia vortá.

Aí, falei: - mais, o cavalo tá quereno í! – O cavalo quereno í. Aí, falei: - eu vô cruzá de a galope! – Aí, fui, o cavalo tava quereno í. Daí um pouco, né, saiu um, escapô um dali, né, aquele fogo saiu, eu oiei aquele fogo, falei: - decerto fôro marcá ela notro lugar. - Foooi assim, aquele fogo veio-veio-veio-veio, foi rodeano, assim. Era o vagalume na teia de aranha. Foi juntano a teia de aranha, a aranha fazia armadilha pa ela pegá bichinho e os vagalume ia ali e chegava ali, enrolava ali, ficava... Paricia uma tocha de fogo. Aí, cheguei lá, era aquele mundo de vagalume marrado pela perna na teia de aranha. Falei: - ói, se eu vortasse, né! Já ia falá que era sombração, interro, né. E era vagalume na teia de aranha. Mais, de noite, escuro, fica iguarzinho. E eu já ia vortá.

1.1.L- Seu Marcondes

O caso do cachorro Campeão

- Uma veis, eu passei um susto, que na hora, assim, a gente nem, nem lembra o que que é o susto, na hora. Uma veis, eu saí enroscado, o cachorro que me salvô, né. Eu tinha um cachorrinho que chamava Campeão, né. Aí, né, eu tava atrais dum boi, eu fui c’o cachorro, né. Daí, quando eu saí no boi, assim, o boi correu. E cachorro correu, ia perto já, assim. Quando eu levantei o laço, né, a mula rodô cumigo. E era uma mula safada, né. Rodô e eu iliei tudo no laço, assim, né. Aí, eu gritei muito feio, assim. E aí, o cachorro seguiu o boi, né. E eu saí de arrasto, né. De arrasto. Ali já ficô faca, revórve saiu. Eu fui de arrasto, assim. E eu gritano e gritano. Aquilo foi Providência de Deus, decerto. Aí um pouco, quando eu vi, oh, a mula sentô pra lá e pra cá, né. O cachorro largô o boi e vortô. Vortô e eu ia ino de arrasto, assim, na mula, né. No laço, assim. Aí, ele vortô, umas treis passada, ele já pegô ela da venta, assim. Ela já manotiô pra lá, assim, quase que veio por cima de mim! Aí, eu disiliei, né. Quando disiliei, que disiliei tudo do laço, assim, ele lutava, memo, pegava, memo. Aí, eu pulei no cabresto, assim, que tava grudado nele. Aí, eu raiei cum ele, lá, ele largô, né. Aí, o laço ficô tudo enrolado. Aí, eu vortei, ele me arrastô longe, assim. Aí, eu vortei, né, peguei a faca, o revórve, que tinha caído. Aí, enrolei o laço, falei:

- O boi foi imbora, né. – E ele ficô ali, né. Aí, arrumei as traia, ligero ali. Quando eu muntei na mula, assim, ele oh! (Raspa uma mão na outra, fazendo gesto de fuga rápida) Saiu de novo. Falei: - ele vai atrais do boi, eu vô detrais. - Fui. Saí num galopão assim. Aí, longe, numa vazante, eu vi aquilo, era um boi branco, né. Falei: - o coitado do cachorro errô a batida. Oh o boi, lá! Eu vô arriscá pegá ele, agora. – Fui ino, fui ino, chegano pertinho, assim, ele deitaaado na frente do boi, cuidano o boi, me esperano chegá. Aí, quando eu fui chegano, assim, o boi quis corrê, ele já deu uma passada e grudô ele no nariz. Pegô. Aí, eu cheguei, joguei o laço, assim, cubri ele, dei um gorpe, derrubei, marrei. Já era quase essa hora, assim. Aí, puis ele num palanque, lá, marrei ele lá e dexei ele posá. Posô marrado lá. Mais, dessa veis, eu passei um apuro. Barbaridade! Já pensô, de arrasto, solito. Se no fosse o cachorro, decerto, ia...

1.2.L- Seu Marcondes

O caso da mula que quase matou seu dono afogado

- Conta aquele acontecido lá no Pantanal, Marcondes, aquele de olho de boi, que você caiu com a mula. (Dona Marli)
- Ah! Pois é. Isso fais poco tempo. Qu'eu tava dano água e tinha um oio de boi, assim, atolava, né. Tinha uma água assim, era dessa fundura, assim, mais-o-meno. (Com a mão direita, faz uma altura de um metro, aproximadamente) Aí, uma vaca ficô tomano água, assim, num quiria saí, né. E eu, raiava:
- Ah, priguiçosa! – Bebeu muito, ficô muito cheia d'água. Aí, eu miti a mula lá. Quando a mula meteu a mão, assim, rapais! O burro, ele volta pra trais. Atolô. Achô um oi de boi ali, afundô e foi caíno. Quando ela bateu a mão lá no meio da água, ela afundô e virô uma cambota. Caiu em cima de mim! E eu fiquei embaixo dela, dentro da água, aquela água podre. Fiquei imbaixo dela, ali. Maais, bibi água podre ali! Cheguei perdê a dentadura, até, cum a aquela ânsia que deu ne mim depois que eu levantei, né. Aí, ela saiu. E os cumpanhero ino emboora, assim. Se eu morrê ali... Eu falei: - companhero, se eu morria lá, ceis ia vortá e ia me achá morto, lá! – Aí, esse dia, eu tamém passei apurado. Barbaridade!

1.1.N- Seu Marcondes

O causo do disco e da roseira

- Outra veis, eu tava posano numa fazenda véieia, assim, né. E aí, todo mundo lá:
- Vô armá minha rede aqui! – O otro:
- Vô armá aqui! – Aí, um gritô lá:
- Ah, aí... – Numa tapera véia, eu fui pono minha rede. – Ah, aí o senhô num vai durmi! – Eu falei:
- Porque?
- É assombrado!
- O que que aparece?
- Ah, uns gimido, aí. Fais: ai, ai! Ai, ai! – Falei:
- Ué! Mais... – Falei: - Mais, morto num tem medo, porque que é de noite que ele grita? E ocois nunca viro nada?
- Só os gimido. No é toda noite, não. Toda a vida. É as veis. – Eu falei:
- Ah! Eu vô durmi aqui, se parecê, vô pegá. – Falei assim. Mais, chateano, assim. Aí, né, arnei a rede, lá, jantemo. Cada um no seu... Um perto do otro. Só eu que tava, assim, mais retirado, lá. Puis a rede na tapera véia, num pé-de-manga, né, num gaio arnei, assim. Mais ficava pertinho, como daqui ali, dos cumpanhero. (Aponta para uma distância de uns dez metros) Mais, tinha um pé-de-rosera assim na parede, né, pé-de-rosa, e tinha um meio disco, daqueles chorooso, daqueles dos Filhos de Goiais, que canta daquelas moda que fala: “Ai, ai”. O disco tava enfiado na parede, assim, e quando tava ventano, né, o gaio da rosera ia esfregano e esfregava a espinha beem naquele negócio, assim. E conforme corria, assim, falava: “ai, ai, ai”. Quando vortava: “ai, ai, ai”. Daí um poco começô aquele “ai, ai”, eu oiei assim, né, peguei a lanterna, foquei, assim, vi na parede aquele... Aí, falei assim, já vi que era aquele disco, né, falei:
- O que que tá te doeno? - E eles já falano:
- Cê é loco? Mexeno no que tá morto? Aí, “ai, ai”. E eles iscutitaro. Falei:
- Fala o que tá te doeno! – Levantei da rede. Aí, “ai, ai”. Falei: - Ah, ocê tá aí, né! – E eles:

- Mais, ocê é loco! – Fui lá, peguei o disco. Falei:
- Oh, aqui, oh! A sombração. – Era o meio disco que tava na rosera. *Rarrarra*. E eles diz que é assombração e a turma fica cum medo.

1.2.N- Seu Marcondes

O causo do galho de goiabeira que foi montado como um burro

- Conta a história que você estava domando burro. (Dona Marli, esposa de Seu Marcondes)
- Ah é! *Hum hum*. Aquele tempo, eu domava. Então, as veis, eu durmiia, a turma falava, que eu, eu durmia, eu podia pulá, que eu no caía. No sei o que que eu tinha. Aí, eu tava c'umas treis noite que eu no durmia, né. Fui saino, tinha que í imbora, né.
- Não, mais ocê no vai nesse burro! Esse burro vai te machucá por aí, pela estrada. – Falei:
- No tem pirigo! Eu vô. – Aí, muntei no burro, o burro já saiu pulano, assim, já surrei ele ali. Joguei na estrada, ele, né. E decerto, logo em siguida, eu durmi, né. E aí, né, durmi, o burro pulô cumigo e, e tem aquelas goiabera, né, tem aqueles pé-de-goiabera assim, arcado e o burro entrô embaxo de uma goiabera daquela, me tirô, e eu fiquei sentado, num caí no chão, fiquei num gaio de goiabera, muntado assim, né. E aí, o burro foi imbora, foi batê na fazenda. Chegô lá. Ah, n'otro dia:
- Ói o burro do Marconde aí! Machucô ele! Vamo í atrais. – Aí, pegaro, saíro, loco, pra me prucurá, né. De loonge, num capão, assim, eles viro: - Oh, lá! – Aquele troço balançannno, lá. Viro, eu usava chapéu branco, né. De loonge me viro, né: - Mais, aquele troço lá! – Chegaro, oiô, oiô, eu tava dormiino no gaio de goiabera, ansim. Dê-le laço, no gaio, ansim! E espora, tava um gaio quase torado na espora. Pensano que era o burro que tava pulano e era o gaio que tava balançano, assim. E eu dê-le laço no gaio de goiabera e espora, pensano que era o burro.
Ranranranran



Causos de Seu Perigoso

2.1.A- Seu Perigoso

O caso da onça que foi amarrada

- Um dia tava lá na fazenda no Pantanal, né. Tava dormino numa rede, no garpão. Tinha uma casa, tinha quarto, tinha tudo, né. Eu falei:
- Ah, eu vô durmi no garpão, pra fora. - Armei a rede no esteio e armei a otra aqui, né. Aí começô dá uns truvão pru lado da Bulívia. Dava aqueles relampo assim e chooom, o estralo. De repente, eu durmi, né. Durmi e isqueci da cuberta, ficô pra trais. Começô fazê cosca na minha oreia assim, ó. (mexe com a mão direita na orelha direita) Enfiava o troço mole aqui. Falei. - Isso é gato, né. - Aí eu dei uma oiada pra trais, era uma bitela, desse tamanho assim. (de pé, sinaliza uma altura de uns dois metros) Do jeito que eu tava na rede, caí, pulei pra trais, caí no lombo dela, da onça. Quando o patrão levantô n'otro dia, tava a onça amarrada num palanque do garpão, dessa grossura o esteio. (com os braços, faz um círculo do tamanho de um abraço) Falô:
- Perigoso, como é que o senhor pegô? Esse bicho carrega um tôro nas costa. - Eu falei:
- Ela veio passá o rabo dela na minha orelha, né. - Passô eu nem liguei, né. Só empurrei a coberta prá trais. Aí, uma hora deu na, aí eu oiei, dei uma oiada pra trais assim, era uma pintada, a mão dela era desse tamanho assim. (com as mãos, faz um círculo do tamanho de um prato) - Aí o patrão levantô sete hora, foi lá no garpão, viu aquele bicho marrado lutano, né, no palanque lá. Falô:
- Perigoso, como é qui cê pega esse bicho, essa onça. Falei:
- Mais sô caçadô, né!

2.2.A- Seu Perigoso

O caso da onça que teve a cabeça decepada por um chute

- Eu caço onça aqui, no Pantanal e agora esses dia me passaro um rádio amador lá de Corumbá, que a onça tava, o pessoal num podia saí na cidade, de Corumbá, né. A onça tava comeno. Aí eu fui pra Corumbá. Olhei no relógio, né. O relógio meu

pesava quarenta quilo. Era tudo de ôro, né. Quando ficava escuro, eu ligava ele e crareava iguarzinho agora. De diamante com ôro, né, e brilhante. Aí eu ia ino, assim, (se levanta e caminha) n'um triero, de vagarzinho. De repente a onça pulô ne mim e eu saltei de lado e soquei o pé esquerdo nas güela dela. Soquei o pé esquerdo. Eu tava até, de um lado de butina, do otro lado descarço, né. Soquei o pé esquerdo nas güela dela. A cabeça dela veio pará na casa do prefeito, em Curumbá. Quando o prefeito abriu a porta, pra entrá no gabinete dele, tava a cabeça da onça, lá. Varô a telha, quebrô a lage e caiu na mesa. A cabeça dela era desse tamanho, assim. (faz um círculo com os braços) Ele falô:

- Isso aí tem que sê o Perigoso, né, no pode! - E foi eu memo, né. Mais uma bichona! Oh o mãozão dela, oh! Dessa grossura. (demonstra um círculo do tamanho de um prato) De um lado de botina, do otro lado descarço, né, soquei o pé esquerdo nela, paaau! Avoô a cabeça.

2.3.A- Seu Perigoso

O caso da armadilha que matava até 20 onças de uma só vez

- Meu pai tinha uma espingarda de treis cano, assim. Ele (se levanta para explicar melhor) botava a espingarda num gaio de pau. Botava, assim, e ia circulano. Amarrava um barbante e desenrolava no chão, de noite. Deixava armada e gatiada, né. Quando a onça pisava no barbante, saía o tiro, peei! No otro dia ia vê, tinha quinze, vinte onça morta. Treis cano assim. (manuseando um objeto imaginário) Um aqui ó, um do meio e um aqui. Dava as treis partida. Com mil quilo de chumbo. Chumbão grande. Botava cem quilo de pórva e a onça pisava no barbante, né, e estorava o tiro lá, paaau! Saía nos treis gatilho. Eu falei:
- Eu vô lá, vô lá pra sete horas. - Cheguei lá, tava aquele monte de onça morta. A bala só passava no ouvido, assim. Dentro do buraco do ouvido da onça. Então o bicho ficô famoso, né. Aí pusero eu de Perigoso, né, pra eu matá onça também.

2.4.A- Seu Perigoso

O caso das três onças montadas

- Onça? A federal pediu pra mim, num matá mais, né.
- **É, pediu?**
- É pra pegá ela viva.
- **Ah! É pra pegar ela viva? E o senhor tem pegado?**
- Aí eu comprei um gravadô lá na Argentina... Uma bateria, uma televisão, um gravadô, né. Guardei assim ó, dentro de uma mata, eu puis um tendão assim ó com dois metro e meio de comprimento, né, liguei a bateria pra crariá lá a televisão, e quando amanheceu o dia o patrão falô:
- Perigoso sumiu! - E eu vinha muntado nas três onça. Muntado nas três. Eu abri as perna, assim... eu muntado nas onça.

2.5.A- Seu Perigoso

O caso do caçador que dava ordens para a onça

- Um dia, nós tava numa caçada, aqui na fazenda, fazenda São Miguel, aqui. Aí, o pessoal tava loco pra cumê um tatu preto, né.
- Perigoso, queria comê um tatu, hoje. Mais, não é peludo, não, tatu preto, né! - Aí, (se levanta e caminha) nós vei no mato, né. Aí, deu uma chuva, o pessoal queimaro o campo, né. Queimô o campo, né. Falei:
- Hoje tá bom de caçá, queimaro o campo. – Umas seis hora assim da tarde, então. - O tatu vai saí cedo hoje. – Aí, levei uma pá de ponta, nas costa, oito rolo de arame. O cara levô uma sacola, assim, (indica, com as mãos abertas, um volume imaginário de uns cinqüenta centímetros, aproximadamente) de matula, né: carne assada, farofa, assim, né. E otro levô uma sacola, ali ia levano bala, *frobé*, espingarda, e levô trezentos e cinqüenta cachorro, mericano, né. Aquela cachorrada resbalô num brejão assim, eu falei: - É tatu! Se num for tatu é quexada. - Juntaro trezentos e cinqüenta tatu e entocô tudo num buraco só. Tudo num buraco. O buraco era do tamanho, do tamanho da boca desse poço aqui

- **Sei, sei.**
- Uns grandão, assim. Então eles cavucaro, feis um buraco e os tatu entrô tudo ali dentro, né. Falei: - E agora, como é que eu vô tirá? - Aí, fui curioso, né. Aí, peguei bastante, tinha levado uns litro de óleo diesel, aí aquela fumaça entrô pelo buraco, pra dento, os tatu num güentô, num güentô e saiu tudo pra fora. Aí puzemo uma jaula na boca do buraco, aí eles não güentaro a fumaça lá e ia correno pra escapá, e vinha entrano tudinho pra dento, assim. Trezentos e cinqüenta tatuzão assim, do tamanho desse carro aí (aponta para um carro que está parado na rua). Falei: - Oh, quem quizé tatu agora pode comê aí! A jaula tá lotadinha. - Trezentos e cinqüenta tatuzão preto! Entrô até uma onça no meio, uma onça pintada, assim.
- **Entrou junto com os tatus?**
- É, entrô junto com os tatu. *Rárrá*. Entrô junto com eles. Falô:
- Pirigoso, como é que fais agora, pra tirá a onça daí de dentro do tatu, aí? - Falei:
- Para aí. - Aí, fui devagarzinho, abri a jaula um poquinho, sem dexá o tatu saí, aí chamei a onça, ela saiu pra fora, daí eu fechei lá e falei: - Agora cê fica aí. O cara vai filmá ocê. - Aí, o cara filmô a onça, filmô a onça e filmô os tatu.
- Perigoso, - o filme do tatu e da onça é dois mil dólar, né, - a onça não te morde, não?
- Ué, rapais, sô caçadô de onça, né! - Onça carrega um toro mais forte assim. O toro ta pastano, aí ela pega o toro pela nuca, assim, e leva o toro pro mato. Aí, eu peguei dexei ela lá.
- **E ela?**
- Ela ficô lá, né. Enquanto eu num dei a orde pra ela num saí dali, ela ficô lá. - Agora cê qué saí, pega esse rumo aqui, pega esse rumo aqui, só num olha pra trais. - Daí umas treis semana encontraro, pra cima de Niuaque, encontrô com a onça ali perto, a oncinha de cabeça baixa e falô:
- O Pirigoso encontrô cum essa onça, né. - Fui eu que mandei ela imhora, né.

2.1.B- Seu Perigoso

O caso da sucuri que engoliu um cavalo vivo

- Meu pai tinha uma chacinha aqui na Água Fria. Dá dezoito mil equitares a chácara do meu pai, né. Ele não fala fazenda. É chácara. Fazenda é de quinhentos e cinquenta mil em diante. Então aí, o cavalo foi beber água no corixo e meu pai falou:
- Perigoso, vai lá atrás do cavalo. O cavalo não apareceu pra comer milho. O cavalo sumiu. – Aí, eu tava bem por ali, fui lá no córrego, né, no corixo, tava o sicuri lá, da grossura daquele pneu de cêbê-tê, aquele pneu traseiro. Aí falei pro meu pai:
- Mais, o sicuri é muito grosso. Com espingarda, com uma trinta-e-oito mata ele.
 - Aí meu pai passou um rádio pra Campo Grande. Veio a turma do quartel, né, de Campo Grande. Vieram de avião. Dera uma rajada nele assim. Cada tiro que dava, caía o pente de bala da metralhadora. Aí pra matá, a gente teve que achar um machete, foice e machado pra degolar ele. Aí matou o sicuri, abriu a barriga dele e o cavalo saiu correno.
- **Salvou o cavalo então?**
- Saiu correno. E, o sicuri deu quinhentos e oitenta metros, como daqui mais ou menos, lá na viação. Deu quatrocentos e cinquenta litros de banha, essas latas de vinte litros, dessas grandona.

2.2.B- Seu Perigoso

O caso da sucuri que engoliu uma boiada inteira

- Agora, esses diazinhos, meu pai falou... Separou duzentas e cinquenta vacas gordas lá na Água Fria, né, pra levar pro Jaime, pra outra fazenda dele. Meu pai, né. Duzentas e cinquenta vacas gordas, trezentos cavalos, oitenta carneiros grandes, cem capados gordos pra levar tudo pra lá. Vinha cinco carretas no outro dia pra levar. Aí, quando foi nove horas, chegou a carreta, encostou no pátio lá, da fazenda, né:
- Ô seu Dito, vim buscar o gado pra levar pra fazenda, lá pra outra fazenda! – Meu pai pegou um petiço, né, e falou:

- Eu vô tozá o gado até na cabicera aqui do açude... - Na ponta do mato tem um açude, né, bem grande. Foi lá! Cadê o gado? Cadê o cavalo? Carnero, sumiu. Porco, era cem capado, cada capado dava cem lata de carne, cada um, hem! Aí, sumiu. Meu pai ficô apurado. Aí, veio um avião, daqui do Uruguai, era quatro e meia da madrugada, trompô no sicuri, rancô a asa do avião. O avião de oito motor, tava com mil e duzentos cavalo dentro do avião.
- **Dentro do avião?**
- Trompô no sicuri. O sicuri, a barriga dele tava uns quinhentos metro de artura e o avião veio, né, o avião pesado, de oito motor, né, com mil e pocos cavalo, o avião veio e trompô ali, rancô a asa do avião, assim... Daí no otro dia, veio um gipe do quartel, né, traçado, falô:
- Vamo dá uma vorta aqui. – Ai subiu o açude, pra cima, achô o sicuri lá. Tinha mil-e-cem metro, o sicuri.
- **Mil e cem?**
- Mil-e-cem. Aí, meu pai foi e contratô a turma lá da Argentina, veio, veio um avião de guerra, né, dero quinhentos tiro na boca do sicuri, assim oh: *pei, pei, pei*. Aí, matô ele. Daí uma semana, meu pai arrumô um motosserra, serrô o sicuri por baxo com o motosserra, o gado correu tudo, escapô, tava tudo vivo, cavalo, carnero, porco, escapô tudo, virô um assopro no mundo, virô um assopro, escapô tudo. Rárrárrá.
- **Beleza, hein?**
- É. Aí, meu pai falô:
- E agora? Quanto vocês vão me cobrá? Da viagem...
- Trezentos mil dólar, né. - Aí meu pai garrô, pegô o cheque, falô:
- Agora oceis troca o cheque lá na Bulívia. Eu tenho um ban... um dinheiro num banco lá, né. – Trezentos mil dólar. Meu pai feis o cheque, assinô em baxo, e eu assinei ali, Perigoso, matador de onça do Pantanal!

2.1.C- Seu Perigoso

O caso da caçada de tatu preto

- Um dia, nós tava numa caçada, aqui na fazenda, fazenda São Miguel, aqui. Aí, o pessoal tava loco pra cumê um tatu preto, né.
- Perigoso, queria comê um tatu, hoje. Mais, não é peludo, não, tatu preto, né! - Aí, (se levanta e caminha) nós vei no mato, né. Aí, deu uma chuva, o pessoal queimaro o campo, né. Queimô o campo, né. Falei:
- Hoje tá bom de caçá, queimaro o campo. – Umás seis hora assim da tarde, então. - O tatu vai saí cedo hoje. – Aí, levei uma pá de ponta, nas costa, oito rolo de arame. O cara levô uma sacola, assim, (indica, com as mãos abertas, um volume imaginário de uns cinqüenta centímetros, aproximadamente) de matula, né: carne assada, farofa, assim, né. E otro levô uma sacola, ali ia levano bala, *frobé*, espingarda, e levô trezentos e cinqüenta cachorro, mericano, né. Aquela cachorrada resbalô num brejão assim, eu falei: - É tatu! Se num for tatu é quexada. - Juntaro trezentos e cinqüenta tatu e entocô tudo num buraco só. Tudo num buraco. O buraco era do tamanho, do tamanho da boca desse poço aqui (aponta para o poço, que está perto, no quintal). Era esse tatu galinha. - Cunhece?
- **Sei, sei.**
- Uns grandão, assim. Então eles cavucaro, feis um buraco e os tatu entrô tudo ali dentro, né. Falei: - E agora, como é que eu vô tirá? - Aí, fui curioso, né. Aí, peguei bastante, tinha levado uns litro de óleo disel, aí aquela fumaça entrô pelo buraco, pra dento, os tatu num güentô, num güentô e saiu tudo pra fora. Aí puzemo uma jaula na boca do buraco, aí eles não güentaro a fumaça lá e ia correno pra escapá, e vinha entrano tudinho pra dento, assim. Trezentos e cinqüenta tatuzão assim, do tamanho desse carro aí (aponta para um carro que está parado na rua). Falei: – Oh, quem quizé tatu agora pode comê aí! A jaula tá lotadinha. - Trezentos e cinqüenta tatuzão preto! Entrô até uma onça no meio, uma onça pintada, assim.

2.1.D- Seu Perigoso

O caso do peixe que roçou uma ilha inteira

- Na fazenda do seu Escoto... é, o irmão dele era prefeito, Jair Escoto, né. Então agora ele tá preso em Campo Grande. Então, o irmão dele... Então, fui pra lá, né:
- Perigoso, vamo dá uma pescada? – Falei:
- Vam bora. - No meio da ilha tem um capão de mato, né, grande no meio. A ilha de roda e o capão no meio. O avião veio, desceu bem naquele capão ali, passô ali e largô eu e o irmão do prefeito. Falô:
- Quatro e meia eu venho pegá os senhores. – Falei:
- Tá. - Aí fiquemo pescano até quase quatro e poco. Consegui. Peguemo dizoito dorado, o mais pequeno foi quinze metro, o dorado. Aquela moita que tinha no meio da ilha, que amarrei a linhada, o peixe torô tudo. Ficô prano, assim. No tem mato, no tem nada agora. A linhada torô, roçô tudo assim. Aí, o cara falô:
- Mais, tem esteira aí? Derrubô tudo o mato. - Mais, no era. Era a linhada qu’ eu marrei, muito grande, né, como daqui lá no Adriano. Fiz a laçada e amarrei. E o peixe tão grande, deu aquela arrancada, roçô tudo o mato, torô tudo. No ficô nada. Ficô prano iguar esse piso aqui.
- **Ficou pronto para plantar.**
- Falei:
- Vamo prantá arrois, né, prantá um feirão aí.
- **E conseguiram comer os peixes?**
- Ah! Aí veio um açoguero. De uma cidade, pra lá de Cuiabá um poco. Um açoguero, né. Veio numa carreta, dessas de treis exo. Falei:
- Quanto o senhor qué nos peixe? - Falô:
- É, oitenta mil dólar. - Ele no mexe com dinheiro, é dólar né. Falô:
- Cheque ou dinheiro? – Falei:
- Dinheiro e um poco de cheque, né. - Oitenta mil dólar. Aí truxero o moto-serra, serraro o peixe de treis, quatro metro. Foi serrano, tirano as tripa e foi pono dentro do frizo, na carreta. Um frizão como daqui lá na caxa d’água, assim. Foi pono os peixe. Os mais pequeno foi pono no otro frizo, mais pra trais. A carreta véia vinha

bufano, né. Vinha quase tolano naquele asfalto. Mais, mais cabô tudo, agora o dono de lá do, de lá da Amazônia era um prefeito no sei de onde que era. Ele que comandava lá. Falô:

- Perigoso, cê mora onde? ; Falei:
- Moro no Maracaju.
- Em que lugar?
- Na rua Circular, vila Margarida, número trezentos e trinta e um. Cê pricura lá o Perigoso, melhor pescadô do Mato Grosso do Sul.

2.1.E- Seu Perigoso

O caso da fuga do Pai-da-mata

- Óia, uma veis eu me perdi. Meu cunhado falô:
- Perigoso, ocê vai lá na fazenda.. - Eu saí da otra fazenda era quatro e poco da tarde. De dia, né. Aí tinha uma portera véia, né, uma portera véia, tinha uma portera e um corxete de abrí, pra entrá tractor, que num é pra entrá no corredor, aquilo chama corxete. Eu vinha vino e o burro num chegava na portera, só fastava pra trais. Eu carcava a espora no burro pra chegá lá na portera, pra mim apiá, pra abri a portera e o burro só chegava pra trais. Falei:
- Esse trem tá de rolo! - Daí passô um poco, deu um grito atrais de mim *Íiipu*, aí eu ranquei o quarenta-e-quato véio e dei uma sapecada por trais, assim, oh: *pec, pec, pec*. (Com a mão direita imita um revóver e se vira para trás fingindo atirar) Dei seis tiro. Aí, abrí essa portera, empurrei o burro pra lá, fechei, muntei e... (Bate uma mão na outra indicando fuga) bora pro mundo.
- **Nem olhou para trás?**
- Daí, ele gritô otra veis. Na frente, ele gritô. Bem na frente de onde eu ia. Aí eu só tinha mais três bala no tambor, tinha levado mais sete bala no borso, e falei: - E agora, se vim eu sapeco a barba dele num instante. - Aí gritô otra veis, né. Falei: - Sabe o que eu vou fazê agora, vô por a lanterna. – Aí, com estilingue quase do tamanho dessa quadra aqui, eu tinha comprado uma lanterna de cento-e-trinta quilo, um farolção deste tamanho, (abre os braços) crariava daqui mais-o-meno

- **E o senhor não viu mais o bicho?**
- E o bicho sumiu.
- **Era o Pai-da-mata?**
- É o pai do mato.

2.2.E- Seu Perigoso

O caso do Bicho-sem-cabeça

- O meu pai mandô eu vim aqui em Maracaju. Eu vim a cavalo. É cinqüenta quilômetro da Água Fria, né:
- Quando... se ficá tarde, cê posa. Aí é perigoso. - Num tinha esse asfalto, era terra, né. - É perigoso aí. - Aí eu botei minha guaiaca na cintura, duas fivelona, botei o trinta-e... bicho na cintura, marrei na perna, botei um chapeuzão grandão, uma gravata aqui, oh, (faz como se estivesse se vestindo) vermelha com uma medalha de ôro enfiada. Um cavalo bão, meio sestroso, né. falô:
- Você fais a compra lá, de manhã o cara trais. - Quando cheguei ali, pra cá do... o senhor no conhece pra cá, né?
- **Não.**
- Pra cá, né, qui vai pro lado da eme esse, na usina.
- **Na usina, sei.**
- Pra lá um pouquinho. Ali escureceu. Tinha uma portera. Tinha uma portera e um portão. A porteira aqui e entrava era o portão. (manuzeia um portão e uma porteira em miniaturas imaginariamentente) A lua tava bem por aqui.(aponta para o céu) Era umas, uma hora, por aí, da madrugada. E eu vinha vino ali com o cavalo e o cavalo deu uma sentada pra trais. Tinha um troço sentado em cima da

- portera. O palanque da portera era grande. Num tinha pescoço, tinha só os braço e as perna. E eu num tinha uma lanterna pa focá nele. Tinha os braço dos dois lado e as perna. Num tinha o pescoço. Esporiava o cavalo pa chegá na porteira e ele num queria chegá, só dava arrancada pa trais, né. Eu falei:
- Mais num pode! - Aí eu apiei. Apiei do lombo do bicho, peguei o saco, enfiei a vara da portera pa trais, puxei o cavalo pra cá, fechei traveis a porteira, andei uns déis metro. Eu tava lá na frente daquele bicho, na frente do..., lá no fim... naquele estradão, tava bem no meio da estrada, parado lá, com a mão cruzada assim, eu percibi qui ele tava c'a cachorra, né. Falei:
 - Vô dá um tiro aí. - Meti a mão no quarenta e quato e dei seis tiro que o bicho vazô dali da estrada, né. Aí meu pai falô assim:
 - Não adianta cê vim de noite, é perigoso, ainda mais debaxo de portera. - Mataro muita gente pra lá, né. Tar de carrerada no jogo, né. O pessoar tava correno carrera, tomano pinga, cerveja, né. O cara chegava e metia o revórve no cara, assim, e matava o cara. Então daí, fiquei ressabiado, né, de andá de noite. Aí eu falei:
 - Nunca mais o senhor me manda de noite pa Maracaju, a cavalo. - Se saí, tem que saí cedo, né, treis hora da madrugada, vim amanhecê aqui, perto da fazenda Aurora, pra cá um poco, perto da Taquaruçu, mais de noite...
 - **Aí não tem perigo de Assombração?**
 - Aí num tem perigo. O que tinha que passá já passô meia-noite, né. Bicho mau já sumiu tudo.

2.1.I- Seu Perigoso

O caso do benzedor que curou Seu Perigoso de uma estranha doença

- Uma veiz eu tava numa fazenda e me deu uma dor, de lado assim oh! E essa dor... Eu num parava, que num via... Só saía aquela vagaluma azul, verde. Aí levaro eu prum dottor, levaro prum dottor... Parecia uma pelota, assim, de lado, assim. Quando botei o pé no portão assim, oh, (se levanta e demonstra) a pelota saíno pra fora, eu saí de lá pra saí pra cá, e aquela dor me pegô aqui, oh! (aponta o lugar da

- dor). Era porcaria que fizeram. Fizeram e puseram no chão... pegô e levô pro doutor, falô:
- Mais não tem nada. Fez exame, todo tipo e não tem nada. - Aí arrumaram um índio véio, de nome de seu Arcide, lá de Nioaque, né. Ele trabalhava na prefeitura. Ele benzeu. Falô:
 - Isso aí é porcaria que fizeram e pegô no senhor. - De repente, assim, ino pra cidade... vinha meio baixo, assim, c'aquela dor, assim. Mais vinha mau! Eu vinha suando frio. Falô:
 - Perigoso, cortaram ele, cortaram ele. Falei:
 - Mais não é. - Eu vinha na rua que vinha na marra, (se levanta). O povo ia passando e eu não via ninguém. Aí o índio véio benzeu. Nunca mais! Cabô! Foi só uma vez, acabou. O bicho é liso, né. Só que tem que comprar pinga pra ele, um corote. Compre um corote de pinga pra ele, ele benze. Benze mesmo, contra qualquer coisa. O bicho é liso. Daí eu fiquei bom, né. Mais, se não tivesse ele aí, eu estava ruim, estava morto.

2.1.N- Seu Perigoso

O caso da lua-de-mel no supersônico

- Nós casamos, nós fomos pro Estados Unidos num supersônico. Meu padrinho mandou o avião, né, o Leonel Brisola. Mandou o avião e o, e o piloto, né. Falô:
- Piloto, leve eles pro Estados Unidos, pra Inglaterra, pra Espanha e pro europeu, né, de avião, zaaaaaz.
- **Foi uma beleza a lua-de-mel, então.**
- Foi. (Dona Cida, esposa de Seu Perigoso)

2.2.N- Seu Perigoso

O caso do poço que entortou com um vendaval

- Nós fizemos um poço lá no Pantanal, eu e ela (aponta para Dona Cida, sua esposa, que está sentada a seu lado). Ela puxa a corda, eu furamos, né. Fizemos com

noventa dia. Deu mil e quatrocentos metro de fundura. E eu durmia dento do poço, né. Era muito longe pra saí pra fora e entrá outra veis. Durmia lá dento. Lá já tinha geladera, tinha frizo, televisão, cama, tinha tudo, né. Tomava banho lá dentro do poço, né, a água vinha de fora e ela caía no poço e nós tinha chuvero, né, tomava banho lá. E o poço era lá e eu fiz a casa aqui, a lage (com as duas mãos em posição paralela, sinaliza um espaço do lado de outro). Era de lage, né. Então, eu fiz a cama pra cá. Aí, tava com mil e quatrocentos metro de fundura...

- **E nada de água...**

- Nada de água. Aí, escutei um urro no poço. Falei:

- O poço tá desmoronano. - Aí, eu corri, (se locomove e interpreta a cena) fiquei escorado no poço, de lado, assim né, fiquei escutano aquele urro. Aí, parei pra escutá o que que era. Uma ventania que deu tão forte. Uma ventania que deu tão forte, entortô o poço. Daí umas duas semana vi aquela cidade, só prédios, né, na frente. Aí, ia passano uma mocinha, eu disse:

- Ô, mocinha! Fais favor um poco. Que cidade que é aqui?

- Aqui é a Bulívia. - Falô - O senhor tava onde?

- No Pantanal. - Falei. - Deu uma ventania tão forte, entortô o poço e vim saí na Bulívia. - Lá vinha saíno o trem, assim. Vimo o trem. Entortô poço, entortô mato, entortô tudo. Deitô tudo. Sorte qui a muié entrô junto comigo no buraco quando viu aquele temporal brabo, né. Entrô, entrô dento do apareio e foi lá onde eu tava.

2.3.N- Seu Perigoso

O caso do poço que atravessou a Terra

- E aí, eu fui pro norte, né, fazê um poço lá pro patrão, pro Sartore, mais deu razinho, daí. Uma distância como daqui, mais-o-meno, Campo Grande, a fundura dele. Duzentos e cinqüenta quilômetro. Aí, fui trabaiano, fui pono manilha, né. Aí, tava quase pra dá na água, aí escutei uma conversa, né, dento do poço. Era um japoneis e um italiano, falano em guarani.

- **Falando em guarani?**

- Em guarani. Aí eu peguei o rádio amador e liguei pro cara lá em cima... O rádio amador tava junto comigo ali dentro do poço, num degrau assim. Aí o cara mandô uma alavanca, grossa assim, eu desci a alavanca cinco metros, centrei bem no centro do poço e, pá! Sortei ela. Era um navio, o cara tava conversano ali junto do poço ali. Tava passando por baxo ali do nível de onde tava o navio, né. O cara parô, tava conversano. Um japonês e um italiano falano guarani. Aí, poucos tempo, eu ia passano no correio...
- **O senhor conseguiu conversar com eles?**
- Sor? Nu deu. Quando bateu a alavanca. Bateu no para-choque do navio, caiu na água e o guarda catô, né. O guarda que cuida do lado de lá. Aí depois de uns tantos ano, eu ia passano em frente ao correio e a mocinha: ei, seu Perigoso! Tem uma encomenda pro senhor aqui, ó. Selado, né, com selo, com jornal. Cheguei aqui em casa fui abrí, cortá com a faca e era a alavanca. Tava escrito: Perigoso, né. Lá, pió que os calcanhá do Juda.

2.4.N- Seu Perigoso

O caso do casamento na Itália

- O casamento foi bem, né. Nós passemos o casamento lá na Itália. Até viemos de navio, ainda, né. Um italiano pagô tudo a despesa, né. A despesa do navio, do hotel, restaurante, tudo, né.
- **E como vocês se comunicavam?**
- Daí eles, eles já conversaram lá comigo. Eu num entendia a língua deles, mas tinha uma dona lá que falava bem em castilha, né, compreendia e falava com o cara, conversava com ele e depois falava pra mim, né.
- **O senhor fala bem o guarani?**
- Não, sor. Falo assim, quando tô meio tomado no uísque, né. Porque eu no bebo pinga, só uísque, só. O uísque no é brasileiro. É estrangeiro, né. Direto de Portugal. Esses uísque fraquinho que vende aí nos mercado, eu no bebo.

2.5.N- Seu Perigoso

O caso do choque-elétrico no fio de alta-tensão

- Lá perto de Dorados tinha um baxadão, (se levanta e cria um cenário imaginário) era assim, o baxadão era no alto, aí tinha um poste vino assim, então ali baxava. Então fomo puxano um poste, oto poste, aí vinha um fio direto que passava a luz po oto. Tava subido lá das artura daquela núvia lá, eu levei a mão lá e apoiei, *thiiz*, e grudei lá. Aí, ia passano um fazendero, falô:
- Tem um rapais dipindurado na alta-tensão. Na rua que vai por Dourados, Bolívia e cidade de São Paulo. - Aí o cara desligô a rede, eu, *zuuz*, subi! A sorte é que tinha um monte de areia, assim, era um caminhão de areia. Do jeito que eu caí, eu afundei. Fui pará uns cinqüenta meto pra baxo, pra baxo do poste. Aí truxero um apareio lá da Austrália e descubriro onde eu tava. Eu tava fumaaando um cigarro lá no fundo. Cinqüenta meto pra baxo, né. Eu tava fumano um cigarro e tamano tereré de um cantilho, aqui, de água. Tava tomano tereré e fumano cigarro. Caiu, desligaro a chave, né, e despencô lá, *eee buuf!* Da artura daquela núvia, uns falava que dava quinhentos meto, otos dá mil.

2.6.N- Seu Perigoso

O caso da bicicleta supersônica

- Cê num vai contá a estória da bicicleta? (Dona Cida)
- **Como que é essa estória da bicicleta?**
- Nós vinha vino de Bela Vista. Vinha um temporal brabo, lá. Pedra e vento e raio. A bicireta era daqui no carro do senhor, ali (aproximadamente 20 metros). Era cento e oitenta marcha. Ali tinha apareio de som, televisão, rádio-amador, e, e em cima tinha a antena, né, em cima do capô. Então, eu vinha vino e ia passano rádio. Falô:
- Sai da estrada que vem um supersônico aí. - Então, esses carretero, que tinha, cada um tinha um telefone, escutava. Falô:

- Vamo encostá a carreta na contramão que vem um supersônico aterrissano aí. - Era a bicicleta, com cento e oitenta marcha. Saí lá de Bela Vista, passei em Jardim ali que num enxergava de chuva. Aí, o pessoal saía pra fora do bar, assim. (Se levanta para interpretar) Falô:
- Opa! Tá choveno poera! - Tava aquele poerão. Mais, num era. Era o raio da bicicleta, tava com trezentos meto de poera. A bicicleta era como daqui no carro, ali. Era tudo de soalho, lata, tinha só lugar da roda direita no meio e pra frente. E num era de guidão tamém, é de volante com amortecedor. Ih, o cara vinha na tranqüilidade, né! O controle é tudo assim, tinha uma carrera em cima e otra em baxo. Então apertava um, oto pra mudá as marcha, né, igualzinho automóver. As cor assim de motor de secador, aperta o vermelho, um azul, um verde. Vai apertano ali, vai mudano as marcha. Embalei assim, *viiiiiz*, passei Jardim ali, um cara olhô, falô:
- Será que vem um supersônico com chuva, temporal brabo. - Oiaro pra cima, num via nada, enquanto sairo pra oiá, tava chegano aqui perto do Polaco. E só ficô o poerão, né, que cubriu a cidade de Jardim. E eu de bicicleta e de bota, né, de espora. Espora do tamanho do pneu de bicicleta e chapeuzão mexicano, um guaiacão largo, né, lenção grandão. Falô:
- O senhor é mexicano? – Falei:
- Não, sô pantanero, né. Sô pantanero, no sô mexicano. - *Rarrarrá*. Só apelidaro de mexicano porque o chapéu é grande, né, e bota grande, espora, né.

2.7.N- Seu Perigoso

O caso do tiro que matou 250 iraquianos

- **O senhor é de mil novecentos e quarenta e dois? (vendo na identidade)**
- É, sô de quarenta e dois. Da primera guerra que saiu lá nos Estadosunido.
- **E o senhor se lembra?**
- Ói, isso daqui foi uma bala. (Mostrando um calombo na testa) Os iraquiano tava acabano as bala, né, (levantando e fazendo posições de ataque e de defesa) e o cara ficou por trais do quartel e *pá!* (Finge um tiro) Caí. Com quatrocento minuto,

- quatrocentas hora, eu miorei. Meti a mão no bolso, vi no binóculo, ele tava como daqui em Campo Grande, assim, tava correno. Falei:
- Vô derrubá esse cara. - Meti a mão no monte de ... Centrei no centro dele, *pau!* Caiu. Aí, daí treis dia veio um caranchão , aquele urubuzão preto, grudô ele aqui e levô dependurado pro ar, foi embora.
 - **Então o senhor se lembra bem da guerra?**
 - Lá do Iraque, né. A bala bateu aqui, bateu e foi matano os iraquiano pra trais.
 - **Quantos mortos tiveram?**
 - Só aquela bala que bateu aqui, resvalô, matô duzentos e cinqüenta iraquiano, que já tava acabano memo, né, então aí acabô de veis. Sobrô mais-o-meno cinqüenta refugo, que ficô ainda.
 - **Deve ter escapado.**
 - É, escapô. Escapô porque correu. Ainda um deu um tiro aqui oh, (mostra outro sinal do lado esquerdo) furô, foi cortano aqui um poço. Aí então, pegô aqui, (mostra mais uma mancha na pele) foi cortano, varô pra lá. Então, eu fui prumovido.

2.8.N- Seu Perigoso

O caso do pai de Seu Perigoso, que lutou na guerra

- Meu pai mora aqui na Cambaraí. Na outra vila pra lá. O bicho era feróis. O bicho era domadô. Tem a figura dele num quadro, lá. Quando ele era lá daquela guerra, no sei como é que chama. É muitos ano atrás, do Lopes, né.
- **A guerra do Paraguai?**
- É, a guerra do Paraguai, no sei como é que chama. Fais muitos ano, né. Fais muitos ano. Então, o bicho tá pancoso, de capacete, tudo vestido, né. Então meu pai agora feis aniversário, agora esses dia. Interô cem ano. Cem ano. E ainda qué arrumá muié ainda.
- **Ah é?**
- É, o bicho... Cem ano. Mais ele tá forte. Ainda anda, ainda.
- **E domava burro bravo...**

- Quem? Meu pai? Meu pai era feróis. Ele e um ermão do meu pai que morreu em Campo Grande, ele morava lá, né. Só ficô meu pai. Ficô meu pai e ficô otro ermão dele que mudô pra Campo Grande. Então só sobrô dois só. O resto, tudo morreu.

2.9.N- Seu Perigoso

O caso da sanfona que tocava sozinha

- Teve um companhero meu, aquele lá de Campo Grande, era o Zé Correia. Mataro ele. E a sanfona dele ficô aí. Ela toca sozinha. Então, ela tá pendurada dento da caixa e começô umas música. O pessoal passô na rua, falô:
- O Perigoso tá fazeno baile. Tem um conjunto, Os Ponta Porã, que tá tocano. - Era a sanfona que tava tocano dento da caixa, do Zé Correia, né. Que ele era o melhor cantor da música paraguaia, né! Tava tocano sozinha dento da caixa. A sanfona. E oto cara num violão. Daí, truxero uma gravadora lá da Argentina, gravô o toque da sanfona dento da caixa da sanfona. Foi a melhor gravadora da Argentina. Gravô a música. Então, cada fita custa cem dólar, né. Cada fita daquela. Porque ele gravô tava dento da caixa, né, e a sanfona tocano. Então, aí, o cara assustô, falô:
- Mais o Perigoso nunca feis baile, né. Como tem o conjunto Ponta Porã tocano aí?
- **E era a sanfona tocando?**
- Era. A fia do Zé Correia, tava tocano, o espirto dele tava tocano a sanfona dele.

2.10.N- Seu Perigoso

O caso da abóbora gigante

- Então, aí, meu pai prantô abobra lá, e tinha um pé de uma aruera, era quinhento metro de artura. Sabe, daí a abobra subiu na aruera, e tinha o rio Paraguai que cruzava perto, né, uns trezentos metro pra baxo, a abobra subiu quinhentos metro pra cima, foi subino e foi desceno pra baxo, e a bunda dela bateu assim, foi cresceno e foi desceno no rio Paraguai, depois saiu... Na Bolívia. Foi na Bolívia, desceu pra Argentina, foi pro Uruguai, e depois pro Peru.

- **O pé de abóbora?**
- Abobra! A muda da abobra. O pescoço ficô enroscado assim...
- **Então, essa deu pra matar a fome de muita gente, hem, seu Perigoso?**
- Foi

2.11.N- Seu Perigoso

O caso da banana gigante

- Eu tava domano numa fazenda no Pantanal, chama fazenda Ronca Tripa, de um dottor. O dottor no dá armoço pra ninguém. Pessoar, fim de semana, foi fazê uma visita na fazenda, né, passá o fim de semana, dia de sábado. Aí ficava lá, com as perna cansada, numa cadera, né, esperano o armoço. Aí, a empregada levantava, (se levanta e começa a andar e gesticular) apertava a campainha, ficava lá, passava mais quarenta minuto, a empregada apertava a campainha e ficava com a perna cruzada, lá, esperano o armoço, de bota, né, guiação largo, a barriga dele tava roncano assim. Então, a fazenda, aí apilidaro o nome da fazenda: fazenda Ronca Tripa. Então, a fazenda chama Guaicuru, né, assim na praca, assim dela. Mais, ele num dava nada pra ninguém. Eu num trabaiava lá no dottor, né! Eu cumia, cumia... eu muntava na onça, cavalo, tudo...
- **Para o senhor, nunca faltou nada?**
- Ah, eu cumia ali, né. Tomava um leite. Banana era desse tamanho o cacho! (Com a mão direita erguida, mostra uma altura de uns dois metros) Era dois metro e vinte de artura. *Ranranran*. Era dessa grossura. (Faz um circulo com os braços) Uma pessoa num cumia uma banana. Aí, tinha que cortá com a motosserra.

2.12.N- Seu Perigoso

O caso do touro que desmaiou ao ver seu montador

- Então uma veis, na fazenda Boa Sorte, no Pantanal também, divisa c'a Bolívia, e c' o Uruguai, ali. Fazenda Boa Sorte...
- Ô, Seu Perigoso!
- Ô!
- Amanhã, é sábado, tem um torneio de espora. – Então, eu tinha uma espora maior que o pneu dessa bicireta, né, uma bota cano fino, trezento metro de bombacha, uma bombacha azul, uma faixa branca assim, aqui, né (passa a mão pela cintura mostrando o lugar da faixa) um guaiacão largo, uma gravata, aqui (passa a mão em volta do pescoço) de cor de onça, chapéu mexicano, daqueles fortão. Aí, né, trezentos domadô de Bela Vista, do Paraguai e lá da Argentina, né. Então, eu fiquei por último. Então, falaro:
- Vamos, agora é a veis do comandante Perigoso, vai chacuaiá uma espora! - Eu era invocado, tava com a guaiaca larga, né, trezento metro de bombacha, gravata de cor de onça, chapéu mexicano... Aí, muntei num toro daqueles guampudão, né, o guampo dele era de quase um metro. O cara abriu a portera, o toro dismaiô. Cum medo de morrê, né, desmaiô. Desmaiô, aí eu pulei pra trais. Escapei dele. Ninguém parava no lombo dele. Mais, deisde pequeno, né, eu era campeiro... no lombo de elefante, sucuri, tudo eu curria a ispora.
- **Tudo quanto é bicho...**
- Eu montava até em sicuri.

2.13.N- Seu Perigoso

O caso da bicicleta de 180 marchas, dos dentes e do relógio de ouro

- **O senhor não foi mais viajar?**
- Tava pro Rio de Janêro, esses dia.
- **É?**

- É, fui de bici... fui de avião, na vorta de lá pra cá, meu padrinho comprô uma bicicleta cento-e-oitenta marcha. O Leonel Brizola. É iguarzinho esse carro que tá parado ali, (aponta para o carro parado na rua) esse que você veio dentro. Entra no carro, fecha a porta, ergue os vidro, é de volante e amortecedor, né. Então, ali tem apareio de som, televisão e rádio amador. E tava escrito no pára-brisa, assim: Perigoso. E na frente da bicicleta tinha a hélice, né, uma hélice de avião a jato, né, pusero uma hélice. Então nós vei na bicicleta, empurrei ela uns cinco metro, entrei dento, fechei a porta, fechei os vidro, saí lá do Rio de Janeiro fartava noventa minuto pras treis hora da madrugada. Treis hora pras treis, né. Aí, eu vinha passano um rádio do Rio de Janeiro pra Campo Grande, falano: - O Perigoso vem vino aí, oh! – Falei: - Prepara o armoço aí, oh! – Que meu padrinho é o Lúdio Coelho, né, o otro padrinho. Quando cheguei em Campo Grande, ainda fartava quinze minuto pras quatro da tarde. Cheguei lá no Campo Grande, tava uma mesona daqui lá naquele muro lá (aponta para um muro do outro lado da rua, cerca de cinqüenta metros) cheio de carne, lingüiça, carne de galinha, cerveja, tudo, e era só pra mim. Comi tudo aquilo lá, né. A minha barriga tava dessa grussura (com os braços projetados para frente, simula um barrigão). Aí, fui pesá lá na balança, tava pesando cinqüenta e cinco quilo, e num sabe pra onde que foi aquela comida, sumiu tudo.
- **Sumiu tudo?**
- Sumiu.
- **O senhor comeu e foi como se não tivesse comido?**
- Eles pensô que era eu que cumi, mais num era eu, sabe? Era um, era um amigo meu que morreu na estrada, de desastre, né, onde foi machucado aqui. De desatre de avião.
- **Desastre de avião?**
- É. Quebrô meus dente, até hoje ainda... Na divisa do Uruguai c´a Argentina, o avião veio, veio, veio, caiu! Eu não podia vê, era tempo de chuva, tava relampiano. Era só oro. Mais num era esse oro amarelo, era oro bom, né, oro vinte. Bateu aqui e o piloto sigurô ne mim assim.
- Perigoso, se nós morrê, nós morre nós dois, junto. - Daí ele se sigurô. Eu falei:

- Não, nós num morre. Daí, nós caímo de ponta assim, o avião, zizzz, (com a mão direita reproduz a queda do avião). Daí, bateu e quebrô meus dente, quebrô tudo, só oro! O relógio. Quando acabava a luz da rua, o relógio crareava tudo.
- **De ouro?**
- Só oro. Oro cum diamante, né. O cara ofereceu:
- Ô Perigoso, te dô quinhentos mil dólar no seu relógio. Quinhentos mil dólar, cê pega agora esse mação aqui (faz com as mãos como se estivesse segurando um pacote). Falei:
- Não, esse relógio aqui eu não vendo ele. Esse aqui, quando acaba a luis da cidade, eu ligo ele e crareia tudinho isso aqui.

2.14.N- Seu Perigoso

O caso da festa de aniversário de uma senhora de 350 anos

- Então, eu tava com um projeto, veio um telefonema lá de Berlândia, pra passá o natal lá. Agora, nesse natal agora, Berlândia, né. Fazê um contrato, um contrato pr`um show lá em Berlândia. Falei: - E agora? Num posso. Num posso í porque segunda-fera agora tenho que í lá pra fazenda do Jarbas, né, no Panorama. Lá no Jarbas, no Panorama. Então, vai vim uma dupra dos Estadosunido pra tocá no aniversário da muié dele. Aí, eu tenho que tá lá pra presentá os cara, sabe, na hora do show. Na hora do show q´eu vô presentá os cara lá.
- **E o senhor fala Inglês?**
- Os cara vai vim tudo dento dum jipe, dento dum oratório de vidro, aí quando chegá a hora deles presentá o show, aí eu vô abri o vidro, aí eles vai presentá o show, né. Então, eu tenho que tá lá. Tem que sê eu, né, num pode sê otro.
- **E o senhor fala Inglês?**
- Quando é pra mim apresentá os cara lá é oitenta mil dólar. Oitenta mil dólar, né.
- **Bom salário, né?**
- É. Então, eu vô pra lá segunda. Vô vim só depois do natal, de lá. Ele veio ontem, ele veio de Campo Grande, passô aqui, parô o carro aí, eu tava deitado nesse banco, a menina oiô, falô:

- Pai, tem um home chamano o senhor. – Quase noitinha, oiei no portão, um cara. Falei:
- Pode entrá, aqui num tem cachorro. Cachorro aqui é só eu, né. – *Rárrárrárrárrá*. Aí, pois essa cadera aqui, falei: - O senhor num senta não, tá meio arrebetada e eu tô sem o fardo agora. O fardo é o goró, né. Aí, sentô aqui, (mostra o banco onde está sentado) a dona sentô ali, (mostra outro banco).
- Perigoso, nós tamo... é aniversário da minha muié, ela tá interano trezentos e cinquenta ano. Então, vô fazê um show lá pr'ela, vai vim uns cara lá do carcanhá do juda pra tocá e ocê vai presentá os cara lá na fazenda, sabe. Vai vim uns tocadô lá do Paraguai, de Assunção. Primero um tocadô de fole, depois que vai sê os paraguai, né. Já preparei quinhentas e cinquenta vaca pra carniá lá no show, né. Então, você leva tudo seus apareio pra presentá lá. Então eu vô de bota, de bota cano fino, trezentos metro de bombacha, com minha guaiaquinha de um parmo de largura, gravata de cor de onça pintada, chapéu mexicano e espora de oro, do tamanho do pneu dessa bicicleta (aponta para uma bicicleta, encostada no muro), um quarenta-e-quatro magnum, cabo branco, escrito: “Pirigoso”!

2.15.N- Seu Perigoso

O caso do convite para uma viagem de submarino

- Então, aí agora poco, eu tava lá no Banco do Brasi, né... Cheguei com a minha bota, (caminha estufando o peito) bota de cano fino, gravatinha pleibói, né, guaiaquinha pindurada. Entrei:
- Ô, Perigoso! Quero falá co senhor. – O moço do banco falô.
- Perigoso, quero falá c'ocê também. - O gerente do Banco do Brasil:- Quero falá co'ocê também. - Eu falei:
- Pera aí! Todo mundo quer falá comigo! - Até a dona do banco, lá. A dona que trabaia no escritório, bate máquina ali, né, qué falá comigo, também. Eu falei: Ô, eu vô ficá... eu num vô saí daqui hoje! Falô:
- Seu Perigoso, nós tem que fazê uma viaje pra Ingraterra. – Eu falei:
- Nós vai.

- Ingraterra. - Eu falei:
- Lá é longe, né. – Eu falei: - Nós vamo de submarino, por baxo do mar, né. Eu vô por baxo do mar, assim. Eu vô saí lá no Japão por baxo do chão.
- Tá jóia!
- Tenho o avião que anda por baxo d’água, né. Nós sai lá. - Eu sô piloto, fui piloto de tenente, do Zé Abrão de Alencar, piloto do avião dele, ia pro Pantanal, ia pra São Paulo, ia pro Rio de Janero, pro carcanhá do juda, aí. Fui piloto, então comigo não tem probrema, né.

2.16.N- Seu Perigoso

O caso da boiada que sumiu num buraco de mandioca

- Meu pai que tinha uma lavorinha aqui na fazenda Sampaio, seu Fernando, pai do Marcelo, quem vem de Sidrolândia, no tem um riozinho ali?
- **Tem**
- Pra lá um poquinho tem uma fazenda, tem os escritório, pra lá um pouquinho tem umas casa na bera da estrada, entra pra cá, né. (Aponta o caminho com a mão direita estendida, sinalizando para a direita) Então meu pai prantô ali. Setenta mil hectare o mandiocal. Setenta mil, né. Meu pai tinha quarenta trator cebetê. Prantô, gradiô, foi prantado tudo na prantadera. Ali põe o adubo e põe a rama por último. Prantô e largô, vinte ano. Um dia, andano pra lá, tava a dona Maria lá na farmácia:
- Ô, seu Pirigoso, para um poco aí! O Fernando qué falá com o senhor.- Falô: - Cê espera um poquinho aí, que ele tá comprano um remédio na farmácia.
- Nós no tamo apurado, nós espera. – Aí, o seu Fernando saiu com o Marcelo, né. Falô:
- Ô Perigoso, cadê seu pai? – Falei:
- Meu pai ta em casa. - Ele falô:
- Ocê avisa ele que fui dá um rodeio no campo, escoliê uma vaca pra carneá, e num achei uma vaca! Sumiu tudo! Sumiu vaca, sumiu cavalo, sumiu tudo. – De tarde, fui na casa do meu pai, no Cambaráí, falei:

- Meu pai – falei – o Seu Fernando mandô um recado pro senhor que sumiu tudo o gado dele, da fazenda. Tá tudo na fazenda do seu Alaor, lá do outro lado, perto do pilão. - Ele falô:
- Mais num pode! – Falei:
- Mais sumiu tudo, disse que é pro senhor í hoje.
- Ah, mais então cê me espera que nós vai junto. Cê vai cumigo. - O meu pai foi pono o arreio dele, assim. Que lá na fazenda, pega o cavalo da fazenda, né. Aí, foi pono o arreio, traçado, tudo. Aí, tô passano na fazenda, a dona Maria:
- Ô Pirigoso, vem aqui! – O pai e a mãe do Marcelo – Pirigoso, vem aqui! – falô: - Vem aqui, vem. Vem aqui na cozinha! – Cheguei lá na cozinha, tava aquele baita panelão de doce de leite. *Rarrarrarrarrá*. Falô: - Vem comê o doce aqui, rapais! – Falei:
- Não, vô só tomá um café aí.
- Tá bão. - Tomei o café, lá. - Aí eu falei:
- Já vô agora, que eu tô meio apurado, hoje eu vô no campo com o meu pai, vô o gado. Amanhã é domingo, eu num vô trabaiaí, né. - Aí, fomo. Chegano lá, meu pai encostô na bera do triângulo, né, e vimo um bezerro do otro lado do corguinho da fazenda, ali. Era como daqui lá no cimitério. (Distante) Eu dei um grito lá e a boiada surgiu e entrô num buraco assim. Aí, nós vimo que a raiz da mandioca entrô ali, saiu do otro lado e ficô tudo oco e a boiada sumiu ali, varô o triângulo e saiu lá na fazenda. Dava dois mil-e-quatrocentos metro longe o comprimento da raiz da mandioca.

2.17.N- Seu Perigoso

O caso da chuva de lambaris

- Agora, esses dias, sabe, eu tinha uma chacrinha aqui, conhece o Quebra-côco?
- **Sei.**
- Que vai pra usina Pantanal. Eu tava com o rádio, tava sentado na varanda da casa minha, lá. Aí, deu um relâmpo, né, deu um susto, e a *trec*, deu um truvãozão que tremeu o chão. Aí, eu falei: - Vô disligá o apareio, senão queima. - Deu uma

chuva, o nome da minha chacra, chacra Boa Sorte, aí pusero o nome da minha chacra de chacra do Lambari. Deu uma chuva de lambari, quaiô o cerrado de lambari, olha o tamanho dos bagual. (Sinaliza com as mãos, sessenta centímetros, aproximadamente) Era chacra Boa Sorte, depois era chacra do Lambari. Aí o pessoal de Sidrolândia tava sem comê peixe, tava tudo quebrado, não tinha peixe, tava tudo fechado, e aquele calor brabo, eu falei: - Se quisé lambari arruma quarenta trator com carroção, pode buscar lambari lá. - Óia! Deu uma chuva que quaiô aquele coqueral de lambari. Ói o tamanho dos bagual. (Repete o gesto) - Eu falei: - Pode buscá, pode buscá, deixa pra mim só uns dez lambarizão. - É só eu, a minha mulher morreu, né, e um home que mora aqui e otro ali e o guri meu, que mora aqui junto cumigo, a otra mora em Jardim, a otra ali no rio. - Então, um carroção de lambari perde, né.

- **É, fica fedendo, né?**
- É, então, então o pessoal juntaro lambari lá e apelidaro: “Chacra do Lambari”, do Pirigoso. Então pusero a praca, na entrada que vai pra usina Pantanal.

2.18.N- Seu Perigoso

O causo do chapéu pára-quedas

- Então, meu chapeuzinho pequeno com mais-o-meno dois metro e meio de artura...
- **O senhor continua furando poço?**
- Meu chapéu tá aí dentro, ali oh! (Aponta para dentro da casa)
- **Tá aí dentro?**
- É, quando eu vôo de avião e o avião tá quereno cabá a gasolina, né, tá quereno cabá, então aquele lá é um pára-queda bão, né. Eu e o piloto, né. Se nós tamo voano e exprodí lá em cima né, qualquer coisa lá: - Fica perto de mim, aí, hem. Qualqué pobrema que dé no motor aí, nós desce nós dois pra baxo. – Aí deu um pobrema no motor, nos dois motor. Tava com trezentos e oitenta pessoa, vinha lá do Peru. Deu pobrema lá e o piloto grudô na minha cintura. Daí, eu tinha um cinto muito grande, cento-e-quarenta metro de cinto, o cara grudô assim no meu cinto e pulamo nós dois pra baxo, o pára-queda era meu chapéu, né. E o barbicacho

- **Sorte que o senhor tava de chapéu.**
- Sorte que tava de chapéu mexicano. Só quando eu saio de avião, vô pra Nova York, Buenos Aires, eu levo meu chapéu, é pára-queda, né.

2.19.N- Seu Perigoso

O caso bicicleta de 180 marchas 2

- Então esses dias, em Bela Vista, um temporal brabo, né. Um temporal... aquilo vinha caíno mato, vinha caíno pedra, assim. Aí, eu reduzi essa bicireta, aí, parô um carro bem na vorta assim, oh, e trancô eu. Cê sabe o introncamento da políça, né, pra lá de Jardim, que vai pra Bela Vista, num tem uma casa azul lá?
- **Tem.**
- Pois é! Ali o cara me fechô, ali:
- Perigoso, pára aí! - Fiquei trancado na estrada, no asfalto ali. A chuva derrubô tudo, o vento. Do jeito que eu vinha na base de uns mil-e-oitocentos por hora, né, de bicireta, a bicireta bateu naquela gaiera de pau, avuei por dentro das nuvem, assim! Dei treis vorta em Jardim pra matá a carrera da bicireta. A bicireta queria descê pro lado do Paraguai, pro lado do Paraguai, de Assunção...
- **Sei.**
- E eu freiava essa bicireta e corria a espora nela, assim, porque ela tava quexuda, né. Custei quilibrá essa bicireta. Ela não é assim de guidão, é de volante, e o freio dela, tudo, é no pé embaixo, tudo é no pé, embaixo. A bicireta, os aparei dela é tudo parei de avião, né, o maquinário dela. No é dessas bicireta aí.
- **Coisa moderna...**
- É fabricado no estrangeiro, né.
- **Sei, moderna.**

- O cara já fabricô na fábrica lá e já pois o meu nome, né: “Perigoso”! Né. Fabricô meu nome, lá. Com letra de oro gravado e eu muntado na bicicleta. Cento-e-oitenta marcha.

2.20.N- Seu Perigoso

O caso do contato com o presidente

- **E assombração, o senhor não encontrou com mais nenhuma?**
- Não. Encontrei com o ..., tive um contato com o presidente, mas não é o Lula, não, é o otro presidente:
- Ô, Pirigoso!
- Oi.
- Tudo bom?
- Tudo bom.
- Quero fazê um contato com você. – Ele falô.
- Pode falá.
- Nesse natal agora, quero fazê uma caçada de onça e quero que você vai cumigo. Falei:
- Pode í em casa. Em Maracajú, o telefone meu é quatrocentos mil e oitocentos e setenta e oito. Fala com o Porigoso! - Meu telefone é grandão. Meu telefone é gravadô, é rádio amadô, é televisão, tudo num só. Então ele quer fazê um contato cumigo lá no Amazonas, sabe.



Causos de Seu Oscar

3.1.A- Seu Oscar

O caso da cheirada da onça

- Um dia eu cismeí, separei do meus cumpanhero, né. (pausa para despedida de um senhor da roda) Eu separei do meus cumpanhero porque nóis ia, ia tê que batê, segurá umas ronda, com boi, essas coisa, né. E eu num quiria passá acordado a noite intera e então, eu falei:
- Bom, eu vô separá. Eu vô dá o cano no meus cumpanhero. - E saí. Eles fôro pra lá e eu fui ficano pra trais, prá trais. Vortei, né. Eles sumiro, né, de noite. Aí então, tinha um coxo de pôr sar e cheguei ali e falei:
- Ah! Acho que eu vô durmi um poco. Aqui, dentro desse coxo, né, vô deitá aqui. - Aí, tinha uma moitinha assim, eu amarrei o cavalo lá. E vim e deitei no coxo e puis a cabeça, assim, na cabicera dele e fiquei deitado de barriga prá cima, né, porque num dava, ele era meio estreito, num dava pra mim tá virano pra lá e pra cá. O luar estava claro. Certamente eu durmi ou passei por uma madorna, num sei. E a onça veio, né. Só que ela ficô com nojo, decerto, de me comê, né. E ela ficô cherano assim, minha cara, aqui, meu rosto, (passando a mão pelo rosto) né, mexeno o nariz assim. Mas, eu tava durmino e ela só num quis me comê porque eu tava durmino. Porque a onça num come nada morto, né. E a gente tano durmino, tá morto, né. Mais, ne uma daquela, eu acordei, né. Eu abri a vista assim e senti aquele negócio frio aqui. O nariz dela, assim. Eu só virei assim, olhei, baita cachorrão. Ah!, aí, eu pulei sentado assim, e num podia gritá, era preciso gritá e eu num podia gritá, né. Pulei assim sentado e raiei com ela. Aí, eu vi ela saí assim e foi embora. Falei:
- Bão, vai cum Deus! - *Rérrérré*. Ela num quis... - Cê num quis me comê, agora cê num vai me comê mais. - Aí levantei, peguei meu cavalo, muntei e eu sabia onde que o pessoar, os cumpanhero ia ficá, né. Fui embora encontrá os cumpanhero.

3.2.A- Seu Oscar

O caso da onça que foi perseguida

- Da outra vez foi assim: foi correno, né. Eu ia correno uma reis e saí em cima dela. Aí, ela acompanhô a reis e ela... num era mato, era, assim, bambu e aí ela saiu no limpo. Ela saiu no limpo junto com a reis. Aí, eu dei uma pensada, aí eu voltei:
- Desde pegá a reis, vô vortá lá.
- **Aí o senhor laçou a onça?**
- Num lacei, não. Aí eu curri atrais dela um pedaço. Mais, só que o cavalo, tamém ele tem medo do bicho, né. Ele num chegava, assim, perto, pra mim jogá o laço. Aí, eu curri mais-o-meno uns duzentos metro, assim. Era limpo, limpo, assim. Só que isso, esse lugar, era lá perto de São Luis de Cáceres, né, perto de Poconé, do outro lado do rio Cuiabá. Fazenda São João. Aí eu curri uns duzentos metro, assim, mais pensei melhor, falei:
- Não, meu serviço num é esse, né. Vô laçá essa onça, quando dá no fim do laço, o que que vai acontecê? Ela vai vortá e ela vai querê me encrencá, ela vai me matá, né. - Que eu tava desarmado, até num tinha levado o revórver. Falei: - Dixa ela, vai embora, vai. Cê num tá me incomodando. – aí larguei ela. Foi embora.

3.3.A- Seu Oscar

O caso do negro Belo Onça

- Nós trabalhava a noite, né. Só quando tinha lua, né. Luar. Então, nós vinha durante o dia, trabalhava durante o dia. Então, nós tinha uma cota prá pegá o gado. Nós tinha que pegá setenta, oitenta reis por dia, né, prá podê í imbora. Então, se nós num compretasse durante o dia, tinha que compretá com a noite, né. Mais tinha, aí tinha o home que levava a .bóia pra nós, a janta lá no campo, né. Marcava o lugar prá encontrá. Aí, nós marcamo o lugar pra encontrá e fomo. Aí, nós no completemo a cota durante o dia, fomo esperá ele lá. Nós entremo, tudo, ele pegô a vasilha, foi embora e nós fiquemo esperano a lua nascê. Porque no escuro, a gente num vai enxergá, né. Aí, nós era oito. Aí, nós deitemo tudo,

- assim, na grama, debaixo de um pé de árvore. E tinha um corixo e tinha um preto, na nossa turma. Então nós deitamos ali, a gente tava com sono. Nós dormimos, dormimos, todo mundo dormiu. E ela veio, viu! Ela veio e passou por cima de nós. E tinha um rapais, assim, que era inclusive, que era, que é meu amigo, ele tá vivo ainda, ela pisou na barriga dele, ele acordou e olhou, assim, e gritou, falou:
- Cuidado que é onça! - E o preto tava, assim, na minha direita. Quando gritou, cuidado que é onça, esse preto pulou daqui e subiu numa árvore. Daí, ela caiu no corixo, assim. Só que esse dia, eu tava armado, tinha levado meu revólver. Aí, nequi desceu, e ela ia abrindo roda, peguei e dei dois tiros nela, mais num acertei. Ela saiu pra fora e correu. Aí eu falei pro preto:
 - Mais rapais! Porque você subiu no pau, rapais? Ele falou:
 - Ah, Oscar, onça diz que gosta de preto. - Ele chamava Belo. Aí nós apilamos ele de Belo Onça.

3.4.A- Seu Oscar

O caso da briga da onça pintada com a onça parda

- Um dia nós vinha vindo. Nós fomos em Aquidauana embarcar uma boiada. Nós vinha de volta. Então, nós ia cruzando, assim, um capão, escutamos um rumor isquisito. Mais, isquisito mesmo, aquela coisa!
- Mais o que será que é isso, hem?
- Num sei.
- Ah, vamos ver o que que é? O dia tá claro o que que pode ser?
- Vamos. - Aí, viemos, fomos. O rumor tava, assim, na beira de uma cerca, dentro dum mato, no meio do mato.
- Vamos apressado! - Aí, apressamos, corremos pra lá. Aí, tinha um capataz, era um moreno, bem moreno, quase preto. Aí, ele olhou a gente, falou:
- Ói Oscar! duas onças, tá brigando. - E falou. - Uma é pintada e a outra é parda. E agora? Vamos deixar elas brigando, né? Num vamos mexer com esses bichos. Nós estamos aqui a pé, se ela vem de lá! Onça num tem dó de ninguém, não. O mar dela é mata. Nem que ela num come, mais ela que é mata.

3.5.A- Seu Oscar

O caso da onça que atacou um touro

- Uma vez, eu ia ino assim no campo, ia eu e o delegado, até delegado de Aquidauana, ele era muito amigo do meu pai e ele foi lá na fazenda e nós ia ino pra... então, nós ia ino assim, tinha o córgo, tinha um goiabar, né. E nós ia costeano o goiabar. Nós vimo um touro, um touro, ele saiu do goiabar e ia costeano assim, nós paremo. Paremo e ele parô e olhô pra trais, aí deu um ronco assim, e seguiu e saiu uma onça, né, mais só que era uma onça pintada memo, grandona. Saiu atrais dele, devagarzim, aí o delegado falô:
- Para aí. Vamo vê que ela vai pegá aquele touro. Vamo vê como que ela fais. – Tá bõ. Fiquemo parado, ela vino, fiquemo olhano, olhano. Ela foi, ela foi, andava um poquinho ligero, parece que ela tava pisano em ovo. Aí quando chegô assim numa distância como aí, ela encoieiu né. Ela encoieiu e ela pulô assim de a cavalo no lombo dele. Ela pulô e, ela pula e mete a unha assim no lugar da laringe dele e puxa, ela é um bicho de muita força, ela quebra o pescoço do animar. Ela puxa, quebra o pescoço, ele cai, aí ela pula pra trais, né.
- **É, ela é traiçoeira.**
- Ela é traiçoeira.

3.6.A- Seu Oscar

O caso da onça que matou uma vaca

- Uma vez eu achei assim, num era no Pantanar, era aqui, pro lado de Bonito. Bonito! Guaicurus, aqui, Bodoquena, e o patrão arrendava um campo aí e eu vim aí, cuidá uma boiada e era murraria, e eu tava sozinho, e eu achei a batida dum gado que correu assim. Eu falei:
- O que será que foi? – Esse gado assustô, né. Mas, eu acumpanhei aquela batida, acumpanhei, acumpanhei, ele subiu o morro, um morrão, ele subiu o morro e eu subi a batida. Quando ela foi descê, eu vi uma vaca lá, morta, uma vaca, tava de barriga pra cima, iguar como se fosse gente. Aí, eu cheguei pertim dela, olhei

- assim, ela tava cumida, assim, no peito. Só no granito, né. Porque a onça gosta daquilo que istrala no dente dela, né. Ela come... às veis ela come só o granito memo, que é gordo, né. Aquela gordura dura. Aí, eu fiquei oiano, oiano. Eu quis apeiá pra í olhá, aí, eu pensei:
- Não. Eu num sei se esse bicho tá por aqui. - Tá certo que eu tava armado, mais, num vô cunfiá tanto no meu revórve, não. Aí eu pensei, falei:
 - Não. Se ela tá aí, muitas veis ela anda de dois e muitas veis elas andam até de quatro, né. - Porque quando a fêmea tem os gatinho, né, depois de quanto? De uns... daqui dois ano, três ano, né, ela pega as reis e insina os filho cumo que pega, cumo que fais, cumo que não fais. Então, eu falei:
 - Não. Pode ficá. Eu vô imbora.
 - **Não facilitou, né?**
 - Não! Não, não. Num dá pra facilitá, é perigoso. A onça pintada, ela num tem... ela num tem dó de ninguém não. Ela num tem piedade de ninguém.

3.1.B- Seu Oscar

O caso da sucuri que morreu abraçada com a galinha

- Eu trabaiava na fazenda. Tinha um jirau, assim, que galinha durmia ali em cima, né. De noite, ele veio, mais ele num era grande, não. Deveria tê, assim, uns cinco metro. Num era muito grande, era filhote. Ele veio e eu num sei como que ele subiu no pulero e ele pegô uma galinha, né. Ele pegô a galinha e a galinha gritô e, e ele enrolô e caiu. E eu tava deitado, com o Venâncio lá no quarto, escutei. Ele falô:
- Mais o que que é isso será, né? – Falei:
- No sei. - Levantei, peguei a lanterna, o revórve e saí. Mai saí mei descunfiado, né. Devagarzinho porque ixiste muita traição sobre isso, né. Tem muita gente que no gosta da gente e a gente no sabe, né. E o cara vem lá, pega uma galinha, fais ela gritá, a gente sai e ele acaba matano a gente. Mais aí, eu saí na porta da cunzinha, foquei a lanterna, num vinha ninguém, aí eu falei:

- Não. Isso daqui é cobra– Vortei. E eu tinha uma criva, e um cabo. Porque o sucuri ele só morre se furá a cabeça dele, né. Aí eu peguei aquela criva, finquei na cabeça dele e correu o sangue. Ele num güento.
- **Teve que acertar a cabeça.**
- Porque o sucuri, se cê for cortá ele no meio, se cortá e ele ficá pregado assim no coro, sem por nada, ele cola outra veis. Num morre, não. É só na cabeça prá matá ele.

3.2.B- Seu Oscar

O caso da sucuri que pegou um boizinho

- Sucuri, ela é traiçuera tamém. Era um boizinho. Ele tava bebendo água e ela vem por baixo d'água, ele num incherga. Aí, ela chega assim, põe a cabeça pra fora e fica, né. Se a distância tá bão, ela pára ali e fica, se tá meio longe, ela baixa, some e vem mais perto. Aí, ela levanta a cabeça, aí tá na medida dela, aí ela pula, ela pula, aí ela já dá duas volta. Dá duas volta daquela, quem é que iscapa? Mais nunca mais ninguém iscapa dela.
- **E assim foi com o boizinho?**
- Foi com o boizinho.
- **Pulou no boizinho, pegou.**
- Pegô, pegô ele aqui assim na nuca, deu duas vorta nele.
- **E já começou a engolir?**
- Não.
- **Não comeu?**
- Ela num come assim na hora, né. Ela, ela quebra tudo ele, quebra ele e ispicha ele. Ele fica tudo quebrado, ispichado. Aí, ela abre a boca dela e cumeça a babá, né. Ela baba, cumeça a babá ali pela trasera dele, tudo. Baba, baba, daí que ela vai cunseguir a ingoli ele. Mais ele tá ispichado já, tudo quebrado e a boca dela parece uma borracha, né, cabe tudo.

3.1.C- Seu Oscar

O caso do cachaço que cortou seu caçador

- Nós fomos no campo e tinha um rapais, um tar de Roque, até cobra matô ele. Ele era muito meu amigo, o Roque, nós trabalhava junto. Aí, nós ia ino, achemo um cachaço e o pião da fazenda é iguar criança, né:
- Ah! Cachaço aí, vamo caçá ele? - Saiu coreno ele, o Roque laçô ele, laçô ele e apeião do cavalo e foi pra pegá na perna dele e o porco virô de lá e viu ele, e ele foi corrê e, inroscô no laço e num pôde corrê, e o porco veio, ainda bem que pegô ele aqui na batata da perna.
- **Sei.**
- Quando deu aquela pernada assim, já...
- Ah, na hora. Se fosse aqui incima na barriga
- **Sangrando**, tinha murrido, né. É um bicho muito pirigoso, muito. Eu tenho mais medo do porco do quê da onça, né.

3.2.C- Seu Oscar-

O caso do dia em que o caçador montou no porco-monteiro

- Lá no pantanar tem muito, (porco-monteiro) né. De repente ele saiu na minha frente. Ele saiu, e ele... eu tinha um cachorro, grande, e ele era cachaço também. Ele saiu e correu e eu corri atrás dele a cavalo e pus o cachorro, né, e o cachorro pegava. E o cachorro pegou ele da oreia e o cachorro é muito prático, né, e o cachorro pegava e incostava nele assim. Ele num podia cortá o cachorro e eu tinha cunfiança no cachorro, né. Quando o cachorro pegô ele, eu pulei do cavalo e fui pegá ele da perna. Peguei ele da perna, derrubei ele e juelhei cum esse juelho isquerdo aqui, (segura no joelho esquerdo) aqui no pescoço dele. Só que eu tava armado, tirei o revórve daqui (finge puxar uma arma de trás da cintura) e infiei bem aqui (aponta para a sua própria cabeça), eu discuidei naquela hora, num sei o

que que foi, o porco deu uma isperniada e levantô. Levantô e eu saí muntado nele, né.

- **No porco?**

- No porco, né, sem querê aquilo. E saí cum a cara virada pro rabo dele, né. Mais do jeito qu'eu saí, né, ele era menor do que eu. Eu saí pra lá, né, saí e virei, já virei cum o revórve na mão, e ele veio em mim, né. Ele veio e ele ia me cortá , né.

- **Voltou de novo?**

- Aí, quando ele chegô em mim cumo daqui aí, (aponta um metro à frente) eu atirei ele bem na testa, mas só que... e o cachorro tava lá. Só que a bala num entrô na testa dele. Ela pegô e ricocheteô e pegô o cachorro assim na mão, dele. Gritô porco, gritô cachorro, né. Aí o porco saiu, né, aí o cachorro quis de pegá ele, eu num dexei, gritei cum ele, ele vortô. E foi imhora.

3.3.C- Seu Oscar-

O caso porco-monteiro saltador

- Nós ia ino, nós era dez home, ia ino e tinha um lá, tinha uma lagoa, né, sêca, e ele tava lá. Ele era grande:

- Ah! Vamo laçá ele, operá ele. - E ele era bravo, memo. Nós ia ino, quando nós viramo pra ele, ele virô e veio. Ele veio roncano memo pro nosso lado e nós c'aquilo. Corremo, corremo e tinha um rapaz chamava Parício. Ele, ele meio que abriu de nós, assim, e o porco acumpanhô ele. Porque o porco é assim: se ocê tá parado ele vem, ele trompa na gente, ele num corta, né. Mais se ocê movimentá, intão aí fica no jeito pra ele... E ele arcançô o Aparício. Isso é coisa que eu nunca tinha visto na minha vida. Ele pulô assim de cruzada, ele sartô lá incima, ele pegô o cavalo lá incima na cadera do cavalo, mais aí ele abriu um táio muito grande. Mas abriu memo.

- **E o cavalo saiu doido?**

- Não, c'o cavalo num acunteceu nada c'o cavalo.

3.1.E- Seu Oscar

O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão

- Tinha uma fazenda e tinha um guri, uma criança de sete, seis ano, sete ano. Eles foro andá por lá e a criança foi. E essa criança sumiu. Sumiu e eles andaro, andaro, no acharo a criança, vinhero embora. No otro dia, foro procurá a criança. Cadê? Nada, no acharo. Passô oito dia, eles andano, aí eles acharo o rasto do guri, assim, que desceu um curixo. Falô:
- Ele tá vivo, ele tá andano por aqui. - E aí, eles vinha vino, eles era bastante cavalero, né, eles viro, eles arrudiaro o capão assim, eles viro o guri que ia láa longe. Saiu daqui desse capão pra í naquele otro. Aí, eles trupelaro, acercaro o guri, pegaro o guri. Mais o guri, tava c'a mesma ropa, tava limpo, num tinha nada. Aí perguntaro pra ele:
 - Mais escuta? Quem é que dava bóia pra você? Que que ocê cumia?- Ele falô:
 - Ninguém me dava bóia. Eu só cumia mer.
 - Mais quem que dava esse mer pra você?- Ele falô:
 - Era uma anta.
 - E com quem que você durmia?- Ele falô:
 - Eu durmia junto com a anta. – Aí levaro ele.
 - **Isso foi em que fazenda?**
 - Birinice, né. Foi na Birinice.

3.2.E- Seu Oscar

O caso dos namorados que foram atacados pelo Lobisomem

- Tinha um paraguai, ele morava aqui em Tonai, uma istação que tem. É um povuado, até tive lá, semana passada eu fui dá um passeio lá. Ele chama Orélio Palácio, eu num sei se ele já morreu, ele morava em Campo Grande. Daí, ele morava... ele morava lá numa chácara e ele namorava uma moça aqui. Intão, uma noite ele veio vê a moça, a namorada, e ele falô que ia ino de noite, largado numa rua lá meia isolada, saiu um bicho pra ele. Um bicho preto. Bicho saiu e veio. E

esse bicho quiria vará no vão da perna dele e ele pulava pra lá, pulava pra cá, rancô revórve, deu seis tiro nele, num acertô nenhum. Até que o bicho injuô, num pôde vará o vão da perna dele, foi imhora. Aí ele me falô que era o lobisome.

3.3.E- Seu Oscar

O caso do rapaz que virava Lobisomem

- Tinha um otro senhor lá, meu pai tinha uma chácara, lá nesse lugar, né. E tinha um otro home lá, até diz que ele morreu agora. Ele era ferrero, carpintero e chamava Armerindo. E tinha um rapaizinho, ele morreu também, ele chamava Mané, de Manédson. Ele era, assim, meio bobão, assim. Ele diz que virava lobisome. E aí diz que virô lobisome e veio na casa desse Armerindo. E os cachorro bateu nele e o Armerindo levantô de noite e pegô a ispingarda e saiu. Foi cum a lanterna, ele tava lá. Ele atirô ele. Atirô, era ispingarda de chumbo e o chumbo era meio fino. Parece que andô pegano nele assim, meio na orelha, mais num matô ele. Ele foi imhora. Aí o Armerindo descubriu que era esse Manédson que vira lobisome.
- **Porque no outro dia ele estava com a marca de ferimento?**
- Ele tava. Ele foi, tinha um farmacêutico lá, chamava Antônio Rocha, até tem um filho dele que mora bem aí nessa rua, ele foi lá curá. E por aí que ele descobriu que era ele, né.
- **Estava com a orelha machucada?**
- Tava. O chumbo era fino, num matô ele.

3.4.E- Seu Oscar

O caso do rapaz que não teve coragem de atirar no Lobisomem

- Tinha um rapais, ele morreu até, ele trabaiava c'um cunhado meu, que era casado cum minha irmã.
- **Sei.**
- Ele já morreu também, esse meu cunhado e a minha irmã também já morreu. Intão, ele tinha um rapaz, chamava Totó. Era um... ele era preto, fazia muitos ano que esse cara trabalhava cum ele, e um dia ele viu uma cachorrada descê assim. Aquela cachorrada acuano, latino, latino. Intão, ele pegô a *flobé* do meu cunhado e foi. Vê o que que era. Chegô lá, ele falô que era um lobisome. O lobisome incostô assim no muro e a cachorrada ficava rodiano ele e latino.
- **De noite isso?**
- De noite. Mais, ele falô que num teve corage de atirá o bicho.
- **É uma espingarda, a arma que ele pegou?**
- É, uma *flobé* bala, né, vinte e dois.
- **Sei.**
- Ele nem teve... ele falô:
- Eu num tive corage de atirá Oscar. Porque, diz que se a gente atirá ele no mato, ele vira gente. - Falei:
- Ué! Mais aí, se ele virasse gente, ocê cabava de matá, ué! - Falô:
- É. Mais eu num quis fazê isso.
- Tá bom.

3.5.E- Seu Oscar

O caso do Lobisomem que foi capturado no quartel

- Outra veis foi lá no quarté em Campo Grande, né. Intão, oviro um baruio feio de uivo do lado de fora. O comandante falô:

- Sordado dá uma andada por lá. – Intão, sordado é iguar cachorro, só anda de lote, né. Intão, eles vinham vino. Ia ino pro quarté, eles íam passano perto do cemitério e saiu um lobisome pra eles. Daí o lobisome veio neles, mais eles eram bastante, eles num assustaro, eles correro atrás do lobisome. Correro e o portão do cimiério tava aberto, o lubisome entrô no cimitério. Entrô e eles entraro atrás e o cimitério é murado e, vai um daqui, vai otro dali, eles incontraro ele num canto e pegaro ele. Pegaro ele e levaro.
- E era iguar cachorro? (irmã de seu Oscar)
- Diz que era um cachorro, né, era um cachorrão preto e piludo, né.
- **Prenderam ele e ele não se transformou?**
- Não. Num transformô, num dero tempo, né.
- **E ele fugiu?**
- Diz que a oreia é grande, né.
- **E mataram ele?**
- Não. Num mataro não. Levaro ele pro quarté e lá num sei o que fizeram dele. Quando nada, mandaro sortá, né. Cumandante num ia deixá matá, né.
- **É. Existe muita estória por aí que gente não sabe explicar.**
- Tem. Eu num acredito muito nisso, mais isso aí pode ixistí, né.

3.6.E- Seu Oscar

O caso do homem que viu um Saci

- Do saci, eu já ouvi falá muito nele. Mais no cheguei de... nunca vi ele ao vivo, né. Mais, quem viu já me falô isso.
- **Como foi?**
- Que o saci, diz que ele assobia, né, e ele assubiava e ele aperseguia esse home. Aí, um dia o home viu ele. Diz que ele, ele é um bichinho, bem ruivinho, bem loirinho. Ele tava assim no arame, sentado, balanceano.
- **E ele não fez nada?**
- Não. O home num feis nada. Olhô, olhô e deixô ele. Foi imborra.
- **O saci faz o quê?**

- Ele, ele, pra gente diz que ele num fais nada não. Ele dá um assubiu muito forte, né.
- **Para assustar a criação?**
- Assustá a gente, memo.
- **Ele gosta de assustar?**
- È, de assustá. Mais ele num ataca, não.
- O saci será que é gente? (irmã de seu Oscar)
- Não. Pelo que o home falô, é um bichinho, né, parece um macaquinho, né, bem loirinho, piqueno, assim ele me contô. Mais, eu nunca cunseguia vê ele, ao vivo não e nem nunca vi ele, também, assubiá. Até morei na fazenda, aqui em Bonito, sozinho na fazenda lá. Morava sozinho. Tinha época que tinha uma secretária, né, cozinheira. Cozinhava e limpava casa. E tinha época que num tinha ninguém, era só eu e Deus, mesmo. Eu iscutava assubiano pássaro, dava aquele assubiu longo, mas eu nunca acriditei que fosse saci, porque tem, tem um passarinho também que assubia, né, iguar o saci, diz. Eu nunca fiquei cum medo, nada. Disso, eu num tinha medo não.

3.7.E- Seu Oscar

O caso dos peões que ouviram os gritos do Pai-da-mata

- Uma noite, nós fomo vê o meu patrão. Ele tinha mulher lá e aí levô a mulher dele. Então, nós tinha nosso acampamento. Era longe da fazenda. E tinha otro acampamento, né, de otras pessoa. Então, um domingo, ele falô:
- Óia, eu vô lá no acampamento desse home. - Aí, ele pegô o cavalo pra ele, a mulher e fôro. Então, fôro. Quando eles vortaro, era já tarde, e o gado lá era, assim, um gado sorto, sabe? Num conhicia gente. Então, tinha um tôro deitado, um tôro preto deitado bem no caminho. E, o tôro num quis levantá, né. Cumo ele tava c'á mulher, ele ficô quéto, né. Aí ele parô, falô pra ela: - para aí! - Parô e ficô olhano. E nessa hora, veio um bando de porco, quexada, por detrás dele. Aí, o que que podia fazê, né. Ele num podia í nem pra frente, nem pra trais. Aí, ficô quéto ali, né. Ele ficô quéto até que o quexada resorveu saí. Foi embora. Aí, quando foi

- Vam bora!
- Vam! - Aí nói viemo. Era uma mata muito... uma mata meia deserta, assim. Aí, nós viemo. De repente, eu escutei um grito. Ele tamém escutô e os o cumpanhero escutô. Aquele grito assim, na nossa direita, dento da mata. Mai, ninguém falô nada. Ficamo todo mundo quéto. Aí, deu o segundo grito. Quando eu ouvi o segundo grito, eu sô meio, num acredito nessas coisa. Eu parei, falei:
- Ô! Escuta! Para aí. Ceis escutaro dois grito?
- Escutemo.
- Vamo respondê que é arguém perdido.- Aí o patrão... Aí, ele falô:
- Não. Num responde não. Vam bora! - Aí tocamo. Aí, tinha um curixo grande, assim, cheio d'água. Aí nós travessamo. Ele falô: - Bão, agora aqui nós já escapemo, porque isso que gritô aí, ele num travessa água, viu? - Então, esse eu escutei. Esse foi fato.
- **Era do pai-da-mata?**
- O pai-da-mata.

3.8.E- Seu Oscar

O caso do peão que duvidava do Pai-da-mata

- Eu trabalhei aqui na bera do rio Cuiabá, quase na barra do rio Cuiabá c'o São Lorenço. Eu trabalhava c'um home, até nem num sei se ele já morreu, ele chamava Bianor Lopes, ele pegava gado baguar assim, serviço muito grande.
- **Sei.**
- Intão nós trabalhava assim... tinha uma cota, né. Ele falava:
- Olha! Nós tem que pegá hoje setenta reis pra nós vim imbora. Falô:

- - Vamo pegá... - Nós era oito, né. Muitas veis nós num achava o gado durante o dia, né.
- **Sei.**
- Intão, quando tinha lua, nós trabalhava à noite cum a lua, né, porque se num tivé lua a gente num vai inxergá, né. Aí um dia nós... ele falô pra nós:
- Ah, vamo discubri aqui essa região, nós nunca fomo aí.
- Tá bom. - Aí nós fomo.
- **E aí Seu Oscar?**
- E aí nós fomo. Aí, trabalhemo lá até uma certa hora da noite, aí ele falô:
- Vam bora? - Aí eu falei:
- Vam bora, ué. Vam bora. - Aí nós vinha vino. Só que era... era só morro, mato. Nós vinha vino um atrais do otro. Ele vinha na frente e tinha o capatais, vinha atrais dele, eu vinha mais atrais. Aí, iscutemo um grito. Deu um grito assim mais pra direita da mata. Aquele grito, memo. Duro. Firme. Ninguém falô nada, todo mundo ficô quéto. Aí fomo ino mais um poco, aí mais-o-meno duzentos metro deu outro grito. Aí, eu sô muito abiúdo, né, falei:
- Oh, pára, pára! Ocêis iscutaro esse grito? – Aí o, o patrão falô:
- Fica quéto Oscar! Fica quéto! - Falei:
- Porque que eu vô ficá quéto. Tá gritano aí. É gente perdido. - Ele falô:
- Que gente perdido o que, rapais! Isso aí é pai-do-mato. - E eu tamém sô um poco gozador, falei:
- É, Seu Bianor, onde o senhor já viu mato tê pai? Mato num tem pai não. - Ele falô:
- Rapais, fica quéto, esse troço num é deste mundo. - Eu falei:
- De que mundo que é? - Ele falô:
- É de otro mundo. - Eu falei:
- E aonde que tem otro mundo? - Eu falei:
- Eu num acridito nessas coisa, não. - Ele falô:
- Porque que você é discrente das coisa? - Eu falei:
- Aí é só Deus que pode me falá isso. Eu num sei porque eu sô discrente de certas coisas. Eu num acridito nisso. - Falei pra ele. Ele falô:

- E no que que ocê acridita?
- No que que eu acridito? Eu acridito naquilo que eu vejo, não naquilo que eu num vejo. - Ele falô:
- E você acridita em Deus?- Falei:
- Acridito. - Ele falô:
- E você já viu Deus alguma vez? – Falei:
- Ao vivo não, né. Nem eu, nem ninguém nunca viu, nem vai vê, né. – Falei:
- Ah, falá que é o pai-do-mato. Se é o pai-do-mato, que que é que ele veio fazê aqui cum nós? Que que ele veio? Nós somo oito aqui. Se ele é, ele é um só. - Ele falô:
- É, num adianta teimá cum você. Você é mais teimoso do que burro chucro. - Tá bom. Ele falô:
- Vamo imbora. - E tinha assim um coricho, né. Falô:
- Vamo travessá essa água porque se ele vié, ele num travessa a água. - Falei:
- É. Que bobage sua. – Aí, travessemo o curicho, fomo imbora. E ele tinha mulher, né. Ficô lá no acampamento. Só ele que tinha mulher. Os otro, nós, nenhum tinha mulher. Era tudo sortero. Aí ele falô:
- Olha, vocês num vão contá nada pra Francisca, disso. Porque ela fica sozinha lá, ela pode ficá cum medo.
- Não. Num vamo contá não.
- **Por via das dúvidas o senhor não respondeu para o grito?**
- Não. Eu falei:
- Mais eu num vô acriditá no pai-do-mato. Num vi nada, né. Num acridito nisso. Num acridito memo. Num posso intendê porque minha natureza é assim.

3.9.E- Seu Oscar

O caso da menina que foi levada pelo Minhocão

- Aqui em Aquidauana eu tinha uma tia. Era irmã da minha mãe. Ela já morreu. Ela me contou uma história. Tinha uma mulher que lavava a ropa no rio e tinha uma minininha, assim, de dois aninho. Então ela dexô a minininha assim no raso e

pegô a ropa e foi estendê lá pr'os, nos varar lá e o bicho veio pra ali e pegô a minina e foi imbora. Levô ela. E nunca mais. E o Minhocão, dizem que ele come gente, eu nunca vi ele, né.

3.1.G- Seu Oscar

O caso do homem que foi desenterrar um tesouro e encontrou uma caveira e da sorte de Salomão

- Esse negócio de enterro de ôro só ixiste aqui na nossa rigião, né. Porque, isso foi do tempo da guerra do Paraguai c'o Brasil, né. Porque os brasileiro ia levano os paraguaio de fasto, né. E eles tinham muito ôro, né. Então, eles num podiam levá, que que eles faziam? Eles interravam, né. Interrava e dexava. E é isso que formô o enterro aqui no Brasir, né. Ixiste. Que ixiste, ixiste, né.
- **Por aqui o senhor já ouviu falar que tenham encontrado?**
- Não. Aqui, nunca ovi. Mais aqui num lugar qu'eu morava, entre Aquidauana e Miranda, né. É uma cidade, assim, um patrimônio. Patrimônio é uma rigião, é uma estação do trem que tinha a noroeste aí. É uma estação. Lá ixistia, né. Que teve gente que rancô, mesmo.
- **Lá, o senhor ouviu falar que encontraram?**
- Eu vi, memo, a libra, o ôro, memo, né, a moeda. Coisa muito linda, né!
- **E tinham muitos casos?**
- Tinha muitos caso. Até meu pai era meio infruído cum isso, né. Porque meu pai era portugueis, né. Então, era meio infruído cum esse negócio de enterro. Então, tinha um córgo, láaa... Naquele córgo, tinha uma marca, né, tinha um prego, muito grande fincado, assim, numa arve. Aí, tinha um índio, trabalhava cum ele. O índio falô pra ele:
- Óia, seu Aníbal! - Meu pai chamava Aníbal. – Óia, seu Aníbal! Esse prego aqui tá indicano que tem um enterro, lá. - Meu pai correu rancá o enterro, né. Ele era infruído com isso.
- Então vamo cavucá.
- Então vamo.

- Cavucam aí, eu num vô perdê meu tempo de cavucá, não. Uma coisa que eu num tenho certeza. (Seu Oscar) - Cavucaro, dero numa cavera de uma pessoa que, decerto mataro e enterraro ela. Dero c'a cavera dela. - E aí, esse que é o enterro? Agora, ceis levam, manda fazê caxão e guarda.
- **Há muitas dessas histórias, né.**
- Eu num acredito muito nessas coisa, não. Que o enterro existe, existe, né. Mais, às veis no seria pra todos, né. É pr'aquêle que tem a sorte. E a gente procurá, tamém no adianta, né.
- **Quando tem a sorte, vê uma luz. É isso?**
- Vê uma luz ou acha, assim, um sinar, uma cruís ou uma coisa, né. Que nem já teve gente diz que achô. Achô cruís de ôro, desse tamanho assim. (Com as mãos mostra um tamanho de meio metro) Então, aí ele foi cavá. Cavô e achô e tirô. Foi perto aqui da região de Bonito, né. Um tar de Salomão. Ele era rocero, trabahava na roça. Ele tirô.
- **Era um baú?**
- Não, era um pote. Ele falô que era um pote. Ele vendeu, aí ele até foi pra Campo Grande, comprô uma vila lá em Campo Grande e ficô com a vila.
- **Não voltou mais?**
- Não, vortô.
- **Não?**
- Vortô. Mais, ele tem essa vila, lá. Nós inda chateava ele. Ele falava:
- Não, rapais. No foi eu que achô, não. Foi porco que achô.
- Como porco? - Ele num queria falá que ele tinha achado.

3.2.G- Seu Oscar

O caso da corrente que levava a um baú de ouro dentro de um riacho

- Aqui tem uma fazenda. Daqui dá trinta quilômetro. É perto duma ardeia. Então, eu tinha uma ermã que era casada c'um rapais e eles morava lá, né. Então, tem um córgo. Chama córgo túnel. E lá, o lugar, chama Córgo Túnel. Então, dizem, eu nunca vi não, dento desse córgo existia um baú de ferro, muito grande e fechado,

e de lá desse baú saía uma corrente. Mai, nem todos sabia daquilo. E tinha um índio que trabalhava com ele. E o índio sabia. Então ele lutava pro índio mostrá pra ele, mais o índio num quis mostrá. Levava ele na cunversa e coisa, num mostrô. Aí, o índio morreu, ele ficô procurando, assim, coisa, mais daí ele morreu tamém e ninguém ficô sabeno, onde que é. Decerto tá lá, té hoje, né.

- **É, nessa região tem muito disso.**
- Tem. Por aqui tem, né. Por aqui foi muito acampamento, né. Dos paraguaio. Eles acamparo por aqui, né. Aonde eles iam ino, eles iam dexano, né, eles tinham muito ôro. O dinheiro deles era só ôro. E os brasileiro ia levano eles de fasto, no güentavam tinha que

3.1.H- Seu Oscar

O caso do menino perdido que era cuidado por uma anta

- Intão saiu a mãe e o pai, foro dá uma vorta lá no pantanar prucurá num sei o quê, matá tatu, quarqué coisa, e o guri istraviô. Ele já tinha mais de cinco ano, ele já tava grandinho. O guri istraviô do pai e da mãe e prucuraro, prucuraro, prucuraro, num acharo. Aí, foro imbora pra fazenda. Chegô lá cumunicô o patrão. Aí, o patrão chamô todo mundo, né:
- Vamo procurá o guri. - Procuramo, procuramo, procuramo, prucuramo o guri e nada, num achemo:
- A onça já comeu ele. - Passô uma semana. Fomo pro campo. Chegemo assim num coricho, tava o rastro do guri. O rastinho dele ali:
- Ah, o guri no morreu, oh qui o rastro. Vamo procurá esse safadinho.- Prucuremo, prucuremo e nada. Aí um dia o pessoar foro pro campo, sei que eu num fui, até. Fiquei fazeno otro serviço na fazenda. Eles foro, aí eles acharo a batida do guri, aonde ele chegô na beira do curicho, ele tirô a ropa, tomô banho, atravessô o curicho, vestiu a ropa e tinha um capão assim. Eles viro onde ele entrô, eles viro aonde o guri entrô, eles acumpanharo. Aí eles acharo a batida do guri aonde saiu, aí eles inxergaro ele que ia ino lá. Ele ia ino entrá notro capão. Aí, eles eram

bastante, ficô a metade aqui pra trais e a outra metade arrodio por lá e ficô lá na frente, aonde ele ia saí. Ficarô iscondido, até ele saí lá. Quando ele saiu, eles saíro nele. Saíro nele. Ele, ele tava bobo assim cum medo, ele correu. Correu, eles metero o cavalo incima dele, quando arcançaro ele, pularo do cavalo, pegaro ele. Pegaro ele e trouxero. Aí perguntaro, lá na fazenda, perguntamo. Eu num perguntei nada, né, mais lá, a patroa lá do patrão perguntô pra ele:

- Iscuta, cumo que ocê durmia? –Ele falava:
- Eu, uai! Tinha uma anta. – Falô:
- Tinha uma anta que me acumpnhava. Ela deitava num pé dum pau, eu deitava junto cum ela e eu durmia ali.
- E o que que ocê cumia? - Ele falava:
- Ah, ela me dava mer pra mim comê. Eu cumia mer, fruta de bacaiuva.
- Só isso? E nunca nada mexeu cum você? – Ele falô:
- Não. - Ele falô:
- A anta me cuidava. - Aí pegaro ele, levarô pro médico, né, e vortô bom.
- dexá.

3.1.I- Seu Oscar

O causo do benzedor que livrou uma grávida do veneno de cobra

- Eu trabalhava c’um patrão. Ele chama Vardemar. Até esses tempo, ele até veio me visitá, aqui. Então, nós trabalhava na fazenda, né. Mais só que a mulher dele morava na cidade. Lá em Tounai. Então, ela tava grávida, né. E ela tinha um guri. Até, esse filho dela mora ali, tem uma lanchunete ali. E ela tava grávida novamente de... ela teve até a criança, era uma minina. Então, nós chegemo da fazenda, de tarde, aí tomemo banho, ele pegô, assim, uma cadera, sentô na carçada pra fora e falô pra mim, eles me chamavam só de portuguêsis, né, porque meu pai era portuguêsis, aí ele falô pra mim:
- Portuguêsis, vai lá na venda e trais uma garrafa de pinga pra nós. Vamo tomá um trago pra nós tomá banho. – Aí eu disci, fui lá, trosse a pinga, dei pra ele, ele abriu a pinga. Tinha uma impregada, chamava Maria, era uma morena. Pidiu um

- copo, ela trosse o copo, ele pois um tanto pra ele assim, bebeu, aí ele passô a garrafa pra mim, falô:
- Toma aí! Pode bebê. - Mais, eu num sô muito de bebê, né, mais em todos causo, pra tomá banho, bibi um golinho. Aí dei pra ele, ele pois a garrafa, assim, pois o copo no bico da garrafa e ficô sentado ali sem camisa. E a mulher dele era uma mulher magra. Chamava Zilá, diz que morreu, deu derrame nela. Ela tava bem grávida, já tava pra tê a minina. Aí ela chegô e, enfiô o pé assim em baixo da cadera dele e abraçô ele por detrais e a cobra tava ali em baixo da cadera dele, na carçada, ali, e ninguém viu. Aí a cobra, pá! Pegô ela, aqui. (segura o pé direito). No pé direito, deu uma picada aqui e deu outra aqui. Ela afastô. Ela afastô, falô:
 - Eh, Um bicho me pegô aqui! – Aí, a mãe dela trosse a lanterna, colocô, era uma cobra, uma boca-de-sapo. Ela tava enrolada. E tinha um velho, ele chamava André de Arruda. Num sei. Dicerto já morreu. Morava lá num lugar, ficava mais-o-meno mir metro longe. E esse, esse meu patrão, ele gostava de carrera de cavalo, né. Então, ele tinha cavalo de carrera. Ele falô pra mim:
 - Português, munta no cavalo e vai lá, chama o velho André. – Mais, eu nunca acriditei em benzeção, viu.
 - **Ah, é!**
 - É. Eu num acridito nessas coisa, não. -Tá bom. - Pulei, joguei um bachero, peguei o cavalo e fui lá. Falei cum ele:
 - Seu André, o Vardemá mandô chamá o senhor, uma cobra mordeu a Zilá, mulher dele. Aí, ele me olhô, assim, falô pra mim:
 - Olha. Num é cobra, não. Num foi cobra que mordeu ela, não. – Falei:
 - Mais como que não seu André? Foi. – ele falô:
 - Foi é um cipó.
 - Tá bom. – Aí ele pegô o cavalo dele que tava ali, encilhô e viemo a galope. Chegemo lá, ela tava lá, sentada. Perto do marido. Aí ele falô:
 - Aonde que pegô? – Aí ela falô:
 - Foi aqui. – Aí ele falô:
 - Num foi cobra que pegô a senhora, não. Foi um cipó. – ela falô:

- Cipó nada, sô! Foi cobra. – ela falô - E agora, eu vô perdê meu filho? Filha? – ela falô – Esse meis que vem eu já vô tê ele.- Ele falô:
- Não, num vai perdê nada, não. A senhora num vai morrê nem vai perdê a filha. – Tá bom. Aí ele falô – Põe o pé aqui nessa cadera. – Aí ela pois o pé, ele carmo, ficô olhano assim, ele pois a mão, assim, incima. E eu fiquei olhano ele, né. Fiquei olhano a boca dele. Mais ele num falava nada, a boca dele ficava quêta, fechada. Daí, ele falô:
- Tá pronto dona. – ele falô - A senhora pode tomá banho, pode comê, só tem uma coisa: a senhora num vai pisá na chichica de galinha, viu. Num vai pisá. Amanhã, eu vorto aqui. – Falô até amanhã, muntô no cavalo e foi embora. Que coisa! Essa mulher, ela num perdeu o filho, era uma minina. Ela teve a minina, chamava até Terma. Ela num morreu, num inchô, num teve nada.
- **Então, ela não pisou na títica de galinha?**
- Ela num saía de dento de casa.
- **E a boca-de-sapo é venenosa.**
- É a sigunda mais venenosa. A primera é a corar, né. A corar pintada de branco e preto, né. Porque a corar, tem de várias cores, né.
- **É, tem a vermelha.**
- A vermelha... E ela num teve nada, viu!
- **Incrível!**
- Só qu'eu num acredito, viu.
- **O senhor acha que foi o cipó mesmo que a picou?**
- Eu num posso acreditá sabe o quê?
- **O quê?**
- Porque, eu penso assim: Deus num dá força pra ninguém aqui nessa terra. Deus dá intiligência. Mais, força, não. Ele dá intiligência pro senhor sê médico, sê aviador, sê quarqué coisa. O senhor é... tem a intiligência que Ele dá.
- Mais alguma coisa ele tem, ué, pois se ela... num acunteceu nada pra ela! (irmã de seu Oscar)
- Força, não!
- Alguma coisa ele tem. (irmã)

- E agora, porque que aquele veneno daquela cobra tá dentro do corpo da pessoa e ele fala daqui, e essas palavra dele que eu num sei o que ele fala combate aquele veneno, né?
- **É mistério.**
- Aí que eu num sei, mais que a benzação ixiste, ixiste. Só q'eu num acredito.

3.2.I- Seu Oscar

O caso do benzedor que ordenava e as cobras iam embora

- Ah. Tinha uma cobra lá e... num foi eu que chamei ele, não.
- **Era em que fazenda, era na Nhecolândia?**
- Não. Num era na Nhecolândia. Era aqui. Perto. Aí a dona lá da fazenda viu a cobra. Aí ela me chamô, falô:
- Oscar, vem cá. Mata aquela cobra lá. – Eu falei:
- Ah, Dona, eu num vô matá não. – Falei - Chama o fulano lá. – Aí ela chamô ele:
- Ou! Vem cá. – Ele veio, ela falô pra ele. – Mata aquela cobra lá, o Oscar num quis matá. – Ele falô:
- Dona, eu num mato cobra, mais se a senhora qué, eu posso mandá ela imbora daqui. – Aí ela falô:
- Como que o senhor vai mandá ela imbora? – Ele falô:
- Eu mando! – Aí a Dona falô:
- Então manda! – Aí ele ficô assim na cerca, ficô olhando a cobra, eu num ouvi ele falá nada, né. Daí um pouco a cobra foi imbora. Aí, eu num sei, né. A força que tem, né. O mundo é muito comreito, né. Ixiste muito mistério no mundo que nem eu nem muita gente num sabe.

3.1.J- Seu Oscar

O caso do homem que viu dois homenzinhos saírem de uma bola de fogo

- Tinha um velho. Então ele mixia com roça, né. Então ele tava limpano lá a roça e diz que viu aquele troço redondo. Falô que era redondo. Sortano fogo. Aí, foi ino, foi ino, foi ino, baxô no meio da roça dele. Mais só que no sentô no chão, não. Ficô, assim, sobre a pranta, né. E ficô largano faísca de fogo. Aí ele ficô olhano. Ele falô que foi lá. Ele jogô a inxada nas costas e foi lá. Quando ele ia chegano perto, saiu dois home de dentro da bola, daquela bola. Ele falô:
- Dois home piquinininho. Quando eu cheguei pertinho dele, eles feis assim c'a mão. (Com as mãos faz sinal de não se aproxime) Feis assim e o otro focô uma lanterna no meus óio. Quando ele focô a lanterna eu, eu parei sem querê, e fiquei meio bobo. – ele falô – fiquei meio bobo e fiquei olhando. Aí, eles ficaro me olhano, me olhano, aí eles focaro a lanterna outra veis e eu vortei a si. Aí, eles viraro e entraro dentro do, daquela bola e, de acordo como feis assim. (com a mão faz uma curva no ar)
- **Foi embora?**
- Foi imbora. Ele falô:
- E aonde ele ficô sobre a pranta, ficô tudo vermelho, sapecado. - Pensô, mais num viu que que tinha dentro. - Nem os cara num falaro nada comigo, né, nem eu falei cum eles. Só que eles me focaro aquela lanterna, eu fiquei bobo, meio...
- **Estranho, né.**
- O povo fala que ixiste, né

3.1.L- Seu Oscar

O caso de quando Seu Oscar saiu ileso do rio de piranhas

- Ah! Eu teria quase uns trinta ano, mais-o-meno, né. Era novo ainda. Num tinha nada ruim pra mim na vida. Nóis tava travessano boi e ficô um boi, né, e ele num queria caí. Corria assim em roda da manguera. Falei:

- Mais o que que esse boi tá teimoso assim? - Tirei a camisa, puis assim, tava de carção. Tirei a carça, puis assim. Peguei um pau, saí atrais dele. Aí ele se viu lôco tamém, pegô e... *chom*. Caiu. Quando ele caiu, eu caí atrais dele. Caí atrais dele e peguei no rabo dele. Peguei no rabo, ele foi me levano. Aí, eu falei: - mais no vai dá, né. Ele num vai me güentá levá do otro lado. Aí, - eu larguei do rabo dele e pulei no lombo dele, né. Muntei no lombo dele. Ele quiria í prá cima, eu pegava no chifre dele e entortava ele com força. Ele olhava lá, a boiada tava do lado do rio. E quando chegô no meio do rio, mais-o-meno, ele já tava muito cansado. Eu vi que ele no ia me güentá mais. Aí eu sortei ele. Eu nadava bem, bati braço, travessei do otro lado.
- **E o boi também?**
- O boi também. Saiu. - Aí, o canoero lá falô pra mim:
- Mai moço, você é lôco, né? - Eu falei:
- Não. Porque que eu sô lôco? Eu nu sô lôco, eu sô muito certo da cabeça. - Ele falô:
- Mais como que cê vem nadano aí, rapais? E se piranha te come? - Eu falei:
- Ah, tio! Piranha num come osso. - Ele falô:
- É. Mais, essas aqui come.
- É, tá bom. Eu já escapei então, dessa. - Aí, eu muntei na canoa e ele me levô pro otro lado. E quando a boiada saiu, fundô um boi e os otro passô por cima e ele morreu afogado, né. Ele morreu afogado, aí os cumpanhero puxô ele na berada assim, quando vortô, foi oiá, a pele num tinha mais nada. Só osso, a cara dele assim. Piranha tava dento. Eu falei: - mais é verdade. Aí oh! Desta eu escapei. - Mais aí, eu conversei cumigo memo, né, pa no fazê mais uma locura dessa. Isso aí é locura. Tem hora que a cabeça num sei pra onde que vai, fica no espaço, né. Iguar a cabeça do Lula.



Os Causos de Carlão

4.1.A Carlão

O caso da onça vestida com um mosquiteiro

- Na fazenda nós tinha três retiro e teve uma vez qu'eu tava num retiro desse, saí da serra e fui pro retiro posá lá, onde tinha um povo fazeno um sirviço de roçada e tinha um barraco, era um barraco só. Ele era alojamento, né, e cozinha, era cumpridão assim, oh! (Faz gestos para explicar o barraco) E ele tinha duas porta, era... as parede dele era de açai... num sei se oéis conhece açai? Aqui nesses pantanal daqui às vezes é raro, mais, pra lá tem muito. Então, era tudo de açai. Ele é tipo um coqueiro. Então... e lá ficava um negão cuidano lá, sempre ficava. Gente levava gente pra fazê o serviço e eu deixava um moreno lá, que ficava cuidano pra nós, o retiro. Só ficava ele. E onça era o que tinha lá, né! E ainda falei pra ele, vorta e meia lá, falei:
- Oh! Você fecha essa porta aí. Oh! arruma um jeito. - Que as porta lá ficava aberta, ela ficava larga, falei. - Cê arruma um jeito que a onça inda vai te cumê aí, né! - E passô, e passô, e um dia fui lá oiá um sirviço e acabei posano pra lá. E pantanal é lugar de musquito, né. E aí, tô posano lá, todo mundo tem um musquiteiro, embaxo do musquiteiro, quando é ali pr'umas onze hora da noite, eu vi um troço mexeno. E lá a gente trabaiava cum gente que num cunhece, né. Sempre tem que tá meio ativo, né. Aí eu peguei a lanterna, fui lumiano devagazinho, que eu oei, rapais! Uma onça. Ela queria, certo, caçando o lado da cabeça do cara ali pra... aí que eu falei. - A onça! - Só deu gente, né, pulano... e aí num podia atirá também, certo. Então, eu tava até armado, mas, num podia atirá, porque no meio de tanta gente ali. Aí eu curri, naquele movimento ali, eu curri assim, fiquei na porta, fiquei escorado aqui. (demonstra a porta com gesto de corpo) Daí a pôco, aquele pisero tudo lá, ela saiu. A lua tava crara. Ela saiu vestida de musquiteiro, rapais! Passô assim pertinho da porta, assim, ainda dei um coice na bunda dela, só num matei porque num pode matá, né. Mais, dei um coice na bunda dela assim, rapais, essa onça deu um miau, ela assustô também. Ela deu um miau e oh! (Faz com as mãos o gesto referente a quem foge, raspando uma mão aberta à outra um pouco

mais à frente) Rarrarrá. Aí passô lá uns três dia, passô, um cara tava trabaiano lá no meio da macerda, lá, foi achá o musquitero, lá. Rarrarrá

4.2.A- Carlão

O caso da onça que apanhou do toco

- Aí perto da fazenda lá, a gente tem, tinha uma rocinha, de mandioca, plantava uma abóbora e o milho. E no pantanal tem muito porco: é o porco montero, é o quexada; e você tem de ter essa roça aí fechada. De repente fechava de pau-a-pico era muita coisa. Meio equitara, né. Aí, de tarde, um dia, falei pra mulher:
 - Vô lá rancá uma mandioca pra... - Aí cheguei lá, ranquei um pé de mandioca, dois, no terceiro que eu tava rancano, no qu'eu oiei pra trais, rapais, uma onça. Ela já tava de mão arta, assim, (levanta a mão direita) pra pegá. No que ela levantô assim, eu peguei na mão dela. Então, quando a roça é de tôco, tinha muito tôco, aí eu ia com ela, assim, c'a bunda dela no tôco, assim, pá! Ia lá, vortava de novo. Aí, uma hora daquela, ela num cuidava mais eu, certo! Só o tôco. Quando eu mandava assim, ela já ficava oiano pro tôco. Rarrarrá. Aí que deu uma forga, que eu larguei dela, né. Que dei um grito e ela oh! se mandô também. (Com uma mão aberta um pouco mais a frente da outra, faz gesto de fuga)
- **Matar, você nunca matou. Apenas assustou?**
- Sempre assustei. Matá... é que num pode matá, né. Tem que preservar, mas sempre eu dava um susto no bicho, né. Sempre dava um susto.

4.3.A- Carlão

O caso da onça que foi laçada por engano

- Aí, outra veis, tava no campo, tava bagualano. E pantanal tem aquelas restinga de mato. É campo limpo, né, e tem uma restinga de mato, quem num conhece é tipo uma iula, né. Então tem três equitara, quatro equitara, e eu tava ali campeano um boi veiacó, boi baguá, né. E saiu nesse mundo, rapais, numa campina assim, e foi, e eu chegado nele e ele entrô nessa restinga de mato e eu entrei junto. Entrei junto

- e saímo do otro lado. Que ele saiu do otro lado assim... e eu assim... que deu assim, que eu saí c'uma ciposera na cara ali, né, meio embaraçado, num enxergava direito, saímo do otro lado, que eu vi assim, joguei a corda no trem. Dei um tirão lá. Aí, que eu fui oiá, rapais, era uma onça. Então ela tava deitada ali dentro, né, e eu entrei atrás do boi e nesse movimento ela saiu e eu achano que era o boi, né. Cê vem correno aí, coisano, lacei a bicha. E tem os cumpanhero, assim, segurano o gado. Eu falei:
- Bão! Se eu contá esse caso, o cara num vai acreditá, né. Vou fazê o seguinte: - aí tinha uma lixera, rondei ela no pé de lixera, né, enforquei bem, meio que enforquei, fui lá, amarrei. Amarrei bem amarrado nos dois pé, nas duas mão. Aí, fui lá, contei pro companhero. Falei. – Oh! Conteceu um negócio assim. – Ele:
 - Ah! Cunversa pra boi durmi, rapais! Aonde, um troço desse! Falei:
 - Uai! Vamo lá vê, pra confiri, né. - Chegô lá, o bicho tava amarrado. Rarrarrá. Aí eu falei: - bom, essa daqui eu vou dá um picote na oreia dela, pra ela ficá marcada, né. - Aí, a hora que vê ela aí vai falá:
 - Oh, a onça que o Carlão amarrô é essa aí, oh. - Porque lá, me tratavam de Carlão, sabe.

4.4.A- Carlão

O caso da onça que levou um chute na boca

- Aí, teve um otro dia, tamém, q'eu tava lá na fazenda, de tardezinha, falei pra muié, falei:
- Oh! Vô ali na baía. - Porque esses rio grande tem muitas baía, né, no Pantanal. - Eu vô ali na baía, vô pegá umas piranha. Falei. - Vai ajeitano a banha aí, que eu vô lá buscá esse bicho, essa piranha. - Aí eu vô, rapais. Naquilo, eu fui de cabeça baxa. Fui de cabeça baxa assim no triero de gado, assim, (se levanta e caminha com a cabeça baixa) berano a baía. E nisso, tamém, vinha uma onça de lá pra cá, atrais de alguma coisa pra comê, né. Então, ela vinha farejano, ela num me viu. Quando entropamo, entropamo nois dois junto assim. Que eu assustei, ela assustô tamém. Que eu assustei assim, dei um grito assim, mandei a butina. Rapais do

céu! Pá! Pegô assim meio pela boca dela, assim, e ela saiu correno duro. Falei. - Tá bõ. – Aí, eu oiei, falei. - Bõ, já passô o susto, né. - Parei um poco. – Eu vô lá continuá, vô na minha pescada. - Aí eu vô, tava um troço enroscano, assim, no capim. Fui oiá, a presa dela ficô enroscada no bico da butina. Ranrranrranrram

4.5.A- Carlão

O caso da onça caronista

- Aí uma veis, eu falei:
- Bõ! Agora eu vô lá po ritiro. - E lá, quem ia po ritiro, que é uma parte mais alta, ia de canoa, mais só que no ia de barco de alumínio, ia de canoa de pau, na zinga. Aí eu vô ino, saí um dia de madrugada, que eu vô ino na ponta da canoa, bem tranqüilo, qui eu vi, a canoa chacoaiô pra lá e pra cá, que eu oiei, uma pintadoona sentada ali na proa da canoa, né. Falei. – Bõ! Você já deve tá cansada de andá n'água. Você deve tá quereno uma carona pr'um lugá seco. Eu tô ino pra lá tamém. Então, cê fica queta aí que nós vamo. Ranranran. Nós vamo junto, né.

4.6.A- Carlão

O caso do caçador que ficou com a cabeça presa na buraco da onça

- Na região aí, tinha dois caçadô, aí. Então eles saía pa caçá. Aí, andano no mato lá, viro uma loca de pedra, né, então teve, um teve uma idéia de oiá,. Oiô, falô:
- Ué! Tem dois gatinho aqui. - E o cara, porque o cara infiô a cabeça pa vê, né. Aí falô:
- Tem dois gatinho aí. - Aí o cara tirô a cabeça e o ôto:
- Deixa eu oiá tamém. - Aí o ôto foi oiá, enfiô a cabeça, rapais, na hora de saí, enroscô. Dicerto no consiguia saí. E os gato que ele tava veno ali dento, era dois fiote de onça. E o ôto falô:
- Que que eu posso fazê? Eu vô tê que í lá na fazenda, trazê a ferramenta pa quebrá a pedra pa pudê rancá, né. - Mais aí o cara pensô, falô: - Daqui lá tá longe. – Aí

4.7.A- Carlão

O caso do caçador medroso

- Tinha uma época aí, uns ano, que onça era demais. Então, tinha fazenda que tinha caçadô de onça só pa matá onça. Era uma época que o povo ainda no sabia dá valor nos animal, né, protegê. E pior que tinha demais tamém. Aí chegô um cara numa fazenda, rapais, pa arrumá serviço. Mais, um cara priguiçoso! No gostava de trabalhá. Aí o cara falô:
 - Oh! Serviço que tem aqui é caçá onça. - Aí ele falô:
 - Mais é esse que eu sei fazê! - Nunca nem tinha visto que que era onça. - Mais é esse o serviço qui eu sei fazê!
 - Então tá bão. O senhor vai po alojamento, amanhã cedo já vamo escoliê a carabina p'ocê. – Aí, que abriro o quarto assim, cheio de carabina, né, ele foi lá, escoliou uma bem véia, falô:
 - Vô escoliê essa véia aqui que no mata e eu tenho uma desculpa, né. - Aí o cara falô:
 - Ôoo, Companheiro! Cê pegô a mió carabina, hem! Essa carabina é boa. - Aí formaro, assim, a tropa assim, um cavalo véi, crinudo.
 - Vô pegá aquele cavalo, qui no deve corrê muito, daí eu fico pra trais. - Ia saíno uns déis nessa caçada, né.
 - Cê tá na orde, escói companheiro!
 - Eu quero aquele cavalo branco.

- Ôoo! Cavallo mais corredô da tropa. - E lá vai, rapais. Que a onça esturrô, né, correu gente pra lá, gente pra cá e ele já foi dano aquele jeito de caí pra trais ali e já correu e subiu numa árvore. Mais, subiu na árvore com medo, né, que o cachorro tinha saído bem diantado da onça. Só que ele subiu na árvore e a onça tava lá em cima e ele no viu, certo. Ele no viu que ela tava lá. Aí chegô o cachorro, uá uá uá, e chegô os ôto companhero tamém, né, o cachorro já latiu, o cara já oiô, né. Falô:
- Não, companhero! Não! No pega não! - Aí que ele foi vê, que ele olhô pra cima, que ele viu! Cagô tudo, e deu aquela reagida, aí ele viu chegá aquele mundo de gente ali, né, deu aquela reagida:
- Vamo, vamo, atira se não eu vô pegá. - Um atirô, né, matô a onça. Ele apiô lá embaxo, aí o cara oiô assim:
- Ué, cumpanhero! Mais ocê cagô tudo. - Ele falô:
- Não, eu sô que nem tôro brabo, quando eu me enfezo, eu me cago tudo. - Ranranranran. Ele sôbe saí, né.

4.1.B- Carlão

O caso da sucuri que foi morta por atacar um cachorro

- Ó! Sucuri pa essas região lá é o que mais tinha. Certo? Teve um tempo que me deu medo. Até, eu no sô muito de tê medo. Porque eu tinha um aterro aqui em vorta da casa, uma equitara de aterro. A casa era em cima do aterro. Ainda era assoalho. Era casa de assoalho. Então, porque quando tava seco era tudo seco, né. O rio ficava treis metro do barranco. Mais, quando o dia de que o rio saía, que vinha a enchente, que o rio saía fora da caxa, então vinha subino. E uma época o rio encheu mais que os oto ano tudo. Aí tinha um garpão assim, aonde ficava as galinha. As sucuri, ele começava, ele entrava pa pegá galinha, cê contava de deiz, vinte sicuri assim, dento do garpão assim. Era aquele troço de dá medo. Mais no era sucuri grande. Era sucuri de dois metro, de treis metro. E eu tinha oto garpão assim, que no imendava. Ele era oto aterro. Ele no imendava nesse aterro da sede. E eu tinha um cachorro, que ele ia durmi, lá. Ele nadava. Até pra mim í pra lá, eu

tinha que í de barco. Então nessa época, eu mandei a muié pa cidade. Só ficô eu lá. O gado subiu po ritiro, aonde era as parte mais alta, né. E, aí cedinho, rapais, o cachorro gritô e eu fui vê. O sicuri tinha enrolado. Mais troço feio! Enrolado no cachorro. Ele já tava pa inguli o cachorro ali enrolado. Mais, aquilo paricia assim, paricia um tanque, desses de cê pô dísel dento, né. Aquele bolo cheio. E era um cachorro de estimação. Eu falei:

- Bão, esse aí eu vô tê de matá ele pa sarvá o cachorro, o bicho é uma pena. - Eu peguei uma espingarda véia de dois cano, cortei o barco, assim, atirei na cabeça dele. Aí, pa rastá esse bicho pá fora, esse sicuri deu, trinta e cinco meto de comprimento. Trinta e cinco meto. Que cê falá, sicuri de trinta e cinco meto o povo num acredita, né. Então ele, a grussura dele é, grussura assim, (Aponta uns ambores de óleo) um pôco mais grosso qui esses tamborzim de vinte litro de óleo. É um pôco mais grosso. O bicho era feio.
- **Então você matou com tiro?**
- Cum tiro. Esse, eu tive de atirá. Que sinão, ia pegá até a gente, ali. Enquanto tava aqueles pequeno, eu falei:
- Bão, esse é fiotão. Ceis vai vivo aí, eu no vô mexê c'a vida dos ceis não. Agora esse aqui já é mei criado, né. Vô tê de... - Ranranram. E aí a água ficô assim ó, na frente da casa assim. (Ergue o braço sinalizando uma altura de uns dois metros) ficô mais de dois meto.

4.2.B- Carlão

O caso da cobra que serviu de laço

- Uma veis eu correno atrais de um boi lá, licei o boi, né, e dirrubei, tirei a manilha da cintura, porque sempre a gente no Pantanal, o pantanero, usa uma manilha, era a corda de côro pa amarrá o bicho no pé, ali. Ranquei, assim, ela da cintura, assim, (faz que tira uma corda imaginária da cintura e finge apertar um animal imaginário com ela) tô apertano o bicho aqui, ele mei que deu uma mexida, eu passei a mão, amarrei o boi nos dois pé e dexei amarrado. Aí, eu fui aonde tava o

- sinuero, que os cumpanhero já vinha vino c’o sinuero. Chego lá... o cara chegô lá pra desatá, né, falei:
- Desata lá o boi lá. Chegô lá pa desatá e foi pa desatá assim, pulô pa trais:
 - Ah! Eu no vô desatá esse boi, não. - Falei:
 - Porque rapais? - Eu fui vê, tinha amarrado o boi c’a boca-de-sapo. Ranranranran.

4.1.C- Carlão

O caso do papagaio tocador de boiada

- Outra veis, nós fomo tirá uma.... porque lá tinha boi erado, lá... fomo tirá uma boiada de lá. Fui levá n’ôta fazenda, na fazenda Guaraju. Então era, dava quarenta dia de marcha. Aí nós tamo viajano e todo dia um papagaio acompanhano a boiada. Falei:
- Tudo bem, né. - Aí de dia, o papagaio lá e, chegano lá, que entregemo a boiada. No que contamo a boiada, sortamo no pasto, começô a gritá:
- Eh boi! Eh boi! – Falei:
- Uai, o troço tá assombrado, né. - Mais aí fomo confiri, vê o que que era. Aí que fomo vê. Então, tinha um boi muito erado e criou um oco no guampo e o papagaio feis o ninho dento do oco do guampo dele, né. Agora, o peão tá gritano com boi todo dia, ali ele aprendeu falá, né. *Ranrranrrram.*
- **Então o papagaio fazia a vez do peão?**
- Fazia as veis do peão. Então, ele já aprendeu falá, né. Então, é assim, umas história que você conta, as veis tem gente que num acredita, né. Mais, é uma história verdadeira, né.

4.1.D- Carlão

O caso dos peixes que saiam fora do rio

- Então, aí nessa fazenda qu'eu tava lá também... na época que o rio enchia, era fartura de peixe, certo? Porque? Quando tava sêco, ele tava treis metro lá abaxo da caixa dele. Aí, quando era na época de... começava ali, dezembro, ele vinha enxeno, enxeno. Quando chegava pa janero, ele tava um parmo pa saí fora da caixa. E, lá tinha muito boto, né. Então, o boto vinha pa pegá pintado, essas coisa. Do jeito que ele vinha correno pa escapá ali, quando ele assustava, ele tava do outro lado do... encima do barranco. As veis eu chegava do campo assim, tinha oito, nove, déis. Déis pintado. Vem cá Rique! (Grita a um rapaz que passa longe) Tem déis pintado ali assim. Aí, eu escuí a um bom pa cumê e os ôto, eu jogava de vorta po rio. *Rarrarrarrarrá*

4.2.D- Carlão

O caso da piraíba que engoliu um homem

- Ali é uma região de... é uma região de muito peixe, né. De peixe grande. Ali tinha a piraíba, piraíba, té incrusive, ela pegô uma pessoa lá nessa região, certo? Então a... porque os pescadô, eles desce c'aqueles barco batelão, né. É um barco c'um motor, né, e ele leva quatro, cinco conoinha de pau. Aí, eles pára no ponto de pescá, aí uns vai c'a canoinha pr'um lado, pescá naquela baía e, e aí teve um, até tinha dado uma chuva, teve um que foi pescá, só que num vortô. Aí, os cumpanhero... num vortava, num vortava, e era uma época tamém, que a tartaruga tava botano, certo? Que lá, quando o rio tá baxo, ele tem muita praia, né. Tem um rio lá de seicentos metro de artura.
- **Não é o rio Madeira, não, é?**
- Não. É o Guaporé. Aí, ele é bem pra baxo de Vila Bela. Que até a Vila Bela ali, que ele nasce aqui no Mato Grosso, mais até Vila Bela ele tem navegação. E de Vila Bela pra baxo já começa sê inavegável, né. Aí, já começa tê extensão de largura. Aí, fôro atrais dele, aí só acharo o chinelo e a rôpa dele na praia. Então

eles descunfia que ele chegô pa pegá um ovo de tartaruga na praia, encostô a canoa, mais o vento vem jogano onda e a canoa deve tê ido discolano. Quando ele viu, ela ia rodano e ele caiu pa pegá. Porque ele sumiu, só tava o chinelo dele e a rôpa dele ali. Aí vai percurá e, já veio corpo de bombero, tudo. Então, dispois de treis dia, acharo ele numa baía, dento da barriga duma piraíba. Ela inguliu ele, só como ela era um fiote só ficô o pé dele de fora. Isso depois de treis dia.

4.1.E- Carlão

O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão

- Uma veis sumiu um guri aí no Pantanal, certo? Aí, esse menino tinha hora que paricia tipo uma anta, assim, virado num animal. Aí dispois disso, cumeçô parecê esse Mãozão. E já viro pegada dele. Então, quem vê tem medo.
- **E é um home grande com uma mão grande?**
- E esse, o povo não sabe, porque num viro. E o que viro, então num vortava.
- **Mas, o moleque apareceu?**
- Esse muleque também num pareceu. Ele virô, assim... as veis cê via o muleque, aí via uma anta, certo? Então, curria, cê ia chamá, corria, cê num via mais, num tinha como você pegá ele, então...

4.2.E- Carlão e Henrique

O caso do rapaz que foi levado porque duvidava do Mãozão

- Ah, eu vi falá que uma veis lá, tinha um cara que duvidava muito do Mãozão. Aí, uma veis ele... Aí lá, pior é que tem memo ele. Mai a turma fala que num tem. Mais, tem sim. Ele duvidava, né. Aí um dia, ele teve que saí sozinho de madrugada, só ele, sozinho. Aí, esse bicho pegô ele lá. Pegô e carregô, memo. Levô ele po mato. Aí viro ele uma veis no mato lá. Mais só que, o bicho tava ventano igual gado, corria memo. E a gente corria, é! Mai só que pegaro ele, né. Pegaro ele no laço, diz-que.
- Pegaro o cara, né? (Carlão)

- É, pegaro o cara.
- **E ele estava perturbado?**
- Tava, meio lôco de pedra. Levaro ele no benzedô, né, vortô ao normal de novo.

4.1.F- Carlão

O caso da fazenda mal-assombrada

- Tem uma fazenda aqui, vizim, fazenda São José. Então, até nós, nós arrendava ela lá, né. Nós ia daqui, arrendava ela lá. Então, e lá tinha uma casa tamém, num lugar mei abandonado. Então lá, tinha sim uma sombração. Tinha uma sombração. Então, quem ia durmi nessa casa, então, vorta e meia chegava cavalero, chegava cavalero, *pá pá pá pá*, cortava pa desviá, jogava a traia no chão, rastava espora, né. O cara saía lá pa vê, tava limpo.
- **Não tinha nada.**
- Então, isso era uma sede véia. Então, tinha um garpão assim, sempre qu'eu durmia lá, já durmia no garpão, a gente é mei medroso, então já ficava, falava, aqui ela num vem. *Ranranranranran*. Mais já sustô muita gente lá, esse negócio.

4.2.F- Luiz (rapaz da roda de Carlão)

O caso das árvores mal-assombradas e duas pombas

- Tinha um amigo meu, de trabalho, né, contava sempre isso daí. Diz que num lugar que ele trabalhava, diz que direto ele passava nesse lugar e tinha uma casa, uma tapera, na realidade era uma tapera, com duas árvore ao lado, né. Sei que nisso eles... (interrompe a narração rindo porque o amigo está rindo de sua história) No tá acreditano. É sério memo!... E sei que nisso, eles avistava duas pomba, assim, dois passarinho, né, e saía da tapera e sentava nessas duas árvore na direção daqui pra lá, né. Ao passar pela tapera, quando... uns deis metro, quando um andava pra frente e olhava pra trais, não tinha mais as árvores e a pomba que tava nas árvore, tava na tapera, em cima. Esse aí é o caso que a gente contava direto aí.

4.3.F- Rique (rapaz da roda de Carlão)

O caso do galpão onde ninguém conseguia dormir na rede

- Tem uma fazenda lá no Pantanal, tamém, que se o cara se chegá lá e se ele no subé, né, armá rede igual, tem armadô assim, (aponta ao armador de rede na varanda) dento do galpão, se ele chegá e armá a rede dele lá, das veis ele num sabe, né, aí ele pode armá tranqüilo ela. Mais, se o cara sabê já, das veis ele chega lá, a turma do galpão vê, péga e conta pra ele e aí ele pegá e armá lá. Ele pode armá, mais na hora que ele deita, vem uma pessoa... sei lá! Dicerto é alguma alma, num sei... pega e desarma e joga no chão memo. Aí, pode pegá, armá de novo, torna a jogá de novo. O cara no dorme.

4.1.H- Carlão

O caso do homem que se perdeu e passou uma noite e um dia em cima de um burro

- Então, tem uma história tamém, que, essa é verdadeira, né. Um patrão meu. Lá nesse lugar. Ia saí c'uma boiada pra ota fazenda e eu tinha... e tinha uma íula, era a íula do Boneco. Então, ela era uma íula alta no meio do Pantanal, dava seis quilômetro de largura e nós fizemo um carreadô, né, com moto-serra pa passá c'o gado. Então, cê entra naquela mata e chega sê mei escuro. Quando cê sai do oto lado, crareia. Eu tava com mil e cem boi no manguero, tava no ritiro pa saí pa essa fazenda. Era fazenda Lenço Preto, né. E aí o patrão inventô de í. Ele falô:
 - Eu vô tamém nessa viagem aí. Eu vô até na fazenda Riozinho. - Fazenda Riozinho é aonde tinha um rio tamém que nós passava lá. - Pra lá, cê manda um barco pa me pegá lá, né. - Nesse riozinho que caía no Guaporé. Eu falei:
 - O troço aí é feio. Ele é aqui de Campo Grande, aqui.
 - Bão, mais eu vô.
 - Então tá. - Falei. - Manhã, nós sai de madrugada. Porque, nós vamo chegá lá no ritiro. - É o ritiro do Limão. - Então, nós vamo chegá no ritiro do Limão crareano o dia, nós sobe e quando fô ali pas oito hora, nós tamo entrano nessa mata e vamo passá. É feio! - E lá fomo, rapais. Aí, quando chega, cê vem com mil boi

- **Vocês estavam em quantos?**
- Nós tava em quatorze pessoa... Porque táia é assim: cem boi, vai um. Mais cem vai pa frente e oto, e vai impurrano, né. E eu falei, tem o Bergaminho, um nêgo véio, falei: - Bergaminho, ocê cuida a culata aqui, atrais. Eu vô na última táia, lá atrais do pontero, porque quando chegá lá na... que fô saí do mato, essa boiada pode assustá. - No deu ôta! - E aí, já falei p'o pessoal, falei: - se caso a boiada dé argum esparramo, voceis amarra o burro e vamo de a pé, porque de burro aí no mei do mato no fais nada, tem que sê de a pé. - Aí fomo. Aí foi que no deu ôta. Quando chegô pa saí assim, que a boiada viu o clarão assim, ela barrô pa trais e sentô memo. Sentô e sentô, e aí já vamo amarrano os burro, ino de a pé, e vai e vai, conseguimos jogá ela. Jogamo, o pontero segurô, do oto lado já era um campo limpo, né. O pontero segurô ela. E aí tá, os cumpanhero tudo pulano, brincano, né, tá todo mundo, falei: - cadê o patrão?
- Há, o patrão num tá. – Falei:
- Então segura um poco aí, qu'eu vô vortá c'um companhero e vô vê. - Aí vortei c'o companhero, já gritamo e vai.
- Num tem movimento. - Aí, mais na frente tinha oto lugar feio pa passá. O tar lugar da navaia, onde era um lamaçal, um atolero, tamém. Falei:
- Bergamin, cê vai embora com essa boiada. Cê vai embora, chegano na fazenda Riozinho, ali, cê arruma um piquete, pára ela por ali e eu vô vê se localizo o patrão. - E nada, rapais. Nisso já era umas duas e meia da tarde. Nada. Aí, já escureceu, aí o cumpanhero que tava comigo, de apelido de Buguinho, falei: - Buguinho, cê vai no ritiro, - porque tem essa mata do Boneco, mais tem o ritiro, tamém, - cê vai no ritiro do Boneco, chama o Manezinho, - que era um buliviano que andava c'uma turma roçano, - e você chama ele e trais o motorserra. Fala pra ele vim c'a turma. - Porque buliviano lá conhece mato. - Eles sabe, porque cum o baruio de motor, nós passano aqui, ele vai escutá e vem. – Aí, quando foi umas oito hora da noite, aí eu fiz um fogo ali, disarriei o burro, né, e onça esturrano,

- onça é o que tinha naquele mato lá. E cada esturro feio! Aí, chegô. Aí nós saímo. Mandei já trazê uma bóia pa mim, aí nós saímo. Disci assim no mato, assim, quinhento metro entrava dois, quinhento... ficamo até uma meia-noite e poco, nada. E ele escutava o baruido do motor, mais o cara quando fica perdido ele fica, né, se apavora. Aí falei: - bã, agora num adianta, ceis vortam e no oto dia ceis vem. Trais a bóia, pa nós ficá aqui o dia todo se fô prciso, né. Que eu vô ficá aqui. - Aí fiquei co oto cumpanhero, fizemo fogo, no durmia, porque musquito, né, e escutano: - que uma hora ele grita e a gente escuta e responde, né. - Mai aquilo, um silêncio. A única coisa que ocê escutava naquela mata ali era pio de cobra, né, esturro de onça.
- Onça inda vai comê esse home aí, sabe! - Aí, amanheceu o dia, no oto dia saiu esse Manezin com mais dois. Quando foi uma hora da tarde, esse Manezinho saiu nele. Que aí ele achô aonde ele foi c'o burro, coisano. Aí foi pegano batida, né, porque sempre no mato, lá tem muita daquela estopa, eu no digo muito batida, batida é de cipó. Do ramo que vai ino pa frente, aí achô. Então, ficô lá uma tarde inteira, ficô a noite, só que no desceu do burro tamém, né. Que geralmente o burro conhece a estrada, mais lá como é um mato de muito cipó, então ele se perde, né. Porque tem muito lugar aí que cê num travessa. Tem que dá vorta, aonde o burro foi se perdeno tamém. Aí nós... o Manezim achô ele. Aí já vei. Canela tava tudo lascado de espinho, de passá em pau. Aí levamo ele lá pa sede da fazenda. Chegô lá, foi tirano a rôpa, nós jogano água nele. Já tinha feito mais de deis prumessa tamém, né. Acho que ele já foi umas treis veis na Aparicida do Norte pa pagá prumessa.
 - **Ficou a noite inteira e não saiu do burro.**
 - Num saiu. E saísse, a onça comia. Perdia de uma veis, né. Então, porque lá era feio.

4.1.N- Carlão

O caso dos peixes-elétricos que acendiam as luzes da casa

- Eu era um que tinha luis de motor. Tamém, quando no era de motor, que nem dias que tava frio e aquele troço tava feio, eu usava... eu fiz um tanque ligero e peguei uns cinco peixe elétrico. Porque quando eu cheguei lá tinha essa lenda, do peixe elétrico:
- Ah! O pessoal daqui, de noite num cai na água de jeito nenhum!
- Ué! Mais no cai por quê? - Porque eu passava de barco durante o dia e tava cheio que pulava no rio, né. Buliviano tomando bãe lá.
- É. Mais, de noite, por causa do peixe elétrico. De noite ele sai. - E diz que já matô gente, né. Ele vai encostano, vai encochando a pessoa assim. Eu falei:
- Bão! Se esse trem dá choque, eu vô fazê... – Então, eu joguei dentro de uns tanque lá e deu certo, rapais. Deu certo, tinha cinco bico de luis lá, acendia elas c’os peixe elétrico. *Ranranranran*.



Os *Causos* de Seu Edson

5.1.A- Seu Edson

O caso do ataque da onça que foi morta com uma faca

- Aqui na fazenda Tereré, eu cunheci um senhor, um paraguaei. Ele contava uma história... e ele era tirador de madeira lá na fazenda. Então, ele trabalhava sozinho, dentro da mata. E ele pegô um animal, redomão, nós falamo, né, um animal brabo, recém-amansado, e foi pro trabalho. Aí, no meio do trajeto dele, ele cruzava uma picada, que era dentro do mato, e tal, pa chegá no lugar, onde ele tava tirano essa madeira. E a arma que ele tinha era uma faquinha. E um machado, né. E ele chegano lá, trabalhô até uma certa ora e vinha embora. Quando ele veio embora, diz que o cavalo no quiria nem dexá ele muntá. E ele cunsiguiu amuntá no cavalo, dentro do mato, já, a onça pulô e pegô ele. Dirrubô ele de cima do cavalo. Dirrubô ele de cima do cavalo, pegô ele e... o cavalo, cortô todo o cavalo ali na anca do cavalo co'a unha, e ele... E o cavalo se mandô, né. Foi a salvação dele, né. E aí, a onça pegô ele e ele foi furano ela. Ele enfiô o braço dentro da boca dela. Esse braço daqui, ela comeu tudo. (Fala mostrando o braço esquerdo e sinalizando a parte superior) E ele co'a faquinha foi furano ela. Foi, até uma hora que ele já tinha caído, já tava ismuriçido, né, que a onça já tinha rasgado ele tudo co'a unha, e ele cunsiguiu passá a faca e cortô o pescoço dela.
- **Com a faca?**
- É, co'a faquinha. Cortô, aí ela ismureceu, né. Também ele ficô, d' um lado ficô, bem dizê, morto, né. Ele no tinha, quando eu cunheci ele, qu'ele era são, né, ele no tinha essa carne aqui do peito. (Passa a mão pelo lado direito do peito) Isso aqui, a onça rancô tudo co'a unha. Esse braço direito dele, aqui, era todo defeituoso. E esse aqui era totalmente...
- **Só osso.**
- É, só tinha o osso. Ele nem mixia, né, esse braço. Um estrago! A onça quebrô tudo isso aqui, assim, (passa a mão por toda a parte anterior do braço esquerdo) o braço dele. É uma história que eu cheguei a vê a pessoa, né, e ele contava essa história. E ele se salvô porque o cavalo veio correno e chegô na fazenda. Quando

o pessoal viu o cavalo daquele jeito, foro atrais, né. E acharo ele lá no mato, todo estreachado. E a onça, morta. Por um acaso, ele acertô lá uma facada num lugar mortal e ela... E aí, pegaro ele e trussero pr'hospital. E ele se salvô. E afetô, mesmo, só mais, como é que diz? Superficial, né. No chegô firi por dento, né.

5.1.B- Seu Edson

O caso da cobra que serviu de remédio

- Teve nessa época, que eu me lembro, que acunteceu... O capatais que trabalhava c' nós, tal de Seu Armírio, ele tinha uma firida na perna, na época não se falava câncer, né, falava firida braba. E aquela firida dele não podia ficá sem um pedaço de carne fresca, ou uma coisa assim, que ela cumia, sabe? Fazia aquela coisa mais feia do mundo. E nessa viagem, mesmo, que nós féis... então, ele no quiria matá uma criação pra por ali, né. Mandô um pião matá um bicho pra que ele pusesse ali a carne. E o pião no achô nada, matô uma cobra e tirô o corô da cobra. Pra ele no sabê que era cobra, né. E pois um pedaço, assim. Ele pois lá e marrô, e tal. Passado uns dois o treis dia, o negócio começô a secá. Aí, ele perguntô p'o pião que que o pião tinha posto. Aí, o pião ficô cum medo de contá e, aquela coisa toda. Mais, no fim terminô contano pra ele, né. Ele falô:
 - Não, eu puis um pedaço de cascavel. – Tá. Aí, ele falô pro pião:
 - Então, agora cê vai prucurá otra. Porque minha perna tá sarano. – E, o pião foi, a procura, até achá, e trosse. Colocarô de novo, no mesmo lugar. E com o passar de um meis, mais-o-meno, a firida sarô.

5.2.B- Seu Edson

O caso da sucuri que foi morta enrolada no bezerro

- Olha! Sucuri, eu me lembro muito do meu pai contá uma história de sucuri. Isso em mil novecentos e quarenta e seis, quarenta e sete. Eu tinha quatro, cinco ano de idade. Eu me lembro disso e, depois, de ele contá a história. Ele comprô uma

fazenda no Rio Verde e ele tava formano a fazenda. E ele tinha uma cadela, uma cadela pulicial, que no saía do pé dele, né. E um dia ele, ele vinha vindo da invernada, trazeno um gado pra fazenda, e passava um córrego, um corguinho. E, no passar nesse córgo, a cadela barrô o gado e no dexô o gado passá. E começô a lati, tal, e era um sucuri, que tava dentro da passage e ele deu um bote e pegô um bezerro e a cadela começô a bagunçá e meu pai insistino pro gado passá, mais por causa daquele bezerro que tava ali, né. A cadela latino e o bicho pegô o bezerro. A sucuri. Aí, o velho largô o gado e foi vê o que que tava aconteceno. Chegô lá, deu cum ela inrolada no bezerro. O bezerro recém-nascido, ela pegô. Aí, ele matô, marrô na chinha do cavalo e levô pra casa. Tinha doze metros de comprimento. Diz que, era uma enorme,. Mais-o-meno dessa grussura, assim. (Faz um círculo com os braços) Um enorme dum bicho. Aí, levô pra casa.

5.3.B- Seu Edson

O caso da sucuri que foi morta com uma faca, para largar uma cadelinha

- Poucos dias atrais, um colega meu tinha uma cadelinha, dessas paquera, e ele ficava lá na chácra dele, caçano paca. O sucuri pegô a cadelinha dele. Ele tomô! Ele pulô cum ela dento do rio, sentou-lhe a faca até matá a sucuri e tomá a cachorra. Ele falô pra mim que só num feis respiração boca-a-boca na cadelinha, mais, do resto, ele feis tudo e a cadela voltô. E no matô. Só que, ela andô distroncano a mãozinha da cadela, no consiguiu arrumá. Mais, tomô a cadelinha. Ele disse que a sorte dele é que no era grande a sucuri. Era uma sucuri de mais-o-meno uns quatro, cinco metro.
- **Coragem, hem!**
- Ele falô pra mim que pulô dento d'água e pegô ela. Pegô ela embrulhada com a cadela, né. Aí, diz que juntô ela na cabeça, assim, (aperta a mão direita no ar, como se estivesse imobilizando a cobra) foi passano a faca e foi cortano, até qu'ela soltô a cadelinha.

5.1.E- Seu Edson

O caso do homem que correu do Pai-da-mata

- Pai-da-mata, eu já ouvi o grito.
- **Já ouviu?**
- Esse, já.
- **E como foi?**
- É um grito, de espanto. Como se uma pessoa levasse um baita d'um susto, né, e desse aquele grito mais isquisito do mundo. Inclusive, eu curri mais-o-meno uns, quase mil metro, de medo disso aí, sabe. Eu era noivo da minha mulher. Naquele tempo, ali pro lado do cruzero, naquela região ali, meu pai tinha uma chakra. E, da Vila Rosa lá na chakra do meu pai, devia dá uns dois quilômetro. E eu, saí um dia da casa da minha noiva, era uma meia-noite mais-o-meno, que tinha uma festinha lá, e tal. Meia-noite, uma hora, eu saí, sabe. Peguei o corredor que tinha, era só um trilho, sabe, q'a gente passava. E eu ia desceno. Quando eu andei, mais-o-meno, uns duzentos metro dentro do mato, eu escutei um grito. Um grito gimido, sabe, aquele grito... E eu, prestei atenção, no vi barulho, no vi nada, continuei andano. Eu andei, assim, mais-o-meno, mais cinqüenta, sessenta metro pra frente da onde eu tava. Aí, eu escutei um grito que chegô me dexá surdo. Aí, eu já comecei andá ligero, né. Andei mais pra frente, escutei otro grito. Aí eu curri. E, quando eu cheguei na porta da minha casa, tinha um senhor, um pretinho que morava c'a gente, eu escutei otro grito, que parece que chegô a mexê c'o telhado da casa, assim, sabe, e esse senhor tava durmino e acordô c'o grito. Levantô e falô pra mim:
 - Que que é isso? - Falei:
 - No sei. – E aí, tinha um corredor, assim, que descia, onde a gente punha o gado pra tomá água, e esse negócio deve tê discido naquele rumo, né. Depois, nós iscutamo mais dois grito dele pra baxo. Só que, no otro dia nós fomo lá pra vê se tinha rastro, dalguma coisa, algum vestígio, né. No tinha nada.
 - **Foram só os gritos?**
 - Só os grito. Nós só escutamo os grito.

- **E era o Pai-da-mata?**
- Era o Pai-da-mata.

5.2.E- Seu Edson

O caso do Lobisomem que atacou o seu próprio filho

- Olha, na época que a gente era criança, eu via muito meus tio-avós, meus avós, contá que, diz que, naquela época tinha, (lobisomem) né. Inclusive, a minha vó contava uma história duma cunhada dela. Que ela morava numa fazenda, retirada uns deis quilômetro da casa da minha vó. Aí, quando ela casô, o marido dela apresentava muito estranho. E, eles no sabia o que que era. Inclusive, ele no gostava de ficá junto c'otras pessoa, saí junto c'a mulher, tal. E aí a mulher dele ficô grávida e teve um bebê. E na época, naquelas época usava muito umas coberta, pequena, que tratavam de baeta. Era toda de lã, vermelha. E a minha vó conta que, diz que, ela veio com ele passeá na casa da minha vó. E no caminho, ele falô pra ela:
- Me espera um poquinho aí que eu vô dá uma ida no mato. – E saiu, de perto dela. E quando ela assutô, pareceu aquele, um tremendo de um cachorro. Coisa mais feia do mundo. E atropelô ela. E ela, pra se vê livre, subiu numa arve. Só que a arve era meia baixa e o bicho, diz que, pulava pra pegá. Pegá o neném. E murdia, né, naquele negócio assim, arranhano. Aí, passô aquele fragante ali, ele sumiu. E aí, apareceu e perguntô pra ela o que que aconteceu e tal, e tal. E acabô por ali. Aí, foro lá na casa da minha vó. Na volta, ela disse que no quiria voltá por que tava cum medo. Acabaro, diz que, ele voltano, ela ficô. Quando foi no otro dia, ela, eles acabaro de almoçá e diz que ele deitô num banco e ela olhô na boca dele e viu no vão do dente dele, cheio daquela lã vermelha. Os fiapos de lã vermelha, né, no dente. Aí, ela saiu, foi lá no meu avô, contô p'o meu avô. Aquele tempo, o povo era muito ignorante, né. Meu avô já juntô uns quantos home e foi lá pra se certificá, né. Aí, certificaro que era ele que virava o tal do lobisome e atropelô ela. Então, foi história que eu iscutei sobre isso aí. Alembro da minha vó contá isso.

5.3.E- Seu Edson

O caso da cerca do Bicho-da-mata

- Lá na fazenda desse senhor, até é meu parente, tem quatro equitara de mato, no canto da fazenda, qu'eu pago pro caboco entrá lá dento. Ninguém consegue entrá lá dento.
- **De tanta cobra?**
- De cobra e lá dento tem, parece, diz que é o tal de Bicho-da-mata. Se o sujeito entrá pra dento... ela é fechada cum vinte fio de arame, o véio mandô fechá. O seu Dino Américo. Inclusive a cerca é mais alta e ela é toda fechada com vinte fio de arame. Cê olhava assim... madera, que a gente trabalhava, né. Então, tinha muita madera boa, pra tirá pra cabo, de ferramenta, essas coisa. Os camarada chegava ali, naquela berada ali, né... o cara quiria tirá um cabo de ferramenta, se ele entrasse do arame pra dento, se ele livrasse da cobra, ele apanhava. Mais, da onde que saía as paulada, também, ninguém sabe, né. Ninguém sabe. E essas são histórias que a gente sabe.

5.4.E- Seu Edson

O caso do Come-língua que atacou uma vaca

- A única coisa qu'eu já vi minha mãe contá, foi do Come-língua. Já viu falá, do negócio de Come-língua?
- **Já, já ouvi.**
- É. Minha mãe conta que, diz que, na fazenda do meu avô, chegô acontecê.
- **E como foi?**
- A minha mãe conta o seguinte: que quando o meu avô abriu a fazenda, tal, que pareceu isso por ali. Aí, um tio meu, meu tio mais velho, no acreditava. Quando foi um dia, dento do manguero, no bretão, um gado, uma vaca muito braba, diz que meu tio falô:
- Ah, isso aqui, diz que iziste o tal do Come-língua, porque no come a língua desse trem? - Né. Que é muito braba, e tal. Diz que a vaca deu aquele pulo pra cima

- assim, caiu de costa. Aí, começô pô sangue pela boca. Aí, como tinha meu tio, tinha meu avô, tinha o tio da minha mãe, né. Viro aquilo ali, ficaro todo mundo assustado, foro olhá. Quando abriro a boca da vaca, no tinha língua.
- **Mas, não viram nada.**
 - Não, no viro nada. Só viro... a vaca caiu, ficô sem a língua. Aí, depois, surgiu, eu mesmo, cansei de ouvi o meu avô, meus tio, tio-avô meu, contá que diz que, era um camarada... a mãe jogô praga nele. Ele tinha que ficá sete ano comeno só língua de vaca. Então, isso são histórias dos meus avós, né. E a minha mãe diz que chegô presenciá isso aí, que ela era minina e chegô a vê isso aí, a vaca sem a língua.

5.1.F- Seu Edson

O caso da fazenda mal-assombrada

- Meu tio, casado com uma tia da minha mãe, morô num lugar, qu'eu no sei o que era, mais, lá, lá tinha um negócio que, que no tinha explicação. Lá, se você, à noite, dependeno do dia, você fosse deitá, surrava bizerro dento do manguero, falava:
- Vai matá tudo! – A gente levantava, ia lá acudí, o bizerro tava durmiíno. Numa boa. Outra hora era os cachorro no terrero. Surrava cachorro no terrero, que cê via o cachorro, ia morrê! Você ia lá, chegava lá, os cachorro tava durmiíno. Uma veis, aconteceu lá, nesse lugar, aconteceu um fato. Isso fais tão poco tempo, foi logo que saiu aqueles rádio, rabo quente, à pilha, aquelas pilha seca. Então, a gente... eu, mesmo, morava, dessa fazenda do meu tio na minha propriedade dava uns dizoito quilômetro, a gente saía de lá, a tardezinha, iscureceno, pa í lá no meu tio, pa escutá rádio. Era a novidade! Nóis chegamo lá, eu, minha mãe, minha irmã e dois primo meu, que morava perto. E tava meio frio, né. Então, a gente chegô lá, a sala da fazenda era grande, né. Nóis chegamos assim, colocamo, incostamo a porta, né. E, quando foi daí a poco, escutammo um cavalero que chegô, né. Ia

- chegano na frente da casa. Chegô e apiô do cavalo. A ispora, tudo, feis aquele barulho, né. E, aí o camarada falô assim:
- Ô! De casa. Ô! Moradô. – E nós tudo ali sentado, sabe. O cara falô na porta, assim. (Indica uma distância de uns dois metros) Meu tio abriu a porta, no tinha absolutamente nada! No tinha ninguém. A gente... lua clara, assim, né... a gente saiu pra fora, olhamo, no tinha nada! Agora, lá era, lá era incrível, memo. Tinha um camarada que socava o pilão. Meu tio ia até dento do mato, as veis, acompanhano o camarada socano. O camarada socava aqui, ele ia ali, o cara socava lá na frente, socava lá mais pa frente e ele ia ino, sabe. Até, uma altura. Mais, nunca viu nada. Só escutava o barulho. Qué dizê, assim, pertubá as pessoa, tal, não, isso aí nunca. Mais fazia barulho, né. É, pegava água da bica, que tinha um rego d'água bem na frente da cozinha. As veis, assim, cê tava ali na cozinha, o camarada chegava, enfiava uma lata na boca da bica, assim, *tióoo!* A água parava de caí, sabe. Aí, eu no sei aonde ele levava aquela água, mais daí a poco, ele voltava e vinha de novo, sabe. Cê via ele pegá a água. Escutava o barulho, certinho. Só que, no mixia cum niguém, sabe.
 - **Mas, a água parava.**
 - A água parava. Você via que ele pegava a água ali e saía. E isso ficô muitos anos, até ele mudá de lá. Foi imhora de lá. E acontecia esse negócio, lá.

5.1.I- Seu Edson

O caso do benzedor que apagou o fogo de uma fazenda e encontrou um ninho de cobras

- Eu, quando era minino, aqui no seu Dino Américo Tavera, aqui na fazenda Barrero, e eu vi um caso de um senhor que me dexô, sabe... eu era mulecão, devia tê uns onze, doze ano. É... dexa eu me alembrá o nome dele... ele era minero, esse senhor. Esse senhor no andava nem a cavalo, nada de condução. Só andava a pé. Tinha um bastão. A única coisa que ele usava era esse bastão e uma faca. Eu alembro até hoje, nós tinha muito medo dele. Nós era criança, né. Então, você

encontrava ele na estrada, por exemplo, nós quando era guri, né, ficava tudo com medo. Mais, era feio memo, o home. Usava uma barba por aqui, assim, sabe. (Com a mão direita marca na altura do peito) Ele era bem moreno, quase preto. Aquela barbona c'o cabelo. Ele andava assim, sabe. No andava muito bem vistido também, né. Esse senhor, eu vi ele fazê duas coisas, que me dexô impressionado. Em mil novecentos e cinqüenta, eu fui c'o meu tio e padrinho, irmão da minha mãe, ajudá apagá um fogo dento da fazenda desse seu Dino Américo. Era um jaraguá que cubria uma pessoa. Nós tava em, vinte pessoas, por aí, pra apagá o fogo. No conseguia. O jaraguá era muito arto. Ia queimá a fazenda do home, toda. Esse senhor apareceu lá, mandô todo mundo í ficá numa sombra. Alembro até hoje, era uma figuerona.

- Pode ficá aí, tomano a água de voceis. No vem ninguém atrais de mim! – E ele entrô, assim, mais-o-meno uns vinte metro antes do fogo. Benzeu. Aí, ele voltô por onde tinha queimado. Voltô, foi lá onde nós tava. Aí, o capatais da fazenda, que era filho do seu Dino Américo, tar de Toninho, falô pra ele:
- E daí, seu – Zé do Reis, chamava o home- e daí, seu José? - Ele falô:
- Não, ceis pode í imbora pra casa. – O fogo queimô até onde ele passô. Da onde ele passô, pra baxo, né. Depois, eu vi ele fazê uma coisa, aí, nessa mesma fazenda. Tinha um maiador de gado, volta-e-meia aparicia uma criação morta. Ninguém sabia... sabia qu'era cobra, né! Mais, no sabia de qual era. Aí, ele chegô na fazenda, seu Dino Américo falô pra ele. Aí, ele saiu, assim, prum lado, falô pro dono da fazenda. Falô:
- Olha. Arruma um pião, dois pião e uns inchadão. Eu vô matá a cobra. - Aí, foi no maiador de gado. Rente no chão, assim, tinha aqueles cupim de pito, que eles fala, né? Num cupim quebrado, ele chegô e falô pr'os pião:
- Cavuca, mais cavuca cum cuidado, que aí embaxo tem duas salamandra. Aí, o pião abrino, foi cavucano. Chegô embaxo, tinha um buraco, fundo assim. (Com a mão direita, faz a altura de um metro mais ou menos) Rancaro aquele cupim, saiu as duas cobra lá de dento. Aí, ele mandô elas pará. Aí, diz que, elas parô assim, eles que contaro, os dois pião. As cobra parô, assim. Aí, diz que, feis assim, do

- lado deles e as duas cobra espicharo, assim, foro se retorcenô e morreu ali, as duas. Os pião ficô...
- **Ele só ordenou.**
 - É.

5.1.L- Seu Edson

O caso do estouro da boiada

- Olha! Cumigo aconteceu. Aconteceu uma história, até muito interessante, na época eu era novo, né, tinha desoito ano. Nóis vinha vino do Pantanal, memo, estorô uma boiada e eu muntado numa mula. E o burro é um bicho que estôro de gado no pega ele. E a gente... o gado estorô e eu tava nessa mula e, o gado estorô e veio aquela ponta de gado em cima de mim e essa mula saiu cumigo, travessô o curicho, cumigo muntado, perdi toda a traia, sabe? E eu, como era uma das experiência primera qu'eu tinha, né, eu fiquei muito apavorado, qu'eu no sabia nem onde eu tava. Depois da confusão toda acabada, eu no sabia nem que rumo tomá, por exemplo, pra voltá, né. Mais, como a gente foi criado em fazenda, aí, eu no caso, peguei a batida do gado de volta. De volta até chegá onde tava o pessoal.

5.2.L- Seu Edson

O caso de Seu Edson que ao cair do cavalo foi salvo pela bota

- O maior pirigo qu'eu já passei, que eu fui arrastado mais-o-meno uns duzentô metros pelo pé. Caí de um cavalo, atropelano um boi e a ispora passô na barriguera e eu no conseguia tirá o pé. A minha... só no murri porque a bota saiu. Eu carçado de bota, e a bota saiu do pé. Aí, eu cunsegui saí do pé, mais, nessas altura, eu já tinha sido arrastado, tava todo esfolado, já, de tanto o animal me arrastá. Esse foi o maió medo qu'eu já passei na minha vida. Porque, sozinho, dento do mato, né.
- **E o senhor tinha que idade?**

- Ah, eu tinha uns disoito, disenove anos, por aí. Eu tava... Eu tinha ido... Meu pai tinha mandado eu í buscá um gado e eu fui lá, uma vaca correu e eu fui tropelá ela, dento do mato, né. E, no trupelá, o cavalo deitô cumigo. Deitô cumigo e eu saí fora do arreio. Foi, pulei, né. E n'eu pulá, a ispora pegô na barriguera e aí no teve jeito d'eu saí, né. tive que sê arrastado dento do mato. A minha sorte é que era um mato ralo, num tinha muito pau grosso e eu saí arrastado mais no capim, memo, né. Mais, se eu no consigo, se a bota no sai do meu pé, eu tinha murrido. Porque, o cavalo, era um cavalo novo, cavalo violento. Aí, quando eu caí, que ele me viu de arrasto, aí, ele virô um negócio, sabe. E no me assertô nem um coice, não. O coice dele passava, assim, como diz, passava berano meu rosto. E eu pelejano pra desenroscá meu pé. Até uma altura, né! Porque, quando cê chegô uma artura, já no viu foi mais nada. Aí, fiquei, acho que... devo tê ficado uma hora, duas hora desmaiado. Aí, eu levantei zonzo, assim, fui lá peguei, o cavalo no queria dexá eu pegá, eu peguei... foi um sacrifício pra muntá, né. Aí, muntei, saí de fasto até chegá em casa. Aí, quando eu cheguei em casa, que a minha mãe me viu, ficô todo mundo espantado, minha mãe então, nem... ficô loca da vida. Eu tava todo esfolado! Cabeça, tudo. A cabeça aqui, assim, tinha cada um calombo! De batê no chão, né. O cavalo correno, no tinha jeito de firmá o pé, nem nada, né. Então, foi um dos maior susto qu'eu já levei, sabe.



Os Casos de Seu Benjamim

6.1. A- Seu Benjamim

O caso da onça que precisou de dez caçadores para matá-la

- Eu morava nessa fazenda, porque o pai da minha mulher, mãe, morava nessa fazenda. Eu ia na Santa Rita e ia passeá lá. Intão, eu falava pra eles:
- Quando oceis forem matá uma onça pintada, caçá, oceis me avisa que eu quero assistí. Que eu nunca matei. Quiria vê. - Quiria vê, assistí a matança de uma onça pintada. Intão saiu um pra vê a tropa, assim, pra saírem pro campo. Achô uma potranca morta na bera dum brejo. Do jeito que ela matô, largô ali. Num comeu, num arrastô, num feis nada. Mais adiante, um boi, de treis ano. Daí, ele ligero tocô um lado de trampo e veio pra fazenda, avisá que ele tinha visto esses dois animar morto: uma potranca e um boi. Aí intão, nós, ligero fomo pra lá. E ele num viu a nuvilha que a onça matô. Comeu a parte do granizo, que a gente fala é aqui (bate com a mão aberta abaixo do pescoço) a parte da ubre, sabe? Foi só o que ela comeu. Esfolô e largô lá, do jeito que ela comeu. Então, saímo pro brejo, tava seco. Tava longe já da fazenda. Aí falei pr'um dos filho do fazendero:- Olha, nós já tamo muito longe. Vamo vortá. Vamo repará lá, onde ela comeu um pouco da nuvilha, o granito. Quem sabe ela tá por ali mesmo. - Tinha um parente da minha mulher, Eurídice o nome dele. Falei: - Eurídice, na hora que nós chegá lá onde ela cumeu a nuvilha um pouco, eu vô pegá seu cavalo, cê corta a batida dela, olha entre a mata virge e a capuera. - A capuera, sabe o que que é. Onde ocupô pra lavora e largô. Mais, foi ele entrá uns deis metro, ele falô assim:
- Ói! Cumeu um gambá aqui! A cama dela aqui! – Cum isso a cachorrada já saiu em redor dele.
- Ai, vai, vai, vai! - Um pampero danado. E ela foi lá pra mata virge, né, que onça num vai pará em lugar limpo. Foi lá pra mata virge. E cum isso, ela acuô no chão. Acuô, que fala, é num subiu. Intão, os cumpanhero era uns oito ou deis. Era por aí, entre guri, o pessuar da fazenda. Aí, a turma quando viro que os cachorro tava fazeno esse barulhão cum ela no chão, fôro muntano no cavalo e saíro lá pro largo. Tinha um albulquercano que é tio da minha mulher, quando ele viu que eu

- ia fazeno uma picada, picada que a gente fala é cortá um pau, uma coisa, pra entrá pra onde tá acuada, a onça. Ele passô a mão na zagaia e, e me acompanhô. Entramo uns deis metro ou más, falei:
- Benedito, eu tô veno umas pintada lá e eu vô dá um tiro nessa onça, pra ela saí de lá. Vô dá um jeito aí. - Sujo demás. Tirei o revórve e atirei. Por sorte quebrô o ispinhaço, essa onça.
 - Oh,oh,oh! - Aí que ela zangava. E fomo chegano. Sei, chegô assim uns deis méto, mais-o-meno, menos. Ela levantô a cabeça, aí eu atirei. Atirei nela, caiu. Aí saiu tudo, minha mulher, o Benedito, meteu a zagaia. Zagaia ocê sabe? É uma ferramenta assim como faca pra esfolá ela, né. Ele chegô, sangrô ela. Meteu a zagaia no sangradô e... Daí intão, a onça quetô, os cachorro também ficaro quétó, viu que tava morta. Aí a cumpanherada foro chegano. Viu que quetô a coisa, foro chegano. A onça já morta. Daí um, um cumpanhero nosso, de Cáceres, Genésio, falei:
 - E aí Genésio? Vai lá, pegá nosso chapéu - cum aquela arrancada que fizemo que a onça correu, caiu o chapéu, lugar sujo. Falei: - Vai lá! Pega os nosso chapéu, home de Deus. Ele falô:
 - Não, o meu num quero mais. Tá velho já, num quero mais. – Rarrarrá. Que a caçada de onça, sabe, falam que sempre é duas, o casar, né. Dicerto ele pensô isso aí: - a outra deve tá aí, eu num vô não. - Aí eu fui lá pegá o chapéu. Peguei o meu e assim vinha o dele, peguei o dele também, entreguei pra ele. Ah, já pois na cabeça. Rarrarrá. Aí a cumpanherada chegaro, arrastamo lá pro limpo, pra apoiá essa onça, tiramo o coro e fomo pra fazenda espetá bem o coro da onça. Mais, era uma onça muito grande e velha. Cê já viu, um dia ou uma noite, num sei, pra fazê esse estrago. Agora o senhor avalia dentro de um ano o que que um animar desse num dá de dispesa numa fazenda, né, de criação que num mata.

6.2.A- Seu Benjamim

O caso da onça que escapou da sexta-feira para morrer no domingo

- Eu tinha um cachorro novo, tava cumeçano saí. Saímo pra curá bizerro. Esse cachorro rastejava lá, essa onça vinha, vinha. Passô um gado, ansim, correno e tampô a batida dela. Ele vortava e ia lá onde ele cumeçô. Daí eu falei pra esse filho meu:
- Tarcílio, olha o que esse cachorro tá rastejando! - Ele apeiou olhô lá, falô:
- Uma onça parda. - Aí eu falei pra ele:
- Amarra o cachorro, vamo tirá ele. Nós viemo procurá bizerro, num tamo caçano isso aí. Domingo eu venho matá ela. - Já tava perto, num sei se era uma sexta-fera ou quinta. Chegô esse domingo, fui lá, nesse lugar lá. Levei os cachorro, era uns três cachorro que eu tinha, mais o bom era esse novo que tava cumeçano. O coiso era bom memo. Daí matei essa onça. Agora, eu num sei se essa que eu mandei tirá o cachorro da batida ou outra. Pudia sê otra ou pudia sê essa memo, né.

6.3.A- Seu Benjamim

O caso da onça que foi morta à paulada

- Então, nós fomo berano a cerca e os cachorro saíro na onça, já feis subí. E nesse dia num sei que no que pensei, num puis o revórve na cintura. E o Jusias Minerero, tinha um peão dele, um tar de Zé, lá:
- Nirso, vai ligero lá no Zé, fala pr'ele vim. Trais o revórve aqui q'ele... pra matá essa onça. - Subi. Aí enjoamo de cortá pau, jogá nela, batia no chão, ela subia n'otro pau. E inda esse home, o Zé, veio cum duas balas no revórve, falei: - Atira você, Zé. O revórve é seu, cê cunhece a mira dele, atira você. - Atirô. O primero errô, o segundo pegô nela, que ela desceu, pulô no chão e a cachorrada veio encima. E eles já pegaro o pau e mataro essa onça a pau. O Nirso e esse Zé. O Nirso já trabalhô cum você. Um dia, cê toca nesse assunto, ele te conta bem. Tem gente que vai caçá é porco, é coisa... maior mintirada, maior furada. Eu nunca gostei disso, eu gosto de contá a coisa certinho, como acunteceu.

6.1.B- Seu Bejamim

O caso da sucuri que deixou um rastro de dois palmos de largura

- Uma vez, eu fui numa fazenda pra í castrá os cavalo pr'um cunhado meu. Fui lá pra... Aí, eu fui berano uma baía muito grande. Baía da Santa Virgínia, é o nome da baía. Lugar de muito peixe. Um areiãozinho, ela saiu, saiu da baía pra entrá dento do mato. Num sei que mistério que tem a sucuri que gosta de entrá dento do mato. Sempre, a gente vai tirá folha de acuri pra cubri um acampamento ou casa, memo. Que pra lá antigamente os rancho era só de palha, que fala rancho é o morada da gente, só com folha de acuri. Então, berei, assim, um areiãozinho bunito, vi, batida dessa sucuri, que saiu da baía í pro mato. Apeei só pra mim midi. Deu dois parmo meu de largura a batida dela, batida é o arrastadô onde ela passô. Eu falei:
- Eu vô vê esta sucuri! Vô vê! - Amarrei o cavalo, fui siguino, siguino, num lugar mais limpo, aí pegô o caraguaterão, larguei da batida: - num vô entrá aí no caraguaterão, não.

6.2.B- Seu Bejamim

O caso da sucuri que foi morta por atacar um cachorro

- Eu morava num lugar, perto aí da Esperança, os cachoro, nove hora do dia, tão tudo na sombra. O cachoro cumeçô a gritá, gritá lá, falei pr'um dos filho:
- Vai lá. Corre lá. Vai vê que que foi cum esse cachoro. – Deu uma carrera lá. Uma sucuri. Já tinha enleiado ele aqui, (passa a mão ao redor do pescoço) no pescoço e o dente aqui, (passa a mão na parte anterior da perna) no garrão do cachoro, aqui. Seguro aqui. Ah! Nóis coremo ligero lá, pr' acudi ele. Tivemo qu'acudi. Se n'acode, tava morto. Ela tava bem segura, no cachoro.
- **Mataram a cobra?**
- Matamo. E tinha um cachoro mais velho, quando viu que o cachoro tava gritano, avançô no sucuri pra largá do cumpanhero. Tinha um guri que num tinha medo, pegô no rabo dela, cumeçô esfregá num pau, assim. Ela largô.

6.1.C- Seu Benjamim

O caso do porco-monteiro que cortou o garrão do cavalo

- Montero, em toda fazenda, sempre tem. Montero, que a gente fala é porco baguar.
- **O senhor já passou perigo com monteiro?**
- Ah, já. Mais muitas veis, principalmente o baxo, esse é pirigoso. Pirigoso mesmo, num é de í nele de quarqué jeito. É pior de que uma onça, só falano assim. A onça, cê tá c'a zagaia, revórve, ocê iscora no... No cachaço, ele arrancô de largo ocê, ou ele te derruba, ou te corta, quarqué coisa ele já feis aí nessa passada dele. É ligero!
- **Ele já cortou o senhor?**
- Não, nunca cortô. Tive sorte. É que eu lutava cum muito cuidado, viu. A gente vai pegano prática. Mais num é. As veis, por mais cuidado que a gente tem, sempre acontece.
- **Mas o cavalo, ele já cortou?**
- Ah, já. Dum primo mesmo, meu, via falá, que um cachaço um dia, ele correno pra pegá um mato. Ele falava, muitos falavam:
- Pode í pegá ele. Coisa que num tem pirigo. - Ele apeiô, foi pra pegá, ele saiu fora dele, o cavalo tava ali perto, ele já apontô pro garrão. O garrão pra gente aqui, é isso. (Passa a mão no nervo de trás da perna, sobre o calcanhar) Alejô o cavalo. Até tivero que matá esse cavalo porque já num prestava memo. Cortô esse nervo da perna, né. (Passa a mão pela perna apontano o nervo) Torô de um a um desse jeito. Se cê vê ali, é só nervo que tinha o cavalo.

6.1.E- Seu Benjamim

O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão

- Eu vi contá que ele (Mãozão) pegô um guri, e teve muito tempo cum esse guri. Pegô pra lá, mais ele num feis nada c'o guri, num machucô. Daí um tempo, foro e viro o guri, metero no cavalo e truxero ele pra cá. Mais, já tava cum mais de quinze dia. Falam que o Mãozão que levô ele.

- **Ele num tinha nenhum arranhão?**
- Não. Num tinha nenhum arranhão. (Balança a cabeça)
- **Ele estava meio amalucado, ou não?**
- Não, num tava não. Eu num cheguei vê não, mais cunheci o minino, até é irmão de um afilhado meu. Não sei se no Campino, Guanandi ou Curralinho, esse Mãozão é desse trecho aí. (Aponta o dedo indicando a região) Essa Laranjera sempre a turma falava, diz que num podia saí um pião mei sozinho. Sempre tinha que saí c'um cumpanheiro. É muito falado esse Mãozão, num é do meu tempo não.

6.1.G- Seu Benjamim

O caso do enterro de Nhonhô Velasques

- Ali na Aurora, ali, diz que tinha um interro muito grande. Outra lá onde era do Nhonhô Velasque, chama Marimbondo. Hoje em dia é do Joci, ali diz que também tem um interro, porque esse Nhonhô, ele num punha dinheiro no banco. Vindia boi, ficava por ali e disse que ia interrando, Nhonhô Velasqui. Cê viu falá nele?

6.1.I- Seu Benjamim

O caso do benzedor que salvou a própria filha do veneno da boca-de-sapo

- Na fazenda Esperança, que eu vi. O próprio pai dela, memo, que benzeu ela. Ela ia saíno já na boca-da-noite. Boca-da-noite, que a gente fala, é no iscurecê. É as duas hora mais pirigosa da cobra, principarmente a boca-de-sapo. É no fechá a noite, é no clariá o dia. Você pode ficá certo.
- Ah, fulano a cobra pegô! – Prucura sabê, quando num é na boca-da-noite é de manhã cedo. Boca- da-noite, a gente fala, é quando tá iscureceno. Acho que ela sai pra caçá essas hora. E de manhã, ela sai procurano onde ela iscondeu. A boca-de-sapo é ansim memo.
- **E aí, essa menina saiu, foi a menina que a cobra picou?**

- Foi a menina, de uns dez ano, mais-o-meno.
- **Como que foi?**
- Pois é. Ela ia saíno da casa, acho que no saí na porta, a cobra pegô ela. Foi olhá c'a lamparina, viu qu'era boca-de-sapo. O pai dela benzeu ela. Aí, num sei se ela num tinha de morrê. Eu num acriditava muito em benzição, não.
- **E ela sarou?**
- Ah, sarô.

6.1.M- Seu Benjamim

O caso do temporal a caminho da fazenda

- Olha, o temporal, você podeno ficá no lugar, lugar melhor do que você querê entrá no mato pra aguardá a coisa, isso é um pirigo. Tem temporal que arrebenta árvore lá incima, outros revira cum raiz.
- **E como que foi esse que o senhor achou que ia morrer?**
- Ah! Eu tentei entrá dento do mato. Aí, como tava balanceano muito o vento, saí dali, fui ficá lá num largo. Já ia ino pro seu Manuel do Santa Rita, onde peguei esse temporal no caminho. Tratei de ficá no limpo, parado. Apeiei do cavalo e fiquei queto no costado dele. E esse vento soprando, vento memo!

6.2.M- Seu Benjamim

O caso do vendaval de dar medo

- Outra veis, um vento brabo, peguei aí no, nas terra do Alfredinho, vizinho. O Zé Lima comprô lá, Santa Maria. Hoje em dia é do Capitão Bira. Cunhece, né? Genro do Zelito. Fui ajudá um filho meu a carniá já depois do armoço, tinha levado umas filha minha pra passia lá onde tava o irmão. Aí então, carniô, ajudei, ele falô:
- O senhor leva uma carne, aí se vié buscá o carro, eu levo uma carne-seca p'o senhor. - Entre a Conceição do Firicício e a baía das pedra. Arizona, conhece lá? Arizona, ali que eu tava. Lá, que eu cumecei trabalhá c'o Zé Lima. Aí, eu vim

aqui pr'o Curichão. Aí no Curichão eu tenho quinze ano e cinco meis, aí. Trabalhano c'o Zé Lima.

- **E como que foi esse temporal?**

- Esse temporal? Olha, eu vinha trotiando, trotiando, e a coisa vino. Aí, um vento brabro, memo! Discubriu uma reposera duma anjiquerazinha, assim. Aquela chuva vei, bica lá, fiquei lá quieto, até acarmá um pouco, aí eu fui imbora. Encostei o cavalo lá embaxo, no arto era assim uma reposera. Fiquei lá. Fiquei lá, quieto, até acarmá um poco. N'hora qu'eu cheguei lá onde eu morava, quase num cunheci o lugar de tão... Uns pau muito grande, e esse vento passô lá e feis essa disorde. Derrubô aqueles pau tudo. De dá medo! E a mulher lá, c'a Clarice, que é daqui do..., mulher do Denir, cunhece o Dinir? Filho do, da Vitória, ela tava essa noite lá. Só que cheguei já era umas nove hora. Falei: trasei um poco a viagem por causa do vento. Eu tive que pará. Aquelles pau tudo caído lá, já me deu medo de vê aqueles pau lá. Sabe, aqueles pau... é sempre pau das arve de porta de fazenda, é pau grosso, encorpado, né. Num é esses pauzico aqui.



Os Casos de Seu Chumbo

7.1.A- Seu Chumbo

O caso da onça que tirou a própria vida com uma faca

- Saí assim pr'um, pra dá uma volta no campo, pra vê se achava um porco pra dá de cumê às criança, né. As criança muito pequena, precisava de, de alimento e eu num tinha. Sempre pobre, sem ter uma coisa, né. Vivia assim. Aí, saí, os cachorro achô ela e, subiu ela... correu atrais, subiu no pau e, foi a hora que eu, que, matei, né. Mais, naquele tempo a gente podia matá né. Num tinha, num tinha nada com hoje. Hoje, hoje se chegá de matá uma onça, aí vai tê o pobrema, vem a Ibama, vem a florestal.
- **E o senhor subiu. Como o senhor fez?**
- Aí, subi, aí eu puis a faca nela lá, puis assim pra ela, ela pega e puxa. Ela, não é dizê que ela enfrenta, não. Ela pega cum aquela coisa que ela sente, e aí ela pega e puxa. E a gente põe bem no morredor, aonde vai matá ela, ela puxa e... Aí, acontece que ela memo tira a vida dela. Com a própria mão dela. Ela memo tira a vida dela com a própria mão. Que ela puxa, né. Agora, no caso, no caso, no caso cumo tem zagaiero que... tem zagaiero que, eles tem uma zagainha desse tamanho, ele põe ali, aí ela puxa, aí ela cai, aí ele tem que pulá p'o lado de lá, sinão ela, ela cai e aí ela toma a zagaia dele e pega ele e come ele. É um bicho pirigoso, mais, o home sempre tem um poder muito, muito mais do que... tirano de Deus é o home, né. Então, os bicho num leva grande vantage porque o home tem bastante idéia, né. Ela tem idéia só pra caçá otros bichinho.

7.1.B- Seu Chumbo

O caso da sucuri que engoliu uma criança

- A criança tava na bera do rio, ansim, e a sucuri vinha vino e pegô a criança. Quando a pessoa achô farta da criança, foi lá, já era só... Já tá dento da barriga da cobra. Porque antigamente tinha sucuri muito grossa, muito grande, né. Hoje num tem porque ixiste muita queimada e secô muito o pantanar. Que onde tem muito dessas coisa, é no pantanar aí.

- **E abriram a barriga da sucuri?**
- Ah! Abriro, tava a criança dento.

7.1.E- Seu Chumbo

O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão

- Aí, aí nesse pantanar da Nhacolândia, memo, tem um caso aí, que tem um rapais aí, que ele era criança, ele sumiu, ficô vinte e dois dia no mato, sumido, e aí ele contô... e aí a turma foi atrais dele, cumeçaro a prucurá, aí, cum tanta fé de, gente rezano naquele rastro, naquela coisa, até que um dia descubriu ele, né, descubriu mais foi cum muito sacrifício, pegô ele. Aí, ele contô ansim, hoje ele num conta direito, que... ele falô que tinha um bicho que deitava e ele subia, subia no bicho e o bicho carregava ele. Ficô vinte e dois dia. Quando acharo ele, tava limpinho. Num tinha nada de arranhão, de nada e, nem cum fome, também. Depois disso, sumiu uma criança também aí no, na fazenda Campo Neta. Sumiu nunca mais ninguém achô. Esse rapais é vivo, ele tá aqui em Corumbá. Aqui, ele morô na Fazenda Berinice, na Fazenda Birinice que foi.
- ***Esse é o caso do Mãozão?***
- Ah, esse é o caso do Mãozão. É o caso do Mãozão. Esse é uma, é uma, um conto que ixiste. Que, já teve gente que foi no mato, lá, pra tirá madera e esse Mãozão num dexô. Iscurraçô o pessoal. E ficô naquela assim, que ninguém sabe que tipo de coisa. Uns fala que ele é um hominho baxo, otros fala que é um, que é um, uma coisa que vem c'o vento. Então, é uma assombração, é a estória do Mãozão. Essa aí é a história do Mãozão.
- **Alguns falam que ele parece uma anta, não é?**
- É. Essa anta, pois é essa anta que carregava esse guri. O guri chama Lucídio, e tá aí até hoje, né. Eu inté tô com isso, esse projeto dessa estória, porque essa coisa tá no Ladário, meu, meu livro tá no Ladário, eu tenho um livro pra contá pra voceis. Tem muita coisa bunita, muita coisa que, que dá prazer de olhá, né. Intão, esse Mãozão é uma, uma coisa que num é estória nem coisa. Esse é um conto que é acunticido. Porque esse minino que sumiu, tem muita gente aí que prova isso.

Pode saí aí na Nhacolândia aí, que todo mundo sabe disso. E ele memo tá vivo, mais ele num gosta que alembre esse caso.

- **Ele não gosta de lembrar deste fato?**
- É. Ficô meio ansim, meio, meio sedado, meio bobo, mais, tá viveno, né. E a gente quando cunversa num fais comentátio com ele porque já que ele num gosta. E, um causo que a gente sabe que foi acontecido, não pode é ficá teimano c'a pessoa, porque se ele num gosta, deve de sê que tem alguma coisa que prijudica né, a vida, a saúde.

7.2.E- Seu Chumbo

O causo do sétimo filho que virava Lobisomem

- Esse Lubisome que corria atrais de gente, pegava. Era uma pessoa que, é, assim... o causo foi, assim, que era pessoa que tinha sete filho, dos sete tinha um que virava o lubisome, né.
- **E o senhor conheceu essa família**
- Ah, essa família eu ouvia só falá, né. Mais nunca cheguei de vê ansim, porque a turma falava:
- Oh lá! Aquele lá vira lubisome. - Porque ele na sexta-feira santa, na sexta-feira santa que é o dia, que diz que ele virava. Toda sexta-feira ele virava o cachorro, vira um cachorrão grande, piludo e saía andando por aí.
- **E o senhor conheceu alguém que tenha visto o lobisomem?**
- Já vi falá, assim, né! Que as pessoa falava que existia, que curria atrais da pessoa, assim, que descubriu pelo, pelo... ficava uma marca da ropa que a pessoa curria curria e ele pegava. Então, as veis, no dente ficava a marca. Então, por isso que a turma tinha aquele suspeito, aquele negócio que eles tinha discunfiança que era o culpado, né.

7.3.E- Seu Chumbo

O caso do Saci que ajudava a encontrar os animais em troca de fumo

- Esse saci, eu já vi falá. Esse também já vi. Ele é um, um ansim, uma visãozinha qu'ele assubia igual a gente. Ele assubia duro de noite. Assubia por toda parte, ele vem aqui.
- **O senhor já escutou?**
- Já, iche! Esse eu já iscutei. Ele dá um assubiuzinho ansim, como se fosse uma pessoa que tá cum apito na boca e dá aquele assubiu, né. Então, é isso, vem aí daquele assubiu que até arripia. Assubiu forte. Até arripia o corpo da gente, mais a gente vê que é uma visão, né. Num é passarinho, que se fosse passarinho, num podia ele vim assim dento do quintar e se hoje o senhor iscuta aqui, amanhã vai iscutá ali. Se fosse passarinho num podia tá siguindo a gente, né. Então, esse é outra coisa que...
- **Como que foi quando o senhor escutou?**
- Ah! Esse aparece sempre por aí. Porque ele é um negócio, esse eu acridito bem nele, que se a gente põe um pedaço de fumo pra ele ali, ele vem e a gente pede pra achá um animar, a gente vai no animar lá naquele dia. Parece que ele leva a gente certim na onde tá aquele animar.
- **O senhor já fez isso?**
- Pega ansim um pedaço de fumo e põe ali, e fais aquele pedido, né. Ansim, animar que a gente campia e num achava. Saía no campo, andava o dia intero, num achava. Então os otros vinham de lá e falava pra mim, né:
- Você, que tem uma parte de tê fé, né. Sabe de tudo. Eu quero que cê fais isso pra mim. – Então, de noite eu ia lá e punha aquele fumo pra ele, e o dia que a gente põe num coiso, o dia qu'ele fica assubiano, cobran. Mais isso é uma verdade, também, que é uma coisa que é... cumigo já acunteceu, né. Então, eu tenho certeza que isso a gente podia fazê.
- **E o fumo sumia?**
- Ah, some. O fumo some dali.
- **O senhor oferece para o saci...**

- É, pro saci, é. Ele vem, pega e...
- **Mas, ver o senhor não o viu?**
- Não. Mais, eu sei que isso aí é uma verdade, porque é uma coisa que a gente tinha certeza que aquele animar tava difícil de achá, e porque que a gente ia lá, e depois que fazia aquele pedido a gente ia lá e achava. Então é certo que aquilo é uma coisa que existe.

7.4.E- Seu Chumbo

O caso do homem que correu do Cachorro-bezerro

- Eu conheci pessoa que veio assustado. Ele falô:
- Eu vinha vino... – Ele falô que viu ansim, olhô pra trais, era um, tipo de um cachurrinho que vinha atrais dele. Aí olhava traveis, aquele já era um, um bizerrinho maior. Aí ele galopeô e o troço correu atrais dele até chegá num ponto ali perto da casa, ansim, desapareceu. Aí chegô lá, quase morto, cansado, daquele bicho que era tipo d’um cachurrinho, né. Olhô, ele vinha vino. Olhava, ele tava maiorzinho já, um poquinho. Aí ele, assustado, correu e o bicho foi crescenô e correu atrais também. Então esses são os casos que é, aqui pra fazenda, aconteceu muito disso aí, né. Na fazenda tinha muito caso, porque... hoje já deferenciô.

7.1.G- Seu Chumbo

O caso do homem que achou um enterro e ficou rico

- Porque no Rio Verde tinha um home que trabalhava lá na Fazenda Caronal e aí ele, nós trabalhava no, no campo e ele chegô de vê uma luz que aparecia de noite, ansim, tipo um fogo, né. E aí ele foi lá, começô assistí e achô que era um enterro de uma libra, de um ouro que tava lá. Dipois ele foi lá. Eu acho que ele arrancô esse enterro e foi pra Rio Verde morá. Porque ele num tinha nada, aí pois uma bruta loja, uns hoter, lá no Rio Verde. Então, todo mundo ficô julgando que ele

- tirô aquele, aquele negócio dali daquele lugar pra morá pra lá. Porque ele, c'o dinheiro do serviço dele, num tinha condição dele fazê isso.
- **Como que ele chamava?**
 - É Ciro Varga. Num sei s'inda ixisti lá no Rio Verde. Mais, deve de tê, ainda, hoter do Ciro Varga. Pode procurá no Rio Verde, que tem hoter do Ciro Varga.
 - **O povo fala que ele achou um enterro?**
 - Achô um enterro. Que o pessoal já tinha, diz que, passado por lá. Já tinha carculado que era ali, que sempre passava ali e via aquele foguinho, aquela luz ali, né. Aí, né... e ele como muito esperto, um cuiabano esperto, foi lá e, dicerto, tirô esse enterro e foi. Formô loja, hoter. O melhor hoter que tem no Rio Verde era dele, se ele num tinha dinheiro pra... chegô lá, já fez isso.

7.1.L- Seu Chumbo

O caso do tombo que deixou Seu Chumbo dois dias desacordado

O perigo que eu passei na minha vida, foi... foi o movimento de gado, né. Foi o movimento de gado que eu fui corrê atraís d'um... cercá um gado e meu cavalo trompô num boi e aí enrolô aqui o laço na minha mão e ele disparô cumigo e eu passei... Se num fosse os cumpanhero pegá o cavalo, talvez eu tinha murrido esbagaçado por aí. Porque passei uns dois dia desacordado, sem sabê de nada. Até, eu gostaria de tê morrido aquele dia porque num senti dor nenhuma, num senti nada. Então, pra mim era uma morte que sirvia. Que, hoje eu num sei cumo que vai acunticê cumigo daqui pra frente. Pode acunticê uma coisa que vô sofrê, ficá doente, né. Então, aquele dia, não, aquele dia eu num via nada.



Os Causos de Seu Silvério

8.1.A- Seu Silvério

O caso da onça que deixou um homem em carne viva

- Uma onça pegô um cara lá. Pegô um cara lá. Ele... a onça tava urrando lá. Ele era... ele tinha um barraco desses de pescaria. Ele era pescadô. Aí a onça tava urrando perto do barraco dele. Aí ele falô:
 - Eu vô lá, vê essa onça. - Saiu ele e o irmão dele. Mais, a onça num avisa ninguém não, né. Quando, quando ela viu... ela viu eles e ele num viu ela. Ela amoitô, e pulô nele, que ia na frente. Chama Davi esse cara. E pegô ele. E o irmão dele, o Daniel, ajudô, aloitô. Ela num matô ele, mais, alejô tudo, esses nervo, assim, desceu tudo (com gestos mostra as veias dos braços). Aí, esse côro da cabeça, ela puxô pra trais assim, ficô no vivo isso aqui. (Demonstra com as mãos, o couro da frente levantado) É verdade, é. Aí, aí eles consiguio matá ela à faca e as arma deles cabô as bala, eles tinha espingarda, né. Mataro ela. Mais, o rapaiz ficô lá deitado. Aí, fôro lá na fazenda, aonde eu tava, aí havia um barco da fazenda, motor vinte e cinco, aí eu fui lá dá socorro. Peguei ele e truxe na Lontra.
- **No Passo-da-lontra?**
- Eco! Ali memo. Truxe ali no Passo-da-lontra, ali, peguei carona, que foi aonde que ele veio pro médico. Salvô, mais ficô tudo manco. Tudo alejado, né. O bicho num é brincadera não. O bicho num é de brinquedo não.

8.2.A- Seu Silvério

O caso do caçador medroso

- O cara tava procurano emprego e, e... Ah não! Num é um cara que falô que era caçadô de onça?
- **É.**
- E ele num caçava nada, né. Ele... ele falô pro patrão dele, ele vortô pro patrão dele, disse:
- A minha finalidade é essa, é caçá onça. – Quando os cachoro bateu na onça, a onça bufô lá, ele era medroso, nunca viu, ele falô:

- Fais ansim, eu vô saí por aqui, vô atacá ela lá na frente. – E ele chegô lá e subiu num pau, lá, por causa de medo, e a onça já tinha subido naquele pau, tava mais pra cima e ele ficô mais pra baxo. Os cachoro já era prático, cumeçô acuá, os cachoro cumeçô acuá ele, ali, vai num vai. Aí o dono da caçada chegô, gritô:
- Esse bicho te pega!- Aí que ele olhô pra cima ele tava sentado pertim da onça, ali. Ele se largô de lá de quarqué jeito no meio da cachorada e a cachorada juntô ele daqui, dali, aquela gritalhada e o home... o home falô:
- Mais cê ficô feio, né! – Ele falô:
- Fiquei. - E a onça foi, pulô junto, c’aquele bolo, pulô e foi embora. – Eu fiquei memo porque oceis num me dexa pegá a onça e eu tava afim de pegá a onça e oceis num me dexaro, oh aí o que acunteceu.
- **Se cagou todo?**
- Cagô tudo. Ranranram. Se cagô tudo. Pois é. Já tinha acuntecido uma cum ele.
- **Sei.**
- Caçada de onça tamém. Ele foi... ele foi, o cachoro foi atrais da onça e ele feis a mema coisa, falô:
- Vô subi. – Tinha um toco grande, ansim, ele falô:
- Vô subi nesse toco. E vô ficá lá encima. – E subiu, ele era alocado, caiu. Quando ele caiu lá, sentiu um troço nos pé ansim. Era ninho da onça, os filhote da onça tava lá, ele caiu em cima, rapais. Dentro do buraco. Falô:
- Agora levô a quirela, né.- E a cachorada veio cum essa onça. Então aquilo vinha desceno de fasto, caiu na casa, no buraco e grudô no... quando chegô pertim dele, ele falô:
- É morte ou vida!- Grudô no rabo dessa onça e gritô:
- Rárrárrá essa onça! – subiu, despontô lá em cima, ele bateu lá no chão, lá, e o patrão dele, o dono da caçada vinha chegano, viu aquilo e gritô pra ele;
- Larga! Larga! - pensô que ele tava pegano pra matá. Falô:
- Larga o bicho, larga! – ele largô. Essa onça viajô no mato. Foi embora. Falô:
- Mais parece que ocê cagô tudo. Ele falô:
- De raiva. Não dexô eu pegá o bicho, óia aí o que acunteceu.- *Ranranram*. De raiva

- **Então, foram duas vezes?**
- Foi duas veis. Aí ele falô:
- Nunca mais. Vô embora.- E ele... diz que ele andava afim de casá com a fia do véio. Largô do casamento, foi embora.
- **Ah! Ele queria se casar com a filha do patrão?**
- É, querendo se aparecê, casá, mais aí num deu certo.
- **E isso aconteceu onde seu Silvério?**
- Isso aí, no Pantanar. Aí nessas banda aí, pro lado de Poconé por aí. Pro lado de Poconé por ali que aconteceu, isso aí. Aí, ele pegô, foi embora, nunca mais ele foi lá querê namorá a fia do véio. Porque num ia dá certo memo. Duas caçada acunteceu isso aí, né.

8.1.E- Seu Silvério

O caso do homem que viu o Mãozão

- No Pantanal eu ouvi falá muito nisso (Mãozão). Eu num... eu vi falá que diz que andava pegano gente aí. Eu num vi não, nunca vi. Diz que... diz que um dia... diz que... eu num sei, eu num vi... ele saiu daqui agorinha, ele mora lá em cima, ele que me contô isso. Diz que ele entrô lá no mato um dia lá. Ele e mais otro cumpanhero, diz que encontrô um cara sentado em cima de um pau lá. Um certera dum negão memo. Eles correro dele. Isso, o Nelsinho que contô. Pode sê que até...
- **E como ele era?**
- Não. Diz que é uma pessoa. Um monstro d'um bicho. É, um monstro de bicho é... mais eu, eu num sei, pode sê que existe aí um capeta, algum troço, num sei. É, como lá no, tamém existe um trem, lá no Paraguai. Lá no Paraguai tem um troço, uma onça. Ela pega a vaca, come, ocê vai lá, ocê olha, o rasto é de gente, lá. Chama Jaguretê-avá. Mais é esses bugre véio de ardeia que fica muito véio e vira onça. *Ranranran*. Vai até virá onça, aí desgraça a comê vaca. Diz que é assim. Mais tem esse bicho com esse nome lá. Eu num acredito, lá no Paraguai, eu andei muito por lá.

8.1.F- Seu Silvério

O caso do córrego que era assombrado por um jumento

- Ói! Uma vez tinha um lugar que era assombrado. Ela descia num Corguinho, varava o córrego e varava uma picada e saía. Quando é, quando que cruzá de noite ali, tinha uma assombração lá no córrego, no corguinho. E a peãozada vortava pra trais, os bicho tava lá. E um dia foi um, meio de corage, e falô:
- Péra aí! Vô dá um troco nessa Assombração. - Chegô lá, quando ele desceu aqui (aponta um lugar a seu lado), a Assombração desceu lá do outro lado tamém. E veio n'água. Quando chegô na água, parô. Meteu o revórve, *paáá!* Essa Assombração caiu lá, pelo barro. Era um jumento alheio, rapais, que vinha bebê água ali. Ele teve que pagá o jumento, e caro. Matô o jumento do home. Esse jumento fazia todo mundo corrê ali daquela picadinha. É, a Assombração era o jumento. Matô o jumento do home, lá. Aí, notro dia foro lá vê a Assombração, ele falô que tinha matado o jumento que tava morto, lá. Falô:
- E agora? Levô na breca, né. - É que o home do jumento cobrô caro dele. Oh aí, o que que é Assombração, num foi olhá direito, né?

8.2.F- Seu Silvério

O caso do cavalo que se assombrou com um galho

- Outro... Ia indo lá pa raiá, esse lugar memo, cê veja só! Antes desse jumento morrê, lá. Ele tava a cavalo, ele falô:
- Aqui vô pará. Vô arrumá meu arreio, apertá bem, vô guardá correno isso aí. - E lá botô a sincha, tirô a sincha lá e daí pois lá no meio dum arabal, dum araçazal lá. E no apertá a sincha, ele apertô um galho de araçá na sincha, na barriga do cavalo. Amuntô, tocô o cavalo e o cavalo tava seguro, num ia, e ele falô: - diabo! Já segurô meu cavalo, essa Assombração. - Pulô de cima e correu e largô o cavalo lá. Falô: - a Assombração segurô lá o cavalo, meu cavalo, lá. - Aí juntô um monte de gente, chegemo lá, o cavalo tava lá, de noite. Aí foro vê, tava cum galho de

goiaba apertado na sincha, né. Oh aí, cê veja, Assombração o que que é. Tem que olhá bem.

8.1.G- Seu Silvério

O caso do homem que achou um enterro onde ele cozinhava

- O Paraguai era um país muito rico de ôro. Aí, e foi e brigô c'o Brasil. Teve aquelas coisa aqui, o Brasil tomô... Quando eles viro que ia perdê! Que num tinha mais jeito, que os brasileiro ia acabá cum eles, eles começaro fazê fossa, enterro, enterrá ôro, no pote, no chão, vai, enterrano por aí. Tava tudo perdido memo. Como de fato perdero, né! A guerra aí. Isso aqui era parte do Paraguai, tudo, até Aquidauana. Pra cá, até na frontera era Paraguai, aí.
- **E o senhor nunca encontrou nenhum enterro?**
- Não.
- **Nem ouviu falar onde tinha algum?**
- Não, não. A gente vê falá. A gente via falá. Eu memo, andei procurano muitas veis, mais nunca achei.
- **Ah, é?**
- É. Rancaro, lá.
- **Arrancaram?**
- Rancavam. Tinha a sorte, de o sujeito as veis fazê um rancho e fazê perto d'um enterro daqueles. E tá cavucano, fazeno lavora por ali e saí nele, né.
- **Sei.**
- Assim que é.
- **Mas, o senhor não conheceu ninguém que tenha encontrado?**
- Não.
- **Só ouviu falar?**
- Não, vi falá e vi o buraco lá e vi os pedaço do pote, tamém, onde guardava. Tava num pote de barro. Arrancaro ele, foi um sujeito muito pobre. Ele morava num rancho de bacuri. Tinha um fogo assim pra fora, onde ele cuzinhava. E tava pertinho do fogo, aonde ele cuzinhava lá, porque... eu vi o buraco lá, onde ele tirô

o pote e os pedaço do pote, é. Ele sumiu. Ninguém sabe onde ele foi. Ele era empregado de uma fazenda lá e sumiu no mundo. Eu num sei se ele foi pro Paraguai ou veio pro Brasil, eu num sei. Isso foi lá na fronteira. Lá em Porto Murtinho. Foi lá em Murtinho. Eu já morei muito nessa fronteira aí tamém. Quase me criei aí.

8.1.J- Seu Silvério

O caso da luz que apareceu e desapareceu misteriosamente

- Na Santa Rita, memo, minha casa era assim, tinha um pé de manduvi muito grande, encopadão. Cê cunhece manduvi, né? Eu levantei, saí assim, tinha umas moça iguar, coisa... Tava me olhano, falei:
- Mais chegô arguém, aí? Eu num vi a hora que chegô. – Embaxo do poste. Daí eu falei: - vô lá vê essa careta. – Fui lá vê, oh, o negócio sumiu assim. Eu sô home que nunca fui desses medroso, vê as coisa, barulho, já corrê. Seeempre eu gostei de í vê o que que é. E eu via esse negócio alumiano lá, bunita, era perto, como daqui na porta da igreja (a igreja estava localizada a uns vinte metros na frente da casa), memo, né. Olha, sumiu qu’eu num vi que hora! Quando pensei que não, cabô o negócio. Essa é a Assombraçã qu’eu vi na minha vida, foi isso aí. Vi aquele troço luminoso, falei: - vô lá vê! É a única Assombraçã qu’eu vi foi essa.



Os Causos de Seu Olímpio

9.1.A- Seu Olimpão

O caso da onça que apanhou de um toco

- Uma veis eu fui trabaiá numa fazenda, de praiero, aí o cara mandô eu í rancá mandioca numa roça. Uma carroça. Ele (a onça) foi lá e eu tô arrancano, tô arrancano e tô escutano, aquele negócio tá estralano, tá estralano. Levei na paciência. De repente, esse bicho pula ne mim, assim, eu saí fora dele, peguei nas duas mão dele! Falei:
- Epa! Ocê não, né. – Aí, num tinha jeito d’eu jogá ela, eu oiei assim, vi um toquinho. Falei: - Ah, vô ali naquele toquinho. Aí, levava ela de fasto lá, batia a bunda dela no toco. Umás quatro, cinco veis. Daí umas seis veis, ela no oiava mais pra mim, só oiava o toco, né. *Rárrárrá*. Aí, eu aproveitei e empurrei ela. *Rárrárrárrárrá*.
- *Rárrárrá*. Vai embora, né. (Carlão)
- É, vai embora, que aqui cê num vai cumê ninguém. *Rárrárrá*.

9.1.B- Seu Olimpão

O caso da sucuri que com um risco de faca, soltou um menino

- Nós tomemo um sucuri dum guri uma veis. Nós tava tomano banho num curixo e o guri tava pulano na água, né. Nós tava sentado na bera do corixo, quando escutemo, o guri gritô lá, quando fomo vê, o bicho tava enrolado nele até aqui (passa a mão pela cintura). Aí teve um véio que conseguiu disinrolá o sucuri dele. Aí o véio pegô uma faca e riscô ele.
- **Com uma faca pequena?**
- Uma faquinha pequena, aí ele disinrolô na hora e já... (com as mão faz um gesto de fuga)

9.1.E- Seu Olimpão

O caso do rapaz que esperava pelo Mãozão

- Na fazenda Campo Neta, o rapais era muito tocadô de sanfona, de acordiom. Aí, quando foi um belo dia, a tarde, ele falô assim:
- Eu tô esperano um home, que vai vim, me buscá. – Tá esperano um home, que home, né? E a dona dele já sabia, que esse Monzão vinha buscá ele. Aí quando foi de tarde a dona dele já, ele já ficô desinquieto dentro de casa, ia pra lá e vinha pra cá. Aí a dona dele chamô nós na fazenda lá, nós fomo. Nós chegemo lá, o home endoideceu, sabe. Ficô doido! E aí nós fomo amarrá esse home. Pusemo quatro home nele pra nós amarrá, num consiguimo amarrá. Ele batia no chão, assim, levantava nós quatro pra cima, assim. Até que um rapais, um tar de Sebastião, cunsiguiu amarrá ele. Bão, aí ele melhorô, tudo, pegô a sanfona, tocô. Quando foi umas oito hora da noite, de novo. Ele falava que esse home vinha levá ele. Então, ele tinha um pauzinho, com sete corte no pauzinho, que era pra ele viajá sete légua na noite. E aí, ele teve que í pra Corumbá. Porque ficô variado, né.
- **E era por esse Mãozão?**
- É, esse Monzão. O Monzão diz que era um loirão, né. Um loirão grandão.
- **E andava com uma anta?**
- Andava igual uma anta, iguar uma ema, né.

9.2.E- Seu Olimpão

O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão

- Então tinha uma fazenda, a tar de Birinice, e ele (Mãozão) morava lá. E lá, gente que passava sozinho, ele catava e ia imbora. E aí, no vortava mais.
- **E o senhor soube de alguém que ele tenha levado?**
- Soube, ele catô um guri da fazenda lá, da fazenda Campo Neta, mais nunca mais também o guri apareceu. Aí, foro pro cento espírita, num sei pra onde lá em Corumbá, aí uma muié falô que o guri tava dento de um poço d'água, mais que o

guri tava bem, cumia, bibia, tudo lá. Que o guri tava bem lá. Que o guri tava bem, mais só que num vortava nunca mais pra casa.

- **E não acharam mais?**
- Não, num acharo mais. Nunca mais.

9.3.E- Seu Olimpião

O caso do homem que foi surrado por uma Assombração invisível

- Assombração os nego vê bastante, né. *Ranranran*. Tem Assombração que dirruba o cara da rede, né. Até um cunhado meu apanhô disso uma veis. O irmão de minha muié. O cara pegô ele e, no meio de nós, eu já contei essa história pra o cumpade uma veis, surrô ele bastante.
- **E ele não via nada?**
- Ele num via nada e nós, que tava junto, num via nada. Só via ele gritá, e barulho do chicote. Mais num vimo nada.
- **Ficou sem solução, então?**
- Fiquemo sem solução, sem sabê o que que era.

9.4.E- Seu Olimpião

O caso das pegadas do Pé-de-garrafa

- Nós tava na fazenda Xavante, nós mixia com ração lá, engordano boi. Aí, um dia o patrão foi lá, nois fomo andá na bera duma serra e achemo a batida dela, lá. Mais assim, um passo aqui, oto longe, assim, (aponta no chão, o espaço de um metro de distância, mais ou menos). Num é pequeno o passo, não.
- **Diz que era o Pé-de-garrafa.**
- É, diz ele que é o Pé-de-garrafa. Ele falô que era.

9.1.J- Seu Olimpão

O caso do Boitatá

- Ali no São José, ali eu já vi, ali (rastros de Pé-de-garrafa) num sei se cê já viu? (Carlão)
- Ali não. Mais ali diz que tinha, Assombração. Um dia eu vi uma luis de noite lá. Uma luis vermelha assim, saiu de perto do banheiro e foi arrodiano pro lado do córrego. Uma luisona bunita! Até, esse meu guri que travaia aqui cumigo, tava junto.
- **Essa o senhor viu?**
- Essa, nós vimos a luis. Mais nós não sabemos o que que é. Num sabemos se... (...) Essa luis, diz que era de enterro, né, que a turma falô. Num deve sê não. Porque o osso de boi também dá aquela luis. Que eles fala o Boitatá, né.
- **Como é isso?**
- Então, morre um boi, uma res gorda, aí aquele osso fica no chão, aí pega fogo, fais a luis.
- **E eles chamam de Boitatá?**
- É, o Boitatá, né. Então, no Pantanal dá muito disso, né.



Os Casos de Seu Leandro

10. 1.I- Seu Leandro

O caso do benzedor que curou uma doença misteriosa de nove anos

- Saiu em mim, eu sou uns oito, nove anos, isso aqui, ói... (mostra algumas manchas no pé e na perna direitos) ói... Depois já tava aqui, ói...(agora, mostra manchas semelhantes no pé e na perna esquerdos) ói...
- **E o que o senhor fez?**
- Aqui, num teve benzedô, num teve médico, que eu num repassei! Fui em Biratinga. Lá também, benzedô, médico, diz que, especialista de, de, de pele, de coisa. Num achô doença em mim! Feis exame de sangue, falô:
- Mais, seu sangue é positivo, rapais! Ocê num tem nada no sangue. Seu sangue é oh positivo. Cê num tem, pode adoá pra qualquer um. Ocê num tem nada.
- Mais, e como que, como que esse troço num sara em mim, doutor?
- Ah, ocê num pode usá meia de lã, num pode comê tar coisa, ocê num pode comê tar coisa. – Só fazia perdê tempo. E daí alguns dias, eu tava conversando com um amigo, eu trabalhava aqui no depósito Rio Verde, aqui, deis anos aí nesse depósito. Carregano cimento, carregano car, carregano pedrisco e, pedra preta. E, tinha noite que eu num podia dormir! Eu punha o pé lá, os dois pé lá acima, assim, na parede pra poder dormir, rapais! Aquilo inchava que parecia que era fogo que tava queimando por fora! Aquele troço feio, e uma coceira que, Deus me livre!
- **Mostra aí pra gente, como que era?**
- Oh í! (Arregaça um pouco a barra da calça e mostra as manchas novamente) Sabe do que começou isso daqui?
- **Não.**
- De jogo de bola.
- **Sei.**
- No pantanar mesmo. Nós jogava bola, aí o cara me deu um chute, com a chutera, me deu um chute aqui e me relô a canela, aqui. (Continua mostrando a perna) Isso aqui, foi um sofrimento pra mim. Então, aí, quando foi um dia, o cara falô pra mim, assim:

- Óia! Aí tem um véio, aí tem um véio muito bom pra benzê. Bom pra benzê, esse véio. Porque o senhor num vai lá? - Eu falei:
- Rapais! Mais, aqui no Rio Verde, eu já tô cansado de andá, madrugada, uma hora da manhã eu vô na casa do benzedô pra ele me curá, no me cura, rapais! Eu já fui em Biratinga e o troço tá danado. - Ele falô:
- Vai lá rapais. – Aí, eu já tava memo danado, aí eu falei pa muié:
- Eu vô lá num tar de, diz que tem um tar de seu Bigode aí, né. Na vilinha aí, na cerâmica aí. Eu vô lá! Esse troço tá muito arruinado. – Tava cum pé que, andano, parpano, assim. Aí, fui lá no véio. Um dia, eu levantei e fui lá. Cheguei lá, sentei num banquete, assim. Aí, a mulher dele falô:
- O que o senhor, o que o senhor tá quereno? - Falei:
- Não, eu vim vê o seu Bigode, é aqui?
- É, aqui memo. Vamo entrá aqui pra dentro, senta aí e ispera um poco. – Aí, saiu ali, tal, me sardô.
- O que que acunteceu, cumpanhero? – Falei:
- Rapais, é o seguinte. Esse pé aqui, tô, agora já tô os dois lado. Eu num posso mais nem trabaiaá. Num tá dano jeito mais nem de trabaiaá. Eu vô, trabaio uma semana, passo duas, treis, quatro semana sem trabaiaá, e coisa. Ele oiô assim, falô:
- Rapaaais! Fais tempo que o sinhô tem isso aí? – Falei:
- Fais tempo. Fais tempo. Cumeçô no pantanar, esse troço aí, num jogo de bola. – Ele falô:
- É rapais, esse negócio tá meio difícir, hen! – Aí, falô: - Mais, pra Deus, nada é difícir. Pra Deus, nada é difícir. Mais, isso aí tá meio.... - Aí, falô assim: - O senhor é católico? Que que o senhor é? – Falei:
- Não, eu sô católico.
- O senhor acridita que santo fais milagre? Deus-Pai ajuda um santo fazê milagre? – Eu falei assim:
- Eu num sei nada não. Mais, e eu tenho devoção por Nossa Senhora da Aparicida.
- Intão, se o senhor é católico, eu vô ixprimentá curá o senhor. - Falei:
- Tá bão. – Aí, ele benzeu, falô:

- Eu vô benzê, tá muito brabo esse troço aí. - Ele benzeu. Falô:- Dipois de amanhã, o senhor vorta aqui. – Aí, quando foi no dia, eu vortei lá de novo. Aí, benzeu de novo e falô: - O que que o senhor tá achano?. - Falei:
- Bom, graças a Deus, tô achano que tô melhorano! – Falei: - Tá secano, tal. Tá disinchano a perna, já, num tá dueno.
- Vô benzê mais uma veis. Agora o senhor demora mais, mais uns dia, aí se eu vê que...
- **E como ele fazia, ele rezava encima?**
- Não, não, ele punha, as veis, sentado numa cadera lá, na bera da mesa do santo, né. Tinha uma mesa, do santo. Aí, acindia uma vela, daí punhava uns treis, quatro raminho de folhinha verde, assim. Punha dentro de um copo cum água. Daí, ele pegava um foia daquela, binzia a gente. Aí, binzia, binzia, pegava outra, binzia do otro lado. Pegava outra. Aí, ele falô pra mim, trazê.
- Agora, o senhor tá sintino melhor? - Falei:
- Tô. Graças a Deus.
- Agora, o senhor vai trazê pra mim... O senhor compra um litro de vinho branco. - Aí ele falô mais uma porção de troço que tinha que levá. Era, vela, era, sabonete, num sei o que. Essas coisa. – E trais pra mim! – Aí, tá. Aí, n’otro dia, levei. Levei, ele feis o remédio, ele falô: - Agora, nós vamo fazê o seguinte: cê vai, cê vai tomá essa garrafada, se num melhorá, cê vai tomá outra. Agora, a hora que ocê vai cumeçá, pode cumeçá hoje de noite, mais, de hoje, ocê num come, ocê num come ovos, num come carne de tatu, ocê num come peixe, ocê num come carne de cutia, carne de porco. – E, foi uma porção de troço. - Pimenta, de qualidade nenhuma, de qualidade nenhuma! Ocê nem pensa em comê pimenta, de qualidade nenhuma. Daí, daqui quarenta e um dia, ocê vai terminá de tomá esse remédio. Se ocê num sará, nós vamo fazê outro. - Tá, então tá. Aí, pronto. - Num precisa ocê vim mais aqui, não. Cê só vem depois que cumpretá os quarenta dia, agora. Quarenta dia. Cum quarenta dia cê vorta aqui. Aí, cê já tá terminano de tomá o remédio, cê vai, aí ocê vem aqui.
- Tá! – Aí, vim imhora. Vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai, vai. Os quarenta e um dia, eu fui lá. Falô:

- E daí? Falei:
- Rapais, graças a Deus, eu acho que eu tô são! – Falô assim:
- Ocê acha que cê tá são? – Eu falei:
- Eu acho que tô.
- Agora, cê... aí, ocê vai trazê pra mim, no é pra mim! Cê trais, cinco maço de vela pra Nossa Senhora Aparecida, daí ocê vai, daí, cê vem aqui que eu vô insiná como acendê e... – Daí, tá bõ. Aí, fui, da otra veis, levei o maço de vela, assim. Aí, ele me insinô como que ia acendê lá, acendi, tudo. Fiz aquilo, ele falô: - Óia, de hoje em diante, ocê tá são, rapais! Ocê tá são. Graças a Deus! De hoje em diante, ocê pode cumê o que cê quisé! E pode tomá essas bebida de arco o dia que cê quisé, tamém. Num tem nada, não.

10.1.L- Seu Leandro

O caso do tombo em que o cavalo saiu morto

- Eu tava aí, fui laçá uma reis e o cavalo rodô cumigo e entrô arrodiano na ispora cum o pé, e o cavalo levantô, e, e disparô cumigo, de arrastro. Correu longe. Se num tem um cumpanhero perto de mim, eu tinha murrido de arrastro.
- **O senhor tinha que idade?**
- Ah, já era, já era home, de uns trinta e pocos anos. Trinta e cinco, trinta e seis anos. Eu num impacava cum nada, não.
- **Machucou muito?**
- Não, num machuquei não. Ah, cavalo, cavalo já rodô cumigo, aí, morreu aí. Caiu e morreu na hora.
- **Morreu?**
- È. E eu num senti e nem, nunca, nunca machuquei. Nem de tombo, de pulo de cavalo, nem de gado, nunca machuquei. Porque eu no facilitava, não. No facilitava cum nada. Nunca machuquei! Graças a Deus!

Índice

1. Seu Marcondes.....	03
1.1.A- <i>O caso da onça que apanhou de um toco.....</i>	05
1.2.A- <i>O caso da onça que foi montada.....</i>	05
1.3.A- <i>O caso do ataque da onça, que foi morta com uma faca.....</i>	06
1.4.A- <i>O caso da onça parda que estava bebendo água.....</i>	07
1.1.B- <i>O caso da criança que saiu viva da barriga da sucuri.....</i>	08
1.2.B- <i>O caso da sucuri que teve a garganta arrancada.....</i>	08
1.3.B- <i>O caso da jararaca escondida na bruaca.....</i>	09
1.4.B- <i>O caso da cobra que envenenou a corda.....</i>	10
1.5.B- <i>O caso da sucuri que tinha um quilômetro de comprimento.....</i>	11
1.1.C- <i>O caso do porco-monteiro que cortou a ponta do cavalo.....</i>	11
1.2.C- <i>O caso da ema salva-vida.....</i>	12
1.3.C- <i>O caso do sapo esperto.....</i>	13
1.4.C- <i>O caso do sapo que levantou um caminhão.....</i>	15
1.1.E- <i>O caso do Pelé Assombração.....</i>	16
1.2.E- <i>O caso do homem que acompanhou uma assombração ao cemitério.....</i>	18
1.3.E- <i>O caso da assombração que atirava pedra nas pessoas.....</i>	19
1.4.E- <i>O caso do tiro do Pai-da-mata.....</i>	20
1.5.E- <i>O caso do Pai-da-mata que surrou um cachorro.....</i>	21
1.6.E- <i>O caso do Lobisomem que atacou a própria esposa.....</i>	22
1.7.E- <i>O caso do Saci bêbado.....</i>	22
1.8.E- <i>O caso do homem que viu o Pé-de-garrafa.....</i>	23
1.9.E- <i>O caso do caçador que atirou no veado e matou o próprio irmão.....</i>	24
1.1.G- <i>O caso do enterro de tesouro que foi indicado por uma pessoa de fumaça.....</i>	24
1.2.G- <i>O caso do tesouro que se transformou em carvão.....</i>	25
1.3.G- <i>O caso do pote de enterro que saiu em uma raiz de mandioca.....</i>	26
1.4.G- <i>O caso do rapaz que ficou com medo de ir tirar um enterro e ficar louco.....</i>	27
1.5.G- <i>O caso do corajoso que ganhou um enterro de tesouro.....</i>	28

1.1.H- <i>O caso do peão que se perdeu da comitiva.....</i>	29
1.2.H- <i>O caso da comitiva que se perdeu pelo caminho.....</i>	31
1.1.I- <i>O caso do benzedor que curou um dente.....</i>	32
1.2.I- <i>O caso do benzedor que salvou uma mula mordida de cobra.....</i>	33
1.1.J- <i>O caso do cavalo que não teve medo de enfrentar uma luz misteriosa.....</i>	33
1.1.L- <i>O caso do cachorro Campeão.....</i>	34
1.2.L- <i>O caso da mula que quase matou seu dono afogado.....</i>	35
1.1.N- <i>O caso do disco e da roseira.....</i>	36
1.2.N- <i>O caso do galho de goiabeira que foi montado como um burro.....</i>	37

2. Seu Perigoso

2.1.A- <i>O caso da onça que foi amarrada.....</i>	41
2.2.A- <i>O caso da onça que teve a cabeça decepada por um chute.....</i>	41
2.3.A- <i>O caso da armadilha que matava até 20 onças de uma só vez.....</i>	42
2.4.A- <i>O caso das três onças montadas.....</i>	43
2.5.A- <i>O caso da caçador que dava ordens para a onça.....</i>	43
2.1.B- <i>O caso da sucuri que engoliu um cavalo vivo.....</i>	45
2.2.B- <i>O caso da sucuri que engoliu uma boiada inteira.....</i>	45
2.1.C- <i>O caso da caçada de tatu preto.....</i>	47
2.1.D- <i>O caso do peixe que roçou uma ilha inteira.....</i>	48
2.1.E- <i>O caso da fuga do Pai-da-mata.....</i>	49
2.2.E- <i>O caso do Bicho-sem-cabeça.....</i>	50
2.1.I- <i>O caso do benzedor que curou Seu Perigoso de uma estranha doença.....</i>	51
2.1.N- <i>O caso da lua-de-mel no supersônico.....</i>	52
2.2.N- <i>O caso do poço que entortou com um vendaval.....</i>	52
2.3.N- <i>O caso do poço que atravessou a Terra.....</i>	53
2.4.N- <i>O caso do casamento na Itália</i>	54
2.5.N- <i>O caso do choque-elétrico no fio de alta-tensão.....</i>	55
2.6.N- <i>O caso da bicicleta supersônica.....</i>	55
2.7.N- <i>O caso do tiro que matou 250 iraquianos.....</i>	56

2.8.N- <i>O caso do pai de Seu Perigoso, que lutou na guerra</i>	57
2.9.N- <i>O caso da sanfona que tocava sozinha</i>	58
2.10.N- <i>O caso da abóbora gigante</i>	58
2.11.N- <i>O caso da banana gigante</i>	59
2.12.N- <i>O caso do touro que desmaiou ao ver seu montador</i>	60
2.13.N- <i>O caso da bicicleta de 180 marchas, dos dentes e do relógio de ouro</i>	60
2.14.N- <i>O caso da festa de aniversário de uma senhora de 350 anos</i>	62
2.15.N- <i>O caso do convite para uma viagem de submarino</i>	63
2.16.N- <i>O caso da boiada que sumiu num buraco de mandioca</i>	64
2.17.N- <i>O caso da chuva de lambaris</i>	65
2.18.N- <i>O caso do chapéu pára-quedas</i>	66
2.19.N- <i>O caso da bicicleta de 180 marchas 2</i>	67
2.20.N- <i>O caso do contato com o presidente</i>	68

3. Seu Oscar

3.1.A- <i>O caso da cheirada da onça</i>	71
3.2.A- <i>O caso da onça que foi perseguida</i>	72
3.3.A- <i>O caso do negro Belo Onça</i>	72
3.4.A- <i>O caso da briga da onça pintada com a onça parda</i>	73
3.5.A- <i>O caso da onça que atacou um touro</i>	74
3.6.A- <i>O caso da onça que matou uma vaca</i>	74
3.1.B- <i>O caso da sucuri que morreu abraçada com a galinha</i>	75
3.2.B- <i>O caso da sucuri que pegou um boizinho</i>	76
3.1.C- <i>O caso do cachaço que cortou seu caçador</i>	77
3.2.C- <i>O caso do dia em que o caçador montou no porco-monteiro</i>	77
3.3.C- <i>O caso do porco-monteiro saltador</i>	78
3.1.E- <i>O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão</i>	79
3.2.E- <i>O caso dos namorados que foram atacados pelo Lobisomem</i>	79
3.3.E- <i>O caso do rapaz que virava Lobisomem</i>	80
3.4.E- <i>O caso do rapaz que não teve coragem de atirar no Lobisomem</i>	81

3.5.E- <i>O caso do Lobisomem que foi capturado no quartel.....</i>	81
3.6.E- <i>O caso do homem que viu um Saci.....</i>	82
3.7.E- <i>O caso dos peões que ouviram os gritos do Pai-da-mata.....</i>	83
3.8.E- <i>O caso do peão que duvidava do Pai-da-mata.....</i>	84
3.9.E- <i>O caso da menina que foi levada pelo Minhocão.....</i>	86
3.1.G- <i>O caso do homem que foi desenterrar um tesouro e encontrou uma caveira e da sorte de Salomão.....</i>	87
3.2.G- <i>O caso da corrente que levava a um baú de ouro dentro de um riacho.....</i>	88
3.1.H- <i>O caso do menino perdido que era cuidado por uma anta.....</i>	89
3.1.I- <i>O caso do benzedor que livrou uma grávida do veneno de cobra.....</i>	90
3.2.I- <i>O caso do benzedor que ordenava e as cobras iam embora.....</i>	93
3.1.J- <i>O caso do homem que viu dois homenzinhos saírem de uma bola de fogo.....</i>	94
3.1.L- <i>O caso de quando Seu Oscar saiu ileso do rio de piranhas.....</i>	94

4. Carlão

4.1.A- <i>O caso da onça vestida com um mosquito.....</i>	99
4.2.A- <i>O caso da onça que apanhou do toco.....</i>	100
4.3.A- <i>O caso da onça que foi laçada por engano.....</i>	100
4.4.A- <i>O caso da onça que levou um chute na boca.....</i>	101
4.5.A- <i>O caso da onça caronista.....</i>	102
4.6.A- <i>O caso do caçador que ficou com a cabeça presa na buraco da onça.....</i>	102
4.7.A- <i>O caso do caçador medroso.....</i>	103
4.1.B- <i>O caso da sucuri que foi morta por atacar um cachorro.....</i>	104
4.2.B- <i>O caso da cobra que serviu de laço.....</i>	105
4.1.C- <i>O caso do papagaio tocador de boiada.....</i>	106
4.1.D- <i>O caso dos peixes que saíam fora do rio.....</i>	107
4.2.D- <i>O caso da piraíba que engoliu um homem.....</i>	107
4.1.E- <i>O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão.....</i>	108
4.2.E- <i>O caso do rapaz que foi levado porque duvidava do Mãozão.....</i>	108
4.1.F- <i>O caso da fazenda mal-assombrada.....</i>	109

4.2.F- <i>O caso das árvores mal-assombradas e duas pombas.....</i>	109
4.3.F- <i>O caso do galpão onde ninguém conseguia dormir na rede.....</i>	110
4.1.H- <i>O caso do homem que se perdeu e passou uma noite e um dia em cima de um burro.....</i>	110
4.1.N- <i>O caso dos peixes-elétricos que acendiam as luzes da casa.....</i>	113

5. Seu Edson

5.1.A- <i>O caso do ataque da onça que foi morta com uma faca.....</i>	117
5.1.B- <i>O caso da cobra que serviu de remédio.....</i>	118
5.2.B- <i>O caso da sucuri que foi morta enrolada no bezerro.....</i>	118
5.3.B- <i>O caso da sucuri que foi morta com uma faca, para largar uma cadelinha.....</i>	119
5.1.E- <i>O caso do homem que correu do Pai-da-mata.....</i>	120
5.2.E- <i>O caso do Lobisomem que atacou seu próprio filho.....</i>	121
5.3.E- <i>O caso da cerca do Bicho-do-mato.....</i>	122
5.4.E- <i>O caso do Come-língua que atacou uma vaca.....</i>	122
5.1.F- <i>O caso da fazenda mal-assombrada.....</i>	123
5.1.I- <i>O caso do benzedor que apagou o fogo de uma fazenda e encontrou um ninho de cobras.....</i>	124
5.1.L- <i>O caso do estouro da boiada.....</i>	126
5.2.L- <i>O caso de Seu Edson que ao cair do cavalo foi salvo pela bota.....</i>	126

6. Seu Benjamim

6.1.A- <i>O caso da onça que precisou de dez caçadores para matá-la.....</i>	131
6.2.A- <i>O caso da onça que escapou da sexta-feira para morrer no domingo.....</i>	133
6.3.A- <i>O caso da onça que foi morta a paulada.....</i>	133
6.1.B- <i>O caso da sucuri que deixou um rastro de dois palmos de largura.....</i>	134
6.2.B- <i>O caso da sucuri que foi morta por atacar um cachorro.....</i>	134
6.1.C- <i>O caso do porco-monteiro que cortou o garrão do cavalo.....</i>	135

6.1.E- <i>O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão</i>	135
6.1.G- <i>O caso do enterro de Nhonhô Velasques</i>	136
6.1.I- <i>O caso do benzedor que salvou a própria filha do veneno da boca-de-sapo</i>	136
6.1.M- <i>O caso do temporal a caminho da fazenda</i>	137
6.2.M- <i>O caso do vendaval de dar medo</i>	137

7. Seu Chumbo

7.1.A- <i>O caso da onça que tirou a própria vida com uma faca</i>	141
7.1.B- <i>O caso da sucuri que engoliu uma criança</i>	141
7.1.E- <i>O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão</i>	142
7.2.E- <i>O caso do sétimo filho que virava Lobisomem</i>	143
7.3.E- <i>O caso do Saci que ajudava a encontrar os animais em troca de fumo</i>	144
7.4.E- <i>O caso do homem que correu do Cachorro-bezerro</i>	145
7.1.G- <i>O caso do homem que achou um enterro e ficou rico</i>	145
7.1.L- <i>O caso do tombo que deixou Seu Chumbo dois dias desacordado</i>	146

8. Seu Silvério

8.1.A- <i>O caso da onça que deixou um homem em carne viva</i>	149
8.2.A- <i>O caso do caçador medroso</i>	149
8.1.E- <i>O caso do homem que viu o Mãozão</i>	151
8.1.F- <i>O caso do córrego que era assombrado por um jumento</i>	152
8.2.F- <i>O caso do cavalo que se assombrou com um galho</i>	152
8.1.G- <i>O caso do homem que achou um enterro onde ele cozinhava</i>	153
8.1.J- <i>O caso da luz que apareceu e desapareceu misteriosamente</i>	154

9. Seu Olímpio

9.1.A- <i>O caso da onça que apanhou de um toco.....</i>	157
9.1.B- <i>O caso da sucuri que com um risco de faca, soltou um menino.....</i>	157
9.1.E- <i>O caso do rapaz que esperava pelo Mãozão.....</i>	157
9.2.E- <i>O caso do menino que foi raptado pelo Mãozão.....</i>	158
9.3.E- <i>O caso do homem que foi surrado por uma Assombração invisível.....</i>	158
9.4.E- <i>O caso das pegadas do Pé-de-garrafa.....</i>	159
9.1.J- <i>O caso do Boi-tatá.....</i>	160

10. Seu Leandro

10.1.I- <i>O caso do benzedor que curou uma doença misteriosa de nove anos.....</i>	163
10.1.L- <i>O caso do tombo em que o cavalo saiu morto.....</i>	166